INVESTIGANDO A BÍBLIA – ESTÁGIO 3: VERACIDADE [1]

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO À VERIFICAÇÃO DA VERACIDADE BÍBLICA 9
2. OS ESCRITOS BÍBLICOS DO NOVO TESTAMENTO SÃO VERDADEIROS? 11
2.1. AS ALEGAÇÕES DOS AUTORES BÍBLICOS PODEM SER VERIFICADAS? 11
2.2. SENTIMENTOS DESFAVORÁVEIS À BÍBLIA TORNAM-NA FALSA? 12
2.3. A BÍBLIA ALEGA SER DIVINA E VERDADEIRA? 12
2.4. COMO SABER SE A BÍBLIA ESTÁ FALANDO A VERDADE? 14
2.4.1. MENTE ABERTA: UM MEIO PARA UM FIM, OU UM FIM EM SI MESMA? 14
2.4.2. TESTE UM: DEFEITOS INTERNOS DAS TESTEMUNHAS 14
2.4.3. TESTE DOIS: DEFEITOS EXTERNOS DAS TESTEMUNHAS 14
2.4.4. TESTE TRÊS: DEFEITOS INTERNOS NO TESTEMUNHO 15
2.4.5. TESTE QUATRO: DEFEITOS EXTERNOS NO TESTEMUNHO 15
2.5. INVESTIGAÇÃO: DEFEITOS INTERNOS E EXTERNOS NAS TESTEMUNHAS E NO TESTEMUNHO 15
2.6. JESUS FOI UMA PESSOA REAL? 16
2.6.1. A HISTÓRIA ANTIGA FALA 16
2.6.2. ARQUEOLOGIA 17
2.6.3. ANTIGOS RELATOS NÃO CRISTÃOS 17
2.6.3.1. FLÁVIO JOSEFO 20
2.6.3.2. PLINIUS SECUNDUS (PLÍNIO, O JOVEM) 20
2.6.3.3. CORNELIUS TACITUS (TÁCITO) 21
2.6.3.4. GAIUS SUETONIUS TRANQUILLAS (SUETÔNIO) 21
2.6.3.5. LUCIANO DE SAMÓSATA 21
2.6.3.6. O TALMUDE 21
2.6.3.7. JULIANO, O APÓSTATA 22
2.6.3.8. TALO E FLÉGON 22
2.6.3.9. RESUMO 23
2.6.4. ANTIGOS RELATOS CRISTÃOS 23
2.6.4.1. TESTEMUNHAS MORRERAM MANTENDO QUE JESUS RESSUSCITOU 24
2.6.4.2. APÓSTOLOS E SEGUIDORES DE JESUS: O GRANDE OBITUÁRIO 24
2.6.4.3. ONDE ESTAVA O DEUS AMOROSO DOS APÓSTOLOS? 25
2.6.5. ANTIGOS MANUSCRITOS DO NOVO TESTAMENTO 26
2.6.6. IMPACTO HISTÓRICO 27
2.6.7. MITO VERSUS REALIDADE 27
2.6.7.1. RAZÕES PARA REJEITAR SUPOSTAS CONEXÕES ENTRE JESUS E MITOLOGIAS 29
2.6.7.2. DIFERENÇAS MARCANTES ENTRE RELIGIÕES PAGÃS E O CRISTIANISMO 32
2.6.7.3. ALGUMAS RELIGIÕES PAGÃS PROVAVELMENTE TOMARAM ELEMENTOS DO CRISTIANISMO 34
2.6.8. AQUI ESTEVE UM HOMEM 35
2.7. JESUS FOI REINVENTADO (COMO EM O CÓDIGO DA VINCI)? 36
2.7.1. A CONSPIRAÇÃO SOBRE JESUS 36
2.7.2. CONSTANTINO E O CRISTIANISMO 37
2.7.3. DEIFICANDO JESUS 38
2.7.4. ATACANDO O CÂNON 39
2.7.5. SUPOSTOS CONHECEDORES SECRETOS 39
2.7.6. CRÍTICOS ANTIGOS 40
2.7.7. QUEM É SEXISTA? 40
2.7.8. AUTORES MISTERIOSOS 41
2.7.9. UMA SENHORA JESUS? 41
2.7.10. OS DOCUMENTOS SECRETOS 42
2.7.11. O VEREDITO DA HISTÓRIA 42
2.8. O CRISTIANISMO FOI FUNDADO NOS CONCÍLIOS DE NICEIA E CONSTANTINOPLA? 43
2.8.1. CRISTÃOS ADORAVAM CRISTO COMO DEUS ANTES DOS CONCÍLIOS 43
2.8.1.1. A EVIDÊNCIA DOCUMENTAL DO NOVO TESTAMENTO 43
2.8.1.2. OS TESTEMUNHOS MAIS ANTIGOS DO NOVO TESTAMENTO SOBRE A DIVINDADE DE CRISTO 44
2.8.1.3. OS "PAIS DA IGREJA", A TRINDADE E A DIVINDADE DE CRISTO 45

2.8.1.4. O TESTEMUNHO DE NÃO CRISTÃOS SOBRE OS CRISTÃOS PRIMITIVOS 45
2.8.1.5. O TESTEMUNHO DO PRÓPRIO CRISTO 46
2.8.1.6. JESUS NÃO ERA APENAS MAIS UMA DIVINDADE ROMANA 46
2.8.2. O CRISTIANISMO ERA REJEITADO PELOS ROMANOS 46
2.8.3. O DEBATE SOBRE A TRINDADE PRECEDE OS CONCÍLIOS 47
2.8.4. CONSTANTINO INVENTOU O CRISTIANISMO? 48
2.8.5. E QUANTO AOS DEMAIS CONCÍLIOS? 49
2.9. JESUS RESSUSCITOU DOS MORTOS? 50
2.9.1. PODERIA TER ACONTECIDO? A NAVALHA DE OCCAM DO PENSAMENTO NÃO CRISTÃO 51
2.9.2. COM QUEM ESTAMOS BRINCANDO? 52
2.9.3. COISAS EM QUE NÃO QUEREMOS ACREDITAR 52
2.9.4. POR QUE ACREDITAR EM ALGO QUE VOCÊ NÃO GOSTA? 53
2.9.5. QUEM É MAIS PROVÁVEL ESTAR AGINDO SEM INTERESSE PRÓPRIO? 53
2.9.6. O QUE FOI OBSERVADO? 54
2.9.6.1. O RESUMO DO RELATO BÍBLICO 54
2.9.6.2. A ÚLTIMA CEIA 55
2.9.6.3. PRISÃO NO GETSÊMANI 55
2.9.6.4. A NEGAÇÃO DE PEDRO 55
2.9.6.5. O DESTINO DE JUDAS 55
2.9.6.6. A CONTINUAÇÃO DO JULGAMENTO 55
2.9.6.7. A SENTENÇA 56
2.9.6.8. A CRUCIFICAÇÃO 56
2.9.6.9. DADO COMO MORTO 56
2.9.6.10. O ENTERRO 56
2.9.6.11. A TUMBA VAZIA 56
2.9.6.12. A RESSURREIÇÃO 57
2.9.6.13. JESUS APARECE AOS DISCÍPULOS 57
2.9.6.14. JESUS COMISSIONA A IGREJA 57
2.9.7. QUAIS SÃO AS POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES? 58
2.9.8. O RELATO DEVE SER INTERPRETADO FIGURATIVAMENTE? 58
2.9.9. O INTUITO DOS AUTORES DETERMINA O MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO 58
2.9.10. O RELATO DA RESSURREIÇÃO É ADEQUADAMENTE INTERPRETADO COMO LITERAL 59
2.9.10.1. O COMPROMETIMENTO DOS APÓSTOLOS E AUTORES DO NOVO TESTAMENTO 59
2.9.10.2. A LEITURA SIMPLES DO TEXTO 59
2.9.10.3. O ENTENDIMENTO DO PROPÓSITO DE DEUS PARA AS ESCRITURAS 60
2.9.10.4. O ESTUDO DA FORMA DE ESCRITA ANTIGA 60
2.9.11. CÍNICOS E CÉTICOS? 61
2.9.12. AUTOPROFECIA 61
2.9.13. UMA MORTE HORRÍVEL E ENTÃO? 62
2.9.14. ALGO ACONTECEU 62
2.9.15. TODOS FORAM AO TÚMULO ERRADO? 63
2.9.16. SERÁ QUE AMIGOS OU ALIADOS REMOVERAM O CORPO? 64
2.9.16.1. OS SUSPEITOS 64
2.9.16.2. A OPERAÇÃO 64
2.9.16.3. PROBLEMA 1: MANTER O SEGREDO 64
2.9.16.4. PROBLEMA 2: FALTA DE MOTIVO 65
2.9.16.5. PROBLEMA 3: COM AMIGOS COMO ESSES 65
2.9.17. SERÁ QUE INIMIGOS REMOVERAM O CORPO? 65
2.9.17.1. OS SUSPEITOS 66
2.9.17.2. PROBLEMA: SIGA O DINHEIRO 66
2.9.17.3. MAIS SUSPEITOS 67
2.9.17.4. PROBLEMA: RISCO VERSUS RECOMPENSA 67
2.9.18. SERÁ QUE JESUS REMOVEU A SI MESMO DAQUELE TÚMULO? 67
2.9.18.1. JESUS ESTAVA REALMENTE MORTO? 68
2.9.18.2. SOBREVIVÊNCIA 69
2.9.18.3. ESCAPATÓRIA 69

2.9.18.4. COMPORTAMENTO 70
2.9.18.5. DESAPARECIMENTO REPENTINO 70
2.9.19. DE VOLTA À QUESTÃO DO TÚMULO VAZIO 70
2.9.20. ROUBADORES DE TÚMULOS? 71
2.9.21. CONSISTENTE ATÉ O FIM 72
2.9.22. OS DISCÍPULOS TIVERAM ALUCINAÇÕES? 73
2.9.23. DA MENTIRA À LENDA 73
2.9.24. POR QUE O CRISTIANISMO PROSPEROU? 74
2.9.25. UMA CONCLUSÃO SURPREENDENTE 74
2.9.26. A ÚLTIMA EXPLICAÇÃO 74
2.9.27. O TÚMULO DA FAMÍLIA DE JESUS FOI ENCONTRADO? 75
2.9.27.1. OS OSSOS DE JESUS FORAM MESMO ENCONTRADOS? 75
2.9.27.2. O QUE SE ALEGA 75
2.9.27.3. CHECANDO A EVIDÊNCIA 76
2.9.27.4. SE REALMENTE FOSSE O TÚMULO DE JESUS... 77
2.10. MILAGRES REALMENTE ACONTECEM? 78
2.10.1. É REALMENTE NECESSÁRIO ACREDITAR EM MILAGRES? 78
2.10.2. O QUE É UM MILAGRE? 78
2.10.3. MILAGRES VIOLAM AS LEIS DA NATUREZA? 79
2.10.4. AS LEIS DA NATUREZA QUE ESTÃO SEMPRE MUDANDO 79
2.10.5. OBSERVAÇÕES DETERMINAM LEIS, E NÃO VICE-VERSA 80
2.10.6. AS OBSERVAÇÕES REGISTRADAS NA BÍBLIA SOBRE MILAGRES SÃO CONFIÁVEIS? 80
2.10.7. EXISTEM CONFIRMAÇÕES EXTRABÍBLICAS DE MILAGRES? 80
2.10.8. POR QUE MILAGRES NÃO SÃO FREQUENTES COMO NA ÉPOCA BÍBLICA? 81
2.10.9. ALEGAÇÕES DE MILAGRES SÃO DUVIDOSAS E CONTRA A CREDIBILIDADE? 81
2.10.10. AS PESSOAS ERAM MAIS INGÊNUAS OU IGNORANTES NA ÉPOCA BÍBLICA? 81
2.10.11. SE MILAGRES OCORRERAM, MAS NÃO CONVENCERAM... 82
2.10.12. RESUMO SOBRE MILAGRES 82
2.11. A QUESTÃO DA INTERPRETAÇÃO NA ACEITAÇÃO DOS ESCRITOS BÍBLICOS 83
2.11.1. A BÍBLIA ESTÁ ABERTA À INTERPRETAÇÃO? 83
2.11.2. O QUE É COMUNICAÇÃO? 84
2.11.3. A BÍBLIA É INTENCIONALMENTE CONCEBIDA PARA SE COMUNICAR? 84
2.11.4. A INTERPRETAÇÃO DE PALAVRAS 84
2.11.5. INTERPRETAÇÃO INTERCULTURAL 85
2.11.6. A HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO 85
2.11.6.1. CRENÇAS NOS TEMPOS ANTIGOS 85
2.11.6.2. CRENÇAS NOS PRIMEIROS SÉCULOS 86
2.11.6.3. CRENÇAS NA IDADE MÉDIA 86
2.11.6.4. CRENÇAS NA PERÍODO DA REFORMA 86
2.11.6.5. CRENÇAS NO PERÍODO DO ILUMINISMO 87
2.11.6.6. CRENÇAS NOS TEMPOS MODERNOS 87
2.11.7. AS REGRAS DA INTERPRETAÇÃO 88
2.11.8. A CONTROVÉRSIA DA INTERPRETAÇÃO 90
2.11.9. ENCARCERANDO INTERPRETAÇÕES ERRADAS 90
2.11.10. AQUELE CAMINHO LONGO E ESTREITO 92
2.12. ENCONTRAMOS DEFEITOS INTERNOS OU EXTERNOS NAS TESTEMUNHAS OU TESTEMUNHO? 93
3. OS ESCRITOS BÍBLICOS DO NOVO TESTAMENTO MOSTRAM QUE JESUS É DEUS? 93
3.1. EM QUAL JESUS TEMOS QUE CRER? 94
3.1.1. REVENDO O QUE SABEMOS DE JESUS DE FONTES NÃO BÍBLICAS 94
3.1.2. RESUMO SOBRE O JESUS BÍBLICO 95
3.1.2.1. EXISTÊNCIA ETERNA (CRIADOR) 95
3.1.2.2. SUA OBRA NA CRIAÇÃO 95
3.1.2.3. ELE DEIXOU O CÉU PARA VIVER NA TERRA 96
3.1.2.4. SUA VINDA FOI PROMETIDA PARA GRANDES HOMENS DO ANTIGO TESTAMENTO 96
3.1.2.5. ELE NASCEU DE UMA VIRGEM 96
3.1.2.6. ELE NASCEU EM CIRCINSTÂNCIAS HUMILDES 96

3.1.2.7. O BATISMO DE JESUS 97
3.1.2.8. A TENTAÇÃO DE JESUS 97
3.1.2.9. OS ENSINAMENTOS DE JESUS 98
3.1.2.10. AS EVIDÊNCIAS DADAS POR JESUS 99
3.1.2.11. PREDIÇÕES DA MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS 99
3.1.2.12. TRAIÇÃO E PRISÃO 100
3.1.2.13. JULGAMENTOS E CRUCIFICAÇÃO 100
3.1.2.14. SEPULTAMENTO 101
3.1.2.15. RAZÕES PARA SUA MORTE 101
3.1.2.16. RESSURREIÇÃO E APARIÇÕES 102
3.1.2.17. ASCENSÃO E ESTABELECIMENTO DE SUA IGREJA 102
3.1.2.18. O RETORNO DE CRISTO 103
3.1.3. COMO O ANTIGO TESTAMENTO INSTRUI A RECONHECER O MESSIAS PROMETIDO? 103
3.1.3.1. QUEM OU O QUE É O MESSIAS? 103
3.1.3.2. PROFECIAS QUE JUDEUS ANTES DE JESUS ACREDITAVAM TRATAR DO MESSIAS VINDOURO 104
3.1.3.3. GÊNESIS 3:15: O MESSIAS VIRÁ 104
3.1.3.4. DEUTERONÔMIO 18:15: A POSIÇÃO QUE O MESSIAS MANTERÁ 104
3.1.3.5. ISAÍAS 9:6-7: A NATUREZA DE SUA IDENTIDADE 104
3.1.3.6. DANIEL 2:31-45: QUANDO ELE VIRÁ 105
3.1.3.7. MIQUEIAS 5:2: ONDE ELE VIRÁ 105
3.1.3.8. SALMO 22: ELE VAI SOFRER 105
3.1.3.9. ISAÍAS 52-53: SUA MORTE COMO SACRIFÍCIO PELA CULPA E SUA RESSURREIÇÃO 105
3.1.3.10. COMO ERAM INTERPRETADAS AS PROFECIAS MESSIÂNICAS NA ÉPOCA DE JESUS? 106
3.1.3.11. A INTERPRETAÇÃO DE DOIS MESSIAS 106
3.1.3.12. A INTERPRETAÇÃO DE UM MESSIAS 106
3.1.4. JESUS CUMPRIU AS PROFECIAS MESSIÂNICAS DO ANTIGO TESTAMENTO? 107
3.1.4.1. JESUS FOI O MESSIAS? 107
3.1.4.2. AS PEÇAS DA BOCA DE DEUS 108
3.1.4.3. PROFETAS VERSUS PSÍQUICOS 108
3.1.4.4. PROFECIA RELIGIOSA EM PERSPECTIVA 109
3.1.4.5. QUAIS SÃO AS PROBABILIDADES? 110
3.1.4.6. FORA DE SEU CONTROLE 111
3.1.4.7. PROVA EM UM JARRO 112
3.1.4.8. IMPOSTOR IMPOSSÍVEL 113
3.1.4.9. POR QUE CRER QUE JESUS É O PROMETIDO? 113
3.1.4.10. ONDE O MESSIAS VAI NASCER? 114
3.1.4.11. QUAL SERÁ A LINHAGEM DO MESSIAS? 114
3.1.4.12. QUANDO O MESSIAS VAI CHEGAR? 114
3.1.4.13. COMO A VINDA DO MESSIAS SERÁ ANUNCIADA? 115
3.1.4.14. QUAIS QUALIDADES O MESSIAS POSSUIRÁ? 116
3.1.4.15. O QUE CARACTERIZA A VIDA DO MESSIAS? 117
3.1.4.16. O QUE CARACTERIZA A MORTE DO MESSIAS? 117
3.1.4.17. O QUE CARACTERIZA A RESSURREIÇÃO DO MESSIAS? 118
3.1.5. O MESSIAS É... DEUS? 119
3.1.5.1. JESUS CUMPRE AS PROFECIAS PARA SER... 120
3.1.5.2. DEUS/JESUS: NOSSO PRIMEIRO E ÚNICO SALVADOR? 120
3.1.5.3. DEUS/JESUS: O PRIMEIRO E ÚLTIMO? 120
3.1.5.4. DEUS/JESUS: UM MENINO CHAMADO DEUS? 121
3.1.5.5. DEUS/JESUS: REDENTOR E SANTO? 121
3.1.5.6. DEUS/JESUS: A QUEM TODO O JOELHO SE DOBRARÁ? 121
3.1.5.7. DEUS/JESUS: EU SOU? 121
3.1.5.8. DEUS/JESUS: ENTRONIZADO NO CÉU? 122
3.1.5.9. DEUS/JESUS: UNGIDO POR DEUS? 122
3.1.5.10. DEUS/JESUS: RECEBEU AUTORIDADE DA PARTE DE DEUS POR TODO O SEMPRE? 122
3.1.5.11. DEUS/JESUS: VAI VIR PARA SEU TEMPLO? 123
3.1.5.12. DEUS/JESUS: TRASPASSADO POR SEU POVO? 123

3.1.5.13. DEUS/JESUS: FILHO DE DEUS E SENHOR DE TODOS? 123
3.1.6. RESUMO: O JESUS QUE TEMOS QUE CRER 124
3.2. JESUS ALEGOU SER DEUS? 125
3.2.1. JESUS ENSINOU QUE DEUS É UM? 126
3.2.2. JESUS USOU O NOME DE DEUS PARA SI MESMO? 126
3.2.3. O QUE JESUS QUIS DIZER AO SE CHAMAR DE FILHO DO HOMEM? 128
3.2.4. O QUE JESUS QUIS DIZER AO SE CHAMAR DE FILHO DE DEUS? 128
3.2.5. COMO JESUS PODIA PERDOAR PECADOS? 129
3.2.6. O QUE JESUS QUIS DIZER AO AFIRMAR SER UM COM DEUS? 129
3.2.7. JESUS É A IMAGEM DE DEUS? 130
3.2.8. POR QUE JESUS ACEITOU ADORAÇÃO? 130
3.2.9. JESUS FOI O ALFA E O ÔMEGA? 131
3.2.10. POR QUE DEUS VEIO À TERRA? 132
3.3. OS APÓSTOLOS CRERAM QUE JESUS É DEUS? 132
3.3.1. AS TESTEMUNHAS OCULARES 133
3.3.2. SENHOR 133
3.3.3. CRIADOR 134
3.3.3.1. O TESTEMUNHO DE JOÃO 134
3.3.3.2. O TESTEMUNHO DE PAULO 136
3.3.3.3. O TESTEMUNHO DO AUTOR DO LIVRO DE HEBREUS 137
3.3.4. O PREEMINENTE 138
3.3.5. CONCLUSÃO SOBRE A CRENÇA DOS APÓSTOLOS EM RELAÇÃO À DIVINDADE DE JESUS 139
3.4. PODEMOS CONCLUIR QUE JESUS É DEUS? 140
3.4.1. GRANDE PROFESSOR DE MORAL? 141
3.4.2. GRANDE LÍDER RELIGIOSO? 141
3.4.3. JESUS AFIRMOU SER DEUS 142
3.4.3.1. JESUS ALEGOU SER O DEUS DE ABRAÃO E MOISÉS 143
3.4.3.2. QUE TIPO DE DEUS? 143
3.4.4. PODERIA JESUS TER MENTIDO? 144
3.4.4.1. BENEFÍCIO PESSOAL 144
3.4.4.2. UM LEGADO 145
3.4.5. PODERIA JESUS TER SE AUTOENGANADO? 145
3.4.6. JESUS É DEUS: VISÃO GERAL 146
3.4.6.1. RESUMO: PROFECIAS MESSIÂNICAS MAIORES 147
3.4.6.2. RESUMO: TESTEMUNHO HOSTIL 148
3.4.6.3. RESUMO: TESTEMUNHO FAVORÁVEL 149
4. AS ALUSÕES DE JESUS AO ANTIGO TESTAMENTO MOSTRAM QUE ELE É VERDADEIRO? 150
4.1. JESUS RECONHECEU TODO O ANTIGO TESTAMENTO COMO AUTORITATIVO 150
4.2. JESUS RECONHECEU O ANTIGO TESTAMENTO EM SUA TOTALIDADE 152
4.3. JESUS RECONHECEU DIVISÕES DO ANTIGO TESTAMENTO: A LEI, OS PROFETAS E OS SALMOS 152
4.4. JESUS FEZ REFERÊNCIA A VÁRIOS DIFERENTES LIVROS DO ANTIGO TESTAMENTO 152
4.4.1. GÊNESIS 152
4.4.2. ÊXODO 153
4.4.3. DEUTERONÔMIO 153
4.4.4. 1 SAMUEL 153
4.4.5. 1 REIS 153
4.4.6. SALMOS 153
4.4.7. ISAÍAS 154
4.4.8. DANIEL 154
4.4.9. OSEIAS 154
4.4.10. JONAS 154
4.4.11. ZACARIAS 154
4.4.12. MALAQUIAS 154
4.5. JESUS FEZ REFERÊNCIA A VÁRIOS PERSONAGENS DO ANTIGO TESTAMENTO 155
4.5.1. ABRAÃO 155
4.5.2. ISAQUE E JACÓ 155

4.5.3. DAVI 155
4.5.4. SALOMÃO 155
4.5.5. A RAINHA DE SABÁ 155
4.5.6. ELIAS 156
4.5.7. ELISEU 156
4.6. JESUS FEZ REFERÊNCIA ÀS HISTÓRIAS DO ANTIGO TESTAMENTO COMO FATUAIS 156
4.6.1. MOISÉS DEU A CIRCUNCISÃO COMO LEI A ISRAEL 156
4.6.2. MANÁ DO CÉU FOI PROVIDO A ISRAEL NO DESERTO 156
4.6.3. DAVI COMEU OS PÃES DA PRESENÇA 157
4.6.4. DAVI FOI O ESCRITOR DO SALMO 110 157
4.6.5. MOISÉS ESCREVEU A LEI 157
4.6.6. OS PROFETAS FORAM PERSEGUIDOS 157
4.6.7. A POPULARIDADE DOS FALSOS PROFETAS 157
4.6.8. A MULHER DE LÓ 158
4.6.9. A DESTRUIÇÃO DE SODOMA E GOMORRA 158
4.6.10. A DESTRUIÇÃO DE TIRO E SIDOM 158
4.7. JESUS FEZ REFERÊNCIA ÀS HISTÓRIAS CONTROVERSAS DO ANTIGO TESTAMENTO 158
4.7.1. ADÃO E EVA 158
4.7.2. CAIM E ABEL 159
4.7.3. O DILÚVIO NOS DIAS DE NOÉ 159
4.7.4. JONAS E A GRANDE CRIATURA MARINHA 159
4.8. JESUS CONFIRMOU A AUTORIA DE LIVROS CONTESTADOS DO ANTIGO TESTAMENTO 160
4.8.1. A AUTORIA DE DANIEL 160
4.8.2. A AUTORIA DE ISAÍAS 160
4.9. JESUS FALOU DE PROFECIAS DO ANTIGO TESTAMENTO SENDO CUMPRIDAS 161
4.10. JESUS CONFIOU COMPLETAMENTE NOS ENSINAMENTOS DO ANTIGO TESTAMENTO 161
4.11. JESUS PESSOALMENTE SE SUBMETEU À AUTORIDADE DO ANTIGO TESTAMENTO 162
4.12. JESUS CREU NO ANTIGO TESTAMENTO COMO PALAVRA DE DEUS 162
4.13. JESUS VIU O ANTIGO TESTAMENTO COMO FALANDO DELE MESMO 163
4.14. A VISÃO DE CRISTO SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO: CONFIANÇA TOTAL 163
4.15. RESUMO: A VISÃO DE CRISTO SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO 164
5. A VERDADE PODE SER ENCONTRADA EM OUTRAS RELIGIÕES OU FILOSOFIAS? 164
5.1. JESUS EXCLUI OUTRAS RELIGIÕES OU FILOSOFIAS? 165
5.2. PRECISAMOS BUSCAR A VERDADE EM OUTRAS RELIGIÕES OU FILOSOFIAS? 167
6. COMO LIDAR COM A OBJEÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA À BÍBLIA? 169
6.1. A INERRÂNCIA BÍBLICA 169
6.2. O ENSINAMENTO BÍBLICO CORRETO É SEMPRE O ENTENDIMENTO LITERAL? 170
6.3. A BÍBLIA SE PROPÕE A SER UM LIVRO CIENTÍFICO? 171
6.3.1. A BÍBLIA E A EXATIDÃO CIENTÍFICA: QUAL O CONTEXTO? 173
6.3.2. CONTEXTUALIZANDO UM ALEGADO EXEMPLO DE INEXATIDÃO BÍBLICA 173
6.4. A REVELAÇÃO DIVINA SE ACOMODOU AO NÍVEL DE COMPREENSÃO DE SUA ÉPOCA 175
6.5. POR QUE A BÍBLIA NÃO FOI ESCRITA DA FORMA QUE GOSTARÍAMOS? 176
6.6. A ARQUEOLOGIA CONFIRMA OU REFUTA AS ALEGAÇÕES DA BÍBLIA? 177
6.6.1. O ADVENTO DA MODERNA ARQUEOLOGIA 177
6.6.2. O QUE A ARQUEOLOGIA TEM REVELADO? 178
6.6.2.1. EM RELAÇÃO À ESCRITA E À EXATIDÃO 178
6.6.2.2. EM RELAÇÃO A REIS E CIVILIZAÇÕES PERDIDOS 178
6.6.2.3. EM RELAÇÃO AO MODO DE VIDA E COSTUMES 179
6.6.2.4. EM RELAÇÃO A PESSOAS E PRÁTICAS DO NOVO TESTAMENTO 179
6.6.2.5. A NAZARÉ DO PRIMEIRO SÉCULO 180
6.6.3. O QUE A ARQUEOLOGIA NÃO PODE FAZER? 181
6.7. O QUE HÁ NO DEBATE CIÊNCIA VERSUS RELIGIÃO 182
6.7.1. A CIÊNCIA É UMA ALTERNATIVA À RELIGIÃO? 182
6.7.2. A HISTÓRIA DA PERSPECTIVA CIENTÍFICA MODERNA 183
6.7.2.1. A PERSPECTIVA DOS ANOS 1600 183
6.7.2.2. O DETERMINISMO DESTITUINDO DEUS 183

6.7.2.3. A RELATIVIDADE DESTITUINDO O DETERMINISMO 183
6.7.2.4. QUAL DEVERIA SER A BASE DE CRENÇAS CIENTÍFICAS OU RELIGIOSAS? 184
6.7.3. COMO SE DEFINE A CIÊNCIA? 185
6.7.3.1. O QUE É CIÊNCIA? 185
6.7.3.2. O QUE NÃO É CIÊNCIA? 185
6.7.3.3. OUTROS MÉTODOS VÁLIDOS DE APRENDIZAGEM 185
6.7.3.4. CIENTISTAS FALAM SOBRE AS LIMITAÇÕES DA CIÊNCIA 186
6.7.4. A CONFIABILIDADE DA CIÊNCIA 186
6.7.4.1. O SUCESSO DA CIÊNCIA 186
6.7.4.2. A FALHA DA CIÊNCIA 187
6.7.5. VERDADE CIENTÍFICA DE HOJE: MITO DE AMANHÃ? 187
6.7.6. O QUE É ACASO? 188
6.7.6.1. POR QUE ISSO É IMPORTANTE? 188
6.7.6.2. EXISTEM COISAS QUE OCORREM SEM CAUSA? 188
6.7.6.3. DEFININDO O ACASO 188
6.7.6.4. A ONISCIÊNCIA DO ACASO 190
6.7.6.5. FÍSICA QUÂNTICA: CAUSA E EFEITO AINDA REINAM 190
6.7.6.6. CONCLUSÃO SOBRE O ACASO 190
6.7.7. O QUE SE ENTENDE POR "CRIAÇÃO"? 191
6.7.7.1. O MODUS OPERANDI DE DEUS 191
6.7.7.2. OBRAS INSTANTÂNEAS E INEXPLICÁVEIS 191
6.7.7.3. MÉTODO LENTO E METÓDICO 192
6.7.7.4. A ANALOGIA DA MESA DE SINUCA 193
6.7.8. DE ONDE VEIO O UNIVERSO? 194
6.7.8.1. O QUE A BÍBLIA DIZ? 195
6.7.8.2. DE ONDE VIERAM AS CRENÇAS DE MOISÉS? 195
6.7.8.3. O CENÁRIO SECULAR: AS TEORIAS ATUAIS 196
6.7.8.4. NO INÍCIO CIENTÍFICO 196
6.7.8.5. ALGO QUE VEIO DO NADA? 196
6.7.8.6. ONDE AS TEORIAS NOS DEIXAM? 197
6.7.8.7. O CENÁRIO BÍBLICO: DE ACORDO COM MOISÉS OU DEUS? 198
6.7.8.8. A EVIDÊNCIA DE UM COMEÇO INTENCIONAL 198
6.7.8.9. A CESSAÇÃO DA CRIAÇÃO 200
6.7.8.10. AS ESTRELAS NO CÉU 200
6.7.8.11. RESUMO: COMO A BÍBLIA SE COMPARA À CIÊNCIA SOBRE A ORIGEM DO UNIVERSO 201
6.7.9. QUAL A NATUREZA DA VIDA? 201
6.7.9.1. COMO DEFINIMOS VIDA? 202
6.7.9.2. VIDA DE ACORDO COM A CIÊNCIA: PROPRIEDADE UNIVERSAL DE TODA A MATÉRIA? 203
6.7.9.3. CRIADA EM LABORATÓRIOS? 203
6.7.9.4. A PROPRIEDADE DA ANIMAÇÃO 204
6.7.9.5. A PROPRIEDADE DA CONSCIÊNCIA 204
6.7.9.6. VIDA DE ACORDO COM A BÍBLIA: O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO COM A SUA? 204
6.7.9.7. SIMBOLISMO 205
6.7.9.8. O ASPECTO QUALITATIVO 205
6.7.10. QUAL O OBJETIVO MAIOR DO SER HUMANO? 206
6.8. OS PRIMEIROS CAPÍTULOS DE GÊNESIS ESTÃO CONTRA A CIÊNCIA? 207
6.8.1. A CIÊNCIA DOS SEIS DIAS DA CRIAÇÃO 208
6.8.1.1. O BIG BANG E A ACEITAÇÃO CIENTÍFICA DO INÍCIO DO UNIVERSO 208
6.8.1.2. APARENTES CONFLITOS ENTRE A CIÊNCIA E A BÍBLIA DURANTE A CRIAÇÃO 209
6.8.1.3. A CHAVE PARA A RESOLUÇÃO DAS APARENTES DISCREPÂNCIAS 209
6.8.1.4. O ESTICAMENTO DO TEMPO DEVIDO AO UNIVERSO EM EXPANSÃO 212
6.8.1.5. COLOCANDO TUDO ISSO JUNTAMENTE COM GÊNESIS 212
6.8.1.6. OS SEIS DIAS DA CRIAÇÃO CONTÉM OS SEGREDOS E ERAS DO UNIVERSO 214
6.8.1.7. MAPEANDO O TEMPO CÓSMICO NO RELATO DA CRIAÇÃO DE GÊNESIS 215
6.8.1.8. COMPARANDO OS EVENTOS DE GÊNESIS E DA CIÊNCIA PARA CADA DIA DA CRIAÇÃO 215
6.8.1.9. O PRIMEIRO SER HUMANO COMO IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS 217

6.8.1.10. A SURPREENDENTE VERACIDADE DE GÊNESIS 1 219
6.8.1.11. AS VINTE E SEIS DECLARAÇÕES TESTÁVEIS DE GÊNESIS 1 219
6.8.2. O DILÚVIO 223
6.8.2.1. O DILÚVIO APRESENTADO COMO GLOBAL 223
6.8.2.2. A LINGUAGEM UNIVERSAL DE GÊNESIS 6-8 224
6.8.2.3. A TEORIA DO DOSSEL (GÊNESIS 2:5-6) 225
6.8.2.4. A PROFUNDIDADE DO DILÚVIO (GÊNESIS 7:20) 226
6.8.2.5. EVIDÊNCIA GEOLÓGICA 227
6.8.2.6. O LUGAR DE POUSO DA ARCA 228
6.8.2.7. EVIDÊNCIA GEOGRÁFICA: ANIMAIS DA ARCA 232
6.8.2.8. EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA 234
6.8.2.9. DILÚVIO GLOBAL OU LOCAL? CONCLUSÕES 234
6.8.2.10. COMO PODERIA TER CHOVIDO POR QUARENTA DIAS E QUARENTA NOITES? 235
6.8.2.11. QUE FONTES DE ÁGUA PODERIAM TER CAUSADO A INUNDAÇÃO PROLONGADA? 238
6.8.2.12. ONDE ESTÃO OS SEDIMENTOS DILUVIAIS DEIXADOS PELO DILÚVIO DE NOÉ? 240
6.8.2.13. UM MODELO REALISTA DE DILÚVIO LOCAL E ROTA PARA A ARCA DE NOÉ 242
6.8.2.14. A NATUREZA DE "MILAGRES NATURAIS" 242
6.8.2.15. A NOTÁVEL EXATIDÃO DO RELATO BÍBLICO SOBRE O DILÚVIO 243
6.8.2.16. EXPLORANDO A PLAUSIBILIDADE DO DILÚVIO BÍBLICO 243
6.8.3. A TORRE DE BABEL: CONFUSÃO DE LINGUAGENS E DISPERSÃO DE POVOS 245
6.8.3.1. UMA EXPLICAÇÃO COMUM E ERRADA SOBRE A TORRE DE BABEL 245
6.8.3.2. O QUE A BÍBLIA REALMENTE ENSINA SOBRE O OCORRIDO EM BABEL? 246
6.8.3.3. OS TIJOLOS PODERIAM SUPORTAR O PESO DE UMA TORRE TÃO GRANDE? 247
6.8.3.4. EVIDÊNCIAS DE BABEL NA HISTÓRIA 248
6.8.3.5. EVIDÊNCIAS DE BABEL NA ARQUEOLOGIA 248
6.8.3.6. A EVIDÊNCIA DE QUE ERIDU FOI A BABEL BÍBLICA 249
6.8.3.7. DISPERSÃO E LINGUAGENS 251
6.8.4. A LONGEVIDADE E GENEALOGIAS EM GÊNESIS 252
6.8.4.1. O SISTEMA DE NÚMEROS DA MESOPOTÂMIA 252
6.8.4.2. NÚMEROS SEXAGESIMAIS 252
6.8.4.3. NÚMEROS SAGRADOS 253
6.8.4.4. A CONEXÃO MESOPOTÂMICA-BÍBLICA 254
6.8.4.5. NÚMEROS PREFERIDOS OU FIGURATIVOS 255
6.8.4.6. AS IDADES LONGAS DOS PATRIARCAS 256
6.8.4.7. OUTRAS ESCRITURAS ALÉM DE GÊNESIS 258
6.8.4.8. SIMETRIA NUMÉRICA DA ESCRITURA 258
6.8.4.9. GENEALOGIAS E CRONOLOGIAS BÍBLICAS 260
6.8.4.10. GENEALOGIAS CONDENSADAS 260
6.8.4.11. DIFERENTES GRAUS DO TERMO "GEROU" E LACUNAS NO REGISTRO GENEALÓGICO 261
6.8.4.12. CORRELAÇÃO DAS GENEALOGIAS DE GÊNESIS COM O TEMPO REAL 261
6.8.4.13. CONCLUSÃO SOBRE A LONGEVIDADE E GENEALOGIAS EM GÊNESIS 262
6.9. EXAMINANDO O ÊXODO DO EGITO E A CONQUISTA DE CANAÃ 263
6.9.1. O CASO DOS CÉTICOS CONTRA O ÊXODO 263
6.9.2. UMA ABORDAGEM EQUILIBRADA 267
6.9.3. A MIGRAÇÃO BÍBLICA DE HEBREUS PARA O EGITO É PLAUSÍVEL? 268
6.9.4. ESCRAVIDÃO DOS HEBREUS 269
6.9.5. A DATA DO ÊXODO 269
6.9.6. PROBLEMAS COM A DATA ANTIGA E A DATA TARDIA 270
6.9.7. O CASO PARA A DATA INTERMEDIÁRIA 271
6.9.8. A EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA 272
6.9.8.1. CARTAS DE AMARNA 274
6.9.8.2. A QUEDA DE MITANI 275
6.9.8.3. O PAPIRO IPUUR 275
6.9.8.4. UM FARAÓ HEREGE 276
6.9.9. QUESTÕES QUE PERMANECEM 277
6.9.10. CONCLUSÃO SOBRE O ÊXODO DO EGITO E A CONQUISTA DE CANAÃ 277

6.10. PROFECIAS BÍBLICAS VERDADEIRAMENTE SE CUMPRIRAM? 278
6.10.1. O QUE É PROFECIA? 278
6.10.2. A BÍBLIA É PROFETICAMENTE EXATA? 279
6.10.2.1. PROFECIAS RELATIVAS A ISRAEL E JERUSALÉM 279
6.10.2.2. PROFECIAS RELATIVAS À VINDA DO MESSIAS 280
6.10.2.3. DESCOBERTA NO MAR MORTO 282
6.10.3. COMO PODEMOS USAR PROFECIAS PARA AVALIAR A CREDIBILIDADE DA BÍBLIA? 282
6.10.4. ESCOLHENDO CASOS DE TESTE 283
6.10.5. A CIDADE-ESTADO DA BABILÔNIA 284
6.10.5.1. O QUE A BÍBLIA PROFETIZOU? 284
6.10.5.2. COMO A HISTÓRIA SE DESENROLOU? 286
6.10.6. A CIDADE DE TIRO 287
6.10.6.1. O QUE A BÍBLIA PROFETIZOU? 287
6.10.6.2. COMO A HISTÓRIA SE DESENROLOU? 288
6.10.7. O QUE PODEMOS CONCLUIR DESSES DOIS ESTUDOS DE CASO? 288
7. REFERÊNCIAS 289

No segundo estágio deste estudo (integridade) avaliamos se a transmissão dos dados bíblicos, desde as eras passadas até hoje, permanece íntegra ou não. Uma vez que a integridade da transmissão dos dados está atestada, passamos agora a investigar a veracidade da Bíblia.

1. INTRODUÇÃO À VERIFICAÇÃO DA VERACIDADE BÍBLICA

Se há um criador por trás de tudo o que existe, esse criador tem que saber a verdade sobre todas as questões para as quais o ser humano busca respostas. Se esse criador tiver deixado registradas as suas palavras, essas palavras serão a melhor forma de o ser humano encontrar as respostas que busca.

A Bíblia alega ser as palavras desse criador, o qual é chamado Deus, e alega que Deus não pode mentir.

O Novo Testamento alega que Deus veio à Terra na pessoa de Jesus Cristo e registra suas palavras.

O raciocínio principal deste estágio do estudo (veracidade) é o seguinte: **os escritos do Novo Testamento alegam ser verdadeiros. Se forem verdadeiros, e se de fato afirmarem que Jesus é Deus, o ser humano encontrará no Novo Testamento a verdade sobre as questões para as quais busca respostas. Também, sendo Jesus Deus, uma vez que ele aludiu ao Antigo Testamento como verdade, torna-se estabelecido que o Antigo Testamento também é verdadeiro.**

Para podermos crer nisso, investigamos as seguintes questões:

- **Os escritos bíblicos do Novo Testamento são verdadeiros?**
    - As alegações dos autores bíblicos podem ser verificadas?
    - Sentimentos desfavoráveis à Bíblia tornam-na falsa?
    - A Bíblia alega ser divina e verdadeira?
    - Como saber se a Bíblia está falando a verdade?
    - Jesus foi uma pessoa real?
    - Jesus foi reinventado?
    - O cristianismo foi fundado nos concílios de Niceia e Constantinopla?
    - Jesus ressuscitou dos mortos?

- Milagres realmente acontecem?
- Como a interpretação se relaciona com a aceitação de escritos bíblicos?
- Encontramos defeitos internos ou externos nas testemunhas ou testemunho do Novo Testamento?

- **Sendo os escritos bíblicos do Novo Testamento verdadeiros, eles mostram que Jesus é Deus?**
  - Em qual Jesus temos que crer?
  - Jesus alegou ser Deus?
  - Os apóstolos creram que Jesus é Deus?
  - Podemos concluir que Jesus é Deus?
- **As alusões de Jesus ao Antigo Testamento mostram que ele é verdadeiro?**
  - Jesus reconheceu todo o Antigo Testamento como autoritativo?
  - Jesus reconheceu o Antigo Testamento em sua totalidade;
  - Jesus reconheceu divisões do Antigo Testamento: a Lei, os Profetas e os Salmos;
  - Jesus fez referência a vários livros diferentes do Antigo Testamento;
  - Jesus fez referência a vários personagens do Antigo Testamento;
  - Jesus fez referência às histórias do Antigo Testamento como fatuais;
  - Jesus fez referência às histórias controversas do Antigo Testamento;
  - Jesus confirmou a autoria de livros contestados do Antigo Testamento;
  - Jesus falou de profecias do Antigo Testamento sendo cumpridas;
  - Jesus confiou completamente nos ensinamentos do Antigo Testamento;
  - Jesus pessoalmente se submeteu à autoridade do Antigo Testamento;
  - Jesus creu no Antigo Testamento como Palavra de Deus;
  - Jesus viu o Antigo Testamento como falando dele mesmo;
  - A visão de Cristo sobre o Antigo Testamento foi confiar totalmente nele.
- **A verdade pode ser encontrada em outras religiões ou filosofias?**
  - Jesus exclui outras religiões e filosofias?
  - Precisamos buscar a verdade em outras religiões ou filosofias?
- **Como lidar com a objeção da ciência moderna à Bíblia?**
  - A inerrância bíblica;
  - O ensinamento bíblico correto é sempre o entendimento literal?

- A Bíblia se propõe a ser um livro científico?
- A revelação bíblica se acomodou ao nível de compreensão de sua época?
- Por que a Bíblia não foi escrita da forma em que gostaríamos?
- A arqueologia confirma ou refuta as alegações da Bíblia?
- O que há no debate ciência versus religião?
- Os primeiros capítulos de Gênesis estão contra a ciência?
- Examinando o êxodo do Egito;
- Profecias bíblicas verdadeiramente se cumpriram?

Todas essas questões serão explicadas ao longo deste estágio do estudo (veracidade).

2. OS ESCRITOS BÍBLICOS DO NOVO TESTAMENTO SÃO VERDADEIROS?

Sendo as Escrituras do Novo Testamento disponível hoje um registro exato daquilo que foi escrito há muito tempo, conforme estudamos no segundo estágio deste estudo (integridade), esse registro é também verdadeiro?

Conforme delineamos na introdução deste estágio do estudo (veracidade), para saber se os escritos bíblicos são verdadeiros, devemos primeiro saber o seguinte:

- As alegações dos autores bíblicos podem ser verificadas?
- Sentimentos desfavoráveis à Bíblia tornam-na falsa?
- A Bíblia alega ser divina e verdadeira?
- Como saber se a Bíblia está falando a verdade?
- Jesus foi uma pessoa real?
- Jesus foi reinventado?
- O cristianismo foi fundado nos concílios de Niceia e Constantinopla?
- Jesus ressuscitou dos mortos?
- Milagres realmente acontecem?
- Como a interpretação se relaciona com a aceitação de escritos bíblicos?
- Qual o resultado da investigação dos defeitos internos e externos nas testemunhas e no testemunho do Novo Testamento?

2.1. AS ALEGAÇÕES DOS AUTORES BÍBLICOS PODEM SER VERIFICADAS?

Uma coisa não é falsa apenas porque foi escrita há muito tempo. De fato, muitos escritos do passado revelam como o homem antigo tinha pouco conhecimento da ciência, medicina e do mundo ao seu redor. Portanto, quando descobrimos um escrito particularmente perspicaz do passado, ele se torna um objeto de admiração. A Bíblia é uma dessas maravilhas? A antiga Bíblia é verdade?

Ao investigar a verdade de qualquer assunto, é preciso fazer mais do que provar é ele verdadeiro. Deve também haver uma inabilidade de provar que tal assunto é falso. Se a Bíblia é verdadeira, então a arqueologia, por exemplo, deveria ser capaz de fornecer a prova das cidades e culturas que a Bíblia alega terem existido. Mas também deveria ser incapaz de encontrar evidências que contradigam e refutem essas mesmas alegações.

A arqueologia, apenas como exemplo, certamente tem feito muito para melhorar a nossa certeza da credibilidade da Bíblia. No entanto, existem cidades e povos citados nela que a arqueologia ainda tem que encontrar evidências. Talvez algumas nunca sejam encontradas. No entanto, à luz do fato de que nenhuma evidência foi ainda descoberta provando que a Bíblia é fraudulenta, a prova positiva disponível em favor dela nos compele a nos inclinar na direção de aceitar sua veracidade.

2.2. SENTIMENTOS DESFAVORÁVEIS À BÍBLIA TORNAM-NA FALSA?

Algumas pessoas se contentam em manter suas crenças (ou rejeitar as crenças dos outros) com pouca ou nenhuma prova tangível. Isso descreveu a base da própria rejeição inicial dos padrões bíblicos por parte do autor do estudo original (www.provethebible.net). Tal rejeição não foi baseada em qualquer prova positiva de que a Bíblia estava errada, mas em sentimentos pessoais e no consenso entre seus colegas de que a tolerância era a maior virtude. Embora esse tipo de diplomacia social certamente atraia amigos de todos os estilos de vida e religiões, a lógica por trás desse pensamento não se sustenta.

Uma velha atuação do grupo de comédia britânico Monty Python ilustra como a defesa forte da tolerância pode, na verdade, ser a posição mais intolerante de todas. Há uma atuação desse grupo em que uma multidão de pessoas estava celebrando o respeito e tolerância mútuos de cada um com alegria, cantando: "Nós somos todos diferentes! Nós somos todos diferentes!" Em seguida, uma pequena voz meiga e solitária se diferenciou: "Não eu, eu sou o mesmo." A multidão primeiramente ficou em silêncio e, em seguida, se enfureceu e, raivosamente, perseguiu aquele que se diferenciou.

Isso descreve a hipocrisia de certos grupos atuais que tentam forçar os outros a tolerar as suas crenças ou práticas. A sua tão chamada "tolerância" é mais frequentemente atingida por sentimentos subjetivos e emocionalismo em vez de precedentes históricos, lógica ou fatos.

Até sabermos os fatos objetivos e evidências para nossas próprias crenças (ou dúvidas), elas vão permanecer apenas como opiniões. Opiniões são testemunhos subjetivos, indefensáveis e insuficientes para convencer os outros do valor daquilo que pensamos. **Nossas crenças devem ter fundamento, e o melhor fundamento para a crença racional é aquele que tem fatos e evidências.** Assim, é para os fatos e evidências das Escrituras que nos tornamos agora, bem como para a plausibilidade da visão bíblica.

2.3. A BÍBLIA ALEGA SER DIVINA E VERDADEIRA?

Se a Bíblia nem ao menos alegasse ser divina e verdadeira, não haveria razão para determinar qual o seu grau de veracidade. Ela alega ser verdadeira? Ela alega ter autoridade de Deus sobre o modo como vivemos nossas vidas?

Se não, defensores da Bíblia estariam desperdiçando seu tempo tentando provar que ela é algo que ela não tem a pretensão de ser. No entanto, a Bíblia faz essas alegações. A Bíblia claramente declara a ser a vontade revelada de Deus de cinco modos distintos:

1. **Os autores bíblicos atestaram que aquilo que escreveram é verdade.**

2. **Os autores testificaram que as suas obras vieram a nós a partir de Deus, não deles mesmos.**

3. **Os autores muitas vezes forneceram o contexto histórico de nomes, lugares e eventos que são úteis para verificação.**

4. **Os autores frequentemente apelaram para o próprio conhecimento de seus leitores.**

5. Finalmente, os escritos claramente declaram sua autoridade.

Os autores bíblicos atestaram que aquilo que escreveram é verdade. Eles propositadamente destinaram seus escritos para serem recebidos como fato, não como ficção.

> Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas. (*Lucas 1:1-4, "Nova Versão Internacional"*).

> O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam – isto proclamamos a respeito da Palavra da vida. (*1 João 1:1, "Nova Versão Internacional"*).

> De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; ao contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade. (*2 Pedro 1:16, "Nova Versão Internacional"*).

Os autores testificaram que as suas obras vieram a nós a partir de Deus, não deles mesmos. Ou seja, eles estão comunicando isto: "Não honrem a mensagem por causa dos mensageiros, meros homens, honrem-na por causa do seu verdadeiro autor – Deus".

> Irmãos, quero que saibam que o evangelho por mim anunciado não é de origem humana. Não o recebi de pessoa alguma nem me foi ele ensinado; ao contrário, eu o recebi de Jesus Cristo por revelação. (*Gálatas 1:11-12, "Nova Versão Internacional"*).

> Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo. (*2 Pedro 2:20-21, "Nova Versão Internacional"*).

Os autores muitas vezes forneceram o contexto histórico de nomes, lugares e eventos que são úteis para verificação.

> No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judeia; Herodes, tetrarca da Galileia; seu irmão Filipe, tetrarca da Itureia e Traconites; e Lisânias, tetrarca de Abilene; Anás e Caifás exerciam o sumo sacerdócio. Foi nesse ano que veio a palavra do Senhor a João, filho de Zacarias, no deserto. Ele percorreu toda a região próxima ao Jordão, pregando um batismo de arrependimento para o perdão dos pecados. (*Lucas 3:1-3, "Nova Versão Internacional"*).

> No trigésimo sétimo ano do exílio de Joaquim, rei de Judá, no ano em que Evil-Merodaque se tornou rei da Babilônia, ele tirou Joaquim da prisão, no vigésimo sétimo dia do décimo segundo mês. (*2 Reis 25:27, "Nova Versão Internacional"*).

Os autores frequentemente apelaram para o próprio conhecimento de seus leitores. Eles muitas vezes se referiram aos leitores como testemunhas oculares reais dos eventos. Isso é importante considerando a ampla circulação e reverência que os escritos receberam.

> Vocês conhecem a mensagem enviada por Deus ao povo de Israel, que fala das boas novas de paz por meio de Jesus Cristo, Senhor de todos. Sabem o que aconteceu em toda a Judeia, começando na Galileia, depois do batismo que João pregou, como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo, porque Deus estava com ele. (*Atos 10:36-38, "Nova Versão Internacional"*).

Finalmente, os escritos claramente declaram sua autoridade.

> Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (*2 Timóteo 3:16-17, "Nova Versão Internacional"*).

É evidente que a Bíblia alega estar dizendo a verdade. Com essa questão fora do caminho, a seguir, devemos determinar se a Bíblia realmente está dizendo a verdade ou não.

2.4. COMO SABER SE A BÍBLIA ESTÁ FALANDO A VERDADE?

Se a Bíblia afirma ser verdadeira, então deve ser encontrada uma estratégia capaz de testar essa alegada verdade. Aqui está a estratégia da **ciência do direito.**

2.4.1. MENTE ABERTA: UM MEIO PARA UM FIM, OU UM FIM EM SI MESMA?

"Ao invés de me comprometer em crer na Bíblia, eu prefiro manter uma mente aberta." Essa é uma atitude comum ouvida hoje. Pessoas razoáveis concordam que uma mente aberta é boa, mas a mente aberta é um meio para um fim, e não um fim em si mesma.

A mente, como um júri, ouve todos os argumentos e então deve decidir em que acreditar. Se não chegar a um veredito, **a mente aberta pode ser a posição mais mente fechada de todas se, persistentemente, recusar-se a distinguir a verdade do erro.** Manter-se aberto a qualquer crença, quando muitas crenças são falsas, é estar aberto a acreditar no que é falso – um dilema lógico. **Portanto, temos que discernir o que é crível do que não é. A questão é como.**

A verdadeira mente aberta deve buscar um teste objetivo das alegações da Bíblia. Tal teste é encontrado na **ciência do direito.** John Warwick Montgomery, um notável advogado inglês e professor de direito, submeteu o Novo Testamento ao teste quádruplo McCloskey & Schoenberg para exposição de perjúrio (da obra "Criminal Law Advocacy") [2]. A avaliação se preocupa com os possíveis **defeitos internos e defeitos externos, tanto da testemunha quanto do testemunho.**

2.4.2. TESTE UM: DEFEITOS INTERNOS DAS TESTEMUNHAS

"Há evidência que sugere que as testemunhas, ou seja, os autores bíblicos, não são confiáveis, ou que são desonestos?"

Não. Não há nenhuma predicação conhecida por mentira, demência ou atividade criminosa habitual por eles. Há alguns poucos autores que são conhecidos por terem cometido crimes, como Davi no Antigo Testamento, que organizou a morte do marido de Bate-Seba, ou Saulo de Tarso no Novo Testamento, mais tarde conhecido como o apóstolo Paulo, que perseguiu os convertidos ao cristianismo. Eles sempre admitiram seus passados e abertamente possuem arrependimento por terem agido dessas maneiras.

Em geral, o fato de que os autores bíblicos frequentemente admitem suas falhas e fraquezas dentro de seus próprios escritos afirma as características de honestidade, humildade e arrependimento. **Conclusão: não há defeitos internos comprovados nas testemunhas.**

2.4.3. TESTE DOIS: DEFEITOS EXTERNOS DAS TESTEMUNHAS

"Há motivos por parte dos autores, em particular aqueles que foram testemunhas da ressurreição de Jesus, para terem mentido?"

É extremamente improvável que múltiplas pessoas, isoladas uma da outra, cada uma tendo que sofrer tortura e morte, ou estando sujeitas a essas coisas, sustentassem a mesma história se não estivessem convencidas de sua veracidade. Ou seja, elas acreditavam que Jesus era o Messias prometido nas profecias do Antigo Testamento.

Considere que todos os onze dos doze apóstolos de Jesus (com a exceção de Judas Iscariotes, traidor que se suicidou) testemunharam sua ressurreição e foram executados por sua crença inegável nele (doze apóstolos ao incluirmos Paulo). Três deles (Mateus, Pedro e João) eram autores do Novo Testamento (quatro incluindo Paulo). Considere também que:

> Eles perderam a possibilidade tanto de riqueza terrena quanto de aceitabilidade social entre os seus colegas judeus por causa de seu compromisso com Jesus. Será que esse muito carinho e adesão a Jesus servem como

> motivos para falsificar? Não quando nos lembramos de que seu Mestre ensinou expressamente a eles que a mentira provém do diabo [3].

Montgomery refletiu a respeito dos oponentes dos apóstolos:

> Eles [os oponentes dos apóstolos] tinham os meios, motivos e oportunidades para expor o testemunho apostólico como impreciso e enganoso se tivesse sido assim. O fato de que eles não o fizeram só pode ser efetivamente explicado na base de que eles não podiam [4].

Claramente, os riscos e punição para os apóstolos manterem suas convicções sobre Jesus superavam aquilo que teria sido as recompensas temporais de mudar a sua história. O mesmo pode ser dito de muitos dos profetas do Antigo Testamento que foram mortos por servir a Deus. Assim, nenhum ganho líquido terreno pode ser dito como tendo sido o motivo dos autores para os seus testemunhos. **Conclusão: não existem defeitos externos comprovados nas testemunhas.**

2.4.4. TESTE TRÊS: DEFEITOS INTERNOS NO TESTEMUNHO

"São os escritos do Novo Testamento inconsistentes ou contraditórios?"

Os quatro evangelhos são relatos da vida de Jesus por quatro homens diferentes. Os testemunhos de cada um, abrangendo muitos dos mesmos eventos, embora nem todos os eventos, não são idênticos palavra por palavra. **Se eles fossem idênticos, certamente seriam suspeitos.**

Em vez disso, **os testemunhos são complementares.** Cada um tem diferentes perspectivas, sem verdadeira contradição. Na verdade, em nenhum lugar na Bíblia qualquer contradição foi verdadeiramente provada a existir. Obviamente, essa afirmação é contestada, e tais contestações podem ser encontradas no sétimo estágio deste estudo (objeções). O assunto é extenso e sugestões de bibliografia incluem "When Critics Ask" de Geisler e Howe, assim como "Bible Difficulties" de Gleason Archer. Eles não são os únicos livros sobre o assunto, mas são os livros que o autor do estudo original (www.provethebible.net) consultou e pessoalmente respeita.

2.4.5. TESTE QUATRO: DEFEITOS EXTERNOS NO TESTEMUNHO

Os escritos bíblicos refletem o que sabemos ser verdade a partir da história, arqueologia, e várias ciências?

Ao contrário do que alguém poderia esperar, **há grande apoio para a Bíblia nesses campos.** Para apoiar essa alegação, a maioria deste terceiro estágio do estudo (veracidade) olha profundamente para esses campos com uma concentração especial na ciência e seus pioneiros (cristãos e não cristãos) de ontem e de hoje, mantendo em vista que a Bíblia não se propõe a ser um livro científico.

2.5. INVESTIGAÇÃO: DEFEITOS INTERNOS E EXTERNOS NAS TESTEMUNHAS E NO TESTEMUNHO

Como mencionamos na introdução, **se os escritos do Novo Testamento forem verdadeiros, podemos determinar se, de fato, Jesus é Deus. Se Jesus for Deus, o ser humano encontrará no Novo Testamento a verdade sobre as questões para as quais busca respostas. Também, sendo Jesus Deus, uma vez que ele aludiu ao Antigo Testamento como verdade, torna-se estabelecido que o Antigo Testamento também é verdadeiro.**

Para determinar se há defeitos internos e externos nas testemunhas e no testemunho do Novo Testamento e, assim, **verificar se seus escritos são verdadeiros,** devem ser investigadas as seguintes áreas:

- Jesus foi uma pessoa real?
- Jesus foi reinventado (como em "O Código Da Vinci")?
- O cristianismo foi fundado nos concílios de Niceia e Constantinopla?
- Jesus ressuscitou dos mortos?

- Milagres realmente acontecem?
- A questão da interpretação na aceitação dos escritos bíblicos;
- Encontramos defeitos internos ou externos nas testemunhas ou testemunho?

2.6. JESUS FOI UMA PESSOA REAL? [5]

> Quase nenhuma pessoa educada nos dias de hoje duvida que Jesus viveu. Alguns o aceitam pela fé, outros pelo testemunho de cronistas antigos, tanto cristãos quanto romanos. (*"Time Online Edition", October 30, 2002*).

Será que Jesus Cristo realmente existiu ou o cristianismo é uma lenda construída sobre um personagem fictício?

Por quase dois mil anos, muitos do nosso mundo têm considerado Jesus um homem real que tinha caráter excepcional, liderança e poder sobre a natureza. Mas hoje alguns estão dizendo que ele nunca existiu.

O argumento contra a existência de Jesus, conhecido como **teoria Cristo-mito,** começou dezessete séculos depois de Jesus ser dito como tendo caminhado sobre as colinas rochosas da Judeia.

Ellen Johnson, na época presidente da American Atheists, resumiu o ponto de vista da teoria Cristo-mito na CNN TV Larry King Live: "Não há um fragmento de evidência secular de que houve um Jesus Cristo [...]. Jesus é uma compilação de outros deuses [...] que tinham as mesmas origens, a mesma morte como o mitológico Jesus Cristo." O anfitrião, atordoado, respondeu: "Então você não acredita que existiu um Jesus Cristo?" Johnson disparou de volta: "Não existiu [...] não há nenhuma evidência secular de que Jesus Cristo tenha sequer existido." King imediatamente solicitou um intervalo comercial. A audiência televisiva internacional foi deixada com questionamentos [6].

Em seus primeiros anos como ateu, o estudioso literário de Oxford C. S. Lewis também considerou Jesus um mito, pensando que todas as religiões eram simplesmente invenções [7].

Anos mais tarde, Lewis estava sentado junto ao fogo em um quarto do dormitório de Oxford com um amigo que ele chamou de "o ateu mais difícil e fervoroso de todos os ateus que eu já conheci". De repente, esse amigo disse abruptamente: "A evidência para a historicidade dos evangelhos foi realmente e surpreendentemente boa [...]. Parece quase como se eles realmente tivessem acontecido uma vez" [8].

Lewis estava atordoado. A observação de seu amigo sobre evidência real de Jesus levou Lewis a investigar a verdade por si mesmo. Ele escreveu sobre sua busca pela verdade sobre Jesus em seu livro clássico "Mere Christianity".

Então, que evidência o amigo de Lewis descobriu para Jesus Cristo?

2.6.1. A HISTÓRIA ANTIGA FALA

Vamos começar com uma pergunta mais fundamental: como podemos distinguir um personagem mítico de uma pessoa real? Por exemplo, que evidência convenceu os historiadores que Alexandre, o Grande, foi uma pessoa real? E existe tal evidência para Jesus?

Tanto Alexandre quanto Jesus foram retratados como líderes carismáticos. Ambos teriam tido breves carreiras, morrendo em seus trinta e poucos anos. Jesus é dito como tendo sido um homem de paz que conquistou pelo amor. Alexandre, um homem de guerra que governou pela espada.

Em 336 a.C., Alexandre, o Grande, tornou-se rei da Macedônia. Um gênio militar, líder considerável e arrogante que varreu aldeias, cidades e reinos da Greco-Pérsia até que governasse tudo. Diz-se que ele chorou quando não havia mais mundos para conquistar.

A história de Alexandre é elaborada a partir de cinco fontes antigas escritas 300 ou mais anos depois que ele morreu [9]. Não existe um relato de uma testemunha ocular de Alexandre.

No entanto, historiadores acreditam que Alexandre realmente existiu, em grande parte porque os relatos de sua vida são confirmados pela arqueologia e por seu impacto na história.

Da mesma forma, para determinar se Jesus foi uma pessoa real, precisamos buscar evidências de sua existência nas seguintes áreas:

1. **Arqueologia.**
2. **Antigos relatos não cristãos.**
3. **Antigos relatos cristãos.**
4. **Antigos manuscritos do Novo Testamento.**
5. **Impacto histórico.**

2.6.2. ARQUEOLOGIA

As areias do tempo enterraram muitos mistérios sobre Jesus que só recentemente foram trazidos à luz. Talvez as descobertas mais significativas sejam vários manuscritos antigos descobertos entre os séculos dezenove e vinte. Vamos olhar mais de perto para esses manuscritos mais adiante.

Arqueólogos também descobriram numerosos lugares e relíquias que concordam com os relatos do Novo Testamento sobre Jesus. Malcolm Muggeridge era um jornalista britânico que considerava Jesus um mito, até que viu tal evidência durante uma tarefa da televisão BBC para Israel.

Após relatar sobre os mesmos lugares escritos a respeito no relato do Novo Testamento de Jesus, Muggeridge escreveu: "Uma certeza me apreendeu sobre o nascimento de Jesus, seu ministério e crucificação [...]. Eu me tornei consciente de que realmente tinha existido um homem, Jesus" [10].

No entanto, antes do século vinte, não existiam provas tangíveis para o governador romano Pôncio Pilatos e o sumo sacerdote judeu Caifás. Ambos os homens eram figuras centrais no julgamento que conduziu à crucificação de Cristo. Céticos citavam essa aparente falta de provas como munição para sua teoria Cristo-mito.

No entanto, em 1961, arqueólogos descobriram um bloco de calcário inscrito com o nome "Pôncio Pilatos, prefeito da Judeia". E, em 1990, os arqueólogos descobriram um ossuário (caixa de ossos) com a inscrição de Caifás. Ela foi verificada como autêntica "além de uma dúvida razoável" [11] [12].

Também, até 2009, não havia nenhuma evidência tangível de que a cidade em que Jesus viveu, Nazaré, existiu durante o período de sua vida. Céticos como Rene Salm consideraram a falta de evidência para a Nazaré do primeiro século como um golpe mortal ao cristianismo. Em "The Myth of Nazareth", Salm escreveu em 2006: "Comemorem, pensadores livres [...]. O cristianismo como o conhecemos pode estar finalmente chegando ao fim!" [13].

No entanto, em 21 de dezembro de 2009, arqueólogos anunciaram a descoberta de cacos de barro do primeiro século em Nazaré, confirmando que essa pequena aldeia existia na época de Cristo.

Embora esses achados arqueológicos não provem que Jesus viveu lá, suportam os relatos dos evangelhos de sua vida. Historiadores notaram que a montagem das evidências obtidas pela arqueologia confirma os relatos de Jesus, ao invés de contradizê-los [14].

2.6.3. ANTIGOS RELATOS NÃO CRISTÃOS

Jesus Cristo é a única prova do Deus vivo. Nós apenas conhecemos Deus por meio de Jesus Cristo [15].

> Não houve tal pessoa na história do mundo conhecida como Jesus Cristo. Não houve nenhum ser humano senciente histórico, vivente, respirante, por esse nome. Nunca. [A Bíblia] é uma narrativa fictícia e não histórica. (*Jon Garth Murray, ex-presidente do grupo American Atheists*).

Céticos citam a "falta de história secular" para Jesus como evidência de que ele não existiu. No entanto, **há muito pouca documentação para qualquer pessoa da época de Cristo.** Muitos dos documentos históricos antigos foram destruídos ao longo dos séculos por guerras, incêndios e pilhagens, ou simplesmente por meio do intemperismo e da deterioração.

De acordo com E. M. Blaiklock, o qual tem catalogado a maior parte dos escritos não cristãos do Império Romano, "praticamente nada existe desde o tempo de Cristo", mesmo para os grandes líderes seculares, como Júlio César [16]. No entanto, nenhum historiador questiona a existência de César.

Uma vez que Jesus não foi um grande líder político ou militar, Darrell Bock observou: "É surpreendente e significativo que Jesus apareça nas fontes que temos" [17].

Relatos deixados por aqueles que não creram que Jesus é Deus e que corroboram a respeito dele servem para, pelo menos, dois propósitos:

1. **Tais relatos confirmam a existência de Jesus de forma que ela não possa ser duvidada como sendo meramente o exagero de seus seguidores leais.**

2. **Relatos não bíblicos também servem para confirmar outras pessoas, lugares e eventos que são mencionados na Bíblia, mas que não deixaram prova de que sobreviveram até hoje.**

Na verdade, mais informações sobreviveram sobre Jesus Cristo do que para vários outros personagens antigos. No entanto, poucas pessoas históricas tiveram suas existências tão questionadas e pesquisadas como Jesus. Um resultado de toda essa pesquisa é que a informação a respeito de Cristo, de outras fontes além da Bíblia, está facilmente acessível para pessoas comuns.

Infelizmente, essas informações, e outros materiais que se referem a Cristo, raramente aparecem em nosso ciclo de aprendizagem. Quase todo material com referência significativa a Cristo ou à Bíblia pode ser classificado como "religião" e, assim, é censurado sumariamente de todos os eventos, exibições ou instituições tocadas pelo dinheiro proveniente de impostos do governo. E as áreas tocadas pelo dinheiro proveniente dos impostos do governo se alargam a cada ano.

Portanto, uma vez que as formas de retratar Cristo que são suportadas pelo dinheiro de impostos parecem atualmente limitadas a comentários extremos (às vezes até chegando a algo como crucifixos submersos em jarras de urina e retratos carrancudos de Jesus pintados com as próprias fezes de um artista), os caminhos que nos são deixados para aprender quaisquer fatos sobre a vida histórica de Jesus e sua época são por meio de igrejas, instituições privadas, ou estudo por conta própria.

O mundo lida com Jesus de forma diferente da forma que lida com outros personagens históricos, e com razão. Jesus fez alegações maiores do que os outros e teve um impacto maior do que todos eles. Jesus afirmou ser Deus encarnado e deixou este mundo com uma promessa de retorno. Mesmo que nosso dinheiro de impostos pareça favorecer os críticos de Cristo, não é necessariamente errado manter Cristo em um padrão mais elevado. Elevar os padrões era uma de suas mensagens mais claras.

No caso de Cristo, o valor da evidência, particularmente de fontes hostis, é tremenda. Fontes hostis são consideradas como sendo aquelas que definitivamente não vieram de seguidores de Cristo, ou seja, pessoas que claramente não eram favoráveis à propagação da crença nele. **O fato de que fontes hostis citam Cristo, assim como citam outros personagens e eventos, é evidência tanto para a existência de Cristo quanto para a veracidade geral da Bíblia.**

O ponto importante de ouvir o testemunho corroborativo de escritos de não cristãos da própria era de Cristo, e de pouco tempo depois, é simplesmente o reconhecimento da existência dele. Naturalmente, uma vez que

todo o testemunho procedente vem de pessoas que não concluíram que ele é Deus, tal testemunho não trata de Cristo favoravelmente ou completamente como os escritos daqueles que creram nele.

Também é categoricamente verdadeiro que a prova da divindade de Jesus não será encontrada em escritos qualificados como hostis. Isso porque, se algum escritor antigo tivesse visto e confirmado seus milagres, ou percebido seu cumprimento das profecias, e então tivesse registrado "sim, Cristo realmente fez isso ou aquilo que seus seguidores falaram", tal escritor não seria mais considerado hostil pelo cético de hoje, não é?

Portanto, **somente os escritores que referenciaram Cristo sem muita importância, ou de forma negativa, são fontes que os céticos provavelmente aceitariam como observadores neutros.** Assim, ficamos com uma coleção de escritos que, embora por natureza não tenham uma clara confirmação da divindade de Cristo, pelo menos confirmam que ele andou pela Terra para até mesmo seus inimigos o verem.

Obviamente, as referências a seguir são atacadas fortemente por céticos (a possibilidade de suporte às coisas sobre Deus fora da Bíblia parece ser um pesadelo para eles). As alegações deles são, basicamente, que houve adulteração nos textos por parte de "cristãos" (especialmente no caso de um texto escrito por Josefo), ou que as referências não necessariamente se referem a Jesus, ou são referências feitas a Jesus de uma forma metafórica (não real/literal).

Este estudo, por questões de espaço e objetividade, não vai se concentrar em defender cada fonte extrabíblica como autêntica e verdadeiramente aplicada a Cristo – já existem bons trabalhos acessíveis demonstrando os pontos a favor e contra isso. O leitor pode buscar a explicação de cada fonte e avaliar as evidências. No entanto, quando observamos as fontes como um todo, acreditamos que há um excelente suporte extrabíblico para Jesus. Como uma forma de justificativa disso, podemos dizer que **mesmo céticos proeminentes, como Bart Erhman e John Dominic Crossan, concluem que Jesus existiu, embora não acreditem que ele era como descrito na Bíblia.**

Falando mais especificamente sobre as evidências, consideremos o caso de **historiadores judeus.** Os judeus teriam mais a ganhar negando a existência de Jesus. Mas eles sempre o consideraram como real. Vários escritos judaicos se referem a Jesus como uma pessoa real a quem eles se opuseram [18].

O estudioso israelense Shlomo Pines escreveu: "Mesmo os oponentes mais amargos do cristianismo nunca manifestaram qualquer dúvida em relação a se Jesus tinha realmente vivido"[19].

O historiador Will Durant citou que nenhum judeu ou gentio do primeiro século negou a existência de Jesus [20].

Consideremos também o caso de **historiadores romanos.** Historiadores romanos antigos escreveram primariamente sobre eventos e pessoas importantes para seu império. Uma vez que Jesus não era de importância imediata para os assuntos políticos ou militares de Roma, muito pouca história romana o referenciou. No entanto, dois importantes historiadores romanos, Tácito e Suetônio, reconheceram Jesus como uma pessoa real.

Há também o caso de **oficiais romanos.** Cristãos eram considerados inimigos de Roma por causa de sua adoração a Jesus como seu Senhor, em vez de César. Um oficial do governo romano e dois césares escreveram cartas a partir dessa perspectiva, mencionando Jesus e as origens cristãs [21].

Também, vários **escritores pagãos** antigos mencionam brevemente Jesus, ou cristãos, antes do final do segundo século. Eles incluem Talo, Flégon, Mara Bar Serapião e Luciano de Samósata [22]. As observações de Talo sobre Jesus, embora preservadas em escritos mais tardios, foram pela primeira vez escritas em cerca de 52 d.C., cerca de vinte anos depois da morte de Cristo.

No total, **nove antigos escritores seculares não cristãos mencionam Jesus como uma pessoa real dentro de 150 anos de sua morte.** Curiosamente, é o mesmo número de escritores seculares que mencionam Tibério César, o imperador romano no tempo de Jesus. Se fôssemos considerar fontes cristãs e não cristãs, há cerca de quarenta e dois que mencionam Jesus, em comparação com apenas dez para Tibério [23].

Gary Habermas observou: "No total, cerca de um terço dessas fontes não cristãs datam do primeiro século; a maioria é originária de não mais tarde do que meados do segundo século" [24]. De acordo com a Enciclopédia Britânica: "Esses relatos independentes provam que, nos tempos antigos, até os oponentes do cristianismo jamais duvidaram da historicidade de Jesus" [25].

2.6.3.1. FLÁVIO JOSEFO

Josefo foi um historiador judeu que nasceu em torno de 38 d.C. Ele serviu o comandante romano Vespasiano em Jerusalém até a destruição da cidade em 70 d.C. Josefo pessoalmente acreditava que Vespasiano era o Messias prometido para Israel. Quando Vespasiano mais tarde se tornou imperador de Roma, Josefo o serviu como historiador da corte [26]. Em 93 d.C., Josefo terminou sua obra "Antiguidades dos Judeus" em que, pelo menos, três passagens especificamente confirmam partes das Escrituras:

> Mas para alguns dos judeus a destruição do exército de Herodes parecia ser vingança divina, e certamente uma vingança justa, por seu tratamento de **João, chamado de Batista.** Pois Herodes o matou, embora fosse um homem bom e exortasse os judeus a levar vidas justas, a praticar a justiça para com os seus semelhantes e a piedade para com Deus, e assim fazer ao se batizar [27].

> [...] convocou os juízes do Sinédrio e trouxe diante deles **um homem chamado Tiago, o irmão de Jesus que foi chamado o Cristo,** e alguns outros. Ele os acusou de transgredir a lei e os entregou para serem apedrejados [28].

> Naquela época **havia um homem que foi chamado de Jesus. Sua conduta era boa, e ele era conhecido por ser virtuoso. E muitas pessoas entre os judeus e outras nações se tornaram seus discípulos. Pilatos condenou-o para ser crucificado, e ele morreu. E aqueles que se tornaram seus discípulos não abandonaram seu discipulado. Eles relataram que ele tinha aparecido a eles três dias após sua crucificação e que ele estava vivo. Por conseguinte, ele foi pensado como sendo o Messias** [29].

Essa última passagem dos escritos de Josefo é conhecida como **Testimonium Flavianum.** Uma vez que ela tão completamente suporta a existência e a reputação de Cristo, alguns alegam que os primeiros cristãos devem ter alterado o texto grego das palavras de Josefo. Concedendo essa possibilidade, **a tradução acima apresentada é uma tradução da mesma passagem do texto original para árabe. Essa versão árabe teria sido muito menos propensa a circular nos círculos cristãos daquela época, e é reconhecidamente menos elogiável do que outras traduções. Tal tradução estava sob controle não cristão, onde as alterações da parte de cristãos teriam sido praticamente impossíveis.**

Embora algumas das palavras de Josefo estejam em disputa, sua confirmação da existência de Jesus é amplamente aceita por estudiosos [30].

2.6.3.2. PLINIUS SECUNDUS (PLÍNIO, O JOVEM)

Plínio, o Jovem, foi um magistrado imperial sob o imperador Trajano, tendo sido governador da Bitínia, na Ásia Menor. Muito de sua correspondência tem sobrevivido, inclusive uma carta particular escrita em cerca de 112 d.C. ao imperador romano Trajano. Plínio escreveu sobre suas tentativas de forçar os cristãos a renunciar a Cristo, a quem eles "adoravam como a um deus".

A carta de Plínio não faz referência a Cristo diretamente, mas estabelece várias crenças e práticas dos primeiros cristãos. Isso inclui a lealdade deles a Cristo, mesmo quando isso custou suas vidas. A carta declara:

> Enquanto isso, o método que tenho observado para com aqueles que me foram denunciados como cristãos é este: interroguei-os **se eram de fato cristãos; se confessassem, eu repetia a pergunta duas vezes, acrescentando a ameaça da pena capital; se eles ainda perseverassem, eu os ordenava que fossem executados.**
>
> **Afirmaram, no entanto, que o todo de sua culpa, ou o seu erro, era que eles tinham o hábito de se reunir num determinado dia fixo antes que fosse claro, quando eles cantavam em versos alternados um hino a Cristo, como a um deus,** e eram obrigados por um juramento solene a não executar qualquer ação perversa, nem a cometer qualquer fraude, roubo ou adultério, a nunca falsificar sua palavra, nem negar uma confiança

quando eles fossem chamados para fazer o bem; após o qual era seu costume se separar e, então, **se reajuntar para partilhar comida – mas alimento de um tipo ordinário e inocente** [31].

2.6.3.3. CORNELIUS TACITUS (TÁCITO)

Tácito (55-120 d.C.) foi um senador durante o imperador romano Vespasiano e, mais tarde, tornou-se governador da Ásia. É considerado o maior historiador romano antigo. Por volta de 116 d.C., em sua obra intitulada "Anais", ele escreveu sobre o imperador Nero e um fogo que varreu Roma em 64 d.C. Ele escreveu que Christus (grego para Cristo) viveu durante o reinado de Tibério, sofreu sob Pôncio Pilatos, e que os ensinamentos de Jesus já haviam se espalhado para Roma. Os cristãos eram considerados criminosos e torturados em uma variedade de maneiras, incluindo a crucificação [32]:

> Consequentemente, para se livrar do relato, Nero prendeu a culpa e infligiu as mais requintadas torturas a uma classe odiada por suas abominações, chamada "cristãos" pela população. **Christus, de quem o nome teve sua origem, sofreu a penalidade extrema durante o reinado de Tibério nas mãos de um de nossos procuradores, Pôncio Pilatos,** e uma superstição mais perniciosa assim se verificou para o momento, outra vez repentinamente surgiu não somente na Judeia, a primeira fonte do mal, mas até mesmo em Roma [...] [33].

2.6.3.4. GAIUS SUETONIUS TRANQUILLAS (SUETÔNIO)

Suetônio (69-130 d.C.) foi um secretário chefe do imperador Adriano, **escrevendo sobre Chrestus como um instigador. Muitos estudiosos acreditam que essa é uma referência a Cristo.** Suetônio também escreveu sobre cristãos tendo sido perseguidos por Nero em 64 d.C. [34]. Por volta de 120 d.C. ele escreveu em sua obra "Vida de Cláudio":

> Uma vez que **os judeus em Roma causaram perturbações contínuas na instigação de Chrestus,** expulsou-os da cidade [35].

2.6.3.5. LUCIANO DE SAMÓSATA

Luciano de Samósata, satírico grego, escreveu este ataque bastante mordaz em "A Morte de Peregrino" por volta de 170 d.C.:

> **Os cristãos, você sabe, adoram um homem até hoje – o personagem distinto que introduziu sua novidade de ritos e foi crucificado por conta disso...** Você vê, essas criaturas equivocadas começam com a convicção geral de que eles são imortais para todo o tempo, o que explica o desprezo da morte e da devoção voluntária, que são tão comuns entre eles; e então foi impresso sobre eles por seu legislador original que todos eles são irmãos, desde o momento em que se convertem, e **negam os deuses da Grécia, e adoram o sábio crucificado, e vivem segundo as suas leis** [36].

2.6.3.6. O TALMUDE

O Talmude é essencialmente a coleção de tradições orais judaicas que foram colocadas por escrito com comentários adicionais entre os anos 70 d.C. a 200 d.C. Do Talmude Babilônico, Sanhedrin 43a, temos:

> **Na véspera da Páscoa eles enforcaram Yeshu.** E um anunciador saiu, à sua frente, durante quarenta dias (dizendo): "Ele vai ser apedrejado porque praticou a feitiçaria e seduziu e levou Israel a errar. Qualquer um que saiba alguma coisa a seu favor que venha e implore em seu favor." Mas não tendo sido encontrado nada a seu favor, **enforcaram-no na véspera da Páscoa** [37].

Os fatos nessa passagem são um um pouco mais difíceis de assimilar. Embora Yeshu esteja se referindo a Jesus, o anúncio de que ele deveria ser apedrejado (um castigo letal) é seguido pela declaração de que ele foi enforcado (crucificado). Uma explicação possível é que o apelo da liderança judaica para seu apedrejamento precedeu a sua eventual prisão por pelo menos aqueles quarenta dias. Isso seria consistente com os relatos das Escrituras sobre as várias tentativas de apedrejamento de Jesus (João 10:31-33; 11:8).

A morte de Jesus por crucificação pode ter sido apenas uma questão de envolvimento romano no caso. Talvez seja mais provável que sua crucificação súbita (que imediatamente se seguiu após sua prisão e seu duvidoso

julgamento na meia-noite) foi alegremente permitida pelos líderes judeus para antecipar o período normal de quarenta dias de detenção de um condenado. Os líderes podem ter temido que, durante esse tempo, os seguidores de Jesus pudessem ter sido capazes de organizar sua libertação ou suscitar um tumulto contra eles.

2.6.3.7. JULIANO, O APÓSTATA

Juliano, o Apóstata, imperador romano de 361 d.C. a 363 d.C., se esforçou para restaurar o paganismo em todo o Império Romano, mas em vão [38]. Em seu trabalho contra a religião cristã, disse o seguinte de Cristo, como citado por seu adversário Cirilo, bispo de Alexandria:

> Jesus, tendo persuadido alguns dentre vocês [galileus, como chamou desdenhosamente os cristãos], e aqueles dentre os piores dos homens, tem sido celebrado até agora por cerca de trezentos anos; não tendo feito nada em sua vida digno de fama, **a menos que alguém pense que é uma obra muito grande curar pessoas coxas e cegas e exorcizar possuídos por demônios nas aldeias de Betsaida e Betânia** [39].

2.6.3.8. TALO E FLÉGON

Em 800 d.C., o cronista bizantino Jorge Sincelo citou uma passagem de um livro, já não existente, intitulado "A História do Mundo", o qual foi escrito por volta de 220 d.C. pelo "pai da igreja" Júlio Africano, um bom historiador. Na citação de Júlio Africano por Jorge Sincelo, Africano relatou sobre o **historiador romano Talo,** de cerca de 52 d.C., e sobre **Flégon de Trales.** De acordo com a citação, Talo, em sua obra "História" (também não mais existente), escreveu para **especular sobre razões naturais que poderiam explicar as três horas de escuridão que ocorreram durante a crucificação de Cristo.** Embora o evento tenha correspondido com o período mensal de uma lua cheia (o que é suficiente para provar que a escuridão não poderia ter sido um eclipse lunar), o ponto mais importante é que a citação mostra que **Talo lida com a escuridão que se seguiu depois da crucificação de Cristo como um evento fatual,** embora Africano não reproduza exatamente as palavras de Talo. Da mesma forma, **Africano menciona que Flégon também buscava a explicação de um eclipse total do Sol.**

Ou seja, segundo Júlio Africano, citado por Jorge Sincelo, **a escuridão durante a crucificação de Cristo era um dos eventos para os quais Talo e Flégon desejavam explicações alternativas.** Segue o texto reproduzido por Sincelo onde Africano fala sobre Talo e Flégon e suas especulações sobre a escuridão durante a crucificação de Cristo:

> Em todo o mundo houve uma escuridão temível; e as rochas foram rasgadas por um terremoto, e muitos lugares na Judeia e outros distritos foram derrubados. Sobre essa escuridão, **Talo, no terceiro livro de sua "História", chama, como me parece sem razão, um eclipse do Sol.** Para os hebreus, celebrar a Páscoa no dia 14 de acordo com a Lua, e a paixão do nosso Salvador, cai no dia antes da Páscoa; mas um eclipse do Sol ocorre somente quando a Lua fica na frente do Sol. E isso não pode acontecer em nenhum outro momento, mas no intervalo entre o primeiro dia da lua nova e o último dia da velha, isto é, em sua junção: como então um eclipse deveria acontecer quando a Lua está quase diametralmente oposta contra o Sol? Deixe essa opinião passar, no entanto; deixe ela levar a maioria com ela; e deixe esse portento do mundo ser considerado um eclipse do Sol, como um outro portento somente ao olho.
>
> **Flégon registrou que, na época de Tibério César, na lua cheia, havia um eclipse total do Sol desde a hora sexta até a hora nona – manifestamente aquela de que falamos.** Mas o que tem um eclipse em comum com um terremoto, a abertura de rochas e a ressurreição dos mortos, e uma perturbação tão grande em todo o universo? Certamente nenhum evento como esse é registrado por um longo período. Mas foi uma escuridão induzida por Deus, porque o Senhor [Jesus] passou a sofrer [40].

Orígenes de Alexandria (182-254 d.C.), em "Contra Celso", escreveu que **Flégon de Trales,** em suas "Crônicas", mencionou Jesus: **"Agora Flégon, no décimo terceiro ou décimo quarto livro, eu acho, de suas 'Crônicas', não só atribuíu a Jesus um conhecimento de eventos futuros [embora caindo em confusão sobre algumas coisas que se referem a Pedro, como se fossem referentes a Jesus], mas também testemunhou que o resultado correspondia às suas predições."** Ele se referiu a **uma descrição por Flégon de um eclipse acompanhado por terremotos durante o reinado de Tibério, provavelmente de 29 d.C., em que houve "o maior eclipse do Sol" e que "tornou-se noite a sexta hora do dia"** (ou seja, ao meio-dia), **"de modo que as estrelas apareceram nos céus, e houve um grande terremoto na Bitínia e muitas coisas foram derrubadas em Niceia"** [41].

O ponto dos exemplos de Talo e Flégon é que **se crucificação de Cristo e as trevas que se seguiram fossem apenas mitos, os críticos antigos não teriam procurado explicações alternativas para negar os aspectos milagrosos dos acontecimentos** – eles simplesmente negariam a ocorrência dos eventos.

2.6.3.9. RESUMO

Em resumo, o que podemos concluir sobre o personagem Jesus Cristo ouvindo apenas os não cristãos dos primeiros séculos? Que era um mito inventado? Absolutamente não. **Apenas ouvindo os inimigos de Jesus e aqueles que estavam de fora de seu discipulado, podemos juntar o perfil a seguir sobre Cristo e sua influência – uma soma de informações que afirma positivamente a credibilidade da Bíblia e a divindade da pessoa de Cristo:**

- Jesus foi um homem sábio, viveu uma vida virtuosa, e foi chamado de Cristo ou Messias (Josefo);
- Jesus ganhou muitos discípulos de muitas nacionalidades (Josefo);
- Ele curou cegos e coxos em Betsaida e Betânia (Juliano, o Apóstata);
- Ele foi acusado de praticar feitiçaria e levar Israel ao erro (Talmude);
- Sob o governo de Herodes, durante o reinado de Tibério, Pôncio Pilatos condenou Cristo à morte (Tácito);
- Cristo foi crucificado na véspera da Páscoa (Talmude);
- Sua crucificação foi acompanhada por três horas de escuridão (Talo e Flégon);
- Os discípulos de Cristo "relataram que ele apareceu a eles por três dias depois de sua crucificação e que ele estava vivo" (Josefo);
- Seus discípulos tomaram o hábito de se encontrar em um dia fixo na semana e tomaram seu nome coletivo "cristãos" dele (Plínio, o Jovem);
- Cristãos adoravam a Cristo "como a um deus" (Plínio, o Jovem);
- Cristãos obrigaram a si mesmos a se absterem de obras malignas, fraude, furto, adultério e mentira (Plínio, o Jovem);
- Cristãos mantiveram um desdém pela morte e foram conhecidos por uma devoção própria e voluntária a Cristo (Luciano de Samósata);
- Cristãos consideravam a si mesmos como irmãos a partir do momento de suas conversões (Luciano de Samósata);
- Cristãos viveram segundo a lei de Cristo (Luciano de Samósata);
- Cristãos voluntariamente foram torturados, e mesmo executados, por se recusarem a negar a crença na ressurreição e divindade de Jesus Cristo (Josefo, Tácito, Plínio, Luciano de Samósata).

Esse esboço geral da vida de Jesus concorda perfeitamente com o Novo Testamento [42].

2.6.4. ANTIGOS RELATOS CRISTÃOS

Os primeiros cristãos escreveram milhares de cartas, sermões e comentários sobre Jesus. Além disso, credos que falam de Jesus apareceram tão cedo quanto cinco anos após a sua crucificação [43]. Esses escritos não bíblicos confirmam muitos dos detalhes do Novo Testamento sobre Jesus, incluindo sua crucificação e ressurreição [44].

Incrivelmente, mais de 36.000 de tais escritos, completos ou parciais, foram descobertos, alguns do primeiro século [45]. Esses escritos não bíblicos poderiam reconstruir todo o Novo Testamento, exceto por alguns poucos versos [46].

Cada um desses autores escreveu de Jesus como uma pessoa real. Os teóricos da teoria Cristo-mito desconsideram esses relatos como se fossem "tendenciosos". Mas a pergunta que deve ser respondida é: **como seria possível escrever tanto de um Jesus mítico dentro de umas poucas décadas de sua vida?**

E quanto ao testeminho dos mártires? Vejamos agora os testemunhos daqueles que viveram próximos a Jesus.

2.6.4.1. TESTEMUNHAS MORRERAM MANTENDO QUE JESUS RESSUSCITOU

O testemunho da morte de cristãos é o que o autor do estudo original (www.provethebible.net), quando não era cristão, considerou como um problema muito difícil de lidar. Isso está relacionado ao último tópico do resumo sobre o que se conclui sobre Jesus das fontes extrabíblicas: pessoas que foram torturadas e executadas voluntariamente em vez de negar sua crença em Cristo.

É uma conjetura desafiadora para qualquer um de nós pensar em quais crenças, se existirem, manteríamos a ponto de suportar tortura ou morte. Quanto tempo você queimaria, ou quanta pele você poderia suportar sendo arrancada, antes de você gritar o que quer que seus atormentadores quisessem ouvir? Até que esse momento chegue, ninguém pode dizer. Mas esse momento chegou para muitos que vieram antes de nós, e a história responde que **eles acreditaram que Jesus era a encarnação de Deus até seus últimos suspiros.**

O fim torturante dos seguidores mais próximos de Jesus e a tortura e o exílio de outro indica algo radical. Suas vidas e seus escritos podem nos mostrar no que eles acreditaram, mas nada como suas mortes nos mostra o quanto eles acreditaram que Jesus havia ressuscitado.

Embora muitos mártires (pessoas que morreram por não abandonar suas crenças) e confessores (pessoas que foram ameaçadas com a morte pela mesma razão) possam ser nomeados ao longo da história da Igreja, é a morte dos apóstolos e outros seguidores próximos que carrega a maior parte das evidências para a divindade de Cristo.

Os apóstolos conheceram, viveram e trabalharam com Cristo diariamente durante anos. Se Cristo fosse falso, não importa o que os apóstolos pudessem ter pregado ou escrito previamente, é improvável que mesmo um deles teria morrido por causa de uma piada ou uma mentira. Quão racional é que todos eles suportassem a tortura, onze deles até a morte, sem sequer um deles vacilar de sua crença singular de que Cristo é Deus, e que ele apareceu a eles depois de sua crucificação?

O fato de que eles mantiveram a unanimidade perfeita sobre a ressurreição de Jesus, mesmo quando torturados, separadamente e por muitos anos, é inconcebível a menos que eles estivessem absolutamente convencidos da afirmação de Cristo ser o Deus todo-poderoso do universo. A possibilidade de que os apóstolos honestamente confundiram-no com Deus e apenas pensaram que ele apareceu a eles será discutida mais tarde. Mas **é sem dúvida que, com ou sem razão, todos estavam totalmente convencidos da divindade de Jesus até o fim.**

2.6.4.2. APÓSTOLOS E SEGUIDORES DE JESUS: O GRANDE OBITUÁRIO

Aqui está como muitos daqueles que eram mais próximos de Jesus encontraram seus fins [47]:

- **Mateus:** morto por apunhalamento, como ordenado pelo rei Hertacus da Etiópia;
- **Tiago, filho de Alfeu:** crucificado;
- **Tiago, irmão de Jesus:** jogado abaixo a partir de um lugar alto, apedrejado e espancado até a morte pelas mãos de Ananias em cerca de 66 d.C.;
- **João:** torturado com óleo fervente, exilado em Patmos em cerca de 69-95 d.C.;

- **Marcos:** queimado durante o reinado do imperador Trajano;
- **Pedro:** crucificado de cabeça para baixo no jardim de Nero, na Colina do Vaticano, em cerca de 64 d.C.;
- **André:** crucificado em uma cruz com formato de "X" por Aegeates, procônsul romano, por volta de 80 d.C.;
- **Filipe:** apedrejado e crucificado em Hierápolis, Frígia;
- **Simão:** crucificado no Egito durante o reinado do imperador Trajano;
- **Tomé:** morto perfurado por lança em Calamina, Índia;
- **Tadeu:** morto por flechas;
- **Tiago, filho de Zebedeu:** morto ao fio de espada por ordem de Herodes Agripa I da Judeia em cerca de 44 d.C.;
- **Bartolomeu:** espancado, esfolado vivo, crucificado de cabeça para baixo e, então, decapitado;
- **Saulo de Tarso, o apóstolo Paulo:** decapitado por comando de Nero em cerca de 68 d.C. (ele não foi torturado horrivelmente apenas por ter sido cidadão romano).

Nenhum grupo de indivíduos teve contato mais próximo com Jesus do que esse listado acima. Sua conclusão, até a morte, foi que Jesus era Deus. Multidões de cristãos sem nome, da mesma época e de épocas seguintes, pereceram também, se apegando fielmente à convicção de que Jesus é o Senhor. Plínio registrou um procedimento de prisão pelo qual passaram muitos desses cristãos, um procedimento que hoje se leria como uma transcrição da era McCarthy:

> Aqueles que negaram que eram, ou nunca tinham sido, cristãos, e que repetiram diante de mim uma invocação aos deuses, [...] e que finalmente amaldiçoaram a Cristo – nenhum desses atos, diz-se, que aqueles que são realmente cristãos podem ser forçados a realizar – a esses eu pensei que era apropriado liberar [48].

Tácito, em sua obra "Anais", nos informou o destino comum ao fiel em Cristo que se recusou a renegar sua crença durante o reinado de Nero:

> Zombaria de todos os tipos foi acrescentada às suas mortes. Cobertos com peles de animais, eles foram rasgados por cães e pereceram, ou foram pregados a cruzes, ou foram condenados às chamas e queimados para servir como uma iluminação noturna quando o dia tinha expirado [49].

Os apóstolos e as ações dos primeiros cristãos falam muito claramente. Suas ações combinavam com suas palavras. Eles andaram conforme o que diziam. É claro que, nesse ponto, alguém poderia perguntar que bem essa fidelidade fez por eles – garantir uma morte horrível? Onde estava o tão chamado "Deus amoroso" deles?

2.6.4.3. ONDE ESTAVA O DEUS AMOROSO DOS APÓSTOLOS?

Há muito tempo o autor do estudo original (www.provethebible.net) fez esse tipo de pergunta e sentiu um certo ceticismo sobre o amor de Cristo por nós. Os apóstolos eram os melhores amigos de Jesus e seguiram a fé exatamente como ele havia pedido. Se a Bíblia é um retrato exato da história e de Cristo, o autor se perguntou como ele poderia deixá-los sofrer e morrer, como aconteceu.

Cristo amou esses homens e esses homens amaram a Cristo. Eles poderiam ter negado sua crença em Jesus e ele poderia tê-los perdoado. Mas **eles amaram a verdade de Deus literalmente mais do que a vida terrena.** Para eles, mesmo uma negação de sua crença para serem poupados dos seus terríveis destinos poderia ter sido popularizada como uma "horrível verdade sobre Cristo" e, então, a adoração a Cristo seria muito reduzida.

Pela obediência e sacrifício dos apóstolos e seguidores, Cristo permitiu que **suas mortes se tornassem em um testemunho extremamente poderoso de sua pessoa.** Eles morreram porque amaram a Cristo, e Cristo deixou

que eles morressem por ele, porque ele nos ama. Desde então, eles estão em glória, juntos com o Senhor. A crença em Cristo é extremamente importante, e aqueles que morreram sabiam disso. Portanto, **não é Deus que desvaloriza as mortes dos apóstolos e seguidores, mas somos nós que ignoramos a verdade de Cristo para a qual eles entregaram suas vidas.**

As mortes dos seguidores mais próximos de Jesus estão falando conosco. Suas mortes se tornaram evidência da divindade e do ministério de Cristo na Terra. Isso é evidência da credibilidade da Bíblia que nenhum historiador, cientista ou cético pode ignorar em consciência limpa.

2.6.5. ANTIGOS MANUSCRITOS DO NOVO TESTAMENTO

Céticos descartam o Novo Testamento como evidência para Jesus, chamando-o de "tendencioso". No entanto, até mesmo historiadores não cristãos consideram os manuscritos antigos do Novo Testamento como evidência sólida para a existência de Jesus. O historiador de Cambridge Michael Grant, um ateu, argumentou que o Novo Testamento deve ser considerado como evidência da mesma maneira que outras evidências de história antiga:

> **Se aplicarmos ao Novo Testamento, como deveríamos, os mesmos tipos de critérios como devemos aplicar a outros escritos antigos contendo material histórico, não podemos rejeitar a existência de Jesus mais do que podemos rejeitar a existência de uma massa de personagens pagãos cujas realidades como figuras históricas nunca são questionadas** [50].

Os evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) são os relatos primários da vida e das palavras de Jesus. Lucas começou seu evangelho com estas palavras:

> Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo **investiguei tudo cuidadosamente,** desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, **para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas** (*Lucas 1:1-4, "Nova Versão Internacional"*).

O notável arqueólogo Sir William Ramsey originalmente rejeitava o relato histórico de Lucas sobre Jesus. No entanto, mais tarde admitiu: "Lucas é um historiador de primeira categoria [...]. Esse autor deveria ser colocado junto com os próprios maiores historiadores [...]. A história de Lucas é insuperável em relação à sua confiabilidade" [51].

Os primeiros relatos sobre Alexandre, o Grande, foram escritos 300 anos depois dele. Mas quão próximos da vida de Jesus foram escritos os evangelhos? Será que testemunhas oculares de Jesus ainda estavam vivas, ou houve tempo suficiente para uma lenda ter se desenvolvido?

Na década de 1830, estudiosos alemães argumentaram que o Novo Testamento foi escrito no terceiro século, muito tarde para ter sido escrito por apóstolos de Jesus. No entanto, cópias manuscritas descobertas nos séculos dezenove e vinte por arqueólogos provaram que esses relatos de Jesus foram escritos muito antes.

William Albright datou todos os livros do Novo Testamento "entre cerca 50 d.C. e 75 d.C." [52]. John A. T. Robinson, de Cambridge, datou todos os livros do Novo Testamento por volta de 40-65 d.C. Tal datação precoce significa que eles foram escritos quando testemunhas oculares estavam vivas, muito cedo para um mito ou lenda se desenvolver [53].

Após C. S. Lewis ler os evangelhos, escreveu: "Agora, como historiador literário, estou perfeitamente convencido de que [...] os evangelhos [...] não são lendas. Eu tenho lido uma grande quantidade de lendas e estou muito certo que eles não são o mesmo tipo de coisa" [54].

A quantidade de manuscritos para o Novo Testamento é enorme. Mais de 24.000 cópias manuscritas integrais ou parciais de seus livros existem, colocando-o acima de todos os outros documentos antigos [55].

Nenhuma outra pessoa histórica antiga, religiosa ou secular, é apoiada por tanta documentação como é Jesus Cristo. O historiador Paul Johnson observou: "Se considerarmos que Tácito, por exemplo, sobrevive em apenas um manuscrito medieval, a quantidade de manuscritos antigos do Novo Testamento é notável" [56].

2.6.6. IMPACTO HISTÓRICO

Mitos têm pouco ou nenhum impacto na história. O historiador Thomas Carlyle disse: "A história do mundo é a biografia de grandes homens" [57]. Não há nenhuma nação ou regime que deva a sua fundação ou herança a pessoas ou eventos ou deuses mitológicos. E isso também se aplica a Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Davi, o dilúvio, o êxodo do Egito, ou quaisquer eventos ou personagens bíblicos que céticos dizem que "não existiram".

Mas qual tem sido o impacto de Jesus Cristo? O cidadão romano comum não sentiu seu impacto até muitos anos após sua morte. Jesus não fez marchar nenhum exército. Ele não escreveu livros e não mudou nenhuma lei humana. Os líderes judeus e césares romanos tinham a esperança de acabar com sua memória e, por algum tempo, pareceu que isso teria sucesso. Mas não aconteceu.

Hoje todos nós vemos que a Roma antiga está arruinada. Poderosas legiões de César e a pompa do poder imperial romano desapareceram no esquecimento. No entanto, como é que Jesus é lembrado hoje? Qual é a sua influência duradoura?

- Mais livros têm sido escritos sobre Jesus do que sobre qualquer outra pessoa na história;
- Nações têm usado suas palavras como a base de seus governos. De acordo com Durant: "O triunfo de Cristo foi o início da democracia" [58];
- Seu "Sermão do Monte" estabeleceu um novo paradigma da ética e da moral;
- Escolas, hospitais e obras humanitárias foram fundadas em seu nome. Mais de 100 grandes universidades – incluindo Harvard, Yale, Princeton, Dartmouth, Columbia e Oxford – foram iniciadas por seus seguidores [59];
- A igualdade das mulheres tem suas raízes em Jesus (nos dias de Jesus, as mulheres foram consideradas inferiores, e até virtualmente como se não fossem pessoas, até que o ensino de Cristo foi seguido);
- A escravidão foi abolida na Grã-Bretanha e na América devido ao ensino de Jesus de que cada vida humana é valiosa.

Surpreendentemente, **Jesus fez todo esse impacto como resultado de apenas um período do ministério público de três anos. Quando foi perguntado quem deixou o maior legado na história ao notável autor e historiador mundial H. G. Wells, ele respondeu: "Para esse teste Jesus está em primeiro lugar"** [60].

O historiador de Yale Jaroslav Pelikan escreveu sobre Cristo: "Independentemente do que qualquer pessoa possa pessoalmente pensar ou acreditar sobre ele, **Jesus de Nazaré tem sido a figura dominante na história da cultura ocidental por quase vinte séculos [...]. É a partir de seu nascimento que a maioria da raça humana conta seus calendários, é por causa do seu nome que milhões amaldiçoam e é por causa de seu nome que milhões oram"** [61].

Se Jesus não existiu, deve-se perguntar como um mito poderia alterar a história de tal forma.

2.6.7. MITO VERSUS REALIDADE

No primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?), estudamos muito sobre a típica falsa acusação de que a Bíblia foi baseada em mitologias. Enquanto deuses míticos são retratados como super-heróis que vivem a partir de fantasias e desejos humanos, os evangelhos retratam Jesus como um homem de humildade, compaixão e caráter moral impecável. Seus seguidores o apresentam como uma pessoa real para quem voluntariamente deram suas vidas.

O cientista não cristão Albert Einstein afirmou: "Ninguém pode ler os evangelhos sem sentir a presença real de Jesus. Sua personalidade pulsa em cada palavra. Nenhum mito é preenchido com tal vida [...]. Nenhum homem pode negar o fato de que Jesus existiu, nem que as suas palavras são bonitas" [62].

É possível que a morte e ressurreição de Jesus fosse plagiada de algum mito? O caso contra Jesus foi apresentado no filme Zeitgeist. O autor Peter Joseph afirmou corajosamente e erroneamente: "A realidade é que Jesus foi [...] uma figura mítica [...]. O cristianismo, juntamente com todos os outros sistemas de crenças teístas, é a fraude da era". Peter Joseph usou fontes escolhidas a dedo (Gerald Massey e Acharya S.) na tentativa de construir um caso em que Jesus é "copiado e colado" do antigo deus egípcio Hórus.

Em relação às fontes de Zeitgeist, o Dr. Ben Witherington observou: "Nem um único desses autores e fontes são especialistas na Bíblia, na história bíblica, no antigo Oriente Próximo, na egiptologia, ou em qualquer um dos campos cognatos [...]. São fontes não confiáveis de informações sobre as origens do cristianismo, judaísmo, ou de qualquer outra coisa de relevância para essa discussão"[63].

Conforme se compara o Jesus dos evangelhos com os deuses da mitologia, uma distinção torna-se óbvia. Em contraste com o Jesus revelado nos evangelhos, relatos de deuses mitológicos retratam deuses irrealistas com elementos de fantasia:

- Mitra foi supostamente nascido a partir de uma rocha. O mitraísmo teria se desenvolvido tarde demais para ter influenciado o cristianismo: "O mitraísmo era uma religião romana tardia de mistério que se tornou uma das maiores rivais do cristianismo no século 2 d.C. e mais tarde" [64];

- Hórus é representado com a cabeça de um falcão [65];

- Baco/Dionísio, Hércules, e outros, foram levados voando ao céu no cavalo Pégaso;

- Osíris foi morto, cortado em 14 pedaços, remontado por sua esposa Ísis, e trazido de volta à vida [66].

Há céticos que alegam que a ressurreição de Jesus Cristo da Bíblia foi uma ideia inspirada por culturas vizinhas. Tabletes descobertos na Síria em Ras Shamra, por exemplo, contam a história dos deuses cananeus ou ugaríticos Baal (filho de El) e Anate (irmã de Baal e consorte). Na história, Baal batalha com Mot, deus da estação seca, e é morto. Anate reúne os pedaços do corpo de Baal e os enterra. Ela então sai e corta Mot em pedaços, e algum tempo depois, Baal retorna à vida [67].

Em outras culturas, essa mesma história de um deus cortado retornando à vida é similarmente refletida: registros sumérios e mesopotâmios de Adonis e Tamuz e Istar, de Orfeu e Perséfone, de Telepinu [68], e de Osíris e Ísis do Livro dos Mortos egípcio.

Mas poderia o cristianismo ter copiado a morte e a ressurreição de Jesus de algum desses mitos?

Seus seguidores certamente não pensaram assim. Eles voluntariamente deram suas vidas proclamando que o relato da ressurreição de Jesus era verdade. Além disso, "relatos de um deus que morre e ressuscita que, de certo modo, são paralelos à história da ressurreição de Jesus apareceram pelo menos 100 anos após os relatos da ressurreição de Jesus"[69].

Em outras palavras, **os relatos de Hórus, Osíris e Mitra morrendo e ressuscitando dentre os mortos não estavam em suas mitologias originais, mas foram adicionados após os relatos do evangelho sobre Jesus terem sido escritos.**

O Livro dos Mortos não alega quaisquer testemunhas a seus eventos, nem a egiptologia revela qualquer evidência realmente convincente. As demais fontes não se saem melhores. Na verdade, muitas dessas fontes não bíblicas eram caracterizadas **explicações de ciclos de fertilidade ou mudanças nas estações. Nenhuma dessas histórias é verdadeiramente similar aos eventos envolvendo a morte e ressurreição de Jesus Cristo, tanto em simbolismo quanto em detalhe**.

Jesus não foi feito em pedaços em combate mortal, nem remontado por uma deusa contraparte, nem usado com o propósito de simbolizar os ciclos de fertilidade ou da natureza. **Jesus, por significante contraste, é um personagem histórico com suporte de boa quantidade de material existente, inclusive material escrito em antigas fontes não cristãs**.

T. N. D. Mettinger, professor da Lund University, escreveu: **"O consenso entre os estudiosos modernos – quase universal – é que não havia deuses morrendo e ressuscitando que precederam o cristianismo. Todos eles são pós-datados do primeiro século"**. Porém, em sua entrevista com Lee Strobel, Michael Licona afirmou que Mettinger antes considerava exceções a esse consenso quase universal de estudiosos, afirmando que existiam pelo menos três e, possivelmente, até cinco deuses que morrem e ressuscitam e que antecediam o cristianismo. No entanto, depois de vasculhar todos esses relatos e analisá-los criticamente, Mettinger acrescentou que **"nenhum desses servem como paralelos com Jesus"**. Mettinger escreveu: **"Não há, até onde sei, nenhuma evidência *prima facie* de que a morte e ressurreição de Jesus seja uma construção mitológica baseada nos mitos e ritos da morte e ressurreição deuses do mundo ao redor. [...] A morte e ressurreição de Jesus mantém o seu caráter único na história das religiões"** [70].

Segundo muitos historiadores, realmente não há verdadeiros paralelos entre qualquer um desses deuses mitológicos e Jesus Cristo. No entanto, como C. S. Lewis observou, existem alguns temas comuns que falam ao desejo dos homens para a imortalidade. Lewis recontou uma conversa que teve com J. R. R. Tolkien, o autor da trilogia "O Senhor dos Anéis". "A história de Cristo", disse Tolkien, "é simplesmente um 'mito' verdadeiro: um 'mito' [...] com essa diferença tremenda de que **realmente aconteceu**" [71].

O estudioso do Novo Testamento F. F. Bruce concluiu: **"Alguns escritores podem brincar com a fantasia de um 'Cristo-mito', mas eles não o fazem nas bases da evidência histórica. A historicidade de Cristo é tão axiomática para um historiador imparcial quanto a historicidade de Júlio César. Não são os historiadores que propagam as teorias do 'Cristo-mito'"** [72].

2.6.7.1. RAZÕES PARA REJEITAR SUPOSTAS CONEXÕES ENTRE JESUS E MITOLOGIAS [73]

Um ex-ateu chamado Kevin, convertido a Cristo quando ouviu argumentos objetivos sobre valores e deveres morais, sentia-se desgastado por constantemente ter que refutar alegadas similaridades entre Jesus e deuses mitológicos ou astroteologia. Segundo ele, a questão "Jesus é um mito copiado ou pessoa real?" era a fonte de objeção em que perdia a maior parte do tempo.

Kevin se sentia frustrado porque não importava o quanto refutasse semelhanças entre Cristo e crenças mitológicas, os não cristãos com quem ele conversava não aceitavam o que ele dizia, alegando que ele "trabalhava muito duro para salvar sua religião".

Alguns não cristãos alegam uma série de similaridades de Cristo com deuses mitológicos ou constelações estelares e então dizem: "Percebe agora como são parecidos?" Kevin perguntou a William Lane Craig sua opinião sobre o assunto, e também como isso é visto nos altos níveis acadêmicos.

Com base na resposta do acadêmico, resumidamente, podemos dizer que há duas razões principais pelas quais estudiosos dos altos níveis acadêmicos não costumam dar muita atenção a supostas conexões entre o cristianismo e mitologias.

A primeira principal razão é que os estudiosos perceberam que a **mitologia pagã é simplesmente o contexto interpretativo errado para o entendimento de Jesus de Nazaré, sendo que os paralelos alegados entre Cristo e a mitologia pagã eram espúrios.** Jesus e seus discípulos foram judeus do primeiro século da Palestina, e é nesse contexto que devem ser entendidos – os milagres e exorcismos de Jesus devem ser interpretados no contexto das crenças e práticas judaicas do primeiro século. **A crença na ressurreição de Jesus só pode ser proveitosamente estudada contra o pano de fundo das crenças judaicas da ressurreição, e não crenças da mitologia pagã.**

A segunda principal razão é que **não há nenhuma conexão causal entre os mitos pagãos e a origem das crenças cristãs sobre Jesus. Não há relação genealógica entre as mitologias e Cristo e seus milagres**.

Vejamos a seguir a resposta de William Lane Craig à pergunta de Kevin, dada por meio de seu site "Reasonable Faith":

> O falecido Robert Funk, fundador do radical Jesus Seminar, costumava reclamar amargamente do abismo que existe entre o alto nível acadêmico e crenças populares sobre Jesus. Funk estava pensando principalmente sobre o isolamento da religiosidade popular do estudo acadêmico sobre o Jesus histórico; **mas em lugar algum o abismo é tão grande como entre a irreligiosidade popular e os estudos históricos de Jesus.**
>
> O movimento Free Thought, o qual alimenta a objeção popular de que as crenças cristãs sobre Jesus são derivadas da mitologia pagã, **está emperrado em estudos do final do século dezenove.** Em certo sentido, isso é surpreendente, uma vez que há uma abundância de estudiosos céticos contemporâneos, como os do Jesus Seminar, cujos trabalhos poderiam ser utilizados pelos "pensadores livres" a fim de justificar seu ceticismo sobre a compreensão tradicional de Jesus. Mas isso só serve para mostrar como esses popularizadores estão fora de contato com trabalhos acadêmicos sobre Jesus. **Eles estão desatualizados por uma centena de anos.**
>
> De volta ao apogeu da chamada "escola de história de religiões", estudiosos de religião comparativa coletaram paralelos às crenças cristãs de outros movimentos religiosos, sendo que alguns pensaram em explicar essas crenças (incluindo a crença na ressurreição de Jesus) como sendo o resultado da influência de tais mitos. Hoje, contudo, raramente algum estudioso pensa em mitos como uma importante categoria de interpretação para os evangelhos. **Estudiosos perceberam que a mitologia pagã é simplesmente o contexto interpretativo errado para o entendimento de Jesus de Nazaré.**
>
> Craig Evans chama essa mudança de "eclipse da mitologia" na pesquisa da vida de Jesus [74]. Então, James D. G. Dunn começa seu artigo sobre "Mito" no "Dictionary of Jesus and the Gospels" (*IVP, 1993*) afirmando: **"Mito é um termo de relevância pelo menos duvidosa para o estudo de Jesus e dos evangelhos."**
>
> Às vezes, essa mudança é referida como a "rejudaização de Jesus". **Jesus e seus discípulos foram judeus do primeiro século da Palestina, e é nesse contexto que devem ser entendidos.** A rejudaização de Jesus tem ajudado a tornar injustificada qualquer compreensão do retrato de Jesus dos evangelhos como significativamente formado por mitologia.
>
> Essa mudança é pronunciada com respeito à historicidade dos milagres e exorcismos de Jesus. Estudiosos contemporâneos podem não estar mais preparados para acreditar no caráter sobrenatural dos milagres e exorcismos de Jesus do que os estudiosos de gerações anteriores. Mas eles não estão mais dispostos a atribuir essas histórias à influência dos "mitos do homem helenístico divino" (*theios Aner*). Ao invés disso, **os milagres e exorcismos de Jesus devem ser interpretados no contexto das crenças e práticas judaicas do primeiro século.** O estudioso judeu Geza Vermes, por exemplo, chamou a atenção para os ministérios dos milagreiros carismáticos e/ou exorcistas Honi Desenhador de Círculos (século 1 a.C.) e Hanina ben Dosa (século 1 d.C.), e interpreta Jesus de Nazaré como um judeu chassídico ou um homem santo. Hoje, **o consenso dos estudiosos sustenta que a realização de milagres e exorcismos (colocando em parênteses a questão de caráter sobrenatural) com toda a certeza não pertencem a qualquer aceitável reconstrução histórica do ministério de Jesus.**
>
> O colapso da antiga "escola da história de religiões" ocorreu por principalmente dois motivos. Em primeiro lugar, **os estudiosos perceberam que os paralelos alegados eram espúrios.** O mundo antigo era virtualmente uma infinidade de mitos de deuses e heróis. Estudos comparativos em religião e literatura requerem sensibilidade às suas semelhanças e **diferenças,** caso contrário distorções e confusões inevitavelmente ocorrerão. Infelizmente, aqueles que aduziram paralelos às crenças cristãs falharam em exercer tal sensibilidade. Tome, por exemplo, a história do nascimento virginal, ou, mais exatamente, a concepção virginal de Jesus. Os paralelos pagãos alegados para essa história concernem contos de deuses assumindo forma física e tendo relações sexuais com fêmeas humanas para gerar uma prole humano-divina (como Hércules). Como tais, essas histórias são exatamente o oposto da história do evangelho, onde Maria concebe Jesus sem ter qualquer relação sexual. **As histórias dos evangelhos sobre a concepção virginal de Jesus são, de fato, sem paralelo no antigo Oriente Próximo.**
>
> Ou considere o evento de maior de maior interesse para mim: a ressurreição de Jesus dentre os mortos. Muitas das alegadas similaridades a esse evento são, na verdade, histórias apoteóticas – a divinização e assunção do herói ao céu (Hércules, Rômulo). Outras são histórias de desaparecimento, afirmando que o herói desapareceu por ir a uma esfera superior (Apolônio de Tiana, Empédocles). Ainda outros são símbolos sazonais do ciclo da cultura, como quando a vegetação morre na estação seca e volta à vida na estação chuvosa (Tamuz, Osíris, Adonis). Algumas são expressões políticas de adoração do imperador (Júlio César, César Augusto). Nenhuma

delas é paralela à ideia judaica da ressurreição dos mortos. David Aune, um especialista em literatura comparativa do antigo Oriente Próximo, conclui: **"nenhum paralelo a elas [as tradições da ressurreição] é encontrado em biografia greco-romana"** [75].

Na verdade, muitos estudiosos têm chegado a duvidar se, propriamente falando, realmente existiram quaisquer mitos de deuses morrendo e ressuscitando! No mito de Osíris, um dos mais conhecidos mitos sazonais simbólicos, Osíris não volta à vida realmente, mas simplesmente continua a existir no reino inferior daqueles que já partiram desta vida. Em uma recente revisão da evidência, T. N. D. Mettinger relata: **"Desde a década de 1930 [...] um consenso tem desenvolvido ao efeito de que os 'deuses que morrem e ressuscitam' morreram, mas não retornaram ou se ergueram dos mortos para viverem novamente [...]. Aqueles que ainda pensam diferentemente são vistos como membros residuais de uma espécie quase extinta"** [76].

Mettinger particularmente acreditava que os mitos de morte e ressurreição existiam nos casos de Dumuzi, Baal e Melqart; mas ele reconhece que tais símbolos são bem diferentes da crença cristã da ressurreição de Jesus: **"Os deuses que morrem e ressuscitam estavam intimamente relacionados ao ciclo sazonal. Suas mortes e retornos eram vistos como refletidos nas mudanças de vida vegetal. A morte e ressurreição de Jesus é um evento de um único momento, não repetido, e sem relação com as mudanças sazonais** [...] Até onde sei, não há nenhuma evidência *prima facie* de que a morte e ressurreição de Jesus é uma construção mitológica baseada nos mitos e ritos da morte e ressurreição dos deuses do mundo circundante. **Enquanto estudado proveitosamente com o pano de fundo da crença da ressurreição judaica, a fé na morte e ressurreição de Jesus mantém seu caráter único na história das religiões"** [77].

Observe o comentário de Mettinger de que a crença na ressurreição de Jesus pode ser proveitosamente estudada com o pano de fundo das crenças judaicas da ressurreição (e não da mitologia pagã). Aqui vemos aquela mudança nos estudos sobre o Novo Testamento que assinalei acima como a "rejudaização de Jesus". A espuriedade dos paralelos alegados é apenas uma indicação de que **a mitologia pagã é o esquema interpretativo errado para o entendimento da crença dos discípulos na ressurreição de Jesus.**

Em segundo lugar, a "escola da história das religiões" sucumbiu como explicação sobre a origem das crenças cristãs sobre Jesus porque **não havia nenhuma conexão causal entre os mitos pagãos e a origem das crenças cristãs sobre Jesus.** Tomemos, por exemplo, a ressurreição. **Judeus eram familiares com deidades sazonais mencionadas acima e as achavam repugnantes. Portanto, não há qualquer vestígio de cultos de deuses que morrem e ressuscitam na Palestina do primeiro século.** Para os judeus, a ressurreição para a glória e imortalidade não teria lugar até a ressurreição geral de todos os mortos no fim do mundo. **É inimaginável que os discípulos originais teriam súbita e sinceramente vindo a acreditar que Jesus de Nazaré foi ressuscitado dentre os mortos apenas porque tinham ouvido falar de mitos pagãos sobre deuses sazonais que morriam e ressuscitavam.**

Ainda que fosse citada uma fonte primária de um suposto paralelo entre Cristo e uma divindade pagã, o resultado seria surpreendente para quem imaginasse que ambos são verdadeiramente similares. Por exemplo, em um debate sobre a ressurreição entre William Lane Craig e Robert Price, Price alegou que os milagres de Jesus foram derivados de histórias mitológicas de cura, como aquelas concernentes a Esculápio/Asclépio (divindade greco-romana da medicina e cura). Craig insistiu que Price lesse uma passagem das fontes primárias, demonstrando o paralelo proposto. O que foi lido simplesmente não tinha semelhança verdadeira com os milagres de cura de Jesus descritos nos evangelhos. Era a melhor prova de que **as histórias não eram genealogicamente relacionadas.**

William Lane Craig afirmou que **aqueles que persistem com supostos paralelos entre Cristo e mitologia são aqueles que agora "nadam contra o consenso acadêmico".** No caso de Kevin, não cristãos diziam que ele estava "trabalhando duro para salvar sua religião", mas tal argumento se reverte contra os próprios não cristãos. Tais pessoas nem sequer devem ter lido as fontes primárias.

Sendo assim, qualquer um que persista com tal objeção contra o cristianismo tem um fardo de prova para carregar. Seria necessário **provar que as narrativas são paralelas. Mais ainda, seria necessário provar que são conectadas de forma causal.** Tal fardo deve ser carregado para que a objeção seja levada a sério.

2.6.7.2. DIFERENÇAS MARCANTES ENTRE RELIGIÕES PAGÃS E O CRISTIANISMO

Uma avaliação correta sobre a comparação entre religiões pagãs e o cristianismo não pode ter em vista apenas as similaridades, mas também as diferenças. **É um princípio do Departamento de Tesouro americano que cópias falsificadas de moeda são rejeitadas pelas diferenças com as verdadeiras, e não pelas similaridades**. Com esse princípio em mente, as similaridades percebidas, por si só, não são suficientes para igualar ou ligar as origens da Bíblia a religiões pagãs.

Em seu livro "The Gospel and the Greeks", páginas 112-115, Ronald H. Nash resumiu os traços básicos das religiões pagãs misteriosas. Os "mistérios" significam os cultos secretos da antiguidade greco-romana permeados por orientalismo:

- Central para os mistérios era o ciclo anual de vegetação, onde a vida se renova a cada primavera e morre a cada outono. Os cultos fundaram significados simbólicos e espirituais no processo natural de crescimento, morte, decadência e renascimento;

- Muitas religiões de mistério envolviam cerimônias secretas, às vezes em conexão com um rito de iniciação, com conhecimento esotérico revelado ao participante;

- Um elemento básico era o mito em que a divindade morre ou "desaparece" e, em seguida, "retorna" ou "revive" ou "reaparece" ou é "restaurada", e triunfa sobre inimigos;

- Ao contrário dos primeiros cristãos, os mistérios tinham pouca utilidade para a doutrina correta ou crença: eles eram primariamente preocupados com o **estado emocional** de seus seguidores e apelavam à imaginação;

- O objetivo imediato era uma experiência mística ou religiosa, a fim de alcançar a união com seu deus, ou obter alguma outra forma de algum tipo de "salvação" da alma, ou imortalidade, ou deificação.

Alguma dessas coisas corresponde com o cristianismo? Não.

As religiões pagãs greco-romanas achavam a ressurreição corpórea difícil de aceitar. O homem foi considerado como um corpo com uma alma, mas frequentemente se acreditava que a alma é que sobreviveria à morte. A dissolução do corpo era considerada como inevitável. **Essa visão do homem é bem diferente do Antigo Testamento, onde o homem é considerado como um "corpo animado" – uma unidade de corpo e alma, não uma dualidade:**

> Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente. (*Gênesis 2:7, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Todos vão para o mesmo lugar; vieram todos do pó, e ao pó todos retornarão. Quem pode dizer se o fôlego do homem sobe às alturas e se o fôlego do animal desce para a terra? (*Eclesiastes 3:20-21, "Nova Versão Internacional"*).
>
> o pó volte à terra, de onde veio, e o espírito volte a Deus, que o deu. (*Eclesiastes 12:7, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Não tenham medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Antes, tenham medo daquele que pode destruir tanto a alma como o corpo no inferno. (*Mateus 10:28, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Que o próprio Deus da paz os santifique inteiramente. Que todo o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam preservados irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. (*1 Tessalonicenses 5:23, "Nova Versão Internacional"*).

Da mesma forma, **as ideias greco-romanas de "ressurreição" foram bastante diferentes do conceito cristão:**

Mas alguém pode perguntar: "Como ressuscitam os mortos? Com que espécie de corpo virão?" Insensato! O que você semeia não nasce a não ser que morra. Quando você semeia, não semeia o corpo que virá a ser, mas apenas uma simples semente, como de trigo ou de alguma outra coisa. Mas Deus lhe dá um corpo, como determinou, e a cada espécie de semente dá seu corpo apropriado. Nem toda carne é a mesma: os homens têm uma espécie de carne, os animais têm outra, as aves outra, e os peixes outra. Há corpos celestes e há também corpos terrestres; mas o esplendor dos corpos celestes é um, e o dos corpos terrestres é outro. Um é o esplendor do sol, outro o da lua, e outro o das estrelas; e as estrelas diferem em esplendor umas das outras. Assim será com a ressurreição dos mortos. **O corpo que é semeado é perecível e ressuscita imperecível; é semeado em desonra e ressuscita em glória; é semeado em fraqueza e ressuscita em poder; é semeado um corpo natural e ressuscita um corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual.** Assim está escrito: "O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente"; o último Adão, espírito vivificante. **Não foi o espiritual que veio antes, mas o natural; depois dele, o espiritual. O primeiro homem era do pó da terra; o segundo homem, dos céus. Os que são da terra são semelhantes ao homem terreno; os que são dos céus, ao homem celestial. Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial. Irmãos, eu lhes declaro que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem o que é perecível pode herdar o imperecível. Eis que eu lhes digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se revista de imortalidade.** Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: "A morte foi destruída pela vitória." "Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?" (*1 Coríntios 15:35-55, "Nova Versão Internacional"*).

E deu-lhe autoridade para julgar, porque é o Filho do homem. Não fiquem admirados com isto, pois está chegando a hora em que **todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados.** Por mim mesmo, nada posso fazer; eu julgo apenas conforme ouço, e o meu julgamento é justo, pois não procuro agradar a mim mesmo, mas àquele que me enviou. (*João 5:27-30, "Nova Versão Internacional"*).

A nossa cidadania, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Pelo poder que o capacita a colocar todas as coisas debaixo do seu domínio, **ele transformará os nossos corpos humilhados, tornando-os semelhantes ao seu corpo glorioso.** (*Filipenses 3:20-21, "Nova Versão Internacional"*).

O deus "grego" maior em que se acreditava que tinha morrido e depois revivido foi Dionísio, mas ele é reconhecido como sendo de origem não grega. Quando ele foi introduzido nos "mistérios órficos" o resultado foi uma crença em "transmigração das almas", e não no sentido próprio de ressurreição. Nas "religiões de mistério" posteriores, a ressurreição foi muitas vezes referida, **mas apenas em um sentido metafórico.**

Há diferenças marcantes entre crenças cristãs e crenças orientais: vários "deuses que morrem e renascem" foram associados com a morte e renascimento anual da vegetação. A maioria de tais deuses foi associada com uma deusa que lamentou a morte de seu favorito e ajudou sua "ressurreição" – exemplos são as histórias de Tamuz com Istar, Osíris com Ísis, Adonis com Afrodite e Átis com Cibele. **Com sua forte ênfase moral, a doutrina cristã é bastante diferente dos chamados "paralelos pagãos".**

As diferenças entre os deuses pagãos que "morrem e ressuscitam" e o significado da morte de Jesus são bastante claras. Em seu livro "The Gospel and the Greeks", páginas 160-161, Ronald H. Nash declarou:

- Nenhum dos tão chamados "deuses salvadores" morreram por alguém mais. **Jesus Cristo, como Filho de Deus, morreu no lugar de suas criaturas. Tal contexto é único do cristianismo;**

- **Apenas Jesus morreu na cruz pelo pecado, deuses pagãos nunca morreram por pecados**. Eles não foram crucificados (não há verdadeiramente "salvadores crucificados" além de Jesus), mas morreram violentamente por outros meios ("autoemasculação", "acidentes de caça", rasgados em pedaços por javalis selvagens, ou titãs, ou mulheres enlouquecidas, ou irmãos ciumentos, etc.);

- **Jesus morreu uma única vez e por todos.** Muitos dos deuses pagãos eram divindades da vegetação cujo ciclo repetido de "morte e renascimento" retratava o ciclo anual da natureza – era um drama mítico sem vínculos históricos;

- A antiga igreja cristã acreditava que a proclamação da morte de uma única vez de Jesus na cruz e sua ressurreição corpórea **estava fundada sobre o que realmente aconteceu na história;**

- Ao contrário dos deuses pagãos, **Jesus morreu voluntariamente;**

- **A morte de Jesus não foi uma derrota, mas um triunfo.**

As diferenças acima relacionadas são suficientes para demonstrar a singularidade do cristianismo e distinguir sua teologia das religiões não cristãs. A seguir, resumiremos a seção conclusiva de Ronald H. Nash sobre a fé cristã e as "religiões de mistério", demonstrando por que o cristianismo primitivo não é dependente dos vários cultos pagãos:

- Os argumentos relacionados a um "caso de sincretismo" ilustram falácias lógicas de primeira causa: **mera coincidência ou similaridade não prova a dependência ou conexão causal;**

- **Muitas alegadas similaridades entre o cristianismo e as "religiões de mistério" são exageradas ou simplesmente falsas –** não há verdadeiramente nenhum outro salvador crucificado e ressuscitado além de Jesus Cristo;

- **Jesus morreu uma única vez e por todos.** Como afirmamos acima, muitos dos deuses pagãos eram divindades da vegetação cujo ciclo repetido de "morte e renascimento" retratava o ciclo anual da natureza – era um drama mítico sem vínculos históricos;

- Muitas vezes a cronologia das alegações contra o cristianismo está errada: **muitas fontes de informação de supostos "paralelos cristãos" com religiões pagãs são muito tardias** (ou seja, pós-cristãs). Isso inclui Adonis (séculos 2 a 5 d.C.), Atis (século 5 d.C.), Mitra (tardio século 1 d.C. e adiante), o "crucificado" amuleto de Orfeu (século 3 ou 4 d.C., mas provavelmente uma farsa), a "ressurreição e ascensão" de Krishna (o texto completo conhecido do século 1 d.C.). **Eles são tardios demais para que os escritores do Novo Testamento pudessem ter tido suas influências;**

- **O completo desenvolvimento das "religiões de mistério" ocorreu no século 2 d.C. e adiante** (com exceção do deus "grego" Dionísio) e deve-se distinguir entre as diferentes formas de culto – as últimas formas não são necessariamente presentes nas formas mais antigas;

- **Os apóstolos não teriam tomado conceitos das religiões pagãs, uma vez que seus treinamentos e pano de fundo estavam no judaísmo. Eles rejeitaram as especulações do sincretismo e do gnosticismo;**

- Muitos paralelos reais existentes refletem uma influência cristã ascendente sobre os sistemas pagãos de "deuses que morrem e ressuscitam", e não vice-versa. Além disso, **uma vez que Jesus, seus apóstolos, e muitos de seus primeiros discípulos eram todos judeus, as raízes doutrinárias do cristianismo, rituais e liturgia residem no judaísmo, não no paganismo;**

- **O cristianismo é uma religião monoteísta (um Deus trino) e uma fé exclusiva com um corpo bem definido de doutrina.** A religião egípcia, por exemplo, em significante contraste, tem diferentes histórias para um mesmo deus;

- **A religião dos apóstolos e seus sucessores foi fundamentada em eventos que realmente aconteceram na história, em um determinado lugar e tempo** (a vida, a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus de Nazaré). **O misticismo e a mitologia dos cultos de mistérios eram essencialmente não históricos.**

2.6.7.3. ALGUMAS RELIGIÕES PAGÃS PROVAVELMENTE TOMARAM ELEMENTOS DO CRISTIANISMO

Em seu livro "Drugery Divine: On the Comparison of Early Christianities and the Religions of Late Antiquity", Jonathan Z. Smith afirmou:

> [...] agora é mantido que a maioria dos deuses assim denotados [referindo-se aos deuses que "morrem e ressuscitam"] **parecem ter morrido, mas não retornaram; há morte, mas não renascimento ou ressurreição.** Alega-se que a evidência para a ressurreição aparente desses deuses, **a evidência na qual os estudiosos anteriores confiaram, pode ser mostrada como sendo baseada numa interpretação incorreta dos documentos, ou em textos tardios da era cristã (frequentemente por cristãos) que revelam uma *interpretatio christiana* [ou seja, uma adaptação de elementos não cristãos de cultura ou fatos históricos à visão de mundo do cristianismo] de mitos e rituais de outras religiões, ou um empréstimo das ideias cristãs, em um estágio tardio, pelas próprias religiões [pagãs]** [...] [78].

Depois dessa parte de seu livro, Smith brevemente abordou Mitra, Marduque, Tamuz, Kore, Osíris, Adonis, Atis e Cibele nas páginas 101 e 102. Após isso, ele prosseguiu da seguinte forma:

> Embora essas conclusões negativas não tenham estado sem desafios pelos estudiosos da antiguidade tardia [ver especialmente o mais recente "The Riddle of Resurrection" de T. N. D Mettinger (2001)] [...] [elas] representam uma **verdadeira inversão no pensamento acadêmico.** O que era visto como mais "primitivo" – um mito e padrão ritual de divindades de "morte e ressurreição" que, em última análise, eram baseados no sacrifício humano ou assassinato ritual em relação à fertilidade da vegetação – **acabou por ser um desenvolvimento muito tardio do terceiro ou quarto século nos mitos e rituais dessas divindades** [...]; [estudiosos] ignorando sua própria insistência reiterada quando o mito e complexo ritual pareceu arcaico, e que **as analogias não resultam em genealogias, agora ansiosamente afirmam o que até então era negado: que as semelhanças demonstram que os cultos mediterrâneos tomaram elementos emprestados do culto cristão** [79].

Bruce Metzger, um dos grandes estudiosos e críticos textuais do Novo Testamento, foi citado por Ronald Nash a respeito da "verdadeira inversão no pensamento acadêmico", ou seja, a ideia de que foram algumas religiões pagãs que tomaram elementos emprestados do cristianismo:

> Não deve ser assumido de maneira não crítica que os "mistérios" sempre influenciaram o cristianismo, **pois não somente é possível, mas é provável que, em certos casos, a influência se moveu na direção oposta** [...]. **Ao contrário das divindades dos "mistérios", as quais eram figuras nebulosas de um passado imaginário, o ser divino a quem o cristão adorava como Senhor foi conhecido como uma pessoa real na Terra, pouco tempo antes dos primeiros documentos do Novo Testamento terem sido escritos** [80].

2.6.8. AQUI ESTEVE UM HOMEM

Então, os historiadores acreditam que Jesus foi um homem ou um mito?

Historiadores consideram tanto Alexandre, o Grande, quanto Jesus Cristo como homens de verdade. No entanto, a evidência de manuscritos para Jesus é muito maior, centenas de anos mais próxima de sua vida do que os escritos históricos de Alexandre estão da vida dele. Além disso, o impacto histórico de Jesus Cristo excede em muito ao de Alexandre.

Historiadores citam as seguintes evidências para a existência de Jesus:

- Descobertas arqueológicas continuam a verificar os relatos dos evangelhos de pessoas e lugares que eles registram, tais como Pilatos, Caifás e a existência da Nazaré do primeiro século;

- Milhares de escritos históricos documentam a existência de Jesus. Cerca de quarenta e dois autores em um prazo de 150 anos depois da vida de Jesus o mencionam em seus escritos, incluindo nove fontes não cristãs. Durante esse mesmo período de tempo, apenas nove autores seculares mencionam Tibério César. Apenas cinco fontes relatam as conquistas de Júlio César. No entanto, nenhum historiador nega a existência desses césares [81];

- Historiadores, tanto seculares quanto religiosos, prontamente reconhecem que Jesus Cristo tem influenciado o nosso mundo mais do que qualquer outra pessoa.

Depois de investigar a teoria Cristo-mito, o grande historiador mundial Will Durant concluiu que, **ao contrário dos deuses da mitologia, Jesus foi uma pessoa real** [82].

O historiador Paul Johnson afirmou que **todos os estudiosos sérios reconhecem Jesus como real** [83].

O historiador ateu Michael Grant escreveu: "Resumindo, **modernos métodos críticos não conseguem suportar a teoria Cristo-mito.** Ela tem sido vez após vez respondida e aniquilada por estudiosos de primeira categoria" [84].

Talvez o historiador não cristão H. G. Wells tenha colocado o assunto sobre a existência de Jesus Cristo da melhor forma: **"Aqui esteve um homem. Essa parte do conto não poderia ter sido inventada"** [85].

2.7. JESUS FOI REINVENTADO (COMO EM O CÓDIGO DA VINCI)? [86]

O "Código Da Vinci" tem a premissa de que Jesus Cristo foi reinventado para fins políticos, e isso ataca o próprio fundamento do cristianismo. Seu autor, Dan Brown, declarou em televisão nacional que, embora o enredo seja fictício, acredita que seu relato da identidade de Jesus é verdadeiro. Então, qual é a verdade? Vamos verificar adiante:

- Jesus teve um casamento secreto com Maria Madalena?
- A divindade de Jesus foi inventada por Constantino e pela Igreja?
- Os registros originais de Jesus foram destruídos?
- Manuscritos não considerados bíblicos falam a verdade sobre Jesus?

Será que uma conspiração gigantesca resultou na reinvenção de Jesus? De acordo com o livro e o filme "O Código Da Vinci", é exatamente isso o que aconteceu. Várias das afirmações do livro sobre Jesus revolvem em torno de conspiração. Por exemplo, o livro afirma:

> Ninguém está dizendo Cristo era uma fraude, ou negando que ele andou na Terra e inspirou milhões de pessoas a uma vida melhor. Tudo o que estamos dizendo é que Constantino se aproveitou de influência e importância substancial de Cristo. E, ao fazê-lo, ele moldou a face do cristianismo como a conhecemos hoje [87].

Poderia essa afirmação chocante do livro *best-seller* de Dan Brown ser verdade? Ou a premissa por trás dele é apenas o material de um bom romance de conspiração? De qualquer maneira, a história é convincente. Não é de admirar que o livro de Brown se tornou uma das histórias mais vendidas da década.

2.7.1. A CONSPIRAÇÃO SOBRE JESUS

O "Código Da Vinci" começa com o assassinato de um curador de museu, um francês chamado Jacques Sauniere. Um estudioso e professor de Harvard e uma criptóloga francesa são comissionados para decifrar uma mensagem deixada pelo curador antes de sua morte. A mensagem acaba por revelar a conspiração mais profunda na história da humanidade: um encobrimento da verdadeira mensagem de Jesus Cristo por um braço secreto da Igreja Católica Romana chamado "Opus Dei".

Antes de sua morte, o curador tinha evidências que contestavam a divindade de Cristo. De acordo com o enredo, apesar de a "Igreja" ter tentado durante séculos suprimir as evidências, grandes pensadores e artistas tinham plantado pistas em todos os lugares: em pinturas como a "Mona Lisa" e "A Última Ceia" de Leonardo da Vinci, na arquitetura das catedrais, e mesmo em desenhos da Disney. As principais alegações do livro são estas:

- O imperador romano Constantino conspirou para deificar Jesus Cristo;
- Constantino pessoalmente selecionou os livros do Novo Testamento;
- Os evangelhos gnósticos foram banidos pelos homens para que as mulheres fossem suprimidas;
- Jesus e Maria Madalena foram casados secretamente e tiveram um filho;

- Milhares de documentos secretos contestam pontos chave do cristianismo.

Brown revelou sua conspiração por meio do especialista fictício do livro, o historiador real britânico Sir Leigh Teabing. Apresentado como um estudioso velho e sábio, Teabing revelou à criptóloga Sophie Neveu que, no Concílio de Niceia em 325 d.C., "muitos aspectos do cristianismo foram debatidos e votados", inclusive a divindade de Jesus.

> "Até aquele momento da história", diz ele, "Jesus era visto pelos seus seguidores como um profeta mortal [...] um grande e poderoso homem, mas um homem, não obstante." Neveu fica chocada. "Não é o Filho de Deus?", ela pergunta. Teabing explica: "O estabelecimento de Jesus como o 'Filho de Deus' foi oficialmente proposto e votado no Concílio de Niceia." "Espere um momento. Você está dizendo que a divindade de Jesus foi o resultado de uma votação?" "E por uma diferença relativamente pequena", Teabing diz à criptóloga surpresa [88].

Assim, de acordo com Teabing, Jesus não era considerado como Deus até o Concílio de Niceia em 325 d.C., quando os "registros verdadeiros de Jesus" alegadamente teriam sido banidos e destruídos. Assim, de acordo com a teoria, todo o fundamento do cristianismo se baseia em uma mentira.

O "Código Da Vinci" vendeu sua história bem, atraindo comentários dos leitores, tais como: "Se não fosse verdade não poderia ter sido publicado!" Outro disse que "nunca mais colocaria os pés em uma igreja novamente". Um revisor do livro o elogiou por sua "pesquisa impecável" [89]. Bem convincente para uma obra fictícia.

Vamos aceitar por enquanto que a proposta de Teabing possa ser verdade. Por que, nesse caso, o Concílio de Niceia decidiria promover Jesus à divindade?

> "Era tudo sobre poder", Teabing continua. "Cristo como Messias foi fundamental para o funcionamento da Igreja e do estado. Muitos estudiosos afirmam que a igreja primitiva literalmente roubou Jesus de seus seguidores originais, sequestrou sua mensagem humana, envolvendo-a em um manto impenetrável de divindade, e a usou para expandir seu próprio poder" [90].

Em muitos aspectos, o "Código Da Vinci" é a melhor teoria da conspiração imaginável. Se afirmações de Brown estiverem corretas, temos sido enganados – pela Igreja, pela história e pela Bíblia. Talvez até mesmo por aqueles que mais confiamos: nossos pais ou professores. E foi tudo por causa de uma tomada de poder.

Apesar de o "Código Da Vinci" ser ficção, baseia grande parte da sua premissa em eventos reais (o Concílio de Niceia), pessoas reais (Constantino e Ário) e documentos reais (os evangelhos gnósticos). Se quisermos chegar ao fundo da conspiração, devemos abordar as acusações de Brown e **separar o fato da ficção.**

2.7.2. CONSTANTINO E O CRISTIANISMO

Nos séculos anteriores ao reinado de Constantino sobre o Império Romano, os cristãos foram severamente perseguidos. Mas então, enquanto enraizado na guerra, Constantino relatou ter visto uma imagem brilhante de uma cruz no céu com a inscrição "conquiste por isto". Ele marchou para a batalha sob o sinal da cruz e assumiu o controle do império.

A aparente conversão de Constantino ao cristianismo foi um divisor de águas na história da Igreja. Roma se tornou um "império cristão". Pela primeira vez em quase 300 anos, era relativamente seguro, e até legal, ser um cristão.

Não mais os cristãos eram perseguidos por sua fé. Constantino então procurou unificar seus impérios ocidental e oriental, os quais tinham sido gravemente divididos por cismas, seitas e cultos, centralizando-se mais em torno da questão da identidade de Jesus Cristo.

Existem alguns miolos de verdade no "Código Da Vinci", e miolos de verdade são um pré-requisito para qualquer teoria da conspiração bem-sucedida. Porém, a trama do livro torna Constantino em um conspirador. Então, vamos abordar uma questão-chave levantada pela teoria de Brown: Constantino inventou a doutrina cristã da divindade de Jesus?

2.7.3. DEIFICANDO JESUS

Para responder à acusação de Brown, devemos primeiro determinar o que os cristãos em geral acreditavam antes que Constantino convocasse o concílio em Niceia.

Os cristãos têm estado adorando a Jesus como Deus desde o primeiro século. No entanto, no quarto século, um líder de uma igreja do leste, Ário, lançou uma campanha para defender a unidade de Deus. Ele ensinou que Jesus era um ser especialmente criado, maior do que os anjos, mas não era Deus. Atanásio e a maioria dos líderes das igrejas, por outro lado, estavam convencidos de que Jesus era Deus em carne.

Constantino queria resolver a disputa, esperando trazer a paz a seu império, unindo as divisões leste e oeste. Assim, em 325 d.C., ele convocou mais de 300 bispos em Niceia (hoje parte da Turquia) de todo o "mundo cristão". A questão crucial foi: a igreja primitiva acreditou que Jesus era o criador ou meramente uma criação – Filho de Deus ou filho de um carpinteiro?

Então, o que os apóstolos ensinam sobre Jesus? A partir de suas próprias primeiras declarações, eles o consideravam como Deus. Cerca de 30 anos após a morte e ressurreição de Jesus, Paulo escreveu aos filipenses que Jesus era Deus em forma humana (Filipenses 2:6-7). E João, uma testemunha ocular próxima, confirmou a divindade de Jesus na seguinte passagem:

> No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. (*João 1:1-4, "Nova Versão Internacional"*).

> Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. (*João 1:14, "Nova Versão Internacional"*).

Essas passagens de João capítulo 1 foram descobertas em um manuscrito antigo datado de 175-225 d.C. (o Papiro P66). Assim, Jesus foi claramente mencionado como Deus mais de cem anos antes de Constantino convocar o Concílio de Niceia. Vemos agora que a evidência de manuscrito contradiz afirmação do "Código Da Vinci" de que a divindade de Jesus foi uma invenção do quarto século.

Mas o que a história nos diz sobre o Concílio de Niceia? Brown afirmou em seu livro, por meio do personagem Teabing, que a maioria dos bispos em Niceia anulou a crença de Ário de que Jesus era um "profeta mortal" e adotou a doutrina da divindade de Jesus por "uma pequena diferença nos votos". Verdadeiro ou falso?

Na realidade, o voto foi esmagador: **apenas dois dos 318 bispos divergiram sobre a divindade de Cristo.** Enquanto Ário acreditava que somente o Pai era Deus e que Jesus era sua criação suprema, o conselho, com base nas Escrituras, concluiu que Jesus e o Pai eram da mesma essência divina.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo foram considerados distintos, coexistentes, pessoas coeternas, mas um só Deus. Essa doutrina de um só Deus em três pessoas se tornou conhecida como "credo niceno". No entanto, é verdade que Ário era persuasivo e teve uma influência considerável. A votação esmagadora veio depois de um debate considerável. No final, o conselho esmagadoramente declarou Ário como um herege, uma vez que o seu ensino contradizia o que os apóstolos tinham ensinado sobre a divindade de Jesus.

A história também confirma que Jesus consentiu publicamente com a adoração que recebeu de seus discípulos. E, como já vimos, Paulo e João ensinaram claramente que Jesus é Deus e é digno de adoração.

Desde os primeiros dias da igreja cristã, Jesus foi considerado como muito mais do que um mero homem, e muitos de seus seguidores o adoraram como Senhor – o criador do universo. Então, como poderia Constantino ter inventado a doutrina da divindade de Jesus se a Igreja o considerava como Deus há mais de 200 anos? O "Código Da Vinci" não aborda essa questão.

2.7.4. ATACANDO O CÂNON

O "Código Da Vinci" também declarou que Constantino suprimiu todos os documentos sobre Jesus que não se encontram em nosso atual cânon do Novo Testamento (o cânon é reconhecido como contendo relatos de testemunhas oculares autênticas dos apóstolos). Além disso, afirmou que os relatos do Novo Testamento foram alterados por Constantino e pelos bispos para reinventar Jesus. Outro elemento-chave da conspiração "Código Da Vinci" é que os quatro evangelhos do Novo Testamento foram compilados com passagens convenientes de um total de "mais de 80 evangelhos", a maioria dos quais foi supostamente suprimida por Constantino [91].

Há duas questões centrais aqui, e temos que abordar ambas. A primeira é se Constantino alterou ou tornou tendenciosa a seleção de livros do Novo Testamento. A segunda é se ele barrou documentos que deveriam ter sido incluídos na Bíblia. Para ambas as questões a resposta é não, sendo que abordamos a questão do cânon no segundo estágio deste estudo (integridade).

Em relação à primeira questão, cartas e documentos escritos por líderes das igrejas do segundo século, e também por hereges, confirmam a ampla utilização dos livros do Novo Testamento. Cerca de 200 anos antes de Constantino convocar o Concílio de Niceia, o herege Marcião listou 11 dos 27 livros do Novo Testamento como sendo os autênticos escritos dos apóstolos. E, quase ao mesmo tempo, outro herege, Valentino, aludiu a uma grande variedade de temas e passagens do Novo Testamento. Uma vez que esses dois hereges eram adversários da liderança da igreja primitiva, eles não estavam escrevendo exatamente o que os bispos queriam. No entanto, como a igreja primitiva, eles ainda se referiram aos mesmos livros do Novo Testamento que lemos hoje.

Assim, se o Novo Testamento já estava amplamente em uso 200 anos antes de Constantino convocar o Concílio de Niceia, como o imperador o poderia ter inventado ou alterado? Nessa época, as igrejas foram generalizadas e abrangeram centenas de milhares, senão milhões, de cristãos, os quais estavam familiarizados com os relatos do Novo Testamento.

Em seu livro "The Da Vinci Deception", uma análise do "Código da Vinci", o Dr. Erwin Lutzer comentou:

> **Constantino não decidiu quais os livros que estariam no cânon; de fato, o tema do cânon nem sequer chegou ao Concílio de Niceia. Por esse tempo a igreja primitiva estava lendo um cânon dos livros que tinha determinado como a Palavra de Deus duzentos anos antes** [92].

Embora o "cânon oficial" ainda estivesse a anos de ser finalizado, o Novo Testamento de hoje foi considerado autêntico mais de dois séculos antes do Concílio de Niceia.

Isso nos leva ao nosso segundo problema: por que os tais evangelhos gnósticos misteriosos foram destruídos e excluídos do Novo Testamento? No livro, Teabing afirmou que os escritos gnósticos foram eliminados a partir de 50 Bíblias autorizadas e comissionadas por Constantino no conselho. Ele animadamente disse a Neveu:

> Porque Constantino aumentou o status de Jesus quase quatro séculos depois de Jesus morrer, e milhares de documentos já existiam narrando sua vida como um homem mortal. Para reescrever os livros históricos, Constantino sabia que iria precisar de um golpe ousado. Disso surgiu o momento mais profundo da história cristã. [...] Constantino comissionou e financiou uma nova Bíblia, a qual omitiu aqueles evangelhos que falavam dos traços humanos de Cristo e embelezou aqueles evangelhos que faziam dele um deus. Os evangelhos anteriores foram proibidos, reunidos e queimados [93].

São esses escritos gnósticos a verdadeira história de Jesus Cristo? Vamos dar uma olhada mais profundamente para ver se podemos separar a verdade da ficção.

2.7.5. SUPOSTOS CONHECEDORES SECRETOS

Os tais "evangelhos secretos" são atribuídos a um grupo conhecido como "gnósticos". Seu nome vem da palavra grega *gnosis*, a qual significa "conhecimento". Essas pessoas pensavam que tinham conhecimento secreto e especial escondido de pessoas comuns.

Dos 52 escritos gnósticos, apenas cinco são realmente listados como "evangelhos". Esses tão chamados "evangelhos" são marcadamente diferentes dos evangelhos do Novo Testamento: Mateus, Marcos, Lucas e João. Abordamos esse tema no segundo estágio deste estudo (integridade).

Conforme o cristianismo se espalhava, os gnósticos misturaram algumas doutrinas e elementos do cristianismo em suas crenças, transformando o gnosticismo num falso cristianismo. Talvez o fizeram para manter os seus números de recrutamento e para fazer de Jesus um "garoto propaganda" para sua causa. No entanto, para o seu sistema de pensamento se encaixar com o cristianismo, Jesus precisava ser reinventado, despojado de sua humanidade e de sua divindade absoluta.

Na obra "The Oxford History of Christianity", John McManners escreveu sobre a mistura gnóstica de crenças cristãs e crenças míticas:

> O gnosticismo foi (e ainda é) uma teosofia com muitos ingredientes. Ocultismo e misticismo oriental se fundiram com a astrologia, magia. [...] Eles [os gnósticos] coletaram palavras de Jesus alteradas para se encaixar em suas próprias interpretações (como no "Evangelho de Tomé"), e ofereceram a seus adeptos uma forma alternativa ou rival do cristianismo [94].

2.7.6. CRÍTICOS ANTIGOS

Ao contrário das afirmações de Brown, não foi Constantino que marcou as crenças gnósticas como heréticas – foram os próprios apóstolos. Uma filosofia pré-gnóstica já estava crescendo no primeiro século, apenas décadas depois da morte de Jesus. Os apóstolos, no seu ensino e escritos, fizeram um grande esforço para condenar essas crenças como sendo opostas à verdade de Jesus, da qual eles foram testemunhas oculares. Observe, por exemplo, o que o apóstolo João escreveu perto do fim do primeiro século:

> Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo: aquele que nega o Pai e o Filho. (*1 João 2:22, "Nova Versão Internacional"*).

Seguindo o ensinamento dos apóstolos, os líderes das igrejas primitivas condenaram unanimemente os gnósticos. O "pai da igreja" Irineu, escrevendo 140 anos antes do Concílio de Niceia, confirmou que os gnósticos foram condenados pela Igreja como hereges. Ele também rejeitou os seus "evangelhos". No entanto, referindo-se aos quatro evangelhos do Novo Testamento, ele disse: "Não é possível que os evangelhos possam ser mais ou menos numerosos do que já são" [95].

O teólogo cristão Orígenes escreveu isto a mais de cem anos antes de Niceia:

> Eu sei de um certo evangelho que é chamado de "o evangelho de acordo com Tomé" e um "Evangelho de Matias", e muitos outros temos lido – a fim de que não devamos, de forma alguma, ser considerados ignorantes por causa daqueles que imaginam que possuem algum conhecimento se estão familiarizados com eles. No entanto, entre todos esses [evangelhos] que temos aprovado, estão apenas os que a Igreja tem reconhecido, os quais são apenas quatro evangelhos que devem ser aceitos [96].

Aí temos as palavras de um líder altamente respeitado da igreja primitiva. Os gnósticos eram reconhecidos como um culto não cristão bem antes do Concílio de Niceia. Mas há mais evidências pondo em dúvida as alegações feitas no "Código Da Vinci".

2.7.7. QUEM É SEXISTA?

Brown sugeriu que um dos motivos para o alegado banimento dos escritos gnósticos da parte de Constantino era um desejo de suprimir as mulheres nas igrejas. Ironicamente, é o evangelho gnóstico de Tomé que humilha as mulheres. Estudamos sobre esse "evangelho" no segundo estágio deste estudo (integridade). Ele registrou (supostamente citando Pedro) esta declaração de arregalar os olhos: "Que Maria vá para longe de nós, porque as mulheres não são dignas da vida" [97]. Em seguida, Jesus supostamente disse a Pedro que ele vai fazer de Maria um homem para que ela possa entrar no reino dos céus. Com sentimentos como esse em exposição, é difícil conceber os escritos gnósticos como um grito de guerra para a liberação das mulheres.

Em forte contraste, o Jesus dos evangelhos bíblicos sempre tratou as mulheres com dignidade e respeito. Versículos revolucionários como este, encontrado dentro do Novo Testamento, têm sido fundamentais para que as mulheres parassem de ser consideradas inferiores:

> Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus (*Gálatas 3:28, "Nova Versão Internacional"*).

> Todavia, no Senhor, a mulher não é independente do homem nem o homem é independente da mulher. Pois, assim como a mulher proveio do homem, também o homem nasce da mulher, mas todas as coisas provêm de Deus. (*1 Coríntios 11:11-12, "Nova Versão Internacional"*).

O sétimo estágio deste estudo (objeções) demonstra claramente que as acusações de que a Bíblia é "machista" estão equivocadas.

2.7.8. AUTORES MISTERIOSOS

Quando se trata dos evangelhos gnósticos, quase todo livro leva o nome de um personagem do Novo Testamento: "Evangelho de Filipe", "Evangelho de Pedro", "Evangelho de Maria", "Evangelho de Judas", e assim por diante. Esses são os livros em que as teorias da conspiração, como o "Código Da Vinci", se baseiam. Mas eles foram escritos por seus supostos autores?

Os evangelhos gnósticos são datados entre cerca de 110 a 300 anos depois de Cristo, e nenhum estudioso crível acredita que qualquer um deles poderia ter sido escrito por seus homônimos. No abrangente e compreensível "The Nag Hammadi Library" de James M. Robinson, aprendemos que os evangelhos gnósticos foram escritos por "autores em grande parte não relacionados e anônimos" [98]. O Dr. Darrell L. Bock, professor de estudos do Novo Testamento do Dallas Theological Seminary, escreveu:

> A maior parte desse material está a algumas gerações afastadas dos fundamentos da fé cristã, um ponto vital para se lembrar quando se avalia o conteúdo [99].

O estudioso do Novo Testamento Norman Geisler comentou sobre dois escritos gnósticos, o "Evangelho de Pedro" e "Atos de João" (esses escritos gnósticos não devem ser confundidos com os livros do Novo Testamento escritos por Pedro e por João):

> Os escritos gnósticos não foram escritos pelos apóstolos, mas por homens no segundo século (e adiante) fingindo usar a autoridade apostólica para avançar seus próprios ensinamentos**.** Hoje nós chamamos isso de fraude e falsificação [100].

Os evangelhos gnósticos não são relatos históricos da vida de Jesus. Em vez disso, são dizeres, em grande parte esotéricos, envoltos em mistério e deixando de fora detalhes históricos, tais como nomes, lugares e eventos. Isso está em flagrante contraste com os evangelhos do Novo Testamento, os quais contêm inúmeros fatos históricos sobre a vida, o ministério e as palavras de Jesus.

2.7.9. UMA SENHORA JESUS?

A parte mais suculenta da "conspiração Da Vinci" é a afirmação de que Jesus e Maria Madalena tiveram um casamento secreto que produziu um filho, perpetuando a sua linhagem. Além disso, o ventre de Maria Madalena levando à descendência de Jesus é apresentado no livro como o lendário "Santo Graal", um segredo muito bem mantido por uma organização católica chamada "Priorado de Sião". Sir Isaac Newton, Botticelli, Victor Hugo e Leonardo Da Vinci foram todos citados como membros.

Romance. Escândalo. Intriga. Grande material para uma teoria da conspiração. Mas é verdade? Vejamos o que os estudiosos dizem.

Um artigo da revista Newsweek, o qual resumiu opiniões de estudiosos, concluiu que a teoria em que Jesus e Maria Madalena foram casados secretamente não tem nenhuma base histórica [101]. A proposta colocada adiante pelo "Código Da Vinci" é construída principalmente em cima de um versículo solitário do "Evangelho de

Filipe" que indica Jesus e Maria eram companheiros. No livro, Teabing tentou construir um caso que a palavra grega para companheiros (*koinonos*) poderia significar cônjuge [102]. Mas a teoria de Teabing não é aceita pelos estudiosos.

Há também um único versículo no "Evangelho de Filipe" que afirma que Jesus beijou Maria. Cumprimentar amigos com um beijo (o qual aparece em algumas versões da Bíblia como "ósculo santo") era comum no primeiro século e não tinha nenhuma conotação sexual. Não há nenhum outro documento histórico para confirmar essa interpretação do "Código Da Vinci". Uma vez que o "Evangelho de Filipe" é um documento forjado, escrito 150-220 anos depois de Cristo por um autor desconhecido, sua declaração sobre Jesus não é historicamente confiável.

Talvez os gnósticos sentiram que o Novo Testamento fosse um pouco tímido em questões de romance e decidiram temperá-lo um pouco. Seja qual for a razão, esse versículo isolado e obscuro escrito dois séculos depois de Cristo não é muita base para criar uma teoria da conspiração. Interessante de ler, talvez, mas definitivamente não é história.

Quanto ao "Santo Graal" e o "Priorado de Sião", o relato fictício de Brown novamente distorceu a história. O lendário Santo Graal era, supostamente, o cálice de Jesus em sua última ceia, e não tinha nada a ver com Maria Madalena. E Leonardo da Vinci nunca poderia ter conhecido sobre o Priorado de Sião, uma vez que ele não foi fundado até 1956, 437 anos após a morte de Leonardo. Mais uma vez, interessante ficção, mas história falsa.

2.7.10. OS DOCUMENTOS SECRETOS

Mas e quanto à divulgação de Teabing de que "milhares de documentos secretos" provam que o cristianismo é uma farsa? Isso poderia ser verdade?

Se existissem tais documentos, os estudiosos que se opõem ao cristianismo teriam muita munição. Escritos fraudulentos que foram rejeitados pela igreja primitiva por terem visões heréticas não são secretos – são conhecidos há séculos. Não há surpresa nisso. Eles nunca foram considerados parte dos autênticos escritos dos apóstolos.

E se Brown (por meio do personagem Teabing) estiver se referindo aos "evangelhos" que narram a infância de Jesus, também está incorreto. Eles não são secretos, nem refutam o cristianismo. O estudioso do Novo Testamento Raymond Brown disse o seguinte sobre os evangelhos gnósticos:

> Nós não aprendemos nem um único fato novo verificável sobre o ministério do Jesus histórico, e apenas algumas novas palavras que possivelmente poderiam ter sido suas [103].

Ao contrário dos evangelhos gnósticos, cujos autores são desconhecidos e não foram testemunhas oculares, o Novo Testamento que temos hoje passou por vários testes de autenticidade. O contraste é devastador para aqueles que defendem as teorias da conspiração. O historiador do Novo Testamento F. F. Bruce escreveu:

> Não há corpo de literatura antiga do mundo que goze de tal riqueza de boa atestação textual como o Novo Testamento [104].

O estudioso do Novo Testamento Bruce Metzger revelou por que o "Evangelho de Tomé" não foi aceito pela igreja primitiva:

> Não é correto dizer que o "Evangelho de Tomé" foi excluído por alguma autorização formal por parte de um conselho. A forma correta para colocar a questão é: o "Evangelho de Tomé" excluiu a si mesmo! Ele não se harmoniza com outro testemunho sobre Jesus que os primeiros cristãos aceitaram como confiável [105].

2.7.11. O VEREDITO DA HISTÓRIA

Então, o que devemos concluir sobre as várias teorias da conspiração sobre Jesus Cristo? Karen King, professora de história eclesiástica em Harvard, tem escrito vários livros sobre os evangelhos gnósticos, incluindo "What Is Gnosticism?" e "The Gospel of Mary of Magdala". King, apesar de defender fortemente o ensino gnóstico,

concluiu: "Essas noções sobre a teoria da conspiração [...] são todas ideias marginais que não têm nenhuma base histórica" [106].

Apesar da falta de evidência histórica, teorias da conspiração ainda vendem milhões de livros e batem recordes de bilheteria. Estudiosos de áreas relacionadas, alguns cristãos e outros sem fé nenhuma, têm contestado as afirmações do "Código Da Vinci". No entanto, quem é facilmente influenciável ainda vai se perguntar: "Será que pode ser verdade, afinal?"

O premiado jornalista de televisão Frank Sesno perguntou a um júri de estudiosos históricos sobre o fascínio que as pessoas têm com as teorias da conspiração. O professor Stanley Kutler da universidade de Wisconsin respondeu: "Nós todos amamos mistérios – mas amamos conspirações ainda mais" [107].

Se você quiser ler uma grande teoria da conspiração sobre Jesus, o romance de Dan Brown chamado "Código Da Vinci" pode ser o que você procura. Mas se você quiser ler os relatos verdadeiros de Jesus Cristo, então Mateus, Marcos, Lucas e João vão trazer você de volta para o que as testemunhas viram, ouviram e escreveram. Em quem você prefere acreditar?

2.8. O CRISTIANISMO FOI FUNDADO NOS CONCÍLIOS DE NICEIA E CONSTANTINOPLA? [108]

Já investigamos algumas alegações sobre o cristianismo ter sido fundado no Concílio de Niceia ao examinarmos a possibilidade de Cristo ter sido reinventado em uma "conspiração Da Vinci". No entanto, como ainda há muitos que sustentam que Constantino foi o responsável pela fundação do cristianismo com o concílio niceno, o qual mais tarde foi revisado no concílio constantinopolitano, é importante examinar a questão mais a fundo.

Alega-se que somente nesses conselhos que pilares centrais da fé cristã, como a divindade de Cristo e a teologia da Trindade, foram devidamente formulados e estabelecidos como regra. Vejamos a seguir se isso é verdade.

O Concílio de Niceia foi realizado na cidade de Niceia da Bitínia (atual İznik, na Turquia) pelo imperador romano Constantino I, em 325 d.C. Essa foi a primeira tentativa de obter um consenso das igrejas por meio de uma assembleia. O Concílio de Constantinopla foi realizado em Constantinopla em 381 d.C., convocado por Teodósio I. Esse concílio reconfirmou o credo niceno com algumas modificações, tratando também de outros assuntos teológicos.

2.8.1. CRISTÃOS ADORAVAM CRISTO COMO DEUS ANTES DOS CONCÍLIOS

A divindade de Cristo não foi estabelecida nos concílios niceno e constantinopolitano. É impossível, tomando consciência das evidências disponíveis, considerar tais concílios como o ponto de partida para a ideia de Jesus ser Deus. Vejamos as evidências mais importantes:

1. **A evidência documental do Novo Testamento.**
2. **Os testemunhos mais antigos do Novo Testamento sobre a divindade de Cristo.**
3. **Os "pais da igreja", a Trindade e a divindade de Cristo.**
4. **O testemunho de não cristãos sobre os cristãos primitivos.**
5. **O testemunho do próprio Cristo.**
6. **Jesus não era apenas mais uma divindade romana.**

2.8.1.1. A EVIDÊNCIA DOCUMENTAL DO NOVO TESTAMENTO

Existem muitos manuscritos antigos do Novo Testamento que precedem os concílios em questão. Falamos sobre isso no segundo estágio deste estudo (integridade). Seria insanidade sugerir que tais documentos tenham

sido forjados e envelhecidos pelos romanos do século 4 d.C. simplesmente para embasar supostas aspirações de Constantino.

A quantidade disponível de manuscritos anteriores aos concílios niceno e constantinopolitano é evidência clara de que o cristianismo já era bastante antigo, bem estruturado, e detinha grande número de fiéis. No ano 100 d.C. já havia forte presença cristã na região de Roma, da Ásia Menor, da Palestina, da Grécia e do Norte da África. No ano 200 d.C., os cristãos estavam numerosamente presentes na Península Ibérica e no coração da França. Rodney Stark estimou que havia cerca 40.496 cristãos no ano 150 d.C., 217.795 no ano 200 d.C., 1.100.000 no ano 250 d.C., e 6.000.000 no ano 300 d.C. – antes dos concílios niceno e constantinopolitano (325 d.C. e 381 d.C., respectivamente). **Uma fé sem estrutura não atrairia tantos fiéis** [109].

O Evangelho de João, que é o evangelho que mais deixa clara a divindade de Cristo, também é o escrito que aparece em um dos mais antigos manuscritos conhecidos do Novo Testamento, o Papiro P52 datado do ano 125 d.C. Outros manuscritos antigos que abrangem os evangelhos, Atos dos Apóstolos, e as epístolas de Paulo, são os papiros de Chester Beatty, datados entre os séculos 2 e 3 d.C., e os papiros de Bodmer, datados entre os séculos 2 d.C. e 4 d.C.

Papias, bispo de Hierápolis falecido em 130 d.C., cujos textos foram preservados em escritos de Eusébio de Cesareia (263-340 d.C.), declarou a autoria apostólica e de pessoas ligadas aos apóstolos em documentos do Novo Testamento, como os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Isso significa que, segundo Papias, falecido antes da metade do século 2 d.C., os evangelhos foram escritos por pessoas muito próximas a Cristo, ou ligadas ao testemunho delas.

Cartas escritas por três "pais da igreja", Clemente, Inácio e Policarpo, entre 95 e 110 d.C., citam 25 dos 27 livros do Novo Testamento. Considerando que Clemente escreveu em Roma e Policarpo em Esmirna, centenas de quilômetros distantes um do outro, é altamente provável que o Novo Testamento tenha sido escrito muitos anos antes das cartas deles, pois, da redação dos documentos originais para uma circulação tão grande, abrangendo regiões tão distintas, foram necessárias algumas décadas. Isso significa que, **provavelmente, todos os livros do Novo Testamento foram escritos antes do ano 100 d.C.**

A ausência de menções a alguns dos eventos mais marcantes da história da igreja primitiva, como as mortes de Paulo e Pedro e a destruição do templo em Jerusalém, indica que muitos livros do Novo Testamento não podem ter sido redigidos depois de 70 d.C. Na verdade, alguns foram redigidos até mesmo antes: Paulo foi morto em cerca de 68 d.C., e o Livro de Atos dos Apóstolos, obra de Lucas, termina com Paulo e Tiago ainda vivos, sendo que Tiago morreu em cerca de 66 d.C. É evidente, com base nisso, que **Lucas escreveu Atos dos Apóstolos antes de 66 d.C.** Tendo em mente que o Evangelho de Lucas e o Livro de Atos dos Apóstolos constituem uma continuidade, podemos estar certos de que **o evangelho foi escrito algum tempo antes de Atos dos Apóstolos, por volta dos anos 60 d.C.** Apresentamos uma tabela com as prováveis faixas de datas de redação para os escritos bíblicos no segundo estágio deste estudo (integridade).

2.8.1.2. OS TESTEMUNHOS MAIS ANTIGOS DO NOVO TESTAMENTO SOBRE A DIVINDADE DE CRISTO

Trechos de epístolas do Novo Testamento escritos por Paulo provavelmente tenham incluído credos e hinos do início do cristianismo, os quais eram conhecidos antes das epístolas serem escritas – conhecimentos que ele transferiu para suas cartas.

O trecho de 1 Coríntios 15:3-8, por exemplo, é declarado como a transmissão de um conhecimento que Paulo recebeu sobre a ressurreição de Jesus, o qual possivelmente tenha sido formulado entre 18 meses e 8 anos após o evento. Filipenses 2:5-11 e Colossenses 1:15-20 parecem com antigos hinos da igreja primitiva, os quais teriam sido aprendidos por Paulo quando ele esteve em Jerusalém na década de 30 d.C. O prólogo de João 1:1-5 também soa como um antigo hino sobre a divindade de Cristo.

2.8.1.3. OS "PAIS DA IGREJA", A TRINDADE E A DIVINDADE DE CRISTO

Existem testemunhos de cristãos sobre documentos do Novo Testamento dos séculos 1 d.C. a 3 d.C. A divindade Cristo e referências à Trindade (Deus o Pai, Deus o Filho e o Espírito Santo) estão explícitas em diversos textos – especialmente textos referentes ao Evangelho de João e às epístolas de Paulo. Segue uma lista de alguns testemunhos:

- Clemente de Roma, 96 d.C.;
- Hermas, 150 d.C.;
- Irineu, 140-203 d.C.;
- O Cânon Muratoriano, 172 d.C.;
- A Antiga Versão Latina, anterior a 170 d.C.;
- Tertuliano, 150-222 d.C.;
- Inácio, 116 d.C.;
- Policarpo, 69-155 d.C.;
- Papias, 80-155 d.C.;
- O Didaquê, 120 d.C.;
- Melito, 170 d.C.;
- Teófilo de Antioquia, 115-188 d.C.;
- Justino Mártir, 100-165 d.C.;
- Clemente de Alexandria, 155-215 d.C.;
- Orígenes de Alexandria, 185-253 d.C.;
- Dionísio de Alexandria, 200-265 d.C.

O Novo Testamento é considerado em sua totalidade por meio desses testemunhos. **Apenas com citações dos "pais da igreja" é até mesmo possível reconstruir, pelo menos quase que totalmente, o Novo Testamento. Todas as bases para as formulações teológicas acerca da divindade de Cristo e da Trindade já estavam estabelecidas antes dos concílios niceno e constantinopolitano.**

2.8.1.4. O TESTEMUNHO DE NÃO CRISTÃOS SOBRE OS CRISTÃOS PRIMITIVOS

Naturalmente, não cristãos do início do cristianismo não creram na divindade de Cristo. No entanto, a importância de suas afirmações reside em como os cristãos adoravam Jesus como Deus e como eles criam na ressurreição **antes** dos concílios niceno e constantinopolitano.

Segundo relatos daqueles que observaram o movimento cristão nos séculos 1 d.C. e 2 d.C., é evidente que os cristãos eram considerados membros de uma religião centralizada em Cristo e que ele era adorado como Deus. **A crença na divindade de Cristo, portanto, estava viva desde as primeiras décadas da era cristã** [110], **bem antes dos concílios Niceno e Constantinopolitano.**

2.8.1.5. O TESTEMUNHO DO PRÓPRIO CRISTO

O próprio Jesus foi o primeiro a considerar a sua divindade. Se Jesus nada tivesse falado sobre ele ser o próprio Deus, a única explicação para essa forte fé estaria no enlouquecimento coletivo dos discípulos apenas alguns anos após a crucificação. A verdade é que Jesus declarou sua divindade em diversos momentos.

Segundo o acadêmico William Lane Craig, havia uma cristologia (o estudo da personalidade, história e doutrina de Cristo) bastante completa nas primeiras duas décadas após a ressurreição de Jesus. Segundo o historiador Jaroslav Pelikan, entre testemunhos que foram preservados até nossos dias, o sermão cristão mais antigo, o mais antigo relato sobre um mártir cristão, a mais antiga narrativa pagã sobre a Igreja, e a oração litúrgica mais antiga (1 Coríntios 16:22), são todas passagens que se referem a Jesus como Senhor e Deus. Ele declara: "Sem dúvida, era esta a mensagem em que a Igreja acreditava e que ensinava: que 'Deus' era um nome adequado para Jesus Cristo."

O mais antigo sermão cristão começa assim: "Irmãos, temos que pensar em Jesus Cristo como Deus, como juiz dos vivos e dos mortos. E não devemos subestimar nossa salvação; pois, quando a subestimamos, também esperamos receber menos." O mais antigo relato da morte de um mártir diz: "É impossível abandonarmos Cristo [...] ou adorar qualquer outro. Pois ele, sendo o Filho de Deus, o adoramos, mas valorizamos [...] os mártires." A mais antiga oração litúrgica da igreja primitiva afirma: "Vem, Senhor!" Por fim, o relato pagão mais antigo sobre a Igreja declara que os cristãos se reuniam antes da aurora "entoando um hino a Cristo como para um deus" [111].

2.8.1.6. JESUS NÃO ERA APENAS MAIS UMA DIVINDADE ROMANA

Muitos consideram que Jesus era apenas uma entre muitas outras divindades romanas do período, a qual teria sido adotada pelos cristãos e por Constantino. Porém, o cristianismo é uma religião monoteísta, principiada em Jerusalém, a qual, inicialmente, era vinculada ao judaísmo, o qual nada tinha a ver com o paganismo romano (os romanos até mesmo abriram uma exceção de culto aos judeus). **A adoração a Cristo era muito diferente da forma de adoração romana.**

2.8.2. O CRISTIANISMO ERA REJEITADO PELOS ROMANOS

O cristianismo não era visto com bons olhos por muitos pagãos do período. Sua prática gerava conflitos e perseguições, coisa que seria diferente caso fosse uma invenção romana para manipular as massas. Talvez fosse possível que um imperador romano desejasse apagar o cristianismo inserindo Jesus no panteão romano, mas os cristãos nunca aceitaram a comparação de Cristo com deuses pagãos.

De forma geral, podemos notar duas coisas interessantes em relatos pagãos:

- **O cristianismo era visto como um causador de problemas, não como um mecanismo de controle do povo;**

- **O culto cristão era tão desprezado pelos pagãos quanto os cristãos desprezavam o paganismo, evidenciando a impossibilidade de Jesus ter sido inventado pela aristocracia romana.**

É irônico como muitos dos ataques dos inimigos do cristianismo acabam se revertendo em evidências de que ele não pode ter sido invenção dos romanos.

Cristãos foram acusados de ateísmo:

> Os cristãos não tinham ídolos e no seu culto nada havia para ser visto. Seu culto era espiritual e interno. Quando se punham de pé e oravam de olhos fechados, suas orações não eram dirigidas a nenhum objeto visível. **Para as autoridades romanas, acostumadas às manifestações simbólicas de seus deuses, isso nada mais era do que ateísmo** [112].

Desde os primeiros séculos, o cristianismo mostrava-se detentor de uma identidade revolucionária, diferente de tudo o que havia existido até então, o que demonstra a sua autenticidade: não fazia uso de imagens de ídolos e de quem quer que fosse. Nesse sentido, vemos que os primeiros cristãos, não se prostrando mediante

nenhuma escultura ou imagem, desferiam um testemunho contra a idolatria romana e bárbara, e uma cisão enorme com relação a toda a espécie de culto anteriormente praticado. O Deus cristão era diferente dos deuses romanos. Para que os cristãos se comportassem dessa forma, considerando que as ofensas e provocações dos opositores eram muito incômodas a eles, é altamente improvável imaginar que o cristianismo tenha sido invenção romana. Além disso, para ter mais aceitação, nenhum inventor de religião iria atiçar o maior império do mundo dessa forma.

Cristãos foram acusados de deslealdade: os cristãos se recusavam a se associar ao sacrifício aos deuses pagãos, e os romanos os tinham como desleais. Somando-se o fato de que cristãos se reuniam secretamente em casas, romanos até mesmo sugeriram que eles conspiravam contra o estado romano [113].

Cristãos foram acusados de incesto, canibalismo e práticas desumanas:

> O sigilo dos encontros cristãos também suscitou ataques morais contra eles. [...] **O entendimento equivocado sobre o 'comer e beber' dos elementos que representavam o corpo e o sangue de Cristo [na celebração da Ceia do Senhor] geraram rumores de que os cristãos matavam e comiam crianças em sacrifício ao seu Deus. A expressão 'beijo da paz' [ou ósculo santo] foi logo transformada em acusações de incesto e outras formas de conduta imoral que causavam repugnância à 'sofisticada' mente romana. Pouca diferença fazia se esses boatos eram verdadeiros ou não** [114].

Esse é um tipo de discurso forçado que lembra muito algumas interpretações maliciosas, calúnias e falsos estereótipos aplicados ao cristianismo atualmente, o que abordamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena investigar a Bíblia?) e no sétimo estágio deste estudo (objeções).

Cristãos foram acusados de serem inimigos da humanidade:

> Os cristãos comumente eram odiados pelas autoridades e pelos nobres, uma vez que tendiam a se aproximar dos menos privilegiados – pobres e escravos. O discurso de defesa da igualdade de todos os homens apenas incendiava mais a oposição, em contraste ao paganismo romano, que insistia na estrutura aristocrática da sociedade e de privilegiados sendo servidos pelos pobres e escravos. Como os seguidores de Cristo se mantinham afastados dos templos pagãos, dos teatros e lugares de recreação, não aceitando os padrões sociais vigentes, e viviam de modo puro, desferindo um desprezo silencioso ao estilo de vida escandaloso dos nobres, **rapidamente foram classificados como pessoas que "odiavam a humanidade" e que podiam incitar as massas à revolta.** Ainda hoje os exigentes padrões morais que o verdadeiro cristianismo prega são produtores de muitos inimigos, os quais são incomodados com uma conduta pura que agride a imoralidade [115].

Cristãos foram acusados de ser a fonte dos problemas: para os romanos, a perseguição aos cristãos parecia uma "forma lógica de acabar com os problemas" que o império enfrentava no início da era cristã. O cristianismo, inicialmente, não era uma religião legalizada. O apelo para uma lealdade integral a Cristo incomodava as autoridades políticas. **O estilo de vida cristão, totalmente diferente do estilo tradicional apoiado pela aristocracia romana, requeria o abandono do culto pagão. Deduziu-se então que o abandono do culto e estilo de vida romano, além da evidente servidão a Cristo, parecia ser a causa da "ira dos deuses" que seria a "origem de todos os crescentes problemas imperiais"** do início da era cristã. Até pouco tempo antes de Constantino, a perseguição aos cristãos se baseou numa luta pela "salvação de Roma". No entanto, o ato de culpar os cristãos se resumiu apenas em uma espécie de fuga da responsabilidade romana sobre os ditos problemas, bem como na arrogante busca por uma explicação fácil para esses problemas, porém inverídica [116].

2.8.3. O DEBATE SOBRE A TRINDADE PRECEDE OS CONCÍLIOS

Jaroslav Pelikan trabalhou de modo exaustivo sobre o desenvolvimento do debate acerca da natureza de Cristo e da Trindade, deixando evidente que **ambos começaram muito antes do que os concílios niceno e constantinopolitano** [117].

Algumas das heresias mais antigas surgiram de desentendimentos sobre o assunto – alguns creram apenas na divindade de Cristo, outros não creram nela, enquanto outros creram na impossibilidade de Deus ser "um e três". Tais impasses levantaram muitos heresiarcas (fundadores, chefes ou defensores de seitas heréticas) e "patriarcas de igrejas". **O debate sobre esses impasses se desenvolveu sem qualquer realização de um concílio formal. Assim, os concílios niceno e constantinopolitano apenas trataram de refletir sobre aquilo que já estava em circulação e, então, emitir "decisões oficiais".**

Segundo Alister McGrath, até 325 d.C., ano do concílio niceno, as igrejas primitivas haviam chegado à conclusão que Jesus era "um em substância" com Deus. Esse "encorpar da cristologia" é o primeiro passo para o desenvolvimento das ideias sobre a Trindade. O debate cristológico patrístico (cristologia é o estudo de Cristo, e patrística é a teologia cristã trabalhada pelos primeiros "pais da igreja") pode ser resumido da seguinte forma [118]:

- **As escolas:** a escola de Alexandria tendia a enfatizar a divindade de Cristo, enquanto a escola de Antioquia enfatizou a humanidade dele;

- **Os debates:** Ário (250-336 d.C.) foi o responsável pela "controvérsia ariana" no século 4 d.C. Ele alegava que Cristo deveria ser considerado apenas uma criatura, mesmo que superior às demais. Na oposição, temos Atanásio, o qual sustentava a divindade de Cristo, sendo ela essencial para o entendimento acerca da salvação. Após um considerável debate, o arianismo foi tido esmagadoramente como heresia. Em seguida, desenvolveu-se o "debate apolinarista", o qual abordava ideias de Apolinário de Laodiceia (310-390 d.C.). Ele considerava que Cristo não poderia ser considerado totalmente humano. Apolinário recebeu oposição de autores como Gregório de Nazianzo, o qual afirmou que Jesus não poderia redimir a humanidade se não fosse, também, homem;

- **Os concílios:** o Concílio de Niceia (325 d.C.) foi convocado por Constantino especialmente para solucionar os desentendimentos cristológicos que desestabilizavam seu império. Nesse concílio, a controvérsia ariana teve seu fim, confirmando o que já estava sendo afirmado sobre a divindade de Cristo. O Concílio de Calcedônia (451 d.C.) reafirmou o concílio niceno e respondeu às "novas polêmicas" acerca da humanidade de Cristo surgidas depois de Niceia (325 d.C.).

McGrath também comentou brevemente sobre o desenvolvimento da doutrina da Trindade:

> Já havia algum debate sobre a Trindade desde antes de ser considerada a natureza divina de Cristo, mas foi natural a sua definição quando oficializada a ideia de que Jesus, mesmo diferente do Pai, era Deus. **A cristologia, como base para a definição mais clara da doutrina da Trindade, não foi resultado dos concílios niceno e constantinopolitano, mas foi o resultado de um período bastante longo de controvérsias e debates, não sendo, portanto, tais concílios os responsáveis pela formulação de suas doutrinas principais.**
>
> A ideia de Deus ser "um e três" foi estabelecida por debates cristológicos que culminaram com o Concílio de Niceia, sendo consolidada a doutrina da divindade do Espírito Santo como resultado disso. Atanásio e Basílio de Cesareia foram os maiores responsáveis por seu desenvolvimento. **Vale lembrar que a oficialização de doutrinas não indica o princípio delas – toda oficialização de uma doutrina cristã é resultado de um debate anterior.**
>
> A posição da igreja oriental sobre o assunto foi desenvolvida especialmente por Basílio de Cesareia (330-379 d.C.), Gregório de Nazianzo (329-389 d.C.) e Gregório de Nissa (330-396 d.C.), os "pais capadócios", os quais iniciaram suas reflexões sobre a Trindade por meio da observação das distintas formas pelas quais se experimenta a presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A posição da igreja ocidental, associada especialmente a Agostinho de Hipona, partiu da unidade de Deus, seguindo para as implicações do amor de Deus, a fim de compreendermos a sua natureza [119].

A doutrina da Trindade, portanto, já estava estabelecida antes dos concílios niceno e constantinopolitano.

2.8.4. CONSTANTINO INVENTOU O CRISTIANISMO?

É de se considerar que Constantino se converteu ao cristianismo em 312 d.C., antes do concílio niceno, o qual ocorreu em 325 d.C. Até mesmo a mãe dele já se dizia cristã antes disso. Não consideraremos os méritos do caráter e da conversão de Constantino, ou de sua mãe. No entanto, sabe-se que não havia lucro algum, em termos políticos, em ser adotado o cristianismo, pois era uma religião numericamente minoritária que havia sido perseguida com ferocidade.

É possível que Constantino tenha observado o comportamento dos cristãos, os quais eram propensos a servir, e viu nisso uma forma de produzir maior unidade no império. No entanto, ceder diante daqueles que representavam, talvez, um décimo da população, os quais eram muito hostilizados por quase todos, era desafiar as

instituições tradicionais – e isso não faz sentido se não considerarmos um real interesse de Constantino pela pessoa de Cristo.

O fato é que o concílio niceno não teve o aval de Constantino para formular uma nova religião, mas apenas para solucionar os problemas e as controvérsias existentes dentro daquela que agora era a religião oficial do Império Romano. Qualquer desordem dentro das igrejas prejudicava os negócios romanos. Para o imperador, era urgente que os cristãos entrassem em um consenso, **sendo que esse consenso não foi produto de uma invenção ocorrida durante o concílio, mas apenas um esclarecimento maior sobre aquela que já era a ortodoxia cristã há séculos** [120]. Posteriormente, o concílio constantinopolitano reconfirmou o credo niceno, em 381 d.C., com algumas modificações, além de tratar de outras questões teológicas.

Enfim, a teologia cristã se encontra na Bíblia. Portanto, desde quando o Novo Testamento foi concluído, todas as bases para o entendimento sobre a Trindade e a natureza de Cristo já estavam estabelecidas. Foi o Novo Testamento que possibilitou o debate sobre tais doutrinas, não os concílios niceno e constantinopolitano. O cristianismo e o Novo Testamento existem desde o primeiro século. Não há motivos para continuar compactuando com a ideia de que a fé cristã foi inaugurada no século 4 d.C., ou que foi somente ali que foram cogitados os principais pilares do entendimento cristão. **O cristianismo, tendo em vista o testemunho dos próprios romanos e dos primeiros cristãos, não pode ter sido uma invenção do imperador.**

2.8.5. E QUANTO AOS DEMAIS CONCÍLIOS?

Os primeiros concílios foram levantados por causa de debates sobre certos assuntos doutrinários, mas nenhum deles inventou o cristianismo. Muitos concílios lidaram com **questões da Igreja Católica.** O Novo Testamento já estava completo quando os concílios foram realizados (considerando o Concílio de Niceia, em 325 d.C., como o primeiro).

O Novo Testamento já ensinava que Cristo é Deus e já deixava clara a questão da Trindade. Ainda assim, muitos interpretavam doutrinas cristãs de forma diferente do ensino do Novo Testamento. De qualquer forma, **a doutrina cristã correta está na Bíblia, e os escritos bíblicos já estavam concluídos no primeiro século, muito antes do primeiro concílio.**

Os concílios foram:

1. **Niceia I:** 20/05 a 25/07 de 325 d.C. Assunto principal: "a confissão de fé contra o arianismo: igualdade de natureza do Filho com o Pai".

2. **Constantinopolitano I:** de maio a junho de 381 d.C. Assunto principal: "divindade do Espírito Santo".

3. **Éfeso:** 22/06 a 17/07 de 431 d.C. Assunto principal: "maternidade divina de Maria; contra Nestório; Maria, a mãe de Deus".

4. **Calcedônia:** 08/10 a 1/11 de 451 d.C. Assunto principal: "afirmação das duas naturezas na única pessoa de Cristo".

5. **Constantinopolitano II:** 05/05 a 02/07 de 553 d.C. Assunto principal: "condenação dos nestorianos".

6. **Constantinopolitano III:** 07/11 de 680 d.C. a 16/09 de 681 d.C. Assunto principal: "condenação do monoteletismo – em Cristo há duas vontades distintas, divina e humana".

7. **Niceia II:** 24/09 a 23/10 de 787 d.C. Assunto principal: "contra os iconoclastas – há sentido e liceidade na veneração de imagens (ícones)".

8. **Constantinopolitano IV:** 05/10 de 869 d.C. a 28/02 de 870 d.C. Assunto principal: "extinção do cisma do patriarca Fócio".

9. **Latrão I:** 18/03 a 06/04 de 1123 d.C. Assunto principal: "confirmação da Concordata de Worm".

10. **Latrão II:** abril de 1139 d.C. Assunto principal: "o cisma de Anacleto II".

11. **Latrão III:** 05 a 19 de março de 1179 d.C. Assunto principal: "fixação da necessidade de dois terços dos votos na eleição do papa".

12. **Latrão IV:** 11 a 30 de novembro de 1215 d.C. Assunto principal: "confissão de fé contra os cataris; a transubstanciação na Eucaristia; a confissão e a comunhão anuais".

13. **Lião I:** 28/06 a 17/07 de 1245 d.C. Assunto principal: "deposição de Frederico II".

14. **Lião II:** 07/05 a 17/07 de 1274 d.C. Assuntos principais: "procedimentos referentes ao conclave; união com os gregos; cruzada".

15. **Viena:** 16/10 de 1311 d.C. a 06/05 de 1312 d.C. Assunto principal: "supressão da ordem dos templários; campanha de pobreza dos franciscanos; decretos de reforma".

16. **Constança:** 05/11 de 1414 d.C. a 22/04 de 1418 d.C. Assuntos principais: "extinção do grande cisma; condenação de João Hus; decreto relativo à supremacia do concílio sobre o papa; decreto relativo à periodicidade dos concílios; concordata com as cinco nações conciliaristas".

17. **Basileia-Ferrara-Florença:** em Basileia, de 23/07 de 1431 d.C. a 07/05 de 1437 d.C.; em Ferrara, de 18/09 de 1437 d.C. a 01/01 de 1438 d.C.; em Florença, 16/07 de 1439; em Roma, a partir de 25/04 de 1442 d.C. Assuntos principais: "reunião com os gregos, armênios e jacobistas".

18. **Latrão V:** 10/05 de 1512 d.C. a 16/03 de 1517 d.C. Assunto principal: "contra o concílio cismático de Pisa; decretos de reforma".

19. **Trento:** 13/12 de 1545 d.C. a 04/12 de 1563 d.C. (em três períodos). Assuntos principais: "contra a Reforma de Lutero; doutrina sobre a Escritura e a Tradição, o pecado original e a justificação, os sacramentos e a missa, a veneração dos santos, decretos de reforma".

20. **Vaticano I:** 08/12 de 1869 d.C. a 18/07 de 1870 d.C. Assuntos principais: "definição da doutrina da fé católica, do primado e da infalibilidade do papa".

21. **Vaticano II:** 11/10 de 1962 d.C. a 07/12 de 1965 d.C. Assuntos principais: "Procuremos apresentar aos homens de nosso tempo, íntegra e pura, a verdade de Deus de tal maneira que eles a possam compreender e a ela espontaneamente assentir. Pois somos pastores […]" (João XXIII aos padres conciliares, na homilia de abertura do concílio).

2.9. JESUS RESSUSCITOU DOS MORTOS? [121]

> Ora, se está sendo pregado que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como alguns de vocês estão dizendo que não existe ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, nem Cristo ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como também é inútil a fé que vocês têm. (*1 Coríntios 15:12-14, "Nova Versão Internacional"*).

> Se foi por meras razões humanas que lutei com feras em Éfeso, que ganhei com isso? Se os mortos não ressuscitam, "comamos e bebamos, porque amanhã morreremos." (*1 Coríntios 15:32, "Nova Versão Internacional"*).

> É uma incrível enganação quando você pensa sobre isso, acreditar em algo agora em troca de algo depois da morte. (*Gloria Steinem*).

Se Jesus não ressuscitou dos mortos como tanto ele quanto o Antigo Testamento profetizaram, então isto pode ser concluído: ele não era o Messias, não temos nenhuma prova de que nossos pecados foram pagos, e a Bíblia não é confiável.

Mas se Jesus ressuscitou dos mortos como o Novo Testamento registra, podemos concluir isto: Jesus é o Messias, Deus o Pai aceitou o pagamento de Jesus por nossos pecados, e a Bíblia é confiável.

Nós todos nos perguntamos sobre o que vai acontecer conosco depois que morrermos. Quando um ente querido morre, desejamos vê-lo novamente depois que chegar a nossa vez. Uma certeza é que todos morreremos um dia. Será que vamos ter uma reunião gloriosa com aqueles que amamos ou a morte é o fim de toda a consciência?

Jesus ensinou que a vida não termina depois que nossos corpos morrem. Ele fez esta afirmação surpreendente: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá" (João 11:25). De acordo com as testemunhas mais próximas a ele, Jesus então demonstrou o seu poder sobre a morte ao ressuscitar dentre os mortos depois de ter sido crucificado e sepultado por três dias. É essa crença que tem dado esperança aos cristãos por quase 2.000 anos.

Mas algumas pessoas não têm esperança de vida após a morte. O ateu Bertrand Russell escreveu: "Eu acredito que quando eu morrer vou apodrecer, e nada do meu próprio ego vai sobreviver" [122]. Russell, obviamente, não acreditava nas palavras de Jesus.

Os seguidores de Jesus escreveram que ele apareceu vivo para eles após a sua crucificação e sepultamento. Eles alegaram não apenas que o viram, mas também que comeram com ele, que o tocaram e que estiveram juntos com ele por quarenta dias.

Então, isso pode ter sido simplesmente uma história que se desenvolveu ao longo do tempo, ou é baseada em evidências sólidas? A resposta a essa questão é fundamental para o cristianismo. Pois, **se Jesus ressuscitou dentre os mortos, seria validação para tudo o que ele disse sobre si mesmo, sobre o significado da vida, e sobre o nosso destino depois da morte.**

Se Jesus ressuscitou dentre os mortos, então apenas ele teria as respostas para o que realmente a vida é e sobre o que está à nossa espera depois de morrermos. Por outro lado, se o relato da ressurreição de Jesus não for verdade, então o cristianismo seria fundado sobre uma mentira. O teólogo R. C. Sproul colocou desta forma:

> **A alegação da ressurreição é vital para o cristianismo. Se Cristo foi ressuscitado dentre os mortos por Deus, então ele tem as credenciais e a certificação que nenhum outro líder religioso possui** [123].

Todos os outros líderes religiosos estão mortos. Entretanto, de acordo com o cristianismo, Cristo está vivo.

Muitos céticos tentaram refutar a ressurreição. Josh McDowell foi um desses céticos que passou mais de setecentas horas pesquisando a evidência para a ressurreição. McDowell afirmou isto sobre a importância da ressurreição:

> Eu cheguei à conclusão que a ressurreição de Jesus Cristo ou é uma das fraudes mais perversas, cruéis e sem coração já impingida às mentes dos homens, ou é o fato mais fantástico da história [124].

McDowell depois escreveu sua obra clássica "The New Evidence That Demands A Verdict" documentando o que descobriu.

A ressurreição de Jesus é um fato excepcional ou um mito vicioso? Para descobrir isso, temos que olhar para as provas da história e chegarmos às nossas próprias conclusões. Vamos ver também o que alguns céticos que investigaram a ressurreição descobriram por si mesmos.

2.9.1. PODERIA TER ACONTECIDO? A NAVALHA DE OCCAM DO PENSAMENTO NÃO CRISTÃO

Quando o assunto da ressurreição dos mortos é encontrado, é algo que os não cristãos adultos frequentemente abordam com um preconceito típico. A ressurreição e a integridade das Escrituras são descartadas quase sem consideração por meio deste simples argumento:

- Ressurreição física e literal não pode acontecer, portanto...

- Ressurreição física e literal não aconteceu.

Isso é, provavelmente, a navalha de Occam do pensamento não cristão. O raciocínio é simples, poderoso e, superficialmente, parece ser a conclusão mais provável a respeito do relato da ressurreição. Esse argumento baseia-se na crença de que o conhecimento empírico de hoje sobre o universo é suficientemente completo para determinar o que pode e o que não pode acontecer, assim como ditar o que foi observado em relação a um homem ressuscitando dos mortos.

A ressurreição, certamente, não é o que esperamos ver depois de vários dias que alguém morreu e foi enterrado. Tal evento não tem nenhum precedente científico ou explicação científica. Mas também é fato que **a ciência moderna não pode determinar com certeza absoluta tudo o que pode ou que não pode acontecer.** Assim, essa limitação do método científico, juntamente com a premissa de que um Deus todo-poderoso existe ou pode existir, torna a possibilidade do milagre da ressurreição como não sendo um problema.

Eventos que categorizamos como milagrosos se reduzem a uma de duas coisas: ou facetas do mundo natural que não são totalmente compreendidas devido à sua ocorrência não frequente, ou ações sobrenaturais procedentes de um Deus onipotente.

Portanto, a questão de saber ou não se a ressurreição dos mortos é possível é desnecessária. Apenas uma pergunta precisa ser feita. Essa pergunta é: **"A ressurreição de Jesus foi uma observação legítima?"** Em outras palavras: **"Será que realmente aconteceu, ou não?"** Pois, se não houve ressurreição, sua possibilidade é irrelevante. No entanto, se realmente aconteceu, sua possibilidade é uma conclusão inevitável.

2.9.2. COM QUEM ESTAMOS BRINCANDO?

Sendo as consequências da ressurreição verdadeiras, seriam tão esmagadoras que justificariam uma pausa. Consideremos uma espécie de autoavaliação para começar a abordar as informações procedentes sobre a ressurreição com uma mente aberta e mais objetiva.

> Tomé, chamado Dídimo, um dos Doze, não estava com os discípulos quando Jesus apareceu. Os outros discípulos lhe disseram: "Vimos o Senhor!" Mas ele lhes disse: "Se eu não vir as marcas dos pregos nas suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser a minha mão no seu lado, não crerei." (*João 20:24-25, "Nova Versão Internacional"*).

Quando se trata de decidir se Jesus Cristo realmente retornou à vida, há um detalhe tão esmagador que quase ofusca todas as outras considerações. Esse detalhe é a implicação do que a ressurreição significaria se fosse verdade. **A ressurreição validaria a Bíblia mais do que qualquer outra prova.**

Jesus citou e lidou com o Antigo Testamento como a verdade confiável de Deus. Jesus também prometeu que seu Espírito guiaria seus apóstolos em toda a verdade e traria de volta às suas memórias aquilo que se tornou o Novo Testamento escrito. A ressurreição é uma das profecias de coroação pela qual o Antigo Testamento identifica o Messias divino – uma profecia que Jesus repetidamente aplicou a si mesmo. Consequentemente, **a ressurreição de Jesus validaria o Antigo Testamento, o Novo Testamento e a autoridade pessoal e única de Jesus sobre a vida e a morte como Deus todo-poderoso.**

O que isso tudo significa é que, mesmo antes de perguntar se podemos crer em Jesus, nós silenciosamente perguntamos se **queremos crer.** Em palavras atribuídas a Charles Darwin:

> Mal posso ver por que alguém deseja que o cristianismo seja verdadeiro; pois, se assim for, a linguagem simples do texto parece mostrar que os homens que não creem, e isso incluiria meu pai, irmão e quase todos os meus melhores amigos, serão eternamente punidos. E essa é uma doutrina maldita. (*Palavras atribuídas a Charles Darwin*).

2.9.3. COISAS EM QUE NÃO QUEREMOS ACREDITAR

Queremos acreditar que nossos amigos e familiares foram condenados ou poderiam ser condenados ao inferno apenas pela falta da crença em Cristo? Queremos avaliar o nosso falar, atividades, hobbies, gostos e

desgostos, vidas sexuais, vidas públicas e nosso modo de vida geral por qualquer outro padrão que não seja o nosso? **Realmente queremos acreditar na ressurreição?**

Honestamente, todos nós queremos responder "não" a pelo menos algumas dessas perguntas em alguma parte do tempo. Mas desde que éramos crianças e aprendemos nossas primeiras palavras (como "não"), fomos em algum momento confrontados com a dura realidade de que não somos o centro do universo, não controlamos o mundo e não vamos ter tudo do nosso jeito. Essa mesma lição espiritual nos espera na nossa idade adulta.

O autor do estudo original (www.provethebible.net), por exemplo, não quer acreditar que alguém acabará indo para o inferno. Ele nem quer acreditar que há dor e sofrimento no mundo. O que ele quer acreditar é que cada coisa e tudo o que ele faz é exatamente o que Deus deseja dele. Mas a palavra operativa em cada uma dessas instâncias é "querer". **O que queremos não muda a realidade.**

O autor do estudo original (www.provethebible.net) não quer acreditar que existiu um Titanic, mas existiu. Ele não quer acreditar que ocorreu um ataque terrorista em 11 de setembro de 2001, mas ocorreu. Ele não quer que o caminho para agradar a Deus seja estreito e muitas vezes difícil, mas é.

2.9.4. POR QUE ACREDITAR EM ALGO QUE VOCÊ NÃO GOSTA?

Se tão poucas pessoas querem acreditar completamente na ressurreição, como ela se tornou um ponto focal no cristianismo?

Tornar-se disposto a aceitar a verdade, independentemente de consequência ou implicação, é uma das barreiras finais na jornada da incredulidade à crença. Isso pode ser muito difícil, sendo ainda mais difícil com o aumento da idade. No entanto, podemos ter conforto no conhecimento de que alguns outros têm lutado com esse mesmo obstáculo e perseverado. Naturalmente, estamos falando aqui dos próprios discípulos de Jesus. Em determinado momento, depois de Jesus ter transmitido as estreitas exigências da crença verdadeira e muitas pessoas terem se afastado para nunca mais segui-lo, a Bíblia registra:

> Daquela hora em diante, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e deixaram de segui-lo. Jesus perguntou aos Doze: "Vocês também não querem ir?" Simão Pedro lhe respondeu: **"Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna. Nós cremos e sabemos que és o Santo de Deus."** (*João 6:66-68, "Nova Versão Internacional"*).

Em outras palavras, o que os seguidores de Jesus conheciam e acreditavam sobre ele estabeleceu o respeito deles por ele, independentemente do fato de que não tenha sido o que a maioria das pessoas queria ouvir. Esse dilema é idêntico ao dilema encontrado pelo ouvinte de hoje do evangelho.

A vida eterna é um dom que Deus oferece livremente, mas a aceitação desse dom é um chamado difícil. Por essa admissão, não se pode argumentar que aqueles que acreditam na ressurreição o fazem porque é tão desejável e tão alinhada com a forma que eles já pensavam. **A Bíblia, como a realidade, contém verdades que não são convenientes e nem sempre dentro de nossas zonas de conforto.**

Aceitar a verdade da ressurreição e suas implicações pode ser difícil, especialmente para adultos não cristãos que têm zonas de conforto muito bem definidas e que têm vidas estabelecidas. Paulo se referiu à dor de deixar a velha vida para trás quando disse que morria diariamente pelo Senhor. Portanto, **não é por conveniência, mas por amor à verdade, que a solene e literal interpretação da ressurreição é mantida pelos cristãos.** Muitos que creem na ressurreição como verdade literal o fazem porque não podem razoavelmente concluir de outra forma.

2.9.5. QUEM É MAIS PROVÁVEL ESTAR AGINDO SEM INTERESSE PRÓPRIO?

Aqueles que proclamam seguir a Cristo poderiam estar fazendo isso mais por algum tipo de interesse próprio do que por qualquer outra coisa? Infelizmente sim. Isso é extremamente verdadeiro para certos "televangelistas". Também é verdade, embora em menor grau, para o "participante ocasional" ou "típico" da "igreja". No último caso, o interesse próprio pode ser visto pela motivação de querer se sentir como se estivesse "retribuindo" a graça de Deus ao "ir para a igreja", ou por algum outro motivo como apenas desejar evitar a "culpa de não ir à igreja", ou mesmo para "se sentir bem".

No entanto, há muitos outros proclamados seguidores de Cristo cujo interesse próprio é muito menor. Estamos nos referindo àqueles que seguem os ensinamentos de Jesus mesmo quando a penalidade é ridicularização, perda de emprego ou ação judicial. Além dos verdadeiros cristãos neste país, considere cristãos em nações islâmicas ou em países hostis ao cristianismo (como foi a Rússia stalinista).

Também é muito importante lembrar que **nem todo professo cristão é de fato cristão. Ser cristão não é simplesmente afirmar crença em Cristo – é algo definido por Deus e definido na Bíblia.** Abordamos isso no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Qual teria sido o interesse próprio da igreja primitiva em proclamar a Cristo?

Testemunhas oculares da ressurreição e os cristãos de primeira e segunda geração não estavam tentando parecer bons, populares, ou estabelecer um império de televisão ao proclamar Jesus como o Cristo ressuscitado. Por causa dessa proclamação, alguns foram dados como alimento aos leões no coliseu romano, enquanto outros foram queimados vivos como tochas para iluminar o jardim de Nero à noite. Esse foi o grau de sua certeza na ressurreição de Jesus Cristo: acreditar que ele ressuscitou dos mortos mesmo quando a penalidade para crer nele era morte horrível.

De tudo isso, parece claro que **a posição que resulta em prazer mais óbvio e conveniência imediata é a que deve ser considerada como a mais suspeita de ter um interesse próprio por trás de si mesma.** Essa posição é aquela que pensa o seguinte: "Cristo não se levantou literalmente dos mortos, nem há muita verdade literal na Bíblia. Portanto, posso reconhecer a vida em meus próprios termos e no final tudo vai dar certo... De algum jeito."

Nossa tendência na escolha de uma posição sobre Cristo e a Bíblia é como a eletricidade – buscamos o caminho de menor resistência. Onde quer que estejamos na vida, seja como for que vivamos, tentar acomodar a realidade histórica de Cristo com nosso *status quo* sempre tende a nos inclinar para as interpretações mais indulgentes e, às vezes, até às mais licenciosas que podemos encontrar. É por isso que nem nós, nem os nossos amigos, nem os parentes, nem os professores, nem os peritos de qualquer tipo, nem ninguém, está em condições de assumir uma postura neutra de "isso não se aplica a mim" sobre a ressurreição e a divindade de Jesus Cristo.

> Tomé, chamado Dídimo, um dos Doze, não estava com os discípulos quando Jesus apareceu. Os outros discípulos lhe disseram: "Vimos o Senhor!" Mas ele lhes disse: "Se eu não vir as marcas dos pregos nas suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser a minha mão no seu lado, não crerei". Uma semana mais tarde, os seus discípulos estavam outra vez ali, e Tomé com eles. Apesar de estarem trancadas as portas, Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse: "Paz seja com vocês!" E Jesus disse a Tomé: "Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia". Disse-lhe Tomé: "Senhor meu e Deus meu!" Então Jesus lhe disse: "Porque me viu, você creu? Felizes os que não viram e creram". (*João 20:24-29, "Nova Versão Internacional"*).

2.9.6. O QUE FOI OBSERVADO?

> Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas. (*Lucas 1:1-4, "Nova Versão Internacional"*).

A história completa do julgamento, crucificação e ressurreição está espalhada por vários livros e cartas do Novo Testamento. Segue uma compilação cronológica para a conveniência da discussão (nem todos os detalhes foram incluídos e essas informações não substituem a própria leitura da Bíblia).

2.9.6.1. O RESUMO DO RELATO BÍBLICO

O relato da ressurreição de Jesus aparece em detalhes em cada um dos quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João). Ler qualquer um desses quatro fornece uma boa imagem dos eventos em torno de seu retorno da morte. Mas cada relato varia com os detalhes incluídos. **Esses detalhes não são contraditórios, ou seja, não são fatos conflituosos sobre o que aconteceu – são complementares. Como testemunhas diferentes corroborando em**

um tribunal, cada um fornece nomes adicionais, conversas ou ações que apenas alguns ou nenhum dos outros mencionaram. São todas partes legítimas de toda a história.

A fim de saber o que a igreja da primeira geração aceitou como testemunho confiável da ressurreição – as pessoas que viveram no lugar certo e na hora certa para saber o que realmente aconteceu – é necessário olhar atentamente para os escritos que eles aceitaram. O que se segue é um resumo geral da prisão, julgamento, crucificação e ressurreição de Jesus tirado do livro de Mateus, a partir do capítulo 26, e continuando até o fim. Quando mencionado, detalhes específicos dos outros escritos do Novo Testamento são referenciados de forma a fornecer um relatório mais completo sobre esse importante evento, na ordem em que aconteceu (detalhes adicionais são encontrados nos livros referenciados).

2.9.6.2. A ÚLTIMA CEIA

Enquanto jantava com seus discípulos, Jesus revelou que um deles, Judas Iscariotes, estava prestes a trai-lo. Naquele tempo, os outros discípulos não entenderam o que Jesus quis dizer, nem por suas palavras ditas a Judas, que imediatamente os deixou (João 13:26-30). Jesus, então, disse aos discípulos, como havia dito antes, como iria ser separado deles, como eles seriam dispersos, como eles não iriam vê-lo mais, mas então ele iria vê-los novamente. E que o Pai iria enviar o Espírito Santo para ensiná-los e lembra-los de tudo o que ele tinha dito a eles (João 13:31-16:33).

2.9.6.3. PRISÃO NO GETSÊMANI

Mais tarde, naquela noite, ao pé do Monte das Oliveiras, no Jardim do Getsêmani, Jesus se reuniu com seus discípulos, como costumava fazer. A essa localização Judas conduziu um grande destacamento de soldados armados, o comandante desse destacamento, e oficiais dos principais sacerdotes e fariseus. Eles vieram para prender Jesus (João 18:2-3). Jesus se apresentou a eles para ser preso. Pedro, ainda não compreendendo a intenção de Jesus, atacou o servo do sumo sacerdote, Malco (João 18:4-11). Os discípulos abandonaram Jesus e fugiram. Pedro e João então voltaram para seguir, por trás, o grupo que levou Jesus à prisão (João 18:15).

2.9.6.4. A NEGAÇÃO DE PEDRO

Durante o interrogatório e espancamento de Jesus, Pedro negou duas vezes ter qualquer conhecimento de Jesus ou lealdade a ele. Então um parente do homem a quem Pedro tinha atacado mais cedo o desafiou, perguntando: "Eu não o vi com ele no olival?" (João 18:26). Quando Pedro proferiu sua terceira negação, imediatamente um galo cantou. "O Senhor voltou-se e olhou diretamente para Pedro. Então Pedro se lembrou da palavra que o Senhor lhe tinha dito: 'Antes que o galo cante hoje, você me negará três vezes.' Saindo dali, chorou amargamente" (Lucas 22:61-62).

2.9.6.5. O DESTINO DE JUDAS

Quando ainda era cedo pela manhã, os principais sacerdotes e anciãos chegaram à decisão de que Jesus deveria morrer. Judas Iscariotes, cheio de remorso e vendo que Jesus estava condenado à morte, jogou ao templo as trinta moedas de prata que tinha recebido. Judas disse que havia traído sangue inocente. Em resposta, os principais sacerdotes disseram a ele: "Essa é a sua responsabilidade" e negaram seus próprios papéis no caso. Judas então saiu e se enforcou em um campo em que seu corpo caiu e se abriu (Atos 1:18).

O dinheiro que Judas lançou ao templo foi apanhado e eventualmente usado para comprar aquele campo onde Judas tinha morrido. Esse campo foi designado como uma área de enterro para estrangeiros.

2.9.6.6. A CONTINUAÇÃO DO JULGAMENTO

Enquanto isso, Jesus foi levado ao palácio de Pilatos, o governador romano. Jesus foi apresentado a ele com mais falsas acusações. Os judeus insistiram que Pilatos o julgasse porque, oficialmente, o poder de conceder pena de morte havia sido removido dos judeus. Pilatos questionou Jesus e não encontrou nada contra ele. No entanto, sabendo que ele era da Galileia, enviou-o a Herodes, o governador galileu que também estava em Jerusalém

naquela época (Lucas 23:5-11). Jesus foi zombado e ridicularizado por Herodes e seus soldados, embora esse governador, também, não tivesse encontrado acusação contra ele (Lucas 23:15). Jesus foi então devolvido a Pilatos.

2.9.6.7. A SENTENÇA

Naquela época, era costume que, durante a festa da páscoa, o governador liberasse um prisioneiro selecionado pela multidão. Como convocados pelos principais sacerdotes e anciãos, os gritos da multidão para libertar o insurrecionista Barrabás prevaleceram (Lucas 23:19). Pilatos verificou o desejo da multidão ao perguntar: "Que farei então com Jesus, chamado Cristo?" (Mateus 27:22). A resposta predominante foi: "Crucifica-o!"

Jesus foi flagelado e, então, levado para o pretório pelos soldados do governador. Despojaram-no, colocaram uma coroa de espinhos em sua cabeça, zombaram dele, cuspiram nele e golpearam-no na face e na cabeça repetidas vezes.

Quando Jesus foi finalmente levado para ser crucificado, Pilatos mais uma vez o questionou, na tentativa de libertá-lo (João 19:12). Mas os principais sacerdotes judeus reafirmaram a sentença de morte de Jesus como uma defesa adequada da autoridade do César romano (João 19:12-15). Pilatos finalmente entregou Jesus aos soldados que prosseguiriam com a crucificação.

2.9.6.8. A CRUCIFICAÇÃO

Deixando a cidade para o Gólgota, fizeram Jesus carregar a sua cruz (João 19:17) até que Simão de Cirene foi forçado a carregá-la (Marcos 15:21). Jesus foi crucificado juntamente com dois ladrões e uma placa foi colocada acima de sua cabeça, identificando-o como o rei dos judeus. Os soldados dividiram as suas roupas lançando sortes (João 19:23-24). Os chefes dos sacerdotes, os mestres da lei, os anciãos, os soldados que o crucificaram, os ladrões e outros que passavam por ali zombavam dele e o insultavam. Mais tarde, um dos dois ladrões reconheceu a divina realeza de Jesus (Lucas 23:42).

Desde a sexta hora até a hora nona, a escuridão caiu sobre a terra. Os soldados ofereceram a Jesus uma esponja embebida em vinagre de vinho. Ao recebê-lo, ele gritou por volta da hora nona: "Está consumado!" (João 19:30) e depois morreu.

2.9.6.9. DADO COMO MORTO

Naquele momento houve um grande terremoto. O centurião e outros que estavam debaixo de Jesus declararam que ele certamente deveria ter sido justo. A cortina do templo foi rasgada em dois, de cima para baixo. Túmulos se abriram e, após a ressurreição de Jesus, pessoas que estavam mortas foram vistas por muitos na cidade.

À medida que a noite se aproximava, os judeus pediram a Pilatos para apressar as mortes das vítimas da crucificação para que os corpos não tivessem que ser deixados nas cruzes durante o sábado especial. Os soldados então quebraram as pernas dos dois ladrões. Eles não quebraram as pernas de Jesus, no entanto, porque viram que ele já estava morto. Eles confirmaram isso perfurando seu lado com uma lança profundamente o suficiente para liberar sangue e fluidos pleurais (João 19:31-37).

2.9.6.10. O ENTERRO

José de Arimateia, um proeminente membro do conselho judaico, pediu a Pilatos a posse do corpo de Jesus. Pilatos primeiro reconfirmou a morte de Jesus, depois concedeu sua permissão (Marcos 15:43-45). José e Nicodemos tomaram o corpo, enrolaram-no em linho com cerca de trinta e quatro quilos de mirra e aloés (João 19:39), colocaram-no no novo túmulo de José, rolaram uma grande pedra em frente à entrada e depois foram embora. Maria Madalena e Maria, a mãe de Tiago, observaram tudo isso.

2.9.6.11. A TUMBA VAZIA

Enquanto isso, os principais sacerdotes e os fariseus obtiveram permissão de Pilatos para que uma guarda de soldados romanos fosse posta diante do túmulo. A grande pedra rolada diante da entrada do túmulo impediria

que os discípulos roubassem o corpo. Quando o sábado especial terminou, as mulheres compraram mais especiarias para ungir o corpo de Jesus (Marcos 16:1), mas descansaram no dia seguinte, o sábado (Lucas 23:56). Na manhã ainda escura do dia seguinte, no primeiro dia da semana, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, Joana (Lucas 24:10), Salomé e outros (Marcos 16:1) se dirigiram para o túmulo.

Houve um grande terremoto no túmulo e um anjo apareceu e rolou para trás a pedra do túmulo de onde Jesus estava. Os guardas ficaram aterrorizados e "tornaram-se como homens mortos". Alguns dos guardas foram até os principais sacerdotes para relatar o que havia acontecido. Os principais sacerdotes consultaram os anciãos que, eventualmente, deram aos soldados uma grande soma de dinheiro para relatar que os discípulos de Jesus tinham roubado o corpo enquanto a unidade de guarda estava adormecida. Os sacerdotes asseguraram aos guardas que se o governador soubesse do relatório, eles mesmos manteriam os guardas fora de problemas.

2.9.6.12. A RESSURREIÇÃO

As mulheres chegaram ao túmulo e encontraram a pedra rolada e os guardas ausentes. Elas entraram no túmulo e viram que o corpo de Jesus tinha desaparecido. Maria Madalena correu para contar a Pedro e João (João 20:2). No túmulo apareceram dois anjos. Um deles lembrou as próprias palavras de Cristo que profetizaram sua ressurreição. As mulheres foram embora para contar aos discípulos, assim como Maria.

Enquanto isso, ao ouvirem o relatório preliminar de Maria Madalena, Pedro e João correram para o túmulo com Maria seguindo-os (João 20:3-10). No momento em que Pedro e João chegaram, entraram para encontrar apenas o pano de enterro e o linho ali deixados. Pedro e João deixaram o túmulo para voltar para casa, mas Maria permaneceu fora do túmulo, chorando. Quando ela olhou para o túmulo, os dois anjos apareceram. Ela se virou para encontrar Cristo de pé atrás dela. Ele a instruiu para não ficar com ele, mas para voltar aos discípulos (João 20:11-18). Jesus também apareceu às outras mulheres. Os outros discípulos, no entanto, não acreditaram em nenhuma das mulheres, considerando que suas palavras "pareciam loucura" (Lucas 24:11).

2.9.6.13. JESUS APARECE AOS DISCÍPULOS

Dois discípulos, Cleopas e Simão, partiram para Emaús mais tarde naquele dia, discutindo tudo o que tinha acontecido. Jesus apareceu e andou com eles, embora não o tivessem reconhecido de início. Ele falou com eles explicando o que estava escrito nas Escrituras sobre o Cristo. Quando ele partiu pão e o deu a eles, reconheceram-no e ele desapareceu de sua vista. Eles imediatamente retornaram aos outros discípulos em Jerusalém (Lucas 24:13-25).

Naquela noite, quando os discípulos, excluindo Tomé, estavam juntos atrás de portas trancadas (por medo das autoridades locais), Jesus apareceu de repente entre eles. Ele cumprimentou-os dizendo "Paz seja convosco" (João 20:19-24). Embora tivessem medo, Jesus encorajou seus discípulos a tocá-lo e a olhar para suas mãos e seus pés. Jesus até mesmo comeu na frente deles.

Uma semana depois, quando Tomé estava com os discípulos, Jesus reapareceu diante de todos e mostrou-se a Tomé para que também ele cresse (João 20:25-29). Jesus mostrou-se uma terceira vez diante de sete de seus discípulos no Mar da Galileia (João 21:1-25).

2.9.6.14. JESUS COMISSIONA A IGREJA

Ao longo de quarenta dias, Jesus apareceu aos discípulos (Atos 1:3), deu muitas provas de que estava vivo, falou sobre o reino de Deus e os comissionou: "Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei." O maior agrupamento para qual ele apareceu foi numerado em quinhentas pessoas (1 Coríntios 15:6).

No Monte das Oliveiras, Jesus foi levado para o céu até que uma nuvem o escondeu de vista. Depois, dois anjos apareceram. Eles informaram aos discípulos que, da mesma maneira em que Jesus partiu, um dia ele retornaria.

2.9.7. QUAIS SÃO AS POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES?

Existem pessoas bem-educadas e grupos religiosos que consideram as Escrituras como primariamente simbólicas de princípios gerais. Alguns não creem que Jesus foi ressuscitado dentre os mortos de alguma forma física real.

Em primeiro lugar, é importante discernir o que os autores da Bíblia estavam tentando comunicar. O que eles acreditavam sobre essa questão?

Em segundo lugar, uma vez que os anti-ressurreicionistas têm uma forma de piedade, mas negam que Deus milagrosamente exerça seu poder, é importante saber se alguém é salvo crendo em uma ressurreição apenas figurativa.

2.9.8. O RELATO DEVE SER INTERPRETADO FIGURATIVAMENTE?

Algumas pessoas escolhem acreditar que os relatos da ressurreição são figurativos. A ressurreição de Jesus, por tal raciocínio, é entendida como o avivamento e a continuação de seus valores e práticas, não como seu retorno corporal da morte. Dessa maneira, diz-se que o seu reino eterno ocorre naqueles que aderem e passam os seus ensinamentos. Quão razoável é a interpretação figurativa?

Examinando a história da interpretação, descobrimos que praticamente qualquer ideia moderna sobre o retrato de Jesus por parte das Escrituras teve seus primeiros defensores. Assim como sempre existiram pessoas que creem e que não creem (mesmo na presença de Cristo), assim sempre existiram defensores de maneiras diferentes de olhar a verdade com respeito à literatura.

Do lado conservador, a interpretação que acredita que as Escrituras são consistidas principalmente de verdade literal, bem como algumas verdades alegóricas, foi defendida por homens como **Doroteu** e **Lucius** no terceiro século. Foi também endossada por **João Crisóstomo** e **Teodoro de Mopsuéstia** no quarto século e no quinto século.

Enquanto isso, em Alexandria, talvez a sede dominante do neoplatonismo e do gnosticismo, a visão mais liberal de que as Escrituras podiam ser lidas como predominantemente alegóricas era popularizada. Seus primeiros proponentes incluíram **Fílon** e **Clemente de Alexandria.**

Embora tudo isso exemplifique que sempre houve mais de uma maneira de interpretar a palavra escrita, simplesmente **reconhecer que diferentes métodos de interpretação existem não valida todos os métodos em cada situação, nem invalida nenhum dos métodos acima relacionados com a Bíblia. O que valida o método correto de interpretação é a determinação bem-sucedida daquilo que os autores pretendiam transmitir.**

2.9.9. O INTUITO DOS AUTORES DETERMINA O MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO

O que você diria se alguém perguntasse se há alguma verdade na fábula "A Pequena Galinha Vermelha"? A resposta provavelmente seria algo como: "Bem, claramente não é uma história verdadeira, mas verdadeiramente ilustra certas personalidades e defende bons princípios morais e sociais." Essa seria uma excelente interpretação. A interpretação é correta porque conhecemos o autor, o contexto do livro, sua audiência pretendida e seu propósito.

E se alguém perguntasse se há alguma verdade no livro de Charles Darwin "A Origem das Espécies"? Se uma pessoa usar o método idêntico de interpretação que foi usado para a fábula "A Pequena Galinha Vermelha", ou seja, interpretação alegórica, essa pessoa poderia dizer: "Bem, claramente não é uma história verdadeira, mas ilustra verdadeiramente que viagens ampliam a mente."

Ao propositalmente não se levar em conta o autor e suas intenções, as extensas observações de Darwin sobre os tipos, características e comportamentos de animais acabam sendo todas descartadas como um veículo imaginário usado para fornecer uma vaga generalidade sobre viagens. Essa é uma boa interpretação de Darwin? É uma interpretação terrível! Isso porque sabemos do autor, do propósito e do contexto do que foi escrito. Nesse caso, a interpretação alegórica resulta em muito menos do que a intenção do autor.

As chances são que, se interpretássemos o livro de Darwin alegoricamente, e alegremente disséssemos o quanto concordamos com ele que a viagem amplia a mente, Darwin provavelmente diria que não aproveitamos nada de sua obra. **Essa repreensão que ouviríamos de Darwin por causa de nossa interpretação errônea é exatamente o tipo de repreensão que queremos evitar receber de Deus a respeito da Bíblia.**

2.9.10. O RELATO DA RESSURREIÇÃO É ADEQUADAMENTE INTERPRETADO COMO LITERAL

A crença de que os relatos dos evangelhos sobre Jesus são propositalmente figurativos não é razoável à luz dos fatos históricos. Esses fatos são evidenciados principalmente pelo seguinte:

1. **O comprometimento dos apóstolos e dos autores do Novo Testamento.**
2. **A leitura simples do texto.**
3. **O entendimento do propósito de Deus para as Escrituras.**
4. **O estudo da forma de escrita antiga.**

2.9.10.1. O COMPROMETIMENTO DOS APÓSTOLOS E AUTORES DO NOVO TESTAMENTO

Sabemos que todos os apóstolos de Cristo menos um (Judas Iscariotes) foram mortos por sua fé. Alguns desses homens também escreveram livros do Novo Testamento. O autor do Novo Testamento que mais escreveu, Paulo, também escolheu aceitar sua própria decapitação em vez de concordar em parar de pregar a ressurreição corporal de Cristo.

A preferência desses homens em serem torturados ou mortos em vez de parar de pregar Cristo ressuscitado é evidência fortíssima da verdade literal do relato da ressurreição. Pois, se suas pregações se destinavam a continuar simbolicamente os ensinamentos de Cristo, não há razão para que tivessem escolhido o martírio. Paulo e os apóstolos poderiam simplesmente admitir que o corpo físico de Cristo estava morto. Isso teria satisfeito as autoridades judaicas e romanas. Isso de maneira nenhuma impediria a interpretação alegórica da ressurreição, se fosse realmente o que estavam tentando transmitir.

Se os autores tivessem a intenção de dizer que Cristo estava vivo somente na medida em que seus ensinamentos estavam sendo vividos e aplicados, então suas próprias mortes intencionais teriam sido realmente antitéticas a essa chamada "continuação". A crença dos autores dos evangelhos e dos apóstolos na ressurreição literal de Jesus é a explicação mais racional para eles terem sido unânimes em aceitar as duras consequências que receberam.

A maioria deles foi repetidamente advertida e recebeu amplas oportunidades de deixar de pregar o retorno de Cristo. Parece que nenhum apóstolo foi executado sem ter recebido muitas chances de esclarecer seus ensinamentos e renegar quaisquer interpretações literais do que disse. No entanto, nenhum deles deixou de pregar Cristo ressuscitado para se salvar do exílio, prisão, espancamento, tortura ou morte.

Como muitas vezes foi dito: "Quem, conscientemente, morreria por uma mentira?" Pode ser conjeturado que alguns dos seguidores de **Jim Jones** morreram conscientemente pela mentira da messianidade dele. Mas suas mortes vieram **rapidamente** pelo veneno. Quase todos eles morreram no mesmo lugar, ao mesmo tempo e por suas próprias mãos. Isso não é nada como os martírios individuais e isolados de cada um dos apóstolos nas mãos torturadoras de autoridades que estavam tentando forçá-los a renegar sua fé.

2.9.10.2. A LEITURA SIMPLES DO TEXTO

Os próprios escritos bíblicos dão evidência da intenção amplamente literal por trás da ressurreição. Os autores do Novo Testamento fazem todos os esforços para apresentar Cristo aos seus leitores como uma pessoa real que teve uma ressurreição real.

Os autores testificaram que aquilo que escreveram é verdadeiro e que suas obras vieram de Deus, não apenas deles mesmos. Eles frequentemente forneceram um **contexto histórico** com o qual seus escritos podem ser

verificados, tais como nomes, lugares e eventos. Eles também frequentemente **apelaram ao próprio conhecimento do leitor e suas próprias observações** de que os eventos em questão realmente ocorreram.

Um dos melhores exemplos de seus apelos às testemunhas vivas está em 1 Coríntios 15:6:

> Depois, [Cristo] foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria ainda vive; porém alguns já dormem [morreram]. (*1 Coríntios 15:6, "Nova Versão Internacional"*).

Claramente, ao identificar uma porcentagem de testemunhas oculares que podia verificar sua afirmação, Paulo pretendia transmitir literalmente o retorno da morte de Jesus.

No entanto, seria possível que o sentido literal de Paulo fosse apenas outro elemento do conto para torná-lo mais atraente?

Mais uma vez, se buscarmos outra explicação que não seja a explicação de que os apóstolos estavam plenamente convencidos de que uma ressurreição física tinha ocorrido, o testemunho de seus martírios unânimes e individuais seria omitido de consideração. **Nesse caso, uma conclusão da ressurreição não literal estaria sendo feita à custa deliberada de omitir fatos críticos.**

2.9.10.3. O ENTENDIMENTO DO PROPÓSITO DE DEUS PARA AS ESCRITURAS

O propósito das Escrituras, conforme provido por Deus, é revelar sua vontade e o caminho de salvação, a fim de ele ser glorificado. Deus se revela como um Deus de verdade e de ordem. Portanto, é uma suposição irracional que ele propositadamente forneceria revelações vagas ou enganadoras sobre a questão central do Cristo, o que confundiria o próprio propósito para o qual ele forneceu essas revelações.

Nas revelações de Deus, a linguagem figurativa é usada apenas seletivamente e, principalmente, no contexto de escritos poéticos e profecias futuras. **A linguagem figurativa não deve ser confundida como sendo a forma geral da Palavra de Deus.**

Como é o caso da maioria das comunicações, há um sentido em que as Escrituras devem ser compreendidas primariamente. A interpretação apropriada deve procurar primeiro esse sentido primário e, então, os detalhes que o acompanham serão devidamente compreendidos.

2.9.10.4. O ESTUDO DA FORMA DE ESCRITA ANTIGA

Por fim, chegamos à forma dos textos. Uma afirmação particular pela qual alguns céticos duvidam de uma interpretação literal é a **forma narrativa** em que aparecem porções das Escrituras. Em relação à cultura moderna, a maioria dos leitores pode considerar um formato narrativo como um formato típico de ficção, não de fato. Embora a forma narrativa seja um dos formatos menos comuns usados para transmitir dados históricos hoje, é **típico e esperado da escrita do Antigo Oriente.**

O público está mais acostumado a receber notícias e história na prosa jornalística seca do final do século vinte, algo como "Ele afirmou isso [...]" ou "Ela acrescentou que [...]". Muitas partes da Bíblia são lidas nesse estilo, mas as porções narrativas devem ser aceitas como equivalentes à forma documental moderna, e não devem ser rejeitadas por não serem como os destaques de um telejornal.

A forma narrativa apresenta os fatos por trás de uma história em um arranjo que permite ao leitor realmente conhecer e entender o evento, e não apenas saber um ou dois fatos sobre ele. A profundidade que isso dá à mensagem é consistente com as intenções declaradas pelos autores para motivar seus leitores e consistente com as suas afirmações de que esses escritos são verdadeiros.

A forma narrativa também permite um uso mais livre de adjetivos do que certas outras formas. No entanto, isso não invalida uma interpretação literal da ressurreição mais do que os relatos de testemunhas oculares invalidam o desastre do Hindenburg, o assassinato do presidente Kennedy ou os pousos na Lua da Apollo. Todos foram ocorrências literais e eram de tal importância a ponto de revelarem nos relatos a emoção de seus respectivos observadores. Os relatos intensos e descritivos que resultaram em cada caso acabaram se tornando parte da

própria história. Esses relatos transmitiram muito mais do que simplesmente dizer "eles aterrissaram na Lua" ou "ele morreu".

Um exemplo de relato narrativo que está sendo usado hoje é a apresentação das redes de televisão sobre as histórias de vida e eventos que levam a realizações-chave em eventos olímpicos. A forma narrativa não é escolhida porque diminui os fatos ou porque é uma maneira inferior de relacionar verdades literais. É usada para transmitir fatos e apreciação. **A forma narrativa ajuda a transmitir toda a história e explicar quem ganhou, como ganhou e os anos de luta e oposição que levaram o vencedor ao topo. Isso é especialmente útil para comunicar as realizações de pessoas com as quais o público pode não ser familiar de outra forma.**

A forma narrativa é um método válido, praticado e eficaz de comunicar fatos literais e históricos. Portanto, **nem a forma pela qual a ressurreição é apresentada, nem o conteúdo desse relato, nem as ações daqueles que estavam presentes, dão qualquer outra indicação a não ser que a ressurreição corporal de Jesus foi real e literal.** Nada no Novo Testamento nega que ele foi ressuscitado à vida. Quase todos os livros e cartas do Novo Testamento afirmam que ele foi ressuscitado e ascendeu ao céu. Essa é a forma como os relatos foram redigidos, é como eles foram recebidos, e é assim que devem ser recebidos.

A ressurreição corporal literal de Cristo é o tema principal do Novo Testamento e continua a ser o fundamento da Igreja.

2.9.11. CÍNICOS E CÉTICOS?

Infelizmente, nem todos estão dispostos a examinar adequadamente as provas. Bertrand Russell admitiu que sua opinião sobre Jesus "não estava preocupada" com fatos históricos [125]. O historiador Joseph Campbell, sem citar evidências, disse calmamente à sua audiência de televisão que a ressurreição de Jesus não é um evento fatual [126]. Outros estudiosos, como John Dominic Crossan do Jesus Seminar, estão de acordo com ele [127]. Nenhum deles apresentou qualquer evidência para seus pontos de vista.

Céticos verdadeiros, ao contrário de cínicos, estão interessados em evidência. Em um editorial da revista Skeptic intitulado "O que é um cético?", a seguinte definição foi dada: "O ceticismo é [...] a aplicação da razão a todas e quaisquer ideias – não há vacas sagradas permitidas. Em outras palavras, [...] céticos não entram em uma investigação fechada para a possibilidade de que um fenômeno possa ser real ou que uma alegação possa ser verdade. Quando dizemos que somos 'céticos', queremos dizer que temos que ver provas convincentes antes de crer" [128].

Ao contrário de Russell e Crossan, muitos verdadeiros céticos têm investigado a evidência para a ressurreição de Jesus. Vamos ouvir de alguns deles e ver como analisaram as evidências para o que é, talvez, a questão mais importante na história da raça humana: será que Jesus realmente ressuscitou dentre os mortos?

2.9.12. AUTOPROFECIA

Antes da sua morte, Jesus disse aos seus discípulos que seria traído, preso e crucificado, e que iria voltar à vida três dias depois. Esse é um plano estranho! O que estava por trás disso? Jesus não era um artista disposto a encenar a pedido de outros. Em vez disso, ele prometeu que sua morte e ressurreição iriam provar para as pessoas (se suas mentes e corações estivessem abertos) que ele é realmente o Messias.

O estudioso bíblico Wilbur Smith observou sobre Jesus:

> Quando disse que ele mesmo iria ressuscitar dos mortos, ao terceiro dia depois que fosse crucificado, ele disse algo que só um tolo se atreveria a dizer se esperasse ter mais devoção de todos os seus discípulos – a não ser que tivesse certeza de que iria se erguer dos mortos. Nenhum fundador de qualquer religião do mundo conhecido pelo homem jamais ousou dizer uma coisa como essa [129].

Em outras palavras, uma vez que Jesus tinha dito claramente aos seus discípulos que iria se levantar novamente depois de sua morte, a incapacidade de cumprir essa promessa iria expô-lo como uma fraude. Mas estamos nos antecipando. Como Jesus morreu antes de se erguer dos mortos (se é que ele realmente morreu)?

2.9.13. UMA MORTE HORRÍVEL E ENTÃO?

Você sabe como foram as últimas horas da vida terrena de Jesus se você assistiu ao filme de Mel Gibson. Se você perdeu partes de "A Paixão de Cristo" porque você estava protegendo seus olhos (teria sido mais fácil simplesmente filmar o filme com um filtro vermelho na câmera), basta virar as páginas de trás para frente de qualquer evangelho em seu Novo Testamento para descobrir o que você perdeu.

Como Jesus predisse, ele foi traído por um de seus próprios discípulos, Judas Iscariotes, e foi preso. Em um julgamento simulado sob o governador romano, Pôncio Pilatos, ele foi condenado à morte em uma cruz de madeira. Antes de ser pregado na cruz, Jesus foi brutalmente açoitado com o *flagrum* romano. Um *flagrum* era uma haste terminando em tiras de couro com fragmentos de ossos dentados anexados. Ele recebeu socos e chutes várias vezes, além de cuspirem nele.

Em seguida, usando marretas, os executores romanos martelaram os pesados pregos de ferro forjado nos pulsos e pés de Jesus. Finalmente, colocaram a cruz em um buraco no chão entre duas outras cruzes que ostentavam ladrões condenados.

Jesus ficou pendurado por cerca de seis horas. Em seguida, às três horas da tarde – isto é, exatamente ao mesmo tempo em que o cordeiro pascal era sacrificado como oferta pelo pecado – Jesus clamou: "Está consumado!" em aramaico, e morreu (a palavra aramaica que Jesus proferiu, *tetelestai*, é um termo de contabilidade que significa "dívida paga na íntegra", referindo-se a dívida de nossos pecados). De repente, o céu ficou escuro e um terremoto sacudiu a terra. O historiador Will Durant relatou:

> Em meados desse século um pagão chamado Talo [...] argumentou que a escuridão anormal acusada de ter acompanhado a morte de Cristo foi um fenômeno puramente natural e uma coincidência; o argumento levou a existência de Cristo como real. A negação dessa existência nunca parece ter ocorrido até mesmo para o gentio amargo ou para os adversários judaicos do cristianismo nascente [130].

Uma ainda maior escuridão de depressão aniquilou os sonhos daqueles quem tinham se tornado atraídos com o carisma e alegre vitalidade de Jesus. O ex-alto chanceler da Grã-Bretanha, Lord Hailsham, observou:

> A tragédia da cruz não era que eles crucificaram uma figura de melancolia, cheia de preceitos morais, ascéticos e sombrios [...]. O que eles crucificaram era um homem jovem, vital, cheio de vida e da alegria dela, o próprio Senhor da vida [...] alguém tão atrativo que pessoas o seguiram para pura diversão da vida [131].

Pilatos queria verificação de que Jesus estava morto antes de permitir que seu corpo crucificado fosse sepultado. Assim, um guarda romano perfurou o lado de Jesus com uma lança. A mistura de sangue e água que fluiu para fora era uma clara indicação de que Jesus estava morto. "Os mortos não sangram, ordinariamente, mas a aurícula direita do coração humano detém sangue líquido após a morte, e o saco exterior mantém um soro chamado hidropericárdio" [132]. Uma vez que sua morte foi certificada pelos guardas, o corpo de Jesus foi descido da cruz e sepultado no túmulo de José de Arimateia. Os guardas romanos em seguida selaram o túmulo, o qual foi então vigiado por soldados 24 horas por dia.

Enquanto isso, os discípulos de Jesus estavam em choque. O Dr. J. P. Moreland explicou o quão devastados e confusos eles estavam após a morte de Jesus na cruz:

> Eles já não tinham confiança de que Jesus havia sido enviado por Deus. Eles também tinham sido ensinados que Deus não deixaria seu Messias sofrer a morte. Então, eles se dispersaram. O movimento de Jesus foi interrompido em suas trilhas [133].

Toda a esperança tinha desaparecido. Roma e os líderes judeus tinham prevalecido – ou assim parecia.

2.9.14. ALGO ACONTECEU

Mas não foi o fim. O movimento de Jesus não desapareceu (obviamente) e, de fato, o cristianismo existe hoje. Portanto, temos de saber o que aconteceu depois que o corpo de Jesus foi descido da cruz e colocado no túmulo.

Em um artigo do New York Times, Peter Steinfels citou os eventos surpreendentes que ocorreram três dias depois da morte de Jesus: "Pouco depois de Jesus ter sido executado, seus seguidores foram repentinamente mudados de um grupo perplexo e recluso para pessoas cuja mensagem sobre um Jesus vivo e um reino vindouro, pregado com o risco de suas vidas, acabou eventualmente mudando um império. Alguma coisa aconteceu... Mas exatamente o quê?" [134]. Essa é a pergunta que temos que responder com uma investigação sobre os fatos.

Existem explicações consideradas plausíveis para a suposta ressurreição de Jesus, como retratada no Novo Testamento. Vamos trabalhar com essas opções e ver qual delas se encaixa melhor aos fatos.

2.9.15. TODOS FORAM AO TÚMULO ERRADO?

> No dia seguinte, isto é, no sábado, os chefes dos sacerdotes e os fariseus dirigiram-se a Pilatos e disseram: "Senhor, lembramos que, enquanto ainda estava vivo, aquele impostor disse: 'Depois de três dias ressuscitarei.' Ordena, pois, que o sepulcro dele seja guardado até o terceiro dia, para que não venham seus discípulos e, roubando o corpo, digam ao povo que ele ressuscitou dentre os mortos. Este último engano será pior do que o primeiro." "Levem um destacamento", respondeu Pilatos. "Podem ir, e mantenham o sepulcro em segurança como acharem melhor." Eles foram e armaram um esquema de segurança no sepulcro; e além de deixarem um destacamento montando guarda, lacraram a pedra. (*Mateus 27:62-66, "Nova Versão Internacional"*).

Ao se investigar a ressurreição, esta é uma das primeiras perguntas a fazer: "Todos visitaram o túmulo errado?" Entre os argumentos anti-ressurreição, esse é provavelmente o mais fraco. Portanto, a resposta é curta.

Se Jesus foi verdadeiramente crucificado, como muitos historiadores antigos e modernos concordam, então seu corpo:

- **Permaneceu onde tinha sido colocado após a crucificação, ou...**
- **Foi removido.**

Se o corpo permaneceu no lugar, o que é típico para corpos mortos, então a resposta mais simples seria que o túmulo encontrado vazio era simplesmente o túmulo errado. Não seria razoável concluir que, com o trauma da prisão e da morte súbita de Jesus, seus devotos poderiam ter cometido esse erro?

Em primeiro lugar, parece improvável que aqueles que o amaram tanto esqueceriam tão cedo onde ele foi enterrado. No entanto, há uma pequena possibilidade de que as mulheres, mesmo depois de terem visto José e Nicodemos próximos ao túmulo, voltaram para o túmulo errado. Porém, a possibilidade de um túmulo equivocado encolhe cada vez que outra pessoa, e outra, e mais outra, visita o túmulo.

Com essa resposta do túmulo equivocado, Maria Madalena, a outra Maria, Joana, Salomé e as outras mulheres não só teriam confundido o túmulo, como também Pedro e João, Maria Madalena outra vez, a guarda romana, os judeus, os discípulos, entre outros. Com o tumulto que a proclamação da ressurreição de Cristo gerou, **é impossível acreditar que todos nunca foram capazes de encontrar o túmulo uma segunda vez.**

Em segundo lugar, a teoria do túmulo errado não explica as muitas e longas **aparições de Cristo** após sua ressurreição, **a aparição dos anjos** no túmulo de Cristo (a menos que devamos acreditar que eles não puderam encontrar o túmulo certo), a proclamação dos anjos de que Cristo ressuscitou, e o fato de que **nenhum corpo** jamais foi encontrado.

Uma vez que as autoridades judaicas, as quais eram as pessoas que menos queriam que a ressurreição de Jesus se propagasse, alegaram que seu corpo foi roubado pelos discípulos, pode-se inferir que verificaram que o túmulo correto foi checado (se não todos os túmulos). Portanto, **se até mesmo os inimigos de Cristo acreditavam que seu corpo não estava mais residindo em seu lugar de repouso original, é bastante razoável concordar com eles que não era o túmulo errado.**

Agora a questão se torna: **"Então onde o corpo estava?"** Ou, mesmo antes disso, **"Quem o removeu?"**

2.9.16. SERÁ QUE AMIGOS OU ALIADOS REMOVERAM O CORPO?

> Quando os chefes dos sacerdotes se reuniram com os líderes religiosos, elaboraram um plano. Deram aos soldados grande soma de dinheiro, dizendo-lhes: "Vocês devem declarar o seguinte: 'Os discípulos dele vieram durante a noite e furtaram o corpo, enquanto estávamos dormindo.' Se isso chegar aos ouvidos do governador, nós lhe daremos explicações e livraremos vocês de qualquer problema." (*Mateus 28:12-14, "Nova Versão Internacional"*).

Se as pessoas em busca do corpo de Jesus foram para o túmulo correto, a sugestão de que seu corpo foi tomado por seus seguidores (por uma ou várias razões) provavelmente será feita. Vamos identificar quem teria sido, a razão disso, e a probabilidade de que essa seja a explicação correta.

2.9.16.1. OS SUSPEITOS

José de Arimateia removeu o corpo? Foi ele que pediu a posse do corpo e o colocou em seu próprio túmulo. Embora fosse um membro do sinédrio judeu, por esse ato gracioso ele demonstrou que estava publicamente e irrevogavelmente se identificando com Cristo e seus ensinamentos. Seja o que for que Cristo e seus seguidores fizessem parte, claramente podemos deduzir que José também era parte daquilo.

A questão agora pode ser ampliada um pouco para perguntar: **"Algum grupo de seguidores roubou o corpo?"** O que poderia ter sido uma tarefa difícil para José e, talvez, Nicodemos, teria sido muito mais fácil para um grupo maior de seguidores de mesma opinião.

2.9.16.2. A OPERAÇÃO

Considere o que deve ser feito para roubar e esconder perfeitamente o corpo de Jesus. **A operação deveria ser feita em um momento em que o sigilo poderia ter sido assegurado.** A escuridão da noite ajudaria, mas a primeira luz do amanhecer não exigiria a luz de tochas que poderia ser facilmente notada à noite.

Seria necessário **lidar com os guardas diante do túmulo, e isso sem as suas mortes,** uma vez que eles mais tarde apareceram para falar aos principais sacerdotes. Presumivelmente, era uma unidade de guarda romana, normalmente soldados armados e muito bem treinados. A preocupação deles era como seu fracasso ia ser recebido pelo governador, pois o corpo sumiu durante a vigia deles. Se tivesse sido uma unidade de guarda de templo ao invés de uma guarda romana mais treinada, um obstáculo menos formidável, mas ainda um problema para potenciais ladrões, não haveria a necessidade de que os sacerdotes tivessem subornado os guardas, nem a necessidade de que os guardas tivessem tido a garantia de proteção dos sacerdotes contra ações disciplinares.

Se ambos os obstáculos puderam de alguma forma terem sido superados, há o próximo problema da **pedra rolada na frente do túmulo.** Uma rocha de tamanho suficiente para bloquear a entrada de túmulos típicos daquela época, os quais eram escavados, foi calculada como pesando entre uma e duas toneladas. Embora a rocha grosseiramente circular precisasse apenas ser rolada do lugar, isso teria que ser feito por várias pessoas, e com um esforço considerável. Da mesma forma, a **remoção de um cadáver** da cena e seu **posterior enterro rápido ou colocação em um túmulo alternativo** também teria tomado um **grau considerável de mão de obra com prontidão e rapidez, sem falar de planejamento e confidencialidade.**

2.9.16.3. PROBLEMA 1: MANTER O SEGREDO

De todas as dificuldades neste cenário particular, a confidencialidade é provavelmente o problema mais insuperável de todos. Os segredos são notórios por serem quebrados. É altamente improvável que o grupo todo, necessariamente grande e envolvido, manteve o segredo e permaneceu unanimemente consistente com sua explicação alternativa.

A seguir, o roubo do corpo por parte dos discípulos torna-se totalmente inacreditável quando somos convidados a aceitar que cada um manteve essa mentira mesmo em suas mortes torturosas. É possível imaginar que alguns poderiam ter se enganado em acreditar em suas próprias mentiras ao longo do tempo. No entanto, o curso do tempo é exatamente o que enfraquece manter segredos. Os discípulos suportaram muitos anos de perseguição e ameaças através dos quais eles consistentemente sustentavam que Jesus havia ressuscitado.

É importante notar que **a constância na fé característica desses homens não estava em evidência no momento da morte de Jesus.** Naquele tempo eles fugiram. Eles haviam falhado em entender as palavras de Jesus a respeito de que ele realmente deveria morrer. Tudo o que eles provavelmente entenderam foi que eram associados publicamente a um homem que uma enorme multidão tinha acabado de condenar à morte. Isso é muito provável porque estavam se escondendo atrás de portas trancadas. Mas algo mudou seu comportamento e aconteceu pouco depois da crucificação de Jesus. Seja o que for, era suficientemente profundo para dar a esses homens uma causa comum pela qual cada um deles sofreria terrivelmente mais tarde.

2.9.16.4. PROBLEMA 2: FALTA DE MOTIVO

Outro argumento contra uma ressurreição forjada pelos amigos ou aliados de Jesus é o problema do motivo. Se, basicamente, ignorarmos as Escrituras e insistimos que o milagre da ressurreição não poderia acontecer e, portanto, não aconteceu, devemos também assumir a mesma coisa para os outros milagres de Cristo. Sua multiplicação de alimentos para os milhares, as curas, e o levantamento de pessoas dentre os mortos: tudo isso é de natureza milagrosa. Presumivelmente, esses milagres também não teriam ocorrido. O que isso significaria?

Desconsiderar todos os milagres de Jesus corrói completamente a afirmação dele sobre ser o Messias. **A questão é que, se Jesus não tivesse a natureza, atributos e obras do Messias prometido, então por que alguém tentaria organizar uma ressurreição messiânica?** Se ele não fez sinais milagrosos, não fez que o coxo andasse e o cego visse, se ele não nasceu e morreu sob as circunstâncias certas, então o que iria fazer as pessoas acreditarem que uma tumba vazia iria ser significativa?

Se Jesus não estivesse parecendo o Messias até sua morte, um cadáver desaparecido seria apenas isto: um cadáver desaparecido. O corpo de Jesus certamente não teria sido o primeiro corpo que foi colocado num lugar errado ou que foi roubado. Muitos corpos desapareceram ou nunca foram encontrados ao longo dos anos, mas os nossos calendários não são medidos por posição relativa a qualquer um deles, exceto um. Todas as evidências para a ressurreição de Jesus, incluindo o próprio debate dois mil anos mais tarde, deveriam nos fazer perguntar o que pensar sobre esse homem que deu credibilidade pública à ideia de que havia algo significativo sobre seu corpo perdido.

2.9.16.5. PROBLEMA 3: COM AMIGOS COMO ESSES...

Por último, considere **os ensinamentos de Jesus.** Não são contestados como tendo sido realmente qualquer coisa diferente do que foi escrito. Jesus não é acusado de ter promovido silenciosamente a mentira e a falsidade. Portanto, se seu corpo estava para ser escondido durante a noite e sua ressurreição falsificada, não seria por um amigo ou aliado que acreditava nele e que possivelmente esperava sua ressurreição genuína. Tal comportamento desonesto definiria os ladrões do corpo como inimigos de Jesus, não como amigos. Portanto, se não podemos encontrar o corpo de Jesus entre seus amigos, então é hora de buscar entre seus inimigos.

2.9.17. SERÁ QUE INIMIGOS REMOVERAM O CORPO?

> Deus é uma resposta grosseira, uma indelicadeza para nós pensadores – no fundo, meramente uma proibição grosseira para nós: "você não vai pensar!" (*Friedrich Nietzsche*).

> Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu. (*Romanos 12:1-3, "Nova Versão Internacional"*).

> "Venham, vamos refletir juntos", diz o SENHOR. "Embora os seus pecados sejam vermelhos como escarlate, eles se tornarão brancos como a neve; embora sejam rubros como púrpura, como a lã se tornarão. (*Isaías 1:18, "Nova Versão Internacional"*).

Se o túmulo correto foi identificado e os amigos de Jesus não tomaram seu corpo, a alternativa natural para explicar o túmulo vazio é checar os inimigos de Jesus. Vamos identificar quem teria sido, a razão disso, e a probabilidade de que essa seja a explicação correta.

2.9.17.1. OS SUSPEITOS

As **autoridades judaicas** roubaram o corpo? Os judeus haviam expressado a preocupação de que os discípulos de Jesus pudessem tentar roubar seu corpo e então falsamente alegar sua ressurreição. É por isso que as autoridades judaicas garantiram uma unidade de guarda de Pilatos. É concebível que essas mesmas autoridades poderiam ter tomado o corpo para impedir que ele fosse roubado por mais alguém. Isso teria impedido qualquer ação semelhante da parte dos interessados em fingir uma ressurreição. No entanto, há uma falha óbvia para essa explicação. Se os judeus tivessem roubado o corpo, então poderiam ter encontrado um corpo, e o teriam encontrado. O fato de que os judeus não fizeram isso indica que eles provavelmente não puderam encontrar o corpo.

2.9.17.2. PROBLEMA: SIGA O DINHEIRO

A única razão pela qual as autoridades judaicas não teriam apresentado o corpo se o tivessem em sua possessão, antitético de tudo o que publicamente alegavam, é sugerido pelo velho ditado "siga o dinheiro". **Talvez os judeus tenham roubado o corpo para extorquir dinheiro dos discípulos.** É como se os fariseus exigissem dinheiro mais ou menos desta forma: "Dê-nos dinheiro ou vamos apresentar o corpo e acabar com sua fraude da ressurreição."

Embora não haja nenhuma evidência desse cenário, seria uma explicação viável do corpo perdido, considerando a possibilidade de que os discípulos tivessem algum tipo de tesouraria?

Primeiramente, o amor ao dinheiro é certamente uma raiz de todos os tipos de males, mas não explica os fatos como os conhecemos. Assim como a ganância poderia ter sido uma motivação para os judeus, definitivamente foi uma motivação para Judas. Portanto, é altamente provável que, quando Judas, o tesoureiro dos discípulos, fugiu e traiu Jesus, qualquer "tesouro dos discípulos" também fugiu com ele:

> Mas um dos seus discípulos, Judas Iscariotes, que mais tarde iria traí-lo, fez uma objeção: "Por que este perfume não foi vendido, e o dinheiro dado aos pobres? Seriam trezentos denários." Ele não falou isso por se interessar pelos pobres, mas porque era ladrão; **sendo responsável pela bolsa de dinheiro, costumava tirar o que nela era colocado.** (*João 12:6, "Nova Versão Internacional"*).

> Respondeu Jesus: "Aquele a quem eu der este pedaço de pão molhado no prato." Então, molhando o pedaço de pão, deu-o a Judas Iscariotes, filho de Simão. Tão logo Judas comeu o pão, Satanás entrou nele. "O que você está para fazer, faça depressa", disse-lhe Jesus. Mas ninguém à mesa entendeu por que Jesus lhe disse isso. **Visto que Judas era o encarregado do dinheiro,** alguns pensaram que Jesus estava lhe dizendo que comprasse o necessário para a festa, ou que desse algo aos pobres. Assim que comeu o pão, **Judas saiu.** E era noite. (*João 13:26-30, "Nova Versão Internacional"*).

Em segundo lugar, uma vez que os discípulos provavelmente tinham pouco ou nenhum dinheiro, qualquer "fortuna" que os judeus esperariam ganhar teria que vir na forma de lucros futuros dos discípulos de Jesus. Se esse fosse o caso, então os judeus estariam prejudicando a si mesmos com o posterior espancamento, ostracismo e apedrejamento que mais tarde causaram aos discípulos e seus convertidos.

Por último, se as autoridades judaicas estivessem extorquindo dinheiro dos discípulos por causa do cadáver de Jesus, então os discípulos não teriam escolhido morrer para sustentar que Cristo havia ressuscitado corporalmente. Incontroversamente, **as autoridades judaicas estavam interessadas em promover o descrédito da ressurreição, e a melhor maneira para terem feito isso teria sido apresentar o corpo, se o tivessem, ou um corpo falso. Mas não fizeram nada disso.**

2.9.17.3. MAIS SUSPEITOS

Os romanos roubaram o corpo? A unidade de guarda romana presente no túmulo tinha, talvez, a maior oportunidade de roubar o corpo. Ao mesmo tempo, teria o menor motivo. **A unidade de guarda cometeu dois erros pelos quais estava em perigo de execução: permitiu que o corpo fosse removido do túmulo e deixou seu posto.** Josh McDowell escreveu sobre a justiça romana nesse caso:

> Se não fosse evidente qual soldado tinha falhado no dever, então muitos eram trazidos às autoridades para ser decidido quem seria punido com a morte pelo fracasso da unidade de guarda [135].

2.9.17.4. PROBLEMA: RISCO VERSUS RECOMPENSA

Por mais duvidoso que pareça a hipótese de que os guardas tivessem tomado o corpo, poderíamos mais uma vez seguir o dinheiro, explorando a possibilidade de que a guarda romana estava usando o corpo roubado para obter ganhos financeiros. Os discípulos não estavam sendo extorquidos pelos guardas pela mesma razão que não estavam sendo extorquidos pelos judeus: muito pouco para ganhar e os discípulos estavam totalmente convencidos do retorno de Jesus à vida.

Talvez os guardas tivessem tomado o corpo, mas estivessem extorquindo as autoridades judaicas ao invés de extorquirem os discípulos. Os judeus tinham dinheiro e os discípulos apenas encontraram um túmulo vazio e guardas desaparecidos. Mas o que parece estar se formando como a melhor explicação até agora ainda desmorona por pelo menos cinco razões:

1. **As autoridades judaicas se ofenderiam com a extorsão e poderiam ter informado as autoridades romanas da falha dos guardas, e então esses guardas teriam sido executados.** Lembre-se que os judeus foram aqueles que garantiram aos guardas que os protegeriam.

2. **Os judeus alegaram que não foram os guardas que roubaram o corpo, mas os discípulos.**

3. Em 70 d.C. Roma destruiu completamente Jerusalém e a nação de Israel. **Roma poderia prejudicá-los ainda mais, expondo o suposto papel dos judeus no esquema de ressurreição, se os judeus realmente tivessem tal envolvimento.**

4. Roma, eventualmente, **procurou destruir a Igreja, e poderia ter feito ainda melhor ao tornar público o esquema de extorsão** com todos os detalhes e a apresentação do corpo.

5. O segredo do corpo roubado por quem quer que fosse teria **eventualmente vazado e o corpo teria sido encontrado.** Porém, novamente, **nem Roma nem ninguém encontrou o corpo, ou providenciou um falso corpo.**

Todas as explicações revisadas até agora desconsideram grande parte dos relatos bíblicos e assumem muitas asserções que não são evidenciadas. Cada uma delas não consegue explicar os fatos prováveis da história como os conhecemos. Isso deixa apenas duas alternativas, ambas as quais se encaixam mais nos fatos do que qualquer outra crença. **Por poder divino ou por mera sorte, o próprio Jesus teve que se retirar daquele túmulo.**

2.9.18. SERÁ QUE JESUS REMOVEU A SI MESMO DAQUELE TÚMULO?

> A Cruz é uma forca – é uma coisa estranha para ser usada como um talismã contra a má sorte, se é assim que a consideramos. (*Denis Johnston*).

> Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus. (*1 Coríntios 1:18, "Nova Versão Internacional"*).

Se o túmulo correto foi identificado e nem os amigos e nem os inimigos de Jesus tomaram seu corpo, a última alternativa para explicar o túmulo vazio é checar o próprio Jesus. Ele se levantou dos mortos no terceiro dia, ou ele na verdade nunca esteve morto?

Vamos explorar a maneira e a probabilidade de como Jesus poderia ter removido a si mesmo daquele túmulo.

2.9.18.1. JESUS ESTAVA REALMENTE MORTO?

"Marley estava tão morta como uma pedra, e disso não havia dúvida." Assim começa "A Christmas Carol" de Charles Dickens. O autor não queria que ninguém se enganasse quanto ao personagem sobrenatural de que estava prestes a ter lugar. Da mesma forma, antes de assumirmos o papel de CSI e reunir as provas para uma ressurreição, é preciso primeiro estabelecer se houve, de fato, um cadáver. Afinal, ocasionalmente, os jornais informam sobre algum "cadáver" em um necrotério que foi encontrado se agitando e recuperado. Poderia algo assim ter acontecido com Jesus?

Alguns propuseram que Jesus resistiu a crucificação e foi reavivado pelo ar frio e úmido no túmulo. Mas essa teoria não se enquadra com a evidência médica. Um artigo do "Journal of the American Medical Association" explicou por que essa assim chamada "teoria do desmaio" é insustentável:

> Claramente, o peso da evidência histórica e médica indicou que Jesus estava morto. A lança impelida entre suas costelas direitas provavelmente perfurou não só o pulmão direito, mas também o pericárdio e o coração e, assim, foi assegurada a sua morte [136].

Mas o ceticismo desse veredito pode estar em alta, uma vez que o caso da morte de Jesus é um *cold case* (um crime ou acidente considerado não resolvido e que não pode ser submetido à investigação criminal recente) há 2.000 anos antes do presente. No mínimo, precisamos de uma segunda opinião.

Um lugar para encontrar isso são os relatos de historiadores não cristãos. Três desses historiadores mencionam a morte de Jesus:

- **Luciano de Samósata** (cerca de 120-180 d.C.) referiu-se a Jesus como um sofista (filósofo) crucificado [137];

- **Josefo** (cerca de 37-100 d.C.) escreveu: "Nesse tempo surgiu Jesus, um homem sábio e autor de grandes feitos. Quando Pilatos o condenou à morte na cruz, os nossos líderes acusaram-no, e aqueles que o amavam não deixaram de o fazer" [138]. Embora porções de comentários de Josefo sobre Jesus têm sido disputadas, essa referência a Pilatos condenando-o à cruz é considerada autêntica pela maioria dos estudiosos;

- **Tácito** (cerca de 56-120 d.C.) escreveu: "Christus, de quem o nome teve sua origem, sofreu a penalidade extrema [...] nas mãos de nosso procurador, Pôncio Pilatos" [139].

Isso é mais ou menos como ir para os arquivos e descobrir que, em um dia de primavera no primeiro século, o "The Jerusalem Post" publicou uma matéria de primeira página dizendo que Jesus foi crucificado e morreu. Um trabalho de detetive nada mau, e bastante conclusivo.

Na verdade, não há nenhum relato histórico de cristãos, romanos, ou judeus que tenham disputado a morte de Jesus ou seu enterro. Mesmo estudiosos céticos que negam a ressurreição concordam que Jesus estava morto. O notável cético James Tabor declarou:

> Eu acho que nós não precisamos ter dúvida de que, dada a execução a Jesus por crucificação romana, ele estava realmente morto [140].

John Dominic Crossan, co-fundador do notoriamente cético Jesus Seminar, concorda que Jesus realmente viveu e morreu. Ele declarou:

> Que ele foi crucificado é tão certo como qualquer coisa histórica pode ser [141].

À luz de tal evidência histórica e médica, parece que Jesus estava claramente morto. Porém, ainda assim, vamos considerar a possibilidade de que ele tenha conseguido se retirar do túmulo.

Se ele conseguiu se retirar do túmulo, isso explicaria a confusão sobre seu corpo desaparecido, a certeza dos discípulos até a morte de que ele estava vivo, e alguns dos aparecimentos que ele fez a várias testemunhas. Todos esses fatores contribuíram para a fervorização que resultou em dois mil anos do cristianismo e da Igreja.

Há quatro áreas a considerar no que diz respeito à possibilidade de que Jesus não foi ressuscitado, mas removeu a si mesmo do túmulo:

- Sua **sobrevivência;**
- Sua **escapatória;**
- Seu **comportamento;**
- Seu **desaparecimento repentino.**

2.9.18.2. SOBREVIVÊNCIA

O primeiro pré-requisito para que Jesus tenha se libertado de seu túmulo é que ele tenha sobrevivido à crucificação, incluindo tudo antes e depois. Jesus foi preso à noite e imediatamente passou por uma série de seis julgamentos consecutivos e interrogatórios, terminando em sua crucificação no dia seguinte. Tudo o que estava à sua frente teria que ser feito sem o benefício de uma noite de sono. Ele também recebeu três espancamentos separados: o primeiro pelos homens que o guardavam durante o julgamento dos judeus, o segundo depois que a multidão exigiu que ele fosse crucificado, e o terceiro pelos soldados do governador pouco antes de ser conduzido a Pilatos para interrogatório final.

Habitualmente, os prisioneiros condenados à crucificação eram açoitados com o *flagrum* romano. Um *flagrum* era uma haste terminando em tiras de couro com fragmentos de ossos dentados anexados. Jesus foi então forçado a carregar o membro horizontal da cruz na qual ele ia ser crucificado (o *patibulum*) pelas ruas da cidade até ir para fora dela. Ele o fez até que finalmente outro homem teve que ser forçado a carregar o madeiro para terminar a viagem.

Chegando ao Gólgota, ele então teve cravos atravessando suas mãos/pulsos e pés. Tipicamente eles eram de cinco a sete polegadas de comprimento e de três oitavos de polegada quadrada [142]. A evidência arqueológica pela qual uma crucificação típica pode ser confirmada está com os restos de Yohanan Ben Há'galgal. Essa vítima da crucificação foi descoberta em 1968 em túmulos em Ras el-Masaref, ao norte de Jerusalém [143].

Depois de Jesus estar pendurado várias horas sobre a cruz, suspenso pelos cravos, os guardas romanos declararam sua crença de que Jesus tinha morrido. À medida que a noite se aproximava, as pernas das outras duas vítimas foram quebradas para apressar suas mortes, por causa do sábado especial que estava próximo. Os guardas, querendo confirmar que Jesus estava morto, ao invés de quebrarem suas pernas, perfuraram profundamente seu lado com uma lança. A experiência deles interpretou a separação de sangue e fluidos pulmonares que emergiram como confirmação de sua morte.

Ele foi depois trazido abaixo, envolto com cerca de trinta e cinco quilos de especiarias (normalmente em uma pasta gomosa), envolto em linho, colocado no túmulo, e uma rocha foi rolada na frente da entrada do túmulo. Se Jesus não morreu até esse ponto, ou se não foi sufocado por causa dos embrulhos colocados firmemente ao seu rosto e corpo, teve até o terceiro dia para se recuperar para o próximo passo: escapatória.

2.9.18.3. ESCAPATÓRIA

Se Jesus escapou, o primeiro passo foi a remoção dos envoltórios de linho que teve da cabeça aos pés. Então, ou ele sozinho rolou a rocha de uma ou duas toneladas que estava na entrada do túmulo, e isso pelo lado de dentro, ou um enorme terremoto oportuno e fortuito a derrubou. Nesse ponto, talvez os guardas teriam fugido do choque, ou talvez Jesus teve que desarmá-los e derrotá-los, de modo que, por vergonha, eles fabricaram a história do anjo.

2.9.18.4. COMPORTAMENTO

Pouco depois de sua fuga, Jesus foi visto por Maria Madalena e as outras mulheres. Elas não só o viram, mas ele falou com elas (ou elas assim elas pensaram que ele fez). Mais tarde naquele dia, Jesus andou e conversou com Cleopas e Simão na estrada para Emaús (ou assim eles pensaram que ele fez) e apareceu entre seus discípulos para eles o verem e tocarem (ou assim eles pensaram que ele fez). Sua aparência era tal que todos os que o viram acreditavam que ele havia conquistado a morte e ressuscitado.

Durante os quarenta dias seguintes, Jesus continuou a aparecer entre os discípulos (ou assim eles pensaram que ele fez), discutiu o reino de Deus, comeu com eles, e foi relatado pela última vez como tendo ascendido ao céu (ou assim eles pensaram que ele fez).

2.9.18.5. DESAPARECIMENTO REPENTINO

Finalmente, se Cristo tivesse conseguido tudo isso de forma fraudulenta, ele deve ter se retirado da cena para que, quando morresse de verdade, fosse em anonimato. Isso para que o corpo de Jesus de Nazaré nunca mais fosse visto e para que ninguém mais tivesse ouvido falar dele. Isso, naturalmente, levanta a pergunta irrespondível de qual foi a motivação de Jesus.

Se o motivo de Jesus não era estar por perto e ter colhido os frutos de reputação, dinheiro ou qualquer outra coisa para seu benefício, ele quase morreu tentando forjar ser como Deus e ser adorado como o Deus que muitos pensavam que ele era... Por que ele desapareceu? É essa a verdadeira história de Jesus, o quase-cristo?

Essa história sofre o defeito de possuir uma semelhança mais próxima aos filmes de ação de Hollywood do que da realidade. No filme, o herói pode tomar qualquer quantidade de punição. O herói, embora ensanguentado, espancado e morrendo, ainda consegue superar o pelotão mais perigoso de perseguidores maníacos. No entanto, na realidade, conhecemos pessoas que são consideradas doentes no primeiro sinal de pensar que algo dói. Fizemos essa comparação absurda para enfatizar que Jesus – abandonado, privado, flagelado, espancado, zombado, ridicularizado, perfurado, crucificado, atravessado por lança, preso e sepultado – não estava apenas tentando achar uma brecha para recuperar seu fôlego.

Não é razoável acreditar que Jesus de repente se sentiu melhor, livrou-se de seu envoltório de enterro, silenciosamente deslocou a enorme rocha de selagem do túmulo, dispersou uma unidade de guarda romana de, provavelmente, dezesseis homens, apareceu por todo país bem debaixo do nariz daqueles que desesperadamente o queriam morto, convenceu os amigos, família e estranhos de sua perfeita saúde e aparente imortalidade, e fingiu o maior ato de desaparecimento do mundo diante de centenas de pessoas em plena luz do dia... Tudo em contraste à uma vida dizendo a verdade e entregando os ensinamentos mais influentes já dados.

2.9.19. DE VOLTA À QUESTÃO DO TÚMULO VAZIO

Nenhum historiador sério realmente duvida Jesus estava morto quando foi retirado da cruz. No entanto, muitos têm questionado como o corpo de Jesus desapareceu da tumba. O jornalista inglês Frank Morison (pseudônimo de Albert Henry Ross) pensou inicialmente que a ressurreição fosse um mito, ou uma farsa, e começou a pesquisar para escrever um livro para refutá-la [144]. O livro tornou-se famoso, mas por razões diferentes da sua intenção original.

Morison começou por tentar resolver o caso do túmulo vazio. O túmulo pertencia a um membro do conselho do sinédrio, José de Arimateia. Em Israel, naquela época, estar no conselho era como ser uma celebridade. Todos sabiam quem estava no conselho. José deve ter sido uma pessoa real. Caso contrário, os líderes judeus teriam exposto a história como uma fraude em sua tentativa de refutar a ressurreição. Além disso, o túmulo de José teria sido em um local bem conhecido e facilmente identificável, então qualquer pensamento de Jesus estando "perdido no cemitério" teria que ser descartado.

Morison se perguntou por que os inimigos de Jesus teriam permitido que o "mito do túmulo vazio" persistisse se não fosse verdade. A descoberta do corpo de Jesus teria acabado instantaneamente com toda a trama.

E o que é conhecido historicamente dos inimigos de Jesus é que eles acusaram seus discípulos de roubar o corpo, uma acusação claramente baseada na crença comum de que o túmulo estava vazio.

O Dr. Paul L. Maier, professor de história antiga da Western Michigan University, de forma similar, declarou: "Se todas as evidências forem pesadas cuidadosamente e razoavelmente, é certamente justificável [...] concluir que o túmulo em que Jesus foi enterrado estava realmente vazio na manhã da primeira páscoa. E nenhum traço de evidência ainda tem sido descoberto [...] que refute essa afirmação" [145].

Os líderes judeus ficaram atordoados. Eles acusaram os discípulos de roubar o corpo de Jesus. Mas os romanos tinham atribuído uma vigia de 24 horas no túmulo com uma unidade de guarda treinada (de quatro a dezesseis soldados). Josh McDowell observou que eles não eram soldados comuns:

> Quando essa unidade de guarda falha no seu dever – se os guardas dormissem, deixassem sua posição, ou falhassem de qualquer jeito – há uma série de fontes históricas que remontam à época e descrevem o que aconteceria. Muitos deles eram despojados de suas próprias roupas, eles eram queimados vivos em fogo aceso com suas próprias roupas, ou eram crucificados de cabeça para baixo. A unidade de guarda romana estava comprometida com a disciplina e temia o fracasso de qualquer forma [146].

Teria sido impossível para qualquer pessoa ter passado pelos guardas romanos e ter movido uma pedra de uma a duas toneladas. No entanto, a pedra foi afastada e o corpo de Jesus estava ausente.

Se o corpo de Jesus estivesse em qualquer lugar para ser encontrado, seus inimigos teriam rapidamente exposto a ressurreição como uma fraude. Tom Anderson, ex-presidente da California Trial Lawyers Association, resumiu a força desse argumento:

> Com um evento tão bem divulgado, você não acha que é razoável que um historiador, uma testemunha ocular, um antagonista, iria gravar para todos os tempos que tinha visto o corpo de Cristo? [...] O silêncio da história é ensurdecedor quando se trata de testemunho contra a ressurreição [147].

Assim, com nenhum corpo de evidência, e com um túmulo conhecido e claramente vazio, Morison aceitou a evidência tão sólida de que o corpo de Jesus tinha de alguma forma desaparecido do túmulo.

2.9.20. ROUBADORES DE TÚMULOS?

Conforme Morison continuava sua investigação, começou a examinar os motivos dos seguidores de Jesus. Talvez a suposta ressurreição foi, na verdade, um corpo roubado. Mas se foi assim, como é que se explica o relato de todas as aparições de um Jesus ressuscitado? O historiador Paul Johnson, na obra "A History of the Jews", escreveu:

> O que importava não eram as circunstâncias de sua morte, mas o fato de que se acreditou extensamente e obstinadamente que ele se ergueu novamente, por um círculo crescente de pessoas [148].

O túmulo de fato estava vazio. Mas não era a mera ausência de um corpo que poderia ter galvanizado os seguidores de Jesus, especialmente se fossem eles mesmos que o tivessem roubado. **Algo extraordinário deve ter acontecido para os seguidores de Jesus tivessem deixado seu luto, seus esconderijos, e tivessem começado a proclamar destemidamente que tinham visto Jesus vivo.**

Cada testemunha ocular relata que viu Jesus aparecer de repente e corporalmente para seus seguidores, sendo as mulheres primeiro. Morison se perguntou por que conspiradores fariam mulheres como centrais para seu enredo. No primeiro século, as mulheres não tinham virtualmente nenhum direito, pessoalidade, ou *status.* Se tal trama fosse elaborada para ter êxito, Morison raciocinou, os conspiradores teriam retratado homens, e não mulheres, como sendo as primeiras pessoas a ver Jesus vivo. E ainda assim ouvimos que as mulheres o tocaram, falaram com ele, e foram as primeiras a encontrar o túmulo vazio.

Mais tarde, de acordo com os relatos de testemunhas oculares, todos os discípulos viram Jesus em mais de dez ocasiões separadas. Eles escreveram que ele mostrou a eles as mãos/pulsos e os pés furados e disse a eles para

tocá-lo. E foi relatado que ele comeu com eles e, mais tarde, apareceu vivo para mais de 500 seguidores em uma ocasião.

O acadêmico da área jurídica John Warwick Montgomery declarou:

> Em 56 d.C. o apóstolo Paulo escreveu que mais de 500 pessoas tinham visto o Jesus ressuscitado e que a maioria delas ainda estavam vivas em 1 Coríntios 15:6. Ultrapassa os limites da credibilidade imaginar que os primeiros cristãos poderiam ter fabricado tal conto e depois o pregaram entre aqueles que poderiam facilmente ter refutado esse conto simplesmente por produzirem o corpo de Jesus [149].

Os estudiosos bíblicos Geisler e Turek concordam:

> Se a ressurreição não tivesse ocorrido, por que o apóstolo Paulo daria essa lista de supostas testemunhas oculares? Ele imediatamente perderia toda a credibilidade com seus leitores coríntios ao mentir tão descaradamente [150].

Pedro disse a uma multidão em Cesareia a razão pela qual ele e os outros discípulos estavam tão convencidos de que Jesus estava vivo:

> Nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém, onde o mataram, suspendendo-o num madeiro. Deus, porém, o ressuscitou no terceiro dia e fez que ele fosse visto, não por todo o povo, mas por testemunhas que designara de antemão, por nós que comemos e bebemos com ele depois que ressuscitou dos mortos. (*Atos 10:39-41, "Nova Versão Internacional"*).

O estudioso bíblico britânico Michael Green comentou:

> As aparições de Jesus são tão bem autenticadas como qualquer coisa na antiguidade [...]. Não pode haver dúvida racional que elas ocorreram [151].

2.9.21. CONSISTENTE ATÉ O FIM

Como se os relatos de testemunhas não fossem suficientes para desafiar o ceticismo de Morison, ele também ficou perplexo com o comportamento dos discípulos. Um fato histórico que tem deixado historiadores, psicólogos e céticos perplexos é que **aqueles onze "ex-covardes" foram subitamente dispostos a sofrer humilhação, tortura e morte.** Todos os discípulos de Jesus foram mortos como mártires, exceto um (Judas Iscariotes). Será que eles teriam feito tanto por uma mentira, sabendo que haviam tomado o corpo?

Os terroristas de 11 de setembro de 2001 provaram que alguns vão morrer por uma falsa causa em que acreditam. No entanto, **ser um mártir disposto a morrer por uma mentira conhecida é insanidade.** Como Paul Little escreveu:

> Homens vão morrer pelo que eles acreditam ser verdade, embora isso possa realmente ser falso. **Eles não vão, no entanto, morrer pelo que eles sabem que é uma mentira** [152].

Os discípulos de Jesus se comportaram de maneira consistente com a crença genuína que seu líder estava vivo.

Ninguém explicou adequadamente a razão pela qual os discípulos teriam estado dispostos a morrer por uma mentira conhecida. Porém, mesmo se eles todos tivessem conspirado para mentir sobre a ressurreição de Jesus, como poderiam ter mantido a conspiração continuando por décadas sem ao menos um deles se vender por dinheiro ou posição? Moreland escreveu:

> Aqueles que mentem por ganho pessoal não ficam juntos muito tempo, especialmente quando as dificuldades diminuem os benefícios [153].

Chuck Colson, implicado no escândalo de Watergate durante a administração do presidente Nixon, destacou a dificuldade de várias pessoas que mantêm uma mentira por um longo período de tempo:

> Eu sei que a ressurreição é um fato, e Watergate provou isso para mim. Como? Porque 12 homens testemunharam que tinham visto Jesus ressuscitado dentre os mortos, e então proclamaram essa verdade por 40 anos, nunca negando-a uma única vez. Cada um foi espancado, torturado, apedrejado e colocado na prisão. Eles não teriam resistido se não fosse verdade. **Watergate envolveu 12 dos homens mais poderosos do mundo – e eles não puderam manter a mentira por três semanas. Você está me dizendo que 12 apóstolos poderiam manter uma mentira por 40 anos? Absolutamente impossível** [154].

Algo aconteceu a ponto de mudar tudo para esses homens. Morison reconheceu:

> Quem vem a esse problema tem que enfrentar, mais cedo ou mais tarde, um fato que não pode ser explicado [...]. Esse fato é que [...] uma profunda convicção veio para um pequeno grupo de pessoas – uma mudança que atesta o fato de que Jesus tinha ressuscitado da sepultura [155].

2.9.22. OS DISCÍPULOS TIVERAM ALUCINAÇÕES?

Às vezes, certas pessoas podem "ver" coisas que elas querem, coisas que não estão realmente lá. E é por isso que alguns já disseram que os discípulos estavam tão perturbados com a crucificação que o seu desejo de ver Jesus vivo causou alucinação em massa. Isso é plausível?

O psicólogo Gary Collins, ex-presidente da American Association of Christian Counselors, foi questionado sobre a possibilidade de que alucinações estivessem por trás do comportamento que mudou radicalmente os discípulos. Collins comentou:

> **Alucinações são ocorrências individuais.** Pela sua própria natureza, apenas uma pessoa pode ver uma dada alucinação de cada vez. Elas certamente não são algo que pode ser visto por um grupo de pessoas [156].

Alucinação não é nem sequer uma possibilidade remota, de acordo com o psicólogo Thomas J. Thorburn:

> É absolutamente inconcebível que [...] quinhentas pessoas, de sanidade mental mediana, [...] deveriam experimentar todos os tipos de impressões sensoriais – visual, auditiva, tátil – e que todas essas [...] experiências devam se basear inteiramente em [...] alucinação [157].

Além disso, na psicologia de alucinações, um indivíduo teria que estar em um quadro mental no qual desejasse ver certa pessoa com tanta intensidade que sua mente teria maquinado isso. Dois dos principais líderes da igreja primitiva, Tiago e Paulo, ambos declaram vigorosamente que encontraram um Jesus ressuscitado, mas não esperavam isso de forma alguma. **O apóstolo Paulo, na verdade, liderou as primeiras perseguições aos cristãos, e sua conversão permanece inexplicável, exceto por seu próprio testemunho de que Jesus apareceu para ele, ressuscitado.**

A teoria da alucinação, então, parece ser outro beco sem saída. O que mais poderia explicar a ressurreição?

2.9.23. DA MENTIRA À LENDA

Alguns céticos atribuem a história da ressurreição à uma lenda que começou com uma ou mais pessoas mentindo ou pensando que viram o Jesus ressuscitado. Ao longo do tempo, a lenda teria crescido e sido embelezada a ponto de se configurar como foi passada adiante.

Superficialmente, isso parece ser um cenário plausível. Mas há três grandes problemas com essa teoria:

- Lendas simplesmente não se desenvolvem enquanto várias testemunhas oculares estão vivas para refutá-las. Um historiador da Roma e Grécia antiga, A. N. Sherwin-White, argumentou que **a notícia da ressurreição se espalhou cedo demais e rápido demais para que possa ter sido uma lenda** [158];

- **Lendas se desenvolvem pela tradição oral e não vêm com documentos históricos contemporâneos que podem ser verificados.** No entanto, os evangelhos foram escritos dentro de três décadas da ressurreição [159];

- **A teoria da lenda não explica adequadamente o fato sobre o túmulo vazio ou a convicção historicamente verificada dos apóstolos de que Jesus estava vivo** [160].

Portanto, a teoria da lenda não parece se sair melhor do que outras tentativas de explicar a afirmação surpreendente da ressurreição de Cristo. Além disso, o relato da sua ressurreição realmente tem mudado a história, começando com o Império Romano. **Como poderia uma lenda fazer um enorme impacto histórico como tal dentro desse curto período de tempo?**

2.9.24. POR QUE O CRISTIANISMO PROSPEROU?

Morison estava perplexo com o fato de que "um pequeno movimento insignificante foi capaz de prevalecer sobre a astúcia do estabelecimento judaico, bem como contra o poder de Roma". Por que o cristianismo prosperou diante de todas essas chances contra ele? Morison escreveu:

> Dentro de vinte anos, a alegação desses camponeses da Galileia tinha interferido com a igreja judaica [...]. Em menos de cinquenta anos tinha começado a ameaçar a paz do Império Romano. Quando dissemos tudo o que podia ser dito [...] nós nos defrontamos com o maior mistério de todos. Por que ele [o cristianismo] ganhou? [161].

Para todos os efeitos, **se não houvesse ressurreição, o cristianismo deveria ter morrido na cruz, quando os discípulos fugiram para salvar suas vidas.** Mas os apóstolos passaram a estabelecer um movimento cristão em crescimento. J. N. D Anderson escreveu:

> Pense no absurdo psicológico de retratar um pequeno bando de covardes derrotados encolhidos numa sala superior num dia e, alguns dias mais tarde, transformados em uma companhia que nenhuma perseguição poderia silenciar – e, em seguida, tentar atribuir essa mudança dramática a nada mais convincente do que uma invenção miserável [...]. Isso simplesmente não faz sentido [162].

2.9.25. UMA CONCLUSÃO SURPREENDENTE

Com as opções de lenda, alucinação e autópsia falha descartadas, com provas incontestáveis para um túmulo vazio, com um corpo substancial de testemunhas oculares do reaparecimento de Jesus, com a transformação inexplicável dos discípulos e o impacto sobre o mundo que causaram, Morison tornou-se convencido de que seu viés preconcebido contra a ressurreição de Jesus Cristo estava errado. Ele começou a escrever um livro diferente – intitulado "Who Moved the Stone?" – para detalhar suas novas conclusões. Morison simplesmente seguiu o rastro de evidências, pista por pista, até que a verdade do caso pareceu clara para ele. Sua surpresa foi que a evidência o levou a uma crença na ressurreição.

Em seu primeiro capítulo "The Book That Refused to Be Written", esse antigo cético explicou como a evidência o convenceu de que **a ressurreição de Jesus foi um evento histórico real.** "Era como se um homem resolvesse atravessar uma floresta por uma trilha familiar e bem precária e saísse de repente por onde ele não esperava sair" [163].

Morison não está sozinho. Vários outros céticos examinaram a evidência para a ressurreição de Jesus e a aceitaram como o fato mais surpreendente de toda a história humana. C. S. Lewis, o qual uma vez chegou a duvidar da existência de Jesus, também foi persuadido pela evidência para a ressurreição dele. Ele escreveu: "Algo perfeitamente novo na história do universo tinha acontecido. Cristo tinha derrotado a morte. A porta que tinha estado sempre trancada tinha sido pela primeira vez forçada a abrir" [164].

2.9.26. A ÚLTIMA EXPLICAÇÃO

Os céticos podem ler todas essas explicações e responder: "Os cristãos dizem que a sobrevivência, escapatória, comportamento e desaparecimento repentino de Cristo é uma fantasia irracional – assim também é a alegação de que ele ressuscitou dos mortos!" **Esse é o impasse a que todos acabam se deparando no final – a escolha entre duas conclusões incríveis:**

- "É muito irracional acreditar que Jesus foi Deus encarnado e voltou dos mortos – algo que nunca aconteceu antes ou até agora! Jesus não é um Messias ressuscitado", ou...

- "É muito irracional acreditar que tudo isso aconteceria de acordo com as numerosas e detalhadas profecias que os pergaminhos do Mar Morto registraram séculos antes e Jesus não ser o Messias! Jesus deve ser o Messias ressuscitado."

Qual opção é mais razoável?

Uma "terceira opção" que muitas pessoas fazem, talvez a maioria das pessoas nos dias de hoje, é simplesmente **não escolher.** As pessoas **se abstêm de chegar a qualquer conclusão na expectativa relaxada de que algum dia uma opção mais palatável vai vir.** Mas a ação de não escolher já é, em si, uma escolha. Nos termos da alegoria do navio afundando que apresentamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?), a escolha de não escolher nos deixa naquele navio que está afundando. Essa analogia é continuada e concluída de maneira interessante no quinto estágio deste estudo (autoridade).

A reiteração desse ponto pode apresentar uma pressão desconfortável para o leitor. Em toda decisão que envolve honestidade realmente se encontra uma pressão desconfortável. Nesse caso, é uma pressão que Deus quis que a mensagem de Jesus carregasse. A escolha que ele nos dá em crer ou não crer é muito profunda, muito importante e está muito disponível. Qual a sua escolha?

Por todas as evidências, **o melhor veredito é que Jesus ressuscitou dos mortos.**

Mas espere! Um documentário de TV afirmou que "o túmulo da família de Jesus foi encontrado". Se os restos mortais de Jesus foram encontrados, isso significa que ele não ressuscitou, não é mesmo? Antes de responder, devemos perguntar: podemos confiar em documentários ou livros que afirmam isso? Não, não podemos. Examinemos a seguir a razão.

2.9.27. O TÚMULO DA FAMÍLIA DE JESUS FOI ENCONTRADO? [165]

Muito sensacionalismo foi feito com uma alegada descoberta do túmulo da família de Jesus. Se os ossos de Jesus tivessem sido encontrados, ele não teria ressuscitado. Vamos ver o que as evidências indicam.

2.9.27.1. OS OSSOS DE JESUS FORAM MESMO ENCONTRADOS?

Será que o túmulo de Jesus Cristo foi descoberto no subúrbio de Jerusalém de Talpiot? Em um documentário de TV de 2007 do Discovery Channel, o produtor James Cameron e o diretor judeu Simcha Jacobovici tentaram provar que a caverna de sepultamento de Jesus e seus ossos foram descobertos perto de Jerusalém. Cameron e Jacobovici ainda citaram evidência de que Jesus gerou um filho com Maria Madalena.

Se o túmulo de Jesus Cristo realmente foi descoberto e é como eles alegam, toda a história cristã tem sido baseada em uma falsa alegação: Jesus fisicamente ressuscitou dos mortos, foi visto vivo por mais de 500 seguidores de uma só vez, passou 40 dias ensinando seus discípulos, e então ascendeu para o céu. Mas antes de sermos pegos em outro tipo de conspiração estilo "Código Da Vinci", vamos olhar para os fatos por trás alegações de Cameron.

2.9.27.2. O QUE SE ALEGA

A. Em 1980, dez caixas de calcário de ossos (ossuários), cujos ossos foram datados do primeiro século, foram descobertas em um túmulo escavado no subúrbio de Talpiot de Jerusalém.

B. Seis inscrições foram descobertas com nomes semelhantes, ou os com os mesmos nomes, de alguns dos familiares e discípulos de Jesus Cristo:

   - Jesua, filho de José;

   - Maria;

- Mariamene e Mara;
- Mateus;
- Jofa;
- Judá, filho de Jesua.

C. Cameron tentou provar que "Mariamene e Mara" é Maria Madalena e que ela e Jesus tiveram um filho chamado "Judá, filho de Jesua".

D. Uma análise de DNA identifica que os tecidos do ossuário de Jesua e Mariamene e Mara não estavam relacionados, levantando a possibilidade de que eles podem ter sido casados e tiveram um filho.

2.9.27.3. CHECANDO A EVIDÊNCIA

Quais são as chances de que esse seja o túmulo de Jesus? De acordo com Cameron e Jacobovici, a improbabilidade estatística desses nomes serem pertencentes a outra família que não seja a de Jesus Cristo é de 600 para 1. No entanto, estudiosos desafiam muitos dos **pressupostos** usados na interpretação dos fatos.

É verdade que esses ossuários foram descobertos em um túmulo antigo, mas milhares de túmulos semelhantes foram descobertos em Jerusalém, e ossuários foram frequentemente usados para os ossos de mais de um indivíduo. Na verdade, de acordo com o Dr. Craig Evans, PhD, autor de "Jesus and the Ossuaries", o túmulo carregava os ossos de cerca de 35 indivíduos diferentes, e cerca de metade eram desses ossuários. Evans também observou que houve contaminação considerável do sítio.

Cameron e Jacobovici estão corretos sobre os nomes que afirmam estar nos ossuários? Não de acordo com muitos especialistas. Alguns foram escritos em aramaico, outros em hebraico, e outros em grego. Isso indica que não foram enterrados em um período de tempo semelhante. Não está nem mesmo claro que "Jesus" é nomeado em qualquer um dos ossuários. O exame pessoal do Dr. Evans no ossuário foi inconclusivo. Stephen Pfann, um estudioso bíblico da University of the Holy Land em Jerusalém, também não tem certeza de que o nome "Jesus" sobre as caixas foi lido corretamente. Ele achou que é mais provável que o seja nome "Hanun". Escrita semita antiga é notoriamente difícil de decifrar.

Além disso, deve ser notado que os nomes de Jesus, Maria e José eram extremamente comuns no primeiro século. Cerca de 25% das mulheres nos dias de Jesus foram nomeadas "Maria". "José" também era um nome comum. E cerca de um em cada dez tinha o nome "Jesua". O Dr. Evans indicou que cerca de 100 túmulos foram descobertos em Jerusalém com o nome "Jesus" e 200 com o nome "José". O nome "Maria" aparece bem mais.

Cada nome, com exceção de "Mariamene", parecia comum a seu período, e foi apenas em 1996 que a BBC fez um filme sugerindo que, dada a combinação, poderia ser daquela família. A ideia acabou por ser descartada, no entanto, porque, como o estudioso do Novo Testamento Richard Bauckham afirmou, "os nomes com ressonância bíblica são tão comuns que, mesmo quando você checa as probabilidades no grupo, as chances de eles serem da famosa família de Jesus são muito baixas."

O suporte estatístico para toda a "teoria do túmulo de Jesus" se ergue ou cai sobre a questão de Maria Madalena. Ao contrário do que Cameron e Jacobovici tentaram provar, a maioria dos especialistas não estão de acordo que o nome "Mariamene e Mara" significa "Maria Madalena". A interpretação não é corroborada por dados. Bauckham observou: "O primeiro uso de 'Mariamene' para 'Madalena' remonta a um estudioso que nasceu em 185 d.C., o que sugere que Madalena não teria sido chamada assim em sua morte."

Assim, mesmo que Cameron e Jacobovici tenham empregado um estatístico, Andrey Feuerverger, para apoiar o seu caso, **seus números foram baseados em premissas contestadas pela maioria dos estudiosos.** Na verdade, o próprio Feuerverger admitiu que **os pressupostos foram dados a ele por Jacobovici,** e que o único fator maior em sua probabilidade de 600 a 1 era a identidade de "Mariamene e Mara" sendo "Maria Madalena". Feuerverger defendeu seu papel em uma entrevista à revista Scientific American da seguinte forma: "Eu permiti o

número um em 600 a ser usado no filme – estou preparado para apoiar isso, mas com o entendimento de que esses números foram calculados **com base em pressuposições que foram pedidas para serem usadas."**

No entanto, a análise estatística da probabilidade do Dr. Randy Ingermanson indica que há menos de uma chance em 10.000 de que esse seja o túmulo de Jesus de Nazaré.

E quanto aos testes de DNA? Isso não prova Jesus estava no túmulo? Olhando mais de perto para o que o teste de DNA mediu, o que foi tomado para análise foi resíduo (não havia ossos para examinar) dos ossuários que Jacobovici identificou como pertencendo a Jesua e Mariamene. Então, foi utilizado o teste de DNA mitocondrial para checar se eles estavam relacionados. Os resultados provaram ser negativos, indicando que os dois indivíduos não estavam relacionados maternalmente. Assim, Jacobovici assumiu que os dois se casaram. Mas Bauckham não está impressionado. Ele escreveu: "Se 'Jesua' e 'Mariamene' não foram relacionados matrilinearmente, pode-se saltar à conclusão de que eles eram marido e mulher, em vez de serem relacionados por meio de seus pais?"

É o fato de que esses nomes particulares foram descobertos no mesmo túmulo que tem alimentado especulações de que ele realmente poderia ter sido o túmulo de Jesus. Porém, muitos estudiosos acreditam que Cameron e Jacobovici têm distorcido a evidência para construir um caso que simplesmente não está lá. Além disso, há muitas questões contraditórias que precisam ser respondidas antes que se pule para uma conclusão que inverta séculos de estudo histórico.

2.9.27.4. SE REALMENTE FOSSE O TÚMULO DE JESUS...

Se o tal fosse realmente o túmulo de Jesus, por que a maioria dos estudiosos disputa as alegações de Cameron e Jacobovici? Por exemplo, em 1996, quando a British Broadcasting Corporation exibiu um pequeno documentário sobre o mesmo assunto, arqueólogos desafiaram as alegações.

Uma vez que o costume era enterrar os mortos em suas cidades natais, por que o túmulo de Maria e José estaria em Jerusalém, em vez de Nazaré? O pesquisador do Oriente Médio e antropólogo bíblico Joe Zias declarou: "O túmulo não tem nada a ver com Jesus, ele era conhecido como Jesus de Nazaré, não Jesus de Jerusalém, e se a família fosse rica o suficiente para pagar um túmulo, o que eles provavelmente não eram, teria sido em Nazaré, não aqui em Jerusalém." Zias rejeitou as alegações de Cameron como "desonestas".

Por que os inimigos de Jesus, os líderes judeus, não expuseram o túmulo? Eles procuraram sem sucesso por toda a Jerusalém por qualquer evidência do corpo de Jesus, afirmando que os discípulos de Jesus o tinham roubado. Eles odiavam Jesus o suficiente para o querer crucificado, e teria sido fortuito para eles descobrir o túmulo em que o corpo de Jesus realmente tivesse sido enterrado, se realmente existisse.

Por que os romanos não expuseram inscrições idenficando o túmulo como pertencendo a Jesus? Soldados romanos controlavam toda a cidade de Jerusalém e sabiam que seu corpo estava ausente em um túmulo que tinham defendido.

Por que historiadores romanos ou judeus contemporâneos não escreveram sobre o túmulo? Nem um único historiador da época menciona o túmulo em questão.

Por que o ossuário de Tiago, o qual foi classificado como falsificação, foi citado por Cameron e Jacobovici como uma das razões para a validade do túmulo? O correspondente da CBS News, Mark Philips, relatou que "o estabelecimento arqueológico foi alinhado para rotular essa alegação como sem sentido. Essa é a segunda vez que o Discovery Channel tem sido envolvido em uma alegação disputada sobre um túmulo antigo. O homem no centro do caso anterior agora enfrenta julgamento por falsificação." Ben Witherington, um especialista sobre o cristianismo primitivo que esteve profundamente envolvido com o ossuário de Tiago, disse que "há razões físicas para acreditar que ele não poderia ter se originado na trama de Talpiot."

Por que Jacobovici e Cameron esperaram até pouco antes da páscoa para lançar tanto o livro quanto o documentário? Amos Kloner, o primeiro arqueólogo que examinou o local, disse que a ideia falha em se manter se comparada a padrões arqueológicos, mas se faz rentável para a televisão. "Eles só querem dinheiro por isso", disse Kloner.

Por que os discípulos de Jesus sofreriam tortura por alegar que ele foi ressuscitado se soubessem que era uma fraude? O estudioso do Novo Testamento Darrell Bock perguntou: "Por que a família ou os seguidores de Jesus enterrariam seus ossos em um jazigo familiar e, em seguida, se virariam para pregar que ele tinha sido fisicamente ressuscitado dentre os mortos?"

Essas questões não podem ser satisfatoriamente respondidas de forma a ser defendida a perspectiva de Cameron e Jacobovici.

Certamente, o verdadeiro túmulo de Jesus estava vazio porque **ele ressuscitou dos mortos.**

2.10. MILAGRES REALMENTE ACONTECEM?

Milagres são menos mágicos e menos populosos nas Escrituras do que comumente se pensa ou retrata. Eles são, no entanto, centrais para a fé em Cristo e na Bíblia em geral. Vamos a seguir explicar cuidadosamente a natureza de um milagre, esperando dissipar muitas descaracterizações.

2.10.1. É REALMENTE NECESSÁRIO ACREDITAR EM MILAGRES?

Uma discussão sobre milagres é fundamental para a credibilidade da Bíblia em pelo menos dois aspectos. Em primeiro lugar, o cristianismo se baseia na crença de que certos acontecimentos milagrosos são fatos. **Não há como crer em Jesus sem crer em milagres:**

> Ora, se está sendo pregado que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como alguns de vocês estão dizendo que não existe ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, nem Cristo ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como também é inútil a fé que vocês têm. (*1 Coríntios 15:12-14, "Nova Versão Internacional"*).

Em segundo lugar, a ideia de milagres como acontecimentos históricos literais é um motivo frequente dado por descrentes a respeito do motivo para duvidar da Bíblia. "Eles violam as leis da natureza" e "eu certamente não os vejo acontecendo hoje" foram as próprias reações do autor do estudo original (www.provethebible.net).

Por um lado, os milagres são fáceis de atacar porque nenhuma pessoa pode produzir um milagre por comando e resolver a questão. Por outro lado, os **milagres são simples de defender quando são corretamente explicados como sendo as ações intencionais de Deus, ainda que irregulares, e não ações dos homens.**

A Bíblia apresenta milagres não apenas como elementos críticos, mas como prova suficiente com as quais deve-se crer em Cristo. João 14:11 indica que isso é verdade para audiência imediata de Cristo, assim como para nós:

> Creiam em mim quando digo que estou no Pai e que o Pai está em mim; ou pelo menos creiam por causa das mesmas obras [as obras milagrosas de Jesus]. (*João 14:11, "Nova Versão Internacional"*).

Contudo, parte da razão pela qual algumas pessoas não estão convencidas dos relatos de milagres é que essas pessoas podem estar abrigando um ou mais dentre vários equívocos comuns. Eles incluem:

1. O que um milagre realmente é.

2. O que as leis da natureza realmente são.

3. Como e quando milagres são registrados como tendo ocorrido.

2.10.2. O QUE É UM MILAGRE?

Todos já ouvimos comentários como "foi um milagre que ele tenha passado naquele teste" ou "foi um milagre que alguém não foi morto naquele acidente". Esse uso particular do termo "milagre" descreve a ocorrência de um evento altamente improvável ou inesperado. Porém, os milagres descritos na Bíblia são mais do que apenas eventos improváveis ou inesperados. São ações específicas e divinas.

O Novo Testamento grego usa duas palavras diferentes que podem ser traduzidas como milagre. Uma delas é *dunamis,* a qual significa uma obra de poder, e a outra é *saymeion,* a qual significa um sinal. Milagres descritos nas Escrituras são, portanto, eventos transmitidos que estão além das capacidades do homem e além dos conhecidos funcionamentos regulares do universo. Milagres:

1. **Chamam a atenção para Deus.**

2. **São eventos que só podem ser atribuídos à origem divina ou intervenção divina.**

3. **São inexplicáveis racionalmente pela probabilidade ou pelas ciências naturais conhecidas.**

Um evento especial que tem todas as qualificações de um milagre, e é facilmente reconhecido como tendo ocorrido, é o início do universo. Essa é a primeira ação registrada de Deus na Bíblia. O fato de o universo ter um começo é até mesmo oficialmente aceito entre os astrônomos, conforme estudamos sobre o **argumento cosmológico para a existência de Deus** no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). Nada na natureza ou no raciocínio natural pode explicar como o universo, ou até mesmo um ambiente sem espaço e sem matéria/energia pré-existente de leis quânticas, poderia ter sido produzido a partir do nada. O cosmos não é simplesmente um evento improvável: **foi um evento impossível.**

2.10.3. MILAGRES VIOLAM AS LEIS DA NATUREZA?

Devemos concluir que os milagres violam as leis da natureza? Fazer tal conclusão pode expressar um mal-entendido sobre o que realmente são as leis da natureza. **O que nós chamamos de leis da natureza são nada mais do que descrições gerais das mecânicas do universo.**

Adicionalmente, essas descrições gerais são relativas a qualquer ponto particular no tempo. Por exemplo, as leis da natureza tais como definidas pelo cientista de hoje parecem muito diferentes das leis da natureza tais como definidas pelo cientista do século dezenove. Assim, as leis da natureza (descritas com mais exatidão como **conclusões humanas formadas a partir de observações**) são continuamente modificadas, revisadas, ou completamente rejeitadas conforme a nossa compreensão do universo cresce.

O universo físico pode conter princípios inalteráveis, mas o ato de codificar a nossa compreensão incompleta desses princípios com termos finais tais como **"leis da natureza"** tem continuamente provado ser presunçoso.

2.10.4. AS LEIS DA NATUREZA QUE ESTÃO SEMPRE MUDANDO

Aqui vai uma pergunta muito interessante: quando um evento é observado e constatado como tendo violado quaisquer leis atuais que se pensa existir, o que se segue? **Observações não são rejeitadas, em vez disso as leis são revisadas.** Isso porque é a nossa compreensão do universo que acabou sendo provada inadequada e está passível de rejeição, e não o fato ou evento fatual que acabou de ocorrer.

Um bom exemplo de como as leis são revistas é visto nas crenças que Einstein manteve sobre o espaço e a relatividade (e constatadas em observações subsequentes). Observações da relatividade espacial severamente violaram o que, na época de Einstein, eram as leis da natureza – as leis do movimento e absolutos espaciais de Newton.

Como pano de fundo para isso, lembre-se que o filósofo do século dezoito **David Hume** tinha popularizado sua crença de que nada poderia violar as leis da natureza. O argumento de Hume foi feito no contexto das leis da natureza como foram definidas no final dos anos 1700. Consequentemente, no alvorecer do século vinte, aqueles que cegamente aderiram à linha de Hume, o conceito de que "nada pode violar natureza", foram condenados a rejeitar não só a descoberta da relatividade de Einstein, mas também o trabalho de Heisenberg na mecânica quântica, e todos os outros saltos científicos notáveis que se seguiram.

Eventualmente, o raciocínio lógico prevaleceu sobre a "lógica" de Hume, e a ciência, mais uma vez, escolheu revisar as leis da natureza para explicar o que foi legitimamente observado.

2.10.5. OBSERVAÇÕES DETERMINAM LEIS, E NÃO VICE-VERSA

Na prática, observações sempre determinam as leis. Nunca as leis determinam o que pode ou o que vai ser observado. **Observações exigem a aceitação como parte da realidade, mesmo quando, e se, parecerem violar algumas anteriormente chamadas verdades.** Ao aceitar a legitimidade dessas observações, ganhamos uma compreensão mais completa da natureza do que se tivéssemos nos recusado a considerar qualquer coisa que parece contrária a ela.

O ponto de ilustrar como as leis da natureza são continuamente redefinidas é chamar a atenção para o fato de que nossa compreensão científica do universo é incompleta. Como tal, isso indica que não podemos presunçosamente descartar a possibilidade de que os milagres registrados na Bíblia de fato ocorreram. Mais uma vez, os milagres não são mensuráveis e não são ocorrências repetitivas como a relatividade ou movimento quântico. A apresentação da Bíblia dos milagres é inteiramente para mostrar algo que não é comum, não explicável, e não algo que pode ser atribuído a qualquer um ou qualquer coisa diferente de um Deus todo-poderoso.

Milagres são intervenções atípicas do Deus vivo com a humanidade. Eles não podem ser mais repetidos e comprovados em laboratório do que o nascimento de uma pessoa em particular pode ser repetido para provar que ela existe.

Seguindo esse último exemplo prático, o que realmente constitui evidência legal dos detalhes de um nascimento específico – um evento para o qual pode não haver testemunhas sobreviventes? A principal evidência é o testemunho escrito de uma certidão de nascimento. Isso não é realmente diferente dos testemunhos escritos dos autores bíblicos sobre milagres.

É claro que sabemos que certidões de nascimento e outras formas de identidade podem ser falsificadas. Então, como podemos dizer se os relatos bíblicos são falsos ou não?

O melhor teste para milagres não é argumentar suas probabilidades teóricas ou suas impossibilidades, mas determinar se eles, como qualquer outro evento, foram legitimamente observados.

2.10.6. AS OBSERVAÇÕES REGISTRADAS NA BÍBLIA SOBRE MILAGRES SÃO CONFIÁVEIS?

O segundo estágio deste estudo (integridade) já lidou com a integridade geral dos escritos bíblicos. As investigações realizadas sobre a **autoria, idade, canonicidade, integralidade e tradução** das Escrituras estabelecem uma justificação racional para sabermos que o que lemos hoje na Bíblia é o que foi escrito há muito tempo. Vimos também que a Bíblia afirma ser verdadeira e analisamos alguns dos autores da Bíblia e seus depoimentos. Mas agora estamos perguntando se a informação específica sobre os milagres é verdadeira. A seguir mostraremos algumas perguntas que podem ser feitas a fim de ajudar a determinar se os relatos de milagres são observações legítimas ou não.

2.10.7. EXISTEM CONFIRMAÇÕES EXTRABÍBLICAS DE MILAGRES?

Os relatos bíblicos dos milagres podem ser corroborados por testemunhos que não sejam as Escrituras? Essa é uma excelente pergunta que sugere pelo menos duas objeções à ideia de milagres: "Os autores inventaram os relatos porque eram tendenciosos em relação ao cristianismo?" e "Se os milagres aconteceram, por que não estão registrados fora da Bíblia?"

O fato é que **alguns milagres da Bíblia são registados fora das Escrituras, e por pessoas que não eram favoráveis ao cristianismo.** Ao falarmos sobre os antigos relatos não cristãos sobre Jesus, mencionamos Talo e Flégon de Trales, os quais lidaram com a escuridão que se seguiu à crucificação de Cristo como um evento fatual, buscando explicações alternativas. Também mencionamos Flávio Josefo, o qual escreveu sobre João Batista, sobre Tiago, o irmão de Jesus, e indicou algum reconhecimento de milagres ou alegações milagrosas em seu chamado "Testimonium Flavianum". O Talmude Babilônico afirmou que um chamado Yeshu (Jesus) "praticou feitiçaria e seduziu e levou Israel ao erro", o que é mais um indicativo de que muitos fora do círculo de seguidores de Jesus têm associado eventos irregulares com sua pessoa. Uma observação depreciativa incomum por Juliano, o Apóstata,

imperador de Roma, descreveu Jesus como "tendo curado pessoas coxas e cegas e exorcizado endemoninhados nas aldeias de Betsaida e Betânia".

Além disso, o **Alcorão** islâmico até mesmo menciona o nascimento virginal de Cristo (Sura 19:15-22 – Maria), as suas curas dos cegos e dos leprosos, e sua ressurreição dos mortos (Sura 5:110-112 – Mesa) [166].

2.10.8. POR QUE MILAGRES NÃO SÃO FREQUENTES COMO NA ÉPOCA BÍBLICA?

A verdade é que os milagres eram uma ocorrência extremamente rara na história segundo a Bíblia. Nesse sentido, podemos dizer que os milagres ainda são tão frequentes como eles sempre foram – absolutamente não frequentes. Milagres têm sido geralmente agrupados em torno dos tempos da criação, de Moisés, de Elias, de Jesus e de seus apóstolos. Como Rubel Shelly escreveu em sua obra "Prepare to Answer" (Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1990, p. 196): **"Se milagres acompanham e autenticam a revelação divina, estão exatamente onde seria de esperar que eles estivessem."**

2.10.9. ALEGAÇÕES DE MILAGRES SÃO DUVIDOSAS E CONTRA A CREDIBILIDADE?

Sim e não. Não no sentido que, se um ato especial de Deus ou um milagre fosse realizado de forma que não chamasse a atenção, e de forma naturalmente explicável, nós nunca saberíamos que foi Deus que o fez. Mas sim no sentido que os milagres foram, e ainda são, geralmente reconhecidos como eventos sem explicações naturais.

Milagres registrados como tendo tido muitas testemunhas resultaram tanto em crença quanto ceticismo. Os autores bíblicos nunca descreveram milagres como "convencedores finais para todo mundo". É exatamente porque esses eventos impossíveis são descritos como tendo sido recebidos de uma maneira tão comum e variada que **esses registros parecem mais críveis do que se todas as testemunhas os tivessem interpretado de maneira uniforme.**

Os documentos do Novo Testamento, muitos dos quais circularam logo após a morte de Cristo, têm muitos apelos a pessoas específicas como sendo testemunhas dos eventos que registram. Tais apelos favorecem a crença de que os autores bíblicos foram plenamente convencidos dos milagres que testemunharam e/ou registraram.

Acreditar que os autores bíblicos estavam convencidos daquilo que viram é uma alternativa mais racional do que acreditar em algum tipo de conspiração que começou por volta de 1400 a.C. e que continua até hoje apenas para passar a ideia de que os escritos bíblicos são verdadeiros. Se houvesse tal conspiração, ela teria que culminar em ter toda a sua validade com base em um homem ressuscitando dos mortos – um detalhe que muitas pessoas simplesmente continuam a rejeitar. Assim, **os relatos bíblicos não podem ser rejeitados com a alegação de que os autores eram conspiradores mentirosos e espertos, uma vez que não seria nada inteligente apostar 3.400 anos de trabalho em algo que a maioria das pessoas simplesmente rejeitaria sem consideração.**

As pessoas também não podem rejeitar a Bíblia e suas alegações milagrosas pela razão oposta – isto é, que os autores da Bíblia eram ignorantes ou insanos. A ignorância e a loucura não explicam a consistência das Escrituras.

Muitas pessoas ainda rejeitam a Bíblia, é claro, mas inevitavelmente pelas mesmas **razões não intelectuais que as pessoas sempre têm:** orgulho, rebelião contra autoridade, não quererem ser julgadas, e pela estima de si mesmas sobre os outros e, especialmente, sobre Deus.

2.10.10. AS PESSOAS ERAM MAIS INGÊNUAS OU IGNORANTES NA ÉPOCA BÍBLICA?

Quando José soube que Maria estava grávida sem que tivesse tido relações com ela, planejou deixá-la silenciosamente. José estava totalmente convencido, como pensou que outros estariam, de que Maria se deitou com outro homem. Não havia nenhuma indicação de que ele ou qualquer outra pessoa iria supor calmamente: "Eu acho que é apenas mais um acontecimento mágico, aleatório em nossa misteriosa existência." **Explicações naturais sempre têm sido o primeiro recurso daqueles que acreditam em Deus e daqueles que não acreditam.**

Os relatos de milagres frequentemente afirmam que, enquanto alguns creram, outros não. Vamos supor que metade das pessoas creu e a outra não. Então, metade das pessoas que testemunhou o evento não era tão ingênua e ignorante? Nos resta perguntar: "Qual parte? A metade que creu, ou a metade que duvidou?"

Assim como as pessoas no momento de um milagre foram divididas sobre a questão, as pessoas hoje ainda estão divididas sobre se esses mesmos eventos aconteceram ou não. E a linha divisória entre aqueles que acreditam e aqueles que não acreditam nunca corre ao longo da linha de Q.I. (quociente de inteligência), realizações acadêmicas, ou quaisquer outras realizações mundanas. Independentemente de qual metade seja ignorante ou ingênua, parece não ter havido mudança considerável nessa divisão perpétua desde a época de Cristo até hoje.

2.10.11. SE MILAGRES OCORRERAM, MAS NÃO CONVENCERAM...

Se milagres ocorreram, mas não convenceram a todas as testemunhas, isso prova que Deus não é onipotente ou que o relato milagroso é falso? Não, não prova nenhum dos dois. A questão pressupõe uma suposta intenção de Deus para "robotizar" cada espectador, e Deus nunca declarou tal intenção.

Uma vez que atos milagrosos não nos forçam ao que devemos pensar, Deus permite liberdade em relação aos milagres. **Podemos crer se assim quisermos, ou podemos não crer se assim quisermos.** O que mais se pode querer?

2.10.12. RESUMO SOBRE MILAGRES

Revisando, somos forçados pela razão a reconhecer que os nossos melhores entendimentos da natureza, mesmo com a chegada do século vinte e um e seus inúmeros avanços, são apenas tentativos. Embora possamos prever o funcionamento regular do universo com maior exatidão do que antes, sabemos por experiência que a nossa definição de "leis da natureza" será sempre diferente no futuro. Portanto, **enquanto a humanidade não tiver conhecimento completo da natureza e de tudo o que pode ser observado, é impossível afirmar em caráter definitivo o que não pode ser observado. Como consequência, não há como rejeitar a possibilidade de milagres.**

Percebendo que milagres podem ser possíveis, a próxima pergunta é se os relatos bíblicos de milagres são observações legítimas ou não. Embora tenhamos visto reconhecimentos menores de milagres de outros escritores antigos além dos autores bíblicos, ainda podemos perguntar: "Por que não vemos relatos mais extensos com muitos nomes, lugares e ambientações?" **Uma possível razão pela qual não vemos tais relatos é que, na verdade, eles foram feitos, e esses relatos foram compilados no que chamamos hoje de Bíblia.**

Também deve ser reiterado que **milagres sempre foram raros.** É um erro fácil folhear várias páginas da Bíblia e receber a impressão de que milagres aconteceram aqui e ali. Na realidade, centenas de anos separam certos escritos bíblicos. Os milagres são ações históricas únicas de um criador interagindo com sua criação. Deus não vende milagres em troca de qualquer coisa, como uma máquina de doces cósmica, nem os milagres têm sempre sido uniformemente aceitos por todos aqueles que os testemunharam em primeira mão. Quando Deus faz um milagre, temos a liberdade de optar por acreditar nele ou não.

Provavelmente há algum milagre específico ou evento milagroso na Bíblia no qual você é curioso ou cético. O autor do estudo original (www.provethebible.net) costumava achar mais difícil acreditar nos tão chamados grandes milagres (como a criação da humanidade) do que nos de menor porte (como a cura de cegos). Mas isso era fazer vista grossa para o fato de que quaisquer interrupções nos funcionamentos conhecidos e regulares do universo, sejam grandes ou pequenos, são todos igualmente impossíveis em termos de explicações naturais.

O milagre mais digno de estudo especial é a ressurreição de Jesus Cristo.

Por mais estranhos que milagres possam parecer à sua visão de mundo atual, dê uma olhada para o céu noturno. Tente imaginar a vastidão do universo e saiba que você compartilha pelo menos este pensamento com a maioria dos astrônomos do mundo: houve um princípio. **Tudo a partir do nada – um milagre de qualquer forma.** Como disse Fred Hoyle:

Uma interpretação de senso comum dos fatos sugere que um super intelecto tem brincado com a física, bem como com a química e biologia, e que não existem forças cegas em que valha a pena falar na natureza [167].

2.11. A QUESTÃO DA INTERPRETAÇÃO NA ACEITAÇÃO DOS ESCRITOS BÍBLICOS

Mostramos até agora muitas evidências da veracidade das Escrituras. Mesmo admitindo-as como sendo verdadeiras, a própria aceitação dos escritos bíblicos ainda envolve **interpretação.** Vamos discutir a natureza da interpretação e como, ou se, ela mudou desde o tempo dos escritos originais.

> [...] na Sagrada Escritura, às vezes, diferentes interpretações são possíveis sem prejuízo da fé que recebemos. Em tal caso não devemos nos jogar de cabeça e tão firmemente tomar uma posição de um lado que, se progresso adicional na busca da verdade minar justamente essa posição, nós também caiamos com ela. Isso seria lutar não pelo ensino da Sagrada Escritura, mas pelo nosso próprio, desejando que seu ensino se ajuste ao nosso, ao passo que devemos desejar que o nosso esteja de acordo com o da Sagrada Escritura. (*Agostinho*).

> A maioria das pessoas são incomodadas com aquelas passagens na Escritura que não conseguem entender; mas quanto a mim... As passagens que mais me incomodam são aquelas que eu entendo. (*Mark Twain*).

> Galileu certamente começou com a suposição de que as Sagradas Escrituras são verdadeiras, então deve haver interpretações que concordem com todas as teorias cientificamente comprovadas. É importante compreender que Galileu não estava se opondo ao cristianismo, muito pelo contrário, ele sentiu que era um cristão devoto fazendo o seu melhor para salvar o cristianismo de um erro grave... A Igreja Católica nessa época se engajou em uma vigorosa discussão com as igrejas protestantes. Um dos principais pontos de desacordo era se um indivíduo poderia formar sua própria interpretação da Sagrada Escritura (a visão protestante) ou... Todos deviam aceitar a interpretação das Sagradas Escrituras feita pela Igreja Católica. Os argumentos de Galileu chegaram muito perto dessa questão delicada para que a Igreja Católica não pudesse tomar nenhuma ação. (*J. J. O'Conner & E. F. Robertson*).

> Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo. Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado! Acaso busco eu agora a aprovação dos homens ou a de Deus? Ou estou tentando agradar a homens? Se eu ainda estivesse procurando agradar a homens, não seria servo de Cristo. (*Gálatas 1:6-10, "Nova Versão Internacional"*).

> O que precisamos é de uma nova ficção que tenha como ponto de partida o evento central do drama judaico-cristão e reconcilie esse meio com uma nova história que vá além dos velhos começos e finais. Em suma, precisamos de uma nova narrativa de Jesus, um novo evangelho, se você preferir, que coloque Jesus de forma diferente no grande esquema, a história épica. (*Robert Funk, fundador do Jesus Seminar*).

> Pois, se alguém lhes vem pregando um Jesus que não é aquele que pregamos, ou se vocês acolhem um espírito diferente do que acolheram ou um evangelho diferente do que aceitaram, vocês o toleram com facilidade. (*2 Coríntios 11:4, "Nova Versão Internacional"*).

> Pois tais homens são falsos apóstolos, obreiros enganosos, fingindo-se apóstolos de Cristo. (*2 Coríntios 11:13, "Nova Versão Internacional"*).

> [...] a Bíblia é nada para mim, só na medida em que concorda com o que eu penso ou sei. (*Robert G. Ingersoll*).

2.11.1. A BÍBLIA ESTÁ ABERTA À INTERPRETAÇÃO?

O "cristianismo ortodoxo" é a única interpretação válida da Bíblia, ou ela pode legitimamente ser interpretada de forma diferente? Uma pesquisa das muitas organizações e indivíduos que professam qualquer tipo de crença na Bíblia revela um espectro de diferentes interpretações, muitas em conflito uma com a outra. Isso não prova que a "interpretação ortodoxa" é errada, mas também não prova que toda interpretação é certa. A questão mais fundamental ainda permanece: **o que de fato os autores tentaram comunicar?**

2.11.2. O QUE É COMUNICAÇÃO?

A escrita, como a linguagem falada, tem um propósito: a comunicação. A comunicação envolve não somente a transmissão de uma determinada mensagem, envolve também a recepção bem sucedida dela. Se a mensagem recebida não é a mesma que a mensagem enviada, houve falha na comunicação. Portanto, **a Bíblia não está se comunicando conosco se lermos nela qualquer interpretação diferente daquilo que os autores bíblicos pretendiam transmitir.**

Se não formos capazes de entender a Bíblia como ela foi concebida para nós, então não estamos entendendo a Bíblia. Uma ilustração simples disso é a comunicação entre pais e filhos. Muitas vezes os pais dão avisos como "Não toque no fogão quente ou você vai se queimar". A intenção dos pais, nesse caso, é que essas palavras sejam tomadas literalmente e que tenham interpretação absoluta.

Nesse caso, embora não fosse incorreto que as crianças interpretassem esse aviso como uma expressão do amor de seus pais e de preocupação para com elas, seria um erro enorme se as crianças aceitassem apenas essa interpretação secundária, ignorando a primária. Aqui, por exemplo, estão duas possíveis interpretações erradas que as crianças poderiam ter sobre o aviso dos pais:

1. O que os pais querem é que as crianças sejam cuidadosas quando tocarem no fogão.

2. O aviso foi para ontem, mas hoje é hoje e é diferente.

Essas interpretações vão resultar em dedos queimados. Obviamente, dedos queimados não eram o objetivo do aviso dos pais. O objetivo dos pais era o completo oposto. É apenas quando, e se, a criança interpretar a instrução com seu **significado pretendido** que ela vai receber a orientação segura que os pais tinham a intenção de comunicar. A mesma coisa se aplica à Bíblia.

2.11.3. A BÍBLIA É INTENCIONALMENTE CONCEBIDA PARA SE COMUNICAR?

Se, como afirmam os autores, os escritos bíblicos transmitem as instruções de Deus para nossas vidas (uma ação de Deus para se comunicar conosco), então não podemos ignorar ou desvirtuar essas instruções e depois nos queixar da falta de comunicação da parte de Deus.

Muitas pessoas ignoram ou interpretam mal a Palavra de Deus e, como no exemplo do aviso dos pais dado acima, sofrem consequências de sua própria tolice. Elas então confundem sua dor e angústia resultantes como de alguma forma sendo culpa de Deus, ou concluem que isso é prova de sua ausência. Esse pode ser o tipo de raciocínio que esperamos de crianças, mas indica raciocínio constrangedoramente pobre quando é proveniente de adultos. **É tanto razoável quanto racional acreditar que os escritos bíblicos têm a intenção de se comunicar conosco.**

Há justificativa racional para ter confiança de que o que lemos na Bíblia hoje é o que foi escrito há muito tempo, conforme investigamos no segundo estágio deste estudo (integridade), e que os autores estavam escrevendo com sinceridade. Nessa base, podemos agora perguntar "O que esses escritos querem dizer?" e "Como é que vamos, com êxito, receber as mensagens que os autores pretenderam enviar?" Essas perguntas são respondidas ao ser verificado o veículo da mensagem: palavras.

2.11.4. A INTERPRETAÇÃO DE PALAVRAS

Se cada palavra pudesse significar qualquer coisa, não haveria nenhuma razão para falar ou escrever. Mas as palavras têm significados. Diferentes palavras têm significados diferentes. As palavras que foram montadas para formar os documentos bíblicos têm significados específicos também. Como tais, podem ser comparadas a ondas de rádio: elas são apenas o meio pelo qual as ideias específicas estão sendo comunicadas.

Para receber essa mensagem, essas palavras nos escritos bíblicos precisam ser sintonizadas. Então, se esperamos entender as intenções dos escritores, ou seja, as mensagens bíblicas, devemos primeiro compreender as suas palavras.

2.11.5. INTERPRETAÇÃO INTERCULTURAL

Mesmo tendo uma ampla quantidade de textos antigos em hebraico e grego que nos fornecem de forma exata as palavras que os autores utilizaram, como é que sabemos se estamos interpretando-as corretamente?

Alguém poderia afirmar que o significado por trás das palavras dos autores podem ter sido tão intrínsecos às suas culturas que, fora dessas culturas, não temos certeza do que elas significam. Um exemplo disso é visto em expressões de português coloquial: "Esse cara é muito animal!", "Esse cara é muito bom!", "Esse cara é muito legal!" e "Esse cara é muito quente!" Estranhamente, em português brasileiro, todas essas expressões podem significar a mesma coisa, no caso, que o indivíduo é muito bom no que faz. Mas será que alguém que acaba de chegar de uma cultura estrangeira iria interpretar essas expressões da mesma forma? Se esse tipo de dúvida existe sobre escrituras antigas, como se pode argumentar que qualquer pessoa ou grupo sabe o que a Bíblia realmente quer comunicar? Como sabemos que não estamos perdidos em um tipo de confusão como essa?

Conforme detalhamos no segundo estágio deste estudo (integridade) ao falarmos da **natureza da linguagem,** o grego antigo é mais específico do que o nosso português. Além disso, como temos escritos bíblicos em traduções do hebraico e do grego em outras linguagens, temos exemplos antigos das Escrituras cruzando de uma cultura para outra muito diferente.

Hoje, vendo os textos dessas duas culturas a partir de uma terceira cultura (a nossa), ainda não há uma confusão sobre o que foi escrito há muitos séculos. A aplicação das Escrituras aos hebreus era a mesma aplicação aos gregos. O fato de que a Bíblia manteve a sua mensagem nesse cruzamento cultural, especialmente evidenciado pelos judeus de linguagem grega que viveram antes de Cristo, é um argumento forte de que a Bíblia ainda mantém a mesma mensagem para nós. Assim, disputas típicas de palavras hebraicas, como **referências masculinas para o SENHOR** ou a profecia de um **nascimento virginal,** não se tornam problemas uma vez que os textos gregos sejam legitimamente considerados.

O argumento para a fidelidade interpretacional é ainda reforçado ao se comparar as mais antigas Bíblias em inglês com as modernas traduções inglesas, ou ao se comparar as mais antigas Bíblias em português com as modernas traduções portuguesas. A partir do momento em que a primeira tradução em inglês foi publicada, é óbvio que a cultura ocidental mudou radicalmente. No entanto, como um exemplo da continuidade da mensagem da Bíblia, é inquestionável que a luxúria, a inveja, o orgulho, o ódio, os adultérios, as prostituições e as mentiras ainda são, e sempre foram, interpretadas como coisas que desagradam a Deus. Essa interpretação aplica-se a todas as conhecidas traduções das Escrituras, incluindo os manuscritos mais antigos (como confirmado por comentários e por escritos extrabíblicos). Essa é mais uma forte validação de que **as mensagens bíblicas mantêm-se inalteradas, apesar da passagem de muitas eras e culturas diferentes.**

Mas o que dizer das variações sobre questões mais complexas, como doutrinas ou posturas derivadas de questões como o aborto ou a eutanásia? Há muitas coisas em que aqueles que professam crer na Bíblia concordam, mas há também muitas coisas em que discordam – alguns com veemência. Isso não é apenas verdade hoje, mas tem sido o caso de muitos séculos.

2.11.6. A HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO

Por causa da historicidade do desacordo sobre a interpretação, é importante fazer um estudo da história da interpretação de forma que possamos entender melhor o que constitui "interpretação ortodoxa" hoje.

2.11.6.1. CRENÇAS NOS TEMPOS ANTIGOS

A crença de que os **escritos bíblicos são palavra por palavra infalíveis é a mais antiga interpretação documentada que se volta aos antigos hebreus.** Eles foram as pessoas que tomaram grande cuidado em preservar cada letra de cada palavra, de forma que os leitores de hoje são abençoados com uma recriação de confiança dos primeiros escritos, conforme vimos no segundo estágio deste estudo (integridade). É igualmente um fato da história que muitos líderes judeus gradualmente passaram a enfatizar demais os ensinamentos mais simples e diretos da Lei de Moisés em detrimento dos ensinamentos mais sutis dos profetas e dos outros escritos. O próprio Cristo repreendeu os fariseus por um tratamento desequilibrado do Antigo Testamento como um todo.

Judeus alexandrinos reagiram de forma um tanto oposta a seus antecessores na Palestina. Influenciados pelas filosofias locais, tais como o neoplatonismo e o gnosticismo, eles tenderam a favorecer interpretação alegórica quando o sentido das Escrituras não era claramente literal. Isso também foi descritivo de líderes cristãos posteriores dessa área. **Clemente de Alexandria** foi um "pai da igreja" que tendeu a favorecer interpretações alegóricas às literais (embora ele, como os judeus de Alexandria, não negassem as literais).

2.11.6.2. CRENÇAS NOS PRIMEIROS SÉCULOS

Variâncias gnósticas e neoplatônicas eventualmente se desviaram muito longe das interpretações tradicionais mantidas pelos judeus e pela igreja cristã primitiva. Gnósticos finalmente chegaram a ensinar que Deus não foi o criador, que Jesus nunca veio em carne, nem sofreu nem morreu, nem ressuscitou, e que o evangelho não foi confiado a todo o povo de Deus (a Igreja). Esses ensinamentos revisionistas eventualmente ajudaram a originação de mosteiros judeus e cristãos, os quais foram instituídos para manter as interpretações originais das Escrituras e refutar os ensinamentos errados.

Uma resposta adicional por algumas igrejas contra tudo isso foi o desenvolvimento de **credos.** Um credo é, essencialmente, uma declaração sumária dos ensinamentos elementares das Escrituras estabelecida de tal forma a combater uma ou mais particulares heresias daquela época. Uma série de credos tinha sido formulada ao longo dos anos, cada um enfatizando os fatos ou doutrinas particulares sob ataque naquele momento. O primeiro credo escrito para reafirmar a interpretação e crença tradicional (em face das heresias gnósticas) foi o chamado "Credo dos Apóstolos". Sua capitulação formal remonta a 180 d.C., embora a forma recitada hoje vem de cerca de 750 d.C.

Outra importante página foi virada na história da interpretação quando o imperador romano **Constantino** mudou a capital de seu império a partir da cidade de Roma para Bizâncio (Constantinopla mais tarde). Constantino deu o seu palácio, a Basílica, e muitos de seus tesouros para a igreja cristã que residia em Roma. Isso transformou a igreja daquela cidade em um quadro político semelhante ao próprio governo romano. Consequentemente, as ações e opiniões daquela igreja em particular exerceu consideravelmente mais influência do que suas igrejas locais irmãs, as quais eram muito mais pobres em todo o mundo – veremos muito mais sobre a igreja romana no sexto estágio deste estudo (história).

2.11.6.3. CRENÇAS NA IDADE MÉDIA

Entrando na Idade Média, a igreja romana aprovou a instrução interpretativa de **Agostinho:** quando o sentido literal ou alegórico das Escrituras não for claro, então a voz decisória deve ser a igreja. O que se segue é uma comparação parcial da interpretação católica romana com a interpretação reformada ou protestante, mas um tratamento muito mais completo das duas posições e da história revolvendo em torno disso é abordado no sexto estágio deste estudo (história).

Foi durante a Idade Média que a interpretação bíblica esteve em seu pior. A influência excessiva de um único ponto de vista da interpretação, o ponto de vista da igreja romana, veio a explorar a lógica de Agostinho até o ponto onde a voz da "igreja" se realizou em maior estima do que as próprias Escrituras. Típico dessa época, **Hugo de São Vitor** comentou: "Aprenda primeiro o que você deve crer, e depois vá à Bíblia para encontrar isso lá" [168].

A oposição ao monopólio interpretativo da igreja de Roma acabaria por crescer. **Tomás de Aquino** fez comentários sobre o sentido literal da Bíblia ser a base necessária para a interpretação sã e que esse fundamento foi lentamente e injustamente sendo silenciado. Mesmo **Galileu Galilei,** cujas revelações de observação planetária foram proibidas pela igreja romana, afirmou que a verdade das Escrituras não estava sendo impugnada pela sua obra, mas sim por causa das próprias interpretações defeituosas daquela igreja.

2.11.6.4. CRENÇAS NA PERÍODO DA REFORMA

Durante a Reforma que veio a seguir, a questão interpretativa mais importante foi o retorno à crença de que **a Bíblia tinha autoridade sobre a igreja** ao invés da prática em contrário da igreja de Roma. Berkhof resumiu os pensamentos reformistas como:

[...] a igreja não determina o que as Escrituras ensinam, mas **as Escrituras determinam o que a igreja deveria ensinar** [169].

Além disso, ele declarou:

Em distinção da igreja de Roma, as igrejas da Reforma aceitaram o princípio importante que cada indivíduo tem o direito de investigar e interpretar a Palavra de Deus por si mesmo. É verdade, eles também defenderam que a igreja, em virtude de sua *potestas doctrinae* [o poder do ensinamento conferido por Cristo e os apóstolos], foi confiada à tarefa importante de preservar, interpretar e defender a Palavra de Deus, e foi qualificada para essa tarefa primordial pelo Espírito Santo. Mas eles repudiaram a ideia de que qualquer interpretação eclesiástica é por si mesma infalível e obrigatória sobre a consciência. **As interpretações da igreja têm autoridade divina apenas na medida em que estejam em harmonia com os ensinamentos da Bíblia como um todo** [170].

O **Concílio de Trento** católico romano, em contraste com os reformadores, enfatizou que:

- A autoridade da tradição eclesiástica tinha que ser mantida;
- A mais alta autoridade tinha que ser atribuída à *Vulgata* latina, e...
- Era necessário conformar as interpretações de qualquer um com a autoridade da igreja e o consenso unânime dos padres [171].

Reformadores como **Filipe Melâncton** e **João Calvino** reintroduziram um esquema interpretativo equilibrado dos sentidos literais e alegóricos, o que permitiu que nenhum esquema em especial tivesse maior prioridade.

2.11.6.5. CRENÇAS NO PERÍODO DO ILUMINISMO

O próximo evento maior na história da interpretação ocorreu durante o iluminismo. A percepção por alguns de que a ciência havia refutado Deus, bem como o "filosoficamente correto" *du jour* de não crer no sobrenatural, estimulou um novo período de interpretação alegórica. Muitos teólogos do leste da Europa promoveram uma abordagem extremamente relativizada às Escrituras. Uma vez que eles duvidavam da integridade dos escritos antigos e erroneamente descartavam sua historicidade, concluíram que a importância da Bíblia era apenas aquilo que o indivíduo atribuísse a ela.

2.11.6.6. CRENÇAS NOS TEMPOS MODERNOS

O advento da arqueologia moderna no século vinte e no início do século dezenove reconfirmou a historicidade das Escrituras. Isso, por sua vez, provocou uma diminuição parcial dos críticos do racionalismo e um retorno a uma abordagem mais equilibrada para interpretação. Muitas pessoas hoje se referem a essa abordagem equilibrada como o **método histórico-gramatical.**

Antes da abordagem equilibrada, a posição gramatical havia enfatizado o sentido inspirado e literal das Escrituras muito longe e acima de todos os outros sentidos. Enquanto isso, a escola histórica tinha sido basicamente a parte do racionalismo que interpretou a Bíblia unicamente pelo contexto histórico em que foi escrita, enfatizando isso acima da escrita em si. A combinação histórico-gramatical se tornou uma tentativa de equilibrar esses dois extremos. Esse método é caracterizado por:

- Uma consideração cuidadosa para o que foi realmente escrito com a expectativa de ser entendido literalmente;
- Essa consideração cuidadosa é equilibrada com a aceitação de interpretação alegórica quando chamada pelo texto, e...
- Balanceada adicionalmente pelo reconhecimento da importância do contexto no qual, e para quem, foi escrito o texto.

O método histórico-gramatical de interpretação, tal como se desenvolveu, é considerado talvez o mais "ortodoxo" no protestantismo. Ele busca a mesma apreciação para cada palavra inspirada das Escrituras que os antigos judeus reconheceram pela primeira vez, mas sem deixar de lado o espírito no qual, e com o qual, elas foram escritas.

2.11.7. AS REGRAS DA INTERPRETAÇÃO

Nesta era pós-reforma, é justo dizer que a Bíblia está aberta à interpretação?

A Bíblia está aberta à interpretação, mas essa abertura é limitada pelas regras de interpretação adequada. Por exemplo, "não matarás" não pode ser racionalmente interpretado como comunicando "assassinar quem você quiser". Isso violaria princípios gramaticais fundamentais para a compreensão da comunicação. **Portanto, é absolutamente errado dizer que a Bíblia pode ser interpretada para significar qualquer coisa que alguém queira que signifique.**

Sem seguir orientações adequadas e razoáveis, a interpretação aberta acabaria por negar o fato de que as palavras específicas têm significados específicos, e então toda a esperança para entender o que os autores estavam tentando comunicar estaria perdida.

A abordagem histórico-gramatical para interpretação adequada pode ser dividida em três categorias de considerações:

1. A **área gramatical,** na qual as palavras, formas, e estilos são escrutinizados.

2. A **área histórica,** na qual vários contextos culturais, políticos e geográficos são tomados em consideração.

3. A **área teológica,** a qual leva em consideração fatores peculiares à singularidade dos textos bíblicos.

O assunto é extenso e, por uma questão de brevidade, apenas as principais considerações em cada uma dessas áreas serão listadas, sem comentários. Livros como "Principles of Biblical Interpretation" de Louis Berkhof (em inglês) são excelentes como referências abrangentes. Eles oferecem muitos exemplos e detalhes para os leitores que desejam seguir o assunto de orientações de interpretação em maior profundidade. Mostraremos a seguir alguns exemplos.

Considerações gramaticais:

- A história e o significado das palavras usadas, incluindo seus usos atualmente;
- Definições e explicações de palavras como fornecidas pelos escritores bíblicos;
- A comparação com usos paralelos de palavras ou passagens para ajudar a entender o que está sendo transmitido;
- Uso figurado de palavras tais como metáforas, metonímias e antropomorfismos, sinédoques e sarcasmo;
- Descoberta de ideias e princípios sendo expressados como chaves para o sentido literal ou figurado;
- Uso de símiles, alegoria e parábolas;
- A ordem das palavras e a ligação lógica entre frases e parágrafos;
- O(s) pensamento(s) geral(is) a ser(em) expresso(s) por meio de uma seção inteira ou livro inteiro;
- O tipo de conexão entre passagens ou seções: históricas, teológicas, lógicas ou ideológicas;
- Pausas e digressões dentro de passagens ou seções, e...

- A ajuda dos estudos de gramática, concordâncias, ou comentários.

Considerações históricas:

- O contexto histórico da época e da cultura do autor;
- Estilos de escrita do Antigo Oriente, uso de paralelismos, tipos, antítipos, etc.;
- Lugar, tempo, circunstâncias e as perspectivas em que o escrito em particular foi produzido;
- O que o autor revela sobre si mesmo, seu contexto, e suas influências;
- Configurações geográficas, políticas e religiosas;
- A identidade da audiência;
- O propósito ou meta do autor;
- Que contextos os outros autores bíblicos fornecem para o escrito em consideração, e...
- Que contexto os recursos históricos e arqueológicos fornecem.

Considerações teológicas:

- O relacionamento entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento um para com o outro – o Antigo Testamento sendo o contexto do Novo Testamento, e o Novo Testamento sendo uma interpretação e comentário sobre o Antigo Testamento;
- O Antigo Testamento e o Novo Testamento constituindo um todo da revelação escrita;
- O povo de Deus não constituído por uma santificação física, mas por uma separação interna e espiritual daquilo que desagrada a Deus;
- As características da revelação progressiva: o Novo Testamento sendo a mais perfeita revelação daquele que veio (Cristo), o Antigo Testamento prefigurando esse mesmo que veio, mas que na época ainda estava para vir;
- O papel de cada livro na Bíblia como um todo;
- O uso de tipos e simbolismo na Bíblia onde os eventos significativos prefiguram futuros eventos de importância ainda maior (por exemplo, a figura de serpente de bronze que curava, levantada no deserto, prefigurando Cristo elevado na cruz e derrotando Satanás);
- A natureza da perspectiva profética: uma capacidade de ver eventos futuros e suas ordens, mas como vários picos de montanhas ao longe, uma incapacidade de julgar sua distância no tempo ou duração entre um evento e outro;
- A natureza de como profecias passadas foram cumpridas (progressivamente, repentinamente, simbolicamente, ou em tipos que prefiguram um cumprimento maior), e as implicações para futuras profecias;
- O uso de citações do Antigo Testamento no Novo Testamento;
- O propósito da inclusão de uma passagem: o estabelecimento de doutrina, refutação de oposição, efeitos retóricos, ilustração, ou alegoria;
- O número de passagens que contêm a mesma doutrina claramente;

- A unanimidade de passagens em uma dada doutrina;
- A distribuição de passagens concernentes à doutrina específica ou evento, e...
- A harmonização dos escritos, tanto separadamente quanto como um todo.

2.11.8. A CONTROVÉRSIA DA INTERPRETAÇÃO

Bíblias não foram queimadas nas ruas de Alemanha pré-guerra pela Schutzstaffeln nazista por causa de divergências sobre tradução. Pastores como **Dietrich Bonhoeffer** não foram executados porque palavras como "colina" poderiam ter sido melhor interpretadas como "montanha", ou palavras que significam "cão" deveriam ser traduzidas como "lobo". A controvérsia sobre a interpretação da Bíblia é, e sempre foi, sobre a negação ou a aceitação de sua intenção *prima facie* (uma expressão latina que significa "à primeira vista"), ou valor de face, ou valor nominal. Esse é o verdadeiro coração da questão de interpretação.

Sabemos que as "igrejas" alemãs da era nazista que conformaram suas supostas crenças na Bíblia para a atmosfera política do dia evitaram problemas – o tão chamado "**movimento cristão alemão**"**.** Elas permaneceram em silêncio quando líderes públicos manipulativos estavam fazendo brotar as suas próprias interpretações politicamente corretas.

A atmosfera política de hoje, felizmente, é muito diferente, mas uma questão importante permanece: podemos legitimamente conformar a Bíblia com as nossas próprias inclinações políticas e sociais? Pode a Bíblia ser reinterpretada de forma menos julgamental, mais inclusiva, e mais tolerante do que simplesmente aceitar suas posições duras sobre várias questões?

O autor do estudo original (www.provethebible.net) já teve a interpretação de que a Bíblia tinha sido escrita com sinceridade, mas alegoricamente: fábulas de ficção com elementos morais como "ser gentil com os outros". Ele pensou que a Bíblia era apenas relevante de uma forma puramente figurativa e filosófica do caminho a ser seguido. Depois de submetida a esse tipo de interpretação relativa, é claro, a Bíblia não transmite valores absolutos e, consequentemente, ninguém reclama.

Essa interpretação anterior que o autor tinha estava errada porque violou regras básicas de comunicação e interpretação. **O autor não estava interpretando a Bíblia tanto quanto estava manipulando a mensagem da Bíblia.**

Manipulação é muitas vezes evidenciada nas coisas das Escrituras que as pessoas fazem e não se opõem. Por exemplo, poucas pessoas contestam os versículos da Bíblia que dizem como a vida após a morte pode ser gloriosa. No entanto, algo previsível geralmente acontece quando se trata de passagens sobre o discipulado, as responsabilidades e o julgamento. Os próprios pensamentos do autor foram algo como: "Eu não acho que Deus vai mandar alguém para o inferno como a Bíblia adverte. Ou isso significa outra coisa, ou alguma coisa deve ter sido perdida ou adicionada na tradução."

É claro, esse julgamento não foi feito com base evidências objetivas ou regras interpretativas, mas com base em sentimentos subjetivos – sentimentos que o autor antes julgou serem justos e que queria que fossem verdades.

2.11.9. ENCARCERANDO INTERPRETAÇÕES ERRADAS

É de se esperar que a maioria das pessoas favoreça interpretações que a favoreça em troca. Não estamos apenas nos referindo à Bíblia, mas à interpretação de qualquer lei ou regra. Se possível, queremos interpretações que justifiquem o modo como vivemos, ou que não requerem quaisquer alterações substanciais de nossa parte. Isso é tão verdadeiro para a teologia como é para o tênis, monopólio, ou qualquer outra coisa.

Segue um exemplo que ilustra a forma e as motivações egoístas que algumas pessoas exercitam na tentativa de manipular a interpretação bíblica apropriada.

Policial: "Receio que você tenha ignorado a placa de parada naquele último cruzamento."

Motorista: "Bem... Aquela é uma placa velha, por isso não se aplica aos dias de hoje."

Policial: "Você deve parar o veículo completamente antes da placa, e não passar por ela apenas reduzindo a velocidade."

Motorista: "Isso é exatamente o tipo de interpretação obsoleta e fundamentalista que faz com que se perca o sentido mais nobre por trás dos sinais de trânsito. Esses sinais são lembretes para que os imprudentes que há por aí tenham cuidado."

Policial: "Posso ver sua carteira de motorista, por favor?"

Motorista: "Aquela placa foi colocada ali há tanto tempo que nós realmente não temos ideia do significado dela. Confie em mim – as pessoas que colocaram aquela placa ali eram de uma geração diferente que viveu em um tempo diferente."

Policial: "Você tem quinze dias para pagar esta multa ou se apresentar diante do juiz."

Motorista: "Mas a mensagem daquela placa é tão ambígua que nem sequer informa o que eu deveria parar. Isso não indica que quem quer que seja que foi mandado fazer aquela placa entendeu tudo errado? Desde quando nós temos que parar apenas por causa de algum estúpido pintor de placas? Eu li a respeito desses caras – eu acho que um deles era um bêbado!"

Policial: "Tenha um bom dia."

Motorista: "Da próxima vez, se algum juiz realmente acha que o que aquela placa diz se aplica para mim, eu só vou acreditar se tal juiz estiver bem diante de mim e me dizer isso pessoalmente!"

No caso de não parecer óbvio, o motorista em questão não tem nenhuma preocupação com a interpretação adequada dos sinais de trânsito. Ele apenas se incomoda em não ser multado. Suas objeções foram, basicamente, as mesmas que são apresentadas em oposição à aceitação da interpretação correta da Bíblia.

Se você conhece alguém que alguma vez já foi preso, você provavelmente vai reconhecer quatro coisas que uma prisão normalmente resulta:

1. **Um ego ferido.**

2. **Ser considerado responsável por violar um padrão de comportamento que não é o seu próprio.**

3. **A ameaça de punição.**

4. **A escapatória.**

Isso também descreve como a Bíblia apresenta nossa posição diante de Deus. Aqui está como:

1. A revelação de **nossa verdadeira posição diante de um Deus santo pode esmagar um ego hipócrita.** Isso resulta na percepção que, embora nós sejamos extremamente importantes para Deus, somos muito menos justos do que gostamos de pensar que somos.

2. A Bíblia apresenta o **padrão de perfeição comportamental de Deus e torna claro que estamos sendo responsabilizados diante de seus padrões,** não dos nossos.

3. Nós estamos longe de atingir os padrões de Deus e, como consequência, **estamos em perigo de sofrer por causa do nosso pecado** – tanto imediatamente quanto em última instância.

4. E, como única escapatória, a Bíblia nos **orienta a Cristo – a disposição específica e única de Deus para que nós possamos aproveitar a vida plenamente e evitar a condenação final.**

Tanto interpretações certas quanto interpretações erradas das Escrituras existem. Não discernir entre as duas é um erro muito comum. Volte para aquele cruzamento da analogia da multa de trânsito e imagine quatro carros convergindo centralmente sobre ele, a partir de diferentes direções. Imagine também que cada motorista acredita que os sinais de trânsito são abertos à interpretação.

A interpretação livre pode até parecer justa na medida em que permite que cada motorista possa fazer o que quiser. Pode também parecer tolerante, uma vez que não inibe a velocidade ou o curso de cada veículo. Todos os motoristas gostam disso... Até o momento em que todos eles colidam no cruzamento. Depois, cada pessoa estará convencida de sua própria inocência e, igualmente, convencida da ineficácia dos sinais de trânsito, ou convencida de que foi vítima da culpa da outra pessoa.

Cada motorista vai argumentar que o sinal de pare é relativo para si, mas um absoluto para todos os outros motoristas. **Esse é o problema inevitável da interpretação relativa: a interpretação pessoal de cada um, invariavelmente, acaba sendo como uma justificativa fraca para seu próprio estilo de vida, e usualmente para detrimento dos outros.**

Um efeito ainda pior da interpretação errada é que ela rouba da Bíblia a sua função pretendida de guia confiável para a vida. Por exemplo, ao se falar com pessoas diferentes, é possível ouvir que, basicamente, "está tudo bem com a Bíblia" ao se viver sexualmente sem restrições (geralmente da parte daqueles que procedem assim), ou que está "tudo bem" em não querer obedecer a Cristo (geralmente da parte daqueles que não o obedecem). Mas é bem duvidoso encontrar alguém que sinta que a Bíblia é completamente aberta à interpretação e que sinta, ao mesmo tempo, que há muitos ensinamentos dela que são difíceis de aplicar.

As pessoas que interpretam a Bíblia com base em seus sentimentos pessoais raramente encontram qualquer coisa nela que realmente viole suas zonas de conforto, ou que demonstre que serão condenadas por seus pecados a ponto de gerar um arrependimento para alterar suas vidas, ou mesmo em sentir a urgência de compartilhar a mensagem importante sobre o sacrifício de Cristo.

Quando aqueles que creem na Bíblia falham em discernir entre as interpretações próprias e impróprias e vivem em hipocrisia em relação à intenção clara da Bíblia, ela é mal entendida pelos descrentes como sendo totalmente subjetiva. Nesse caso, não é realmente a Bíblia que perde o valor, mas a vida dessa pessoa perde o valor em demonstrar aos outros os valores e bênçãos de Deus.

Em contrapartida, as pessoas que aceitam as absolutas, reverentes e ortodoxas interpretações da Bíblia lutam para segui-las. É claro que essa luta, por si só, não valida a interpretação ortodoxa. No entanto, pelo menos, sugere que a pessoa não está apenas seguindo um "deus" e uma "bíblia" que são criados à sua imagem narcisista.

2.11.10. AQUELE CAMINHO LONGO E ESTREITO

Sempre discernir a correta interpretação das Escrituras e sempre seguir aquilo que falamos é muito difícil. A exortação da Bíblia sobre o amor de Deus por nós é acompanhada por ensinamentos rígidos relativos ao nosso comportamento e responsabilidade. O próprio autor do estudo original (www.provethebible.net) lamentavelmente e reconhecidamente às vezes fica aquém de viver sua própria profissão da verdade e dar a devida importância a esses ensinamentos rígidos. Mas ele ainda reconhece que os altos padrões de Deus não podem ser interpretados de forma diluída.

Interpretação relativa da Bíblia resulta em mensagens que Deus nunca pretendeu – mensagens motivadas em grande parte pelo nosso desejo egoísta de escolha, sem levar em conta as consequências, e por nossos desejos de conforto desinibido e de felicidade.

Se interpretarmos a Bíblia de forma a forçá-la a dizer qualquer coisa, então ela realmente não significa nada como padrão para a vida. Mas nem os autores humanos, nem o autor divino, se deram ao trabalho de preparar

cerca de mil e quinhentos anos de escrita, e protegê-la e preservá-la por outros dois mil anos, porque ela não comunica nada.

A Bíblia se comunica conosco, mas só pode fazê-lo de forma eficiente se nós concedermos que ela tenha a verdadeira e a própria interpretação que seu autor pretende que tenha.

2.12. ENCONTRAMOS DEFEITOS INTERNOS OU EXTERNOS NAS TESTEMUNHAS OU TESTEMUNHO?

Tendo em vista nossa investigação até agora, não é possível afirmar que há defeitos internos e externos nas testemunhas e no testemunho do Novo Testamento. Assim, ao aplicarmos a estratégia da ciência do direito para sabermos se o Novo Testamento está falando a verdade, o melhor veredito é que **seus escritos são verdadeiros.**

Como mencionamos na introdução, **sendo os escritos do Novo Testamento verdadeiros, podemos investigar se, de fato, Jesus é Deus**.

3. OS ESCRITOS BÍBLICOS DO NOVO TESTAMENTO MOSTRAM QUE JESUS É DEUS?

> No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. (*João 1:1-4, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Aquele que é a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. (*João 1:10-11, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Moisés perguntou: "Quando eu chegar diante dos israelitas e lhes disser: 'O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês', e eles me perguntarem: 'Qual é o nome dele?' Que lhes direi?" Disse Deus a Moisés: "Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês". Disse também Deus a Moisés: "Diga aos israelitas: 'O SENHOR, o Deus dos seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, enviou-me a vocês. Esse é o meu nome para sempre, nome pelo qual serei lembrado de geração em geração.'" (*Êxodo 3:13-15, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Eu disse que vocês morrerão em seus pecados. Se vocês não crerem que Eu Sou, de fato morrerão em seus pecados". (*João 8:24, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Então Jesus disse: "Quando vocês levantarem o Filho do homem, saberão que Eu Sou, e que nada faço de mim mesmo, mas falo exatamente o que o Pai me ensinou." (*João 8:28, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Respondeu Jesus: "Eu afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!" (*João 8:58, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos sejam soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. (*Colossenses 1:15-17, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Os muitos exemplos de milagres forjados e profecias [...] deveriam razoavelmente gerar uma suspeita contra todas as relações desse tipo. (*David Hume*).
>
> É possível falhar de muitas maneiras [...] enquanto ter sucesso é possível apenas de uma maneira. (*Aristóteles*).

Tendo estabelecido que o Novo Testamento é verdadeiro, devemos agora investigar se seus escritos afirmam que Jesus é Deus. Para tanto, devemos saber o seguinte:

- Em qual Jesus temos que crer?
- Jesus alegou ser Deus?
- Os apóstolos creram que Jesus é Deus?

- Podemos concluir que Jesus é Deus?

3.1. EM QUAL JESUS TEMOS QUE CRER?

Assim como há sempre mais soluções erradas para um problema do que soluções corretas, há muitas representações falsas e conflitantes de Jesus. Existem inúmeras pessoas e organizações fora do cristianismo que dizem que também "creem na Bíblia" ou "creem em Jesus". Porém, ao se investigar mais, observa-se que cada uma pintaria um quadro totalmente diferente do Cristo. **Nem toda crença professada sobre Jesus é justificada pelas Escrituras.**

Muitos grupos negam a divindade de Jesus. Alguns enfatizam suas próprias publicações a ponto de fazê-las parecer ter ainda mais autoridade do que a Bíblia. Outros simplesmente comercializam sua própria concepção de Jesus como se fosse uma nova assinatura de revista. E, provavelmente, todos afirmariam que suas concepções sobre ele são "novas" e "mais relevantes". O autor do estudo original (www.provethebible.net) até mesmo viu um grupo religioso local chegar a ponto de anunciar a si mesmo no jornal com o seguinte *slogan*: "Experimente o nosso Deus". Abordamos as "modernas tendências" que se afastam da aceitação de Jesus como Deus no quarto estágio deste estudo (divindade).

Acreditar que as características reais do Messias Jesus são questões flexíveis, ou que são para a conveniência de certo grupo religioso, é esquecer o **caráter mutuamente exclusivo da verdade,** o qual abordamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?). **Uma vez que há um Jesus verdadeiro, os demais necessariamente são falsos.** O Cristo verdadeiro tem características reais. Vamos descobrir quais são.

Uma vez que Jesus Cristo é a figura central do Novo Testamento, não podemos deixar de definir com exatidão e com completeza a sua pessoa e a sua obra. Não é uma opção aceitar vagamente o Novo Testamento como parecendo ser verdadeiro e, depois, continuar sem considerar o que a figura central quer nos comunicar pessoalmente, aqui e agora.

Portanto, para entender o Jesus real, aquele que se encaixa na descrição da Bíblia, e para compreendê-lo da maneira em que os autores bíblicos pretendiam comunicar, devemos identificar Jesus além de qualquer sombra de dúvida.

A crença na Bíblia é inútil se alguém, deliberadamente ou de outra forma, interpretar mal o ponto mais importante dela: que **Jesus Cristo é a encarnação de Deus cuja morte na cruz efetuou nossa salvação há muito tempo prometida em todo o Antigo Testamento.** Veremos mais sobre isso no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Jesus é o nosso juiz? A Bíblia é a sua constituição moral pela qual nosso julgamento será guiado?

3.1.1. REVENDO O QUE SABEMOS DE JESUS DE FONTES NÃO BÍBLICAS

Vimos anteriormente um esboço geral da vida de Jesus Cristo compilando apenas informações de não cristãos dos primeiros séculos. O mais impressionante é que tal esboço concorda perfeitamente com o Novo Testamento. **A soma das informações vindas desses antigos não cristãos afirma positivamente a credibilidade da Bíblia e a divindade da pessoa de Cristo:**

- Jesus foi um homem sábio, viveu uma vida virtuosa, e foi chamado de Cristo ou Messias (Josefo);
- Jesus ganhou muitos discípulos de muitas nacionalidades (Josefo);
- Ele curou cegos e coxos em Betsaida e Betânia (Juliano, o Apóstata);
- Ele foi acusado de praticar feitiçaria e levar Israel ao erro (Talmude Babilônico);
- Sob o governo de Herodes, durante o reinado de Tibério, Pôncio Pilatos condenou Cristo à morte (Tácito);

- Cristo foi crucificado na véspera da Páscoa (Talmude Babilônico);
- Sua crucificação foi acompanhada por três horas de escuridão (Talo e Flégon);
- Os discípulos de Cristo "relataram que ele apareceu a eles por três dias depois de sua crucificação e que ele estava vivo" (Josefo);
- Seus discípulos tomaram o hábito de se encontrar em um dia fixo na semana e tomaram seu nome "cristãos" dele (Plínio, o Jovem);
- Cristãos adoravam a Cristo "como a um deus" (Plínio, o Jovem);
- Cristãos obrigaram a si mesmos a se abster de obras malignas, fraude, furto, adultério e mentira (Plínio, o Jovem);
- Cristãos mantiveram um desdém pela morte e foram conhecidos por uma devoção própria e voluntária (Luciano de Samósata);
- Cristãos consideravam a si mesmos como irmãos a partir do momento de suas conversões (Luciano de Samósata);
- Cristãos viveram segundo a lei de Cristo (Luciano de Samósata);
- Cristãos voluntariamente foram torturados, e até mesmo executados, porque se recusaram a negar suas crenças na ressurreição e na divindade de Jesus Cristo (Josefo; Tácito; Plínio, o Jovem; Luciano de Samósata).

Como é de se esperar, isso é menos completo sobre Jesus do que o relato que está na Bíblia em termos de sua vida, caráter e eventos circundantes, mas acaba com quaisquer noções de que Jesus pode não ter existido fora da imaginação de certas pessoas.

3.1.2. RESUMO SOBRE O JESUS BÍBLICO [172]

Vejamos a seguir um resumo da história do verdadeiro Jesus Cristo, conforme a Bíblia.

3.1.2.1. EXISTÊNCIA ETERNA (CRIADOR)

A existência de Jesus não começou com seu nascimento. Ele existiu eternamente com Deus Pai e o Espírito Santo. Miqueias 5:2 afirma que de Belém viria um governante cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade, sendo essa passagem aplicada a Cristo em Mateus 2:4-6. Ele nasceu em forma humana em Belém, mas existiu pela eternidade.

No Evangelho de João (João 1:1-2), a Palavra – Jesus (João 1:14) – estava no início da criação com Deus e era Deus. Jesus é um ser separado do Pai, um indivíduo ("estava com Deus"), mas possui a natureza da divindade assim como o Pai a possui ("ele era Deus").

Veja também Salmo 55:19; 90:1-4; 93:2; Hebreus 1:12; conforme Salmo 102:24-27 com Hebreus 1:8-12; Isaías 9:6; João 8:58.

3.1.2.2. SUA OBRA NA CRIAÇÃO

Em João 1:3, todas as coisas foram feitas por meio de Cristo, e nada foi feito sem ele. Jesus não apenas existiu pela eternidade – ele é o eterno criador de todas as coisas.

Em Colossenses 1:16, todas as coisas foram criadas por Jesus. Se Jesus fez tudo o que foi criado, então ele mesmo não deve ter sido criado. Ele é eterno – a causa eterna de tudo o que existe. Certamente o criador eterno deve possuir divindade, então essa passagem afirma a divindade de Cristo.

Então, a primeira coisa a saber sobre Jesus é que sua vida na Terra não foi o início de sua existência. Ele existiu eternamente com o Pai celestial, e ele foi, de fato, o eterno criador de todo o universo, conforme Hebreus 1:2.

3.1.2.3. ELE DEIXOU O CÉU PARA VIVER NA TERRA

Em Filipenses 2:5-8, embora estando Jesus no céu na forma de Deus, ele não insistiu em se apegar à honra e às bençãos que tinha lá. Ele esvaziou a si mesmo no sentido de viver na Terra como um ser humano e humilhou a si mesmo a ponto de morrer em uma cruz.

Em 2 Coríntios 8:9, Cristo tinha grandes riquezas (no céu), mas deixou-as e tornou-se pobre (quando veio para a Terra). Como resultado desse sacrifício, nós podemos nos tornar ricos (espiritualmente).

Jesus tinha a glória e privilégios de ser honrado como divino no céu. Mas deixou essa honra para vir à Terra para viver como homem. A divindade tomou o lugar do homem – Deus em carne, conforme Hebreus 2:14-17; João 17:5 (veremos a razão disso conforme seguimos adiante).

3.1.2.4. SUA VINDA FOI PROMETIDA PARA GRANDES HOMENS DO ANTIGO TESTAMENTO

Em Gênesis 12:3, como parte de uma das maiores promessas na Bíblia, Deus disse a Abraão que seu descendente traria uma benção para todas as famílias da Terra.

Em Atos 3:25-26, Jesus cumpriu essa promessa ao oferecer o sacrifício pelo qual todos os seres humanos podem ser salvos de seus pecados. Deus planejou isso antes sequer que Jesus nascesse como homem: sua vinda abençoa cada nação e povo na Terra em cumprimento de uma promessa divina fundamental.

Deus também prometeu ao rei Davi que seus descendentes iriam continuar a governar o povo de Deus (2 Samuel 7:12-16; Jeremias 23:5). O Antigo Testamento frequentemente predisse a vinda do reino que seria sujeito a esse governante ungido – o Messias ou Cristo (Daniel 2; etc.).

Em Lucas 1:32-33, o anjo disse à Maria, mãe de Jesus, que ele teria o trono de Davi e reinaria sob seu reino eternamente. Em Mateus 1:1-16 (note também o verso 17), a genealogia de Jesus é traçada de volta a Davi, de forma a mostrar que ele é herdeiro de Davi (conforme Lucas 3:23-38; Atos 13:22-23). Pelo direito da herança, Jesus merecia reinar como rei. Veremos mais sobre isso conforme seguimos adiante.

3.1.2.5. ELE NASCEU DE UMA VIRGEM

Em Lucas 1:26-35, Maria é claramente descrita como uma virgem. Um anjo disse a ela que ela conceberia e geraria um filho. Ela não entendeu, uma vez que não tinha relações com homem algum. Então, o anjo explicou que isso ocorreria pelo poder do Espírito Santo.

Em Mateus 1:18-25, Maria estava prometida em casamento a José, mas concebeu pelo poder do Espírito Santo antes que tivesse relações com José. Um anjo assegurou a José que isso tinha ocorrido pelo poder de Deus. Assim, José procedeu a tomá-la como esposa, mas não teve relações com ela antes que Jesus nascesse.

Deus trouxe Jesus ao mundo por um milagre. Desde o início de sua existência terrestre, Deus usou um evento sobrenatural para provar que Jesus não era um homem comum.

Esse milagre também simboliza a natureza dupla de Jesus: sua concepção e nascimento por meio de uma mulher mostra sua natureza humana, e sua concepção pelo Espírito Santo (divindade), sem um pai humano, mostra que ele não é apenas humano, mas também divino. A natureza de homem e a natureza de Deus estavam unidas em Jesus.

3.1.2.6. ELE NASCEU EM CIRCINSTÂNCIAS HUMILDES

Embora tenha vindo para ser rei e fosse, de fato, o eterno criador, Jesus nasceu e viveu nas mais humildes das circunstâncias.

Em Lucas 2:1-18, Jesus nasceu em um estábulo em Belém e foi colocado em uma manjedoura. Ainda assim, anjos anunciaram que ele seria o salvador, o Cristo (o Ungido) e Senhor (mestre, governante). Esse evento milagroso também provou o caráter especial daquele que havia nascido.

Em Mateus 2:13-23, tendo sido honrado pelos sábios que vieram de longe para adorá-lo, os quais sabiam que ele era o rei dos judeus, Jesus teve que escapar da morte pelas mãos de Herodes, o qual ordenou que todos os meninos de dois anos para baixo fossem mortos. Assim, José e Maria, divinamente instruídos, o levaram para o Egito. Mais tarde, com a morte de Herodes, retornaram para Nazaré, uma das cidades mais humildes (João 1:46). Ali Jesus cresceu como filho de carpinteiro (Mateus 13:55; Marcos 6:3).

Poderíamos investir horas discutindo a vida e ensinamentos de Jesus. Vamos, porém, nos concentrar em apenas alguns poucos eventos que demonstram seu caráter e o propósito de sua vinda.

3.1.2.7. O BATISMO DE JESUS

O batismo de Jesus mostra a importância da obediência e do batismo. Em Mateus 3:13-17, Jesus foi batizado para "cumprir toda a justiça". O evangelho ensina que precisamos ser batizados para remissão de pecados (Atos 2:38). Mas Jesus não tinha pecados para serem perdoados, logo, ele não foi batizado pela mesma razão que nós. Mas ele ainda teve que ser batizado para obedecer a vontade de Deus. Veja também Lucas 7:30.

Em Hebreus 5:8-9, Jesus aprendeu o significado da obediência a partir da experiência pessoal. Pessoas tendem a pensar que outras pessoas não nos entendem: filhos pensam que pais não os entendem, esposas pensam que seus maridos não as entendem, etc. Então, podemos pensar que Deus não nos entende, mas apenas se assenta em um "trono de marfim criando regras". Mas ao viver, sofrer e morrer como homem, Jesus nos assegura que Deus nos entende e se importa conosco.

O batismo de Jesus mostra o relacionamento entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Enquanto Jesus estava sendo batizado, o Espírito Santo veio em forma corporal similar à forma de uma pomba, e o Pai falou do céu. Isso mostra que Pai, Filho e Espírito Santo são três seres distintos, ou indivíduos, embora um só Deus em substância e propósito. Embora Jesus seja um indivíduo separado, ainda assim o Pai e o Espírito Santo afirmaram a unidade deles com Jesus e sua aprovação dele. A voz miraculosa do Pai e o aparecimento miraculoso do Espírito constitui prova divina de que Jesus é o Filho de Deus.

Assim como Deus miraculosamente demonstrou a natureza especial quando Jesus nasceu, ele mais uma vez demonstrou seu caráter especial no início do ministério público de Jesus.

3.1.2.8. A TENTAÇÃO DE JESUS

Em Mateus 4:1-11, Jesus jejuou no deserto por quarenta dias e quarenta noites. Satanás então veio para tentá-lo, mas Cristo resistiu confiando na Palavra de Deus, respondendo a cada tentação com o que estava escrito nas Escrituras.

Assim como Cristo venceu as tentações de Satanás no deserto, o mesmo ocorreu por toda a sua vida. Embora Satanás tenha tentado derrotá-lo repetidamente, Jesus o venceu todas as vezes. Em 1 Pedro 2:21-22 está escrito que Cristo viveu uma vida sem pecado, estabelecendo um exemplo perfeito para que sigamos. Hebreus 4:15-16 registra que Jesus foi tentado de todas as formas em que os seres humanos são tentados, mas nunca pecou. Mais uma vez isso mostra que Deus entende o que passamos ao enfrentarmos tentações. Se Jesus não tivesse sofrido como nós, poderíamos pensar que Deus exige demais. A vida de Jesus prova que Deus nos entende e simpatiza conosco, mas ainda assim não há desculpa para pecar.

Jesus foi o único homem que viveu sem cometer algum pecado. Portanto, ele é o único que verdadeiramente pode ser contado como justo diante de Deus. Veremos adiante que sua vida sem pecado foi necessária para que ele fosse um sacrifício perfeito para expiar nossos pecados.

3.1.2.9. OS ENSINAMENTOS DE JESUS

Não iremos investir muito tempo aqui considerando o conteúdo específico dos ensinos de Cristo, mas podemos notar alguns pontos gerais sobre eles.

Os ensinamentos de Jesus revelam a vontade de Deus para o homem. Não são opiniões humanas ou sabedoria humana. São a vontade absoluta de Deus. Jesus veio como Deus em carne para revelar uma mensagem de Deus ao homem. Em Mateus 17:1-5, quando Cristo foi transfigurado em glória diante de seus discípulos, Deus afirmou novamente que Jesus é seu Filho e, portanto, a ele devemos ouvir. Deus, novamente, miraculosamente demonstrou sua aprovação divina para os ensinamentos de Jesus. Em Mateus 28:18-20 está escrito que devemos observar todos os mandamentos de Jesus, pois ele tem autoridade a comandar os homens a obedecer. Veja Hebreus 1:1-2 e Atos 3:22-23.

Os ensinamentos de Jesus são essenciais para nossa salvação. Em João 6:63,68 está escrito que as palavras de Cristo são espírito e vida. Ele tem as palavras da vida eterna. João 14:6 registra que Jesus é o caminho para o Pai e que ninguém pode ir ao Pai a não ser por ele. Em Atos 4:12 está escrito que ninguém além dele pode prover salvação.

Os ensinos de Cristo não são opcionais. Devemos aceitá-los e obedecê-los, tanto porque vêm de Deus quanto porque nos mostram o único caminho para recebermos vida eterna. Ninguém deveria dizer que crê em Jesus sem ver a necessidade de seguir seus ensinamentos. Seguir os ensinos de Cristo é a única forma de se beneficiar da vida e morte dele. Veja 1 João 5:11-12 e João 12:48.

Os apóstolos e profetas de Jesus transmitiram seus ensinamentos após sua ascensão. Em Lucas 10:16, Jesus enviou os discípulos para falar da vontade divina. Assim, podemos estar certos de que eles falaram a verdade de Deus, como o próprio Jesus teria feito. Em João 16:12-13, especificamente, Jesus enviou o Espírito Santo para guiar os discípulos para falar verdades que ele não revelou durante sua vida na Terra, pois ainda não havia chegado a hora certa. Mas toda a verdade foi revelada aos apóstolos por meio do Espírito Santo.

Em 1 Coríntios 14:37, o Espírito Santo guiou esses homens a falar e escrever a vontade de Deus. O resultado é que **as palavras escritas que temos no Novo Testamento constituem os próprios mandamentos de Jesus.**

Jesus não apenas falou por Deus, mas habilitou seus apóstolos e profetas a falar por ele e por Deus. Podemos conhecer a vontade de Deus para nós por meio da mensagem que esses homens inspirados escreveram. Veja Mateus 10:19-20; Atos 1:8; 2 Timóteo 3:16-17.

Para nos beneficiar dos ensinos de Jesus, precisamos crer neles. Quem verdadeiramente crê nos ensinos os obedece. Em Mateus 7:21-27 está escrito que, para entrar no reino do céu, não basta apenas acreditar em Jesus ou mesmo confessá-lo como Senhor. É também necessária a obediência à vontade do Pai, a qual Jesus revelou. Para sermos verdadeiramente sábios, precisamos tanto ouvir quanto praticar o que Jesus ensinou. Veja o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

Em Marcos 16:15-16, Jesus disse que seu evangelho deve ser pregado a todos. Aquele que crer e for batizado será salvo. Porém, aquele que não crer será condenado. Em Hebreus 5:9, Jesus é o autor da salvação eterna para todos aqueles que o obedecem.

Aqueles que verdadeiramente creem em Jesus não devem apenas acreditar em seu nascimento miraculoso e em sua vida sem pecado. Devem também crer que ele é o Filho de Deus, o divino porta-voz de Deus. Devem reconhecer a necessidade de crer em seus ensinamentos e obedecê-los, uma vez que eles são o único caminho para receber vida eterna. Seus ensinamentos estão revelados nas Escrituras. Veja também João 8:24,31-32; Lucas 6:46; 2 João 9; 1 Pedro 1:22-25; Romanos 6:17-18.

3.1.2.10. AS EVIDÊNCIAS DADAS POR JESUS

Em Lucas 24:25-27,44, Jesus afirmou que eventos em sua vida cumpriram profecias do Antigo Testamento. Em 1 Coríntios 15:1-4, os apóstolos também afirmaram que a vida de Cristo cumpriu profecias.

Homens podem predizer o futuro em detalhes apenas se Deus guiá-los. Então, se homens inspirados predisseram em detalhes que alguém viria a ser um governante do povo de Deus e um porta-voz inspirado por Deus, e então alguém veio e cumpriu essas profecias, devemos concluir que essa pessoa realmente veio de Deus. Portanto, deveríamos ouvir sua mensagem. Veja João 5:39; Atos 2:25-36; 3:18-26; 10:43; 13:27-39; etc.

Alguns exemplos de profecias que Jesus cumpriu:

- Nasceu em Belém (conforme Miqueias 5:2; ver Mateus 2:1-6);
- Descendeu de Davi (conforme Jeremias 23:5; ver Atos 13:22-23);
- Foi profeta de Deus (conforme Deuteronômio 18:17-19; ver Atos 3:20-23);
- Teve um precursor para preparar seu caminho (conforme Isaías 40:3-4; ver Lucas 3:2-5);
- Morreu por crucificação pela culpa dos outros (conforme Salmo 22:16-18; 34:20; Isaías 53:4-12; ver João 19:18-37 e 1 Pedro 2:21-25);
- Ressuscitou (Salmo 16:10; ver Atos 2:24-32).

Jesus realizou milagres, incluindo a ressurreição. Seus milagres provaram que ele é de Deus. Milagres às vezes cumpriam vários propósitos, mas o propósito sempre cumprido pelos milagres de Jesus era demonstrar que Deus estava trabalhando por meio dele. Em João 5:36, as obras de Jesus testificaram que ele é de Deus. Em Atos 2:22, Jesus foi aprovado por Deus tendo os milagres como evidências. Em João 20:30-31, apesar de não termos visto milagres hoje, podemos crer com base nas testemunhas oculares que registraram nas Escrituras que Jesus fez milagres, conforme João 11:47-48; 4:48.

Exemplos de milagres que confirmam quem Jesus é (já falamos sobre alguns deles):

- Seu nascimento virginal (Mateus 1:18-25; Lucas 1:26-35);
- O testemunho de Deus no batismo e na transfiguração de Jesus (Mateus 3:13-17; 17:1-5);
- Ele ressuscitou pessoas mortas (João 11:17-44);
- Ele andou sobre a água e acalmou uma tempestade (Mateus 14:22-33; 8:23-27);
- Ele alimentou milhares de pessoas por meio da multiplicação de poucos pães e peixes (Mateus 14:13-21; 15:32-39);
- Ele ressuscitou dos mortos (Romanos 1:4).

Deus propositalmente planejou que Jesus deixasse evidências suficientes para qualquer pessoa honesta ser convencida de quem Jesus realmente é.

3.1.2.11. PREDIÇÕES DA MORTE E RESSURREIÇÃO DE JESUS

As profecias cumpridas e os milagres de Jesus são duas das maiores provas de que ele realmente era de Deus. O mais importante dos milagres foi a sua ressurreição dos mortos. É surpreendente que Cristo ressuscitou dos mortos, mas ainda mais surpreendente é o fato de que sua ressurreição foi predita antes de acontecer.

Vejamos algumas predições do Antigo Testamento:

- Lucas 24:44-46: Jesus explicou que sua ressurreição cumpriu as predições dos profetas do Antigo Testamento;

- Atos 13:34-38: foi explicado o exemplo em que Davi predisse que alguém não veria corrupção (decomposição) e que sua alma não permaneceria na morte. Isso somente poderia ser verdade se alguém se erguesse dos mortos;

- Isaías 53:7-12: ele (o Messias) morrerá, mas "verá sua prole e prolongará seus dias" (verso 10). Como isso poderia ocorrer? Apenas pela ressurreição.

Essas predições estão conforme 1 Coríntios 15:1-4; Atos 2:23-31; 17:2-3.

Vejamos algumas das predições do próprio Jesus:

- João 2:18-22: Jesus predisse que os judeus iriam destruir seu corpo (templo), mas ele o reconstruiria em três dias;

- Mateus 16:21: Jesus claramente expôs a seus discípulos que seria morto e se ergueria novamente no terceiro dia.

Essas predições estão conforme Mateus 17:9,23; 20:19; 26:32; 27:63; Marcos 8:31; 9:9-10,31; 10:34; 14:28; Lucas 18:33; 24:4-7.

Imagine um homem fazendo tais predições. Se fosse uma fraude, rapidamente após sua morte, todos saberiam que ele seria fraudulento. Mas Jesus fez as predições e, ao invés de perder seus seguidores, muitas pessoas testificaram que pessoalmente o viram vivo depois que tinha morrido.

3.1.2.12. TRAIÇÃO E PRISÃO

Em Mateus 26:1-4,14-16, líderes judaicos determinaram que iriam matar Jesus, pois ele tinha revelado seus pecados às multidões. Judas Iscariotes, um dos discípulos de Jesus, era também um ladrão. Ele concordou em trair Jesus para seus inimigos por trinta moedas de prata.

Em Mateus 26:36-41, após ensinar seus discípulos sobre como se participa da Ceia do Senhor em memorial à sua morte, Jesus foi ao Getsêmani. Lá ele orou para que pudesse evitar o sofrimento da cruz. No entanto, mesmo assim, estava disposto a obedecer a vontade do Pai.

Em Mateus 26:47-56, Judas veio trazendo soldados para capturar Jesus e mostrou aos soldados qual homem deveriam prender ao beijá-lo. Quando Jesus se recusou a permitir seus discípulos o defendessem, todos o abandonaram e fugiram. Mais tarde Pedro o negou três vezes, como Jesus havia predito antes que aconteceria.

A maioria de nós poderia apenas imaginar o quão terrível isso seria. Mas se você já teve um amigo que se voltou contra você, você tem uma pequenina amostra do que Jesus experimentou. Ele tinha deixado a alegria do céu, tinha vindo à Terra e tinha passado anos com seus discípulos. Ainda mais, quando pareceu que seus inimigos estavam prestes a derrotá-lo, um de seus discípulos o traiu por dinheiro, outro o negou três vezes e os demais o abandonaram. Mesmo assim ele aceitou tudo isso de forma que pudesse salvá-los, e a nós, do pecado.

3.1.2.13. JULGAMENTOS E CRUCIFICAÇÃO

Não discutiremos muitos detalhes, mas considere algumas das evidências a seguir de que Jesus era inocente e não merecedor de morte.

Em Mateus 26:57-67, nos julgamentos judaicos, os líderes dos judeus buscaram base para matar Jesus, mas não puderam encontrar prova válida, mesmo com o auxílio de muitas falsas testemunhas. Finalmente o condenaram por blasfêmia porque ele afirmou ser o Cristo. Mas foi fácil provar que ele afirmou ser o Cristo. A questão era: a alegação era verdadeira ou falsa? Os judeus nem sequer consideraram isso. Eles apenas ignoraram toda a evidência de que ele era o Cristo e o condenaram por fazer uma "alegação blasfema"!

Em Mateus 27:3-5, Judas admitiu que tinha traído uma pessoa inocente e se enforcou.

Em Lucas 23:1-11, Jesus foi levado ao governador romano Pilatos, onde os judeus o acusaram de ensinar pessoas a não pagar tributo a César, apesar do fato de que eles sabiam que Cristo tinha ensinado justamente o oposto (Mateus 22:15-21).

Em Lucas 23:8-11, Pilatos enviou Jesus para Herodes, o qual zombou dele e o enviou de volta a Pilatos. Ele então disse ao povo que nem ele, nem Herodes, haviam encontrado qualquer culpa em Jesus digna de morte.

Em Mateus 27:15-26, Pilatos repetidamente declarou que Jesus era inocente e tentou libertá-lo, mas os judeus recusaram. A esposa de Pilatos mandou uma mensagem a ele dizendo que ela sabia que Jesus era inocente. Porém, os judeus disseram que eles e seus filhos teriam a responsabilidade por sua morte, então Pilatos mandou que Jesus fosse crucificado.

Em Mateus 27:27-54 temos o relato da crucificação. João 18:31-34 complementa que o lado de Jesus foi perfurado com uma lança para que fosse certificado que ele estava morto.

Assim, ninguém jamais provou que Jesus era culpado de qualquer crime. Aquele que o traiu, dois de seus juízes (Pilatos e Herodes), e até mesmo a esposa de Pilatos, todos o declararam inocente. Mesmo assim, Cristo foi crucificado como um criminoso.

3.1.2.14. SEPULTAMENTO

Em Mateus 27:57-60, discípulos de Jesus prepararam o corpo para sepultamento e o colocaram-no sepulcro de José de Arimateia.

Em Mateus 27:62-66, os judeus lembraram que Jesus tinha prometido se erguer dos mortos. Assim, com a permissão de Pilatos, selaram a pedra sobre a entrada do sepulcro e colocaram guardas diante dele, de forma a garantir que o corpo não fosse removido do túmulo.

3.1.2.15. RAZÕES PARA SUA MORTE

Todos morrem eventualmente. Para muitas pessoas, a morte de Jesus pode não parecer extraordinária. No entanto, sua morte foi a morte mais importante que já ocorreu em toda a história. De fato, foi essencial para nossa salvação.

Em Hebreus 2:9, Jesus provou a morte por cada ser humano. Ele não morreu por seus próprios pecados – ele não tinha pecado algum. Nem foi sua morte um erro da justiça divina. Jesus morreu por causa de nossos pecados.

Em 1 Pedro 2:24, Cristo teve nossos pecados imputados sobre si para que pudéssemos viver para a justiça. Ele foi um sacrifício. Ele foi o Filho de Deus sem pecado morrendo no lugar dos pecadores, de forma que eles pudessem ser livrados da penalidade.

Em Romanos 5:6-9, o apóstolo Paulo afirmou que é uma coisa surpreendente encontrar alguém que queira dar sua própria vida no lugar de uma pessoa boa. Muito mais surpreendente é o fato de que Cristo morreu no lugar de ímpios pecadores.

Em 2 Coríntios 5:21, Cristo não cometeu pecado, mas foi feito pecado em nosso lugar. Essa é a razão pela qual foi essencial que Jesus vivesse uma vida sem pecado. Se ele tivesse pecado, teria que ter sido punido pelo seu próprio pecado. Porém, uma vez que Cristo viveu uma vida sem pecado e não merecia morrer, ele estava apto para sofrer no lugar de outros que mereciam morrer.

Isso tudo é muito surpreendente, mas torna-se ainda mais surpreendente ao ser levado em conta o fato de que Jesus veio à Terra sabendo o tempo todo que teria que morrer pelo pecado dos outros. O criador tomou a forma daquele que havia criado a fim de sofrer como sacrifício para salvar suas próprias criaturas. Se Jesus não tivesse morrido, nenhum de nós poderia ser perdoado dos pecados. Todos teríamos que morrer por nossos

próprios pecados (Romanos 6:23). Podemos ser salvos apenas porque Jesus morreu por nós, conforme João 3:16; Romanos 4:25; 1 João 4:9; etc.

3.1.2.16. RESSURREIÇÃO E APARIÇÕES

Em 1 Coríntios 15:16-17, se Jesus tivesse simplesmente morrido sem ter sido ressurreto, Satanás teria sido o vitorioso. Ele teria derrotado Jesus e estaríamos ainda em nossos pecados. A fim de derrotar Satanás e, assim, nos justificar, Jesus teve que se erguer dos mortos.

Todos os quatro relatos dos evangelhos afirmam que Jesus foi ressurreto. Todos os quatro evangelhos registram relatos das testemunhas oculares que o viram vivo após sua morte. Escritores diferentes registraram aparições diferentes. Nenhum escritor deu uma lista completa de todas as aparições de Cristo.

Em 1 Coríntios 15:5-8, Paulo listou várias aparições de Jesus, incluindo a aparição a ele mesmo na estrada para Damasco.

João 20:24-31 registra a natureza fatual e histórica das aparições de Jesus. Tomé tinha dito que não creria que Jesus tivesse sido ressurreto até que ele pessoalmente o visse vivo e com as marcas de sua crucificação. Quando Jesus deu prova a ele, Tomé o confessou como sendo seu Senhor e seu Deus. João afirmou que todos nós devemos crer nisso também, mas não precisamos ver para crer.

As passagens em João 19:35; 20:30-31; 21:24 mostram como podemos crer. O testemunho das testemunhas oculares foi registrado nas Escrituras. Seus testemunhos dizem que Jesus fez milagres, morreu e viveu novamente após ter morrido.

Em Romanos 1:4, Deus provou que Jesus é seu Filho por ressuscitá-lo dos mortos. A ressurreição é o mais básico e fundamental de todos os milagres de Cristo. A crença na ressurreição como verdadeira é o que leva à salvação do pecado (Romanos 10:9-10).

Jesus mostrou a si mesmo vivo por muitas "provas indiscutíveis", como afirmado em Atos 1:3. O que você fará com essas provas? Pessoas honestas devem investigar e chegar a um veredito honesto. Veja 1 Pedro 3:21; Hebreus 2:14; Romanos 4:25.

3.1.2.17. ASCENSÃO E ESTABELECIMENTO DE SUA IGREJA

Em Atos 1:2-11, tendo aparecido a seus discípulos por um período de quarenta dias, e tendo discutido com eles sobre seu reino, Jesus ascendeu ao céu. Anjos afirmaram que um dia ele retornará da mesma forma, isto é, virá do céu.

O reino de Deus tem sido um tema principal dos ensinamentos de Jesus. Ele tinha prometido estabelecer sua Igreja, a qual faz parte de seu reino espiritual (Mateus 16:18-19). Ele disse que esse reino viria com poder durante a vida de seus discípulos (Marcos 9:1). Cristo prometeu que o poder viria quando o Espírito Santo viesse, o que ocorreu apenas alguns dias depois.

Em Atos 2:29-38, o Espírito Santo veio em Jerusalém no dia de Pentecostes, dando aos apóstolos poder para falar em outras línguas. Pedro pregou que Jesus está agora no trono de Davi como Senhor e Cristo. Mas, para isso, Jesus teve que se erguer dos mortos.

Para sermos salvos de nossos pecados, temos que crer em Jesus como nosso sacrifício e nosso Senhor (ele é Deus), temos que continuamente confessar a fé no evangelho verdadeiro (bíblico), temos que nos arrepender de nossos pecados e temos que ser batizados (imersão em água) com o objetivo de obter a remissão de pecados e receber o dom do Espírito – a própria salvação e a capacitação para permanecer nela (Atos 2:38). Aqueles que obedecerem a essas instruções serão acrescentados à Igreja de Jesus (Atos 2:47), a qual faz parte de seu reino (Colossenses 1:13,18).

Em Filipenses 2:9-11, uma vez que Jesus realizou todas essas grandes obras para nosso benefício, Deus o exaltou a uma posição de honra e autoridade, acima de todas as outras autoridades (Efésios 1:21-23). Para sermos salvos devemos nos submeter à sua autoridade e confessar sua grandeza.

Essa foi a história de Jesus. Mas não é o fim da história... Jesus vai retornar!

3.1.2.18. O RETORNO DE CRISTO

Quando Jesus ascendeu ao céu, os anjos disseram que ele retornará. Ele não vai retornar a fim de começar a governar como rei. Cristo começou a reinar quando ascendeu, e continuará a governar até que retorne e vença a morte (1 Coríntios 15:21-26). Jesus retornará como nosso juiz para nos recompensar de acordo como o servimos (Mateus 25:31-46). Aqueles que servirem fielmente receberão vida eterna. Aqueles que não servirem receberão punição eterna (Mateus 25:41,46).

Conforme Atos 17:30-31, para nos preparar para esse julgamento, devemos nos arrepender de nossos pecados. Isso significa mudarmos nossas mentes a respeito do pecado, decidindo nos afastar dele e vivermos para Jesus. Como mencionamos acima, devemos então confessar Cristo como Senhor (Deus), confessar a fé no evangelho verdadeiro (bíblico), nos arrepender de nossos pecados e sermos batizados para a remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito (Atos 2:38), de forma que seu sangue possibilite nosso perdão, salvação, e nos habilite a viver conforme seus mandamentos. Após isso, devemos perseverar em viver fielmente a seus ensinamentos.

A história de Jesus é a maior história já contada. A lição para aprendermos dessa história é que Jesus é nosso criador, salvador e mestre. A forma como reagiremos a essa história vai determinar nosso destino eterno. Temos a escolha de servi-lo e receber vida eterna, ou recusar a servir e receber punição eterna.

3.1.3. COMO O ANTIGO TESTAMENTO INSTRUI A RECONHECER O MESSIAS PROMETIDO?

Vejamos se Jesus cumpriu as profecias do Messias (Cristo em grego) que Deus prometeu que viria.

Alguém poderia pensar que isso não é válido porque seria apenas "usar a Bíblia para provar a Bíblia". Porém, não se deve esquecer que a Bíblia não é apenas um único livro. Ela é a coleção de diferentes livros escritos por diferentes autores em diferentes locais e épocas. Sendo assim, um escrito muito antigo do Antigo Testamento, como o capítulo 53 de Isaías, pode e deve ser usado para verificar se o Jesus do Novo Testamento é o Messias. Não é diferente de usar escritos de Albert Einstein para corroborar os escritos de Stephen Hawking.

> Quando criança, recebi instrução tanto na Bíblia quanto no Talmude. Eu sou judeu, mas estou encantado com a figura luminosa do Nazareno... Ninguém pode ler os evangelhos sem sentir a presença real de Jesus. Sua personalidade pulsa em cada palavra. Nenhum mito está cheio de tal vida. (*Albert Einstein – retirado de Kac, Arthur W., "The Messiahship of Jesus: What Jews and Christians Say", Chicago, IL, Moody Press, 1980, p. 40*).

> Jesus foi um excêntrico. (*Bhagwan Shree Rajneesh*).

3.1.3.1. QUEM OU O QUE É O MESSIAS?

A palavra hebraica *mashach,* a qual traduzimos por "messias", significa "ungido". A tradução grega da mesma palavra, *christos,* é a nossa palavra "Cristo". Portanto, quando você ouve o cristão que fala português dizer "Jesus Cristo", ou "Jesus, o Cristo", ele está se referindo à crença de que Jesus é o Ungido, ou o Messias, como prometido no Antigo Testamento.

Os profetas do antigo Israel falavam com frequência sobre o Ungido. O significado da unção é que era um sinal cerimonial de ser separado para um propósito especial. Era como um símbolo de ter o poder de Deus ou sua aprovação. Os antigos profetas, sacerdotes e reis de Israel foram todos ungidos para seus respectivos deveres dentro da nação. Em um sentido menor, cada um deles era ungido.

O futuro Ungido, entretanto, foi **especificado por profecia para vir em determinado momento, em um lugar específico, tendo uma certa linhagem, ser chamado de "Deus Poderoso", realizar tarefas específicas, sofrer**

rejeição e aparente derrota, mas ainda assim estabelecer um reino que destruiria todos os seus inimigos. O Ungido governaria esse reino para sempre.

3.1.3.2. PROFECIAS QUE JUDEUS ANTES DE JESUS ACREDITAVAM TRATAR DO MESSIAS VINDOURO

De todas as profecias do Antigo Testamento que Jesus cumpriu, há duas razões principais para se concentrar nas profecias que sabemos claramente que os judeus antes de Jesus afirmavam tratar sobre o futuro Messias:

- Agora que Jesus veio, teoricamente, os cristãos poderiam ser acusados de descrever como messiânicas apenas as profecias que Jesus parece ter cumprido, e...

- Os judeus modernos que rejeitam Jesus poderiam, teoricamente, negar como messiânicas as profecias que ele realmente cumpriu.

A fim de evitar que cristãos, ou judeus, ou qualquer outra pessoa, reinterprete as expectativas messiânicas do antigo Israel como "algo depois do fato", deve-se determinar quais partes do antigo judaísmo do Antigo Testamento se enquadram como pertencentes ao prometido Ungido de Deus. Isso é conseguido voltando-se para indivíduos com antecedentes pessoais do judaísmo antigo, ou pelo conhecimento intrincado da antiga história religiosa e política do antigo Israel. Isso ajudará a responder mais objetivamente à pergunta: "O que as pessoas no dia de Jesus deveriam estar procurando para reconhecer o Messias?"

O problema aqui encontrado não é a falta de informações sobre o que esse Ungido será ou fará, mas a sobrecarga de informações. **Mais de 300 passagens das Escrituras foram declaradas pelos judeus antigos como sendo de natureza messiânica.** Já que são tantas, apenas a fração mais significativa das passagens específicas alegadas como messiânicas serão apresentadas. As passagens das Escrituras em si não serão introduzidas até mais adiante, onde serão comparadas lado a lado com o que os cristãos acreditam que são seus cumprimentos no Novo Testamento.

3.1.3.3. GÊNESIS 3:15: O MESSIAS VIRÁ

Essa é a primeira profecia messiânica na Bíblia que prometeu que Deus enviará um descendente masculino por meio de Adão e Eva para derrotar e destruir Satanás. O professor semitista Charles Feinberg declarou:

> Nunca houve um tempo, desde os dias antigos até o presente, em que a interpretação messiânica de Gênesis 3:15 não tivesse tido seus advogados capazes [173].

3.1.3.4. DEUTERONÔMIO 18:15: A POSIÇÃO QUE O MESSIAS MANTERÁ

Aqui Deus prometeu que um dia levantaria um profeta, tão grande quanto Moisés, por quem Deus chamará a todos para prestar contas. De acordo com Paton J. Gloag:

> O Talmude afirma que "o Messias deve ser o maior dos futuros profetas, como sendo o mais próximo em espírito do nosso mestre Moisés." Essa previsão, então, só poderia receber sua realização no Messias [174].

3.1.3.5. ISAÍAS 9:6-7: A NATUREZA DE SUA IDENTIDADE

Esses versos, frequentemente vistos em cartões de Natal, incluem as palavras: "Porque um menino nasceu [...]. E ele será chamado Conselheiro Maravilhoso, Deus Poderoso, Pai Eterno [...]." O significado principal é que **o Ungido será o eterno Deus Poderoso e nascerá como uma criança.** O *targum* de Isaías (um *targum* é um antigo comentário rabínico) confirma a crença judaica na natureza messiânica dessa passagem:

> Seu nome foi chamado da antiguidade, Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Aquele que vive para sempre, o Ungido, em cujos dias a paz aumentará sobre nós [175].

3.1.3.6. DANIEL 2:31-45: QUANDO ELE VIRÁ

Essa passagem profetizou que o Messias viria nos dias do Império Romano e estabeleceria o reino de Deus que venceria os demais reinos.

Uma observação interessante é que **não judeus, como Tácito e Suetônio, também observaram a antecipação judaica da chegada do Messias.** Referindo-se ao tempo em torno da aparição de Jesus, Tácito registrou em sua obra "Histórias":

> Havia uma persuasão firme [...] que nesse mesmo momento o Oriente estava a crescer poderoso e os governantes vindos da Judeia estavam a adquirir um império universal [176].

3.1.3.7. MIQUEIAS 5:2: ONDE ELE VIRÁ

Miqueias afirmou que o Ungido viria de Belém, apesar de ter existido "desde tempos antigos". Gloag comentou sobre essa passagem:

> Todos os antigos intérpretes judeus aderem ao significado messiânico [...]. Assim também o testemunho dos *targums* é a favor da interpretação messiânica da profecia [177].

3.1.3.8. SALMO 22: ELE VAI SOFRER

O Salmo 22 descreveu os mesmos detalhes específicos de sofrimento e escárnio que um grande número de passagens menores claramente profetizou que o Messias seria submetido. John Ankerberg citou Moishe Rosen a respeito de que os primeiros escritos rabínicos descrevem esse salmo como retratando uma imagem messiânica sombria:

> O corpo do Messias está dobrado para baixo [178].

3.1.3.9. ISAÍAS 52-53: SUA MORTE COMO SACRIFÍCIO PELA CULPA E SUA RESSURREIÇÃO

Esses capítulos de Isaías contêm uma grande quantidade de escritos extensos sobre o Ungido como o servo do Senhor. Eles falam da inocência do Ungido, assim como de seu castigo mortal. A doação da sua vida será para a intercessão e justificação daqueles cujos pecados ele carregou. Além disso, os escritos vão adiante, afirmando que o Senhor prolongará seus dias, que ele verá a luz da vida, e que dividirá os despojos daquilo que sua morte realizou – o que implica que o Messias ressuscitaria.

Essa passagem é uma das quais se acredita ter influenciado alguns judeus a conceberem uma ideia de dois Messias. O Dr. Raphael Patai escreveu:

> Quando a morte do Messias se tornou um princípio estabelecido na época do Talmude, isso foi sentido como sendo inconciliável com a crença no Messias como Redentor que inauguraria o milênio feliz da era messiânica. O dilema foi resolvido dividindo a pessoa do Messias em duas [179].

O registro geral do Novo Testamento das ações de Jesus coincide com as questões e eventos que foram profetizados. Embora muitas passagens concernentes ao Messias pudessem ser cobertas, o estudioso hebreu Alfred Edersheim revisou extensivamente os comentários rabínicos sobre as profecias messiânicas. Quanto a se as alegações do Novo Testamento refletem ou não exatamente as expectativas messiânicas, Edersheim resumiu:

> Assim, uma cuidadosa leitura de suas [mais de 300] citações das Escrituras mostra que os principais postulados do Novo Testamento a respeito do Messias são totalmente apoiados por declarações rabínicas. Assim, tais doutrinas como a existência pré-mundana do Messias; sua elevação acima de Moisés, e mesmo acima dos anjos; seu caráter representativo; seu cruel sofrimento e escárnio; sua morte violenta, e isso para seu povo; sua obra em favor dos vivos e dos mortos; sua redenção e restauração de Israel; a oposição dos gentios; seu [dos gentios] julgamento parcial e conversão; a prevalência de sua lei; as bênçãos universais dos últimos dias; e seu reino – **podem claramente serem deduzidos de passagens inquestionáveis em escritos rabínicos antigos** [...]. Há, de fato, nos escritos rabínicos, frequente referência aos sofrimentos, e até à morte do Messias, e eles são trazidos em conexão com nossos pecados [...] [180].

3.1.3.10. COMO ERAM INTERPRETADAS AS PROFECIAS MESSIÂNICAS NA ÉPOCA DE JESUS?

Tendo estabelecido alguma prova das profecias que são de natureza messiânica, agora precisamos ver como elas estavam sendo interpretadas antes da chegada de Jesus. Sabemos que, quando Jesus começou seu ministério, muitas pessoas o aceitariam como o Cristo, outros não o fariam, e outros ainda seriam influenciados de uma forma ou de outra pelos eventos subsequentes.

Essa maneira mista em que Jesus foi recebido é melhor compreendida à luz do conhecimento das expectativas em circulação naquela época sobre o Messias vindouro. Embora houvesse um consenso geral sobre quais partes das Escrituras falavam do libertador prometido, como acabamos de analisar, nem todos concordavam com a natureza exata dessa personalidade.

As pessoas diferiam em suas respostas à pergunta: "Como vamos conhecê-lo quando ele chegar aqui?" Muitos judeus, e até mesmo as forças de ocupação romana em um menor grau, tinham os olhos abertos para um conquistador militar. Essa é a visão temporal do Messias que tinha sido popularmente lançada: alguém que poderia retirar a nação de Israel de sua ocupação territorial pelos exércitos estrangeiros.

3.1.3.11. A INTERPRETAÇÃO DE DOIS MESSIAS

Além das profecias do rei conquistador, as Escrituras também predisseram a rejeição, sofrimento e morte do Messias. Sendo isso paradoxal a um reino messiânico eterno, alguns judeus concluíram que a totalidade das profecias messiânicas falava de dois Messias diferentes.

O fato de que as profecias declaravam que o Messias iria ocupar os cargos de sacerdote e rei foi citado como apoio adicional de uma interpretação de dois Messias. Isso porque os ofícios de sacerdote e rei estavam estritamente separados. Os sacerdotes seriam descendentes de Arão, da tribo de Levi, enquanto que os reis seriam da linhagem do rei Davi, da tribo de Judá. Portanto, como essa profecia limitou extremamente a parte da população da qual o Messias poderia vir (embora outras profecias até mesmo estreitem ainda mais), pode ter parecido mais provável que as Escrituras falassem de dois homens, não de um.

Na interpretação de dois Messias, um primeiro Messias, conhecido como Messias *"ben-Joseph"*, cumpriria as profecias concernentes aos atos sacerdotais, incluindo sofrimento e morte. Um segundo Messias, conhecido como Messias *"ben-David"*, seguiria então para cumprir as profecias que descrevem um rei conquistador cujo domínio seria divino e eterno. Na mente de muitos, o sofrimento e a morte simplesmente não parecem ser uma descrição apropriada do "super general militar" que alguns judeus interpretaram que as Escrituras estariam indicando.

3.1.3.12. A INTERPRETAÇÃO DE UM MESSIAS

Claro, outros judeus acreditavam que haveria apenas um Messias. As Escrituras nunca se referiram ao Ungido em nenhum tipo de sentido plural. De fato, certas profecias falam de um indivíduo singular que desempenhará funções sacerdotais e reais. Os proponentes da interpretação do Messias único concluíram que Deus trabalharia em quaisquer paradoxos envolvidos com alguém que deveria morrer e de alguma forma governar eternamente. Talvez tenha ocorrido a eles que as Escrituras não estavam tentando descrever dois Messias e que cada um deles viria à Terra uma vez só, mas um Messias que viria duas vezes.

Dentro de todas essas diferentes avenidas do antigo pensamento judaico estão dois fatos sutis, mas interessantes, que aumentam a credibilidade geral da Bíblia:

1. Embora os antigos judeus reconhecessem nas Escrituras um paradoxo (uma contradição aparente) sobre um Messias que era eterno, mas que nasceria e morreria, **o paradoxo foi deixado como estava.** A questão é que **as declarações não foram editadas mesmo quando alguns as consideravam que "não faziam sentido". Elas foram deixadas como estavam porque eram tidas como as palavras de Deus.** A interpretação criativa de dois Messias era desnecessária e não precisava ter sido construída como uma "rede de segurança" para tentar garantir que Deus ou seus profetas não tivessem se confundido.

2. **O fato de que muitos judeus dos dias de Jesus negaram que ele cumpriu as profecias messiânicas é, em si mesmo, um testemunho de que o nascimento de Jesus não precedeu essas profecias.** Pois não se pode dizer que:

   - Profecias messiânicas foram escritas pelos judeus para fazê-las parecer que Jesus as tinha cumprido, e...

   - Os judeus ainda estão esperando alguém para cumprir as profecias porque pensam que Jesus não as cumpriu.

Apenas uma ou outra interpretação pode ser verdadeira. Assim, **uma vez que os judeus daquela época rejeitaram Jesus como o Cristo, e muitos ainda o fazem, claramente as centenas de profecias messiânicas específicas vieram antes de Jesus nascer, não depois.**

A seguir vamos olhar para essas profecias messiânicas e ver se suas realizações podem realmente ser encontradas na pessoa de Jesus.

3.1.4. JESUS CUMPRIU AS PROFECIAS MESSIÂNICAS DO ANTIGO TESTAMENTO? [181]

Se Jesus não cumpriu as profecias do Antigo Testamento referentes ao Messias vindouro (ou Cristo), então Jesus não é o Messias. No entanto, se Jesus cumpriu todas as profecias messiânicas, então ele é o Messias. É simples assim.

3.1.4.1. JESUS FOI O MESSIAS?

Que provas existem de que Jesus é quem ele realmente alegava ser? Como sabemos que ele não era uma espécie de impostor? Vamos dar uma olhada em alguns impostores de renome e ver se esse título se encaixa para Jesus, ou se há provas para apoiar suas alegações.

Ferdinand Waldo Demara Jr. foi chamado "o grande impostor". Demara manteve identidades falsas de psicólogo, professor universitário, chefe de departamento de faculdade, professor de escola e carcereiro. Ele até mesmo realizou cirurgias como médico falso.

Alguns argumentam que Frank Abagnale foi um impostor ainda maior. Entre as idades de 16 e 21 anos, Abagnale foi um dos mais bem sucedidos artistas do engano do mundo. Ele descontou 2,5 milhões de dólares em cheques fraudulentos em todos os 50 estados e em 26 países estrangeiros. Ele também se fingiu com sucesso como um piloto de avião, um advogado, um professor de faculdade e um pediatra antes de ser detido pela polícia francesa. Se essa história soa familiar para você, provavelmente é porque você assistiu o filme de 2002 "Catch Me If You Can" em que Abagnale foi interpretado por Leonardo DiCaprio.

O que seria necessário para enquadrar o desempenho de Abagnale como vigarista? Bem, se Jesus Cristo não fosse o Messias que ele dizia ser, não haveria contestação. Nós não estamos falando sobre enganar milhares, como no caso de Abagnale. Se Jesus Cristo fosse um impostor, seu trabalho teria iludido bilhões de pessoas e mudado o curso de 2.000 anos de história.

Então, Jesus poderia ter sido um messias falso, enganando até mesmo os estudiosos religiosos mais notáveis? É possível que ele foi preparado por seus pais ou tutores não revelados para se tornar o rei há muito tempo prometido que Israel estava esperando?

Na verdade, se Jesus fosse um impostor, não teria sido a primeira pessoa na história de Israel a ter mentido sobre ser o Messias. Através dos séculos antes do nascimento de Cristo, e da mesma forma depois, muitos messias autoproclamados surgiram, apenas para serem mostrados como enganadores ou lunáticos.

Profecias hebraicas antigas tinham claramente predito o reinado de um futuro rei que iria trazer a paz para Israel e ser seu salvador. Uma sensação de expectativa encheu a terra e cativou esperanças e aspirações judaicas. Em tal atmosfera como a de Israel, não poderia alguém menos qualificado ter sido pressionado no molde do

Messias, ou conformado para caber no molde do Messias? A resposta a essa pergunta paira sobre as profecias do Antigo Testamento que apontam para o Messias.

3.1.4.2. AS PEÇAS DA BOCA DE DEUS

Segundo as Escrituras, o Deus dos hebreus falou ao seu povo por meio dos profetas, homens que estavam especialmente em sintonia com Deus. Algumas das mensagens dos profetas foram para o presente, outras para o futuro. De qualquer maneira, o seu papel era proclamar declarações e revelações de Deus ao povo.

Em geral, ser um profeta se classificava como se fosse trabalhar em uma indústria embaladora de carne, uma entre as ocupações mais perigosas do mundo. Mesmo quando eles estavam dizendo a verdade, os profetas podiam ser mortos ou jogados na prisão por pessoas que não gostavam do que eles estavam dizendo (alguns reis odiavam ouvir más notícias). De acordo com relatos históricos, o profeta Isaías foi serrado ao meio.

Assim, considere um dilema de profeta: a morte se ele foi provado estar errado e a possibilidade de morte se ele estiver certo. Nenhum verdadeiro profeta queria ofender a Deus, tampouco gostaria de ser serrado ao meio. Assim, a maioria dos verdadeiros profetas esperou até que estivesse absolutamente convencida de que Deus havia falado, ou então os profetas mantiveram suas bocas fechadas. Reis começaram a se arrepiar de suas palavras. As mensagens de um verdadeiro profeta nunca estiveram erradas.

Agora, aqui vai uma pergunta: como iria a exatidão desses profetas bíblicos se corresponder com os psíquicos de hoje?

3.1.4.3. PROFETAS VERSUS PSÍQUICOS

Para considerar se a exatidão dos psíquicos modernos se aproxima dos profetas bíblicos, vamos tomar Jeane Dixon como estudo de caso. Essa psíquica americana parecia ter uma habilidade especial para predizer eventos. Porém, se analisada, a sua reputação parece não garantida.

Por exemplo, Dixon teve uma visão em 5 de Fevereiro de 1962: uma criança nasceria no Oriente Médio e iria transformar o mundo por volta do ano 2000. Esse homem especial criaria uma religião mundial e traria a paz mundial duradoura. Ela viu uma cruz crescendo acima desse homem até que cobriu toda a Terra. De acordo com Dixon, essa criança seria um descendente da antiga rainha egípcia Nefertiti [182]. Onde está essa pessoa? Você o viu? E quanto a esse mundo em uma paz duradoura?

Na verdade, uma busca exaustiva das previsões de psíquicos resulta em dois fatos indisputáveis. **Suas taxas de exatidão são equivalentes às taxas de exatidão de pessoas que simplesmente tentam adivinhar o futuro, e suas realizações mais divulgadas foram profecias de modo intencionalmente vago, de forma que vários eventos poderiam ter sido enquadrados como realizações das predições.**

Mesmo profecias amplamente divulgadas de Nostradamus têm sido frequentemente erradas, apesar de seus **oráculos vagos,** os quais são difíceis de refutar [183]. Por exemplo, aqui está uma das predições de Nostradamus:

> Toma a Deusa da Lua por seu dia e movimento: "Uma testemunha errante e fanática das Leis de Deus, no despertar das grandes regiões do mundo para a vontade de Deus (Vontade Dele)." (*Prediction 3, Quatrain 2, p. 28*).

Isso é dito como sendo relacionado com a morte da princesa Diana (talvez você estivesse pensando em Margaret Thatcher). **Profecias como essa são tão nebulosas como ver imagens em nuvens.** No entanto, alguns insistem que isso é evidência de uma profecia cumprida de Nostradamus. Altamente suspeita, mas difícil de refutar.

E esse é geralmente o histórico de psíquicos. Quando o The People's Almanac pesquisou as predições de 25 principais psíquicos, 92 por cento das predições tinham sido provadas erradas. Os outros de 8 por cento eram questionáveis e poderiam ser explicados pelo acaso ou conhecimento geral de circunstâncias [184]. Em outras experiências com psíquicos mais importantes do mundo, a taxa de exatidão deles foi mostrada a pairar em torno de

11 por cento, o que pode não ser uma média ruim, exceto pelo fato de que **as pessoas que fazem suposições aleatórias sobre o futuro atingem o mesmo percentual.** Isso certamente explica por que os psíquicos não estão ganhando na loteria.

A diferença entre psíquicos e profetas parece ser mais de tipo do que uma questão de grau. **Profetas fizeram declarações específicas sobre eventos futuros em relação ao desabrochar do plano de Deus – e o fizeram com exatidão. Psíquicos proporcionam esboços vagos de futuro para um mercado disposto a pagar por seus serviços. Eles oferecem informações sensacionais, mas com um histórico falho.**

3.1.4.4. PROFECIA RELIGIOSA EM PERSPECTIVA

A profecia pode parecer bastante mística, metafísica, e – por falta de uma palavra melhor – assustadora. Ela evoca imagens de sessões de contato com o espiritual e outros mundos. Em "Guerra nas Estrelas" há o prenúncio de uma pessoa que traria equilíbrio à "Força". Os filmes de "O Senhor dos Anéis" tecem seus temas imaginários em torno de cenas de declarações proféticas. Mas tal é o mundo da imaginação.

Em relação ao mundo real, foi dito que, se uma pessoa conhecesse apenas um minuto do futuro, poderia governar o mundo. Pense nisso. Um minuto de conhecer cada jogada num cassino. Você iria se tornar a pessoa mais rica do mundo.

Entretanto, no mundo da religião, a profecia serviu uma função importante. Tornou-se uma forma segura de saber se alguém estava falando de Deus ou se não estava, pois apenas um Deus onisciente poderia exaustivamente saber o futuro. E, nesse ponto, a profecia do Antigo Testamento permanece como única, uma vez que **a maioria dos famosos livros sagrados de outras religiões são desprovidos de profecia preditiva.** Por exemplo, alguns afirmam inspiração divina, mas não há realmente nenhuma maneira para corroborar as suas alegações. Você é simplesmente deixado com: "Sim, isso soa como algo que Deus poderia dizer."

O estudioso da Bíblia Wilbur Smith comparou as profecias da Bíblia com outros livros históricos, declarando:

> [A Bíblia] é o único volume já produzido pelo homem, ou grupo de homens, no qual se encontra uma grande quantidade de profecias relativas às nações individuais, a Israel, a todos os povos da Terra, para certas cidades, e sobre a vinda daquele que seria o Messias [185].

Assim, a Bíblia estabelece sua alegação de inspiração de tal forma que ela possa ser tanto substanciada quanto refutada. E se você colocar esse grau de exatidão na perspectiva de todos os dias, você pode ver o quão surpreendente isso é. Por exemplo, teria sido milagroso se em 1910 você tivesse previsto que um homem chamado George Bush ganharia a eleição de 2000. Mas imagine se você tivesse incluído alguns dos seguintes detalhes em sua previsão:

- O candidato com a maioria dos votos totais perderia a eleição;
- Todas as grandes redes de TV iriam anunciar o vencedor e, em seguida, se inverteriam;
- Um estado (Flórida) iria balançar a eleição;
- A Corte Suprema Americana iria, em última análise, determinar o vencedor.

Tivesse tal coisa ocorrido, haveria homenagens a você e estatuetas de painel que ostentariam a sua semelhança. Mas você não o fez, portanto, não há. Por mais difícil (ou impossível) que seria prever exatamente essa sequência de eventos em 1910, de forma ainda mais drástica, **as chances são incrivelmente difíceis para Jesus, ou qualquer pessoa, ter cumprido todas as profecias hebraicas para o Messias.** Contidas no Antigo Testamento, escritas centenas de anos antes do nascimento de Jesus, temos 61 profecias específicas e cerca de 300 referências sobre o Messias [186].

De acordo com a exigência hebraica de que uma profecia deve ter uma taxa de 100 por cento de exatidão, o verdadeiro Messias de Israel deve cumprir todas elas, ou então não é o Messias. Portanto, a questão que tanto

suporta Jesus ou o torna culpado pela maior fraude do mundo é: ele se encaixa nessas profecias do Antigo Testamento e cumpre-as?

3.1.4.5. QUAIS SÃO AS PROBABILIDADES?

Vamos olhar para duas profecias específicas a respeito do Messias no Antigo Testamento:

> Mas tu, Belém-Efrata, embora pequena entre os clãs de Judá, de ti virá para mim aquele que será o governante sobre Israel. Suas origens estão no passado distante, em tempos antigos. (*Miqueias 5:2, "Nova Versão Internacional"*).

> Por isso o SENHOR mesmo lhes dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel ["Deus é conosco"]. (*Isaías 7:14, "Nova Versão Internacional"*).

Agora, antes de considerar as outras 59 profecias, você tem que parar e perguntar a si mesmo quantas pessoas em uma categoria de "potencial Messias" ao longo da história nasceram de uma virgem, na vila de Belém. No caso de 61 profecias detalhadas sendo cumpridas por uma pessoa, estamos falando em probabilidades virtualmente impossíveis.

Quando os cientistas forenses descobrem um perfil de DNA correspondente, as chances de terem encontrado a pessoa errada é, frequentemente, menos de uma em vários bilhões. Parece que estamos na mesma vizinhança de probabilidades, e de número de zeros, ao considerarmos um único indivíduo cumprindo essas profecias.

O professor de matemática Peter Stoner deu a 600 alunos um problema de probabilidade matemática que determinaria as chances para uma pessoa cumprir oito profecias específicas (isso não é o mesmo que jogar uma moeda oito vezes consecutivas e obter cara em cada vez). Primeiro, os estudantes calcularam as chances de uma pessoa que cumprisse todas as condições de uma profecia específica, como ser traído por um amigo por 30 peças de prata. Em seguida, os estudantes fizeram o seu melhor para estimar as chances de todas os oito profecias combinadas.

Os alunos calcularam que as chances contra uma pessoa satisfazer todas as oito profecias são astronômicas – uma em dez elevado à potência 21 (10^{21}). Para ilustrar esse número, Stoner deu o seguinte exemplo: "Em primeiro lugar, cubra toda a Terra com dólares de prata até 120 pés (36,6 metros) de altura. Em segundo lugar, marque especialmente um desses dólares e o enterre aleatoriamente. Em terceiro lugar, peça para uma pessoa viajar pela Terra e selecionar o dólar marcado, de olhos vendados, a partir dos trilhões de outros dólares" [187].

É importante notar que o trabalho de Stoner foi revisado pela American Scientific Association, a qual declarou: "A análise matemática [...] está baseada em princípios de probabilidade que são completamente sãos, e o professor Stoner tem aplicado esses princípios de uma forma adequada e convincente" [188].

Com isso como uma introdução, vamos adicionar mais seis previsões para as duas que já consideramos, nos dando o total de oito profecias, tal como trabalhado pelo professor Stoner:

- Profecia: o Messias seria da linhagem do rei Davi (Jeremias 23:5, cerca de 600 a.C.). Cumprimento: "Jesus [...], filho de Davi [...]" (Lucas 3:23,31, cerca de 4 a.C.);

- Profecia: o Messias seria traído por 30 moedas de prata (Zacarias 11:13, cerca de 500 a.C.). Cumprimento: "Deram-lhe trinta moedas de prata" (Mateus 26:15, cerca de 30 d.C.);

- Profecia: o Messias teria suas mãos/pulsos e pés perfurados (Salmo 22:16, cerca de 1000 a.C.). Cumprimento: "Eles chegaram a um lugar chamado Calvário. Todos os três foram crucificados ali – Jesus na cruz central, e dois criminosos em cada lado" (Lucas 23:33, cerca de 30 d.C.);

- Profecia: pessoas lançariam sortes sobre a roupa do Messias (Salmo 22:18, cerca de 1000 a.C.). Cumprimento: "Os soldados [...] tomaram sua roupa, que era sem costura, tecida em uma única peça a

partir do topo. Então eles disseram: 'Não vamos rasgá-la, mas lancemos sortes para ver quem fica com ela'" (João 19:23-24, cerca de 30 d.C.);

- Profecia: o Messias apareceria montado num jumento (Zacarias 9:9, cerca de 500 a.C). Cumprimento: "Eles trouxeram os animais a ele e jogaram suas vestes sobre o jumentinho, e ele sentou-se nele" (Mateus 21:7, 30 d.C.);

- Profecia: um mensageiro seria enviado para anunciar o Messias (Malaquias 3:1, cerca de 500 a.C.). Cumprimento: "João lhes disse: 'Eu vos batizo com água, mas aqui no meio da multidão está alguém que vocês não conhecem" (João 1:26, cerca de 27 d.C.).

As oito profecias que testamos sobre o Messias foram escritas por homens diferentes, de diferentes épocas e lugares, entre cerca de 500 e 1.000 anos antes de Jesus nascer. Assim, não havia oportunidade para conspiração entre eles. Observe também a especificidade. Esse não é o gênero de uma predição nebulosa de psíquicos ou de Nostradamus.

3.1.4.6. FORA DE SEU CONTROLE

Imagine ganhar na loteria Powerball com apenas um bilhete entre as dezenas de milhões de bilhetes vendidos. Agora imagine ganhar uma centena dessas loterias uma atrás da outra. O que as pessoas pensariam? "Foi fraudado!"

Ao longo dos anos, uma alegação semelhante foi feita por céticos sobre o cumprimento da profecia do Antigo Testamento por Jesus. Eles concederam que Jesus cumpriu as profecias messiânicas, mas o acusaram de viver a sua vida de tal forma a cumpri-las intencionalmente. Uma objeção razoável, mas não tão plausível quanto pode parecer.

Considere a natureza de apenas quatro profecias messiânicas:

- Sua linhagem viria de Davi (Jeremias 23:5);

- Seu nascimento ocorreria em Belém (Miqueias 5:2);

- Ele migraria para o Egito (Oseias 11:1);

- Ele viveria em Nazaré (Isaías 11:1). A palavra hebraica *netzer*, a qual aparece em Isaías 11:1, é crida por muitos como tendo uma referência à Nazaré, a cidade natal de Jesus (Isaías 11:1).

Agora, o que poderia Jesus fazer sobre o cumprimento dessas profecias? Nem ele nem seus pais tinham nenhum controle sobre sua ascendência. Seu nascimento em Belém foi o resultado de um censo ordenado por César Augusto. A mudança de seus pais para o Egito foi motivada pela perseguição do rei Herodes. E, uma vez que Herodes morreu, os pais de Jesus, naturalmente, decidiram retornar a Nazaré. Essas coisas não estavam sob o controle de Jesus para que as cumprisse intencionalmente.

Mesmo se, em uma idade jovem, um Jesus impostor olhasse para as profecias que já tivesse cumprido acidentalmente e tivesse decidido se esforçar para cumprir o restante, as chances ainda seriam avassaladoras contra ele. Considere alguns dos fatores nas profecias que já observamos: o Messias seria traído por 30 moedas de prata, seria morto por meio de crucificação, e pessoas lançaram sortes sobre suas roupas. Essas profecias todas se tornaram realidade para Jesus, mas que controle ele teria sobre o cumprimento de alguma delas?

Estudiosos da Bíblia dizem que cerca de 300 referências e 61 profecias específicas do Messias foram cumpridas por Jesus Cristo. As chances contra uma pessoa que cumpra todas essas muitas profecias estariam além de qualquer possibilidade matemática. Nunca poderia acontecer, não importa quanto tempo tenha sido alocado para isso. A estimativa de um matemático sobre essas probabilidades impossíveis é "uma chance em um trilhão, trilhão, trilhão, trilhão, trilhão, trilhão, trilhão, trilhão, trilhão, trilhão, trilhão, de trilhão" [189].

Foi perguntado a Bertrand Russell, ateu inflexível, em uma entrevista à revista Look, qual evidência seria necessária para que ele acreditasse em Deus. Russell respondeu: "Bem, se eu ouvisse uma voz do céu que previsse uma série de coisas e elas acontecessem, então eu acho que eu teria que acreditar que há algum tipo de ser sobrenatural."

O estudioso da Bíblia Norman Geisler respondeu ao ceticismo de Russell. "Eu diria, Sr. Russell, que tem havido uma voz do céu: ela previu muitas coisas, e nós as vimos acontecer sem dúvida." Geisler estava se referindo ao fato de que apenas um ser transcendente, fora do tempo, seria capaz de prever com exatidão os eventos futuros.

3.1.4.7. PROVA EM UM JARRO

Nós olhamos para a evidência do cumprimento das profecias messiânicas por Jesus de todos os ângulos, exceto um. E se os escribas cristãos que copiaram pergaminhos de Isaías e de outros livros proféticos do Antigo Testamento os tivessem alterado para fazê-los corresponder à vida de Jesus?

Essa é uma pergunta que muitos estudiosos e céticos têm feito. E parece possível, e mesmo plausível, à primeira vista. Essa situação nos impediria de fazer de Jesus um mentiroso impostor, o que parece altamente improvável, e explicaria a incrível exatidão do seu cumprimento das profecias. Então, como é que sabemos que os livros proféticos do Antigo Testamento, como Isaías, Daniel e Miqueias, foram escritos centenas de anos antes de Cristo, como se julga? E, se eles foram, como sabemos que cristãos não alterariam os textos mais tarde?

Por 1.900 anos, muitos céticos se apegaram a essa teoria, baseados na impossibilidade humana de prever com exatidão os eventos futuros. Mas então algo ocorreu que apagou todo o entusiasmo para uma conspiração como essa. Algo chamado de **pergaminhos do Mar Morto,** contidos em jarros de barro em cavernas em Qumran.

A descoberta dos pergaminhos do Mar Morto forneceu aos estudiosos da Bíblia cópias de livros do Antigo Testamento que eram muito mais antigas do que quaisquer outras conhecidas a existir. Testes extensivos provaram que muitas dessas cópias foram feitas antes que Jesus Cristo tivesse vivido. E elas são virtualmente idênticas aos textos da Bíblia que estamos usando hoje.

Como resultado, até mesmo estudiosos que negam Jesus como o Messias aceitam esses manuscritos do Antigo Testamento como tendo antecedido seu nascimento e, portanto, admitem que **as profecias sobre o Messias contidas neles não foram alteradas a fim de serem conformadas a Jesus.**

Se essas previsões foram cumpridas com tanta exatidão por meio da vida de Jesus, parece lógico perguntar por que todos em Israel não teriam sido capazes de ver isso. No entanto, como sua crucificação atesta, nem todo mundo viu. Como o apóstolo João disse sobre Jesus: "Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam" (João 1:11). Por quê?

Considerando a história em apuros de Israel, não é difícil de ler na definição do Messias a ideia de um combatente da liberdade política. É compreensível que um judeu do primeiro século poderia pensar: "Como poderia o Messias ter vindo e Israel ainda ser oprimido pela ocupação romana?"

Jesus cumpriu as profecias messiânicas, mas fez isso de uma maneira que ninguém esperava. Ele procurou uma revolução moral e espiritual, não política, realizando seus objetivos por meio do autosacrifício e serviço humilde, cura e ensino. Enquanto isso, **Israel estava à procura de outro Moisés ou Josué que iria levá-lo a uma conquista para recuperar seu reino perdido.**

Claro, muitos judeus da época de Jesus o reconheceram como o Messias – toda a fundação da igreja cristã era judaica. A maioria, no entanto, não o reconheceu. E não é tão difícil de compreender a razão.

Para entender melhor o mal entendido dos judeus do primeiro século, considere esta profecia messiânica escrita cerca de 700 anos antes do nascimento de Jesus pelo profeta Isaías: ela estava se referindo a Jesus?

> Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores

> fica calada, ele não abriu a sua boca. Com julgamento opressivo ele foi levado. E quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado. Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido nenhuma violência nem houvesse nenhuma mentira em sua boca. Contudo, foi da vontade do SENHOR esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o SENHOR tenha feito da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do SENHOR prosperará em sua mão. Depois do sofrimento de sua alma, ele verá a luz e ficará satisfeito; pelo seu conhecimento meu servo justo justificará a muitos, e levará a iniquidade deles. (*Isaías 53:6-11, "Nova Versão Internacional"*).

Quando Jesus estava na cruz, alguns compreensivelmente poderiam ter pensado: "Como ele poderia ser o Messias?" Ao mesmo tempo, outros poderiam estar se perguntando: "A quem, senão Jesus, poderia Isaías estar falando a respeito?"

3.1.4.8. IMPOSTOR IMPOSSÍVEL

Então, o que devemos fazer com o fato de Jesus ter cumprido tantas profecias escritas centenas de anos antes do seu nascimento? Frank Abagnale pode ter sido um bom impostor, mas mesmo ele foi preso na época que tinha idade suficiente para beber legalmente uma cerveja.

Jesus não parece em nada com um Frank Abagnale mais competente. Ele está em uma categoria completamente diferente. Nenhum impostor poderia bater as probabilidades de cumprir as profecias hebraicas.

E o que isso significa? Duas conclusões emergem: em primeiro lugar, apenas um ser transcendente poderia orquestrar tais eventos. E, em segundo lugar, isso faz de todas as outras alegações de Jesus críveis e dignas de consideração séria.

No Evangelho de João, Jesus fez a afirmação: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (João 14:6). Evidências assoladoras parecem indicar que a assinatura desse cheque não é uma falsificação.

3.1.4.9. POR QUE CRER QUE JESUS É O PROMETIDO?

Das bilhões de pessoas nascidas desde que as profecias do Antigo Testamento foram dadas, relativamente poucas têm afirmado ser o Messias. Entretanto, entre aquelas que professam ser o legítimo detentor desse cargo, por que devemos crer que Jesus é o Cristo, o Messias prometido? Por que não outra pessoa? Por que não Jim Jones, David Koresh, Marshall Applewhite, ou Sun Myung Moon? Esses últimos personagens podem não parecer os mais prováveis dos candidatos, mas saber como identificar o verdadeiro Messias continua a ser uma preocupação muito crítica.

O Antigo Testamento aguarda com expectativa a vinda do Messias e o reino que ele estava a estabelecer. Por causa da importância preeminente do Messias e de sua missão, Deus revelou numerosas qualificações únicas por meio de seus profetas que permitem sua identificação positiva. As profecias messiânicas qualificam qual será o gênero do Messias, sua linhagem, lugar de chegada, época de aparição, como ele seria recebido, as características de sua vida e morte, sua ressurreição, seu parentesco com Deus, sua destruição dos ímpios e seu reinado na eternidade.

A primeira característica que podemos colher das profecias é que o Messias será um homem. Obviamente, isso diminui os candidatos possíveis de todo mundo para cerca de metade da população. Podemos diminuir ainda mais os candidatos possíveis, considerando cada profecia a respeito do nascimento, morte e retorno do Messias.

Agora, há também profecias que dizem qual será seu comportamento e como e o que ele ensinará. Essas profecias em particular podem, indiscutivelmente, ser cumpridas por alguém que as conheça e que se discipline para agir de acordo (cumprindo-as "forçadamente"). Por causa disso, vamos deixar algumas delas de lado e, principalmente, nos concentrar nas **realizações proféticas em que o Messias teria tido pouca ou nenhuma possibilidade de "fabricação fraudulenta".**

3.1.4.10. ONDE O MESSIAS VAI NASCER?

Profecia:

Mas tu, **Belém-Efrata,** embora pequena entre os clãs de Judá, de ti virá para mim aquele que será o governante sobre Israel. Suas origens estão no passado distante, em tempos antigos. (*Miqueias 5:2, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Assim, José também foi da cidade de Nazaré da Galileia para a Judeia, **para Belém, cidade de Davi,** porque pertencia à casa e à linhagem de Davi. Ele foi a fim de alistar-se, com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho. Enquanto estavam lá, chegou o tempo de nascer o bebê, e ela deu à luz o seu primogênito. Envolveu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. (*Lucas 2:4-7, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.4.11. QUAL SERÁ A LINHAGEM DO MESSIAS?

Profecias:

Então o SENHOR disse a **Abrão:** "Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; **e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados."** (*Gênesis 12:1-3, "Nova Versão Internacional"*).

Então Deus respondeu: "Na verdade Sara, sua mulher, lhe dará um filho, e você lhe chamará **Isaque.** Com ele estabelecerei a minha aliança, que será aliança eterna para os seus futuros descendentes." (*Gênesis 17:19, "Nova Versão Internacional"*).

O cetro não se apartará de **Judá,** nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão. (*Gênesis 49:10, "Nova Versão Internacional"*).

Eu o vejo, mas não agora; eu o avisto, mas não de perto. Uma estrela surgirá de **Jacó;** um cetro se levantará de Israel. Ele esmagará as frontes de Moabe e o crânio de todos os descendentes de Sete. (*Números 24:17, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando começou seu ministério. Ele era, como se pensava, filho de José, filho de Eli, filho de Matate, filho de Levi, filho de Melqui, filho de Janai, filho de José, filho de Matatias, filho de Amós, filho de Naum, filho de Esli, filho de Nagai, filho de Máate, filho de Matatias, filho de Semei, filho de Joseque, filho de Jodá, filho de Joanã, filho de Ressa, filho de Zorobabel, filho de Salatiel, filho de Neri, filho de Melqui, filho de Adi, filho de Cosã, filho de Elmadã, filho de Er, filho de Josué, filho de Eliézer, filho de Jorim, filho de Matate, filho de Levi, filho de Simeão, filho de Judá, filho de José, filho de Jonã, filho de Eliaquim, filho de Meleá, filho de Mená, filho de Matatá, filho de Natã, filho de Davi, filho de Jessé, filho de Obede, filho de Boaz, filho de Salmom, filho de Naassom, filho de Aminadabe, filho de Ram, filho de Esrom, filho de Perez, **filho de Judá, filho de Jacó, filho de Isaque, filho de Abraão,** filho de Terá, filho de Naor, filho de Serugue, filho de Ragaú, filho de Faleque, filho de Éber, filho de Salá, filho de Cainã, filho de Arfaxade, filho de Sem, filho de Noé, filho de Lameque, filho de Matusalém, filho de Enoque, filho de Jarede, filho de Maalaleel, filho de Cainã, filho de Enos, filho de Sete, filho de Adão, filho de Deus. (*Lucas 3:23-37, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.4.12. QUANDO O MESSIAS VAI CHEGAR?

Profecia:

Tu olhaste, ó rei, e diante de ti estava uma grande estátua: uma estátua enorme, impressionante, de aparência terrível. A cabeça da estátua era feita de ouro puro; o peito e o braço eram de prata; o ventre e os quadris eram de bronze; as pernas eram de ferro; e os pés eram em parte de ferro e em parte de barro. Enquanto estavas observando, uma pedra soltou-se, sem auxílio de mãos, atingiu a estátua nos pés de ferro

e de barro e os esmigalhou. Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados, viraram pó, como o pó da debulha do trigo na eira durante o verão. O vento os levou sem deixar vestígio. Mas **a pedra que atingiu a estátua tornou-se uma montanha e encheu a terra toda.** Foi esse o sonho, e nós o interpretaremos para o rei. Tu, ó rei, és rei de reis. O Deus dos céus concedeu-te domínio, poder, força e glória; nas tuas mãos ele pôs a humanidade, os animais selvagens e as aves do céu. Onde quer que vivam, ele fez de ti o governante deles todos. Tu és a cabeça de ouro. Depois de ti surgirá um outro reino, inferior ao teu. Em seguida surgirá um terceiro reino, reino de bronze, que governará toda a terra. Finalmente, haverá um **quarto reino, forte como o ferro,** pois o ferro quebra e destrói tudo; e assim como o ferro despedaça tudo, também ele destruirá e quebrará todos os outros. Como viste, os pés e os dedos eram em parte de barro e em parte de ferro. Isso quer dizer que esse será um reino dividido, mas ainda assim terá um pouco da força do ferro, embora tenhas visto ferro misturado com barro. Assim como os dedos eram em parte de ferro e em parte de barro, também esse reino será em parte forte e em parte frágil. E, como viste, o ferro estava misturado com o barro. Isso significa que se farão alianças políticas por meio de casamentos, mas a união decorrente dessas alianças não se firmará, assim como o ferro não se mistura com o barro. **Na época desses reis, o Deus dos céus estabelecerá um reino que jamais será destruído e que nunca será dominado por nenhum outro povo. Destruirá todos os reinos daqueles reis e os exterminará, mas esse reino durará para sempre. Esse é o significado da visão da pedra que se soltou de uma montanha, sem auxílio de mãos, pedra que esmigalhou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro.** O Deus poderoso mostrou ao rei o que acontecerá no futuro. O sonho é verdadeiro, e a interpretação é fiel. (*Daniel 2:31-45, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Naqueles dias, **César Augusto** publicou um decreto ordenando o recenseamento de todo o **império romano.** Este foi o primeiro recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria. E todos iam para a sua cidade natal, a fim de alistar-se. Assim, José também foi da cidade de Nazaré da Galileia para a Judeia, para Belém, cidade de Davi, porque pertencia à casa e à linhagem de Davi. Ele foi a fim de alistar-se, com Maria, que lhe estava prometida em casamento e **esperava um filho.** Enquanto estavam lá, chegou o tempo de nascer o bebê, e **ela deu à luz o seu primogênito.** Envolveu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. (*Lucas 2:1-7, "Nova Versão Internacional"*).

Daí em diante Jesus começou a pregar: "Arrependam-se, pois **o Reino dos céus está próximo"**. (*Mateus 4:17, "Nova Versão Internacional"*).

Este Jesus é "a **pedra** que vocês, construtores, rejeitaram, e que se tornou a **pedra** angular". (*Atos 4:11, "Nova Versão Internacional"*).

Pois ele [Deus Pai] nos resgatou do domínio das trevas e **nos transportou para o Reino do seu Filho amado,** em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados. (*Colossenses 1:13-14, "Nova Versão Internacional"*).

O sonho do rei Nabucodonosor interpretado pelo profeta Daniel indicou que o Messias viria e estabeleceria seu reino nos dias do Império Romano, o quarto reino mencionado no sonho. O sonho do rei apresentou quatro reinos correspondendo às partes de uma grande estátua: a cabeça de ouro (Babilônia), o peito e braços de prata (Medo-Pérsia), o ventre e quadris de bronze (Grécia) e as pernas de ferro e pés de ferro e barro (Império Romano). O reino do Messias foi representado pela pedra que destruiu a estátua. Jesus Cristo de fato nasceu nos dias do Império Romano e, nos dias desse império, anunciou e instituiu o reino de Deus. Os impérios babilônico, medo-persa, grego e romano se foram, mas o reino de Deus permanece.

3.1.4.13. COMO A VINDA DO MESSIAS SERÁ ANUNCIADA?

Profecia:

"Vejam, eu enviarei **o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim.** E então, de repente, o Senhor que vocês buscam virá para o seu templo; o mensageiro da aliança, aquele que vocês desejam, virá", diz o SENHOR dos Exércitos. (*Malaquias 3:1, "Nova Versão Internacional"*).

Vejam, eu enviarei a vocês o **profeta Elias** antes do grande e temível dia do SENHOR. Ele fará com que os corações dos pais se voltem para seus filhos, e os corações dos filhos para seus pais; do contrário, eu virei e castigarei a terra com maldição. (*Malaquias 4:5-6, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Mas o anjo lhe disse: "Não tenha medo, Zacarias; sua oração foi ouvida. Isabel, sua mulher, lhe dará um filho, e você lhe dará o nome de **João.** Ele será motivo de prazer e de alegria para você, e muitos se alegrarão por causa do nascimento dele, pois será grande aos olhos do Senhor. Ele nunca tomará vinho nem bebida fermentada, e será cheio do Espírito Santo desde antes do seu nascimento. Fará retornar muitos dentre o povo de Israel ao Senhor, o seu Deus. E irá adiante do Senhor, **no espírito e no poder de Elias,** para fazer voltar o coração dos pais a seus filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, para deixar um povo preparado para o Senhor." (*Lucas 1:13-17, "Nova Versão Internacional"*).

Enquanto saíam os discípulos de João, Jesus começou a falar à multidão a respeito de João: "O que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Ou, o que foram ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que usam roupas finas estão nos palácios reais. Afinal, o que foram ver? Um profeta? Sim, eu lhes digo, e mais que profeta. **Este é aquele a respeito de quem está escrito: 'Enviarei o meu mensageiro à tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti.'** Digo-lhes a verdade: entre os nascidos de mulher não surgiu ninguém maior do que João Batista; todavia, o menor no Reino dos céus é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos céus é tomado à força, e os que usam de força se apoderam dele. Pois todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês quiserem aceitar, **este é o Elias que havia de vir."** (*Mateus 10:11-14, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus respondeu: "De fato, Elias vem e restaurará todas as coisas. Mas eu lhes digo: **Elias já veio, e eles não o reconheceram,** mas fizeram com ele tudo o que quiseram. Da mesma forma o Filho do homem será maltratado por eles." Então os discípulos entenderam que **era de João Batista que ele tinha falado.** (*Mateus 17:11-13, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.4.14. QUAIS QUALIDADES O MESSIAS POSSUIRÁ?

Profecia:

O SENHOR, o seu Deus, levantará do meio de seus próprios irmãos um **profeta** como eu; ouçam-no. (*Deuteronômio 18:15, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Arrependam-se, pois, e voltem-se para Deus, para que os seus pecados sejam cancelados, para que venham tempos de descanso da parte do Senhor, e ele mande **o Cristo, o qual lhes foi designado, Jesus.** É necessário que ele permaneça no céu até que chegue o tempo em que Deus restaurará todas as coisas, como falou há muito tempo, por meio dos seus santos **profetas.** Pois **disse Moisés:** "O Senhor Deus levantará dentre seus irmãos um **profeta** como eu; ouçam-no em tudo o que ele disser. Quem não ouvir esse profeta, será eliminado do meio do seu povo". De fato, todos os **profetas,** de Samuel em diante, um por um, **falaram e predisseram estes dias.** E vocês são herdeiros dos profetas e da aliança que Deus fez com os seus antepassados. Ele disse a Abraão: "Por meio da sua descendência todos os povos da terra serão abençoados". Tendo Deus ressuscitado o **seu Servo, enviou-o primeiramente a vocês,** para abençoá-los, convertendo cada um de vocês das suas maldades (*Atos 3:19-26, "Nova Versão Internacional"*).

Profecia:

"Dias virão", declara o SENHOR, "em que levantarei para Davi um Renovo justo, um **rei** que reinará com sabedoria e fará o que é justo e certo na terra. Em seus dias Judá será salva, Israel viverá em segurança, e este é o nome pelo qual será chamado: **'O SENHOR é a Nossa Justiça.'"** (*Jeremias 23:5-6, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Disse Jesus: "O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui." **"Então, você é rei!", disse Pilatos. Jesus respondeu: "Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão nasci e para isto vim ao mundo:** para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade me ouvem." (*João 18:36-37, "Nova Versão Internacional"*).

É, porém, por iniciativa dele que vocês estão em **Cristo Jesus,** o qual se tornou sabedoria de Deus para nós, isto é, **justiça,** santidade e redenção, (*1 Coríntios 1:30, "Nova Versão Internacional"*).

Profecia:

O SENHOR jurou e não se arrependerá: "Tu és **sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque."** O Senhor está à tua direita; ele esmagará reis no dia da sua ira. (*Salmo 110:4-5, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

onde Jesus, que nos precedeu, entrou em nosso lugar, **tornando-se sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.** (*Hebreus 6:20, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.4.15. O QUE CARACTERIZA A VIDA DO MESSIAS?

Profecia:

Foi **desprezado e rejeitado pelos homens,** um homem de dores e experimentado no sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima. Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. (*Isaías 53:3-4, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Mesmo depois que Jesus fez todos aqueles sinais miraculosos, não creram nele. Isso aconteceu para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que disse: "Senhor, quem creu em nossa mensagem, e a quem foi revelado o braço do Senhor?" (*João 12:37-38, "Nova Versão Internacional"*).

Se o mundo os odeia, tenham em mente que antes me odiou. Se vocês pertencessem ao mundo, ele os amaria como se fossem dele. Todavia, vocês não são do mundo, mas eu os escolhi, tirando-os do mundo; por isso o mundo os odeia. Lembrem-se das palavras que eu lhes disse: nenhum escravo é maior do que o seu senhor. Se me perseguiram, também perseguirão vocês. Se obedeceram à minha palavra, também obedecerão à de vocês. Tratarão assim vocês por causa do meu nome, pois não conhecem aquele que me enviou. Se eu não tivesse vindo e lhes falado, não seriam culpados de pecado. Agora, contudo, eles não têm desculpa para o seu pecado. Aquele que me odeia, também odeia o meu Pai. Se eu não tivesse realizado no meio deles obras que ninguém mais fez, eles não seriam culpados de pecado. Mas agora eles as viram e **odiaram a mim e a meu Pai. Mas isto aconteceu para se cumprir o que está escrito na Lei deles: "Odiaram-me sem razão."** (*João 15:18-25, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.4.16. O QUE CARACTERIZA A MORTE DO MESSIAS?

Profecia:

Mas ele foi **traspassado por causa das nossas transgressões,** foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. **Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca;** como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca. Com julgamento opressivo ele foi levado. E quem pode falar dos seus descendentes? **Pois ele foi eliminado da terra dos viventes;** por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado. **Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte,** embora não tivesse cometido nenhuma violência nem houvesse nenhuma mentira em sua boca. (*Isaías 53:5-9, "Nova Versão Internacional"*).

Caçoam de mim todos os que me veem; balançando a cabeça, lançam insultos contra mim, dizendo: "Recorra ao SENHOR! **Que o SENHOR o liberte!** Que ele o livre, já que lhe quer bem!" (*Salmo 22:7-8, "Nova Versão Internacional"*).

Como água me derramei, e todos os meus ossos estão desconjuntados. Meu coração se tornou como cera; derreteu-se no meu íntimo. Meu vigor secou-se como um caco de barro, e a minha língua gruda no céu da boca; deixaste-me no pó, à beira da morte. Cães me rodearam! **Um bando de homens maus me cercou! Perfuraram minhas mãos e meus pés.** Posso contar todos os meus ossos, mas eles me encaram com desprezo.

Dividiram as minhas roupas entre si, e lançaram sortes pelas minhas vestes. (*Salmo 22:14-18, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Os chefes dos sacerdotes o acusavam de muitas coisas. Então Pilatos lhe perguntou novamente: "Você não vai responder? Veja de quantas coisas o estão acusando." **Mas Jesus não respondeu nada, e Pilatos ficou impressionado.** (*Marcos 15:3-5, "Nova Versão Internacional"*).

Batiam-lhe na cabeça com uma vara e cuspiam nele. Ajoelhavam-se e lhe prestavam adoração. Depois de terem **zombado dele,** tiraram-lhe o manto de púrpura e vestiram-lhe suas próprias roupas. Então o levaram para fora, a fim de **crucificá-lo.** Certo homem de Cirene, chamado Simão, pai de Alexandre e de Rufo, passava por ali, chegando do campo. Eles o forçaram a carregar a cruz. Levaram Jesus ao lugar chamado Gólgota, que quer dizer lugar da Caveira. Então lhe deram vinho misturado com mirra, mas ele não o bebeu. E o crucificaram. **Dividindo as roupas dele, tiraram sortes para saber com o que cada um iria ficar.** (*Marcos 15:19-24, "Nova Versão Internacional"*).

Ao cair da tarde chegou **um homem rico,** de Arimateia, chamado José, que se tornara discípulo de Jesus. Dirigindo-se a Pilatos, pediu o corpo de Jesus, e Pilatos ordenou que lhe fosse entregue. José tomou o corpo, envolveu-o num lençol limpo de linho e **o colocou num sepulcro novo,** que ele havia mandado cavar na rocha. E, fazendo rolar uma grande pedra sobre a entrada do sepulcro, retirou-se. (*Mateus 27:57-60, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.4.17. O QUE CARACTERIZA A RESSURREIÇÃO DO MESSIAS?

Profecia:

Contudo, foi da vontade do SENHOR esmagá-lo e **fazê-lo sofrer,** e, embora o SENHOR tenha **feito da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias,** e a vontade do SENHOR prosperará em sua mão. Depois do sofrimento de sua alma, **ele verá a luz [a vida] e ficará satisfeito;** pelo seu conhecimento meu servo justo justificará a muitos, e levará a iniquidade deles. Por isso eu lhe darei uma porção entre os grandes, e ele dividirá os despojos com os fortes, porquanto ele derramou sua vida até a morte, e foi contado entre os transgressores. **Pois ele levou o pecado de muitos,** e pelos transgressores intercedeu. (*Isaías 53:10-12, "Nova Versão Internacional"*).

Por isso o meu coração se alegra e no íntimo exulto; mesmo o meu corpo repousará tranquilo, porque tu **não me abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu santo sofra decomposição.** (*Salmo 16:9-10, "Nova Versão Internacional"*).

O SENHOR fez com que um grande peixe engolisse Jonas, e ele ficou dentro do peixe **três dias e três noites.** (*Jonas 1:17, "Nova Versão Internacional"*).

Depois de dois dias ele nos dará vida novamente; **ao terceiro dia, ele nos restaurará,** para que vivamos em sua presença. (*Oseias 6:2, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Pois **assim como Jonas esteve três dias e três noites** no ventre de um grande peixe, assim **o Filho do homem ficará três dias e três noites no coração da terra.** (*Mateus 12:40, "Nova Versão Internacional"*).

Desde aquele momento Jesus começou a explicar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse para Jerusalém e **sofresse muitas coisas** nas mãos dos líderes religiosos, dos chefes dos sacerdotes e dos mestres da lei, e **fosse morto** e **ressuscitasse no terceiro dia.** (*Mateus 16:21, "Nova Versão Internacional"*).

E disse-lhes: "Foi isso que eu lhes falei enquanto ainda estava com vocês: **era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos."** Então lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras. E lhes disse: **"Está escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia,** e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vocês são testemunhas destas coisas." (*Lucas 24:44-48, "Nova Versão Internacional"*).

Prevendo isso, falou da ressurreição do Cristo, que **não foi abandonado no sepulcro e cujo corpo não sofreu decomposição. Deus ressuscitou este Jesus,** e todos nós somos testemunhas desse fato. (*Atos 2:31-32, "Nova Versão Internacional"*).

Ouvindo isso, ficaram furiosos e rangeram os dentes contra ele. Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, **levantou os olhos para o céu e viu a glória de Deus, e Jesus em pé, à direita de Deus,** e disse: "Vejo os céus abertos e o **Filho do homem em pé, à direita de Deus"**. (*Atos 7:54-56, "Nova Versão Internacional"*).

Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que **Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras,** e apareceu a Pedro e depois aos Doze. Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido. Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; depois destes apareceu também a mim, como a um que nasceu fora de tempo. (*1 Coríntios 15:3-8, "Nova Versão Internacional"*).

e isso é representado pelo batismo que agora também salva vocês—não a remoção da sujeira do corpo, mas o compromisso de uma boa consciência diante de Deus—por meio da **ressurreição de Jesus Cristo, que subiu aos céus e está à direita de Deus;** a ele estão sujeitos anjos, autoridades e poderes. (*1 Pedro 3:21-22, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5. O MESSIAS É... DEUS?

A revelação mais importante das profecias messiânicas é a verdadeira natureza daquele que estava por vir. As Escrituras atribuíram ao vindouro Messias muitos nomes diferentes: o Ungido, Messias ou Cristo, o Senhor, o Rei, o Salvador, o Filho de Deus, o Filho do Homem, o Santo, o Redentor, e Deus.

Indubitavelmente, **esses nomes revelam que o Messias é o próprio Deus.**

Assim diz **o SENHOR, o rei de Israel, o seu redentor, o SENHOR dos Exércitos:** "Eu sou o primeiro e eu sou o último; além de mim não há Deus." (*Isaías 44:6, "Nova Versão Internacional"*).

Declarem o que deve ser, apresentem provas. Que eles juntamente se aconselhem. Quem há muito predisse isto, quem o declarou desde o passado distante? Não fui eu, o SENHOR? E **não há outro Deus além de mim, um Deus justo e salvador; não há outro além de mim.** (*Isaías 45:21, "Nova Versão Internacional"*).

Porque um **menino nos nasceu,** um filho nos foi dado, e **o governo está sobre os seus ombros.** E **ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.** (*Isaías 9:6, "Nova Versão Internacional"*).

"Vejam, eu enviarei o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim. E então, de repente, **o Senhor que vocês buscam virá para o seu templo;** o mensageiro da aliança, aquele que vocês desejam, virá", diz o SENHOR dos Exércitos. (*Malaquias 3:1, "Nova Versão Internacional"*).

Por isso o Senhor mesmo lhes dará um sinal: **a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel.** (*Isaías 7:14, "Nova Versão Internacional"*).

Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta: **"A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe chamarão Emanuel"**, que significa **"Deus conosco"**. (*Mateus 1:22-23, "Nova Versão Internacional"*).

Sabemos que Jesus afirmou ser o Messias (Mateus 16:16,20; João 1:41; 4:25). Portanto, torna-se claro entender o tumulto que ocorreu quando Jesus usou os títulos do Messias em referência a si mesmo, ou quando permitiu que outros assim se referissem a ele sem repreendê-los: **Jesus afirmou ser Deus.**

Novamente os judeus pegaram pedras para apedrejá-lo, mas Jesus lhes disse: "Eu lhes mostrei muitas boas obras da parte do Pai. Por qual delas vocês querem me apedrejar?" Responderam os judeus: "Não vamos apedrejá-lo por nenhuma boa obra, mas pela blasfêmia, porque você é um simples homem **e se apresenta como Deus."** (*João 10:31-33, "Nova Versão Internacional"*).

Deus, como revelado na Bíblia, é um Deus que consiste em uma natureza trina ou três "pessoas": Deus, o Pai; Deus, o Filho, ou o Messias; e Deus, o Espírito Santo. Veremos mais sobre isso no quinto estágio deste estudo (autoridade). A natureza trina de Deus é evidente a partir da leitura de passagens como as seguintes:

> Então disse Deus: **"Façamos** o homem à **nossa** imagem, conforme a **nossa semelhança.** Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão." (*Gênesis 1:26, "Nova Versão Internacional"*).
>
> **O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre;** cetro de justiça é o cetro do teu reino. Amas a justiça e odeias a iniquidade; **por isso Deus, o teu Deus, escolheu-te dentre os teus companheiros** ungindo-te com óleo de alegria. (*Salmo 45:5-6, "Nova Versão Internacional"*).
>
> O **SENHOR disse ao meu Senhor:** "Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés." (*Salmo 110:1, "Nova Versão Internacional"*).

É a faceta de Deus que às vezes nos referimos como "Filho de Deus" que Jesus afirmou ser. Abordamos mais sobre isso no quarto estágio deste estudo (divindade).

Há testemunho suficiente para saber se Jesus realmente é o Filho de Deus?

3.1.5.1. JESUS CUMPRE AS PROFECIAS PARA SER...

Responderemos a seguir as seguintes questões com uma parte das realizações proféticas registradas no Novo Testamento que ligam Jesus à messianidade. **Essas realizações proféticas, consequentemente, ligam Jesus à posição de divindade que o Messias mantém.**

3.1.5.2. DEUS/JESUS: NOSSO PRIMEIRO E ÚNICO SALVADOR?

Profecia:

> Declarem o que deve ser, apresentem provas. Que eles juntamente se aconselhem. Quem há muito predisse isto, quem o declarou desde o passado distante? Não fui eu, o SENHOR? E não há outro Deus além de mim, **um Deus justo e salvador;** não há outro além de mim. **Voltem-se para mim e sejam salvos,** todos vocês, confins da terra; pois eu sou Deus, e não há nenhum outro. (*Isaías 45:21-22, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

> E disseram à mulher: "Agora cremos não somente por causa do que você disse, pois **nós mesmos o ouvimos e sabemos que este [Jesus] é realmente o Salvador do mundo."** (*João 4:42, "Nova Versão Internacional"*).
>
> enquanto aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de **nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo.** Ele se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras. (*Tito 2:13-14, "Nova Versão Internacional"*).
>
> e assim vocês estarão ricamente providos quando entrarem no **Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.** (*2 Pedro 1:11, "Nova Versão Internacional"*).
>
> saibam os senhores e todo o povo de Israel que por meio do **nome de Jesus Cristo, o Nazareno,** a quem os senhores crucificaram, mas a quem Deus ressuscitou dos mortos, este homem está aí curado diante dos senhores. Este Jesus é "a pedra que vocês, construtores, rejeitaram, e que se tornou a pedra angular." **Não há salvação em nenhum outro,** pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos. (*Atos 4:10-12, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.3. DEUS/JESUS: O PRIMEIRO E ÚLTIMO?

Profecia:

> Assim diz o SENHOR, o rei de Israel, o seu redentor, o SENHOR dos Exércitos: **"Eu sou o primeiro e eu sou o último;** além de mim não há Deus." (*Isaías 44:6, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Eis que venho em breve! A minha recompensa está comigo, e eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez. **Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último,** o Princípio e o Fim. Felizes os que lavam as suas vestes, e assim têm direito à árvore da vida e podem entrar na cidade pelas portas. Fora ficam os cães, os que praticam feitiçaria, os que cometem imoralidades sexuais, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira. **Eu, Jesus,** enviei o meu anjo para dar a vocês este testemunho concernente às igrejas. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã. (*Apocalipse 22:12-16, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.4. DEUS/JESUS: UM MENINO CHAMADO DEUS?

Profecia:

Porque um **menino nos nasceu, um filho nos foi dado,** e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, **Deus Poderoso, Pai Eterno,** Príncipe da Paz. Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isso. (*Isaías 9:6-7, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Hoje, na cidade de Davi, **lhes nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor.** (*Lucas 2:11, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.5. DEUS/JESUS: REDENTOR E SANTO?

Profecia:

Nosso redentor, o SENHOR dos Exércitos é o seu nome, é o **Santo de Israel.** (*Isaías 47:4, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Cristo nos redimiu da maldição da Lei quando se tornou maldição em nosso lugar, pois está escrito: "Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro." (*Gálatas 3:13, "Nova Versão Internacional"*).

Simão Pedro lhe respondeu: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna. Nós **cremos e sabemos que és o Santo de Deus."** (*João 6:68-69, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.6. DEUS/JESUS: A QUEM TODO O JOELHO SE DOBRARÁ?

Profecia:

Por mim mesmo eu jurei, a minha boca pronunciou com toda a integridade uma palavra que não será revogada: **diante de mim todo joelho se dobrará; junto a mim toda língua jurará.** (*Isaías 45:23, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, **para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho,** nos céus, na terra e debaixo da terra, **e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor,** para a glória de Deus Pai. (*Filipenses 2:5-11, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.7. DEUS/JESUS: EU SOU?

Profecia:

Disse Deus a Moisés: **"Eu Sou o que Sou.** É isto que você dirá aos israelitas: **Eu Sou** me enviou a vocês." Disse também Deus a Moisés: "Diga aos israelitas: o SENHOR, o Deus dos seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, enviou-me a vocês. **Esse é o meu nome para sempre, nome pelo qual serei lembrado de geração em geração."** (*Êxodo 3:14-15, "Nova Versão Internacional"*).

Mas tu, Belém-Efrata, embora pequena entre os clãs de Judá, de ti virá para mim aquele que será o governante sobre Israel. **Suas origens estão no passado distante, em tempos antigos.** (*Miqueias 5:2, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Respondeu Jesus: **"Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!"** (*João 8:58, "Nova Versão Internacional"*).

No princípio era aquele que é a Palavra [Jesus]. Ele estava com Deus e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. (*João 1:1-2, "Nova Versão Internacional"*).

E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com **a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse.** (*João 17:5, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.8. DEUS/JESUS: ENTRONIZADO NO CÉU?

Profecia:

O SENHOR disse ao meu Senhor: "Senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés." (*Salmo 110:1, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Ao amanhecer, reuniu-se o Sinédrio, tanto os chefes dos sacerdotes quanto os mestres da lei, e Jesus foi levado perante eles. "Se você é o Cristo, diga-nos", disseram eles. Jesus respondeu: "Se eu vos disser, não crereis em mim e, se eu vos perguntar, não me respondereis. **Mas de agora em diante o Filho do homem estará assentado à direita do Deus todo-poderoso." Perguntaram-lhe todos: "Então, você é o Filho de Deus?" "Vós estais dizendo que eu sou", respondeu ele.** Eles disseram: "Por que precisamos de mais testemunhas? **Acabamos de ouvir dos próprios lábios dele."** (*Lucas 22:66-71, "Nova Versão Internacional"*).

Portanto, já que vocês ressuscitaram com Cristo, procurem as **coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus.** (*Colossenses 3:1, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.9. DEUS/JESUS: UNGIDO POR DEUS?

Profecia:

O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre; cetro de justiça é o cetro do teu reino. Amas a justiça e odeias a iniquidade; por isso Deus, o teu **Deus, escolheu-te dentre os teus companheiros ungindo-te com óleo de alegria.** (*Salmo 45:6-7, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era seu costume. E levantou-se para ler. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito: **"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu** para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor." Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: **"Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir."** (*Lucas 4:16-21, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.10. DEUS/JESUS: RECEBEU AUTORIDADE DA PARTE DE DEUS POR TODO O SEMPRE?

Profecia:

Em minha visão à noite, vi alguém semelhante a um filho de homem, vindo com as nuvens dos céus. Ele se aproximou do ancião e foi conduzido à sua presença. **Ele recebeu autoridade, glória e o reino;** todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram. **Seu domínio é um domínio eterno que não acabará,** e seu reino jamais será destruído. (*Daniel 7:13-14, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: **"Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra.** Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. **E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos."** (*Mateus 28:18-20, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.11. DEUS/JESUS: VAI VIR PARA SEU TEMPLO?

Profecia:

"Vejam, eu enviarei o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim. E então, de repente, **o Senhor que vocês buscam virá para o seu templo;** o mensageiro da aliança, aquele que vocês desejam, virá", diz o SENHOR dos Exércitos. (*Malaquias 3:1, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Jesus **entrou no templo** e expulsou todos os que ali estavam comprando e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e lhes disse: "Está escrito: **'A minha casa será chamada casa de oração'**; mas vocês estão fazendo dela um 'covil de ladrões'." (*Mateus 21:12-13, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.12. DEUS/JESUS: TRASPASSADO POR SEU POVO?

Profecia:

E derramarei sobre a família de Davi e sobre os habitantes de **Jerusalém** um espírito de ação de graças e de súplicas. **Olharão para mim, aquele a quem traspassaram, e chorarão por ele como quem chora a perda de um filho único, e se lamentarão amargamente por ele como quem lamenta a perda do filho mais velho.** (*Zacarias 12:10, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Em vez disso, um dos soldados **perfurou o lado de Jesus com uma lança,** e logo saiu sangue e água. (*João 19:34, "Nova Versão Internacional"*).

Eis que ele [Jesus] vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram; e todos os povos da terra se lamentarão por causa dele. Assim será! Amém. (*Apocalipse 1:7, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.5.13. DEUS/JESUS: FILHO DE DEUS E SENHOR DE TODOS?

Profecia:

Ele me dirá: "Tu és o meu Pai, o meu Deus, a Rocha que me salva." **Também o nomearei meu primogênito, o mais exaltado dos reis da terra.** Manterei o meu amor por ele para sempre, e a minha aliança com ele jamais se quebrará. Firmarei a sua linhagem para sempre, e o seu trono durará enquanto existirem céus. (*Salmo 89:26-27, "Nova Versão Internacional"*).

Proclamarei o decreto do SENHOR: "Ele me disse: **'Tu és meu filho; eu hoje te gerei. Pede-me, e te darei as nações como herança e os confins da terra como tua propriedade.'"** (*Salmo 2:7-8, "Nova Versão Internacional"*).

Cumprimento:

Enquanto ele ainda estava falando, uma nuvem resplandecente os envolveu, e dela saiu uma voz, que dizia: **"Este é o meu Filho** amado em quem me agrado. Ouçam-no!" (*Mateus 17:5, "Nova Versão Internacional"*).

"E vocês?", perguntou ele. "Quem vocês dizem que eu sou?" Simão Pedro respondeu: **"Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo."** Respondeu Jesus: "Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus." (*Mateus 16:15-17, "Nova Versão Internacional"*).

Ele [Jesus] é a imagem do Deus invisível, **o primogênito de toda a criação,** pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; **todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste.** (*Colossenses 1:15-17, "Nova Versão Internacional"*).

Quando entraram no barco, o vento cessou. Então os que estavam no barco o adoraram, dizendo: **"Verdadeiramente tu és o Filho de Deus."** (*Mateus 14:32-33, "Nova Versão Internacional"*).

Responderam os judeus: "Não vamos apedrejá-lo por nenhuma boa obra, mas pela blasfêmia, porque você é um simples homem e **se apresenta como Deus."** (*João 10:33, "Nova Versão Internacional"*).

3.1.6. RESUMO: O JESUS QUE TEMOS QUE CRER

Até que ponto todas essas passagens determinaram que Jesus cumpriu as profecias messiânicas?

Jesus cumpriu perfeitamente as profecias do Antigo Testamento conforme colocado pelos escritores do Novo Testamento. Ele cumpriu todas as profecias messiânicas, exceto as que dizem respeito ao dia da ira, ou o último dia em que a Terra será queimada, a humanidade será julgada, o povo de Deus herdará novos céus e nova terra, e os ímpios serão banidos da presença de Deus. Essas profecias estão reservadas para serem consumadas no dia de seu retorno.

Na revisão de nossa checagem das profecias messiânicas, isto é o que pode ser dito do **cumprimento das profecias por parte de Jesus:**

- Ele veio ao mundo em **Belém**;
- Tem ascendência incluindo **Abraão, Isaque, Jacó** e **Judá**;
- Chegou **nos dias do Império Romano** e instituiu seu reino;
- Precedido por um **mensageiro** pregando **"no poder e no espírito de Elias"**;
- Possuiu as **qualidades de profeta, sacerdote e rei**;
- **Rejeitado** por muitos apesar dos **milagres que efetuou**;
- **Suas mãos/pulsos e pés foram perfurados** por seus executores;
- Foi **executado com homens ímpios** e **foi zombado durante seu sofrimento**;
- Morreu, embora **não tivesse cometido violência**;
- **Sortes** foram lançadas por suas vestes;
- Colocado na **tumba de um homem rico**;
- No terceiro dia **se ergueu dos mortos** e apareceu para mais de quinhentas pessoas;
- Ascendeu ao céu e **se assentou à direita de Deus o Pai** para aguardar seu retorno para julgar a humanidade.

E isto é o que pode ser dito do **elo de Jesus com a messianidade:**

- Ele é o primeiro e único **Salvador**;

- Ele é o **primeiro e o último**;
- Ele **nasceu como menino e foi chamado Pai Eterno**;
- Ele é o **Redentor** e o **Santo**;
- É a ele que **cada joelho vai se dobrar** e **cada língua confessar**;
- Ele é o **grande Eu Sou**;
- Ele está **entronizado no céu**;
- Ele é o **Ungido** de Deus;
- A ele **foi dada autoridade** para sempre;
- Ele **veio ao seu templo**;
- Ele foi **traspassado** por seu povo;
- Ele é o **Filho de Deus** e **Senhor de todos**.

Esse é o Jesus em quem temos que crer.

3.2. JESUS ALEGOU SER DEUS? [190]

Uma vez que temos identificado sem sombra de dúvida o Jesus bíblico, é evidente que sua divindade já está estabelecida. No entanto, dada a importância e o impacto dessa questão, podemos investigar ainda mais. Podemos investigar se Jesus, de fato, **alegou ser Deus**, e podemos investigar se os apóstolos creram que ele é Deus antes de chegarmos à uma conclusão.

Nosso mundo nunca mais foi o mesmo desde que Cristo pôs os pés em nosso planeta. As pessoas ainda estão perguntando: "Quem era essa pessoa que mudou a maneira de pensar sobre Deus e sobre nós mesmos?" Jesus fez afirmações radicais sobre a sua identidade, mas ele também se apresentou como um compassivo, humilde servo com a missão de nos salvar do pecado.

Jesus era um mistério para aqueles que o viram e ouviram. Para as massas ele era o grande médico que curou os cegos, surdos e coxos. Para os abatidos ele trouxe esperança. Para seus inimigos ele era um impostor. Para seus seguidores ele era o Messias prometido.

Mas Jesus alegou ser Deus como os cristãos acreditam? No centro do cristianismo está a crença de que Deus veio ao mundo na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Aqueles que o viram e escreveram sobre ele o chamaram de criador do universo.

Criado em uma cultura religiosa de muitos deuses, Ravi Zacharias escreveu sobre Jesus Cristo como plenamente homem e plenamente Deus:

> Aqui, então, está o homem de Nazaré, que afirmou que sua origem era do céu e que seu pai é ninguém menos do que o próprio Deus – filho não nascido da consumação física, nem de uma necessidade para comunhão, mas a expressão consumada de Deus na carne, em comunhão eterna com o Pai [191].

Como J. I. Packer explicou: "O evangelho nos diz que nosso criador se tornou nosso redentor" [192]. Sendo essa convicção o tema central do cristianismo, negar a divindade de Jesus Cristo coloca um punhal no coração da mensagem cristã.

Mas será que Jesus realmente afirmou ser Deus, ou isso é um ensinamento que evoluiu ao longo do tempo? Uma vez que sua audiência judaica estava imersa nas Escrituras hebraicas, precisamos entender as declarações de Jesus sobre si mesmo à luz do seu ensinamento sobre Deus.

3.2.1. JESUS ENSINOU QUE DEUS É UM?

A Bíblia revela Deus como o único criador do universo. Ele é infinito, eterno, todo-poderoso, onisciente, pessoal, justo, amoroso e santo. Ele nos criou à sua imagem. Segundo a Bíblia, Deus nos fez para ter um relacionamento eterno com ele.

Quando Deus falou a Moisés na sarça ardente 1.500 anos antes de Cristo, ele fortemente reafirmou que ele é o único Deus que existe. Deus disse a Moisés que seu nome é YHWH ("EU SOU"). A maioria de nós está mais familiarizada com a tradução em português, SENHOR, ou Javé/Jeová. As Escrituras hebraicas às vezes juntam YHWH, Javé/Jeová (*Yahweh/Jehovah*), com uma palavra adicional para enfatizar a relação de Deus com o homem. "YHWH *Elohim*" e "*Adonai* YHWH" são traduzidos "SENHOR Deus", e "YHWH *Sabaoh*" é traduzido "SENHOR dos Exércitos" [193]. Desde aquela época, o escrito fundamental para o judaísmo (*shema*) tem sido:

> Ouça, ó Israel: o SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR. Ame o SENHOR, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. (*Deuteronômio 6:4-5, "Nova Versão Internacional"*).

É nesse mundo de crença monoteísta que Jesus entrou, ministrou e começou a fazer alegações que surpreenderam todos aqueles que o ouviram. E, de acordo com Ray Stedman, Jesus é o tema central das Escrituras hebraicas:

> Aqui, sob a forma de um vivente, respirante ser humano, está aquele que satisfaz e preenche todos os símbolos e profecias de Gênesis a Malaquias. À medida que avançamos a partir do Antigo Testamento para o Novo Testamento, nós descobrimos que uma pessoa, Jesus de Nazaré, é o ponto focal de ambos os Testamentos [194].

No entanto, para muitos, o fato de que os cristãos acreditam que Jesus é Deus, bem como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento, não significam que ele afirmou ser Deus. A pergunta que devemos fazer é: Jesus se equiparou com YHWH, o SENHOR, o único e verdadeiro Deus que falou com Moisés na sarça ardente?

Para descobrir, vamos analisar mais profundadamente os nomes que Jesus usou para si próprio, e o que esses nomes significavam para sua audiência judaica. Quem é que eles pensavam que Jesus estava afirmando ser?

3.2.2. JESUS USOU O NOME DE DEUS PARA SI MESMO?

Quando Jesus começou o seu ministério, seus milagres e ensinamento radical chamaram imediatamente multidões, criando um frenesi de excitação. Conforme sua popularidade crescia com as massas, os líderes judeus (fariseus, saduceus e escribas) começaram a ver Jesus como uma ameaça. De repente, eles começaram a procurar maneiras de prejudicá-lo.

Um dia Jesus estava debatendo com alguns fariseus no templo, quando de repente ele disse que é "a luz do mundo". É quase bizarro imaginar essa cena na qual um carpinteiro itinerante das planícies da Galileia diz a esses doutores em religião que ele é "a luz do mundo". Acreditando que YHWH é a luz do mundo, eles responderam com indignação:

> Os fariseus lhe disseram: "Você está testemunhando a respeito de si próprio. O seu testemunho não é válido!" (*João 8:13, "Nova Versão Internacional"*).

Então Jesus disse a eles que, 2.000 anos antes, Abraão o tinha visto. A resposta deles foi de incredulidade:

> Disseram-lhe os judeus: "Você ainda não tem cinquenta anos, e viu Abraão?" (*João 8:57, "Nova Versão Internacional"*).

Então Jesus os chocou ainda mais com palavras que nenhum homem comum ousaria dizer:

> Respondeu Jesus: "Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!" (*João 8:58, "Nova Versão Internacional"*).

De repente, esse carpinteiro independente com nenhum grau em religião alegou ter sempre existido. Além disso, ele tinha usado o título "Eu Sou", *ego eimi*, o equivalente grego do nome hebraico que Isaías tinha usado para descrever Deus em Isaías 43:10-11. O Dr. James White observou:

> A ligação mais próxima e mais lógica entre o uso de João de *ego eimi* e o Antigo Testamento está a ser encontrado na apresentação da Septuaginta de uma frase particular em hebraico, *ani hu* nos escritos (principalmente) de Isaías. A Septuaginta traduz a frase hebraica *ani hu* como *ego eimi* em Isaías 41:4, Isaías 43:10 e Isaías 46:4 [195].

Jesus usou um nome sagrado de Deus para ele mesmo. Esses especialistas religiosos (os fariseus) viveram e respiraram Escrituras do Antigo Testamento que declaram apenas o SENHOR como Deus. Eles sabiam que a Escritura falou por meio de Isaías:

> "Vocês são minhas testemunhas", declara o SENHOR, "e meu servo, a quem escolhi, para que vocês saibam e creiam em mim e entendam que eu sou Deus. Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim. Eu, eu mesmo, sou o SENHOR, e além de mim não há salvador algum." (*Isaías 43:10-11, "Nova Versão Internacional"*).

É fácil entender a raiva daqueles que perceberam que Jesus estava falando de si mesmo como Deus. Uma vez que a penalidade por blasfêmia era morte por apedrejamento, os líderes judeus, com raiva, pegaram pedras para matar Jesus. Naquele momento Jesus poderia ter dito: "Esperem! Vocês me entenderam mal – eu não sou o SENHOR." Mas Jesus não alterou sua declaração, mesmo correndo o risco de ser morto. C. S. Lewis explicou a raiva deles:

> Ele disse [...]: "Eu sou gerado do Deus único, antes que Abraão existisse, Eu Sou", e lembre-se que as palavras "Eu Sou" estavam em hebraico. Elas eram o nome de Deus, o qual não deveria ser falado por nenhum ser humano, o nome no qual se era digno de morte ao pronunciar [196].

Alguns podem argumentar que esse era um caso isolado e Jesus nunca quis usar o santo nome de Deus para si mesmo. Mas Jesus também usou "Eu Sou" para si mesmo em diversas outras ocasiões. Imagine a reação de judeus ao ouvirem estas outras alegações radicais de Jesus:

- "Eu sou a luz do mundo" (João 8:12);
- "Eu sou o caminho, a verdade, e a vida" (João 14:6);
- "Eu sou o único caminho ao Pai" (João 14:6);
- "Eu sou a ressurreição e a vida" (João 11:25);
- "Eu sou o bom pastor" (João 10:11);
- "Eu sou a porta" (João 10:9);
- "Eu sou o pão vivo" (João 6:51);
- "Eu sou a verdadeira vinha" (João 15:1);
- "Eu sou o alfa e o ômega" (Apocalipse 22:13).

Como Lewis observou, se essas alegações não fossem do próprio Deus, Jesus teria sido considerado um lunático. Mas o que fez Jesus crível para aqueles que o ouviram foram os milagres que ele realizou. Além disso, eles ficaram espantados com sua sabedoria e ensinamento autoritativo.

Jesus chamou a si mesmo de "Filho do Homem" e "Filho de Deus" em várias ocasiões. Vamos examinar o significado desses nomes no contexto de como sua audiência judaica os entendia.

3.2.3. O QUE JESUS QUIS DIZER AO SE CHAMAR DE FILHO DO HOMEM?

Mais de oitenta vezes no Novo Testamento Jesus se refere a si mesmo como "Filho do Homem". O que Jesus quis dizer com "Filho do Homem", e o que isso significa para sua audiência judaica?

No contexto, parece claro que Jesus estava se referindo a si mesmo como o cumprimento da profecia de Daniel sobre o "alguém semelhante a um filho de homem" (Daniel 7:13-14). Daniel profetizou que ao Filho do Homem será dada autoridade sobre a humanidade e ele receberá adoração:

> Em minha visão à noite, vi alguém semelhante a um **filho de homem,** vindo com as nuvens dos céus. Ele se aproximou do ancião e foi conduzido à sua presença. Ele recebeu autoridade, glória e o reino; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e seu reino jamais será destruído. (*Daniel 7:13-14, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus disse que, quando retornar à Terra, vai cumprir a profecia do Filho do Homem de Daniel:

> Quando o **Filho do homem** vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. (*Mateus 25:31-32, "Nova Versão Internacional"*).

Packer escreveu que o nome "Filho do Homem" também está ligado ao papel de Jesus como rei-salvador, cumprindo a profecia messiânica de Isaías 53 [197]. Isaías 53 é a mais abrangente passagem profética do Messias vindouro, e claramente o descreve como o salvador sofredor. Isaías também se referia ao Messias como "Deus Poderoso", "Pai Eterno", "Príncipe da Paz" em Isaías 9:6, indicando que o Messias seria tanto homem quanto Deus.

Então, quem é esse "Filho do Homem", e por que ele está sendo adorado, quando apenas Deus deve ser adorado? Tanto a sua alegação de ser o "Eu Sou" quanto sua alegação de ser o "Filho do Homem" apontam para sua divindade.

3.2.4. O QUE JESUS QUIS DIZER AO SE CHAMAR DE FILHO DE DEUS?

Jesus também afirmou ser o "Filho de Deus". Esse título não significa que Jesus é filho biológico de Deus. Nem implica inferioridade, tal como um filho humano não é inferior em essência a seu pai. Um filho compartilha o DNA de seu pai e, embora seja diferente, ambos são iguais como homens.

Estudiosos dizem que o termo "Filho de Deus" nas línguas originais refere-se a similaridade, ou "ser da mesma ordem". **Jesus quis dizer com isso que ele tem essência divina, ou, em termos do século 21, o "DNA de Deus".** O professor Peter Kreeft explicou:

> O que Jesus quis dizer quando chamou a si mesmo o "Filho de Deus"? O filho de um homem é um homem (tanto o "filho" e "homem", na linguagem tradicional, significam machos e fêmeas igualmente). O filho de um macaco é um macaco. O filho de um cão é um cão. O filho de um tubarão é um tubarão. E assim o Filho de Deus é Deus. "Filho de Deus" é um título divino [198].

Jesus continuamente se referiu ao seu Pai como Deus. E, em João 17, Jesus referiu-se a seu Pai como "o único Deus verdadeiro". No entanto, na mesma passagem, Jesus falou sobre a glória que ele e seu Pai compartilharam antes que o mundo começasse. Como poderia Jesus ter existido eternamente com o Pai a não ser que ele e seu pai tivessem a mesma essência divina?

Packer explicou o que Jesus quis dizer ao usar o termo "Filho de Deus":

> Quando, portanto, a Bíblia proclama Jesus como o Filho de Deus, a declaração significa uma asserção de sua divindade pessoal distinta [199].

A utilização dos nomes "Eu Sou", "Filho do Homem" e "Filho de Deus" por parte de Jesus apontam para o fato de que ele estava alegando igualdade com Deus. Certamente essa é a maneira como os líderes judeus o entenderam:

> "Eu e o Pai somos um." Novamente os judeus pegaram pedras para apedrejá-lo, mas Jesus lhes disse: "Eu lhes mostrei muitas boas obras da parte do Pai. Por qual delas vocês querem me apedrejar?" Responderam os judeus: "Não vamos apedrejá-lo por nenhuma boa obra, mas pela blasfêmia, porque você é um simples homem e se apresenta como Deus." (*João 10:30-33, "Nova Versão Internacional"*).

Mas se Jesus estava realmente afirmando ser Deus, ele fez isso conhecido de outras maneiras? A fim de descobrir, precisamos examinar as ações de Jesus durante o seu ministério de três anos. Será que ele falou e agiu com a autoridade de Deus? Ou ele simplesmente falava da parte de Deus, como Moisés e outros profetas?

3.2.5. COMO JESUS PODIA PERDOAR PECADOS?

Na religião judaica, o perdão dos pecados era reservado somente para Deus. O perdão é sempre pessoal: apenas a pessoa ofendida pode conceder perdão pela ofensa que sofreu, especialmente se a pessoa ofendida é Deus. Mas em várias ocasiões Jesus agiu como se ele fosse Deus ao perdoar pecadores. Sua alegação de cair o queixo sobre perdoar pecados nunca tinha sido feita por qualquer profeta no passado. Ele enfureceu os líderes religiosos judeus que o testemunharam perdoando os pecados de um homem com paralisia. Marcos registrou o ocorrido:

> "Por que esse homem fala assim? Está blasfemando! **Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?"** (*Marcos 2:7, "Nova Versão Internacional"*).

Esse é exatamente o ponto: nenhum homem tem o direito ou autoridade para falar por Deus quando se trata de perdão de pecados. Lewis imaginou as reações atordoadas de todos aqueles que ouviram Jesus:

> Então vem o verdadeiro choque: entre esses judeus de repente aparece um homem que vem por aí e fala como se ele fosse Deus. Ele afirma perdoar pecados. Ele diz que sempre existiu. Ele diz que ele está vindo para julgar o mundo no fim dos tempos. Agora vamos deixar isso claro. Entre panteístas, como indianos, qualquer um poderia dizer que era um com Deus, ou que faz parte de Deus. **Mas esse homem, uma vez que era judeu, não podia estar falando desse tipo de Deus. Deus, na linguagem deles, significava o ser fora do mundo que o criou e que era diferente de tudo mais. E quando você percebe isso, você vai ver que o que esse homem disse era, bem simplesmente, a coisa mais chocante já proferida por lábios humanos** [200].

3.2.6. O QUE JESUS QUIS DIZER AO AFIRMAR SER UM COM DEUS?

Aqueles que ouviram Jesus, observaram a sua perfeição moral e o viram fazer milagres se perguntaram se ele era o Messias há muito tempo prometido. Finalmente, seus adversários o cercaram no templo, perguntando:

> Os judeus reuniram-se ao redor dele e perguntaram: "Até quando nos deixará em suspense? Se é você o Cristo, diga-nos abertamente." (*João 10:24, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus respondeu: "**Eu já lhes disse,** mas vocês não creem. As obras que eu realizo em nome de meu Pai falam por mim" (João 10:25). Ele comparou seus seguidores com ovelhas, dizendo: "Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão" (João 10:28). Ele então revelou a eles que "o Pai é maior do que todos" (João 10:29) e já tinha dito a eles que suas obras eram "em nome do Pai" (João 10:25). A humildade de Jesus deve ter sido desarmadora. Mas então Jesus soltou uma bomba, dizendo a eles: **"Eu e o Pai somos um"** (João 10:30).

Alguns argumentam que Jesus apenas quis dizer que ele estava de acordo com Deus. No entanto, se fosse assim, Jesus meramente estando em acordo com Deus, por que os judeus responderam pegando pedras para tentar matá-lo? A compreensão deles da afirmação de Jesus de ser um com o Pai tornou-se clara na conversa que se segue:

> **"Eu e o Pai somos um."** Novamente os judeus pegaram pedras para apedrejá-lo, mas Jesus lhes disse: "Eu lhes mostrei muitas boas obras da parte do Pai. Por qual delas vocês querem me apedrejar?" Responderam os

judeus: "Não vamos apedrejá-lo por nenhuma boa obra, mas **pela blasfêmia,** porque você é um simples homem e **se apresenta como Deus."** (*João 10:30-33, "Nova Versão Internacional"*).

3.2.7. JESUS É A IMAGEM DE DEUS?

Quando Jesus estava preparando seus discípulos para sua morte na cruz e sua partida, Tomé quis saber para onde ele estava indo e qual era o caminho. Jesus respondeu a Tomé:

> Disse-lhe Tomé: "Senhor, não sabemos para onde vais; como então podemos saber o caminho?" Respondeu Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim. Se vocês realmente me conhecessem, conheceriam também o meu Pai. Já agora vocês o conhecem e o têm visto." (*João 14:5-7, "Nova Versão Internacional"*).

Eles estavam confusos. Filipe então se manifestou, pedindo a Jesus para que lhes "mostrasse o Pai". Jesus respondeu a Filipe com estas palavras chocantes:

> Disse Filipe: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta". Jesus respondeu: "Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: 'Mostra-nos o Pai?'" (*João 14:8-9, "Nova Versão Internacional"*).

Com efeito, Jesus estava dizendo: "Filipe, se você quer ver o Pai, olhe para mim!" Em João 17, Jesus revelou que essa unidade com o Pai tinha existido na eternidade passada, "antes que o mundo existisse" (João 17:5). **De acordo com Jesus, nunca houve um momento em que ele não compartilhava da glória e da essência de Deus. De fato, antes da criação, o próprio tempo não existia. Tempo, espaço e matéria/energia só tiveram início com a criação, e Deus já estava lá. Jesus também.**

Não foram apenas os inimigos de Jesus que estavam espantados com suas palavras de cair o queixo. John Piper escreveu:

> Os amigos e inimigos de Jesus foram surpreendidos de novo e de novo com o que ele disse e fez. Ele estaria andando pela rua, aparentemente como qualquer outro homem, e então se vira e diz algo como: "Antes que Abraão existisse, Eu Sou." Ou: "Se você me viu, você viu o Pai." Ou, muito calmamente, depois de ser acusado de blasfêmia, ele diria que "o Filho do Homem tem na terra poder para perdoar pecados". Para os mortos, ele poderia simplesmente dizer: "Saia daí", ou, "Levanta-te". E eles iriam obedecer. Para as tempestades no mar, ele dizia: "Acalme-se". E para um pedaço de pão ele diria: "Torna-te em mil refeições". E isso foi feito imediatamente [201].

3.2.8. POR QUE JESUS ACEITOU ADORAÇÃO?

Nada é mais fundamental para as Escrituras hebraicas do que o fato de que apenas Deus deve ser adorado. Na verdade, o primeiro dos dez mandamentos sagrados é: "Não terás outros deuses além de mim" (Êxodo 20:3).

O mais terrível pecado que um judeu podia cometer era adorar outra criatura no lugar de Deus ou receber adoração. Então, se Jesus não fosse Deus, seria blasfêmia se ele recebesse adoração. É por isso que as palavras de seu discípulo, Tomé, são tão significativas.

Após a ressurreição de Jesus, os outros discípulos disseram a Tomé que tinham visto o Senhor vivo (João 20:24-29). O cético Tomé disse a eles que acreditaria apenas se ele pudesse colocar os dedos nos ferimentos causados pelos pregos nas mãos/pulsos de Jesus e no seu lado perfurado.

Oito dias mais tarde, os discípulos estavam todos reunidos em uma sala trancada quando Jesus apareceu de repente na frente deles. Jesus olhou para Tomé e disse: "Ponha aqui o teu dedo e vê as minhas mãos. Coloque sua mão no ferimento do meu lado." Tomé não precisou de mais provas. Ele instantaneamente creu, exclamando para Jesus: "Meu Senhor e meu Deus!"

Tomé poderia simplesmente ter chamado ele "Senhor". No entanto, ele ainda chamou Jesus de "Deus" e o adorou. **Se Jesus não fosse Deus, ele certamente deveria ter repreendido Tomé ali mesmo. Mas em vez de**

repreender Tomé por adorá-lo como Deus, Jesus disse: "Você acreditou porque me viu. Bem-aventurados os que não me viram e creram."

Jesus aceitou a adoração em nove ocasiões registradas. **No contexto da crença judaica, a aceitação de adoração de Jesus fala tanto quanto muitos volumes de livros com evidências sobre sua afirmação de divindade.** Mas não foi até depois que Jesus subiu ao céu que os seus discípulos totalmente compreenderam. Antes que Jesus deixasse a Terra, disse aos seus apóstolos para "batizar novos discípulos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28:19), **colocando o Espírito Santo e a si mesmo no mesmo nível que o Pai.**

Os cristãos acreditam que há um Deus que existe em três pessoas distintas e iguais: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Trindade). Nenhuma analogia terrena pode adequadamente explicar como um Deus pode existir como três pessoas. No entanto, dois exemplos científicos ilustram como uma entidade pode existir em múltiplas formas:

1. A luz existe como uma dualidade que aparece na natureza tanto como uma onda quanto como uma partícula.

2. A molécula de H_2O é uma essência, ainda que exista como vapor, água e gelo.

O Deus da Bíblia, no entanto, está além da nossa compreensão plena, sendo infinito, eterno, imutável, onisciente, onipresente e onipotente.

3.2.9. JESUS FOI O ALFA E O ÔMEGA?

Enquanto o apóstolo João estava exilado na ilha de Patmos, Jesus revelou a ele as visões que foram escritas no Livro de Apocalipse. Em uma das visões, João descreveu a seguinte cena incrível:

> Eis que ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram; e todos os povos da terra se lamentarão por causa dele. Assim será! Amém. "Eu sou o Alfa e o Ômega", diz o Senhor Deus, "o que é, o que era e o que há de vir, o Todo-poderoso." (*Apocalipse 1:7-8, "Nova Versão Internacional"*).

> Eis que venho em breve! A minha recompensa está comigo, e eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim. Felizes os que lavam as suas vestes, e assim têm direito à árvore da vida e podem entrar na cidade pelas portas. Fora ficam os cães, os que praticam feitiçaria, os que cometem imoralidades sexuais, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira. Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês este testemunho concernente às igrejas. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã. (*Apocalipse 22:12-16, "Nova Versão Internacional"*).

Então, em Apocalipse 1:7-8, quem é essa pessoa que é chamada de "o Alfa e Ômega", "o Senhor Deus", o "Todo-poderoso"? Somos informados que é o "Senhor Deus". Em Apocalipse 22:12-16, Jesus disse ser o juiz que retribuirá "a cada um de acordo com o que fez", chamando a si mesmo de "Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim", efetivamente igualando-se ao "Senhor Deus" de Apocalipse 1:7-8.

Então João vê Jesus em um trono, julgando as pessoas de todas as nações. "E vi um grande trono branco, e vi aquele que estava sentado sobre ele [...]. E aquele sentado no trono disse [...] 'Eu sou o Alfa e o Omega – o princípio e o fim" (Apocalipse 20:11; 21:6).

É o Senhor Jesus Cristo que reina do grande trono branco. Jesus já tinha dito aos seus discípulos que ele seria o juiz final dos homens (Mateus 25:31-46; Atos 17:31). Então, Jesus remove toda a dúvida sobre se ele é ou não Deus:

> O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus e ele será meu filho. (*Apocalipse 21:7, "Nova Versão Internacional"*).

Então, **Jesus afirmou ser Deus? Ele assim o fez chamando a si mesmo "Eu Sou". Ele assim o fez, chamando a si mesmo o "Filho do Homem". Ele assim o fez chamando-se o "Filho de Deus". Ele o fez ao perdoar pecados. Ele assim o fez aceitando adoração. E ele o fez em Apocalipse, dizendo: "Eu serei o seu Deus."**

C. S. Lewis concluiu que a verdadeira identidade de Jesus Cristo é tanto Deus quanto homem:

> Que está além de todo espaço e tempo, o que é não criado, eterno, entrou na natureza, desceu ao seu próprio universo, e se ergueu novamente [202].

3.2.10. POR QUE DEUS VEIO À TERRA?

A pergunta é: "Por quê? Por que Deus desceria para sua própria criação para se tornar um de nós?" Em João 3:16 nos é dada a resposta:

> Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. (*João 3:16, "Nova Versão Internacional"*).

E Filipenses 2:5-11 complementa:

> Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai. (*Filipenses 2:5-11, "Nova Versão Internacional"*).

Em outras palavras, foi o grande amor de Deus por nós que foi a causa de Jesus Cristo vir à Terra, tornar-se um homem, e morrer por nós na cruz. Sua morte tornou possível para os nossos pecados serem perdoados, e sua ressurreição nos dá certeza da vida eterna com ele. É uma verdade impressionante que o nosso amoroso criador quer ter um relacionamento pessoal conosco que vai durar para sempre.

3.3. OS APÓSTOLOS CRERAM QUE JESUS É DEUS? [203]

Após identificarmos sem sombra de dúvida o Jesus bíblico, e constatarmos que, de fato, Jesus alegou ser Deus, podemos estar bem certos que sua divindade está estabelecida. Porém, podemos investigar ainda mais. Investiguemos a seguir se os apóstolos, de fato, **creram que Jesus é Deus** antes de chegarmos à uma conclusão.

Jesus de Nazaré passou seus primeiros trinta anos em relativa obscuridade, trabalhando como carpinteiro em uma pequena aldeia da Galileia. Mas nos três anos seguintes ele pronunciou palavras que surpreenderam todos os que as ouviram, palavras que, em última análise, mudaram o nosso mundo. Ele também realizou façanhas que nenhuma outra pessoa realizou, acalmando tempestades, curando doenças, restaurando a visão e até mesmo ressuscitando mortos.

Porém, a maior diferença entre Jesus Cristo e todos os outros líderes religiosos é que, de acordo com os cristãos, ele afirmou ser Deus. Se essa afirmação for falsa, a mensagem do evangelho perde toda a credibilidade. Essa mensagem é que Deus nos amou tanto que se tornou um homem para morrer por nossos pecados, oferecendo-nos a vida eterna com ele. Assim, se Jesus não é Deus, temos sido enganados.

Algumas religiões ensinam que Jesus era um ser criado. E livros, como o "Código Da Vinci", tornaram-se *best-sellers* dizendo que nem Jesus nem seus apóstolos ensinaram que ele é Deus.

Esses ataques à divindade de Cristo levantam a questão sobre o que aconteceu há cerca de 2.000 anos antes do presente para que o cristianismo alegasse que seu fundador, Jesus Cristo, fosse realmente Deus. Já vimos que a evidência do Novo Testamento mostra que Jesus alegou ser Deus. Mas as testemunhas oculares, as quais ouviram as palavras de Jesus e viram seus feitos milagrosos, foram convencidas de que ele é igual em todos os sentidos com o seu Pai? Ou será que pensaram que Jesus era meramente um ser maior, mas criado, ou um grande profeta como Moisés?

Para separar a verdade da ficção, precisamos voltar para as palavras dos apóstolos que estavam lá quando Jesus andou na Terra e que escreveram seus testemunhos daquilo que viram e ouviram.

> Pois não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos. (*Atos 4:20, "Nova Versão Internacional"*).

3.3.1. AS TESTEMUNHAS OCULARES

Jesus tinha escolhido homens muito comuns para serem seus seguidores. Ele passou três anos com eles, ensinando sobre si mesmo e explicando as verdades profundas da Palavra de Deus. Durante esses três anos, Jesus realizou numerosos milagres, fez alegações audaciosas, e viveu uma vida absolutamente justa. Mais tarde, os apóstolos escreveram muitas das palavras e ações de Jesus. Esses relatos do Novo Testamento são extremamente confiáveis, ultrapassando todos os outros documentos históricos antigos em termos de autenticidade, conforme estudamos no segundo estágio deste estudo (integridade).

Estudiosos notaram que o Novo Testamento revela uma objetividade que faz os relatos dos apóstolos sobre Jesus totalmente críveis. Eles honestamente relataram o que viram e ouviram. O historiador Will Durant observou:

> Esses homens dificilmente eram do tipo que poderia ter sido escolhido para remodelar o mundo. Os evangelhos de forma realista diferenciam seus personagens, e honestamente expõem suas falhas [204].

Quando encontraram Jesus pela primeira vez, os apóstolos não tinham ideia de quem ele era. No entanto, à medida que ouviram suas palavras profundas e o viram restaurar a vista aos cegos e ressuscitar os mortos, eles podem ter lembrado das profecias que indicavam que o Messias seria o próprio Deus (Isaías 9:6; Miqueias 5:2). Mas quando o viram morrer na cruz, Jesus pareceu derrotado e impotente. Quaisquer pensamentos que eles possam ter tido de que Jesus era Deus, sem dúvida, desapareceu na cruz.

No entanto, três dias após o evento traumático, aquele que tinha aparecido impotente enquanto pendurado na cruz milagrosamente apareceu vivo aos seus seguidores. E ele tinha se reerguido corporalmente. Eles o viram, o tocaram, comeram com ele, e o ouviram falar de sua posição glorificada como autoridade suprema no universo. Simão Pedro, um dos mais próximos dos discípulos de Jesus, e uma testemunha ocular, escreveu:

> De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; ao contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade. Ele recebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando da suprema glória lhe foi dirigida a voz que disse: "Este é o meu filho amado, em quem me agrado." (*2 Pedro 1:16-17, "Nova Versão Internacional"*).

No entanto, será que o fato de que os apóstolos tinham visto a glória de Deus e ouvido sua voz por meio de Jesus significa que eles o consideravam como Deus? O estudioso do Novo Testamento A. H. McNeile nos deu a resposta:

> […] assim que a vida de Jesus terminou em aparente fracasso e vergonha, o grande corpo de cristãos – não um indivíduo aqui e ali, mas a massa da Igreja – passou imediatamente para a crença fixa de que ele era Deus [205].

Será que os apóstolos que escreveram relatos do Novo Testamento realmente acreditaram que Jesus é Deus, ou eles o consideraram como um ser criado? Se eles consideravam Jesus como Deus, o consideram como o criador do universo, ou algo menos? Aqueles que negam a divindade de Jesus dizem que os apóstolos ensinaram que Jesus é a suprema criação de Deus e que somente o Pai é o Deus eterno. Então, para esclarecer crenças sobre Jesus, vamos examinar suas palavras, fazendo três perguntas:

1. Os apóstolos e antigos cristãos adoraram e oraram a Jesus como Senhor?
2. Os apóstolos ensinaram que Jesus é o criador descrito em Gênesis?
3. Os apóstolos adoraram Jesus como preeminente no universo?

3.3.2. SENHOR

Depois da ascensão de Jesus, os apóstolos surpreenderam tanto judeus quanto romanos, proclamando Jesus como "Senhor". O título "Senhor" é usado livremente no Antigo Testamento e no Novo Testamento para se referir a Deus e a Jesus. No Antigo Testamento, a palavra hebraica para "Senhor" era *Adonai.* Na Septuaginta e no Novo Testamento, a palavra traduzida como "Senhor" é *Kurios.* Tanto *Adonai* quanto *Kurios* foram palavras

utilizadas pelos judeus como se referindo a Deus [206]. E os apóstolos fizeram o impensável e adoraram Jesus, até mesmo orando para ele como se ele fosse Deus. Estêvão orou: "Senhor Jesus, receba o meu espírito" (Atos 7:59), enquanto estava sendo apedrejado até a morte. Eclesiastes 12:7 afirmou que é Deus que recebe os espíritos daqueles que morrem.

Outros logo se juntaram a Estêvão, os quais, mesmo em face da morte, "nunca deixaram por um único dia [...] a ensinar e proclamar o evangelho de Jesus" (Atos 5:42). Os apóstolos, a maioria dos quais foi martirizada, passaram seu conhecimento de Jesus aos cristãos primitivos, alguns deles conhecidos como "pais da igreja", os quais continuaram a sua mensagem para a próxima geração.

Inácio, um discípulo do apóstolo João, escreveu sobre a segunda vinda de Jesus: "Procure por aquele que está acima do tempo, aquele que não tem tempo, aquele que é invisível." Em uma carta a Policarpo, ele afirmou: "Jesus é Deus", "Deus encarnado", e aos Efésios ele escreveu: "[...] o próprio Deus aparecendo na forma de um homem, para a renovação da vida eterna" (*Epístola de Inácio aos Efésios 4:13*).

Clemente de Roma, em 96 d.C., também ensinou a divindade de Jesus, dizendo: "Nós devemos pensar em Jesus Cristo como Deus" (*Segunda Epístola de Clemente aos Coríntios 1:1*).

Policarpo, também um aluno de João, foi julgado diante do procônsul romano por adorar a Jesus como Senhor. Enquanto a multidão frenética gritou por seu sangue, o juiz romano exigiu que ele anunciasse César como Senhor. Mas Policarpo se arriscou em vez de renunciar a Jesus como seu Senhor, respondendo: "Oitenta e seis anos tenho servido a Cristo, e ele nunca me fez nada de errado. Como posso blasfemar do meu Rei que me salvou?" [207].

Conforme a igreja primitiva crescia, **gnósticos e outros cultos começaram a ensinar que Jesus era um ser criado, inferior ao Pai.** Isso veio à tona no quarto século, quando Ário, um pregador popular da Líbia, convenceu muitos líderes de que Jesus não era totalmente Deus. Então, em 325 d.C., no Concílio de Niceia, os líderes das igrejas foram reunidos para debater a questão de saber se Jesus é o criador, ou simplesmente uma criação. Esses líderes das igrejas **afirmaram esmagadoramente a convicção cristã de longa data e o ensinamento do Novo Testamento que Jesus é plenamente Deus.**

Embora os primeiros cristãos acreditassem na divindade de Jesus, as igrejas não clarificaram o que isso significava até o Concílio de Niceia, em 325 d.C., no qual o imperador romano Constantino convocou os líderes das igrejas em conjunto para lidar com a visão de Ário de que Jesus era um ser criado. No entanto, **após um intenso debate sobre o significado das palavras dos apóstolos sobre Jesus no Novo Testamento, todos exceto dois dos 318 líderes das igrejas reafirmaram a crença cristã de que ele é plenamente Deus, coeterno, e coigual com o Pai e o Espírito Santo.**

3.3.3. CRIADOR

Em Gênesis, o Deus da Bíblia é revelado como o criador de tudo. Assim, teria sido heresia para um judeu pensar que um anjo ou qualquer outro ser criado fosse o criador. Isaías confirmou que Deus (Javé/Jeová) é o criador:

> Assim diz o SENHOR, o Santo de Israel, o seu Criador: "A respeito de coisas vindouras, você me pergunta sobre meus filhos, ou me dá ordens sobre o trabalho de minhas mãos? **Fui eu que fiz a terra e nela criei a humanidade. Minhas próprias mãos estenderam os céus; eu dispus o seu exército de estrelas.** Eu levantarei esse homem em minha retidão: farei direitos todos os seus caminhos. Ele reconstruirá minha cidade e libertará os exilados, sem exigir pagamento nem qualquer recompensa, diz o SENHOR dos Exércitos." (*Isaías 45:11-13, "Nova Versão Internacional"*).

Será que os apóstolos viam Jesus como parte da criação, ou como o criador?

3.3.3.1. O TESTEMUNHO DE JOÃO

Quando os discípulos de Jesus olharam para as estrelas nas noites escuras, provavelmente nem sequer sonharam que o criador dessas estrelas poderia estar diante deles. No entanto, depois de sua ressurreição, os

discípulos viram Jesus com novos olhos. E, antes que deixasse a Terra, Jesus começou a desdobrar mistérios a eles sobre sua identidade.

Recordando das palavras de seu Senhor, João começou o seu evangelho revelando quem é Jesus:

> No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. (*João 1:1-4, "Nova Versão Internacional"*).

Embora cientistas agora acreditem que o universo teve um começo, eles não podem nos dizer quem estava lá para começar tudo. João revelou que, antes da criação, "a Palavra" já existia e estava com Deus.

Então, quem ou o que é essa Palavra pré-existente? As próximas palavras de João esclarecem de quem ele estava falando: "e era Deus". Martin escreveu:

> Ao contrário das traduções do The Emphatic Diaglott e da New World Translation, a construção gramatical grega não deixa qualquer dúvida de que esta é a única apresentação possível do texto [...]. Na New World Translation o apêndice 773-777 tenta desacreditar o texto grego sobre esse ponto, pois os autores percebem que, se Jesus e Jeová são "um" em natureza, sua teologia não pode permanecer [...] [208].

Como judeu, João acredita em um Deus. Mas João está falando de duas entidades aqui, Deus e a Palavra. Alguns grupos que ensinam que Jesus foi criado traduzem erroneamente essa passagem para significar que a Palavra é "um deus" em vez de "Deus". Mas **o estudioso do Novo Testamento F. F. Bruce escreveu que "traduzir a expressão como 'um deus' é um erro de tradução assustador porque a omissão do artigo indefinido [um] é comum com os substantivos na construção predicativa"** [209]. Em outras palavras, uma construção predicativa confere ao sujeito ou ao objeto uma qualidade, uma característica, e nesse caso é comum a omissão de artigos indefinidos diante dos substantivos.

Por isso, grupos religiosos que persistem em dizer que Jesus é um ser criado alteraram a tradução "e era um deus" para "e era divina". Mas isso também não funciona. A tradução correta é "e era Deus", sem o artigo indefinido "um", como explicado acima. E ainda que a tradução "e era divina" fosse correta, "a Palavra" seria referida como "divina" de qualquer forma – e, se é divina, em última análise seria definida como Deus.

É evidente que a intenção do apóstolo João foi comunicar que "a Palavra" era o Deus descrito em Gênesis. Qualquer coisa diferente disso requer a manipulação do texto.

Portanto, João, sob a direção do Espírito Santo, nos disse:

1. A "Palavra" existiu antes da criação.

2. A "Palavra" é a criadora de tudo.

3. A "Palavra" é Deus (e não "um deus" ou "divina").

Até o momento, João nos disse que a Palavra é eterna, criou tudo, e é Deus. Mas ele não nos disse se a Palavra é uma força ou uma pessoa até João 1:14.

> Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. (*João 1:14, "Nova Versão Internacional"*).

João claramente se referiu aqui a Jesus. Adicionalmente, em sua primeira epístola, ele confirmou isso:

> O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam – isto proclamamos a respeito da Palavra da vida. (*1 João 1:1, "Nova Versão Internacional"*).

No entanto, no texto do Antigo Testamento, onde está "a Palavra"? Encontramos nos primeiros versos de Gênesis referências a Deus e ao Espírito de Deus (Espírito Santo). Onde está "a Palavra", ou o "Verbo"? "A

Palavra", ou o "Verbo de Deus", Jesus Cristo, aparece nos primeiros versos de Gênesis sempre que aparece a expressão **"Disse Deus"**! Assim, **nos três primeiros versos de Gênesis, já aparecem as três pessoas da Trindade: o Pai, o Filho (a Palavra, o Verbo), e o Espírito Santo.** Paulo corroborou com João, afirmando que Cristo criou todas as coisas (Colossenses 1:16-17), e João, no Apocalipse, afirmou que Jesus é a Palavra (Verbo) de Deus, Rei dos reis e Senhor dos senhores (Apocalipse 19:11-16).

> No princípio **Deus** criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o **Espírito de Deus** se movia sobre a face das águas. **Disse Deus:** "Haja luz", e houve luz. (*Gênesis 1:1-3, "Nova Versão Internacional"*).

> pois nele [Cristo] **foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele.** Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. (*Colossenses 1:16-17, "Nova Versão Internacional"*).

> Vi os céus abertos e diante de mim um cavalo branco, cujo cavaleiro [Cristo] se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e guerreia com justiça. Seus olhos são como chamas de fogo, e em sua cabeça há muitas coroas e um nome que só ele conhece, e ninguém mais. Está vestido com um manto tingido de sangue, e **o seu nome é Palavra [Verbo] de Deus**. Os exércitos dos céus o seguiam, vestidos de linho fino, branco e puro, e montados em cavalos brancos. De sua boca sai uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. "Ele as governará com cetro de ferro." Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso. Em seu manto e em sua coxa está escrito este nome: **REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES.** (*Apocalipse 19:11-16, "Nova Versão Internacional"*).

João nos deixou claro que nada existe que "a Palavra", Jesus Cristo, não tenha feito. Se nada existia além dele, segue-se que Jesus não poderia ter sido um ser criado. E, de acordo com João, a Palavra (Jesus) é Deus. Qualquer tentativa de descaracterizar a crença de João de que Jesus é Deus recorre à manipulação ou adulteração do texto bíblico.

3.3.3.2. O TESTEMUNHO DE PAULO

Ao contrário de João, o apóstolo Paulo, anteriormente Saulo de Tarso, era um oponente amargo e perseguidor dos cristãos, até que Jesus se revelou a ele em uma visão. Anos mais tarde, Paulo revelou aos cristãos colossenses o que tinha aprendido da identidade de Jesus:

> Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois **nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra,** as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; **todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste.** (*Colossenses 1:15-17, "Nova Versão Internacional"*).

Paulo revelou várias coisas importantes nessa passagem:

1. Jesus é a imagem de Deus.
2. Jesus é o "primogênito" da criação.
3. Jesus criou todas as coisas.
4. Jesus é a razão da criação.
5. Jesus existia antes de tudo.
6. Tudo subsiste em Jesus.

O que significa exatamente "imagem de Deus"? F. F. Bruce observou: "Chamar Cristo de 'a imagem de Deus' é dizer que nele o ser e a natureza de Deus foram perfeitamente manifestados – que nele o invisível tornou-se visível" [210]. Assim, Deus sendo visível em Cristo coincide com as próprias palavras de Jesus a Filipe: "quem me vê a mim vê o Pai" (João 14:9).

No versículo 15, a palavra grega para "primogênito" (*prototokos*) significa "supremo" em vez de significar o sentido temporal de ser "o primeiro a nascer" ou "nascido diante de" [211]. **"Primogênito" aqui tem o sentido de Jesus ter a primazia, assim como um primogênito tem uma posição de primazia, e não o sentido de ser o primeiro a nascer.** De acordo com Bruce, Paulo está se referindo à "pré-existência de Cristo e sua atividade cósmica na criação", e "denota não só a prioridade de Jesus, mas também a sua primazia" [212]. O que torna isso claro é o versículo 16, o qual nos diz que tudo no universo foi criado por meio de Jesus Cristo e também para ele.

No versículo 17 vemos o Cristo eterno sustentando a criação. De acordo com Paulo, cada átomo, cada fita de DNA, e todas as bilhões de galáxias são mantidas juntas pelo poder de Jesus Cristo. Assim, Jesus é aquele de quem tudo se originou, aquele para quem tudo foi criado, e aquele que mantém tudo isso junto.

3.3.3.3. O TESTEMUNHO DO AUTOR DO LIVRO DE HEBREUS

O Livro de Hebreus também revela Jesus como o criador de tudo. Sua passagem de abertura reflete as palavras de Paulo aos Colossenses:

> Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e **por meio de quem fez o universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa.** Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas, (*Hebreus 1:1-3, "Nova Versão Internacional"*).

Assim como João e Paulo revelaram, o autor de Hebreus nos disse que, antes de Jesus se fazer homem, Deus criou o universo por meio dele. E Hebreus também revela Jesus Cristo como aquele que o sustenta.

O versículo 3 fala de Jesus como o "resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser". A palavra grega aqui significa que "o Filho é o resplendor, a irradiação de glória da glória de Deus" [213]. Essa declaração em que Jesus é a "expressão exata do Deus infinito" confirma que os apóstolos acreditaram que Jesus é completamente Deus.

O autor de Hebreus então continua a nos dizer que Jesus não é apenas superior aos profetas, mas também muito acima dos anjos:

> tornando-se tão superior aos anjos quanto o nome que herdou é superior ao deles. (*Hebreus 1:4, "Nova Versão Internacional"*).

John Piper explicou por que Jesus é vastamente superior aos anjos:

> Nenhum anjo no céu jamais recebeu essa honra e carinho como o Filho recebeu desde toda a eternidade de seu Pai. Tão grandes e maravilhosos como anjos são, eles não rivalizam com o Filho [...]. O Filho de Deus não é um anjo – nem mesmo o mais alto arcanjo. Em vez disso, Deus diz: "Todos os anjos de Deus o adorem" (Hebreus 1:6). O Filho de Deus é digno de toda a adoração que os exércitos do céu podem dar, para não mencionar a nossa [214].

O autor de Hebreus divulgou a divindade de Jesus:

> Mas **a respeito do Filho,** diz [Deus o Pai diz]: "O teu trono, **ó Deus,** subsiste para todo o sempre; cetro de equidade é o cetro do teu Reino. (*Hebreus 1:8, "Nova Versão Internacional"*).

Mais tarde em Hebreus, aprendemos que Jesus Cristo "é o mesmo ontem, hoje e sempre", uma declaração clara de sua divindade eterna (Hebreus 13:8). **Um ser criado não é o mesmo hoje como ontem, porque não teria havido um momento em que ele não existisse.** Seria difícil de interpretar essas passagens em Hebreus como significando outra coisa senão o fato de que Jesus é o Deus de quem fala o Antigo Testamento, o qual, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, criou o universo.

Os apóstolos devem ter sido chocados ao saber que aquele que eles tinham visto sangrar e ser suspenso em uma cruz romana é o próprio e o mesmo que criou a árvore de que a cruz foi feita, bem como os homens que o pregaram nela.

3.3.4. O PREEMINENTE

Os primeiros cristãos foram acusados pelos romanos de roubar a glória de César e foram acusados pelos judeus de roubar a glória de Deus (Javé/Jeová). O cristianismo é criticado por alguns como sendo "muito focado em Jesus". Mas isso é o que os apóstolos pensaram? Vamos ouvir novamente de Paulo como ele escreveu aos cristãos colossenses sobre Jesus:

> Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia. Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude, e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão nos céus, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz. (*Colossenses 1:18-20, "Nova Versão Internacional"*).

E Isaías disse:

> Voltem-se para mim e sejam salvos, todos vocês, confins da terra; pois eu sou Deus, e não há nenhum outro. Por mim mesmo eu jurei, a minha boca pronunciou com toda a integridade uma palavra que não será revogada: diante de mim todo joelho se dobrará; junto a mim toda língua jurará. (*Isaías 45:22-23, "Nova Versão Internacional"*).

Mas como pode tanto Jesus como Javé/Jeová serem preeminentes? Pode haver uma pista em Gênesis, onde a palavra hebraica usada para Deus, o criador, é plural (*elohim*). E, quando Isaías afirmou que somente Deus criou tudo, a palavra hebraica para Deus também é plural. O Dr. Norman Geisler concluiu: **"Biblicamente falando, há evidências mais do que suficientes para concluir que a natureza fundamental de Deus é retratada pelas Escrituras como uma unidade plural"** [215].

Paulo atribuiu a Jesus as mesmas palavras de honra que Isaías atribui a Javé/Jeová:

> Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai. (*Filipenses 2:5-11, "Nova Versão Internacional"*).

Essa passagem revela que, antes que Jesus tivesse se tornado um homem, já tinha os direitos plenos de divindade. Paulo também nos disse que "se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai".

Mais de 700 anos antes de Cristo, Deus nos disse por meio de Isaías que somente ele é Deus, Senhor e salvador:

> "Vocês são minhas testemunhas", declara o SENHOR, "e meu servo, a quem escolhi, para que vocês saibam e creiam em mim e entendam que eu sou Deus. **Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim. Eu, eu mesmo, sou o SENHOR, e além de mim não há salvador algum.**" (*Isaías 43:10-11, "Nova Versão Internacional"*).

Também nos é dito no Antigo Testamento que somente Javé/Jeová criou o universo. Que "todo joelho se dobrará a ele". Que ele é "o SENHOR, o Rei de Israel". "O Redentor". "O primeiro e o último". Daniel o chamou de "Ancião de Dias". Zacarias falou sobre Deus: "o Rei, o SENHOR dos exércitos, que irá julgar a terra".

No Novo Testamento ouvimos João chamar Jesus de "Salvador", "Alfa e Ômega", "Primeiro e o Último", "Rei dos reis e Senhor dos senhores". Paulo nos disse que "todo joelho se dobrará a Jesus". Os apóstolos nos disseram que Jesus que julgará nosso destino eterno. Jesus é o Senhor preeminente do universo.

Packer argumentou que o cristianismo só faz sentido se Jesus for plenamente Deus:

> Se Jesus tivesse sido nada mais do que um homem muito notável, devoto, as dificuldades em acreditar no que o Novo Testamento nos diz sobre sua vida e obra seriam verdadeiramente montanhosas.

> Mas se Jesus era a mesma pessoa que a Palavra eterna, o agente do Pai na criação, "pelo qual também fez o universo" (Hebreus 1:2), não é de admirar se novamente atos de poder criativo marcassem sua entrada neste mundo, e sua vida nele, e sua saída dele. Não é estranho que ele, o autor da vida, deva ressuscitar dos mortos [...]. A encarnação é em si mesma um mistério insondável, mas faz sentido de tudo o mais que o Novo Testamento contém [216].

3.3.5. CONCLUSÃO SOBRE A CRENÇA DOS APÓSTOLOS EM RELAÇÃO À DIVINDADE DE JESUS

Se Jesus é Javé/Jeová, então a mensagem cristã é que o próprio Deus veio à Terra, permitiu que os homens cuspissem nele, zombassem dele, e o pregassem numa cruz como um sacrifício supremo por causa do nosso pecado. **A perfeita justiça de Deus poderia ser satisfeita somente pelo próprio Deus como o pagamento pelo nosso pecado e injustiça. Nenhum anjo ou representante criado seria suficiente. Tal ato de condescendência demonstra a imensidade do amor do Pai, assim como o alto valor que ele atribui a cada um de nós. E isso é exatamente o que os apóstolos ensinaram e tão fervorosamente pregaram.**

Em suas palavras de despedida aos anciãos de Éfeso, Paulo os encorajou a "pastorear a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue" (Atos 20:28). Paulo está ecoando uma profecia de Zacarias onde Deus (Javé/Jeová) disse:

> Naquele dia o SENHOR protegerá os que vivem em Jerusalém, e assim o mais fraco dentre eles será como Davi, e a família de Davi será como Deus, como o anjo do SENHOR que vai adiante deles. "Naquele dia procurarei destruir todas as nações que atacarem Jerusalém. E derramarei sobre a família de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de ação de graças e de súplicas. **Olharão para mim [o SENHOR], aquele a quem traspassaram,** e chorarão por ele como quem chora a perda de um filho único, e se lamentarão amargamente por ele como quem lamenta a perda do filho mais velho." (*Zacarias 12:8-10, "Nova Versão Internacional"*).

Zacarias revelou que o traspassado na cruz não era outro senão o próprio Deus. Assim, vemos que Jesus Cristo traz o Antigo Testamento e o Novo Testamento juntos como instrumentos separados harmonizados para criar uma bela sinfonia. Pois, a menos que Jesus seja Deus, o cristianismo perde o seu tema central. Mas se Jesus é Deus, tudo se encaixa como peças de um quebra-cabeça. Kreeft e Tacelli explicam:

> Se Cristo é divino, então a encarnação de Deus é o evento mais importante da história. Ela é o eixo da história. Isso muda tudo.
>
> Se Cristo é Deus, então, quando ele morreu na cruz, a porta do céu, fechada pelo pecado, abriu-se a nós pela primeira vez desde o Éden. Nenhum evento da história poderia ser mais importante para cada pessoa na Terra do que isso.
>
> Se Cristo é Deus, então, uma vez que ele é onipotente e presente agora mesmo, ele pode transformar você e sua vida agora como nada e ninguém mais possivelmente pode.
>
> Se Cristo é divino, ele tem o direito sobre toda a nossa vida, incluindo a nossa vida interior e nossos pensamentos [217].

Os apóstolos fizeram Jesus o Senhor de suas vidas, escreveram sobre ele como criador, e o adoraram como preeminente. Essas primeiras testemunhas estavam absolutamente convencidas de que Deus tinha visitado o planeta Terra na pessoa de Jesus Cristo, que irá retornar como Rei dos reis e Senhor dos senhores, assim como nosso juiz eterno. Em sua carta a Tito, Paulo revelou a identidade de Jesus e o propósito de Deus para as nossas vidas:

> Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente, enquanto aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de **nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo.** (*Tito 2:11-13, "Nova Versão Internacional"*).

Para essa passagem, a regra de *Granville Sharpe* de gramática grega afirma que, quando dois substantivos são juntados por *kai* ("e") e o primeiro substantivo tem o artigo, e o segundo não, os dois

substantivos referem-se à mesma coisa. Por isso, na expressão "grande Deus e Salvador", tanto "Deus" quanto "Salvador" se referem a Jesus Cristo [218].

3.4. PODEMOS CONCLUIR QUE JESUS É DEUS? [219]

Pelo que estudamos até agora, notamos que a quantidade de evidência para afirmar que Jesus Cristo é Deus é assoladora.

Não encontramos defeitos internos e externos nas testemunhas e testemunho do Novo Testamento, **sendo que o melhor veredito é que ele é verdadeiro.**

Ao identificarmos o Jesus Cristo bíblico, verificamos que **ele é o Messias, e o Messias é Deus.**

Verificamos que **Jesus alegou ser Deus**.

Verificamos que as testemunhas oculares de Jesus, **os apóstolos, creram que Jesus é Deus.**

Uma vez que a divindade de Cristo traz enormes implicações para nós, façamos ainda mais esta vez algumas investigações sobre ela. Também, quando oportuno, lembraremos alguns dos pontos que já estudamos anteriormente, de forma a responder a esta questão tão importante: **Jesus é mesmo Deus?** Aqui teremos evidências mais do que suficientes para responder decisivamente a essa pergunta. Outras questões sobre a divindade de Cristo são abordadas no quarto estágio deste estudo (divindade).

Você já conheceu um homem que é o centro das atenções onde quer que vá? Algum misterioso, indefinível conjunto de características o distinguem de todos os outros homens. Bem, era assim que era há dois mil anos com Jesus Cristo. Mas não foi apenas a personalidade de Jesus que cativou aqueles que o ouviram. Aqueles que testemunharam suas palavras e vida nos dizem que algo sobre Jesus de Nazaré era diferente de todos os outros homens.

As únicas credenciais de Jesus foram ele próprio. Ele nunca escreveu um livro, comandou um exército, reteve um cargo político, ou foi dono de propriedades. Ele viajou principalmente dentro de cem milhas (160 quilômetros) de sua aldeia, atraindo multidões que foram surpreendidas com as suas palavras provocativas e ações impressionantes.

No entanto, a grandeza de Jesus foi óbvia para todos aqueles que o viram e ouviram. E enquanto a maioria das grandes pessoas acaba desaparecendo e sendo lembrada apenas em livros de história, Jesus ainda é o foco de milhares de livros e controvérsia inigualável na mídia. E muita da controvérsia gira em torno das alegações radicais que Jesus fez sobre si mesmo – alegações que espantaram tanto seus seguidores quanto seus adversários.

Foram principalmente as alegações únicas de Jesus que o levaram a ser visto como uma ameaça tanto pelas autoridades romanas quanto pela hierarquia judaica. Embora ele fosse um forasteiro sem credenciais ou sem base de poder político, dentro de três anos Jesus mudou o mundo pelos próximos vinte séculos. Outros líderes morais e religiosos deixaram um impacto – mas nada como aquele desconhecido filho de carpinteiro de Nazaré.

O que havia em Jesus Cristo que fez tanta diferença? Ele era apenas um grande homem, ou algo mais?

Essas perguntas chegam à questão central de quem Jesus realmente foi. Alguns acreditam que ele foi apenas um grande professor de moral. Outros acreditam que ele foi simplesmente o maior líder de religião do mundo. Mas muitos acreditam que ele foi algo muito maior. Os cristãos acreditam que Deus realmente nos visitou em forma humana. E eles acreditam que a evidência comprova isso.

Depois de examinar cuidadosamente a vida e as palavras de Jesus, o ex-professor de Cambridge e cético, C. S. Lewis, chegou a uma conclusão surpreendente sobre Cristo que alterou o curso da sua vida. Então, quem é o verdadeiro Jesus? Muitos vão responder que Jesus era um grande professor de moral. Conforme damos uma olhada mais profunda na pessoa mais controversa do mundo, começamos por perguntar: "Jesus poderia ter sido apenas um grande professor de moral?"

O argumento para crer que Jesus é Deus, o Messias, é criticamente importante. É uma afirmação que, se verdadeiramente crida, fará com que uma pessoa aja de acordo e descubra que sua vida mudou para sempre. Se você ainda não o fez, leia também o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

> Alexandre, César, Carlos Magno e eu fundamos impérios; mas em que fundamento estabelecemos as criações de nosso gênio? Sobre a força! Mas Jesus Cristo fundou o seu sobre o amor; e nessa hora milhões de homens morreriam por ele. (*Napoleão Bonaparte*).

> Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. Pois com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para salvação. Como diz a Escritura: "Todo o que nele confia jamais será envergonhado." Não há diferença entre judeus e gentios, pois o mesmo Senhor é Senhor de todos e abençoa ricamente todos os que o invocam, porque "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo." (*Romanos 10:9-13, "Nova Versão Internacional"*).

> Pedro respondeu: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo." (*Atos 2:38, "Nova Versão Internacional"*).

> E, agora, que está esperando? Levante-se, seja batizado e lave os seus pecados, invocando o nome dele. (*Atos 22:16, "Nova Versão Internacional"*).

3.4.1. GRANDE PROFESSOR DE MORAL?

Mesmo aqueles de outras religiões reconhecem que Jesus foi um grande professor de moral. O líder indiano Mahatma Gandhi falou muito bem da vida justa de Jesus e suas palavras profundas [220]. Da mesma forma, o estudioso judeu Joseph Klausner escreveu: "É universalmente admitido [...] que Cristo ensinou a ética mais pura e sublime [...] que lança os preceitos morais e as máximas dos homens mais sábios da antiguidade para longe na sombra" [221].

O "Sermão do Monte" de Jesus tem sido chamado como o ensinamento mais superlativo de ética humana já proferida por um indivíduo. Na verdade, muito do que hoje conhecemos como "direitos iguais", na verdade, é o resultado do ensinamento de Jesus. O historiador Will Durant, um não cristão, disse de Jesus:

> [...] ele viveu e lutou incessantemente por "direitos iguais"; nos tempos modernos, ele teria sido enviado para a Sibéria. "Aquele que é o maior entre vós, seja vosso servo" – essa é a inversão de toda a sabedoria política, de toda a sanidade [222].

Muitos, como Gandhi, tentaram separar o ensinamento de Jesus sobre ética de suas afirmações sobre si mesmo, acreditando que ele foi simplesmente um grande homem que ensinou princípios morais elevados. Essa foi a abordagem de um dos fundadores dos Estados Unidos, o presidente Thomas Jefferson, que preparou para si uma cópia particular do Novo Testamento, removendo seções que pensava que se referiam à divindade de Jesus, enquanto deixava outras passagens sobre o ensinamento de Jesus sobre ética e moral [223]. Jefferson carregou consigo seu Novo Testamento editado, referindo-se a Jesus como talvez o maior professor de moral de todos os tempos.

De fato, as palavras memoráveis de Jefferson na declaração de independência foram enraizadas nos ensinamentos de Jesus: cada pessoa tem uma importância imensa e igual para Deus, independentemente do sexo, raça ou *status* social. O famoso documento estabelece: "Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo criador de certos direitos inalienáveis [...]."

Mas uma coisa Jefferson não respondeu: **se Jesus falsamente afirmou ser Deus, ele não poderia ter sido um bom professor moral.** No entanto, novamente, será que Jesus realmente é Deus? Precisamos antes examinar a possibilidade de que ele fosse simplesmente um grande líder religioso.

3.4.2. GRANDE LÍDER RELIGIOSO?

Surpreendentemente, Jesus nunca alegou ser um líder religioso. Ele nunca se envolveu em política religiosa ou teve uma agenda ambiciosa, e ministrou quase inteiramente fora do âmbito religioso estabelecido.

Quando Jesus é comparado aos outros grandes líderes religiosos, uma distinção notável emerge. Ravi Zacharias tem estudado as religiões do mundo e observou uma distinção fundamental entre Jesus Cristo e os fundadores de outras grandes religiões. Todas as religiões fornecem instruções para um modo de vida. Mas é apenas Jesus que oferece libertação, perdão dos pecados e transformação. "Jesus não somente ensinou ou expôs a sua mensagem. Ele era idêntico à sua mensagem" [224].

A verdade do ponto de Zacharias é sublinhada pelo número de vezes nos evangelhos em que a mensagem de ensino de Jesus foi simplesmente "vinde a mim" ou "siga-me" ou "obedeça-me". Também, Jesus deixou claro que **sua missão primária era perdoar pecados, algo que apenas Deus poderia fazer.**

Em "The World's Great Religions", Huston Smith observou que, de todos os líderes religiosos, apenas Jesus afirmou ser divino [225]. E isso nos leva à questão do que Jesus realmente alegou sobre si mesmo.

3.4.3. JESUS AFIRMOU SER DEUS

Já estudamos a questão anteriormente: Jesus afirmou ser Deus. O que convenceu muitos estudiosos de que Jesus afirmou ser Deus? O autor John Piper explicou que Jesus alegou poder que pertencia exclusivamente a Deus:

> [...] Os amigos e os inimigos de Jesus ficaram atônios de novo e de novo com o que ele disse e fez. Ele estaria andando pela rua, aparentemente como qualquer outro homem, então, se vira e diz algo como: "Antes que Abraão existisse, Eu Sou". Ou: "Se você me viu, você viu o Pai". Ou, muito calmamente, depois de ter sido acusado de blasfêmia, ele diria: "O Filho do Homem tem na Terra poder para perdoar pecados". Para os mortos, ele pode simplesmente dizer: "Saia", ou: "Levanta-te". E eles iriam obedecer. Para as tempestades no mar, ele dizia: "Acalma-te". E, para um pedaço de pão, ele diria: "Venha a ser mil refeições". E isso foi feito imediatamente [226].

Mas o que Jesus realmente quis dizer com essas declarações? É possível que Jesus fosse apenas um profeta como Moisés, ou Elias, ou Daniel? Mesmo uma leitura superficial dos evangelhos revela que Jesus afirmou ser alguém mais do que um profeta. Nenhum outro profeta havia feito tais afirmações sobre si mesmo. De fato, nenhum outro profeta se colocou no lugar de Deus.

Alguns argumentam que Jesus nunca disse explicitamente: "Eu sou Deus." É verdade que ele nunca disse as palavras exatas "eu sou Deus". No entanto, Jesus também nunca disse explicitamente "eu sou um homem", ou "eu sou um profeta". Ainda assim, Jesus foi, sem dúvida alguma, humano, e seus seguidores o consideravam um profeta como Moisés e Elias. Portanto, não podemos descartar a possibilidade de Jesus ser divino apenas porque ele não disse essas palavras exatas mais do que podemos dizer que ele não era um profeta.

De fato, as afirmações de Jesus sobre si mesmo contradizem a noção de que ele era simplesmente um grande homem ou um profeta. Em mais de uma ocasião, Jesus se referiu a si mesmo como Filho de Deus. Bono, o vocalista do U2, foi questionado se achava implausível que Jesus fosse o Filho de Deus. Ele respondeu:

> Não, não é implausível para mim. Olha, a resposta secular para a história de Cristo sempre é assim: "Ele foi um grande profeta, obviamente um cara muito interessante, tinha muito a dizer ao longo das linhas de outros grandes profetas, [...]." Mas, na verdade, Cristo não permite isso. Ele não deixa você fora do gancho. Cristo diz: "Não, eu não estou dizendo que eu sou um professor, não me chame de professor. Eu não estou dizendo que sou um profeta [...]. Eu estou dizendo que eu sou Deus encarnado." E as pessoas dizem: "Não, não, por favor, apenas seja um profeta. Um profeta podemos aceitar" [227].

É importante entender que Jesus fez suas alegações no contexto da crença judaica em um Deus (monoteísmo). Nenhum judeu fiel jamais acreditaria em mais de um Deus. E Jesus acreditava no único Deus, orando a seu Pai como "o único Deus verdadeiro" (João 17:3).

Entretanto, nessa mesma oração, Jesus falou de ter sempre ter existido com o Pai. E quando Filipe pediu a Jesus para mostrar o Pai a ele e aos discípulos, Jesus disse: "Filipe, eu estive com você por tanto tempo e você não me conhece? Quem me vê a mim, vê o Pai" (João 14:9). Então a questão é: "Jesus estava afirmando ser o Deus hebreu que criou o universo?"

3.4.3.1. JESUS ALEGOU SER O DEUS DE ABRAÃO E MOISÉS

Jesus continuamente referiu a si mesmo de maneiras que confundiram seus ouvintes. Como Piper observou, Jesus fez a declaração audaciosa: "Antes que Abraão existisse, Eu Sou" (João 8:58). Ele disse a Marta e aos outros ao seu redor: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá" (João 11:25). Da mesma forma, Jesus fez afirmações como: "Eu sou a luz do mundo" (João 8:12), "Eu sou o único caminho para Deus" (João 14:6) e "Eu sou a verdade" (João 14:6). Essas e várias outras de suas alegações foram precedidas pelas palavras sagradas para Deus, "Eu Sou" (*ego eimi*). Já estudamos antes o que Jesus quis dizer com essas declarações e qual é o significado do termo "Eu Sou".

Nas escrituras hebraicas, quando Moisés perguntou a Deus o seu nome na sarça ardente, Deus respondeu: "Eu Sou". Ele estava revelando a Moisés que ele é o único Deus que está fora do tempo e sempre existiu. Incrivelmente, Jesus estava usando essas palavras santas para descrever a si mesmo. A pergunta é: "Por quê?"

Desde o tempo de Moisés, nenhum judeu fiel jamais referiria a si mesmo, ou a qualquer outra pessoa, por "Eu Sou". Como resultado, as alegações relatadas a "Eu Sou" de Jesus enfureceram os líderes judeus. Uma vez, por exemplo, alguns judeus explicaram a Jesus a razão de estarem tentando matá-lo: "porque você é um simples homem e se apresenta como Deus" (João 10:33).

O uso do nome de Deus por Jesus irritou muito os líderes religiosos. O ponto é que esses estudiosos do Antigo Testamento sabiam exatamente o que ele estava dizendo – ele estava afirmando ser Deus, o criador do universo. É apenas essa alegação que teria trazido a acusação de blasfêmia. Ler no texto que Jesus afirmou ser Deus é claramente garantido, não apenas por suas palavras, mas também pela reação dos líderes religiosos judaicos a essas palavras.

C. S. Lewis inicialmente considerou Jesus um mito. Mas esse gênio literário que conhecia mitos muito bem concluiu que Jesus tinha que ter sido uma pessoa real. Além disso, conforme Lewis investigava as evidências de Jesus, tornou-se convencido de que não apenas Jesus era verdadeiro, mas era diferente de qualquer homem que já tinha vivido.

"Então vem o verdadeiro choque", escreveu Lewis: "Entre esses judeus de repente aparece um homem que vem andando e fala como se ele fosse Deus. Ele afirma perdoar pecados. Ele diz que sempre existiu. Ele diz que ele está vindo para julgar o mundo no fim dos tempos" [228].

Para Lewis, **as alegações de Jesus eram simplesmente radicais e profundas demais para terem sido feitas por um professor ou líder religioso.**

3.4.3.2. QUE TIPO DE DEUS?

Alguns argumentaram que Jesus estava apenas dizendo ser parte de Deus. Mas a ideia de que todos nós somos parte de Deus, e que dentro de nós está a semente da divindade, simplesmente não é um possível significado para as palavras e ações de Jesus. Tais pensamentos são revisionistas, estrangeiros ao ensino de Jesus, estrangeiros às crenças declaradas de Jesus, e estrangeiros em relação à compreensão que os dicípulos tinham de seu ensino.

Jesus ensinou que ele é Deus da forma como os judeus entenderam Deus e da forma como as Escrituras hebraicas retratavam Deus, e não da forma como o movimento da Nova Era entende Deus. Jesus e sua audiência, quando falavam de Deus, **não estavam falando de forças cósmicas.** É simplesmente história ruim tentar redefinir o que Jesus queria dizer com o conceito de Deus. Lewis explicou:

> Agora vamos deixar isso claro. Entre panteístas, como os indianos, alguém pode dizer que foi uma parte de Deus, ou um com Deus [...]. Mas **esse homem [Cristo], uma vez que era um judeu, não poderia significar esse tipo de Deus. Deus, na linguagem deles, significava que o ser fora do mundo, que fez o mundo, e que é infinitamente diferente de qualquer outra coisa.** E uma vez que você entende isso, você vê que **o que esse homem disse foi, muito simplesmente, a coisa mais chocante que já foi pronunciada por lábios humanos** [229].

Certamente existem aqueles que aceitam Jesus como um grande professor, mas não estão dispostos a chamá-lo de Deus. Como um deísta, vimos que Thomas Jefferson não tinha nenhum problema em aceitar os ensinamentos de Jesus sobre moral e ética, enquanto negava sua divindade. Um deísta é alguém que acredita em um Deus distante, uma divindade que criou o mundo e, em seguida, deixou-o funcionar de acordo com leis pré-estabelecidas. Deísmo era uma moda entre os intelectuais da época da independência da América, e Jefferson comprou a ideia.

Porém, como já dissemos, e continuaremos a explorar, se Jesus não era quem dizia ser, então devemos examinar algumas outras alternativas, nenhuma das quais faria dele um grande professor de moral. Lewis argumentou:

> Eu estou tentando aqui impedir que alguém diga uma verdadeira tolice que muitas vezes as pessoas dizem sobre ele: "Estou pronto para aceitar Jesus como um grande professor de moral, mas não aceito a sua alegação de ser Deus." Essa é a única coisa que não devemos dizer [230].

Em sua busca pela verdade, Lewis sabia que ou Jesus era quem dizia ser, Deus na carne, ou suas alegações eram falsas. E, se eram falsas, Jesus não poderia ser um grande professor de moral. Ele estaria mentindo deliberadamente, ou seria um lunático com um complexo de ser Deus.

3.4.4. PODERIA JESUS TER MENTIDO?

"Mentiroso" é um rótulo que certamente não se encaixa com o alto ensinamento moral e ético de Jesus. No entanto, se Jesus não é quem ele dizia ser, devemos considerar a opção de que ele estava intencionalmente enganando a todos.

Uma das mais conhecidas e mais influentes obras políticas de todos os tempos foi escrita por Nicolau Maquiavel em 1532. Em seu clássico "O Príncipe", Maquiavel exalta o poder, sucesso, imagem e eficiência acima da lealdade, fé e honestidade. De acordo com Maquiavel, está tudo bem em mentir se isso realizar um fim político.

Será que Jesus Cristo poderia ter construído todo o seu ministério sobre uma mentira para ganhar poder, fama ou sucesso? Na verdade, os oponentes judeus de Jesus estavam constantemente tentando expô-lo como uma fraude e como mentiroso. Eles lançavam a ele muitas perguntas astutas na tentativa de derrubá-lo e fazê-lo contradizer-se. Ainda assim, Jesus respondeu com notável coerência.

A pergunta com a qual devemos lidar é: "O que poderia motivar Jesus para viver toda a sua vida como uma mentira?" Ele ensinou que Deus se opunha à mentira e hipocrisia, então não teria feito isso a fim de agradar seu Pai. Ele certamente não mentiria para o benefício de seus seguidores, uma vez que todos, exceto um, foram martirizados em vez de renunciar seu senhorio. E, assim, restam apenas duas outras explicações razoáveis, sendo que ambas são problemáticas.

3.4.4.1. BENEFÍCIO PESSOAL

Muitas pessoas têm mentido para obter benefício pessoal. De fato, a motivação de muitas mentiras é algum percebido ganho. O que poderia Jesus ter esperado ganhar ao mentir sobre sua identidade? Poder seria a resposta mais óbvia. Se as pessoas acreditassem que ele era Deus, ele teria um tremendo poder. É por isso que muitos líderes antigos, como os césares, afirmaram ter origem divina.

O embate com essa explicação é que Jesus evitava todas as tentativas para movê-lo na direção do poder. Ao invés disso, ele repreendeu aqueles que abusaram do poder e aqueles que viveram suas vidas perseguindo o poder. Ele também escolheu alcançar os excluídos (prostitutas, publicanos e leprosos), aqueles sem poder, criando uma rede de pessoas cuja influência foi menor que zero. **De uma forma que poderia apenas ser descrita como bizarra, tudo o que Jesus fez e disse se moveu diametralmente na outra direção do poder.**

Se o poder fosse a motivação de Jesus, ele teria evitado a cruz a todo custo. No entanto, em várias ocasiões, ele disse aos seus discípulos que a cruz era o seu destino e missão. Como morrer em uma cruz romana iria trazer poder a alguém?

A morte, é claro, traz todas as coisas em foco adequado. E enquanto muitos mártires morreram por uma causa em que acreditavam, poucos estavam dispostos a morrer por uma mentira conhecida. **Certamente todas as esperanças de ganho próprio para Jesus teriam terminado na cruz. No entanto, mesmo em seu último suspiro, ele não renunciou a sua pretensão de ser o único Filho de Deus.** O estudioso do Novo Testamento J. I. Packer assinalou que esse título afirma a divindade pessoal de Jesus [231].

3.4.4.2. UM LEGADO

Então, se Jesus não estava mentindo para conseguir poder, talvez suas afirmações radicais fossem falsas a fim de deixarem um legado. Mas **a perspectiva de ser violentamente açoitado e pregado em uma cruz iria rapidamente arrefecer o entusiasmo dos aspirantes a superastros.**

Aqui está outro fato assombroso. Se Jesus tivesse simplesmente largado a pretensão de ser o Filho de Deus, ele nunca teria sido condenado. **Foi por causa da pretensão de ser Deus e por sua falta de vontade de se desapegar dessa posição que Jesus foi crucificado.**

Se melhorar a sua credibilidade e reputação histórica foi o que motivou Jesus a mentir, é preciso explicar como o filho de um carpinteiro de uma aldeia pobre da Judeia poderia antecipar os eventos que catapultariam o seu nome à proeminência em todo o mundo. **Como ele poderia saber se a sua mensagem iria sobreviver? Os discípulos de Jesus tinham fugido e Pedro o tinha negado. Não é a fórmula para o lançamento de um legado religioso. Se Jesus fosse mentiroso, seus seguidores continuariam sendo pessoas tristes e reclusas que se dissipariam e não espalhariam nenhum tipo de legado para o mundo, uma vez que o tal "legado", na verdade, teria sido um fracasso.** Isso é atestado nas palavras do respeitado fariseu Gamaliel:

> Mas um fariseu chamado Gamaliel, mestre da lei, respeitado por todo o povo, levantou-se no Sinédrio e pediu que os homens fossem retirados por um momento. Então lhes disse: "Israelitas, considerem cuidadosamente o que pretendem fazer a esses homens. Há algum tempo, apareceu **Teudas, reivindicando ser alguém,** e cerca de quatrocentos homens se juntaram a ele. **Ele foi morto, todos os seus seguidores se dispersaram e acabaram em nada.** Depois dele, nos dias do recenseamento, apareceu **Judas, o galileu, que liderou um grupo em rebelião. Ele também foi morto, e todos os seus seguidores foram dispersos.** Portanto, neste caso eu os aconselho: deixem esses homens em paz e soltem-nos. **Se o propósito ou atividade deles for de origem humana, fracassará; se proceder de Deus, vocês não serão capazes de impedi-los, pois se acharão lutando contra Deus".** (*Atos 5:34-39, "Nova Versão Internacional"*).

Em outras palavras, se Jesus quis "deixar um legado" fazendo uso de mentiras, sua obra teria fracassado, como nos casos de Teudas e Judas, o galileu.

Historiadores acreditam que Jesus mentiu? Estudiosos têm examinado as palavras e a vida de Jesus para verificar se há alguma evidência de defeito em seu caráter moral. Na verdade, até mesmo os céticos mais ardentes estão surpresos com a pureza moral e ética de Jesus.

Segundo o historiador Philip Schaff, não há nenhuma evidência, tanto na história da Igreja ou na história secular, de que Jesus mentiu sobre qualquer coisa. Schaff argumentou:

> Como, em nome da lógica, bom senso e experiência, poderia um homem fraudulento, egoísta, e depravado ter inventado, e consistentemente mantido desde o começo ao fim, o caráter mais puro e nobre conhecido na história com o mais perfeito ar de verdade e realidade? [232].

Manter a crença de que Jesus foi mentiroso parece nadar contra a corrente de tudo o que Jesus ensinou e por tudo que ele viveu e morreu. Para muitos estudiosos, isso simplesmente não faz sentido. No entanto, para negar as alegações de Jesus, deve-se chegar a uma explicação. E se as alegações de Jesus não são verdadeiras, e ele não estava mentindo, a única opção restante é que ele deve ter sido autoenganado.

3.4.5. PODERIA JESUS TER SE AUTOENGANADO?

Albert Schweitzer, recebedor do Prêmio Nobel em 1952 por seus esforços humanitários, tinha seus próprios pontos de vista sobre Jesus. Schweitzer concluiu que a insanidade estava atrás de afirmação de Jesus ser Deus. Em

outras palavras, Jesus estava errado sobre suas alegações, mas não mentiu intencionalmente. De acordo com essa teoria, Jesus estava iludido de que realmente ele era o Messias.

Lewis considerou essa opção com cuidado. Ele deduziu que se as alegações de Jesus não fossem verdade, então ele deve ter sido louco. Lewis argumentou que **alguém que alegava ser Deus não seria um grande professor de moral. "Ele seria ou um lunático – do mesmo nível de alguém que diz que é um ovo cozido – ou então seria o diabo do inferno"** [233].

Muitos dos que estudaram a vida e as palavras de Jesus o reconhecem como extremamente racional. O renomado filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), apesar de sua própria vida estar cheia de imoralidade e ceticismo pessoal, reconheceu o caráter e a presença de mente superior de Jesus, afirmando: "Quando Platão descreveu seu homem justo imaginário [...], descreveu exatamente o caráter de Cristo [...]. Se a vida e a morte de Sócrates são as de um filósofo, a vida e morte de Jesus Cristo são as de um Deus" [234].

Bono, vocalista do U2, concluiu que "doido" é a última coisa com a qual se poderia rotular a Jesus:

> Então, o que resta a você é que ou Cristo foi quem ele disse que era, ou um doido completo. Quero dizer, estamos falando de doido no nível de Charles Manson [...]. Eu estou não brincando aqui. A ideia de que todo o curso da civilização por mais da metade do globo poderia ter seu destino mudado e virado de cabeça para baixo por um doido, para mim, é forçada [...] [235].

Então, Jesus foi um mentiroso, ou um lunático, ou ele era o Filho de Deus? Jefferson poderia ter tido razão ao rotular Jesus como "apenas um bom professor de moral" enquanto negava sua divindade? Curiosamente, a audiência que ouviu Jesus – tanto aqueles que creram como os inimigos – nunca o viram como um mero professor de moral. Jesus produziu três principais efeitos nas pessoas que o conheceram: ódio, terror, ou adoração.

As alegações de Jesus Cristo nos forçam a escolher. Como Lewis afirmou, **não podemos colocar Jesus na categoria de ser apenas um grande líder religioso ou um bom professor de moral.** Esse ex-cético nos desafiou a tomarmos nossas próprias decisões a respeito de Jesus, afirmando:

> Você deve fazer a sua escolha. Ou esse homem foi, e é, o Filho de Deus, ou é um louco ou algo pior. Você pode calá-lo por ser um tolo, pode cuspir nele e matá-lo como um demônio ou você pode cair a seus pés e chamá-lo Senhor e Deus. Mas não vamos vir com tal bobagem sobre ele ser um grande professor humano. Ele não deixou essa abertura para nós. Ele não tinha a intenção de deixar [236].

Em sua obra "Mere Cristianity", Lewis explorou as opções sobre a identidade de Jesus, concluindo que ele é exatamente quem ele dizia ser. Seu exame cuidadoso da vida e das palavras de Jesus levou esse grande gênio literário a renunciar seu ateísmo e proclamar-se cristão.

A maior questão na história da humanidade é: "Quem é o verdadeiro Jesus Cristo?" Bono, Lewis, e inúmeros outros têm concluído que Deus visitou o nosso planeta em forma humana. Mas se isso for verdade, então seria de esperar que ele estivesse vivo hoje. E isso é exatamente o que seus seguidores acreditam.

3.4.6. JESUS É DEUS: VISÃO GERAL

Durante décadas, Billy Graham lembrou inúmeros milhões de pessoas da taxa de sucesso da morte: 100%. Tão certo como você nasceu, você vai morrer. No entanto, mesmo que você não tenha fé em Jesus como o Cristo ressuscitado, mesmo que você ache que a Bíblia é algo diferente do que afirma ser, é provável que você prefira sobreviver à morte. A pergunta é: "Como?" Alguém realmente fez isso?

Na história mundial de grandes pensadores, filósofos, cientistas e líderes, por que Jesus é o mais amplamente crido como tendo retornado da morte?

O grande artista de fuga Houdini jurou escapar da morte, se possível, mas ainda não voltou. Algumas pessoas acreditam que foram reencarnadas depois de terem vivido uma ou mais vidas passadas.

Existiram também pessoas que sofreram breves períodos de morte clínica em acidentes de afogamento e situações hospitalares, mas sobreviveram para contar sobre isso. Mas essas pessoas não haviam passado pelo ponto clínico sem retorno – eram geralmente "ressuscitadas" em minutos (mais tempo para as vítimas de congelamento), não em dias, e geralmente pela resposta rápida de equipamentos ou técnicas modernas de salvamento. O cadáver deles não foi deixado pregado em uma cruz por muitas horas, perfurado por uma lança empurrada para dentro da cavidade torácica em boa medida, embalsamado e depois sepultado e abandonado por mais de duas noites.

Ao contrário de qualquer outra pessoa, Jesus afirmou antes de morrer que tinha autoridade para dar sua vida e retomá-la (João 10:17-18). **Autoridade é a palavra-chave. Se Jesus tomou sua vida de volta no terceiro dia após sua morte, isso é a demonstração final de sua autoridade sobre a vida e a morte.**

A ressurreição, combinada com os cumprimentos das profecias messiânicas por parte de Jesus, constitui a evidência central afirmando as crenças de muitas testemunhas oculares naquela época: Jesus é realmente o Senhor todo-poderoso. **Se Jesus tem o poder e autoridade para dar sua própria vida e retomá-la, então ele tem o poder e autoridade para tomar a nossa, também.**

Vamos rever as três principais evidências do argumento para a divindade de Jesus Cristo:

1. As **profecias maiores** concernentes ao Messias, as quais foram escritas séculos antes de Jesus nascer, que ele cumpriu.

2. Os **registros históricos** deixados por fontes não bíblicas sobre Jesus.

3. O **testemunho** daqueles que melhor conheceram Jesus.

3.4.6.1. RESUMO: PROFECIAS MESSIÂNICAS MAIORES

O cânon do Antigo Testamento foi fechado muito antes da chegada de Jesus na Terra. Ele continha tudo o que havia sido profetizado sobre o Messias vindouro. Isso incluiu o conhecimento (ou crença) de que o Messias:

- Nasceria em Belém;
- Teria uma linhagem bem específica;
- Viria em uma época bem definida;
- Seria anunciado de certa maneira;
- Possuiria qualidades de rei, sacerdote e profeta;
- Mesmo com essas qualidades, seria rejeitado, zombado e sofreria pelo pecado dos outros (assim reconciliando-os com Deus);
- Não cometeria nenhuma violência ou engano;
- Não falaria a favor de si mesmo diante de seus acusadores;
- Estaria entre homens maus no seu fim;
- Teria suas mãos/pulsos e pés perfurados;
- Sortes seriam lançadas por suas vestes;
- Morreria com os ímpios e, ainda, estaria com o rico;
- Veria novamente a vida;

- Receberia grande autoridade;
- Receberia uma porção com os fortes, e...
- Seria revelado como o próprio Deus todo-poderoso.

Algumas dessas profecias parecem ter sido cumpridas tão claramente e literalmente na vida de Jesus que os não cristãos podem ser tentados a perguntar se os eventos de sua vida, ministério, crucificação e ressurreição foram fabricados para esse propósito. Isso é respondido pelo próximo ponto: ouvir o que não cristãos tinham a dizer sobre ele e seus seguidores.

3.4.6.2. RESUMO: TESTEMUNHO HOSTIL

Uma citação anterior neste estudo por um presidente da American Atheists declarou que nenhuma pessoa como Jesus jamais existiu. Como ataque ao cristianismo, a acusação é simplista. Ela cria para si um problema complexo na interpretação dos escritos dos não cristãos que não gostavam de Jesus. Eles escreveram sobre como não gostavam de Jesus, deram suas próprias opiniões de seu ministério, fizeram várias acusações contra ele, corroboraram que ele foi crucificado, e até mesmo corroboraram a afirmação dos discípulos de que Jesus tinha ressuscitado corporalmente dos mortos.

Em pelo menos um aspecto, acusações como "Jesus nunca viveu" são semelhantes às afirmações de que os astronautas nunca foram à Lua, ou que o Holocausto da Segunda Guerra Mundial nunca aconteceu. Negações como essas não devem ser uma surpresa. Todos são casos em que o passar do tempo é usado por certos grupos, por razões diferentes, para brincar com as dúvidas daqueles que ignoram a história. Com o passar dos anos, as testemunhas oculares morrem e os detalhes se tornam esquecidos. Finalmente, uma vez que o passado é relegado a escritos e várias evidências de segunda mão, quase qualquer negação do passado pode ser apresentada como se fosse verdade e captura uma determinada quantidade de seguidores.

Ao recordarmos a história para distinguir a verdade da mentira, aqui está o que aprendemos de Jesus unicamente ouvindo antigos não cristãos e aqueles que se opuseram ativamente a Jesus:

- **Juliano, o Apóstata:** Jesus curou pessoas cegas e coxas em Betsaida e Betânia;
- **O Talmude Babilônico:** Jesus foi acusado de praticar feitiçaria e a levar Israel a se desviar – foi crucificado na véspera da páscoa;
- **Talo e Flégon:** a crucificação de Jesus foi acompanhada por três horas de escuridão;
- **Flávio Josefo:** Jesus era um homem sábio e foi chamado "o Cristo", ganhou muitos discípulos de muitas nações e seus discípulos "relataram que ele tinha aparecido a eles três dias depois de sua crucificação e que estava vivo";
- **Cornélio Tácito:** durante o governo de Herodes e durante o reinado de Tibério, Pôncio Pilatos condenou Cristo à morte. Seguidores de Cristo foram torturados e até executados por recusarem-se a negar a crença em sua ressurreição e divindade;
- **Plínio, o Jovem:** os discípulos de Jesus tomaram o hábito de se reunir em um dia fixo da semana, tomaram seu nome "cristãos" dele, deram adoração a ele "como a um deus", e se ligaram à abstinência de atos maldosos, fraude, roubo, adultério e mentira;
- **Luciano de Samósata:** os seguidores de Jesus tinham um desprezo pela morte e eram conhecidos por uma autodevoção voluntária. Eles creram que eram todos irmãos desde o momento da sua conversão e viveram segundo as leis de Cristo;
- **Suetônio:** judeus em Roma causaram perturbações contínuas por causa de Cristo e tiveram que ser expulsos da cidade.

O mundo antigo não somente reconheceu o chamado Jesus, mas também reconheceu seus seguidores e suas práticas. As mudanças na vida dessas práticas estabelecidas foram grandes e súbitas. O dia da adoração judaica, embora estabelecido por milhares de anos como no sábado, de repente passou a ser o domingo para todos aqueles que acreditavam que a ressurreição tinha ocorrido.

Além disso, a adoração de Jesus se espalhou para as nações circunvizinhas a partir do mesmo lugar em que o relato da ressurreição ocorreu – Jerusalém. Isso é significativo porque **se a ressurreição fosse uma farsa, Jerusalém seria o último lugar em que isso teria ocorrido, e o primeiro lugar em que a mentira teria sido descoberta.** Mas a crença na ressurreição persistiu – e persistiu poderosamente.

3.4.6.3. RESUMO: TESTEMUNHO FAVORÁVEL

Os pensamentos daqueles que tiveram contato com Jesus antes e depois de sua ressurreição são mais bem capturados no Novo Testamento como um todo. No entanto, os comprometimentos individuais dos apóstolos em sofrer e morrer pela crença na ressurreição são as marcas de exclamação conclusivas para suas vidas e para a integridade de seus escritos:

- **Mateus:** morto por apunhalamento, como ordenado pelo rei Hertacus da Etiópia;
- **Tiago, filho de Alfeu:** crucificado;
- **Tiago, irmão de Jesus:** jogado abaixo de um lugar alto, apedrejado e espancado até a morte pelas mãos de Ananias em cerca de 66 d.C.;
- **João:** torturado com óleo fervente, exilado em Patmos em cerca de 69-95 d.C.;
- **Marcos:** queimado durante o reinado do imperador Trajano;
- **Pedro:** crucificado de cabeça para baixo no jardim de Nero, na Colina do Vaticano, em cerca de 64 d.C.;
- **André:** crucificado em uma cruz com formato de "X" por Aegeates, procônsul romano, por volta de 80 d.C.;
- **Filipe:** apedrejado e crucificado em Hierápolis, Frígia;
- **Simão:** crucificado no Egito durante o reinado do imperador Trajano;
- **Tomé:** morto ao ser perfurado por lança em Calamina, Índia;
- **Tadeu:** morto por flechas;
- **Tiago, filho de Zebedeu:** morto ao fio de espada por ordem de Herodes Agripa I da Judeia em cerca de 44 d.C.;
- **Bartolomeu:** espancado, esfolado vivo, crucificado de cabeça para baixo e, então, decapitado;
- **Saulo de Tarso, o apóstolo Paulo:** decapitado por comando de Nero em cerca de 68 d.C. (ele não foi torturado horrivelmente apenas por ser cidadão romano).

Quais foram algumas das melhores palavras de Cristo? É impossível isolar qualquer passagem particular do Novo Testamento como sendo a "melhor do lote", ou a "mais destacada", em qualquer aspecto. Portanto, aqui está uma amostra do sabor do Novo Testamento escolhido praticamente ao acaso pelo autor do estudo original (www.provethebible.net). A passagem é tanto um lembrete do que Cristo fez como uma exortação para ser semelhante a ele nas áreas de amor e obediência:

> Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros. Seja a

> atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai. (*Filipenses 2:3-11, "Nova Versão Internacional"*).

4. AS ALUSÕES DE JESUS AO ANTIGO TESTAMENTO MOSTRAM QUE ELE É VERDADEIRO? [237]

O Antigo Testamento é muito atacado pelos céticos. É acusado como mito porque contém acontecimentos que são considerados improváveis, impossíveis, e até mesmo fantasiosos. É atacado também com a acusação de que não há nenhuma evidência fora da Bíblia para seus eventos e personagens antigos.

Existem muitos bons trabalhos para demonstrar a veracidade de livros do Antigo Testamento. Infelizmente, o assunto é bastante longo e exaustivo para abordarmos neste estudo. No entanto, para demonstrar como a Bíblia tem confiabilidade histórica, abordaremos no final deste estudo os assuntos do Antigo Testamento mais contestados: a criação em seis dias, o dilúvio, a Torre de Babel, a longevidade no Livro de Gênesis e suas genealogias, o êxodo do Egito e estudos de caso para as profecias bíblicas.

Porém, antes disso, abordaremos a principal evidência da veracidade do Antigo Testemunho: **uma vez que as Escrituras do Novo Testamento são verdadeiras e elas afirmam a divindade de Jesus Cristo, torna-se óbvio que o entendimento que Jesus (Deus) tem sobre o Antigo Testamento é a melhor forma de investigar sua veracidade.** Essa foi a razão para deixarmos a investigação da veracidade do Antigo Testamento para depois da investigação da veracidade do Novo Testamento e da identidade de Jesus. Outra prova da veracidade do Antigo Testamento, a qual já estudamos, são as profecias messiânicas escritas muito antes de Cristo que foram cumpridas por ele de forma autêntica.

Portanto, como Deus, Jesus é a última palavra em todas as questões de fé e prática. **Basicamente, tudo o que ele ensinou resolve a questão.** Consequentemente, é crucial que entendamos como ele via as Escrituras.

Ao serem examinados os quatro evangelhos, temos uma grande quantidade de informações para trabalhar sobre a visão de Jesus sobre o Antigo Testamento. Sua visão pode ser simplesmente expressa em duas palavras: **confiança total.**

Jesus aceitou as Escrituras do Antigo Testamento como tendo autoridade divina. Ele nunca pôs em dúvida qualquer dos relatos nele registrados, ou qualquer dos personagens nele contidos. Nunca encontramos Jesus dando o menor indício de qualquer entendimento que não fosse a aceitação completa do Antigo Testamento como a Palavra de Deus.

4.1. JESUS RECONHECEU TODO O ANTIGO TESTAMENTO COMO AUTORITATIVO

A visão de Jesus sobre o Antigo Testamento pode ser entendida pela maneira como ele o utilizou. Ele reconheceu todo o Antigo Testamento como escrituras de Deus: aceitou as duas principais divisões do Antigo Testamento, a Lei e os Profetas, assim como os Salmos, e citou vários livros individuais do Antigo Testamento.

Pare e pense no que significaria se partes das histórias no Antigo Testamento fossem meramente alegóricas ou poéticas, ou se Jesus, ao mencionar as "histórias impossíveis" do Antigo Testamento, estivesse apenas fazendo uso de aculturamento para ensinar seus pontos. Como você poderia saber o que era verdadeiro ou falso? Onde você traçaria a linha entre real e imaginário?

Poucos questionariam que os dez mandamentos foram os blocos básicos de construção do judaísmo. Para a maioria das pessoas, eles estão seguramente na categoria "verdadeiro". Mas será que Moisés literalmente os recebeu no topo do Monte Sinai? Deus os escreveu com seu próprio dedo, como escrito em Êxodo 31? Havia tábuas de pedra reais? Ou alguns, ou todos, esses detalhes foram adicionados posteriormente?

Se parte da Bíblia não for lidada como verdadeira, então as histórias bíblicas que devem ser consideradas reais estarão abertas para conjeturas. Ou seja, qualquer um poderia decidir o que cada versículo significa. Qualquer

leitor poderia escolher em que acreditar. E, se isso fosse assim, seria ruim para o caráter do próprio Deus. Se fosse assim, a Bíblia não poderia ser autoritativa: como Jesus poderia dar ensinamentos autoritativos que são baseados em histórias que nunca aconteceram?

Muitos acreditam que escribas judeus embelezaram o Antigo Testamento ao longo dos anos e também que os detalhes foram alterados por causa de limitações da tradição oral, algo como uma versão da "brincadeira do telefone sem fio", ou seja, quando uma história vai se deturpando enquanto se espalha verbalmente. Estudamos sobre isso no segundo estágio deste estudo (integridade), e não é o caso da Bíblia.

Se "floreios artísticos" foram adicionados em cada narrativa do Antigo Testamento, onde estava Deus durante esse tempo? Ele permitiu que sua palavra fosse pervertida e mudada ao longo dos séculos? Pense: se Deus não pudesse fazer acontecer os milagres e os "contos impossíveis" relatados no Antigo Testamento, dificilmente essa seria a imagem de um ser todo-poderoso. Isso também significaria que Deus permitiu que seus servos se gabassem dele por atribuírem a ele eventos que nada mais seriam do que "talento poético".

O Salmo 77 fala sobre Israel deixando o Egito e escapando do exército do faraó atravessando águas que foram divididas:

> Tu és o Deus que realiza milagres; mostras o teu poder entre os povos. Com o teu braço forte resgataste o teu povo, os descendentes de Jacó e de José. As águas te viram, ó Deus, as águas te viram e se contorceram; até os abismos estremeceram. As nuvens despejaram chuvas, ressoou nos céus o trovão; as tuas flechas reluziam em todas as direções. No redemoinho, estrondou o teu trovão, os teus relâmpagos iluminaram o mundo; a terra tremeu e sacudiu-se. A tua vereda passou pelo mar, o teu caminho pelas águas poderosas, e ninguém viu as tuas pegadas. Guiaste o teu povo como a um rebanho pela mão de Moisés e de Arão. (*Salmo 77:14-20, "Nova Versão Internacional"*).

Essa passagem chama o criador de "o Deus que realiza milagres". Não afirma que é "o Deus das maravilhas poéticas e fantasiosas". Também, o Salmo 77:12 declarou: "Meditarei em todas as tuas obras e considerarei todos os teus feitos." Que tipo de Deus permitiria que um salmista e todos aqueles que leram a Bíblia depois dele perdessem seu tempo pensando nas ações inventadas de Deus?

Considere que o rei Davi, o profeta Jeremias, o mártir Estêvão e o apóstolo Paulo acreditaram na história de Moisés. Deus permitiu que esses grandes servos permanecessem confusos? E, mais importantemente, Jesus Cristo estava confuso? Ele declarou em Lucas 20:37: "E que os mortos ressuscitam, já Moisés mostrou, no relato da sarça, quando ao Senhor ele chama 'Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacó'." Quando Jesus mencionava as "histórias impossíveis" do Antigo Testamento, ele estaria mesmo apenas se apropriando da cultura judaica para ensinar um ponto? Seria mesmo uma questão de aculturamento? Ora, um "Cristo pré-encarnado" estava presente na sarça ardente. Certamente, ele saberia o que ocorreu.

Junte tudo isso. A abordagem de escolher o que é verdade na Bíblia e o que não é verdade na Bíblia é ridícula. Isso faz com que Deus seja fraco e significa que alguns de seus maiores servos estavam confusos (na melhor das hipóteses) ou eram mentirosos (na pior das hipóteses). Ou você acredita e aplica todas as Escrituras, ou acaba se tornando tolo por basear sua vida nelas.

No entanto, não é a intenção de Deus que alguém acredite em sua palavra se não puder saber que ela veio dele. Deus lançou um desafio no livro de Isaías:

> "Exponham a sua causa", diz o SENHOR. "Apresentem as suas provas", diz o rei de Jacó. "Tragam os seus ídolos para nos dizerem o que vai acontecer. Que eles nos contem como eram as coisas anteriores, para que as consideremos e saibamos o seu resultado final; ou que nos declarem as coisas vindouras, revelem-nos o futuro, para que saibamos que eles são deuses. Façam alguma coisa, boa ou má, para que nos rendamos, cheios de temor. Mas vejam só! Eles não são nada, e as suas obras são totalmente nulas; detestável é aquele que os escolhe!" (*Isaías 41:21-24, "Nova Versão Internacional"*).

O Deus da Bíblia sabe que nenhum ser humano pode prever o futuro e depois fazê-lo acontecer. No entanto, ele fez isso repetidamente ao longo da história. Cerca de um terço da Bíblia é profecia, e essas profecias

escritas com antecedência podem ser comparadas à história escrita. Deus diz que fará algo e então ele faz acontecer.

Jesus Cristo afirmou os relatos bíblicos do Antigo Testamento como verdadeiros e baseou seus ensinamentos neles. Por exemplo, lembrando aos seus compatriotas que Deus havia milagrosamente provido comida para eles durante 40 anos no deserto, ele disse:

> Os seus antepassados comeram o maná no deserto, mas morreram. Todavia, aqui está o pão que desce do céu, para que não morra quem dele comer. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá para sempre. Este pão é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo. (*João 6:49-51, "Nova Versão Internacional"*).

Perceba que Jesus apostou sua reputação, autoridade e credibilidade na confiabilidade do relato do êxodo — na confiança de que os israelitas realmente comeram o maná no deserto, como descrevem as Escrituras. Se esse relato não fosse verdadeiro, então Jesus estava errado, assim como alguns de seus ensinamentos.

Não é surpresa que alguns céticos tenham dado tanta atenção às tentativas de desacreditar as histórias do Antigo Testamento de forma a tentar minar a validade histórica da Bíblia.

4.2. JESUS RECONHECEU O ANTIGO TESTAMENTO EM SUA TOTALIDADE

O Antigo Testamento, em sua totalidade, foi **reconhecido como autoritativo por Jesus Cristo.** Ele o chamou de Escrituras. Nós lemos Jesus dizendo o seguinte em João 5:39:

> Vocês **estudam cuidadosamente as Escrituras,** porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; (*João 5:39, "Nova Versão Internacional"*).

Cristo reconheceu cada livro do Antigo Testamento como inspirado por Deus.

4.3. JESUS RECONHECEU DIVISÕES DO ANTIGO TESTAMENTO: A LEI, OS PROFETAS E OS SALMOS

Observa-se que Jesus também reconheceu as duas seções principais do Antigo Testamento: a Lei e os Profetas. Ele disse:

> Não pensem que vim abolir a **Lei ou os Profetas;** não vim abolir, mas cumprir. (*Mateus 5:17, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus também fez referência a uma terceira seção do Antigo Testamento: os Salmos. Após sua ressurreição, ele disse aos seus discípulos:

> E disse-lhes: "Foi isso que eu falei enquanto ainda estava com vocês: era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na **Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos"**. Então lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras. E lhes disse: "Está escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém." (*Lucas 24:44-47, "Nova Versão Internacional"*).

Cristo disse que todas as coisas escritas nessas três partes do Antigo Testamento tinham que ocorrer. Em seus ensinamentos, ele citou passagens de cada uma dessas divisões. Essa é outra indicação de que ele aceitou o Antigo Testamento em sua totalidade.

4.4. JESUS FEZ REFERÊNCIA A VÁRIOS DIFERENTES LIVROS DO ANTIGO TESTAMENTO

O Novo Testamento registrou Jesus referindo-se especificamente a vários livros diferentes do Antigo Testamento. Vejamos a seguir algumas dessas referências.

4.4.1. GÊNESIS

Ao tratar do assunto do casamento, Jesus citou o Livro de Gênesis. Lemos sobre isso em Marcos 10:6-9:

> Mas no princípio da criação Deus **"os fez homem e mulher"**. **"Por esta razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne"**. Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe. (*Marcos 10:6-9, "Nova Versão Internacional"*).

Ele confiou nessa passagem como dando a palavra autoritativa de Deus sobre o assunto.

4.4.2. ÊXODO

Jesus citou o Livro de Êxodo, o qual registra os dez mandamentos. Ele disse:

> Você conhece os mandamentos: **"Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe"**. (*Lucas 18:20, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus assumiu que esses mandamentos eram obrigatórios para o povo.

4.4.3. DEUTERONÔMIO

O Livro de Deuteronômio também foi referenciado por Jesus. Lemos o seguinte no Evangelho de Lucas:

> **"O que está escrito na Lei?"**, respondeu Jesus. "Como você a lê?" Ele respondeu: "**'Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento'** e **'Ame o seu próximo como a si mesmo'**". Disse Jesus: "Você respondeu corretamente. Faça isso e viverá". (*Lucas 10:26-28, "Nova Versão Internacional"*).

Essa passagem da Lei de Moisés em Deuteronômio enfatiza amar a Deus com todo o nosso ser e foi considerada por Jesus como autoritativa.

4.4.4. 1 SAMUEL

Jesus citou 1 Samuel, o qual contém a história de Davi e seus homens comendo os pães da presença. Marcos registrou as seguintes palavras de Jesus aos líderes religiosos:

> Ele respondeu: "Vocês nunca leram **o que fez Davi quando ele e seus companheiros estavam necessitados e com fome? Nos dias do sumo sacerdote Abiatar, Davi entrou na casa de Deus e comeu os pães da Presença, que apenas aos sacerdotes era permitido comer, e os deu também aos seus companheiros"**. (*Marcos 2:25, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus lembrou os líderes religiosos da história de Davi e seus homens comendo os pães da presença quando estavam com fome. Ao fazer isso, Jesus citou a passagem como Escritura autoritativa.

4.4.5. 1 REIS

O relato da visita da rainha de Sabá a Salomão é citado por Jesus como tendo ocorrido literalmente. Mateus registrou Jesus dizendo o seguinte:

> **A rainha do Sul se levantará no juízo com esta geração e a condenará, pois ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão,** e agora está aqui o que é maior do que Salomão. (*Mateus 12:42, "Nova Versão Internacional"*).

O Antigo Testamento registra isso em 1 Reis.

4.4.6. SALMOS

Jesus citou o Livro dos Salmos e o chamou de Escritura. Marcos o registrou dizendo:

> Vocês nunca leram **esta passagem das Escrituras? "A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; isso vem do Senhor e é algo maravilhoso para nós"**. (*Marcos 12:10-11, "Nova Versão Internacional"*).

Esse salmo (Salmo 118:22-23) fala da rejeição de Jesus pelo povo.

4.4.7. ISAÍAS

Jesus se referiu ao profeta Isaías pelo nome. Mateus o registrou dizendo o seguinte:

> Por essa razão eu lhes falo por parábolas: "Porque vendo, eles não veem e, ouvindo, não ouvem nem entendem". Neles se cumpre **a profecia de Isaías: "Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão"**. (*Mateus 13:13-14, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus disse que a profecia dada por meio do profeta Isaías se cumpriu.

4.4.8. DANIEL

Daniel foi citado por Jesus como prevendo um evento conhecido como a "abominação da desolação" ou "sacrilégio terrível". Lemos sobre ele dizendo estas palavras:

> Assim, quando vocês virem **'o sacrilégio terrível', do qual falou o profeta Daniel,** no Lugar Santo — quem lê, entenda — então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes. (*Mateus 24:15-16, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus creu que Daniel era um profeta real que escreveu uma Escritura sagrada.

4.4.9. OSEIAS

Jesus citou o profeta Oseias. Mateus registrou Jesus dizendo estas palavras:

> Vão aprender o que significa isto: **"Desejo misericórdia, não sacrifícios"**. Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores. (*Mateus 9:13, "Nova Versão Internacional"*).

Essa citação de Oseias revelou uma verdade importante: Deus quer nosso coração, não meramente nossos sacrifícios exteriores ou nossa obediência exterior. Citando essa passagem como Escritura, Cristo demonstrou a autoridade divina do Livro de Oseias.

4.4.10. JONAS

Jesus se referiu ao Livro de Jonas. Lemos sobre isso em Mateus. Jesus disse:

> Pois **assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o Filho do homem ficará três dias e três noites no coração da terra.** (*Mateus 12:40, "Nova Versão Internacional"*).

Cristo viu Jonas como uma ilustração de sua própria ressurreição. Ao fazer isso, ele reconheceu a autoridade de Jonas.

4.4.11. ZACARIAS

Jesus citou uma passagem em Zacarias que predisse sua traição. Mateus escreveu:

> Então Jesus lhes disse: "Ainda esta noite todos vocês me abandonarão. **Pois está escrito: 'Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersas'**". (*Mateus 26:31, "Nova Versão Internacional"*).

Cristo aceitou Zacarias como profeta.

4.4.12. MALAQUIAS

Finalmente, Jesus citou o profeta Malaquias. Isso também é encontrado no Evangelho de Mateus. Ele disse:

> Este é aquele a respeito de quem **está escrito: "Enviarei o meu mensageiro à tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti"**. (*Mateus 11:10, "Nova Versão Internacional"*).

A partir desses exemplos, podemos ver que **Jesus confirmou a existência de duas divisões do Antigo Testamento, a Lei e os Profetas, bem como a autoridade dos Salmos e de vários livros específicos do Antigo Testamento.**

4.5. JESUS FEZ REFERÊNCIA A VÁRIOS PERSONAGENS DO ANTIGO TESTAMENTO

Jesus também confirmou que personagens mencionados nas páginas do Antigo Testamento realmente existiram. Não eram personagens míticos.

4.5.1. ABRAÃO

Jesus confirmou a existência de Abraão. Ele disse aos líderes religiosos que Abraão era o ancestral deles:

> **Abraão, pai de vocês, regozijou-se porque veria o meu dia; ele o viu e alegrou-se.** (*João 8:56, "Nova Versão Internacional"*).

A vinda de Jesus era algo que o patriarca Abraão esperava ver. Abraão existiu.

4.5.2. ISAQUE E JACÓ

Os patriarcas Isaque e Jacó eram pessoas reais de acordo com Jesus. Ele disse ao povo de sua época:

> Eu digo que **muitos virão do oriente e do ocidente e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó** no Reino dos céus. (*Mateus 8:11, "Nova Versão Internacional"*).

O reino dos céus é estabelecido com pessoas reais que existiram na história. Isso inclui Abraão, Isaque e Jacó.

4.5.3. DAVI

Davi, o rei de Israel, foi um personagem histórico. Jesus usou um evento na vida de Davi para ilustrar sua autoridade sobre o sábado. A Bíblia registra o seguinte relato:

> Naquela ocasião, Jesus passou pelas lavouras de cereal no sábado. Seus discípulos estavam com fome e começaram a colher espigas para comê-las. Os fariseus, vendo aquilo, lhe disseram: "Olha, os teus discípulos estão fazendo o que não é permitido no sábado". Ele respondeu: **"Vocês não leram o que fez Davi quando ele e seus companheiros estavam com fome?"** (*Mateus 12:1-3, "Nova Versão Internacional"*).

De acordo com Jesus, essa história sobre Davi realmente ocorreu.

4.5.4. SALOMÃO

O próprio Salomão, o grande rei, foi uma pessoa histórica. Jesus disse:

> Contudo, eu digo que **nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles.** (*Mateus 6:9, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus comparou a glória do rei Salomão ao esplendor dos lírios do campo – cada um tem existência genuína.

4.5.5. A RAINHA DE SABÁ

De acordo com Jesus, a rainha de Sabá realmente veio visitar Salomão para ouvir sobre sua grande sabedoria. Jesus disse:

> **A rainha do Sul se levantará no juízo com esta geração e a condenará, pois ela veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão,** e agora está aqui o que é maior do que Salomão. (*Mateus 12:42, "Nova Versão Internacional"*).

Essa ilustração mostra que Cristo creu que Salomão e a rainha de Sabá eram pessoas reais e que ela literalmente veio a Jerusalém para visitá-lo. Não faz sentido algum um personagem fictício ser mencionado como participando do juízo final.

4.5.6. ELIAS

Elias foi um profeta genuíno. Quando perguntado sobre a volta de Elias, Jesus disse claramente que o profeta de fato viria e, na verdade, já tinha vindo:

> Jesus respondeu: **"De fato, Elias vem e restaurará todas as coisas. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram.** Da mesma forma o Filho do homem será maltratado por eles". Então os discípulos entenderam que era de João Batista que ele tinha falado. (*Mateus 17:11-13, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus confirmou que as Escrituras afirmaram que Elias voltaria, e isso se cumpriu na pessoa de João Batista, o qual veio no espírito e poder de Elias (Lucas 1:17). Elias foi referido por Cristo como um personagem real, uma vez que João Batista, outro personagem real, veio no espírito e poder do antigo profeta.

4.5.7. ELISEU

Jesus também confirmou a história sobre Eliseu, o profeta, e Naamã, o leproso. Ele usou a história para mostrar que nem todos são curados. Lucas o registrou dizendo:

> Também **havia muitos leprosos em Israel no tempo de Eliseu, o profeta;** todavia, nenhum deles foi purificado—somente Naamã, o sírio. (*Lucas 4:27, "Nova Versão Internacional"*).

Não havia dúvida na mente de Jesus de que Eliseu foi um personagem histórico.

Consequentemente, a partir desses exemplos, temos todas as razões para pensar que Jesus acreditava na existência literal de cada personagem do Antigo Testamento.

4.6. JESUS FEZ REFERÊNCIA ÀS HISTÓRIAS DO ANTIGO TESTAMENTO COMO FATUAIS

Ao olharmos para a maneira como Jesus lidou com o Antigo Testamento, observamos que ele assumiu que os vários relatos eram fatuais. Vejamos exemplos a seguir.

4.6.1. MOISÉS DEU A CIRCUNCISÃO COMO LEI A ISRAEL

Jesus afirmou que foi Moisés que deu ao povo o rito da circuncisão como lei. No Evangelho de João, lemos Jesus dizendo o seguinte:

> No entanto, porque **Moisés deu a vocês a circuncisão (embora, na verdade, ela não tenha vindo de Moisés, mas dos patriarcas)**, vocês circuncidam no sábado. (*João 7:22, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus aceitou a ideia de que a circuncisão tinha uma base histórica. Isso foi reconhecido por Cristo como realidade, não como mitologia.

4.6.2. MANÁ DO CÉU FOI PROVIDO A ISRAEL NO DESERTO

Uma discussão de Jesus com o povo pressupõe a veracidade do relato da provisão do maná da parte de Deus, o qual o deu como alimento aos filhos de Israel enquanto estavam no deserto:

> Então perguntaram-lhe: "Que sinal milagroso mostrarás para que o vejamos e creiamos em ti? Que farás? Os **nossos antepassados comeram o maná no deserto; como está escrito: 'Ele lhes deu a comer pão dos céus'**". Declarou-lhes Jesus: "Digo a verdade: **não foi Moisés quem deu a vocês pão do céu,** mas é meu Pai quem dá a vocês o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá vida ao mundo". (*João 6:30-33, "Nova Versão Internacional"*).

A história do maná no deserto, conforme registrada no Livro de Êxodo, foi pressuposta como uma ocorrência histórica real.

4.6.3. DAVI COMEU OS PÃES DA PRESENÇA

Jesus reconheceu a história de Davi e seus homens comendo os pães da presença. Mateus registrou a conversa entre Jesus e os líderes religiosos:

> Ele respondeu: **"Vocês não leram o que fez Davi quando ele e seus companheiros estavam com fome? Ele entrou na casa de Deus e, junto com os seus companheiros, comeu os pães da Presença, o que não lhes era permitido fazer, mas apenas aos sacerdotes"**. (*Mateus 12:3-4, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus acreditou que esse episódio ocorreu como realidade histórica.

4.6.4. DAVI FOI O ESCRITOR DO SALMO 110

Jesus ensinou que Davi foi o escritor do Salmo 110. Em uma conversa com os fariseus, Jesus deixou sua visão clara:

> Estando os fariseus reunidos, Jesus lhes perguntou: "O que vocês pensam a respeito do Cristo? De quem ele é filho?" "É filho de Davi", responderam eles. Ele lhes disse: "Então, **como é que Davi, falando pelo Espírito, o chama 'Senhor'? Pois ele afirma: 'O Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo de teus pés'"**. (*Mateus 22:41-44, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus acreditou que Davi foi a pessoa que realmente escreveu esse salmo em particular.

4.6.5. MOISÉS ESCREVEU A LEI

De acordo com Jesus, havia uma lei real dada ao povo por meio de uma pessoa real – Moisés. Depois que Jesus curou um homem com lepra, disse a ele para seguir a ordem que foi dada por Moisés. Mateus escreveu:

> Em seguida Jesus lhe disse: "Olhe, não conte isso a ninguém. Mas **vá mostrar-se ao sacerdote e apresente a oferta que Moisés ordenou, para que sirva de testemunho"**. (*Mateus 8:4, "Nova Versão Internacional"*).

Novamente, estamos lidando com história real.

4.6.6. OS PROFETAS FORAM PERSEGUIDOS

Jesus usou a ilustração de que os profetas sofreram no passado como um exemplo de como seus discípulos também sofrerão. Ele disse:

> Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos céus, pois **da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.** (*Mateus 5:11-12, "Nova Versão Internacional"*).

Esse exemplo não faria sentido a menos que os profetas do Antigo Testamento tivessem sido realmente perseguidos.

4.6.7. A POPULARIDADE DOS FALSOS PROFETAS

Jesus reconheceu a popularidade dos falsos profetas mencionados no Antigo Testamento entre o povo. Ele disse:

> Ai de vocês quando todos falarem bem de vocês, pois assim **os antepassados deles trataram os falsos profetas**. (*Lucas 6:26, "Nova Versão Internacional"*).

Esses falsos profetas mencionados no Antigo Testamento eram reais e populares porque diziam às pessoas o que elas queriam ouvir, e não o que precisavam ouvir.

4.6.8. A MULHER DE LÓ

Jesus citou a história da esposa de Ló se transformando em uma estátua de sal. Ele disse aos seus discípulos:

> Naquele dia, quem estiver no telhado de sua casa, não deve descer para apanhar os seus bens dentro de casa. Semelhantemente, quem estiver no campo, não deve voltar atrás por coisa alguma. **Lembrem-se da mulher de Ló!** (*Lucas 17:32, "Nova Versão Internacional"*).

O evento em que a esposa de Ló se tornou uma estátua de sal ao olhar para trás enquanto fugia de Sodoma, a qual estava sendo destruída, foi abordado por Jesus como história real. O alerta perderia força se a história fosse fictícia.

4.6.9. A DESTRUIÇÃO DE SODOMA E GOMORRA

Jesus acreditava que Sodoma e Gomorra eram cidades reais que foram julgadas por Deus. De fato, ele as usou como ilustração de julgamento contra as cidades que existiam em seus dias que não aceitaram sua mensagem. Ele disse:

> Se alguém não os receber nem ouvir suas palavras, sacudam a poeira dos pés quando saírem daquela casa ou cidade. Eu digo a verdade: **no dia do juízo haverá menor rigor para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade.** (*Mateus 10:14-15, "Nova Versão Internacional"*).

A realidade da destruição dessas antigas cidades é assumida por Jesus, bem como o julgamento de seus habitantes no juízo final. Sodoma e Gomorra existiram, foram destruídas, e aguardam o juízo final.

4.6.10. A DESTRUIÇÃO DE TIRO E SIDOM

Jesus também confirmou a ocorrência literal do julgamento que virá sobre as cidades de Tiro e Sidom. Ele disse:

> Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida! Porque **se os milagres que foram realizados entre vocês tivessem sido realizados em Tiro e Sidom, há muito tempo elas se teriam arrependido, vestindo roupas de saco e cobrindo-se de cinzas. Mas eu afirmo que no dia do juízo haverá menor rigor para Tiro e Sidom do que para vocês.** (*Mateus 11:21-22, "Nova Versão Internacional"*).

Assim como Sodoma e Gomorra, Tiro e Sidom foram cidades reais que receberão o juízo final de Deus.

Todos esses exemplos mostram que Jesus aceitou a veracidade das histórias do Antigo Testamento. Ele citou histórias de muitas partes diferentes do Antigo Testamento, as quais cobrem toda a história dos eventos nele registrados. Cristo creu no Antigo Testamento em sua totalidade.

4.7. JESUS FEZ REFERÊNCIA ÀS HISTÓRIAS CONTROVERSAS DO ANTIGO TESTAMENTO

Adicionalmente, Jesus se referiu a algumas das histórias mais ridicularizadas do Antigo Testamento.

É muito discutida a veracidade das narrativas bíblicas tidas como controversas, tais como a criação em seis dias, a existência de Adão e Eva, a existência de Caim e Abel, o dilúvio da época de Noé e a grande criatura marinha que engoliu o profeta Jonas. **A impressão que temos das palavras de Jesus é quase como se ele tivesse feito um esforço especial para mostrar essas histórias como verídicas, colocando nelas sua aprovação divina.**

Abordaremos as objeções da perspectiva moderna às histórias bíblicas controversas mais adiante neste estágio do estudo (veracidade).

4.7.1. ADÃO E EVA

Jesus usou o relato da criação de Gênesis, o que inclui a criação de Adão e Eva, como padrão para o casamento. A Bíblia registra o seguinte:

> Ele respondeu: **"Vocês não leram que, no princípio, o Criador 'os fez homem e mulher' e disse: 'Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne'?"** (*Mateus 11:21-22, "Nova Versão Internacional"*).

Adão e Eva são usados como exemplo do propósito de Deus no casamento. Muitas pessoas hoje negam a existência literal deles. Mas Jesus creu na existência do casal.

4.7.2. CAIM E ABEL

O relato de Caim matando Abel é rejeitado hoje por muitos grupos, mas Jesus creu que o evento realmente ocorreu. Ele disse:

> Pelo que, **esta geração será considerada responsável pelo sangue de todos os profetas, derramado desde o princípio do mundo: desde o sangue de Abel** até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o santuário. Sim, eu digo a vocês, esta geração será considerada responsável por tudo isso. (*Lucas 11:50-52, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus usou Abel como o exemplo do primeiro mártir registrado nas Escrituras.

4.7.3. O DILÚVIO NOS DIAS DE NOÉ

Houve realmente um dilúvio nos dias de Noé, o qual Deus enviou para destruir a terra? Essa é uma das histórias mais contestadas da Bíblia hoje em dia. No entanto, Jesus assumiu que o dilúvio realmente ocorreu. Ele disse:

> **Como foi nos dias de Noé, assim também será na vinda do Filho do homem. Pois nos dias anteriores ao Dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca; e eles nada perceberam, até que veio o Dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do homem.** (*Mateus 24:37-39, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus comparou as circunstâncias do dilúvio de Noé como semelhantes às circunstâncias de seu retorno. Visto que Jesus ensinou que ele viria literalmente à Terra uma segunda vez, segue-se logicamente que **Jesus tinha em mente o dilúvio como um evento real.**

4.7.4. JONAS E A GRANDE CRIATURA MARINHA

Jesus também acreditou que a história de Jonas e a grande criatura marinha ocorreu literalmente. Na verdade, ele a usou como um sinal de sua ressurreição. Lemos sobre isso no Evangelho de Mateus:

> Então alguns dos fariseus e mestres da lei lhe disseram: "Mestre, queremos ver um sinal milagroso feito por ti". Ele respondeu: "Uma geração perversa e adúltera pede um sinal milagroso! Mas **nenhum sinal será dado, exceto o sinal do profeta Jonas. Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o Filho do homem ficará três dias e três noites no coração da terra. Os homens de Nínive se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; pois eles se arrependeram com a pregação de Jonas,** e agora está aqui o que é maior do que Jonas. (*Mateus 12:38-41, "Nova Versão Internacional"*).

Se alguém quiser argumentar que a referência a Jonas foi uma referência a uma pessoa inexistente, então deve-se concluir o seguinte: Jesus ilustrou sua ressurreição literal e o vindouro julgamento literal usando um personagem inexistente (Jonas), o qual teria sido engolido por uma criatura marinha inexistente. Então, esse personagem inexistente pregou uma mensagem imaginária para pessoas inexistentes (os ninivitas), os quais tiveram um arrependimento inexistente. Essas pessoas inexistentes um dia julgarão as pessoas que realmente existem. Tal cenário não parece nem um pouco com o que Cristo tinha em mente.

Todos esses relatos contestados e ridicularizados do Antigo Testamento foram confirmados por Jesus como realmente tendo ocorrido. Além disso, ele usou alguns deles para ilustrar alguns dos eventos mais importantes em seu próprio ministério – incluindo sua ressurreição e segunda vinda. **Uma vez que Jesus é Deus, se ele tinha em mente a literalidade desses relatos, seu testemunho resolve a questão: essas histórias ocorreram.**

4.8. JESUS CONFIRMOU A AUTORIA DE LIVROS CONTESTADOS DO ANTIGO TESTAMENTO

Jesus também confirmou a autoria tradicional dos livros do Antigo Testamento – particularmente os livros de Daniel e Isaías.

4.8.1. A AUTORIA DE DANIEL

Embora a autoria de Daniel seja frequentemente rejeitada hoje, Jesus acreditava que ele era um verdadeiro profeta de Deus. Lemos as seguintes palavras de Cristo em Mateus:

> Assim, **quando vocês virem 'o sacrilégio terrível', do qual falou o profeta Daniel, no Lugar Santo—quem lê, entenda** — então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes. (*Mateus 24:15-16, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus acreditava que o profeta Daniel existiu e que escreveu sobre um evento até então futuro conhecido como o "sacrilégio terrível" ou "abominação da desolação".

4.8.2. A AUTORIA DE ISAÍAS

É comum hoje em muitos grupos a argumentação de que o Livro de Isaías foi escrito por pelo menos dois autores diferentes: Isaías 1-39 pelo "primeiro Isaías" e Isaías 40-66 pelo "segundo Isaías". Jesus e escritores do Novo Testamento, no entanto, citaram ambas as partes de Isaías e atribuíram a obra inteira ao mesmo autor: o profeta Isaías. Lemos em Mateus:

> Ao anoitecer foram trazidos a ele muitos endemoninhados, e ele expulsou os espíritos com uma palavra e curou todos os doentes. E assim **se cumpriu o que fora dito pelo profeta Isaías: "Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças"**. (*Mateus 8:16-17, "Nova Versão Internacional"*).

Isso cita Isaías 53:4 do chamado "segundo Isaías", mas Mateus citou o texto como tendo sido profetizado pelo mesmo profeta Isaías.

Há outra ilustração onde o "segundo" Isaías é citado no Evangelho de Lucas:

> Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era seu costume. E levantou-se para ler. **Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas-novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor". Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: "Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir".** (*Lucas 4:16-21, "Nova Versão Internacional"*).

Essa passagem cita Isaías 61:1-2, a qual se encontra na seção escrita pelo chamado "segundo Isaías". No entanto, aqui é atribuído por Jesus ao mesmo profeta Isaías.

Há também uma passagem onde João explicou claramente que Isaías a escreveu:

> Mesmo depois que Jesus fez todos aqueles sinais milagrosos, não creram nele. **Isso aconteceu para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que disse: "Senhor, quem creu em nossa mensagem, e a quem foi revelado o braço do Senhor?"** (*João 12:37-38, "Nova Versão Internacional"*).

João atribuiu essa passagem pessoalmente a Isaías. No entanto, essa é uma citação de Isaías 53:1 – o chamado "segundo Isaías". Ele então citou a primeira seção de Isaías:

> Por esta razão eles não podiam crer, porque, **como disse Isaías noutro lugar: "Cegou os seus olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure". Isaías disse isso porque viu a glória de Jesus e falou sobre ele.** (*João 12:39-41, "Nova Versão Internacional"*).

Essa citação é de Isaías 6:10. João, inspirado pelo Espírito Santo, disse que Isaías foi a pessoa que disse essas coisas, as quais foram cumpridas por Cristo. Portanto, o testemunho de Jesus e de escritores do Novo Testamento é que o Livro de Isaías foi escrito por apenas um homem: o profeta Isaías.

4.9. JESUS FALOU DE PROFECIAS DO ANTIGO TESTAMENTO SENDO CUMPRIDAS

Jesus disse que certas predições registradas no Antigo Testamento foram cumpridas em sua vida e ministério. A Bíblia diz:

> Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e **ele começou a dizer-lhes: "Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir"**. (*Lucas 4:20-21, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus disse que a vinda de João Batista foi o resultado de profecia cumprida. Mateus o registrou dizendo o seguinte:

> **Este [João Batista] é aquele a respeito de quem está escrito: "Enviarei o meu mensageiro à tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti".** (*Mateus 11:10, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus disse que Elias já tinha vindo à Terra na pessoa de João Batista. Marcos escreveu:

> Jesus respondeu: **"De fato, Elias vem primeiro e restaura todas as coisas. Então, por que está escrito que é necessário que o Filho do homem sofra muito e seja rejeitado com desprezo? Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, como está escrito a seu respeito"**. (*Marcos 9:12-13, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus falou da até então futura destruição de Jerusalém como um exemplo de profecia do Antigo Testamento que iria ser cumprida, a qual, de fato, foi cumprida em 70 d.C. pelo exército romano sob Tito. Ele disse aos seus discípulos:

> **Quando virem Jerusalém rodeada de exércitos, vocês saberão que a sua devastação está próxima. Então os que estiverem na Judeia fujam para os montes, os que estiverem na cidade saiam, e os que estiverem no campo não entrem na cidade. Pois esses são os dias da vingança, em cumprimento de tudo o que foi escrito. Como serão terríveis aqueles dias para as grávidas e para as que estiverem amamentando! Haverá grande aflição na terra e ira contra este povo. Cairão pela espada e serão levados como prisioneiros para todas as nações. Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos deles se cumpram.** (*Lucas 21:20-24, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus considerou as previsões do Antigo Testamento como sendo absolutamente autoritativas – ele assumiu que elas precisavam se cumprir.

4.10. JESUS CONFIOU COMPLETAMENTE NOS ENSINAMENTOS DO ANTIGO TESTAMENTO

Observa-se que Jesus acreditava que o Antigo Testamento falava com autoridade máxima em todas as questões de fé e prática. Por exemplo, Cristo apelou para as Escrituras quando foi tentado pelo diabo:

> Jesus respondeu: **"Está escrito: 'Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus'"**. (*Mateus 4:4, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus se referiu às Escrituras como dando a visão de Deus sobre o casamento. Lemos o seguinte em Mateus:

> Ele respondeu: **"Vocês não leram que, no princípio, o Criador 'os fez homem e mulher' e disse: 'Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne'**? Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe". (*Mateus 19:4-6, "Nova Versão Internacional"*).

Ele apelou para as Escrituras sobre a questão da ressurreição dos mortos. Mateus também escreveu:

> Jesus respondeu: **"Vocês estão enganados porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus! Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em casamento; mas são como os anjos no céu. E quanto à ressurreição dos mortos, vocês não leram o que Deus disse: 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó'? Ele não é Deus de mortos, mas de vivos!"** (*Mateus 22:29-32, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus ensinou que os saduceus erraram porque não sabiam o que as Escrituras diziam.

Sempre que Jesus falava com os líderes religiosos, ele se referia às Escrituras para resolver qualquer questão de doutrina ou ensino. Assim, Jesus tinha total confiança de que as Escrituras do Antigo Testamento resolviam todas as questões doutrinárias. Para ele, era o tribunal final de apelação em todas as questões de fé e prática.

De fato, Jesus disse aos seus discípulos que observassem, ou seguissem, os ensinamentos dos fariseus e dos especialistas da lei judaica:

> Então, Jesus disse à multidão e aos seus discípulos: **"Os mestres da lei e os fariseus se assentam na cadeira de Moisés. Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles dizem a vocês. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam"**. (*Mateus 22:29-32, "Nova Versão Internacional"*).

Quando esses líderes religiosos ensinavam com base nas Escrituras hebraicas, seus ensinamentos deviam ser seguidos. O que os discípulos não deveriam seguir era a conduta deles. Portanto, os ensinamentos do Antigo Testamento foram considerados autoritativos por Jesus.

4.11. JESUS PESSOALMENTE SE SUBMETEU À AUTORIDADE DO ANTIGO TESTAMENTO

Jesus não apenas ensinou que o Antigo Testamento era a palavra autoritativa de Deus, como também se submeteu pessoalmente à autoridade dele. Ele disse:

> **Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo a verdade: enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus.** (*Mateus 22:29-32, "Nova Versão Internacional"*).

A vinda de Jesus não foi para contradizer o que havia sido escrito anteriormente, mas para cumprir.

Às vezes, Jesus rompeu com a tradição judaica porque contradizia a Palavra de Deus. Marcos escreveu:

> **"Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens"**. E disse-lhes: **"Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira de pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecerem às suas tradições!** Pois Moisés disse: 'Honra teu pai e tua mãe' e 'Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado'. Mas vocês afirmam que, se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: 'Qualquer ajuda que vocês poderiam receber de mim é Corbã', isto é, uma oferta dedicada a Deus, vocês o desobrigam de qualquer dever para com seu pai ou sua mãe. Assim **vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram.** E fazem muitas coisas como essa". (*Marcos 7:9-13, "Nova Versão Internacional"*).

No entanto, Jesus nunca contestou ou violou qualquer coisa registrada na lei de Deus conforme dada nas Escrituras. Para ele, era a Palavra de Deus.

4.12. JESUS CREU NO ANTIGO TESTAMENTO COMO PALAVRA DE DEUS

Jesus acreditava que o Antigo Testamento era a própria Palavra de Deus. João registrou Jesus dizendo o seguinte aos líderes religiosos de sua época:

> **Se ele chamou "deuses" àqueles a quem veio a palavra de Deus (e a Escritura não pode ser anulada)**, que dizer a respeito daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo? Então, por que vocês me acusam de blasfêmia porque eu disse: "sou Filho de Deus"? (*João 10:35-36, "Nova Versão Internacional"*).

Cristo acreditava que o Antigo Testamento era Escritura divina. De fato, Jesus o citou de tal maneira que reconheceu e afirmou seu *status* divino. Como a Palavra de Deus, as Escrituras falaram com autoridade absoluta em todos os assuntos. Jesus comparou especificamente as Escrituras com Deus falando:

> Respondeu Jesus: **"E por que vocês transgridem o mandamento de Deus por causa da tradição de vocês?** Pois Deus disse: 'Honra teu pai e tua mãe' e 'Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado'". (*Mateus 10:3-4, "Nova Versão Internacional"*).

Não há dúvida de que Jesus acreditava que as palavras das Escrituras eram as palavras de Deus.

4.13. JESUS VIU O ANTIGO TESTAMENTO COMO FALANDO DELE MESMO

Jesus viu o Antigo Testamento como um documento que falava principalmente sobre ele mesmo. Sua vida e ministério foram o cumprimento dos ensinamentos do Antigo Testamento. Ele disse aos líderes religiosos de sua época:

> **Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito;** contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida. (*João 5:39-40, "Nova Versão Internacional"*).

As Escrituras têm as palavras da vida eterna porque testificam de Jesus.

Em uma sinagoga em Nazaré, Jesus leu um trecho do Livro de Isaías. Ele então disse à congregação que a porção das Escrituras que ele havia acabado de ler se cumpriu nele. Lucas registrou isso da seguinte forma:

> Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: **"Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir"**. (*Lucas 4:20-21, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus viu essa passagem do Antigo Testamento como falando dele.

A caminho de Jerusalém para morrer pelos pecados do mundo, Jesus fez a seguinte predição aos seus discípulos:

> Jesus chamou à parte os Doze e lhes disse: **"Estamos subindo para Jerusalém, e tudo o que está escrito pelos profetas acerca do Filho do homem se cumprirá. Ele será entregue aos gentios que zombarão dele, o insultarão, cuspirão nele, o açoitarão e o matarão. No terceiro dia ele ressuscitará"**. (*Lucas 18:31-33, "Nova Versão Internacional"*).

Cristo enfatizou que aquilo que os profetas escreveram tinha que ser cumprido. Jesus acreditava que seus escritos tinham autoridade absoluta. No dia de sua ressurreição, ele repreendeu dois de seus discípulos por não acreditarem que o Antigo Testamento falava de seu sofrimento:

> Ele [Jesus] lhes disse: **"Como vocês custam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na sua glória?" E, começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras.** (*Lucas 24:25-27, "Nova Versão Internacional"*).

Todo o Antigo Testamento foi resumido em Jesus. Ele não apenas confirmou sua veracidade, mas também deixou claro que a mensagem do Antigo Testamento estava centrada nele.

4.14. A VISÃO DE CRISTO SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO: CONFIANÇA TOTAL

Jesus acreditava que o Deus revelado no Antigo Testamento é o Deus vivo, o único Deus que existe. Além disso, ele acreditava que o ensino encontrado no Antigo Testamento é o ensino autoritativo desse verdadeiro Deus.

Para Jesus, o que as Escrituras disseram é o que Deus disse. Jesus também acreditava que as pessoas do Antigo Testamento realmente existiram e os eventos nele registrados eram verdadeiros. Sua atitude para com as Escrituras não mudou.

Consequentemente, **uma vez que Jesus é Deus, devemos acreditar que o Antigo Testamento é o que afirma ser, e o que Jesus acreditava que fosse – a Palavra do Senhor divinamente inspirada e autoritativa.**

4.15. RESUMO: A VISÃO DE CRISTO SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO

A visão adequada das Escrituras é a perspectiva que Jesus sustentou, uma vez que Jesus é Deus. Ele é o padrão. Portanto, é absolutamente crucial que tenhamos a mesma visão das Escrituras que ele tinha.

Ao examinarmos a atitude de Cristo em relação ao Antigo Testamento, descobrimos que ele o viu como totalmente confiável. Jesus aceitou todo o Antigo Testamento como a Palavra de Deus. Ele se referiu às duas divisões do Antigo Testamento, a Lei e os Profetas, ele reconheceu os Salmos, e ele citou vários livros separados.

Jesus acreditava que as pessoas do Antigo Testamento realmente existiram e que as histórias eram verdadeiras. Ele confirmou a historicidade de Adão, Eva, Caim, Abel, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Davi, Salomão, a rainha de Sabá, Elias, Eliseu, Jonas e Zacarias.

Cristo também confirmou vários relatos do Antigo Testamento: Deus dando a Moisés o rito da circuncisão, Deus provendo o maná no deserto, Davi comendo os pães da presença, Davi como o escritor do Salmo 110, Moisés escrevendo a lei judaica, o sofrimento dos profetas, o episódio com a esposa de Ló, a destruição de Sodoma e Gomorra e a destruição de Tiro e Sidom.

Jesus também fez referência a vários dos relatos mais controversos registrados no Antigo Testamento: Adão e Eva, Caim e Abel, o dilúvio nos dias de Noé e Jonas e a criatura do mar. A impressão que temos das palavras de Jesus é quase como se ele tivesse feito um esforço especial para mostrar essas histórias como verídicas, colocando nelas sua aprovação divina.

Houve também a confirmação por Jesus da autoria de certas porções controversas do Antigo Testamento – Daniel e Isaías. Jesus citou Daniel como profeta. Ele e escritores do Novo Testamento também citaram ambas as seções de Isaías e as atribuíram ao mesmo profeta Isaías. Jesus também falou do cumprimento das profecias do Antigo Testamento. Ele assumiu que as passagens citadas faziam previsões divinas que precisavam ser cumpridas. Jesus também viu o Antigo Testamento como falando dele mesmo, prevendo sua vinda ao mundo.

Além disso, Jesus nunca colocou em dúvida nenhuma parte do Antigo Testamento. Pelo contrário, ele acreditava que tudo nele era igualmente autoritativo.

Consequentemente, devemos ter a mesma visão de Jesus: **o Antigo Testamento é verdadeiro e é a Palavra divinamente inspirada do Deus vivo.**

5. A VERDADE PODE SER ENCONTRADA EM OUTRAS RELIGIÕES OU FILOSOFIAS?

> Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis; porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. (*Romanos 1:18-21, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém. (*Romanos 1:25, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam. (*Romanos 1:28, "Nova Versão Internacional"*).

> Ele fará uso de todas as formas de engano da injustiça para os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar. Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira e sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça. (*2 Tessalonicenses 2:10-12, "Nova Versão Internacional"*).

Aqueles que buscam encontrar a verdade encontrarão muitíssimas religiões e filosofias. Isso torna muito difícil saber qual caminho seguir. Uma investigação razoavelmente boa de cada religião ou filosofia existente, a fim de encontrar a verdade, poderia consumir o tempo de uma vida antes que se chegue à uma conclusão.

Uma vez que uma investigação como essa será extremamente laboriosa, muitas pessoas preferem escolher um caminho que parece bom a elas, sem realizar uma investigação apropriada. De fato, há muitos que nem mesmo conhecem de fato aquilo que creem. E há também aqueles que nem sequer se importam com a verdade, chegando a ponto de nem sequer acreditar que ela existe. Outros se conformam em viver a vida da forma que querem, ou da forma que conseguem.

No entanto, para aqueles que realmente desejam encontrar a verdade, parece que o próprio criador deixou um atalho. Ao invés de perder tanto tempo investigando qual caminho seguir em meio a uma enorme quantidade de filosofias e religiões, **uma verdadeira confusão religiosa,** por que não examinar o líder espiritual que afirmou ser Deus e causou tamanho impacto histórico na humanidade?

Se tal líder fez tal alegação, ou é um mentiroso, ou um lunático, ou é mesmo o criador que sabe a verdade. É justamente nesse ponto que encontramos a distinção de Jesus Cristo em relação às demais religiões ou filosofias. **Sendo Jesus Deus, sua palavra encerra o assunto.** Se Jesus não fosse Deus, a busca pela verdade simplesmente teria que continuar em outros líderes e filosofias.

No entanto, após a investigação desse ousado e impactante líder espiritual, temos estabelecido que Jesus é Deus. Portanto, a fim de encontrar a verdade, é muito melhor saber o que Deus fala sobre outros líderes religiosos e filosofias do que examinar cada um deles.

O conhecimento da verdade sobre um assunto é a melhor forma de evitar enganos sobre esse assunto. A verdade tem um **caráter mutuamente exclusivo,** o qual abordamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

5.1. JESUS EXCLUI OUTRAS RELIGIÕES OU FILOSOFIAS?

Uma vez que Jesus é Deus, é de se esperar que a verdade seja encontrada apenas nele. De fato, **Cristo afirma que ele mesmo é a verdade e o único caminho.** Em nenhum lugar isso é deixado mais claro do que no Evangelho de João:

> Respondeu Jesus: **"Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim"**. (*João 14:6, "Nova Versão Internacional"*).

O apóstolo Pedro ecoou isso ao dizer que não há salvação em nenhum outro além de Jesus:

> **Não há salvação em nenhum outro** [além de Jesus], pois, debaixo do céu **não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos"**. (*Atos 4:12, "Nova Versão Internacional"*).

Desde o início, o qual foi registrado no Antigo Testamento, Deus sempre se apresentou como sendo o único. Não existe outro deus além de Deus, e nem Deus permitirá que exista. Portanto, qualquer outra religião ou filosofia é simplesmente falsa. Em última análise, qualquer outra religião ou filosofia acaba por retratar Deus de uma forma diferente da forma em que ele mesmo se apresentou (isto é, a soma das informações encontradas na Bíblia), ou acaba por afirmar a existência de outros deuses (ainda que sejam apenas forças impessoais). O profeta Isaías escreveu o testemunho de Deus sobre essas coisas:

> "Vocês são minhas testemunhas", declara o SENHOR, "e meu servo, a quem escolhi, para que vocês **saibam e creiam em mim e entendam que eu sou Deus. Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim. Eu, eu mesmo, sou o SENHOR, e além de mim não há salvador algum"**. (*Isaías 43:10-11, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus também afirmou que a Palavra de Deus é a verdade:

> Santifica-os na verdade; **a tua palavra é a verdade.** (*João 17:17, "Nova Versão Internacional"*).

O apóstolo João afirmou, tanto em seu evangelho quanto no Livro de Apocalipse, que Jesus é a Palavra de Deus. Logo, mais uma vez, temos a afirmação de que Jesus é a verdade:

> **No princípio era aquele que é a Palavra [Jesus]. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens.** (*João 1:1-4, "Nova Versão Internacional"*).

> **Aquele que é a Palavra [Jesus] tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.** (*João 1:14, "Nova Versão Internacional"*).

> Vi os céus abertos e diante de mim um cavalo branco, cujo cavaleiro [Cristo] se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e guerreia com justiça. Seus olhos são como chamas de fogo, e em sua cabeça há muitas coroas e um nome que só ele conhece, e ninguém mais. Está vestido com um manto tingido de sangue, e o **seu nome é Palavra de Deus.** Os exércitos dos céus o seguiam, vestidos de linho fino, branco e puro, e montados em cavalos brancos. De sua boca sai uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. "Ele as governará com cetro de ferro." Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso. Em seu manto e em sua coxa está escrito este nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES. (*Apocalipse 19:11-16, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus ainda afirmou ser a ressurreição e a vida, de forma que aquele que nele crê não morrerá eternamente (isto é, não será banido da presença de Deus):

> Disse-lhe Jesus: **"Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente.** Você crê nisso?" (*João 11:25-26, "Nova Versão Internacional"*).

Um dos relatos bíblicos mais relevantes para a questão encontra-se em Atos 17:16-31. O apóstolo Paulo declarou em meio aos atenienses de sua época, os quais viviam em uma cidade dominada por uma infinidade de deuses e sistemas religiosos e filosóficos, que há apenas um Deus, diferente de tudo aquilo, e que Jesus é aquele que ressuscitou dos mortos e julgará o mundo com justiça:

> Enquanto esperava por eles em Atenas, Paulo ficou profundamente indignado ao ver que **a cidade estava cheia de ídolos.** Por isso, discutia na sinagoga com judeus e com gregos tementes a Deus, bem como na praça principal, todos os dias, com aqueles que por ali se encontravam. Alguns **filósofos epicureus e estoicos** começaram a discutir com ele. Alguns perguntavam: "O que está tentando dizer esse tagarela?" Outros diziam: "Parece que ele está anunciando deuses estrangeiros", pois **Paulo estava pregando as boas-novas a respeito de Jesus e da ressurreição.** Então o levaram a uma reunião do Areópago, onde lhe perguntaram: "Podemos saber que novo ensino é esse que você está anunciando? Você está nos apresentando algumas ideias estranhas, e queremos saber o que elas significam". Todos os atenienses e estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades. Então Paulo levantou-se na reunião do Areópago e disse: "Atenienses! Vejo que em todos os aspectos **vocês são muito religiosos,** pois, andando pela cidade, **observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO.** Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio. **O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra e não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. De um só fez ele todos os povos,** para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. 'Pois nele vivemos, nos movemos e existimos', como disseram alguns dos poetas de vocês: 'Também somos descendência dele'. Assim, visto que somos descendência de Deus, **não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem.** No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. Pois **estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos"**. (*Atos 17:16-31, "Nova Versão Internacional"*).

Observa-se que Deus sempre afirmou ser o único, jamais permitindo que seu povo seguisse outros sistemas religiosos ou deuses, e aplicava punições rigorosas se seu povo fizesse essas coisas. No Novo Testamento a mesma ideia é encontrada, tanto que os apóstolos pregaram apenas e unicamente a Cristo. Tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, Deus é taxativo ao afirmar que **quaisquer outras religiões não vêm dele e, portanto, não passam de tradições e doutrinas dos homens.** Assim, segue-se que os líderes dessas outras religiões ou filosofias também não possuem a verdade. Deus também é rigoroso ao falar sobre pessoas que o estavam seguindo e, depois, o abandonaram.

Portanto, está bastante claro que, **ao afirmar a si mesmo, Jesus exclui qualquer outro deus, religião ou filosofia.**

5.2. PRECISAMOS BUSCAR A VERDADE EM OUTRAS RELIGIÕES OU FILOSOFIAS?

No primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) abordamos o **caráter mutuamente exclusivo da verdade.** A verdade tem dois sentidos: o **sentido absoluto** e o **sentido relativo.**

O sentido relativo de verdade ocorre quando um evento ou declaração é considerado consistente com a percepção de alguém. O sentido absoluto de verdade reflete a realidade, é consistente com ela, e corresponde ao fato. **Encontrar a verdade relativa em um dado evento é sempre possível, mas não quer dizer que o sentido absoluto de verdade não se aplica mais.**

Em um mundo tão cheio de diferentes opiniões sobre qual religião ou filosofia é a verdade, uma coisa é certa: **todo mundo não pode estar certo. Pelo menos algumas opiniões devem estar erradas.**

A ideia de que não há sentido absoluto de verdade em relação à religião ou filosofia é falsa. É errado dizer que "verdade e Deus são apenas como você percebe que são". Isso é equivalente a dizer que "2+2=3" e "2+2=6" são igualmente corretos em um sentido absoluto, quando, na realidade, nenhum é correto. **O sentido absoluto de verdade possui um caráter mutuamente exclusivo.** No exemplo mencionado, "2+2=4" é a verdade em sentido absoluto e, por si só, já exclui outras possibilidades, tais como "2+2=3" ou "2+2=6". Por isso, **o conhecimento da verdade no sentido absoluto sobre um assunto é a melhor forma de evitar enganos sobre esse assunto.**

Portanto, ao buscarmos o sentido absoluto de verdade em termos de religião ou filosofia, **bastaria encontrar aquela que, em sentido absoluto, represente a verdade, não havendo necessidade de buscá-la em outras fontes.**

Aplicando esse raciocínio em nosso estudo, sendo Jesus Deus e a verdade, logicamente segue-se que todas as demais religiões e filosofias não são a verdade. Portanto, **uma vez conhecido que Jesus Cristo é a verdade, não há necessidade em buscá-la em outras religiões ou filosofias.** Na verdade, **a Palavra de Deus alerta contra a busca de qualquer outra fonte que não seja Cristo, uma vez que tal busca pode deturpar a verdade.**

O apóstolo Paulo deixou claro que o evangelho de Cristo é único, sendo que qualquer outro caminho é uma perversão aos olhos de Deus. Diante de Deus, **aquele que pregar um "evangelho diferente" (entenda-se: outro caminho além do evangelho pregado pelos apóstolos) é considerado amaldiçoado:**

> Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem **outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo.** Mas, **ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que pregamos a vocês, que seja amaldiçoado!** Como já dissemos, agora repito: **se alguém anuncia a vocês um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!** (*Gálatas 1:6-9, "Nova Versão Internacional"*).

Perceba bem a força da afirmação de Paulo: ainda que você visse um anjo vindo do céu, cheio de glória e majestade, esbanjando poder sobrenatural, e esse anjo pregasse qualquer coisa diferente do evangelho contido na Bíblia, esse anjo seria considerado **amaldiçoado** aos olhos de Deus!

Paulo afirmou que a exaltação da sabedoria humana é totalmente contrária ao caminho de Deus. O evangelho apresentando o Messias crucificado parece absurdo para muitos. Porém, **Deus intencionalmente escolheu remir o homem de um modo que o mundo considera loucura.** Ele negou a possibilidade de a salvação ser alcançada por meio da sabedoria humana, mesmo que seja pelo conhecimento dos maiores sábios ou inteligentes. A pregação de Paulo não agradou os defensores de outras religiões, nem os judeus, nem os gregos:

> Pois **a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus.** Pois está escrito: **"Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes".** Onde está o sábio? Onde está o erudito? Onde está o questionador desta era? Acaso não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, **o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que creem por meio da loucura da pregação.** Os judeus pedem sinais milagrosos, e os gregos procuram sabedoria; **nós, porém, pregamos Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios,** mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, **Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem.** (*1 Coríntios 1:18-25, "Nova Versão Internacional"*).

Deus é um ser cuja sabedoria e inteligência supera em muito a soma de toda a inteligência e sabedoria humana. **A Palavra de Deus foi concebida para dar o resultado que Deus quer.** De certa forma, pode-se dizer que um dos objetivos da Palavra de Deus é trazer para ele as pessoas que possuem, ou que estão dispostas a possuir, as características que Deus quer. Por isso, **quando se prega mensagens diferentes da Palavra de Deus, o resultado não será o cumprimento do propósito que Deus pretendeu.** O profeta Isaías escreveu sobre essas coisas da seguinte forma:

> "Porque **os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, e os caminhos de vocês não são os meus caminhos",** diz o SENHOR. "Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim **os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos são mais altos do que os pensamentos de vocês.** Porque, assim como a chuva e a neve descem dos céus e para lá não voltam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, **assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei.**" (*Isaías 55:8-11, "Nova Versão Internacional"*).

Portanto, **outras religiões e filosofias são produto da sabedoria humana e não cumprirão os propósitos de Deus.** Aqueles que persistem em seguir qualquer outro caminho que não seja o evangelho, em última análise, tornam-se inimigos de Deus, assim como Tiago escreveu:

> Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? **Quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus.** (*Tiago 4:4, "Nova Versão Internacional"*).

Por fim, uma consideração importante a lembrar é que Jesus Cristo não é como um líder espiritual do mundo, o qual deixou seus ensinamentos e depois morreu. Cristo permanece vivo após vencer a morte por meio da ressurreição dos mortos, e seus ensinamentos têm resistido 2.000 anos de ataques de céticos. De fato, ele retornará e julgará a todos de acordo com a Palavra de Deus.

> Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; **a própria palavra que falei, essa o julgará no último dia.** Porque eu não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me ordenou o que dizer e o que anunciar. E sei que **o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, as coisas que eu digo, digo exatamente assim como o Pai me falou.** (*João 12:48-50, "Nova Versão Internacional"*).

> Porque **Deus estabeleceu um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio de um homem que escolheu. E deu certeza disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos.** (*Atos 17:31, "Nova Versão Internacional"*).

> Pois, de fato, é justo para com Deus que ele retribua com tribulação aos que causam tribulação a vocês e que dê a vocês, que estão sendo atribulados, alívio juntamente conosco, **quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando ele vier, naquele Dia, para ser**

> **glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram.** Isto inclui vocês, que creram em nosso testemunho. (*2 Tessalonicenses 1:6-10, "Nova Versão Internacional"*).

Qual outro líder espiritual, ou sábio, ou filósofo, possui credenciais como essas?

Se outras religiões possuem algumas semelhanças com a Bíblia, não é porque tais religiões são verdadeiras. De uma perspectiva bíblica, todas as pessoas tiveram testemunho de Deus desde o início. No entanto, as pessoas criaram seus próprios sistemas religiosos enquanto mantinham algumas reminiscências da verdade de Deus que seus ancestrais conheceram.

Uma vez conhecido o verdadeiro Jesus Cristo, não há necessidade de buscar a verdade em nenhum outro líder espiritual, religião ou filosofia.

6. COMO LIDAR COM A OBJEÇÃO DA CIÊNCIA MODERNA À BÍBLIA?

Para a parte final deste estágio do estudo (veracidade), abordamos a questão da **ciência moderna.** A questão principal é que há objeção à Bíblia como Palavra de Deus por parte daqueles que afirmam que os pontos de vista científicos contradizem os pontos de vista bíblicos.

De forma geral e resumida, entende-se que as explicações da ciência moderna foram elaboradas de forma a acomodar, da melhor forma possível, as observações sobre o universo, a Terra, e as constatações de seus funcionamentos. Quando são necessárias inferências, elas são alegadas como tendo sido feitas com base em lógica e evidências. Dessa forma, a ciência moderna é crida como possuindo modelos capazes de explicar as origens e funcionamento do universo e, também, de fazer predições. Esses modelos são alegados como sendo verificáveis e passíveis de validação ou refutação. Entende-se também que a ciência é focada apenas no que é observável e testável, e que é aplicada de forma racional e imparcial, com métodos comprovados, sendo uma parte neutra em relação a valores sociais.

Por causa disso tudo, a ciência é frequentemente entendida como sendo a melhor ferramenta que o ser humano dispõe para determinar a verdade.

É a partir dessa convicção que surge a seguinte objeção: se a Bíblia realmente fosse a palavra do criador do universo, deveria corresponder à realidade como retratada pela ciência moderna, especialmente na questão das origens e da história da vida. No entanto, há muitos que afirmam que isso não acontece e, portanto, a Bíblia é considerada como incorreta. Em outros casos, eventos bíblicos do passado são alegados como não tendo evidências arqueológicas e, assim, são presumidos como não tendo ocorrido conforme descrito na Bíblia.

Sendo assim, o objetivo desta parte final deste estágio do estudo (veracidade) é o seguinte: demonstrar que **não existe razão alguma para não crer na Bíblia por causa da ciência moderna.** O conteúdo a seguir demonstrará que não há defeitos externos no testemunho bíblico.

6.1. A INERRÂNCIA BÍBLICA

O cerne da questão "ciência versus Bíblia" tem a ver com a **inerrância bíblica.** É de se esperar que a Bíblia retrate a realidade se é realmente a Palavra de Deus – o Deus que a tudo criou e tudo sabe. A ciência moderna é amplamente considerada como uma ferramenta extraordinária para entender e retratar a realidade. E é daí que vem a conclusão que a Bíblia deveria refletir o que a ciência moderna descobriu e, assim, seria constatada como inerrante, ou seja, sem erro.

Porém, uma das maiores áreas de atrito entre aqueles que defendem a Bíblia como verdadeira e aqueles que não a consideram verdadeira está justamente na comparação da Bíblia com a ciência moderna. Isso é especialmente observado ao serem analisados os primeiros onze capítulos do Livro de Gênesis. Na parte da arqueologia, isso é observado no caso do êxodo do Egito. A Bíblia, principalmente por causa das narrativas nos primeiros capítulos de Gênesis e o relato do êxodo do Egito, é alegada como "refutada" por não retratar a realidade como a ciência moderna o faz. Assim, as narrativas bíblicas são muitas vezes consideradas como fábulas ou mitologia.

Céticos, portanto, têm dificuldade para entender como a Bíblia pode ser inerrante como aqueles que confiam nela muitas vezes sustentam. E aí perguntamos: **o problema está na incredulidade dos céticos ou naqueles que creem na Bíblia? A resposta para isso é: em ambos.**

O problema do desacordo da Bíblia com a ciência moderna está principalmente na defesa de um entendimento particular sobre o que a Bíblia ensina. Esse entendimento acaba sendo considerado como sendo o que a Bíblia ensina. Portanto, é esse entendimento que acaba sendo sustentado como inerrante, ainda que não seja suportado pela ciência. E assim, defensores de tal entendimento chegam até a atacar a confiabilidade da ciência.

Por outro lado, aqueles que não creem na veracidade bíblica, por não entenderem adequadamente o que a Bíblia ensina (seja por assumirem que a Bíblia ensina o "entendimento inerrante" da parte de seus defensores ou pela falta de uma análise bíblica adequada da parte deles próprios), acabam por considerá-la como estando em desacordo com a realidade expressa pela ciência moderna.

Isso é agravado pelo fato de que, em termos de consenso de entendimento, a ciência moderna tem muito menos desacordo entre seus defensores do que o desacordo existente entre os professos defensores da Bíblia (o que pode ser observado, por exemplo, pela quantidade de "denominações cristãs"). Em outras palavras, o "consenso científico" parece muito mais uniforme para a ciência moderna do que o "consenso bíblico" entre aqueles que alegam confiar na Bíblia.

Além do mais, sendo a ciência moderna considerada capaz de explicar o universo, existe um entendimento de que não é necessário qualquer deus para explicar tudo o que existe e, portanto, não é necessário que qualquer deus exista. Nesse raciocínio, efetivamente, considera-se a ciência como sendo "a verdade". A ciência, efetivamente, é tornada a última autoridade e, portanto, passa a exercer uma posição divina. Isso foi o que o determinismo postulava, mas depois ele acabou sendo refutado pela relatividade.

Outra coisa a se ponderar é que as explicações da ciência moderna sobre as origens e funcionamento do universo, por mais sinceras, exatas e coerentes que pareçam, não podem ser assumidas como sendo a certeza de como tudo ocorreu, ocorre ou ocorrerá. Frequentemente, a história tem mostrado que a verdade científica de hoje se torna o mito de amanhã. Ao longo da história, a ciência tem feito um excelente trabalho, mas **não tem se mostrado infalível.**

Diante dessas coisas, como se entende a questão da veracidade Bíblica e sua inerrância? **A Bíblia é inerrante naquilo que ela ensina.** Portanto, **o problema principal é compreender corretamente o que a Bíblia está ensinando.** E isso não significa que a Bíblia pode ser interpretada como cada um quiser.

Conforme temos demonstrado até agora neste terceiro estágio do estudo (veracidade), temos estabelecido que Jesus é Deus, que ele é a verdade, e que ele dá testemunho das Escrituras como verdadeiras. O que a ciência moderna pode fazer é ser uma ferramenta, dentro de suas próprias limitações, que podemos usar para tentar entender como o criador de todas as coisas opera em sua criação.

6.2. O ENSINAMENTO BÍBLICO CORRETO É SEMPRE O ENTENDIMENTO LITERAL?

A maior parte do desacordo entre o entendimento da realidade conforme retratada pela Bíblia e a realidade retratada pela ciência moderna, em última análise, deriva de um apego excessivo à literalidade de alguns termos ou palavras bíblicas. Isso é especialmente notável para os primeiros onze capítulos do Livro de Gênesis, os quais compreendem as partes mais contestadas da Bíblia em relação à ciência moderna: a criação em seis dias, Adão e Eva, o dilúvio, a Torre de Babel e a longevidade dos patriarcas.

Já estudamos que Cristo e seus apóstolos deixaram claro que os acontecimentos e personagens do Livro de Gênesis são verdadeiros. A questão é: de que forma foram verdadeiros? E é aí que muitos estudiosos bíblicos se apegam excessivamente à literalidade.

Já mencionamos anteriormente que, para entender realmente o que o autor bíblico quis transmitir, precisamos compreender que, uma vez que Deus escolheu se comunicar por meio de pessoas comuns para pessoas comuns em culturas humanas reais, devemos esperar que a Bíblia seja escrita de forma que reflita a mentalidade

cultural de seu contexto original. Isso não quer dizer que a Bíblia seja "meramente um produto de sua cultura", ou que deixe de dizer qualquer coisa além de seu contexto original. É simplesmente esclarecer que tipo de revelação a Bíblia fornece.

Outra questão importantíssima a se considerar é o uso de **linguagem fenomenológica.** Basicamente, a linguagem fenomenológica descreve um determinado evento da forma como esse evento pareceu ao observador, isto é, conforme o entendimento que o observador teve do evento.

Esse tipo de linguagem sempre foi bastante utilizado, e é utilizado até mesmo hoje por cientistas. Por exemplo, é comum ouvir a expressão "luz da Lua", até mesmo da parte de um astrônomo. Cientificamente, a luz que vem da Lua é apenas a luz do Sol que chega até a superfície lunar e é refletida para nossos olhos, dando a impressão de que a Lua brilha. Quando se usa a expressão "luz da Lua", não significa dizer que a Lua emite luz própria. Usamos essa expressão porque, para nós, a Lua parece brilhar como um luminar no céu. Dessa forma, a expressão "luz da Lua" não está errada, apesar de ser "cientificamente incorreta".

Tendo em vista esse exemplo, considere agora o seguinte texto de Gênesis 1:14-16:

> Disse Deus: "Haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite. Sirvam eles de sinais para marcar estações, dias e anos, e sirvam de luminares no firmamento do céu para iluminar a terra". E assim foi. Deus fez os **dois grandes luminares:** o maior para governar o dia e **o menor para governar a noite;** fez também as estrelas. (*Gênesis 1:14-16, "Nova Versão Internacional"*).

Estaria o autor do texto dizendo literalmente que a Lua emite luz própria por tê-la chamado como um luminar para governar a noite? Claro que não! A ideia que o autor quis transmitir é simplesmente que a Lua brilha no céu da noite como se fosse um luminar.

Outro exemplo é o que Paulo disse em Colossenses 1:23, conforme a tradução Almeida Revista e Atualizada:

> se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que **foi pregado a toda criatura debaixo do céu,** e do qual eu, Paulo, me tornei ministro. (*Colossenses 1:23, "Almeida Revista e Atualizada"*).

A Epístola aos Colossenses foi escrita em torno de 60 d.C. Estaria o apóstolo Paulo querendo dizer literalmente que, naquela época, o evangelho foi pregado a todas as criaturas (animais, plantas, etc.) que existem em todo o planeta? É claro que não! Sua intenção foi transmitir que o evangelho foi pregado às pessoas (e não aos animais, plantas, etc.) que existiam no **mundo conhecido da época,** isto é, a extensão do Império Romano. Animais, plantas, etc., não podem se arrepender – e o evangelho exige arrependimento.

Apenas por esses exemplos podemos observar que **o entendimento literal nem sempre representa o ensinamento bíblico.** No texto de Colossenses acima citado, por exemplo, não adiantaria nada se voltar ao termo original da palavra grega traduzida como "criatura", constatar que essa palavra original realmente significa "criatura" e, portanto, sustentar que o evangelho foi pregado até mesmo para plantas e animais. Da mesma forma, não adiantaria nada tentar argumentar que Paulo tinha pregado até mesmo às pessoas nas américas, sendo que ele nem sequer sabia que esses continentes existiam (e não há indicação nenhuma de que o Espírito Santo tenha revelado a ele que existiam as américas, nem que literalmente todas as pessoas do planeta ouviram a pregação do evangelho).

6.3. A BÍBLIA SE PROPÕE A SER UM LIVRO CIENTÍFICO? [238]

Muitos professos cristãos discordam sobre qual "ciência" a Bíblia revela, mas apontam que a Bíblia está cheia de "profecias científicas" que podem ser usadas para convencer os céticos sobre sua autoridade. Porém, esses professos cristãos frequentemente se apegam a um ponto de vista que o cientista e escritor Richard H. Bube chama de "inerrância arbitrária".

Em 1963, Bube escreveu um artigo influente para a American Scientific Affiliation (uma associação de cientistas que professam o cristianismo) defendendo-a contra alegações de que seus membros estavam

abandonando a autoridade da Bíblia ao aceitar as descobertas da ciência moderna. As palavras de Bube são igualmente relevantes hoje, mais de 50 anos depois:

> Se for assumido, sem o devido suporte bíblico, que o propósito da revelação é dar à humanidade um livro-fonte de informações sobre todas as fases da vida física, mental, espiritual, sociológica, artística e científica – um livro-fonte que deve ter significado para as pessoas a quem foi dirigido e para todas as gerações que vêm depois delas, apesar das mudanças que ocorrem continuamente – então temos a maior das dificuldades em manter a doutrina de uma Escritura inerrante. Se, nessa posição, adotarmos a posição de "inerrância arbitrária", estaremos essencialmente colocando em risco toda a verdade do cristianismo ao tentar equilibrar a grande riqueza e o peso da revelação de Deus em Cristo em nossa capacidade de mostrar que as palavras das Escrituras podem ser julgadas inerrantes mesmo quando as examinamos com base em critérios para os quais não foram escritas para satisfazer. Grande porção do liberalismo e da rejeição da revelação bíblica têm sido precipitada na forma de uma reação cega contra tal posição! [239].

Para entender o ponto de vista de Bube, imagine um cristão compartilhando com um cético falsas informações de supostas verdades científicas em textos bíblicos. Então, esse cético, intrigado, começa a fazer algumas de suas próprias pesquisas sobre o contexto das referências bíblicas compartilhadas e descobre que essas chamadas "revelações da Bíblia confirmadas pela ciência moderna" estão baseadas em evidências bíblicas mínimas, as quais foram arrancadas do contexto e transformadas em "pepitas de verdade".

Por exemplo, há pouca evidência de que o autor do Livro de Jó realmente quis falar sobre astronomia, ou que o autor do Livro de Hebreus estava de alguma forma abordando a teoria atômica moderna. Significados como esses muitas vezes são impostos ao texto por aqueles que, sob uma influência da visão da "inerrância arbitrária", assumem que tal informação tem que estar lá.

Algumas pesquisas simples na *internet* vão mostrar uma enorme biblioteca de artigos de céticos que descobriram várias "declarações cientificamente incorretas" em toda a Bíblia. E então, quando um cético confronta um cristão com essa evidência, o cristão pode responder que a Bíblia realmente não quer dizer que nossos pensamentos e emoções vêm de nossos rins (Salmo 16:7) ou que a Bíblia não quer dizer que o céu é feito de uma substância semelhante ao bronze (Jó 37:18), e assim por diante.

O que acontece então? O cético corretamente verá isso como uma **abordagem em que a inerrância bíblica é totalmente arbitrária.** Essa é a abordagem em que se alega que a Bíblia prediz a ciência moderna sempre que seus defensores visualizarem um "fato científico" no texto. Porém, quando o texto parece estar em desacordo com a ciência moderna, de repente isso é defendido como sendo apenas uma abordagem poética. Nesse caso, o professo cristão estabeleceu um padrão de autoridade bíblica sob o qual a Bíblia não foi concebida para cumprir. O resultado não acaba sendo uma defesa da Bíblia, mas um convite ao desprezo e mais incredulidade.

Como chegamos ao ponto em que é uma vergonha para a Bíblia – escrita por povos antigos para um público antigo – refletir a antiga mentalidade científica? Em suma, foi estabelecida uma falsa dicotomia entre a verdade da Bíblia e sua humanidade. Uma vez que Deus escolheu se comunicar através de pessoas comuns para pessoas comuns em culturas humanas reais, **devemos esperar que a Bíblia seja escrita de forma a refletir a mentalidade cultural de seu contexto original.** Pete Enns mostrou essa ideia da seguinte forma:

> A Bíblia [...] não era um livro abstrato, de outro mundo, caído do céu. Ela estava conectada a culturas antigas e, portanto, falava com essas culturas antigas. As qualidades aculturadas da Bíblia, portanto, não são elementos extras que podemos descartar para chegar ao ponto real, às verdades atemporais [240].

Isso não quer dizer que a Bíblia seja "meramente um produto de sua cultura", ou que deixe de dizer qualquer coisa além de seu contexto original. É simplesmente esclarecer que tipo de revelação a Bíblia fornece.

Ilustremos isso com um exemplo. Digamos, hipoteticamente, que Deus tenha se revelado a um povo antigo que tinha a crença de que o mundo repousava nas costas de uma tartaruga gigante. Então, digamos que Deus tenha inspirado uma pessoa daquele povo a escrever o seguinte: "Deus colocou o mundo firmemente nas costas da tartaruga; não será abalado" (veja o Salmo 104:5). Será que essa declaração ainda poderia ser a Palavra de Deus, embora fazendo referência a uma imagem incorreta do mundo? Certamente! **A revelação inspirada nessa declaração não teria nada a ver com uma tartaruga, mas tudo a ver com a fidelidade de Deus** (veja o contexto de

Salmo 104:5). **No exemplo, a tartaruga apenas faria parte de um quadro cultural que permite que a revelação faça sentido para aquele povo.**

Para os cristãos, o propósito de toda a Bíblia é, antes de tudo, revelar Cristo. Portanto, em última análise, a Bíblia extrai sua autoridade do fato de que ela realmente fala de Deus e de seu Filho. Sugerir que a autoridade da Bíblia se baseia em sua "exatidão científica" adiciona um intermediário artificial a essa cadeia de autoridade, resultando que a Bíblia primeiro falaria verdadeiramente sobre ciência moderna e, somente por causa disso, seria confiável para falar verdadeiramente de Cristo. Como argumentou Bube, isso não é apenas antibíblico, mas também prejudicial ao testemunho cristão.

Resumindo, uma visão robusta da autoridade da Bíblia deve começar com uma compreensão clara da maneira pela qual Deus escolheu comunicar sua mensagem. Como disse o estudioso do Antigo Testamento Kyle Greenwood, "uma visão elevada da Bíblia emprega uma hermenêutica que acomoda a imersão dos escritores bíblicos em seu antigo contexto cultural anterior ao iluminismo" [241].

6.3.1. A BÍBLIA E A EXATIDÃO CIENTÍFICA: QUAL O CONTEXTO?

Abordemos a seguir, brevemente, a questão da exatidão científica da Bíblia. Já investigamos os tão chamados "erros da Bíblia" no segundo estágio deste estudo (integridade).

A Bíblia não se estabeleceu para ser entendida como uma coleção escrita de fábulas – ela deve ser tomada como inspiração direta do Deus vivo. Se ela é completamente verdadeira, a verdade dela corrobora com sua alegação de inspiração divina.

Ao mesmo tempo, **a Bíblia não se configura como um livro científico. Ela transmite a realidade, mas dentro do contexto de seu público antigo.** Como tal, não há razão nenhuma em passar um pente fino na Bíblia usando a moderna tabela periódica de elementos, ou verificar se ela demonstra seus números com exatidão de muitas casas decimais.

6.3.2. CONTEXTUALIZANDO UM ALEGADO EXEMPLO DE INEXATIDÃO BÍBLICA

Um versículo que já foi muito usado por céticos para que a exatidão científica da Bíblia fosse atacada é 1 Reis 7:23:

> Fez o tanque de metal fundido, redondo, medindo quatro metros e meio de diâmetro e dois metros e vinte e cinco centímetros de altura. Era preciso um fio de treze metros e meio para medir a sua circunferência. (*1 Reis 7:23, "Nova Versão Internacional"*).

Antes de prosseguir, precisamos ter ciência de que algumas traduções da Bíblia, tal como a Nova Versão Internacional, trazem as medidas convertidas ao nosso sistema de unidades, embora normalmente mantenha as medidas originais em notas de rodapé. No caso, a medida original era o côvado, o qual foi convertido na tradução para metro. Foi assumido pelos tradutores que um côvado equivale a 0,45 metros a fim de facilitar a leitura. A medida mais exata para o côvado, na verdade, é 18 polegadas, ou 45,72 centímetros, ou 0,4572 metros. Vamos ver a mesma passagem na versão Almeida Revista e Atualizada, a qual exibe as medidas originais em côvados:

> Fez também o mar de fundição [o tanque], redondo, de dez côvados de uma borda até à outra borda, e de cinco de altura; e um fio de trinta côvados era a medida de sua circunferência. (*1 Reis 7:23, "Almeida Revista e Atualizada Segunda Edição"*).

Matematicamente, sabe-se que a divisão da medida do comprimento de uma circunferência pelo seu diâmetro sempre resulta no valor de *pi* (3,14159...). Com os valores citados na passagem de 1 Reis 7:23, o número resultante dessa divisão é exatamente três (ou seja, treze metros e meio de comprimento de circunferência divididos por quatro metros e meio de diâmetro resulta em três, ou trinta côvados de circunferência divididos por dez côvados de diâmetro resulta em três). A objeção dos céticos é que a divisão deveria resultar no valor exato de *pi* (3,14159...). A conclusão alegada é que isso comprova a falta de confiabilidade da Bíblia e sua inexatidão. Porém, a resposta para essa objeção é dupla.

Em primeiro lugar, o número real de *pi* (3,14159...) é um número irracional transcendente, ou seja, depois da vírgula, o número de casas decimais continua indefinidamente. Portanto, qualquer número que a Bíblia exiba, ou até mesmo que um matemático exiba, vai ser incompleto de qualquer forma.

Em segundo lugar, **os céticos que acreditam que essa passagem prova inexatidão da Bíblia têm saltado para a conclusão que é a circunferência externa do tanque que está sendo medida.** Uma leitura cuidadosa do contexto revela que o versículo vinte e seis do mesmo capítulo informa a espessura do tanque como sendo de "quatro dedos", o que é equivalente mais ou menos a quatro polegadas:

> **A espessura do tanque era de quatro dedos,** e sua borda era como a borda de um cálice, como uma flor de lírio. Sua capacidade era de quarenta mil litros. (*1 Reis 7:26, "Nova Versão Internacional"*).

Assim, quando duas medidas de "quatro dedos", ou "quatro polegadas" (sendo que uma polegada equivale a 0,0254 metros), são subtraídas do diâmetro exterior do círculo, uma medida subtraída de cada lado/borda, deduz-se que **a relação sendo dada na passagem de 1 Reis 7:23, na verdade, se refere à medida do comprimento da circunferência interior do tanque.** O resultado da divisão do comprimento da circunferência externa pelo diâmetro subtraído das duas medidas de quatro polegadas resulta em 3,1395... Quase 3,14, que é um valor de *pi* muito comumente empregado – ou seja, um arredondamento muito razoável de *pi*. Demonstremos com a matemática:

- **Circunferência** = 30 côvados (1 côvado equivale a 0,4572 metros) = **13,716 metros** (a Nova Versão Internacional exibe um número arredondado de 13,5 metros);
- **Diâmetro externo da circunferência do tanque** = 10 côvados (1 côvado equivale a 0,4572 metros) = 4,572 metros (a Nova Versão Internacional exibe um número arredondado de 4,5 metros);
- **Espessura do tanque** = assumindo como sendo quatro polegadas (1 polegada equivale a 0,0254 metros) = 0,1016 metros;
- **Diâmetro interno da circunferência do tanque** = 4,572 metros menos duas vezes 0,1016 metros (duas vezes porque estamos subtraindo a espessura do diâmetro externo) = **4,3688** metros;
- **Circunferência interna do tanque dividida pelo diâmetro interno do tanque** = 13,716/4,3688 = **3,1395...**

Se considerarmos a conversão de unidades em seus valores mais exatos, ou seja, com mais casas decimais, e se tivéssemos a medida exata de quanto correspondia a medida de um "dedo" na época do texto (a qual assumimos aqui como igual a uma polegada), o arredondamento se tornaria ainda mais próximo do valor de *pi*. **É de considerar também que as medidas podem ter sido registradas na Bíblia com valores aproximados.**

Esse exemplo também ilustra como, em um estudo bíblico mais profundo, às vezes é melhor ter uma tradução mais literal (como a versão Almeida Revista e Atualizada) do que uma tradução mista ou mais dinâmica (como a Nova Versão Internacional) – estudamos sobre isso no segundo estágio deste estudo (integridade). Pode ser que alguém nem sequer atentasse nas medidas arredondadas da Nova Versão Internacional, cuja tradução é mais confortável para ler. No entanto, nesse caso, as medidas originais fizeram certa diferença.

No entanto, o ponto é que os autores bíblicos, ao apresentarem valores como o *pi*, não sugerem mais incompetência do que ouvir o boletim meteorológico com valores apenas em números inteiros, ou do que o uso da expressão "nascer do Sol" por um meteorologista, ou do que os escritos do Dr. Carl Sagan (famoso ateu e materialista científico), o qual declarou que a superfície do Sol tem 6.000 graus Celsius [242]. Em vez de questionar se o Sol tem sempre a temperatura de exatos 6.000 graus Celsius em todos os lugares da sua superfície, **é suficiente entender o contexto no qual as informações estão sendo apresentadas.**

Note que foi o contexto que determinou o arredondamento adequado dos valores em questão. A Bíblia tem que ser analisada em seu contexto. No caso que estudamos, no contexto das descrições do Antigo Testamento sobre a beleza dos móveis do templo, duas casas decimais são bem suficientes.

Uma observação adicional aqui: uma vez que a compreensão de 1 Reis 7:23 envolve a leitura de outro versículo que está bem próximo (1 Reis 7:26), **é a capacidade de raciocínio dos céticos que circularam esse tão chamado "erro da Bíblia" que está em questão.** Eles estão julgando uma coleção de escritos de mais de 800.000 palavras com base em um trecho bem pequeno, se é que eles de fato fizeram uma leitura adequada.

Se tais céticos estão encontrando a lista popular de 100 ou mais "erros bíblicos" encontrados em inúmeros sites de ateísmo e, alegremente, assumindo-os como sendo válidos, seus pressupostos estão demonstrando a mais cega fé. Assim, eles fazem o mesmo que os supostos "crentes" acusados de ter uma fé cega.

Evidentemente, não podemos usar todo o espaço deste estudo apenas para abordar todas as objeções similares a essa. Outras situações usadas na tentativa de mostrar que a Bíblia está errada são respondidas no sétimo estágio deste estudo (objeções). Já demonstramos também outros exemplos de "erros" na Bíblia no segundo estágio deste estudo (integridade).

Exemplos de bons livros que auxiliam muito com supostos "erros da Bíblia" incluem "Bible Difficulties" (Zondervan) de Gleason Archer e "When Critics Ask" (Victor Books) de Norman Geisler, ambos em inglês. As duas obras fornecem centenas de páginas que dão respostas intimamente detalhadas sobre praticamente todas as acusações concebíveis de crítica.

6.4. A REVELAÇÃO DIVINA SE ACOMODOU AO NÍVEL DE COMPREENSÃO DE SUA ÉPOCA

Há textos da Bíblia julgados por céticos como sendo inconsistentes com o que é considerado como "fato confirmado pela ciência moderna". Daí, segue-se que a Bíblia é alegada como sendo incorreta.

Porém, antes do julgamento dos textos, é necessário entender o que o autor quis transmitir. **Muitas vezes, para entender determinado texto, devemos nos colocar no lugar da audiência original para qual o texto foi dirigido.**

Essa ideia pode ser expressa pelo exemplo da tartaruga que mencionamos anteriormente. Voltemos a esse exemplo: digamos, hipoteticamente, que Deus tenha se revelado ao um povo antigo que tinha a crença de que o mundo repousava nas costas de uma tartaruga gigante. Então, digamos que Deus tenha inspirado uma pessoa daquele povo a escrever o seguinte: "Deus colocou o mundo firmemente nas costas da tartaruga; não será abalado" (veja o Salmo 104:5). Será que essa declaração ainda poderia ser a Palavra de Deus, embora fazendo referência a uma imagem incorreta do mundo? Certamente! **A revelação inspirada nessa declaração não teria nada a ver com uma tartaruga, mas tudo a ver com a fidelidade de Deus** (o contexto de Salmo 104:5). **No exemplo, a tartaruga apenas faria parte de um quadro cultural que permite que a revelação faça sentido para aquele povo.**

O mesmo raciocínio pode ser empregado no caso de textos bíblicos que são alegados como dando apoio a um **modelo de Terra plana.** Mesmo que assumíssemos que há textos bíblicos que realmente retratam uma ideia de Terra plana, deveríamos saltar à conclusão que a Bíblia não pode ser a Palavra de Deus porque a verdade científica é que o planeta Terra tem forma geoide? **Não estaria Deus se acomodando à perspectiva e ao entendimento das pessoas da época que receberam sua revelação ao invés de dar uma lição sobre o verdadeiro formato da Terra? Seria realmente a intenção da revelação divina expressar cientificamente o formato do planeta?**

Uma forma de exemplificar essa ideia é a forma como um professor deve ensinar uma equação científica para uma turma nova de alunos de um colégio de ensino médio. Digamos que a equação tenha uma forma simplificada, a qual confere um resultado mais grosseiro, mas suficiente para a maioria das aplicações. Essa mesma equação tem também uma forma completa, a qual está cheia de fatores adicionais com cálculos complicados, e apenas se a equação for aplicada em sua forma completa que sua exatidão seria útil para uma aplicação específica e delicada. Tendo em vista o contexto da turma nova de alunos de ensino médio, qual versão da equação é melhor ensinar? Obviamente, a versão simplificada da equação seria adequada.

Assim, a **acomodação da revelação bíblica** diz respeito à questão de se, ou até que ponto, a Bíblia pode ser considerada literalmente verdadeira em relação à "verdade científica". Como Stephen D. Benin afirmou:

> **A revelação divina é ajustada ao nível intelectual e espiritual díspar da humanidade em diferentes momentos da história** [243].

Ou, nas palavras de Alister McGrath:

> **Deus, cujo ser é, de certa maneira, incognoscível, se acomoda aos limites da linguagem humana de tal forma que possa ser compreendido pelos seres humanos** [244].

Podemos constatar que a divindade se acomodou às mentes e experiências humanas em Jesus Cristo. A pessoa e a obra de Jesus mostram o melhor exemplo dessa acomodação. Tornando-se carne, Jesus se acomodou à condição humana. Por meio de sua vida, seus ensinamentos e ministério, Deus falou e se comunicou no mesmo nível da humanidade.

6.5. POR QUE A BÍBLIA NÃO FOI ESCRITA DA FORMA QUE GOSTARÍAMOS?

Uma vez que a compreensão correta do que a Bíblia ensina é tão importante, e tanto aqueles que confiam na Bíblia quanto aqueles que não confiam nela têm tido dificuldade em entendê-la, perguntamos: por que a Bíblia não foi escrita de forma que não deixasse nenhuma sombra de dúvida quanto a seu entendimento? Por que a Bíblia não foi escrita de uma forma clara como cristal?

Essa é uma questão interessante. Se a vontade de Deus é que todos o conheçam e o busquem, parece lógico que a Bíblia deveria ter sido concebida de forma a ser entendida totalmente e perfeitamente por qualquer pessoa. Certamente Deus poderia ter feito isso se ele é quem diz que é.

A primeira coisa que precisamos nos lembrar é que **Deus é um ser inteligente que tem seus propósitos.** Deus também consegue ver muito mais do que nós, seres humanos. Ao contrário dos seres humanos, ele consegue ver todos os desdobramentos de cada evento ocorrido desde sempre – inclusive em termos de passado, presente e futuro. Nós não podemos chegar nem mesmo perto disso, ainda que fossem somadas toda a inteligência e sabedoria humana de toda a história.

Tendo apenas isso em mente, sendo Deus tão mais elevado em relação a nós, devemos nos perguntar se realmente temos condições de entender todas as razões pelas quais ele deixou a Bíblia como ela é. Na verdade, o profeta Isaías falou sobre isso:

> "Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos", declara o SENHOR. "Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos; e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos. Assim como a chuva e a neve descem dos céus e não voltam para eles sem regarem a terra e fazerem-na brotar e florescer, para ela produzir semente para o semeador e pão para o que come, assim também ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não voltará para mim vazia, mas **fará o que desejo e atingirá o propósito para o qual a enviei"**. (*Isaías 55:8-11, "Nova Versão Internacional"*).

Deus expôs que seus caminhos e pensamentos são muito mais elevados do que os caminhos e pensamentos do ser humano, tanto quanto os céus distam da terra. Entenda com essa comparação que a palavra "céus" compreende não só a atmosfera terrestre, mas também todo o espaço sideral (o universo). Em palavras simples e diretas, **Deus é tão superior aos seres humanos que não há nem como compará-los a ele.**

Além disso, Deus afirmou que **sua Palavra fará o desejo dele e atingirá o propósito dele, e não os nossos.** Eis a razão pela qual a Bíblia é do jeito que ela é: **se a Bíblia fosse diferente, não realizaria o desejo e o propósito de Deus.** Podemos pensar que, se a Bíblia fosse escrita de forma clara como cristal, ela seria muito melhor. Mas Deus não pensou assim.

Podemos desenvolver um pouco o raciocínio aqui: será que haveria lugar para o desenvolvimento de uma fé que agrada a Deus se a Bíblia fosse tão clara quanto cristal? Ora, com uma "claridade como cristal" já teríamos facilmente toda a informação que precisaríamos para ser "perfeitos" – bastaria seguir cada passo, como se fosse uma lista em que são marcados os passos já realizados. Tudo já estaria explicado além de sombra de dúvida, portanto, não haveria necessidade de empregar busca alguma, nem haveria necessidade de desenvolver confiança.

Bastaria ter apenas um pouco de dedicação e perseverança no início para "ler a lista" e fazer o que está ali descrito. O processo se tornaria um tanto mecânico.

No entanto, a fé que agrada a Deus é uma fé operante, a qual se desenvolve tanto em momentos bons quanto momentos ruins (e principalmente em momentos ruins), em meio não apenas à certeza, mas principalmente na incerteza, envolvendo confiança em Deus mesmo quando não se sabe como ele operará – uma confiança baseada em seus feitos revelados na Bíblia. A fé que agrada a Deus vai além do que se pode ver ou conhecer. É uma fé que exige busca, dedicação, perseverança e confiança. Essas qualidades (e outras) dificilmente seriam desenvolvidas se as coisas forem fáceis demais ou claras demais. Estamos apenas tocando no assunto e já é possível perceber como um "livro escrito de forma clara como cristal" não seria o mais adequado para o desenvolvimento de uma fé como essa.

Nas palavras do profeta Isaías acima citadas, a operação da Bíblia como Palavra de Deus é comparada ao ciclo da água: a água desce do céu em forma de chuva ou de neve, e não volta para o céu na forma de vapor antes de regar o solo, de forma a fazê-lo produzir sustento para as pessoas, além de garantir mais sustento no futuro por meio das sementes para plantio. Note o detalhe importante de que a água volta ao céu, mas apenas depois de cumprir esses objetivos sobre a terra.

Da mesma forma, a Palavra de Deus foi concebida para retornar para Deus na forma de pessoas transformadas e salvas: pessoas que verdadeiramente, e voluntariamente, desejam estar com Deus, independentemente das circunstâncias. Porém, isso somente é possível após serem efetuados os "preparativos" que Deus sabe serem necessários para as pessoas. A Palavra de Deus foi concebida de forma a efetuar esses "preparativos", de forma que as pessoas sejam alimentadas espiritualmente e semeiem para que mais pessoas se aproximem de Deus. Então, os transformados e salvos estarão com Deus.

> Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito. (*Romanos 8:28, "Nova Versão Internacional"*).

6.6. A ARQUEOLOGIA CONFIRMA OU REFUTA AS ALEGAÇÕES DA BÍBLIA?

> Pouco a pouco, uma cidade após a outra, uma civilização após outra, uma cultura após a outra, cujas memórias foram consagradas apenas na Bíblia, foram restauradas para seus devidos lugares na história antiga pelos estudos de arqueólogos [...]. Em nenhum lugar a descoberta arqueológica refutou a Bíblia como história [245].

A ciência da arqueologia não carrega pressupostos que inerentemente favorecem ou discriminam crenças ou ideias bíblicas específicas. Essa objetividade faz dessa ciência uma boa escolha para examinar a credibilidade das Escrituras.

6.6.1. O ADVENTO DA MODERNA ARQUEOLOGIA

De acordo com o U.S. News & World Report, "Uma onda de descobertas arqueológicas está alterando as velhas ideias sobre as raízes do cristianismo e judaísmo – e afirmando que a Bíblia é historicamente mais exata do que muitos estudiosos pensavam" [246]. Vindo de uma fonte não religiosa, esse é um endosso significativo para a integridade das Escrituras. Embora a arqueologia não seja a base do cristão para a fé, ela **fornece evidência objetiva e tangível em suporte de muitas pessoas, lugares e eventos da Bíblia.** Desde a época dessa fonte até agora, não tem sido diferente.

No entanto, a disponibilidade de tal evidência não tem sido sempre o caso, como escreveu Oswald Allis:

> Tendo em vista o grande interesse que agora se centra na arqueologia, um interesse firmemente em constante crescimento, faz-se bem ao chamar a atenção para a situação sobre um sesquicentenário atrás, quando a pesquisa arqueológica, no sentido moderno, começou. A expedição de Napoleão ao Egito em 1798 tem sido referida como marcando o seu início; [...]. Mas a escavação não começou até cerca de meio século depois: com Botta (1842) e Layard (1845) na Mesopotâmia, [...]. A situação anterior à essa época foi bem descrita por Ira M. Price. Em "The Monuments and the Old Testament" (1899), [...] ele chamou a atenção para o fato de que o "Antigo Testamento há cem anos ficou sozinho em uma era de outra maneira desconhecida. Ele foi o único

representante conhecido dos dez séculos anteriores à ascensão da Grécia e de Roma. [...] Se contraditas ou desafiadas, [as Escrituras] não poderiam fazer nenhuma resposta" [247].

Descrevendo como a arqueologia moderna tem mudado esse quadro, R. K. Harrison registrou:

A atividade arqueológica tinha agora fornecido uma grande quantidade de material que permite uma imagem razoavelmente exata da vida nas terras da Bíblia, a qual pode ser desenhada para tão antigamente quanto o período neolítico, e talvez até mais além. Estudos comparativos têm resultado em uma correlação substancial da cultura palestina com as suas contrapartes do Egito, da Ásia Menor, do Mar Egeu, e da Mesopotâmia. Em consequência, o fundo contra o qual os eventos ocorridos e narrados no Antigo Testamento foi alargado imensamente desde os dias de Wellhausen, de modo que agora é possível reconstruir períodos inteiros da história do Antigo Testamento, de uma forma antes desconhecida para as primeiras gerações de estudiosos [248].

6.6.2. O QUE A ARQUEOLOGIA TEM REVELADO?

Investiguemos a seguir o que a moderna arqueologia tem revelado a respeito da Bíblia.

6.6.2.1. EM RELAÇÃO À ESCRITA E À EXATIDÃO

As mais dramáticas descobertas arqueológicas são aquelas que completamente irritaram ideias ou teorias pensadas como sendo verdadeiras. Entre as descobertas estão os **pergaminhos do Mar Morto,** os quais provaram que os escritos do Antigo Testamento são realmente antigos e que têm mantido exatidão quase perfeita na transmissão, conforme estudamos no segundo estágio deste estudo (integridade).

As **tabuetas em Ebla** são outra descoberta que provou que a escrita existia muito antes da época de Moisés, o que demoliu o argumento que a Bíblia não poderia ser antiga porque não existia escrita naquela época.

6.6.2.2. EM RELAÇÃO A REIS E CIVILIZAÇÕES PERDIDOS

A **civilização hitita** já foi considerada fictícia porque só foi mencionada na Bíblia. Isso foi assim até 1906, quando o arqueólogo alemão Winckler descobriu a cidade capital hitita juntamente com toda a sua história registrada em escrita cuneiforme. Não apenas a Bíblia foi validada sobre os hititas, mas as tabuetas cuneiformes deram uma história inicial em conformidade com o descrito pela Bíblia [249]. Hititologia eventualmente tornou-se um curso superior em várias universidades.

Já se pensou que o livro bíblico de Daniel estivesse errado por mencionar **dois reis simultâneos da Babilônia,** sendo que nenhum deles tinha sido encontrado em qualquer outro lugar na história. Então, em 1854, J. G. Taylor descobriu escritos do rei Nabonido e seu filho Belsazar, o príncipe herdeiro [250].

Após essa descoberta, a posição do Livro de Daniel sobre Belsazar como rei ainda como foi tomada como estando em erro. Mas isso também foi clarificado em 1979 por uma descoberta de uma estátua no norte da Síria que, em duas línguas, descreveu a posição de Belsazar. O texto assírio descreveu Belsazar como governador, que era o seu título oficial, enquanto o aramaico o descreveu como rei, o papel que ele tinha recebido sobre aqueles assírios [251]. Essa boa distinção em títulos tinha sido perdida desde os escritos de Daniel há mais de 2.500 anos, como também tinham sido perdidas descrições detalhadas da corte da Babilônia e do império [252]. **Se os escritos não fossem verdadeiramente de autoria de Daniel, ou alguém do seu tempo, quem mais teria incluído o tão chamado "erro evidente" de dois reis simultâneos? Quem mais teria conhecido detalhes exatos da antiga cidade – ambos os quais tinham sido perdidos por muito tempo até o século vinte?** J. D. Wilson reiterou:

Quanto mais eu leio e releio [Daniel], mais eu fico impressionado com a verdade do *tableaux* da corte Babilônica traçada nos primeiros seis capítulos. Qualquer um que não é escravo de opiniões preconcebidas deve confessar isso ao comparar esses seis capítulos com os monumentos cuneiformes que são realmente antigos e escritos a uma curta distância a partir das próprias cortes [253].

6.6.2.3. EM RELAÇÃO AO MODO DE VIDA E COSTUMES

Tabuetas de escrita de Mari no Eufrates Médio (cerca de 1700-1600 a.C.) e de **Nuzi** no Tigre no nordeste do Iraque, descobertas em 1925, dão informações que corroboram com o modo de vida e costumes registrados na Bíblia. Henry T. Frank elaborou:

> Nós já vimos que a conversa de Abraão com Efron relativa à compra da caverna de Macpela estava em conformidade com a prática antiga comum. Aparentemente, Abraão desejava comprar apenas a própria caverna para enterrar sua esposa Sara. No entanto, regido pela prática hitita, ele teve que comprar não somente a caverna, mas a terra e o bosque associados. Essa suposição de obrigação feudal descrita em Gênesis 23:1-20 está exatamente de acordo com os documentos hititas recuperados de Boghazkoy em que tais detalhes são enfatizados [254].

Gleason Archer listou mais eventos para os quais as tabuetas de Nuzi servem como prova e contexto da antiga atividade de patriarcas bíblicos:

> (a) A referência de Abraão ao seu servo Eliézer como "filho de sua casa" em Gênesis 15:2 (antes do nascimento de Ismael e Isaque) indicou que ele o havia adotado como seu herdeiro legal. A rejeição de Deus desse arranjo (Gênesis 15:4) poderia ter ocasionado constrangimento a Abraão se não tivesse sido habitual (como os textos de Nuzi mostram) anular a concessão de direitos de herança a um filho adotivo se um herdeiro natural fosse posteriormente nascido na família. (b) A legitimidade de vender o direito de primogenitura de alguém (como Esaú vendeu a sua a Jacó em Gênesis 25:33) estava estabelecida em Nuzi, pois em um caso, o irmão mais velho foi validamente recompensado por um pagamento de três ovelhas [...]. (c) O caráter vinculativo de uma última vontade antes da morte, assim como foi suscitada a partir de Isaque por Jacó, é atestada por um caso em que um homem chamado Tarmiya estabeleceu seu direito para uma mulher com quem ele tinha se casado por provar que seu pai, no leito de morte, oralmente concedeu ela para ele [255].

Outro testemunho para a Bíblia é fornecido mediante as **paredes do grande templo de Carnaque,** no Alto Egito. Um ataque egípcio sobre a Palestina é considerado correspondente ao de 1 Reis 14:25-26. Essa descoberta lista as cidades específicas atacadas e até mesmo faz referência ao campo de Abraão: "A primeira vez que uma fonte fora da Bíblia confirma aquela conexão do patriarca com uma localidade na Palestina" [256].

6.6.2.4. EM RELAÇÃO A PESSOAS E PRÁTICAS DO NOVO TESTAMENTO

Os livros de Lucas (o Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos) também foram zombados pelos críticos, os quais alegavam que não se encontrava apoio externo para pessoas e eventos mencionados dentro deles. Embora os críticos presumissem que os livros eram culpados até que fossem provados inocentes, os livros de Lucas têm sido afirmados pela arqueologia em curso.

Uma pesquisa mostra que o registro regular dos contribuintes por Roma realmente existiu. Tal recenseamento teve lugar na Síria e Judeia, como foi documentado em uma inscrição antiga chamada **"Titulus Venetus"** [257]. **Um papiro egípcio de 104 d.C.** confirma a necessidade de retorno à terra natal para esse recenseamento: "Por causa do censo se aproximando, é necessário que todos aqueles que residem por qualquer causa longe de suas casas devam rapidamente se preparar para voltar a seus próprios governos, a fim de que possam completar o registro da família da inscrição e que as terras cultivadas possam reter aqueles que pertencem a elas" [258]. Abordamos mais sobre o censo mencionado por Lucas no sétimo estágio deste estudo (objeções).

Outra alegação dos críticos foi a não existência de Pôncio Pilatos, governador da Judeia. Essa alegação foi silenciada em 1961, quando **uma escavação de Cesareia,** capital romana da Palestina, descobriu uma inscrição carregando o nome e o título de Pilatos [259]. Da mesma forma ocorreu com Gálio, procônsul da Acaia, e Lisânias, tetrarca de Abilene, que foram de "mito" para fato arqueológico [260]. O título de Lucas sobre Públio como "o principal da ilha" ou "o primeiro homem" em Atos 28:7, e seu uso do termo "politarcas" para se referir às autoridades civis de Tessalônica em Atos 17:6-8, não foram considerados verdadeiros pelos críticos até que tais termos foram descobertos em textos não bíblicos.

Craig L. Blomberg registrou uma série de achados arqueológicos que coincidem com eventos registrados no Evangelho de João:

> Arqueólogos desenterraram as cinco entradas do tanque de Betesda próximas à Porta das Ovelhas (João 5:2), a piscina de Siloé (João 9:1-7), o poço de Jacó em Sicar (João 4:5), o pavimento de pedra (*Gábata*) onde Pilatos julgou Jesus (João 19:13), e o Pórtico de Salomão nos arredores do templo (João 10:22-23). [...] Desde então, a descoberta de um ossuário (caixa de ossos) de um homem crucificado chamado Joanã, da Palestina do primeiro século, confirma que os pregos foram conduzidos em seus tornozelos, como no caso de Cristo; anteriormente alguns céticos pensavam que os romanos usavam somente cordas para fixar as pernas de homens condenados às suas cruzes. E em menos de cinco anos antes do presente, em 1990, os cemitérios de Caifás, o sumo sacerdote judeu, e de sua família, foram descobertos em Jerusalém. Esses e inúmeros outros detalhes criam uma impressão favorável da confiabilidade dos evangelhos nas áreas em que podem ser testados [261].

Sir William Ramsay, famoso arqueólogo, começou um estudo da Ásia Menor com pouca consideração para o Livro de Atos dos Apóstolos. Ele escreveu mais tarde:

> Eu posso justamente afirmar ter entrado nessa investigação sem preconceito a favor da conclusão da qual vou agora procurar justificar ao leitor. Pelo contrário, eu comecei com uma mente desfavorável a ele [o Livro de Atos dos Apóstolos] [...]. Ele então não estava na minha linha de vida para investigar o assunto minuciosamente; mas mais recentemente, eu encontrei-me em contato com o Livro de Atos como uma autoridade para a topografia, antiguidades e sociedade da Ásia Menor. Foi gradualmente colocado em mim que, em vários detalhes, a narrativa mostrou maravilhosa verdade [262].

6.6.2.5. A NAZARÉ DO PRIMEIRO SÉCULO [263]

Em 21 de Dezembro de 2009, a Israel Antiquities Authority anunciou uma descoberta arqueológica que deve ter causado faces vermelhas para alguns que duvidaram da exatidão histórica do Novo Testamento. Pela primeira vez na história, os arqueólogos citaram evidências da cidade de Nazaré do primeiro século, a renomada cidade natal de Jesus. Além disso, essa descoberta teve o apoio de cientistas. O arqueólogo Stephen Pfann, presidente da University of The Holy Land, afirmou: "É a única testemunha que temos daquela área que nos mostra como as paredes e pisos eram dentro da Nazaré no primeiro século" [264].

Embora Nazaré exista hoje como uma próspera cidade árabe no norte de Israel, alguns estudiosos acreditavam que não existia durante a época da vida de Jesus. Por exemplo, a Enciclopédia Bíblica em 1899 declarou: "É muito duvidoso que a bela aldeia montanhosa de Nazaré tenha sido realmente a morada de Jesus" [265].

Em 2006, a American Atheist Press publicou um livro de Rene Salm intitulado "O Mito de Nazaré". O autor resumiu seu argumento antes dessa descoberta recente. Ele escreveu: "O que deve importar a todos os cristãos, no entanto, é o fato inescapável de que os evangelistas inventaram esse elemento básico na história da redenção cósmica. A prova está agora em mãos que 'Jesus de Nazaré', um ícone de longa data da civilização ocidental, é falso".

Em face dessa nova descoberta, Salm ainda tentou defender as conclusões de seu livro. No entanto, **fragmentos de argila do primeiro século descobertos na localização de Nazaré minaram sua teoria de que a cidade natal de Jesus foi mítica.** Arqueólogos também descobriram outras relíquias em tempos recentes que confirmam a existência de personagens do Novo Testamento, como Pilatos e Caifás.

Mas o que é tão importante sobre Nazaré? De acordo com um artigo de Frank Zindler do *website* American Atheists, a questão da existência ou não da cidade durante o primeiro século é bem importante. Ao revisar o artigo "The Myth of Nazareth", Zindler explicou a razão. Ele deixou o seu ponto claro quando escreveu: "Se pudesse ser mostrado de forma conclusiva que 'Nazaré' não existia no momento em que Jesus e sua família supostamente tinham vivido lá [...] você entende o meu ponto pretendido."

Rene Salm citou ainda mais: "Escavações arqueológicas de cidade natal de Jesus tornam absolutamente certo – ou pelo menos tão certo quanto qualquer argumento científico pode ser – que o lugar agora chamado Nazaré não foi povoado a partir de 730 a.C. até algum tempo depois de 70 d.C. Esse fato desagradável é mais do que uma mera inconveniência para aqueles que buscam fatos históricos nos evangelhos" [266].

Salm argumentou também a importância da questão ao escrever: "Se a tradição inventou sua cidade natal, então quem pode colocar fé em outros aspectos da história de Jesus, como seu nascimento virginal, milagres, crucificação ou ressurreição? Foram esses também inventados? O que, em outras palavras, é deixado nos evangelhos para que o cristão comum possa ter certeza? O que resta de sua fé?" Salm concluiu seu artigo com estas palavras provocativas: "Comemorem, pensadores livres... O cristianismo como o conhecemos pode finalmente ter chegado ao fim!" [267].

Em outras palavras, se Nazaré não existisse no primeiro século como os evangelhos do Novo Testamento declaram, então como poderíamos saber se alguma outra coisa nos evangelhos é historicamente exata?

Porém, essa moeda tem dois lados. Uma vez que a Nazaré do primeiro século existiu, o que isso diz sobre a confiabilidade dos relatos dos evangelhos sobre Jesus? É uma afirmação das crenças cristãs.

6.6.3. O QUE A ARQUEOLOGIA NÃO PODE FAZER?

Claramente a confirmação periódica da arqueologia sobre a Bíblia está escorando a fé daqueles que já acreditam que ela seja a Palavra de Deus. No entanto, nenhuma confirmação arqueológica provavelmente vai dar qualquer tipo de golpe mortal para o lado da descrença, especialmente porque **nem todas as afirmações na Bíblia são de natureza a deixar provas materiais que sobreviveriam milhares de anos de tempo.** Allis escreveu sobre esse assunto:

> [A Arqueologia] pode confirmar o cenário e o pano de fundo da vida de Abraão. Ela o tem feito em um grau notável. Mas não é provável que quaisquer registros pessoais de sua vida além daqueles contidos na Bíblia vão sequer ser descobertos. Isso é improvável por várias razões. Uma delas é o fato de que a Bíblia nos diz muito pouco sobre a vida de Abraão, e esse pouco é contado em grande parte em termos da experiência íntima e pessoal de Abraão. A outra é que os contatos de Abraão com o grande mundo, até mesmo sua vitória sobre Quedorlaomer e seus reis companheiros (Gênesis 14), dificilmente teriam tomado lugar nos registros históricos de seus contemporâneos.
>
> É também preciso lembrar que há uma grande diferença entre a religião de Israel e os cultos dos povos vizinhos. A religião de Israel era espiritual; seus vizinhos eram todos os adoradores de ídolos. Por conseguinte, enquanto as imagens dos deuses pagãos – especialmente plaquetas de Astarte – abundam, não há imagens do Deus de Israel a serem descobertas, e não há templos exceto o que está em Jerusalém. Evidências materiais da adoração de Israel (madeira, pedra ou metal) não vão, portanto, indicar a verdadeira adoração de seu povo, mas a sua perversão [268].

Muitos céticos que duvidam da historicidade da Bíblia compartilham de um problema: confiança excessiva no que a arqueologia pode provar. Entenda que, de fato, **a arqueologia é uma área de estudo limitada e imperfeita em que a interpretação dos achados, como os arqueólogos prontamente admitem, é mais uma arte do que uma ciência exata.**

Considerações sobre os limites dessa ciência são:

1. Pouco do que foi feito ou escrito na antiguidade sobreviveu até hoje.

2. Poucos dos sítios antigos foram pesquisados e alguns nem mesmo foram encontrados.

3. Poucos deles foram mais do que avaliados superficialmente.

4. Nem tudo o que foi escavado foi publicado, e nem todos os dados são disponibilizados para o mundo acadêmico.

Considerando não apenas os limites, mas também o lado positivo da arqueologia, é notável quantos relatos bíblicos foram iluminados e confirmados pelo número relativamente pequeno de sítios escavados e descobertos até hoje.

A arqueologia é um dos principais pilares para a crença na Bíblia para aqueles que irão aceitá-la. No entanto, qualquer tipo de evidência arqueológica que parece apoiar a Bíblia sempre vai ser julgada por aqueles que

acreditam existir uma "avenida superior" para descobrir a verdade. Para muitos críticos, essa "avenida superior" é a ciência moderna. Em muitos aspectos, a ciência moderna é a "religião do irreligioso", o qual "reverencia" tanto os praticantes da ciência quanto os seus métodos e filosofias.

6.7. O QUE HÁ NO DEBATE CIÊNCIA VERSUS RELIGIÃO

> Tenho uma crença fundamental na Bíblia como a Palavra de Deus, escrita por homens que foram inspirados. Estudo a Bíblia diariamente. (*Isaac Newton*).
>
> Não, nossa ciência não é uma ilusão. Mas uma ilusão seria supor que aquilo que a ciência não pode nos dar, podemos obter em outro lugar. (*Sigmund Freud*).
>
> Hoje a indestrutibilidade ou permanência da matéria é um fato científico firmemente estabelecido. (*Ludwig Buchner, 1891*).
>
> A existência do éter (ou éter cósmico) como elemento real é um fato positivo e é conhecido como tal nos últimos doze anos. (*Ernst Haeckel, 1901*).
>
> Que deuses que existem, que deuses que existiram, que não foram da imaginação do homem? (*Joseph Campbel*).
>
> Não existe tal fonte de erro como a busca de verdade absoluta. (*Samuel Butler*).
>
> [...] a ciência ocidental surgiu da teologia cristã. Provavelmente não é por acaso que a ciência moderna cresceu explosivamente na Europa cristã e deixou o resto do mundo para trás. (*Freeman Dyson*).
>
> Por exemplo, quatro homens que talvez tenham feito tanto quanto qualquer um para revolucionar as ciências matemáticas nos séculos dezesseis e dezessete, Copérnico, Kepler, Galileu e Newton, eram todos cristãos profundamente religiosos que, de muitas maneiras, viam seu trabalho científico como um empreendimento religioso. (*J. J. O'Connor e E. F. Robertson*).

A ideia de que a ciência moderna é uma alternativa à religião é muito popular. Acreditar nisso meramente indica o quão pouco se conhece sobre a ciência ou religião.

Esta é a história do debate ciência versus religião.

6.7.1. A CIÊNCIA É UMA ALTERNATIVA À RELIGIÃO?

Os cristãos acreditam que o universo é um produto de origem divina. Essa crença procede principalmente da ressurreição de Jesus e do testemunho histórico da Bíblia. O ateísmo, por contraste, nega a certeza de qualquer origem sobrenatural ou influência divina no mundo. A crença ateísta é baseada na premissa de que Deus não tem sido comprovado como existente, além de ser baseada em uma interpretação puramente empírica do mundo natural. No entanto, tanto cristãos quanto ateus empregam a ciência em apoio dos seus casos.

A ciência apoia a Bíblia ou a refuta? Essa não é uma questão simples e serão necessárias muitas informações para respondê-la razoavelmente.

Falando brevemente, **a ciência não é uma alternativa para uma visão de mundo cristã, mas apenas um método de coletar informação. A ciência é uma ferramenta.** É um método que não está em conflito com a Bíblia e pode efetivamente e legitimamente afirmar a credibilidade da Bíblia. A ciência é, frequentemente, retratada pelo pensamento secular como uma alternativa mais racional do que a crença em Deus. Como tal, a ciência tornou-se em uma religião. Muitos cientistas detinham opiniões similarmente elevadas de sua profissão há cerca de cem anos antes do presente, mas a perspectiva científica tem mudado desde então.

Começando logo após o advento do século vinte, uma mudança de paradigma no pensamento científico ocorreu. Novas observações sobre o universo eram radicalmente diferentes das crenças comparativamente simplistas que eram mantidas anteriormente. Essas novas perspectivas sobre a natureza do universo eram tão

diferentes que grande parte da população em geral, naquela época e até mesmo agora, ainda via a ciência e o universo por meio de conceitos obsoletos.

6.7.2. A HISTÓRIA DA PERSPECTIVA CIENTÍFICA MODERNA

Para garantir que os leitores de hoje compreendam a posição da ciência, a natureza da ciência, e como essas coisas se relacionam com a Bíblia, vamos examinar um breve histórico da perspectiva científica moderna, um discurso sobre o que exatamente a ciência é e o que ela não é, o melhor desempenho registrado do método científico e a sua confiabilidade, e a exatidão científica da Bíblia.

6.7.2.1. A PERSPECTIVA DOS ANOS 1600

Entre o final do século dezessete e o início do século dezenove, a história e os precedentes históricos começaram a ser vistos como menos relevantes para a aprendizagem do que o raciocínio e o empirismo (a visão de que a experiência sensorial é a única fonte de conhecimento). Uma causa disso foi o tremendo sucesso das leis de Isaac Newton para predizer o comportamento de objetos em movimento. A eficiência mensurável dessas leis deu muita confiança ao conceito de equivocar teorias e fórmulas com fatos e evidências reais. O efeito que isso teve sobre a ciência graduou completamente novas perspectivas sobre o universo.

Uma perspectiva maior e nova foi chamada de filosofia do **mecanismo,** ou **determinismo.** O determinismo foi a crença em que a natureza do universo era como a natureza de uma máquina gigante. O universo foi pensado como sendo um enorme e fundamentalmente simples mecanismo sobre o qual todos os eventos e características poderiam ser determinados com a matemática. A crença de que tudo poderia ser tão determinado, e a crença de que o universo era tanto imutável quanto eterno, foram "confirmações suficientes" para muitos céticos que acreditavam que Deus não existe. O raciocínio deles é demonstrado a seguir.

6.7.2.2. O DETERMINISMO DESTITUINDO DEUS

No passado, as coisas ou acontecimentos no universo que eram muitas vezes inexplicáveis tinham sido atribuídos às misteriosas obras de Deus. Se Deus é espírito, e o espírito é invisível, então as obras de Deus devem ser igualmente invisíveis. Compreendê-las era privilégio de Deus apenas.

Os planetas, por exemplo, eram entendidos como restritos a voar dentro de suas órbitas por nada mais do que a pura força de vontade de Deus. Então, as teorias da mecânica de Newton explicaram o movimento dos planetas e, portanto, presumivelmente, o universo. O livro "A Origem das Espécies" de Charles Darwin, em si, foi em parte efeito e em parte causa dessa nova visão de mundo, e forneceu o que alguns consideraram a primeira alternativa tangível para a criação divina da vida. Assim, **a crença em Deus foi se perdendo entre os cientistas, não por ser refutada, mas por uma diminuição da necessidade de usar a intervenção divina como uma explicação do que se pensava ser anteriormente inexplicável.**

Cientistas como Darwin não trabalharam exatamente para refutar a existência de Deus, mas simplesmente para escapar da necessidade de usar a explicação do "misterioso funcionamento" sempre que confrontados com algo desconhecido. Os desconhecidos tipicamente acabaram sendo o resultado de algum padrão dentro da natureza que ainda não tinha sido descoberto. Com isso em mente, a interpretação determinista do mundo natural, limitando a si mesma à observação empírica, não viu nada além desses padrões. Isso ignorou Deus como a primeira causa e, consequentemente, "eliminou" a importância de sua existência e, além disso, "eliminou" quaisquer propósitos por trás daquelas coisas que ele tinha criado.

O determinismo pode ter sido uma alternativa escolhida predominantemente por aqueles que nunca tinham aceitado o cristianismo em primeiro lugar, mas ganhou a sua quota de convertidos.

6.7.2.3. A RELATIVIDADE DESTITUINDO O DETERMINISMO

A ideia de que o determinismo rivalizava com Deus em termos de explicação para o universo parecia sinalizar que a ciência tinha chegado. O universo "não precisava" de Deus como parte de sua explicação, portanto, para início de conversa, nunca deveria ter existido Deus. **Mas essa ideia, juntamente com outros pensamentos**

deterministas pensados como sendo verdades eternas, começou a desmoronar à luz da aurora da ciência do século vinte.

As teorias da relatividade de Albert Einstein supersederam a mecânica newtoniana e acabaram refutando os absolutos de Newton sobre movimento e repouso. O princípio da incerteza de Werner Heisenberg, o qual diz que ou apenas a velocidade ou apenas a localização de um elétron pode ser conhecida a um dado momento, e nunca os dois ao mesmo tempo, provou a impossibilidade de determinar com certeza qualquer coisa no nível atômico e, a partir daí, qualquer evento subsequente. Uma célula viva, que na época de Darwin foi pensada ser um bloco de construção básico da vida, provou conter uma miríade de complexidades, subcomponentes, e vastas redes de informação, coisas que ninguém tinha sequer imaginado.

As novas verdades da ciência então diziam que o universo não é estático, não é eterno, e quase sobre tudo que se refere ao seu funcionamento é bem mais complexo do que se pensava há cerca de 100 anos antes do presente. A ilusão simplista chamada de determinismo tinha chegado ao fim.

Os cientistas desde então têm se distanciado da filosofia determinística graças aos trabalhos de Einstein e de Heisenberg. Embora o determinismo esteja tão bom como morto para a ciência, a sua forma simplista de raciocínio continua a viver em certos outros sistemas de crença que influenciou – mais notavelmente o **materialismo científico,** o qual abordamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

O pensamento determinista persiste parcialmente devido ao alto nível de entendimento necessário para apreciar a vanguarda da natureza e as implicações profundas do trabalho de Einstein e de Heisenberg. Juntos, suas descobertas são a prova que o **determinismo era um produto de erros científicos, e não um retrato fiel da realidade.** Até que essa verdade seja mais amplamente divulgada, a falácia que afirma que a ciência é algum tipo de alternativa à religião vai continuar a ser crida e as pessoas vão continuar raciocinando erroneamente de forma mais ou menos como esta: "Deus não existe porque eu não acho que ele tem que existir".

6.7.2.4. QUAL DEVERIA SER A BASE DE CRENÇAS CIENTÍFICAS OU RELIGIOSAS?

Agora que os cientistas têm humildemente voltado a admitir que ainda existem incógnitas no universo, será que a ciência novamente requer que Deus preencha os espaços vazios? Mesmo que sim, **deveria Deus ser usado para preencher os espaços vazios?**

Aqui está uma oportunidade para evitar o mesmo equívoco que removeu Deus da história em primeiro lugar. Assim como é presunçoso para um estudante do ensino médio responder a uma pergunta de álgebra com as palavras "só Deus sabe", da mesma forma é presunçoso para o cientista substituir a sua própria ignorância com conclusões envolvendo intervenções milagrosas. **A ignorância sobre o universo não é prova que Deus existe e não deve ser invocada como tal.** Logicamente falando, se Deus existe, ele existe independentemente de que nós necessitemos que ele exista ou não, independentemente de que queiramos que ele exista ou não, e independentemente de que percebamos que ele existe ou não.

Não diferentemente de suas contrapartes teístas dos tempos medievais, há **cientistas não teístas modernos que agora invocam as suas próprias "divindades do tempo e acaso" para preencher aquilo que não podem provar e não podem explicar.** Muitas vezes, esta simples suposição ainda é considerada verdadeira: "Dado tempo suficiente e acaso, qualquer coisa pode acontecer". Reflita bem nas implicações dessa pressuposição. Tornados podem montar casas móveis e teorias baseadas em evidências vagas podem se transformar em fatos que nunca poderão ser questionados.

Quanto aos teístas do século dezenove que invocavam um deus para responder perguntas irrespondíveis, os tais não estavam necessariamente exibindo qualquer relação com o Deus da Bíblia. Eles, mais do que provavelmente, tinham fé meramente na ideia de um deus. Tal fé pode ter sido baseada na falta de informações em vez do conhecimento da verdade.

O que os deterministas deveriam ter aceitado é que **a única razão para acreditar em qualquer coisa é por meio daquilo que é conhecido, e não por meio daquilo que é desconhecido. Similarmente, nossa crença em Deus não deve ser baseada no que não sabemos. Muito pelo contrário, deve ser baseada no que sabemos.** A

crença em Deus deve ser baseada no conhecimento da revelação de Jesus Cristo, nas evidências contidas na Bíblia, e nas evidências que apoiam a Bíblia.

6.7.3. COMO SE DEFINE A CIÊNCIA?

Quem é melhor para definir a ciência do que os próprios cientistas? Estudemos agora a relação da ciência com outros métodos de aprendizagem, bem como suas próprias limitações.

6.7.3.1. O QUE É CIÊNCIA?

A palavra "ciência" vem originalmente do verbo do latim *scire* que significa **discernir** ou **conhecer.** Como é referida hoje, a ciência é a observação sistematizada, estudo e experimentação para determinar a natureza do que está sendo estudado. Predição e observação é o processo pelo qual a ciência estabelece suas teorias e conclusões. Francis Crick, codestinatário do Prêmio Nobel pela descoberta do DNA, deu uma boa definição da teoria científica:

> A marca distintiva de uma teoria bem-sucedida é que ela prevê corretamente fatos que não foram conhecidos quando a teoria foi apresentada, ou, melhor ainda, que foram então conhecidos incorretamente. Uma boa teoria deve ter pelo menos duas características: ela deve estar em nítido contraste com pelo menos uma ideia alternativa e deve fazer previsões que são testáveis [269].

6.7.3.2. O QUE NÃO É CIÊNCIA?

Ao definir a teoria científica, o Dr. Crick também revelou o que a ciência não é. **Aquilo que não pode ser testado por predição e observação não é ciência.**

Por exemplo, é impossível construir uma equação ou experiência que resulte em prever quem concorreu a um cargo nas eleições de 1896 nos Estados Unidos. No entanto, não é impossível dizer quem eram os candidatos. Os nomes dos candidatos de 1896 podem ser descobertos por meio de pesquisa em jornais e livros antigos. A ciência não pode estabelecer as razões que os candidatos tiveram para concorrer à presidência. Novamente, **não é que tais questões importantes não possam ser respondidas – elas podem. O ponto é que elas não podem ser respondidas pela ciência.**

Imagine encontrar um relógio na calçada. A ciência pode descrever a forma como o relógio funciona, mas não pode formular qualquer experimento repetitivo que resolva a questão de quem o colocou ali, ou, mais importantemente, o motivo de alguém o deixar ali. Portanto, podemos dizer com absoluta confiança que, claramente, **existe conhecimento que não pode ser adquirido exclusivamente por meio do método científico.**

6.7.3.3. OUTROS MÉTODOS VÁLIDOS DE APRENDIZAGEM

O número limitado de perguntas que a ciência pode abordar torna-a incapaz de descobrir tudo. Algumas perguntas são simplesmente questões de história. A história não é previsível e nem repetível. Assim, algumas respostas devem ser buscadas, não por previsão e observação (como no método científico), mas por meio de alguma forma de testemunho: por testemunho gravado ou de primeira mão. Desse modo, **a história é um método de aprendizagem igualmente válido, como a ciência.**

D. James Kennedy confirmou a importância de olhar para todas as disciplinas do aprendizado ao ter escrito o seguinte:

> [...] ciência e história e teologia, como tem sido bem apontado, não são três ramos distintos do conhecimento. São simplesmente três maneiras diferentes nas quais vemos a realidade que encontramos ao nosso redor, assim como comprimento e largura e profundidade são três maneiras diferentes nas quais vemos qualquer objeto físico. Uma vez que elas não são três ramos distintos do conhecimento, não podem ser separadas [270].

O notório matemático Chandra Wickramasinghe concordou perfeitamente:

> Mas o universo não respeita as fronteiras entre diferentes disciplinas. As diferenças entre biologia e astronomia e química e assim por diante, são artefatos feitos pelo homem pelo pensamento. Eu acho que todo

> o sistema está condenado a não ser que alguém decida que todas essas barreiras estão apagadas. E eu vou ir mais longe para dizer que mesmo a interface entre a teologia e as outras disciplinas é necessária [271].

Veremos mais a respeito do suporte a uma completa **liberdade de investigação** que cruza as linhas entre as diferentes áreas de estudo no terceiro tópico especial deste estudo (liberdade de investigação).

6.7.3.4. CIENTISTAS FALAM SOBRE AS LIMITAÇÕES DA CIÊNCIA

Para ser alcançada uma definição completa da realidade é preciso ouvir mais do que apenas o testemunho da ciência. Mais e mais detalhes científicos e detalhes das "mecânicas simples" de nossa existência nunca superam ou tornam obsoleta a nossa necessidade de saber por que estamos aqui e como viemos a existir. Nas palavras do astrofísico Stephen W. Hawking:

> A abordagem usual da ciência de construir um modelo matemático não pode responder às perguntas de por que deveria haver um universo para o modelo descrever [272].

Então, se alguém está esperando que a ciência responda à pergunta "Por que estamos aqui?", nunca vai receber uma resposta, pois a ciência nem sequer está fazendo essa pergunta. A ciência nem ao menos finge saber isso, como George Bankoff esclareceu:

> A ciência hoje não faz nenhuma alegação de explicar em termos de causas absolutas... A alegação da ciência moderna é que ela descreve [...] [273].

Assim, a fim de possuirmos uma visão devidamente equilibrada da ciência, temos que reconhecer os seus limites como colocados diante de nós pelos próprios cientistas. Como tem sido demonstrado, **a ciência não é uma alternativa à religião.** Abraçá-la como tal é esperar mais da ciência do que os cientistas esperam. A ciência é simplesmente uma **metodologia de aprendizagem.** Uma ferramenta. O fato de que **essa metodologia não favorece e nem desencoraja a crença na Bíblia explica como a ciência é acomodada e usada tanto por cristãos quanto por descrentes.**

No primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?), estudamos que tanto as premissas teístas quanto as premissas ateístas são igualmente não prováveis – ambas recaem, em última análise, em uma questão de fé. Embora ambas as premissas não possam ser provadas, ainda somos capazes de examinar os argumentos que procedem delas. **Em termos da Bíblia e da premissa de que Deus existe, podemos olhar para a evidência de que a visão de mundo da Bíblia explica a realidade de forma mais confiável,** conforme estudamos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

6.7.4. A CONFIABILIDADE DA CIÊNCIA

Vamos abordar brevemente sobre o sucesso e a falha da ciência, bem como sua possibilidade de se tornar o mito de amanhã.

6.7.4.1. O SUCESSO DA CIÊNCIA

Cientistas admitem que cometem erros. Os erros não ocorrem porque há alguma coisa inerentemente errada com a ciência, mas simplesmente por causa da falibilidade humana. Pondo essas falhas de lado, **o processo científico conseguiu produzir um mundo maravilhosamente mais produtivo e confortável do que nunca.**

Quanto a tornar o mundo compreensível, Stephen Hawking refletiu: "Toda a história da ciência tem sido a realização gradual de que os eventos não acontecem de forma arbitrária, mas que refletem certa ordem subjacente", e ele encerrou afirmando: "que pode ou não ser divinamente inspirada" [274].

Einstein também ficou impressionado com a natureza ordenada do universo como evidenciado por seus comentários "Deus não joga dados" e "o mistério eterno do universo é a sua compreensibilidade" [275].

6.7.4.2. A FALHA DA CIÊNCIA

Considerando todas as conquistas da ciência, muito numerosas para listar, será que elas justificam usar o método científico para julgar sobre a existência de Deus e a credibilidade da Bíblia? Para determinar se o cristianismo é a religião ou visão de mundo correta?

Qualquer visão de mundo que espera ganhar a nossa crença deveria dar conta, com sucesso, da natureza do mundo que nos rodeia. Perguntar "Será que a Bíblia faz isso?" em última análise requer que nós já tenhamos um relato perfeito da realidade para julgar a exatidão da Bíblia.

Infelizmente, a história mostra que a ciência, ou talvez o excesso de confiança do mundo nela, tem tido suas falhas. **O determinismo professou ser uma descrição consistente e exata do mundo... Até que de repente foi provado errado.** É fácil encontrar entre os homens da ciência comentários aqui e ali que contêm um quase arrogante excesso de confiança na observação empírica.

Carl Sagan, o popular falador da ciência, advertiu o mundo da promessa de Saddam Hussein de colocar em chamas os campos de petróleo do Kuwait na então iminente Guerra do Golfo de 1991. Sagan advertiu que isso resultaria em um "inverno nuclear" global matando milhões. A guerra tomou lugar e os iraquianos iniciaram as chamas. Infelizmente para o Dr. Sagan ainda estamos aqui, mas ele já se foi.

Nem mesmo o campo da ciência tem sido desprovido de indivíduos que arrogantemente acreditaram ser os únicos proprietários da verdade:

> Foi concedido apenas a mim descobrir todos os novos fenômenos no céu, e nada a ninguém mais. Essa é a verdade que nem malícia nem inveja podem suprimir (*Galileu Galilei*) [276].

Tais exemplos dos fatos de ontem e de cientistas bastante humanos nos alertam a nos apegarmos de maneira um tanto solta ao conhecimento científico que pensamos que possuímos hoje. Embora Gleason Archer possa não estar se dirigindo às preocupações mais refinadas que pensadores livres proliferam hoje em dia, talvez as conclusões de alguém sobre a Bíblia, em última análise, ainda se resumam a isto:

> Em última análise, então, todo homem deve se contentar com uma de duas alternativas: a inerrância das sagradas Escrituras, ou a infalibilidade de seu próprio julgamento pessoal. Se a Bíblia contém erros nos autógrafos, então se requer um julgamento humano infalível para distinguir validamente entre o falso e o verdadeiro nas Escrituras; é necessário que cada afirmação no texto sagrado receba aval do próprio crítico humano antes que possa ser aceita como verdadeira. Uma vez que os homens discordam em seus julgamentos críticos, é requerida infalibilidade absoluta por parte de cada indivíduo para ser passado um julgamento válido em cada caso. Até mesmo o agnóstico deve afirmar para si tal infalibilidade de julgamento, pois ele não pode assumir logicamente uma posição agnóstica a não ser que tenha estudado todas as evidências para a autoridade das Escrituras e tenha chegado a um julgamento válido de que as evidências são insuficientes para provar a autoridade divina da Bíblia como Palavra de Deus. Estas, então, são as únicas alternativas disponíveis para nós em como enfrentamos as Escrituras: ou elas são inerrantes, ou então nós somos [277].

6.7.5. VERDADE CIENTÍFICA DE HOJE: MITO DE AMANHÃ?

Se a ciência de hoje corre o risco de se tornar a mitologia de amanhã, como ilustrado no caso do determinismo, parece tolice examinar a Bíblia pela luz incerta da ciência moderna, ainda mais quando temos estabelecido que Jesus é Deus, que ele é a verdade, e que ele dá testemunho das Escrituras como verdadeiras.

Alguém poderia argumentar, no entanto, que mesmo a má ciência teve seus benefícios. A física foi avançada pelos absolutos do movimento e repouso de Newton, mesmo que Einstein a tenha melhorado séculos mais tarde. Avanços surpreendentes foram também realizados no domínio da eletrônica, embora a natureza da eletricidade não seja totalmente compreendida.

A verdade é que a ciência tem lançado, e sempre vai lançar, uma nova e melhor luz no amanhã. Isso sugere que **cada geração terá que fazer sua própria comparação entre sua ciência e as Escrituras.** De qualquer forma, "a ciência de hoje" é tudo o que qualquer geração será capaz de dizer que tem. À medida que temos a intenção de

comparar as Escrituras com os dados recolhidos cientificamente, basta termos em mente os respectivos níveis de credibilidade e confiabilidade que cada um até agora tem provado ter.

6.7.6. O QUE É ACASO?

> William Claude Dukenfield, um humorista e ator americano, tem em mãos cartas para jogar *poker*. Então, é perguntado a ele: "Isso é um daqueles jogos de azar?" Ele sorri ironicamente, murmurando para si mesmo, e então diz: "Não da maneira que eu jogo." (*Adaptado de "From My Little Chickadee"*).
>
> Ser forçado a acreditar em apenas uma conclusão – que tudo no universo aconteceu por acaso – violaria a própria objetividade da ciência... É em honestidade científica que endosso a apresentação de teorias alternativas para a origem do universo, da vida, e do homem na aula de ciências. Seria um erro deixar de lado a possibilidade de que o universo foi planejado em vez de ter ocorrido por acaso. (*Wernher von Braun*).

O acaso é, em última análise, o verdadeiro deus do ateísmo, a antítese da criação divina intencional. O universo, a Terra, vida, evolução, sua sorte na vida – tudo é dito ser o produto de acaso. A premissa é que, havendo acaso e tempo suficiente, tais coisas poderiam vir à existência.

Investiguemos se o acaso é realmente a melhor explicação.

6.7.6.1. POR QUE ISSO É IMPORTANTE?

O acaso é o ponto focal da cosmologia e da evolução ateísta. O acaso é invocado para explicar como a vida e o universo poderiam ter surgido de forma a desconsiderar um ato intencional de um criador. É utilizado de tal maneira a transmitir a ideia de ocorrência por acidente e/ou de não haver propósito. Será que a vida realmente existe sem um propósito final? Poderia o universo ter simplesmente existido por acaso?

6.7.6.2. EXISTEM COISAS QUE OCORREM SEM CAUSA?

A palavra "acaso" é um tanto ambígua e muitas vezes mal utilizada de forma a implicar o significado de algum tipo acontecimento aleatório e sem causa. **Do ponto de vista estritamente científico, tudo tem uma causa e não existe tal coisa como um efeito sem causa.** Ainda que fosse concedido o que parece ser a operação do acaso na mecânica quântica, **causa e efeito não é um conceito que é rapidamente ou facilmente abandonado.**

No exemplo do humorista e ator americano William Claude Dukenfield de "From My Little Chickadee", o acaso é apenas uma crença no olho do observador incauto. O outro jogador pensa erroneamente que tem uma possibilidade ou mesmo uma oportunidade de vencer. Mas o personagem de W. C. Fields é um *"card shark"*, ou seja, uma pessoa que usa habilidade e/ou engano para vencer no *poker* ou em outros jogos de cartas. Ele não sofre nenhuma desilusão de que vencer é apenas um conjunto de acontecimentos sem causa. Embora o elemento da aleatoriedade exista no jogo, as coisas não são deixadas não planejadas ou não controladas. A vitória não é deixada ao acaso.

Alguém pode ser removido de uma mesa de *blackjack* em Las Vegas se contar as cartas. Por quê? Porque a casa gosta de ganhar, e ela ganha quando as pessoas acreditam no acaso. Quanto maior o número de cartas, mais difícil se torna para lembrar quais as cartas que têm sido jogadas e quais ainda não foram jogadas.

A maioria das casas em 2011 jogava com quatro, cinco ou seis baralhos concorrentes de cartas. Apostas por jogadores típicos são então muito menos suscetíveis de serem baseadas no conhecimento das cartas restantes, e mais suscetíveis de serem colocadas com base em desejos ansiosos em ser um fatídico receptor de acontecimentos sem causa.

Para entendermos melhor o acaso, a seguir vamos aplicar várias definições da palavra para a origem do universo.

6.7.6.3. DEFININDO O ACASO

O acaso é definido como:

1. **"A forma de como as coisas aconteceram."** Isso falha em explicar como ou por que alguma coisa acontece. Essa é apenas uma declaração após o fato, uma declaração do estado atual dos assuntos a resolver. Não é muito esclarecedor dizer que o universo passou a existir apenas porque "aconteceu dessa forma".

2. **"Um acontecimento fortuito."** Descrever um acontecimento como fortuito é julgá-lo beneficial ou desejável de alguma forma. Isso não explica como ou por que o universo existe mais do que a definição anterior. Isso apenas diz que, assumindo que nós queiramos que o universo exista, ele existe porque "tivemos sorte".

3. **"Uma possibilidade ou probabilidade."** Esses sinônimos de acaso são ilustrados como dizendo que há uma chance de que um jogador vai pegar um ás do topo de um baralho de cartas. O acaso, **definido como possibilidade,** tem a ver com a capacidade de um evento ocorrer. Por exemplo, é 100% possível que um ás possa ser retirado do baralho (se assumirmos um baralho padrão que tenha um ás). Enquanto isso, a **probabilidade** tem a ver com o quão possível um evento pode ocorrer. Já que há cinquenta e duas cartas em um baralho padrão, e quatro delas são ases, mas apenas uma carta pode estar no topo, há uma probabilidade de um ás estar no topo de 4 em 52, ou de 1 em 13.

   O acaso, definido como possibilidade, diria que o universo surgiu porque era possível. No entanto, **a possibilidade não é nem uma garantia e nem uma prova de realidade.** No exemplo das cartas e do baralho, cada uma das cinquenta e duas cartas poderia ser a única no topo do baralho, mas nem todas estão no topo, apenas uma está. **A probabilidade também não garante que algo vai acontecer.** Voltando novamente ao exemplo do baralho e das cartas, o jogador provavelmente não vai encontrar um ás no topo, mas ainda assim ele poderia encontrar.

   Entenda que tanto a possibilidade quanto a probabilidade são calculadas com base em ter certa quantidade de conhecimento (no nosso exemplo, o número de cartas de um baralho, quais as cartas que foram jogadas, etc.). Sem esse conhecimento básico, possibilidades e probabilidades não podem ser determinadas. Uma vez que a ciência está confinada a estudar este universo em particular, esta carta especial no baralho, não há nenhuma maneira de ter certeza sobre quais seriam as outras cartas do baralho, ou mesmo de ter a certeza se sequer existem quaisquer outras cartas.

Por conseguinte, permanece apenas uma definição de acaso que pode ser utilizada para descrever a origem da vida e do universo:

4. **"A aparente ausência de causa ou planejamento."** Isso define o acaso como é usado com mais frequência. Exemplo: se uma roleta de apostas que estava girando parou em um número que tínhamos apostado, poderíamos ser tentados a comentar: "Ela parou ali por acaso." Nós não projetamos a roleta ou as circunstâncias que a levaram a parar onde parou, mas ela parou. Por quê?

   A roleta parou onde parou por causa de física simples. A combinação de energia cinética, velocidade radial e atrito não é um problema tão difícil de ser resolvido, mas é virtualmente impossível calcular sem instrumentação. **Em outras palavras, a roleta pode ter parado sem uma causa aparente, mas a sua parada teve causas de qualquer forma.**

A mesma explicação vale para jogos de dados, loterias, ou quaisquer outros chamados "jogos de azar". **Dizer que qualquer um desses eventos envolve acaso é apenas aplicar um rótulo simplista para uma situação complexa que o intelecto pessoal de alguém falha em alcançar.** Isso não é um retorno ao determinismo, mas um reconhecimento de que, às vezes, temos o mesmo excesso de confiança em nosso entendimento tentativo do universo, assim como fizeram pensadores deterministas.

Agora imagine que nós aprendemos todas as físicas e energias envolvidas com aquela roleta giratória de apostas. Isso não levaria em conta, por exemplo, possíveis dispositivos escondidos abaixo da mesa de roleta que poderiam ser secretamente operados pelo pé do homem que gira essa roleta (ou seja, possíveis dispositivos de fraude). Nós colocamos a nossa aposta, a roleta para de girar, e os nossos cálculos perfeitos falham em prever o número vencedor. Várias tentativas mais tarde, podemos concluir erroneamente que, já que a nossa perfeita

compreensão da física não pôde prever os números vencedores, esses números devem ser produtos aleatórios do caos. Porém, novamente, apenas porque nós não encontramos suas causas não significa que não há uma causa. **Estaríamos simplesmente desconhecendo todas as influências sobre aquela roleta giratória de apostas.**

6.7.6.4. A ONISCIÊNCIA DO ACASO

Declarar que um evento não teve nenhum motivo assume muito mais do que se poderia pensar. Para ser feita tal afirmação, por exemplo, seria necessário reconhecer, absolutamente, todas as causas, e saber que nenhuma delas teria produzido tal evento. No entanto, a menos que se possua todo o conhecimento, não se pode dizer com certeza que todas as causas são conhecidas. Portanto, **sem que se esteja ciente de absolutamente todas as causas, é necessário admitir que qualquer acontecimento aparentemente sem causa pode ter sido gerado por causas ainda desconhecidas.** Isso é lógico e, também, é o consenso geral de muitos cientistas. **Não parece haver algum cientista realmente disposto a jogar fora sua crença em causa e efeito.**

6.7.6.5. FÍSICA QUÂNTICA: CAUSA E EFEITO AINDA REINAM

Na física quântica, acredita-se que partículas subatômicas ocasionalmente vêm a existir e depois cessam de existir. Atualmente, não há nenhuma causa conclusivamente comprovada associada a tais fenômenos. Mais recentemente, uma teoria de campo de energia está sendo usada para descrever os mesmos fenômenos. Quais são as implicações filosóficas disso?

O ateísmo, desde o advento das leis de Newton, tradicionalmente rejeitou a crença em Deus com base em que tudo no universo é explicável sem ele. Em outras palavras, **Deus foi visto como desnecessário porque tudo era explicável meramente por causa e efeito.**

Mas agora os escritos de muitos ateus olham para a teoria quântica como uma explicação sem Deus (ou seja, sem causa) para a origem do universo. O universo não precisa de um Deus criador para causá-lo porque, raciocinam eles, a teoria quântica pode permitir que uma partícula tenha surgido de repente, o que acabou sendo o universo. Porém, **há um problema óbvio com a teoria quântica: ela necessita, pelo menos, da eternidade de suas leis quânticas.** Pois como poderiam as leis quânticas, as quais são apenas meras descrições dadas ao funcionamento do universo presente, terem efetuado sua própria causa antes de sua própria existência? Como escreveu Paul Davies:

> Mas, e quanto às leis? [...] A física quântica tem que existir (em algum sentido) para que uma transição quântica possa gerar o cosmos em primeiro lugar [278].

Deixando de lado, por enquanto, esse problema óbvio com a teoria quântica, temos aqui um dilema lógico. Se o ateísmo afirma rejeitar a crença em Deus:

A. Com base na **aceitação de causa e efeito** (por meio das leis de Newton), e...

B. Com base na **rejeição de causa e efeito** (via teoria quântica), então...

Isso sugere que o ateísmo pode ser apenas uma rebelião em busca de uma causa. Não se pode ter as duas coisas mencionadas acima. Para serem consistentes, **os ateus podem rejeitar Deus por "A" ou por "B" listados acima, mas não por ambos.**

Quanto ao teísmo, sempre se reconhece que Deus é a verdadeira causa primária, independentemente de qualquer causa intermediária ser visível ou não. **Se o Deus criador existe, ele é separado daquilo que criou (espaço, tempo, matéria/energia, movimento, etc.) e, portanto, não está sujeito ao princípio de causa e efeito deste universo criado (ou seja, ele próprio não foi causado, sempre existiu).** Falamos sobre isso no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?).

6.7.6.6. CONCLUSÃO SOBRE O ACASO

Em termos de origens, a última definição do acaso diz que o universo veio à existência por uma causa não conhecida. Essa é a definição mais razoável para explicar a origem do universo do ponto de vista secular. Na

verdade, é a única aplicação científica da palavra "acaso" que resta. Portanto, **é desnecessariamente ambíguo e enganoso para qualquer um, incluindo qualquer ateu, dizer que o universo aconteceu por acaso. É mais exato declarar que o universo foi causado.**

É possivel que cientistas se abstenham de declarar dessa forma porque levanta a questão: "Causado pelo quê?" **A definição de ciência é limitada ao testável, ao previsível, como confirmado pela repetição de experimento. Assim, se a causa do universo observável está fora dele mesmo, então, por definição, a causa também se situa fora da ciência.**

Nesse ponto, a ciência tem chegado a um beco sem saída e cabe a outros ramos de aprendizagem continuar a busca para a origem do universo. Veja o terceiro tópico especial deste estudo (liberdade de investigação). Para alguns, isso resulta em modificar a questão "Causada pelo quê?" para "Causada por quem?" A Bíblia afirma que esse alguém é Deus. Até que ponto Deus pode ter causado as coisas a existir é o assunto a seguir.

6.7.7. O QUE SE ENTENDE POR "CRIAÇÃO"?

> pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos sejam soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. (*Colossenses 1:16, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Os criacionistas têm esse criador que é mau, que é mesquinho, que é malévolo e que não é muito brilhante e nem consegue acertar sua ciência. (*Ian Plimer*).

A criação divina especial é a antítese do acaso. As ações criativas que a Bíblia atribui a Deus surpreendentemente não são homogêneas, mas geralmente se enquadram em um de dois estilos ou métodos. Expliquemos esses métodos a seguir.

6.7.7.1. O *MODUS OPERANDI* DE DEUS

> No princípio criou Deus os céus e a terra. (*Gênesis 1:1, "Nova Versão Internacional"*).

Essa frase de abertura da Bíblia é a primeira de uma infinidade de declarações sobre as atividades de Deus. Em toda a Bíblia, diz-se que Deus criou, dirigiu ou simplesmente permitiu que muitos eventos ocorressem. Em relação ao nosso objetivo de afirmar a credibilidade da Bíblia, perguntamos: **"A criação ou ação divina é uma explicação razoável para essas coisas e eventos particulares?"**

Antes de tudo, precisamos saber como a Bíblia define "criação". Que coisas supostamente foram atos de Deus? Quais, se existirem, são os métodos reconhecíveis pelos quais se diz que Deus trabalha? Uma vez que tenhamos respostas para essas perguntas, podemos prosseguir para investigação que compara a ação divina com várias alternativas.

No trabalho policial, as ações são frequentemente atribuídas a indivíduos específicos com base no conhecimento de seu *modus operandi* habitual, ou **método de operação.** Aplicando essa mesma técnica investigativa à Bíblia, podemos identificar similarmente a(s) forma(s) de trabalho com a assinatura de Deus. Existem dois tipos principais de precedentes registrados na Bíblia que nos permitem identificar como Deus trabalha, e o que é uma obra de Deus.

6.7.7.2. OBRAS INSTANTÂNEAS E INEXPLICÁVEIS

O primeiro precedente dentro da Bíblia são exemplos de Deus realizando **obras instantâneas e inexplicáveis.** O início do universo é um exemplo disso. Os céus não foram descritos como resultado de nada além do ato de um Deus criador. Em outro caso, o primeiro milagre registrado que Jesus realizou foi a transformação da água em vinho.

Teoricamente, a criação do vinho poderia ter sido um rearranjo de átomos de hidrogênio, oxigênio e carbono, em vez de uma criação a partir do nada. Mas a questão é que isso não aconteceu por processo (água caiu

no solo, o qual alimentou as videiras, as quais produziram as uvas, etc.), mas por ação instantânea. Em um momento é água, no próximo é vinho.

A Bíblia também registra Jesus multiplicando cinco pães e dois peixes em quantidade suficiente para alimentar mais de cinco mil pessoas, sobrando ainda doze cestos de alimentos. Nesse caso, observe a idade aparente com que essas coisas que acabaram de ser criadas devem ter tido. Não há indicação de que o pão tivesse outra aparência além de ter sido laboriosamente preparado. O peixe correspondentemente deve ter parecido como tendo desenvolvimento normal. Mesmo o vinho do exemplo anterior foi caracterizado como tendo a qualidade de vinho envelhecido.

Esses exemplos particulares favorecem a interpretação do relato da criação em Gênesis como sendo de produção instantânea. Assim como o pão, o peixe e o vinho foram criados em um estado maduro, o universo também pode ter sido criado em estado maduro. Considere a intrigante defesa do conceito de criação instantânea do professor de filosofia Gordon Clark:

> Qual é, então, o argumento científico contra a proposição de que há apenas um minuto o universo surgiu, árvores completas com anéis, seres humanos com umbigo e cientistas com aquelas ideias que chamamos de memórias? De qualquer forma, não consigo imaginar nenhuma observação empírica que contradiga essa hipótese extremamente peculiar... Muito menos a física pode demonstrar a inexistência de uma inteligência suprema que fez o que a gravitação não poderia fazer e que dirige todo o universo para seus próprios propósitos [279].

6.7.7.3. MÉTODO LENTO E METÓDICO

Como alternativa à criação repentina, a Bíblia também dá exemplos e indicações da ação divina por processo lento e metódico. Um exemplo é o capítulo quarenta e cinco de Gênesis, no qual José, vendido como escravo por seus irmãos em sua juventude, torna-se governante no Egito muitos anos depois e, finalmente, se reúne com eles. Os versos quatro a oito demonstram isso:

> "Cheguem mais perto", disse José a seus irmãos. Quando eles se aproximaram, disse-lhes: "Eu sou José, seu irmão, aquele que vocês venderam ao Egito! Agora, não se aflijam nem se recriminem por terem me vendido para cá, pois foi para salvar vidas que Deus me enviou adiante de vocês. Já houve dois anos de fome na terra, e nos próximos cinco anos não haverá cultivo nem colheita. Mas Deus me enviou à frente de vocês para lhes preservar um remanescente nesta terra e para salvar-lhes a vida com grande livramento. **Assim, não foram vocês que me mandaram para cá, mas sim o próprio Deus.** Ele me tornou ministro do faraó, e me fez administrador de todo o palácio e governador de todo o Egito." (*Gênesis 45:4-8, "Nova Versão Internacional"*).

José creu que Deus o enviou ao Egito (por consequência das ações de seus irmãos) e o fez governante (por eventos que resultaram em sua nomeação pelo faraó). Deus não enviou José por meio de algum teletransporte, nem tudo isso aconteceu da noite para o dia. Deus moldou José para seu destino através de eventos ao longo de sua vida.

A Bíblia afirma que muitos eventos são orquestrados diretamente por Deus. Outros eventos, como tentação e pecado, são meramente permitidos a ocorrer para o desenvolvimento de nossa edificação e perseverança. Dessa forma, "Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam..." (Romanos 8:28). Até a própria Bíblia, a qual esteve em construção por cerca de 1.500 anos, é um exemplo de Deus operando por processo lento.

Os autores Blackmore e Page oferecem este sábio aviso contra o descarte prematuro de precedentes para criação de processo lento:

> Em um mundo cada vez mais secular, há a tentação de reafirmar a existência de Deus buscando-o no miraculoso. Um Deus que intervém por meio de milagres é considerado mais evidente, mais poderoso, do que aquele que opera apenas por meio das leis regulares da natureza. Para demonstrar a realidade de Deus, exigimos dele sinais milagrosos. Perigosamente, a teologia desliza para a idolatria, pois criamos Deus à nossa própria imagem para reforçar nossa falta de fé. A questão não é se preferimos um Deus de uma criação milagrosa de seis dias, mas se de fato Deus operou dessa maneira [280].

Claramente, Deus é registrado como tendo agido tanto por produção instantânea quanto por processo lento por meio de eventos ou ações intermediárias. Deus destruiu as cidades de Sodoma e Gomorra diretamente (pelo fogo que veio do céu), mas destruiu a cidade de Tiro indiretamente (por meio da conquista de Alexandre, o Grande). Até mesmo existe a possibilidade de que ações indiretas, como a conquista de Alexandre, possam ter sido orquestradas direta ou indiretamente por Deus por causa de algum tipo de plano mestre. Isso nos leva à analogia a seguir.

6.7.7.4. A ANALOGIA DA MESA DE SINUCA

Uma boa ilustração do que poderia ser Deus realizando um plano mestre por meio de uma série complexa de eventos aparentemente naturais e desconexos pode ser encontrada no jogo de bilhar, ou sinuca. Um jogador pega um taco de sinuca e atinge a bola branca. A bola branca, por sua vez, atinge uma bola listrada que ricocheteia na lateral da mesa e atinge uma bola de cor única que rola para uma caçapa. Isso é semelhante à criação por processo lento: um resultado final sendo alcançado por uma série de eventos planejados. Quanto mais habilidoso o jogador, maior o número de eventos intermediários que ele pode usar para alcançar o fim desejado.

Agora pense nas limitações de nossos sentidos humanos como os limites bidimensionais de uma mesa de sinuca, acima da qual Deus está jogando bilhar em uma dimensão espiritual não confinada. Deus, invisível por estar muito acima de nossas limitações, pode originar ações causais que não podemos ver (como acertar seu taco na bola branca) que, por sua vez, alcança efeitos que podemos ver (como o movimento da bola branca e a série de colisões).

Assim, rastrear qualquer série de colisões na superfície da mesa nos levaria somente até a bola branca. Seria fisicamente impossível detectar qualquer causa anterior porque nenhuma causa anterior pode ser encontrada na mesa (nosso universo observável). A lei natural número um do universo da mesa de sinuca seria simplesmente dizer que a bola branca tem a propensão inerente de atingir as outras bolas. "A bola branca não precisa de causa prévia porque sempre funciona dessa maneira – essa é a sua natureza", podemos concluir.

E se no universo da mesa de sinuca Deus pegasse uma bola de um local e a colocasse em outro? Daria a aparência de ser totalmente sem causa – um "milagre". A bola pareceria ter ido do ponto A ao ponto Z, mas sem ter passado por nenhum dos pontos intermediários.

Ai do pobre habitante do universo da mesa de sinuca que viu isso acontecer, porque os ateus locais negariam até mesmo a possibilidade. "Isso", eles afirmariam, "é porque a ciência vasculhou os quatro cantos da mesa e não encontrou nenhum jogador. Portanto, sem nenhum jogador para mover as bolas, as bolas devem se mover apenas como resultado de uma bola branca – a primeira causa de todo o movimento. E se é da natureza da bola branca atingir as outras bolas de qualquer maneira, então não há realmente necessidade de um jogador. Se não precisamos mais de um jogador para explicarmos os eventos na mesa, então foi um erro acreditarmos que um jogador existiu em primeiro lugar."

O raciocínio é circular, mas ilustra com exatidão a lógica errônea do pensamento determinista que diz que não precisa de Deus.

Leve a teologia da mesa de sinuca um passo adiante. A menos que a Bíblia elabore, é difícil interpretar qual método de ação Deus pode ter usado para realizar qualquer evento.

Considere: devemos interpretar a criação do universo como tendo levado um longo ou curto período de tempo? Isso é como ir até um jogo de sinuca já em andamento e tentar descobrir há quanto tempo o jogo está em andamento. Há bolas na mesa e bolas nas caçapas. Ficamos lá tempo suficiente para ver algumas bolas caírem nas caçapas, mas e quanto às bolas que estavam nas caçapas antes de começarmos a assistir o jogo?

É tentador multiplicar o tempo de duração das jogadas que testemunhamos pelo número de bolas nas caçapas. Isso poderia estimar aproximadamente a quantidade de tempo em que o jogo está em andamento, mas apenas se as seguintes **pressuposições** estiverem corretas:

- **Se** as caçapas estivessem vazias no início, e...

- **Se** as jogadas que não testemunhamos realmente levaram a mesma quantidade de tempo das jogadas que testemunhamos, e...

- **Se** o jogo em andamento ainda fosse o mesmo jogo do início, não sendo um outro jogo que já tinha começado quando algumas bolas já estavam nas caçapas.

O ponto é que realmente não há como ter certeza da quantidade de tempo que esse jogo está em andamento. Os jogadores podem ter jogado lentamente a tarde toda, ou podem ter acabado de começar um jogo em que certas bolas foram removidas da mesa já no início e deixadas nas caçapas. **Tal é o perigo de olhar para o universo de agora e, depois, calcular para trás. Como a Bíblia estabelece que Deus trabalha tanto por meio de jogadas lentas quanto por rearranjos repentinos, é presunçoso excluir qualquer um dos métodos como a possível maneira pela qual Deus originou o universo.**

O que a Bíblia indica claramente é que Deus possui e exerce a liberdade de iniciar o que quer, da maneira que quer. Portanto, devemos qualificar perguntas como "Deus criou a Terra?" com a pergunta adicional "A Bíblia indica qual método ele empregou para criá-la?" Pois, a menos que a Bíblia indique um método ou outro, a evidência observável sempre permanecerá inconclusiva.

Além disso, e de grande importância, a crença em qualquer interpretação da criação de forma alguma contesta ou viola a soberania de Deus. A única alternativa à criação é o acaso, o qual, como estudamos, é apenas uma **admissão cega e hipócrita de que todas as coisas são causadas.** Nesse ponto, a ciência e a Bíblia concordam plenamente.

Quer o estado atual da realidade seja o resultado de processos visíveis, ou de causas invisíveis e repentinas, os cristãos sustentam que ainda são processos e causas de Deus. Paul Davies, professor não cristão de física teórica, aplicou esse princípio até ao nível quântico:

> uma mente universal poderia, a princípio, controlar tudo o que acontece ao dirigir o comportamento de cada elétron, cada próton, cada fóton, e assim por diante. Tal poder de organização escaparia à nossa atenção quando observamos a matéria microscópica porque as travessuras de qualquer partícula em particular ainda pareceriam completamente aleatórias. É apenas no comportamento coletivo de um grande número de átomos que a organização seria aparente, e deveríamos proclamar que o sistema é misteriosamente auto-organizado. Tal imagem de Deus pode ser suficiente para satisfazer a maioria dos crentes [281].

Se Deus realmente agiu por meio de processos lentos, então é razoável esperar encontrar evidências dessa ação como, por exemplo, escritos ou artefatos daquela época. Esse argumento é ainda mais relevante quando se tenta descobrir a origem da Terra, do universo e da humanidade. Embora qualquer um que creia na Bíblia possa admitir a possibilidade da aparição abrupta do universo, não é errado esperar encontrar evidências de sua criação por processo, se isso foi realmente o que aconteceu. Mas se não foi isso que aconteceu, se Deus criou Adão plena e totalmente, por exemplo, então uma total falta de evidência para a criação por processo é o que devemos esperar. Em ambos os casos, devemos simplesmente julgar por quaisquer evidências que possam ser encontradas.

Paralelos entre como a Bíblia afirma que essas coisas se originaram e a perspicácia dos modelos científicos mais recentes são o assunto a seguir.

Pondere a ideia de que se as melhores e mais atuais crenças e evidências científicas para nossas origens estiverem razoavelmente corretas, e que são paralelas a um relato de 3.200 anos escrito por um mero pastor que afirmou que o conhecimento dessas origens foi dado a ele por Deus, então tais paralelos serão mais uma razão muito convincente para acreditar que a Bíblia realmente é de Deus.

6.7.8. DE ONDE VEIO O UNIVERSO?

> Como nós, astrônomos, somos sacerdotes do Deus supremo em relação ao livro da natureza, convém que pensemos não na glória de nossas mentes, mas antes, acima de tudo, na glória de Deus. (*Johannes Kepler*).

> Não me sinto obrigado a acreditar que o mesmo Deus que nos dotou de sentido, razão e intelecto pretendeu que renunciássemos a seu uso. (*Galileu Galilei*).

> Tenho uma crença fundamental na Bíblia como a Palavra de Deus, escrita por homens que foram inspirados. Estudo a Bíblia diariamente. (*Isaac Newton*).

A Bíblia contém um relato da criação do universo e passagens que descrevem as condições pré-Terra. A ciência moderna também tem uma imagem do universo primitivo. Consideremos as implicações do que significaria se o relato de Moisés fosse paralelo ao que a ciência levou 3.400 anos para demonstrar.

6.7.8.1. O QUE A BÍBLIA DIZ?

A Bíblia afirma que Deus criou o universo. A partir daí, a Bíblia continua em detalhes para descrever a ordem dos eventos da criação da Terra e da vida nela. O relato de Moisés toca no que é hoje astronomia, geologia, biologia, genética e antropologia.

Graças aos avanços mais recentes, como computadores e telescópios espaciais, a ciência moderna agora pinta uma imagem diferente dessas respectivas ciências em relação à imagem que fazia há décadas. Assim como todos concordam que se sabe mais sobre o universo hoje do que nunca, é ainda mais fácil concordar que, em comparação, muito pouco se sabia sobre o universo na época de Moisés.

Consequentemente, se o relato de Moisés sobre as origens cósmicas for paralelo às crenças científicas de hoje, então isso sugere algo significativo. A exatidão de Moisés é:

A. Um tremendo insulto aos últimos milhares de anos de pesquisa e descoberta científica, ou...

B. Um tremendo endosso para a credibilidade da Bíblia.

Paralelos fortes e consistentes entre os escritos bíblicos e a ciência moderna existem, como será mostrado. Esses paralelos entre as crenças científicas de hoje e o relato bíblico são, coletivamente, uma razão muito convincente para acreditarmos que o conhecimento dentro dos escritos bíblicos deve ter se originado de algum lugar diferente dos homens antigos que os escreveram.

Os autores afirmaram que suas informações vieram de Deus. Se é de fato de onde a informação veio, isso explicaria satisfatoriamente a ignorância dos próprios autores em relação a coisas conhecidas somente com ciência avançada. Mas apesar de os autores citarem Deus como sua fonte, poderiam na verdade ter obtido suas informações de algum outro lugar que não fosse Deus?

6.7.8.2. DE ONDE VIERAM AS CRENÇAS DE MOISÉS?

Existem culturas antigas além de Israel que tinham crenças em algum tipo de criação ou deus criador. Na verdade, o fato de que outras culturas possuem histórias da criação está completamente de acordo com as crenças históricas judaico-cristãs – o que é outra confirmação da credibilidade da Bíblia – conforme discutimos no primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) ao falarmos sobre a possibilidade do cristianismo ter sido copiado de outras religiões. Embora alguns dos relatos não bíblicos sejam anteriores aos escritos de Moisés, esses relatos não contêm os mesmos elementos encontrados nos escritos de Moisés.

Aqueles que acreditam que Moisés não obteve sua informação de Deus geralmente supõem que ele reuniu porções de ideias de culturas pré-existentes e depois adicionou material próprio para fazer tudo parecer se encaixar. Se foi assim que o relato de Gênesis surgiu, então sua construção fragmentada não deveria nem chegar perto de refletir a perspectiva relativamente coerente da ciência moderna. Mas **se o relato de Moisés veio do próprio criador, como Moisés afirmou, então seu relato deveria ser o mais exato de todos os relatos antigos, inclusive mais exato do que qualquer relato anterior.**

A chave para decidir a origem mais provável do relato de Moisés é procurar o grau de paralelos entre a Bíblia e as observações científicas mais confiáveis.

A magnitude dos paralelos que existem entre os dois é melhor apreciada olhando primeiro para o relato secular do início do universo e, depois, comparando-o com o relato bíblico.

6.7.8.3. O CENÁRIO SECULAR: AS TEORIAS ATUAIS

> Dez ou vinte bilhões de anos antes do presente, algo aconteceu – o *big bang*, o evento que deu início ao nosso universo. Por que isso aconteceu é o maior mistério que conhecemos. Que aconteceu é razoavelmente claro. (*Carl Sagan*).

> Uma visão através desse olho mágico dos vastos mistérios do universo deve apenas confirmar nossa crença na certeza de seu criador. (*Werner von Braun*).

Analisemos a seguir as observações e ponderemos sobre as teorias seculares. A discussão abrange ideias de um universo cíclico, o *big bang* e a teoria quântica.

Cientistas contemporâneos acreditam que o universo está se expandindo. A velha ideia de que o universo existia eternamente mais ou menos como é agora é chamada de **teoria do estado estacionário.** Essa teoria foi oficialmente descartada em uma reunião de 1969 do Congresso de Astrônomos em Florença, Itália.

Logo após a confirmação dessa expansão, uma nova teoria ganhou destaque sugerindo que o universo pode estar eternamente alternando entre inflação e deflação. Se fosse verdade, essa ideia violaria várias crenças fundamentais que a maioria dos cientistas mantém. Consequentemente, e devido à falta de observações astronômicas de apoio, pouquíssimos cientistas dão crédito a uma **teoria de universo oscilante.** Em vez disso, apenas duas ideias são consideradas pela maioria dos astrônomos como explicações plausíveis da origem do universo: a **teoria do *big bang*** e a nova **teoria da inflação cósmica.**

As duas teorias procuram explicar por que todas as galáxias parecem estar saindo de um centro comum, como pedaços de uma bomba explodindo. Dada a velocidade e as distâncias desses fragmentos celestes, e baseando os cálculos na velocidade da luz, a qual foi considerada como permanecendo constante, os cientistas acreditam que podem estimar quando tudo parece ter começado.

As estimativas indicam que em torno de um intervalo de dez a trinta bilhões de anos antes do presente, toda energia/matéria e espaço parecem ter se originado de um "ponto central". Não um ponto no espaço em si mesmo, pois esse mero ponto (referido como uma singularidade) constituía tudo, incluindo todo o espaço. Essa singularidade também pode ter sido a origem do tempo (pelo menos o tempo como o conhecemos) devido à relação especial entre espaço e tempo. Essa relação é refletida no termo **contínuo espaço-tempo.**

6.7.8.4. NO INÍCIO CIENTÍFICO

Em um **Tempo de Planck,** 10^{-43} segundos, o primeiro momento em que se diz que o conceito de espaço e tempo tem significado, toda a energia e espaço começaram uma expansão violenta. A radiação residual que emana de todas as direções do espaço, a qual foi descoberta em 1965, foi uma das primeiras confirmações dessas teorias de um começo catastrófico, como explicado por Stephen Hawking em "A Brief History of Time" (Bantam Books, April 1988). Sir Arthur Eddington ilustrou:

> Podemos imaginar as estrelas e galáxias embutidas na superfície de um balão de borracha que está sendo constantemente inflado; de modo que, além de seus movimentos individuais e dos efeitos de sua atração gravitacional comum um pelo outro, os objetos celestes estão se distanciando cada vez mais simplesmente pela inflação [282].

A ideia difícil de compreender é que fora desse "balão de espaço-tempo em expansão" não existe nada – nada no sentido mais absoluto, pois não pode nem mesmo ser considerado como estando no espaço ou no tempo, uma vez que espaço e tempo existem dentro dele.

6.7.8.5. ALGO QUE VEIO DO NADA?

Está claro que as duas teorias de origem, embora amplamente aceitas, levantam tantas questões quanto respondem. A pergunta mais significativa é: **"Como algo poderia ter vindo do nada?"**

A primeira ideia, a teoria do *big bang*, afirma que a singularidade que continha todo o espaço e matéria/energia começou a se expandir há cerca de 14 bilhões de anos antes do presente. Alguns acreditam que foi quando a singularidade veio à existência. Outros diferem dizendo que a singularidade existiu o tempo todo: era eterna e apenas há 14 bilhões de anos, por razões desconhecidas, começou a se expandir.

A alternativa ao *big bang* é a nova teoria da inflação cósmica: uma espécie de *big bang* atualizado com uma hipótese peculiar da física quântica (princípios das partículas subnucleares). A teoria quântica inclui a possibilidade de que um bloco de construção elementar da matéria possa vir à existência: algo do nada sem causa discernível. A singularidade do espaço-tempo e da matéria, aplicando o uso do ateísmo da hipótese quântica, é alegada como podendo ter vindo à existência do nada e ter resultado no cosmos de hoje.

Antes de apresentar o relato bíblico para comparação, uma coisa deve ser apontada sobre essas teorias: **ambas falham em explicar qualquer origem verdadeira – cada uma tem que assumir certas eternidades.**

Há alguns que creem na teoria do *big bang* e que acreditam na eternidade do universo atual, ainda que na forma condensada de uma singularidade. A falácia dessa crença, como apontada por físicos como Stephen Hawking, é que **as leis da termodinâmica e a natureza da gravidade teriam mantido uma singularidade tão infinitesimal esmagada em um buraco negro.**

Quanto àqueles que creem que a inflação cósmica se originou a partir de uma transição quântica, é necessária, pelo menos, a eternidade das leis quânticas. Pois como poderiam as leis quânticas, as quais são apenas meras descrições dadas ao funcionamento do universo presente, terem efetuado sua própria causa antes de sua própria existência? Como escreveu Paul Davies:

> Mas, e quanto às leis? [...] A física quântica tem que existir (em algum sentido) para que uma transição quântica possa gerar o cosmos em primeiro lugar [283].

Qualquer solução racional requer a existência de forças causais anteriores ao surgimento do universo. Caso contrário, é como a velha piada: "Abe Lincoln nasceu em uma cabana que ele construiu com suas próprias mãos".

As leis quânticas não poderiam ter originado aquilo que elas próprias são produto ou descrição. Em outras palavras, o universo não poderia ter ocorrido como resultado do acaso, a menos que o acaso já estivesse presente para produzir o universo. Pois, **se alguém começar com o nada absoluto (a não existência), as medidas de possibilidade e probabilidade são totalmente sem significado.** E, conforme estudamos anteriormente, dizer que o universo aconteceu por acaso é realmente dizer que foi o efeito de uma causa não reconhecida.

6.7.8.6. ONDE AS TEORIAS NOS DEIXAM?

Em resumo, as duas teorias científicas mais amplamente aceitas sobre a origem do universo concordam em duas coisas:

1. O universo como o conhecemos teve um começo definido, e...

2. A causa do universo de alguma forma preexistia ao próprio universo.

A ramificação mais importante da última afirmação é esta: **se a causa do espaço-tempo existia antes do espaço-tempo, então essa causa deve ser independente do tempo e do espaço que ela criou. Simplificando, o criador é necessariamente independente daquilo que foi criado.** Isso é como dizer que você não pode esperar encontrar uma fábrica de montagem da General Motors dentro de um dos carros que ela produz, ou um frigorífico dentro de uma de suas próprias embalagens de hambúrguer.

Qual é a implicação teológica disso? Assim como uma busca minuciosa do hambúrguer nunca produzirá o frigorífico de onde ele veio, tampouco uma busca do universo conhecido e suas propriedades físicas garantirão encontrar de onde ou de quem ele veio. A Bíblia pode estar se referindo a esse mesmo raciocínio ao afirmar:

> Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que **aquilo que se vê não foi feito do que é visível.** (*Hebreus 11:3, "Nova Versão Internacional"*).

Assim, **a única prova real de origem de qualquer coisa criada é aquela que seu originador fornece.** Em termos de produtos, isso significa um rótulo ou instruções. Em termos da ideia de um Deus criador, isso significa a informação que ele deu a Moisés e aos outros autores bíblicos.

> Não há dúvida de que o esquema da física [...] postula uma data em que ou as entidades do universo foram criadas em um estado de alta organização, ou entidades preexistentes foram dotadas daquela organização que vêm desperdiçando desde então. Além disso, essa organização é reconhecidamente a **antítese do acaso.** É algo que não poderia ocorrer fortuitamente. Foi citada como prova científica da intervenção do criador em um tempo não infinitamente distante de hoje. É uma daquelas conclusões das quais não podemos ver escapatória lógica – só que sofre do inconveniente de ser incrível [284].

6.7.8.7. O CENÁRIO BÍBLICO: DE ACORDO COM MOISÉS OU DEUS?

> Quero saber como Deus criou este mundo (*Albert Einstein*) [285].

> Eu não acredito em Deus porque não acredito na Mamãe Gansa. (*Clarence Darrow*).

> Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que aquilo que se vê não foi feito do que é visível. (*Hebreus 11:3, "Nova Versão Internacional"*).

Examinemos agora a história bíblica à luz das observações e crenças científicas modernas. Concluiremos isso com um resumo dos principais versículos bíblicos sobre o assunto e uma comparação com o que a observação científica nos diz.

A primeira afirmação feita na Bíblia é que houve um começo: "No princípio, Deus criou os céus e a terra" (Gênesis 1:1). Cerca de 3.400-3.200 anos antes do presente, Moisés escreveu isso conforme a orientação de Deus. Eras de ciência depois, o Congresso de Astrônomos de 1969 concordou – sim, o universo teve um começo. **O que devemos fazer com isso?**

Talvez se possa concluir que simplesmente aconteceu que Moisés descobriu isso, mas note o seguinte: **Moisés nunca afirmou ter descoberto nada, apenas afirmou que escrevia por direção do Senhor.**

Considere os seguintes paralelos entre a Bíblia e as descobertas científicas sobre:

- A evidência de um começo intencional;
- A cessação da criação;
- As estrelas no céu;
- Resumo: como a Bíblia se compara à ciência sobre a origem do universo.

6.7.8.8. A EVIDÊNCIA DE UM COMEÇO INTENCIONAL

O fato de que o universo não apenas teve um começo, mas existe, é algo que é chocante para os cientistas modernos. Com o advento dos computadores, da radioastronomia e das excursões por satélite a outros planetas, a existência do universo com as especificações particulares que ele possui está se mostrando incrível.

O cientista pesquisador Robert Gange escreveu sobre o *big bang*:

> A "estrutura" que vemos nos céus – a aparência de assimetria, com numerosas estrelas agrupadas aqui e ali – nos diz que as estrelas foram programadas para serem assim no início. **O *big bang* tinha dentro de si desequilíbrios que preordenaram a estrutura que vemos hoje** [286].

Em outras palavras, se a singularidade do *big bang* não tivesse influências externas pré-existentes para modificá-la, a expansão externa da matéria teria sido perfeitamente uniforme. As forças gravitacionais teriam sido

perfeitamente equilibradas em todas as direções, evitando a aglomeração assimétrica que aparentemente aconteceu.

> Essa imensa informação está em exibição em todos os céus e proclama uma inteligência que é mais do que o universo material – **uma inteligência que estava presente antes do início.** Caso contrário, a informação não tem fonte [287].

Evidências ainda mais surpreendentes dessa assimetria surgiram. Um artigo da Associated Press (18/04/1997) relatou uma análise de 160 observações de radiotelescópios de galáxias distantes por Borge Nodland e John Ralston, a qual indicou um padrão nunca antes visto. Isso foi detectado pela observação de uma polarização das ondas de rádio baseada na direção sendo observada. O padrão é uma orientação direcional no universo com uma "estrutura ordenada que se estende por bilhões de anos-luz pelo espaço".

Paul Davies citou Roger Penrose, o qual calculou a probabilidade de que o universo ocorra de forma acidental: uma em $(10^{10})^{30}$ [288]. Davies ofereceu ainda mais exemplos da improbabilidade do universo e do que ele chamou de "evidência surpreendente para um grande projeto" [289]:

> O que impressiona muitos cientistas não é tanto o fato de que alterações nos valores das constantes fundamentais mudariam a estrutura do mundo físico, mas que a estrutura observada é notavelmente sensível a tais alterações [...]. Uma alteração, digamos, nas intensidades da força gravitacional por apenas uma parte em 10^{40} seria suficiente para descartar essa coincidência numérica. Em tal mundo, todas as estrelas seriam gigantes azuis ou anãs vermelhas. Estrelas como o Sol não existiriam, nem, pode-se argumentar, qualquer forma de vida que dependesse de estrelas do tipo solar para seu sustento.
>
> A lista de "acidentes" numéricos que parecem ser necessários para a estrutura mundial observada é muito longa para ser revisada aqui (o leitor deve consultar meu livro "The Accidental Universe" para uma discussão completa) [...]. Alternativamente, as coincidências numéricas podem ser consideradas como evidência de projeto. O delicado ajuste fino nos valores das constantes, necessário para que os vários ramos da física possam se encaixar tão bem, pode ser atribuído a Deus. **É difícil resistir à impressão de que a atual estrutura do universo, aparentemente tão sensível a pequenas alterações nos números, foi pensada com bastante cuidado** [290].

Tímido em se expor de forma a ser associado ao teísmo, o astrofísico Stephen Hawking refletiu essa mesma consideração:

> Se o estado inicial do universo tivesse que ser escolhido extremamente cuidadosamente para levar a algo como o que vemos ao nosso redor, não seria improvável que o universo contesse qualquer região na qual a vida poderia aparecer [...]. **Seria muito difícil explicar por que o universo deveria ter começado exatamente assim, exceto como o ato de um Deus que pretendia criar seres como nós** [291].

Nesse ponto, torna-se importante lembrar que **a teoria do universo oscilante foi abandonada.** Caso contrário, em um universo se recriando interminavelmente, uma configuração como a nossa (que aparentemente supera as probabilidades) pode literalmente ser a tentativa número $(10^{10})^{30}$ de $(10^{10})^{30}$ tentativas. Isso ainda não explicaria sua origem, mas a configuração atual do universo não seria milagre maior do que tirar o ás de espadas de um baralho padrão de cinquenta e duas cartas após cinquenta e duas tentativas. Em vez disso, **a astronomia declara que o universo parece ser um evento único para sempre,** como Hawking concordou:

> Se somarmos as massas de todas as estrelas que podemos ver em nossa galáxia e em outras galáxias, o total é menos de um centésimo da quantidade necessária para deter a expansão do universo, mesmo para a estimativa mais baixa da taxa de expansão. Nossa galáxia e outras galáxias, no entanto, devem conter uma grande quantidade de "matéria escura" que não podemos ver diretamente [...]. Quando somamos toda essa matéria escura, ainda obtemos apenas cerca de um décimo da quantidade necessária para interromper a expansão [292].

Em outras palavras, não há massa suficiente no universo (nem mesmo com o acréscimo da "matéria escura") para que a gravidade pudesse deter a expansão do universo a fim de que ele fosse novamente retraído, como demanda a teoria do universo oscilante.

Arthur Custance é um dos muitos cientistas que escreveu extensivamente sobre as estreitas margens pelas quais nosso planeta é capaz de sustentar a vida:

> Agora, **o tamanho da nossa Terra** é importante porque desempenha um papel crítico no estabelecimento do tipo de atmosfera em que vivemos, uma atmosfera com os gases certos para sustentar uma alta ordem de vida.
>
> A **distância da Terra ao Sol** determina sua temperatura média, e essa faixa de temperatura é bastante crítica. As cadeias de carbono que constituem um componente essencial do tecido vivo flexível só podem se formar e sobreviver dentro da faixa de temperatura que é verdadeira para a Terra. Um pouco mais perto do Sol e essas cadeias seriam instáveis, e um pouco mais longe seriam inflexíveis.
>
> A **taxa de revolução da Terra** parece ser importante para a manutenção em forma adequada do ar que respiramos, porque os períodos alternados de claro e escuro são requeridos pelas plantas, pois elas agem para regenerar a atmosfera que nós, pelo próprio ato de respiração, causamos a degeneração.
>
> A **proporção de terra para superfície de água** parece ser idealmente adequada para manter uma circulação constante de ar úmido para irrigar a terra.
>
> A **inclinação do eixo da Terra** é suficiente para produzir variações sazonais que, se não existissem, quase certamente permitiriam que certas formas de bactérias causadoras de doenças se multiplicassem continuamente e provocassem a virtual incapacidade, se não a morte, do homem, talvez dos animais. As epidemias têm restrições impostas à sua continuidade por causa da mudança das estações [293].

Na série "Planet Earth" da PBS, Jonathan Weiner fez referência ao químico britânico James Lovelock ao afirmar:

> A atmosfera, diz ele, é muito bem adaptada às necessidades da vida para ser acidental. Sem oxigênio, por exemplo, não haveria respiração. Com apenas um pouco mais de oxigênio, por outro lado – mesmo 25 por cento em vez de 21 – todo o mundo vivo explodiria espontaneamente em chamas. O ar da Terra contém apenas a quantidade ideal. Da mesma forma, sem dióxido de carbono, a fotossíntese falharia; com mais dióxido de carbono, porém, tanto calor ficaria preso no ar e no mar pelo efeito estufa que o planeta desceria ao inferno [...]. A atmosfera não é meramente um produto biológico, mas mais provavelmente uma construção biológica: não viva, mas como o pelo de um gato, as penas de um pássaro ou o papel de um ninho de vespa, uma extensão de um sistema vivo projetado para manter um ambiente escolhido [294].

6.7.8.9. A CESSAÇÃO DA CRIAÇÃO

> Assim foram concluídos os céus e a terra, e tudo o que neles há. (*Gênesis 2:1, "Nova Versão Internacional"*).

Comum à nova teoria da inflação cósmica e à teoria do *big bang* é a crença de que espaço, matéria e energia não estão mais sendo trazidos à existência, mas apenas sendo esticados e movidos conforme descrito na ilustração do balão de Eddington. Dessa forma, o profeta Isaías estava correto se teve a intenção de transmitir um significado literal em Isaías 42:5: "É o que diz Deus, o SENHOR, aquele que **criou o céu e o estendeu".**

A nova teoria da inflação cósmica também aceita um ponto de tempo específico para a introdução de espaço e energia/matéria após o qual nada mais foi adicionado. Da mesma forma, a Bíblia reflete uma cessação da introdução de qualquer coisa no universo com o encerramento do período de criação de Deus, afirmando em Gênesis 2:3: "Abençoou Deus o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou de toda a obra que realizara na criação."

6.7.8.10. AS ESTRELAS NO CÉU

> Tornarei a sua descendência [de Abrão] **tão numerosa como o pó da terra. Se for possível contar o pó da terra, também se poderá contar a sua descendência.** (*Gênesis 13:16, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Levando-o para fora da tenda, disse-lhe: **"Olhe para o céu e conte as estrelas, se é que pode contá-las". E prosseguiu: "Assim será a sua descendência".** Abrão creu no SENHOR, e isso lhe foi creditado como justiça. (*Gênesis 15:5-6, "Nova Versão Internacional"*).

> Pela segunda vez o Anjo do SENHOR chamou do céu a Abraão e disse: "Juro por mim mesmo", declara o SENHOR, "que, por ter feito o que fez, não me negando seu filho, o seu único filho, esteja certo de que o abençoarei e **farei seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar.** Sua descendência conquistará as cidades dos que lhe forem inimigos e, por meio dela, todos os povos da terra serão abençoados, porque você me obedeceu". (*Gênesis 22:15-18, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Farei os descendentes do meu servo Davi e os levitas, que me servem, **tão numerosos como as estrelas do céu e incontáveis como a areia das praias do mar.** (*Jeremias 33:22, "Nova Versão Internacional"*).

Muitas pessoas raramente estiveram suficientemente longe das luzes da cidade para ver todas as estrelas que podem ser vistas a olho nu. Mas para as pessoas que viveram há 3.400 anos antes do presente, o céu noturno era relativamente familiar. Não é incomum de encontrar em culturas antigas a familiaridade com estrelas e constelações, desde o Stonehenge até os egípcios. As estrelas visíveis foram contadas, mapeadas e estudadas por muito tempo. Como tal, parece tolice que Moisés e Jeremias equipararam a quantidade de estrelas no céu com grãos de areia em uma praia.

Hiparco viveu após o fim do Antigo Testamento e contou as estrelas em pouco mais de 1.000. Ptolomeu, algumas centenas de anos depois, revisou esse número por apenas um punhado. O telescópio de Galileu em 1610 estava há muitos séculos de distância, mas mesmo isso não pôde revelar a surpreendente verdade das palavras de Moisés e de Jeremias.

Somente a astronomia moderna revelou que nossa própria Via Láctea contém 200 bilhões de estrelas [295]. Se esse é um número médio de estrelas por galáxia, considere as observações de Edwin Hubble usando um telescópio de 100 polegadas. Ele estimou o número de galáxias em mais de 100 milhões. Muitos anos depois, o observatório de 200 polegadas do Monte Palomar aumentou a estimativa para um bilhão. Em 1980, o número de galáxias que se pensava existir continuou a aumentar exponencialmente:

> habitamos um universo de galáxias, talvez cem bilhões de exemplos requintados de arquitetura cósmica [...] [incluindo] imponentes galáxias elípticas gigantes contendo mais de um trilhão de estrelas [...] [296].

Tudo isso resulta em mais de 10^{22} estrelas. **Somente a astronomia do século vinte descobriu que as estrelas realmente existem em números que Moisés e Jeremias descreveram há muito tempo como o equivalente figurativo de "areia das praias do mar" ou "pó da terra"**.

6.7.8.11. RESUMO: COMO A BÍBLIA SE COMPARA À CIÊNCIA SOBRE A ORIGEM DO UNIVERSO

Perguntamos de onde veio o universo. Na Bíblia, Moisés declara que Deus o criou, e Moisés continuou descrevendo certas características de seu início. Essa declaração parece ser firmemente apoiada pelas atuais observações e teorias astronômicas que concordam com a Bíblia nos seguintes aspectos da criação:

- O universo teve um começo definido;
- Todo o espaço-tempo deve ter sido afetado por uma causa que o precedeu;
- Essa causa tem que ser independente do tempo e do espaço que produziu;
- A criação de energia/matéria parece ter cessado;
- Existe realmente um número de estrelas no céu equivalente ao número de grãos de areia à beira-mar.

6.7.9. QUAL A NATUREZA DA VIDA?

> Hoje estamos gradualmente aprendendo a aceitar a hipótese de Oparin-Haldane de que a vida é apenas uma propriedade especial e complicada da matéria e que não há diferença entre um organismo vivo e matéria sem vida [297].

O espírito foi feito para Deus, o corpo para o espírito, e o mundo para o corpo: o mundo para ser submetido ao corpo, o corpo para ser submetido ao espírito, e o espírito que pode ser trazido em sujeição a Deus. (*Hugo de São Victor*).

Somos pedaços de matéria estelar que esfriou por acidente, pedaços de uma estrela que deu errado. (*Sir Arthur Eddington*).

Aqui estamos neste universo totalmente fantástico, sem nenhuma pista sobre se nossa existência tem algum significado real. Não é de admirar, então, que muitas pessoas sintam a necessidade de alguma crença que lhes dê uma sensação de segurança, e não é de admirar que fiquem muito zangadas com pessoas como eu, que dizem que isso é ilusório. (*Fred Hoyle*).

Penso, logo existo. (*Rene Descartes*).

Uma vez que a baboseira religiosa em torno do termo "humano" tenha sido eliminada... Não consideraremos sacrossanta a vida de cada membro de nossa espécie, não importa quão limitada seja sua capacidade de vida inteligente ou mesmo consciente. (*Peter Singer, professor de bioética, Universidade de Princeton*).

A natureza não tem princípios. Ela não nos fornece nenhuma razão para acreditar que a vida humana deve ser respeitada. A natureza, em sua indiferença, não faz distinção entre o bem e o mal. (*Anatole France*).

O propósito da vida do homem [...] é se tornar um zumbi abjeto que serve a um propósito que ele não conhece, por razões que ele não deve questionar. (*Ayn Rand*).

Somos materialistas e ateus, e nos gloriamos no fato. (*Mikhail Bakunin*).

Nosso tratamento da vida e nosso tratamento uns com os outros são, em última análise, dirigidos por nossa crença sobre a vida: sua natureza e seu propósito (ou ausência de propósito). Compararemos a seguir as diferentes crenças sobre a vida entre aqueles que acreditam que ela é um acidente sem propósito e aqueles que acreditam que ela é o resultado de um projeto intencional.

6.7.9.1. COMO DEFINIMOS VIDA?

Há pelo menos duas perspectivas diferentes sobre o que é a vida. Uma está enraizada na **química,** a outra em **teologia.** A posição teológica reconhece a natureza química da vida, mas a descreve como também tendo uma natureza muito significativa, espiritual. Essa natureza espiritual é expressa apenas em parte por meio do condutor, que é o nosso ser químico.

Em contrapartida, o ponto de vista estritamente secular reconhece apenas a natureza química da existência. A perspectiva secular reconhece nada além do que é material ou mensurável. Essa perspectiva materialista limita a sua definição de vida a ser apenas o que alguns acreditam que lentamente evoluiu da não vida. Por isso, **desde o início, a perspectiva secular proíbe a investigação livre e, essencialmente, já preordena a sua própria conclusão.** Falaremos mais sobre a investigação livre no terceiro tópico especial deste estudo (investigação livre).

Aqui vai uma questão importante: nosso julgamento sobre a verdadeira natureza da vida é uma premissa básica que deve ser aceita pela fé, ou há evidência para apoiar apenas uma das duas posições anteriores?

A posição da Bíblia é que fomos criados com almas que existirão para sempre, mesmo depois de nossos corpos atuais morrerem. A Bíblia declara, ainda, que esse aspecto espiritual da existência é presentemente invisível para nós. Assim, em termos de apoio à credibilidade da Bíblia, o recurso de estudos empíricos como prova direta dessa posição é limitado.

A prova final de uma dimensão espiritual é, na verdade, a ressurreição de Jesus Cristo. Jesus passou adiante os aspectos espirituais da vida e, como prova parcial de quem era e de que sabia sobre o que estava falando, prometeu retornar dos mortos, e o fez. Uma vez que ele foi ressuscitado, seus ensinamentos sobre a vida podem ser considerados validados.

Por que definir a vida é importante? É importante determinar qual descrição da natureza da vida é a mais exata, independentemente da dificuldade, porque é por meio do nosso conceito da natureza de vida que nós interpretamos o mundo que nos rodeia. Essa avaliação inclui se acreditamos que a Bíblia é de Deus ou não. **Em última análise, a visão bíblica da vida e a visão secular se voltam para suas respectivas premissas de que Deus existe ou não existe.**

6.7.9.2. VIDA DE ACORDO COM A CIÊNCIA: PROPRIEDADE UNIVERSAL DE TODA A MATÉRIA?

Darwin não descartou Deus como sendo a primeira causa por trás da evolução. No entanto, a religião ou visão de mundo conhecida como **humanismo,** centrada em torno da crença na evolução darwiniana, rejeita categoricamente a existência de Deus. Alguns defensores dessa visão da vida têm raciocinado que ela é um todo cujo significado não é essencialmente maior que a soma de suas partes. Arthur O. Lovejoy refletiu esse tipo de pensamento no que ele chamou de **princípio da continuidade.**

O princípio da continuidade afirma que **não há nada presente em um ser vivo que já não estava presente nos componentes atômicos de onde ele veio.** Lovejoy concluiu que se existe tal propriedade como a vida, então até mesmo os próprios átomos devem conter um grau proporcional dela. Isso é, basicamente, como a lógica de Ponnamperuma o levou a concluir que a vida não é mais do que uma propriedade peculiar da matéria. Outros cientistas semelhantemente categorizam a vida como sendo um **estranho acidente da natureza** (Jacques Monod), ou **não muito mais do que um sistema autorreplicante** (Francis Crick).

6.7.9.3. CRIADA EM LABORATÓRIOS?

Francis Crick refletiu os pensamentos de Lovejoy sobre a vida como uma propriedade universal no escrito a seguir:

> Experimentos reprodutíveis demonstrando que um sistema vivo rudimentar pode evoluir a partir de um sistema não vivo puramente químico devem reforçar o nosso sentimento de unidade com a natureza no sentido mais amplo, ou seja, com os átomos e as moléculas de que todos os conteúdos da Terra são feitos [298].

Os resultados de experimentos que o Dr. Crick esperava não têm ocorrido, embora tenha sido dada muita atenção para o experimento de 1953 de Miller-Urey. Desse experimento Scott Huse escreveu:

> No experimento deles, vapor de água, amônia, metano e hidrogênio foram submetidos a descargas de faíscas, e aminoácidos simples foram sintetizados. Embora esse experimento demonstre conclusivamente que os compostos orgânicos podem ser feitos artificialmente, **tais produtos não se aproximam nem mesmo remotamente à síntese de vida** [299].

Stephen Meyer tem desde então apontado que os pressupostos relativos à atmosfera primitiva já não se justificam. Os experimentadores criaram um ambiente muito mais ideal para a criação de aminoácidos do que ocorre na natureza por meio de remoção de qualquer oxigênio e qualquer luz ultravioleta de comprimento de onda longo, já que ambos degradam rapidamente os aminoácidos. Não obstante, Arthur C. Custance concluiu generosamente:

> Evidentemente, a natureza tem sido projetada de tal forma que, nas condições adequadas, pelo menos alguns dos materiais de construção de substâncias vivas passarão a existir como uma consequência natural. **Isso não prova que a vida ocorre espontaneamente, uma vez que essas substâncias em si são mortas.** O que isso mostra é que que **o projeto do universo permite o aparecimento de vida dentro do quadro de seus materiais de base** [300].

Mas isso levanta uma questão: se a ciência tivesse sucesso na criação de todas as proteínas e outras combinações químicas que são usadas pelos organismos vivos, poderíamos considerar isso como vida? Custance continuou o assunto desta forma:

> **Apenas a montagem dos componentes não nos dá uma substância viva a menos que outra coisa seja adicionada.** Os próprios componentes, mesmo quando todos estão presentes e ordenados e organizados da maneira correta, não constituem vida. Eles constituem a habitação, mas não o ocupante, o quadro, mas não a

> animação. Um momento de reflexão torna isso óbvio: quando um corpo acaba de morrer, por alguns segundos pelo menos, a organização permanece mesmo que a animação esteja desaparecida. É uma vasta simplificação dizer que a vida é "nada além de física e química" [301].

6.7.9.4. A PROPRIEDADE DA ANIMAÇÃO

Claro, se a física e a química forem as únicas ferramentas que o investigador usar para determinar o que constitui a vida, é natural que a resposta será físico-química. No entanto, como Rene Dubos apontou com perspicácia:

> A definição mecânica da vida humana perde o ponto porque **o que é humano no homem é exatamente o que não é mecânico** [302].

Esse pensamento também reflete os resultados de Hans Gaffron que, como Custance, toma nota especial do fator da animação:

> Pode-se congelar uma célula a tal temperatura baixa que cada reação cessa. Ninguém poderia distinguir essa célula de uma célula morta. Para verificar se ela está viva, ou se tem a capacidade de estar viva, seria necessário trazer a célula de volta à temperatura normal para ver se ela ainda faz o que se espera que faça: crescer e, em particular, se multiplicar. Assim, **a essência de vida é encontrada no processo de vida e não em quaisquer constituintes das células vivas** [303].

6.7.9.5. A PROPRIEDADE DA CONSCIÊNCIA

Outra propriedade da vida humana, menos óbvia do que a animação, é a da consciência. Pensadores como Lovejoy que afirmam que "tudo está vivo" frequentemente também concluem que tudo é consciente (isso não é muito diferente das crenças abraçadas pelo **gaianismo** – a crença de que todas as coisas são apenas manifestações holísticas de uma única entidade-espírito).

A consciência, a qualidade de ser ciente de si mesmo, nos permite atrasar ou checar nossas respostas a partir do que pode ser reflexo ou instinto. Alguns chamam essa habilidade de livre arbítrio. No entanto, muitas ações, apesar de sua aparência, nem sempre são produtos do pensamento ou da vontade consciente, como por exemplo as experiências da consciência de **Edouard Pfluger** em rãs decapitadas [304].

Em resumo, aqui está o que várias ciências têm indicado sobre a natureza da vida:

- A probabilidade estimada de uma molécula autorreplicante surgir pelo acaso é de 10^{40000} [305];
- Pelo menos alguns dos blocos de construção de material orgânico em que pode ser alojada a vida têm sido formados artificialmente em laboratório;
- Ainda assim, nem esse material, nem qualquer outro material, dá qualquer indicação da animação referida como vida;
- Assim, parece que a "essência da vida" é encontrada no processo de vida e não em quaisquer constituintes das células vivas [306], e...
- Consciência, ou a propriedade de estar ciente de si mesmo, existe dentro do homem.

6.7.9.6. VIDA DE ACORDO COM A BÍBLIA: O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO COM A SUA?

A Bíblia tem pouco a oferecer em termos de qualificações científicas sobre as mecânicas da vida. A preocupação das Escrituras com a vida não é exatamente como ela funciona – a preocupação bíblica está mais para: **"Agora que você tem a vida, o que vai fazer com ela?"**

Uma vez que a Bíblia não contesta nossa existência físico-química, os pontos de vista científicos sobre essa necessidade não necessitam de refutação. A Bíblia, em vez disso, introduz uma dimensão adicional de existência

fora do âmbito da experimentação repetitiva. A prova final disso, mais uma vez, é a ressurreição de Cristo dentre os mortos. Apresentemos a seguir visão geral da Bíblia do aspecto físico-espiritual da vida.

As Escrituras afirmam que Deus é o autor de toda a vida. Ele não apenas criou o mundo – ele criou vida para encher o mundo. Deus criou a humanidade e nos agraciou com uma qualidade única:

> Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão." Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (*Gênesis 1:26-27, "Nova Versão Internacional"*).

Embora tenhamos sido feitos à imagem de Deus, não somos seu igual. Assim como uma moeda romana não era igualmente significativa como o César cuja semelhança ela carregava, nós refletimos apenas uma pequena fração da natureza e da pessoa de Deus. As características que possuímos incluem entendimento, uma existência eterna, a capacidade de fazer escolhas morais e o potencial para crescimento espiritual ou para declínio espiritual.

6.7.9.7. SIMBOLISMO

A Bíblia frequentemente usa sangue para simbolizar vida:

> **porque a vida de toda carne é o seu sangue.** Por isso eu disse aos israelitas: vocês não poderão comer o sangue de nenhum animal, **porque a vida de toda carne é o seu sangue;** todo aquele que o comer será eliminado. (*Levítico 17:14, "Nova Versão Internacional"*).

É por isso que o sacrifício da vida de Cristo em nosso lugar é muitas vezes referido simplesmente como o sangue de Cristo:

> Pois a vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazerem propiciação por si mesmos no altar; **é o sangue que faz propiciação pela vida.** (*Levítico 17:11, "Nova Versão Internacional"*).

Cristo usou a mesma terminologia simbólica para nos instruir que temos que ter seu Espírito habitando em nós e ter a sua mentalidade para realmente ter vida:

> Jesus lhes disse: "Eu lhes digo a verdade: se vocês não comerem a carne do Filho do homem e não beberem o seu sangue, não terão vida em si mesmos. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia." (*João 6:53-54, "Nova Versão Internacional"*).

6.7.9.8. O ASPECTO QUALITATIVO

O uso bíblico mais frequente do termo "vida" é aquele de uma certa **qualidade de vida.** Apesar de a humanidade ter sido feita à imagem de Deus e ter uma existência eterna, a expressão "vida eterna" é mais usada para se referir à nossa continuidade positiva e crescimento espiritual no amor e na presença de Deus, tanto agora como depois de nossa morte física:

> Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. (*João 17:3, "Nova Versão Internacional"*).

Nem todos vão alcançar essa qualidade de vida, como indicado:

> Multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, para o desprezo eterno. (*Daniel 12:2, "Nova Versão Internacional"*).

Mais uma vez, todos existirão eternamente, mas nem todos vão viver da maneira que é antitética à morte.

A vida eterna está disponível para nós por meio da fé na morte expiatória de Cristo em nosso favor. Uma vez que esse é o único caminho para a presença de Deus, a vida eterna é sinônima com o próprio Cristo:

> Disse-lhe Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá;" (*João 11:25, "Nova Versão Internacional"*).

A vida também tem uma dimensão na qual nossas vidas, a partir da posição de sermos até mesmo condenados à morte por causa da não sujeição aos ensinamentos de Cristo, são expressões reais do Deus vivo:

> Então Jesus disse aos seus discípulos: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, a encontrará." (*Mateus 16:24-25, "Nova Versão Internacional"*).

> Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim. (*Gálatas 2:20, "Nova Versão Internacional"*).

6.7.10. QUAL O OBJETIVO MAIOR DO SER HUMANO?

O ponto de vista estritamente empírico do propósito da vida, tal como apresentado pelo humanismo, e a visão bíblica são extremos opostos. O humanismo e o ateísmo geralmente se opõem à ideia de que a vida tenha qualquer propósito além daquele que o indivíduo pode subjetivamente atribuir a ela. A ausência de finalidade absoluta não é, de maneira nenhuma, o ponto de vista de todo não cristão, mas muitos daqueles que se consideram irreligiosos podem ser refletidos nas declarações a seguir, cujas perspectivas são extensões lógicas de premissas que negam Deus e/ou a Bíblia:

> A origem [do homem], seu crescimento, suas esperanças e medos, seus amores e crenças, são apenas o resultado da colocação acidental de átomos: que nenhum fogo, nenhum heroísmo, nenhuma intensidade de pensamento e sentimento, pode preservar uma vida individual além do túmulo [...] – todas essas coisas, se não completamente fora de questão, são tão proximamente certas, que nenhuma filosofia que as rejeita pode ter esperança de se manter [307].

> Todo o período da humanidade é apenas um episódio de minutos em uma história da vida pouco maior de um planeta que está se esfriando, o qual na maior parte de sua existência, absolutamente, não conheceu a vida. [...] Em um tempo que ninguém sabe, porém, embora sendo breve em relógios astronômicos, o planeta solitário vai esfriar, toda a vida vai morrer, toda mente cessará, e será como se nunca tivesse acontecido. Isso, para ser honesto, é o objetivo para o qual a evolução está viajando, que é o fim "benevolente" da furiosa vivência e do furioso morrer [...]. Toda a vida não é mais do que uma correspondência atingida no escuro e soprada para fora novamente. O resultado final [...] é privá-la completamente de significado [308].

Por outro lado, a vida de acordo com a Bíblia é de grande significado e, em certo sentido, é profundamente simples, podendo se resumir na afirmação de que o nosso objetivo principal é **glorificar a Deus.** Deus criou a humanidade a fim de que pudesse nos amar e partilhar conosco a sua glória. Ele também nos criou para que possamos amá-lo e glorificá-lo. Isso não é um narcisismo, mas apenas a justiça devida a ele pela sua posição de Deus – criador e soberano dono de tudo o que existe. Para esse fim, fomos criados como criaturas que agem livremente sem uma compulsão que se sobreponha à nossa capacidade de escolha para retornar ao amor de Deus.

A Bíblia apresenta vislumbres do futuro, lampejos que revelam outra finalidade à vida. A Bíblia diz que o universo vai chegar a um fim e que toda a criação será destruída. Em um julgamento final baseado sobre os acontecimentos que se seguiram na vida física, aqueles que rejeitaram a Cristo vão passar para o castigo eterno, e aqueles convertidos a Cristo vão passar para novos céus e nova terra (Apocalipse 21:3-4). Veja mais sobre isso no primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

É muito interessante observar como um professor de física teórica, Paul Davies, também chegou à conclusão de um possível fim para o universo simplesmente pelo seguinte raciocínio:

> Se o universo foi criado por Deus, então deve ter um propósito. Se o efeito não for alcançado, Deus terá falhado. Se for atingido, a continuidade do universo será desnecessária [309].

De acordo com a Bíblia, a vida tem um propósito. Esse propósito é agradar a Deus. Só vamos saber o que o agrada por meio do estudo das coisas que ele nos revelou sobre si mesmo. Essas revelações são os escritos da Bíblia.

6.8. OS PRIMEIROS CAPÍTULOS DE GÊNESIS ESTÃO CONTRA A CIÊNCIA?

> Ele estende os céus do norte sobre o espaço vazio; suspende a terra sobre o nada. Envolve as águas em suas nuvens, e estas não se rompem sob o peso delas. Ele cobre a face da lua cheia estendendo sobre ela as suas nuvens. Traça o horizonte sobre a superfície das águas para servir de limite entre a luz e as trevas. (*Jó 26:7-10, "Nova Versão Internacional"*).

> A Terra é plana. Quem diz que é redonda é um ateu que merece punição. (*Sheik Bin Baz, Fatwa islâmica por volta de 1995 – Ibrahim, Yousef M., "Muslim Edicts take on New Force", The New York Times, 12 de fevereiro de 1995, p. A-14*).

> Como nós, astrônomos, somos sacerdotes do Deus supremo em relação ao livro da natureza, convém que pensemos não na glória de nossas mentes, mas antes, acima de tudo, na glória de Deus. (*Johannes Kepler*).

Os primeiros onze capítulos do Livro de Gênesis contêm as narrativas bíblicas que estão entre as mais atacadas por céticos, se não forem as mais atacadas. Essas narrativas compreendem:

- A criação do universo e da Terra em seis dias;
- Plantas crescendo na Terra antes que o Sol apareça;
- A criação do ser humano à imagem e semelhança de Deus a partir de um único casal (Adão e Eva) que viveu há cerca 6.000 anos antes do presente (dependendo da contabilização das genealogias esse tempo pode ser estendido);
- O dilúvio;
- A Torre de Babel;
- A longevidade dos primeiros patriarcas.

Em contraste com isso, a ciência afirma:

- O universo tem cerca de 14 bilhões de anos;
- A Terra tem cerca de 4,6 bilhões de anos;
- O Sol já existia há muito tempo quando plantas cresceram na Terra pela primeira vez;
- O ser humano existiu na Terra há bem mais tempo do que Adão e Eva em uma população maior do que um único casal;
- Não ocorreu dilúvio global;
- A dispersão de povos pelo planeta e o surgimento de várias linguagens não teve origem na narrativa de Babel;
- A longevidade do ser humano era muito inferior à longevidade apresentada em Gênesis.

Assim, há pessoas que afirmam que a Bíblia e a ciência são irreconciliáveis. No entanto, conforme afirmamos anteriormente, a chave é entender o que a Bíblia realmente ensina, algo em falta tanto em professos cristãos quanto em céticos.

Estão de fato os primeiros onze capítulos de Gênesis contra o consenso científico moderno? A resposta pode surpreender você.

6.8.1. A CIÊNCIA DOS SEIS DIAS DA CRIAÇÃO [310]

> Pois assim diz o SENHOR, que criou os céus, ele é Deus; que moldou a terra e a fez, ele a estabeleceu; não a criou para estar vazia, mas a formou para ser habitada; ele diz: "Eu sou o SENHOR, e não há nenhum outro". (*Isaías 45:18, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Existe um plano coerente no universo, embora eu não saiba para que é esse plano. (*Fred Hoyle*).
>
> Contemplar o universo é ficar ainda mais envergonhado. Pois de alguma forma, em algum momento, tudo o que vemos, tocamos e ouvimos deve ter surgido do nada. (*Sir Theodore Fox*).

O universo foi criado e desenvolvido em apenas seis dias? É possível reconciliar uma interpretação literal de Gênesis 1 com um universo de bilhões de anos? Abordamos essas questões a seguir, tendo como base o material elaborado por Sarah Salviander que foi inspirado pela obra "The Science of God" do Dr. Gerald Schroeder – um livro que recomendamos.

6.8.1.1. O *BIG BANG* E A ACEITAÇÃO CIENTÍFICA DO INÍCIO DO UNIVERSO

Desde a época de Aristóteles, a maioria dos cientistas creu que o universo era eterno e não criado. A matéria e o movimento eram vistos como eternos e, portanto, o mundo era tido como eterno. Um universo eterno é difícil de reconciliar com Gênesis (Gênesis 1:1 afirma: "No princípio Deus criou [...]"). É assim que as coisas permaneceram por cerca de 2.300 anos.

Isso começou a mudar no início do século vinte. Em 1915, Albert Einstein publicou sua obra mais famosa – a teoria geral da relatividade – a qual levou a uma grande revolução na ciência. Einstein era famoso por seus comentários concisos. Ele uma vez disse: "Eu quero saber seus pensamentos [de Deus]. O restante são detalhes." Um desses "pensamentos" foi uma teoria de gravitação expressa em uma coleção concisa de equações chamadas "equações de campo de Einstein".

Isso foi elegante, mas Einstein não estava certo de que as equações podiam ser resolvidas. Contudo, físicos quase imediatamente começaram a resolvê-las e aprenderem todo tipo de coisas interessantes sobre o universo. O padre e cosmólogo belga Georges Lemaître descobriu uma coisa chocante sobre o universo em sua solução para as equações: constatou que o universo pode ser expandido ou contraído. Lemaître vigorosamente perseguiu a ideia de um universo que estava se expandindo. Ele a chamou de "hipótese do átomo primordial". Isso iria eventualmente se tornar a teoria do *big bang* e, por essa razão, ele é conhecido como o "pai do *big bang*".

Esse foi o primeiro desafio sério contra a ideia milenar de que o universo é estático e eterno. Mais tarde, esse desafio foi apoiado pelas observações feitas por um astrônomo chamado Edwin Hubble. Hubble observou que as galáxias estão se movendo para longe da Via Láctea e, quanto mais longe estão, mais rápido se movem. Essa era evidência muito forte para um universo em expansão. Incidentalmente, há várias referências a um universo em expansão nas Escrituras: "Ele [Deus] estende os céus [...]" (Isaías 40:22).

Ainda estamos experimentando essa expansão. De fato, a taxa de expansão está aumentando conforme o tempo passa. Se as galáxias estão, em geral, se movendo mais para longe umas das outras, elas devem ter estado mais próximas no passado. Isso implica em um começo para o universo.

O astrofísico britânico Fred Hoyle foi o primeiro a chamar o *big bang* dessa forma. Hoyle cria que o universo era eterno e estava muito cético em relação ao *big bang*.

Uma das principais predições do *big bang* era que deveria haver radiação residual do *"bang"* (a "explosão"), a qual foi descoberta nos anos 60. Lemaître tomou conhecimento dela pouco antes de falecer. Dois físicos americanos, Arno Penzias e Robert Wilson, descobriram essa radiação residual. De início, acharam que o sinal era um erro, talvez até mesmo devido a excrementos de pombos no equipamento. Porém, o sinal era real e se tornou uma das maiores descobertas científicas de todos os tempos.

Essa radiação residual do *big bang* forma um fundo uniforme de energia de micro-ondas que permeia todo o universo. Voltando aos dias da televisão analógica, as antenas podiam captar essa energia. Cerca de 1% dessa estática era energia residual do *big bang*.

A evidência para o *big bang* era esmagadora. Contudo, muitos cientistas a odiaram, incluindo o biólogo John Maddox, o qual foi um editor de longa data da prestigiada revista Nature. A teoria do *big bang* era filosoficamente inaceitável para ele.

Para algumas pessoas, o conforto é que a teoria do *big bang* estava muito próxima de Gênesis. Depois que jornalistas de Londres ouviram sobre a evidência do *big bang* em 1961, os jornais publicaram títulos que diziam "A Bíblia estava certa" e "'Como tudo começou' se encaixa com a história bíblica".

Antes de Lemaître e Hubble, cientistas majoritariamente concordavam com Hoyle e Maddox que o universo era eterno – não havia começo, não havia fim, não havia necessidade de Deus. Assim, a Bíblia estava em conflito com a linha principal da ciência e filosofia por cerca de dois milênios. Com o *big bang*, a ciência finalmente aceitou que o universo teve um início, assim como Gênesis ensina.

6.8.1.2. APARENTES CONFLITOS ENTRE A CIÊNCIA E A BÍBLIA DURANTE A CRIAÇÃO

Apesar de o *big bang* ter demonstrado cientificamente que o universo tem um início, outros sérios conflitos entre as Escrituras e a ciência parecem permanecer sobre a criação:

- Problema 1: a Bíblia parece afirmar que toda a vida na Terra foi criada e desenvolvida em cerca de 6.000 anos (dependendo da contabilização das genealogias esse tempo pode ser estendido). A ciência fornece evidência que o universo tem uma idade de bilhões de anos;

- Problema 2: a Bíblia mostra plantas crescendo na Terra antes do aparecimento do Sol;

- Problema 3: a Bíblia diz que Adão foi o primeiro humano, mas a ciência tem evidências de humanos vivendo há muito mais tempo do que quando Adão apareceu.

Seria isso prova de que a Bíblia está em um conflito sem esperança contra a ciência?

A verdade é que não há conflito entre a Bíblia e a ciência. Como foi o caso com o *big bang*, a ciência está tomando um longo tempo para alcançar a sabedoria já contida na Bíblia. Essa ideia foi ecoada pelo astrofísico da NASA Robert Jastrow quando disse:

> Para o cientista que tem vivido por sua fé no poder da razão, a história termina como um sonho ruim. Ele tem escalado a montanha da ignorância; ele está prestes a conquistar o pico mais alto; à medida que ele puxa a si mesmo sobre a rocha final, ele é saudado por um bando de teólogos que têm estado sentados ali por séculos. (*Robert Jastrow*).

Ainda assim, à primeira vista, Gênesis e a ciência parecem em grande desacordo. Pode-se imaginar um cientista afirmando que a "criação em seis dias é uma ideia ridícula" contra um cristão afirmando que a "criação em bilhões de anos é uma ideia herética".

A verdade é que ambos estão corretos. Gênesis é verdadeiro ao dizer que tudo foi criado em seis dias de 24 horas e o universo tem bilhões de anos de idade.

6.8.1.3. A CHAVE PARA A RESOLUÇÃO DAS APARENTES DISCREPÂNCIAS

Para resolver as aparentes discrepâncias, a chave é o entendimento de que **o tempo da criação em Gênesis é especial.** Vejamos a evidência:

1. No calendário contemporâneo, o dia 1 de outubro de 2016 foi o início do ano 5.777 de acordo com o calendário judaico. Uma interpretação ingênua é que, desde aquele dia, se passaram 5.777 anos a partir

da criação do universo. Contudo, **o calendário judaico não inclui os primeiros seis dias de Gênesis. Os primeiros seis dias são colocados à parte, como se houvesse algo especial sobre eles.**

2. **O tempo descrito na criação em Gênesis difere do tempo descrito no restante da Bíblia quando Adão aparece.** Antes de Adão, blocos de eventos ocorrem e então somos informados que um dia passa. Não há conexão entre os eventos e a passagem do tempo. **É apenas após Adão que a passagem do tempo é amarrada aos eventos terrenos.**

3. **Gênesis descreve o tempo indo para frente.** Por que isso é importante? Humanos só podem perceber os eventos do universo depois que eles aconteceram, e não enquanto estão acontecendo – estamos sempre olhando para trás no tempo. Mas há uma pista sutil de que os eventos em Gênesis não são descritos da forma usual para o ser humano. Compare estas duas passagens:

   Deus chamou à luz dia, e às trevas chamou noite. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o **primeiro dia** [na linguagem original o numeral está em forma cardinal – "dia um"]. (*Gênesis 1:5, "Nova Versão Internacional"*).

   Ao firmamento, Deus chamou céu. Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o **segundo dia** [na linguagem original o numeral está em forma ordinal – "dia segundo"]. (*Gênesis 1:8, "Nova Versão Internacional"*).

   Muitas traduções colocam o dia como "primeiro" em Gênesis 1:5 – "o primeiro dia". De fato, esse foi o primeiro de todos os dias, mas **o hebraico original coloca o numeral na forma cardinal, e não na forma ordinal.** Assim, se lê: "Passaram-se a tarde e a manhã; **esse foi o dia um"**. Já em Gênesis 1:8, **o numeral está na forma ordinal,** sendo lido como "o dia segundo". Um rabino catalão, médico e grande conhecedor da Torá que viveu entre 1194 e 1270 chamado Nahmânides explicou o significado: ao se relacionar os eventos de Gênesis começando com o cardinal "dia um", a inferência é que não havia outros dias para serem comparados com esse "dia um". Ao longo do "dia segundo" já havia existido o "dia um" para comparar, sendo que nesse ponto Gênesis passa a usar o numeral na forma ordinal. Gênesis descreve os eventos indo para a frente no tempo, e essa não é a forma na qual percebemos o tempo. Isso significa que o tempo dos dias da criação é especial – o tempo não estava sendo contado como os humanos o contam.

4. **Antes da criação de Adão no dia seis, Deus é o único que está "observando o relógio".** E o "relógio que Deus está observando" está contando o tempo de forma diferente da forma como os humanos o contam, como mencionado acima.

   Há evidências além das Escrituras também. O antigo estudioso bíblico Nahmânides entendeu de modo intuitivo que os seis dias da criação contêm "todas os segredos e eras do universo". Como podem dias conterem eras do universo, a menos que haja algo especial sobre eles?

Assim, temos as seguintes pistas de que o tempo de Gênesis é especial:

- Os primeiros seis dias não são incluídos no calendário judaico;
- Eventos antes e depois de Adão são descritos diferentemente em termos de tempo;
- Gênesis descreve o tempo indo para frente até Adão aparecer;
- Apenas Deus estava observando o relógio antes de Adão;
- Os dias da criação contém "todos os segredos e eras do universo".

Juntas, essas pistas sugerem fortemente que **Gênesis 1 é contado unicamente pela perspectiva de Deus. A Bíblia muda para uma perspectiva terrestre, mas apenas depois que Adão aparece no dia seis.** Ou seja, **depois de Adão o referencial de tempo muda.**

Então, como usamos isso para relacionar seis dias de 24 horas com um universo que possui 14 bilhões de anos? A fim de relacionar o tempo de Gênesis com o tempo terrestre, lembramos de Einstein: **"O tempo não é absoluto." O tempo é flexível.** Ele pode ser **esticado** de forma que flua em taxas diferentes. As diferenças no fluxo do tempo são apenas notáveis quando se compara um **quadro de referência** com outro – isso é chamado relatividade.

Um quadro de referência é como um ponto de vista. Em física, se refere às coisas que estão experimentando as mesmas condições, tais como a mesma velocidade e a mesma gravidade. Por exemplo, um trem e as pessoas dentro desse trem estão dentro do mesmo quadro de referência, pois todos estão experimentando a mesma velocidade – a velocidade do trem. As pessoas que estão paradas do lado de fora do trem estão em um quadro de referência diferente, pois estão estacionárias em relação ao movimento do trem.

As diferenças no fluxo do tempo dependem de:

- **Velocidades relativas,** as quais esticam o fluxo do tempo. Se colocarmos um relógio em um avião a jato e um relógio idêntico nas mãos de uma pessoa no solo, essa pessoa, se conseguisse ver o relógio no jato, observaria esse relógio rodando mais devagar do que o relógio que está em sua mão;

- **Gravidades relativas,** as quais também esticam o fluxo do tempo. Se colocarmos um relógio na superfície da Terra e um relógio idêntico em um satélite em órbita da Terra (onde a gravidade não é tão forte como na superfície), o relógio no satélite vai rodar mais rápido do que o relógio na superfície da Terra. Outro exemplo é que a diferença no fluxo do tempo é minúscula, mas mensurável, entre o topo e a base de um arranha-céu. Para as pessoas no topo, onde a gravidade não é tão forte, o fluxo do tempo é ligeiramente mais rápido em relação ao fluxo do tempo para as pessoas na base, onde a gravidade é ligeiramente superior;

- **O esticamento do espaço à medida que ele se expande.** Isso também estica o fluxo do tempo: quanto mais o universo se expande, mais devagar o "relógio cósmico" roda em relação a quando o universo estava menos expandido.

Você pode estar se perguntando se o "esticar do tempo" já foi observado. A resposta é sim! Muitas vezes, na verdade. Aqui estão alguns exemplos:

- O decaimento de múons (partículas elementares semelhantes aos elétrons) na atmosfera da Terra demonstra o esticamento do tempo devido às velocidades relativas;

- Os espectros de luz da superfície do Sol demonstram o esticamento do tempo devido às gravidades relativas;

- Supernovas distantes demonstram o esticamento do tempo devido ao esticamento do espaço.

Interessantemente, a Bíblia contém dicas de estar ciente da flexibilidade do tempo:

> De fato, mil anos para ti são como o dia de ontem que passou, como as horas da noite. (*Salmo 90:4, "Nova Versão Internacional"*).

Contudo, tenha em mente que **velocidades relativas e gravidades relativas não explicam a diferença entre seis dias e 14 bilhões de anos.** Esses exemplos servem apenas para mostrar que o esticamento do tempo é algo que existe e que é possível de ser medido. **Para relacionar o tempo de Gênesis com o tempo terrestre, apenas o esticamento do espaço importa.**

As críticas contra o modelo do Dr. Schrodder são frequentemente baseadas na falsa asserção de que o modelo depende das diferenças na velocidade e/ou gravidade. Não depende. **O modelo depende apenas do esticamento do tempo devido ao esticamento do espaço.**

Vejamos adiante se o esticamento do tempo de um universo em expansão pode explicar a aparente diferença entre o que as Escrituras afirmam e a ciência afirma.

6.8.1.4. O ESTICAMENTO DO TEMPO DEVIDO AO UNIVERSO EM EXPANSÃO

A fim de explicar a aparente discrepância de cronologia cósmica entre Gênesis 1 (seis dias) e a ciência moderna (14 bilhões de anos), usaremos a luz como sendo o "relógio cósmico" (o relógio que "Deus estava olhando" antes de Adão aparecer). Porém, antes, você precisa entender um pouco sobre ondas para compreender como isso funciona.

Considere uma onda senoidal representada em um gráfico. A onda é caracterizada pelo seu comprimento de onda, isto é, a distância entre duas cristas (os pontos mais altos) ou dois vales (os pontos mais baixos). É também caracterizada pela frequência, ou seja, conforme a representação gráfica da onda vai se movendo da esquerda para a direita (sempre na mesma velocidade), é contado o número de vezes por segundo que uma crista, ou um vale, passa por um ponto arbitrário fixo. Quanto mais longa a onda, menor a frequência. Assim, um comprimento de onda curto gera alta frequência, e um comprimento de onda longo gera baixa frequência.

Com essa compreensão, vamos usar o comprimento de onda da luz como o bater do nosso relógio cósmico. A ideia é que, conforme a representação gráfica da onda senoidal se move da esquerda para a direita (sempre na mesma velocidade), cada vez que uma crista ou vale passar por um mesmo ponto arbitrário fixo, deve ser contado um batimento do relógio cósmico. Sendo assim, a frequência da onda de luz é utilizada para calcular a passagem do tempo. A frequência da luz é o bater do relógio cósmico.

Se o comprimento de onda da luz aumentar, menos cristas ou vales vão passar pelo mesmo ponto arbitrário fixo que foi definido como referência para a contagem, e o bater do relógio cósmico vai ser mais lento. Ou seja, a redução da frequência da luz faz o relógio cósmico rodar mais devagar.

O ponto é que o esticamento do espaço faz exatamente isso. **A expansão do espaço do universo estica o comprimento de onda da luz e diminui sua frequência, e o fluxo do tempo no relógio cósmico se torna mais devagar.**

6.8.1.5. COLOCANDO TUDO ISSO JUNTAMENTE COM GÊNESIS

Vamos colocar tudo isso juntamente com Gênesis. Lembre-se que humanos não aparecem antes do dia seis, então é apenas Deus que está observando os eventos durante os seis dias e medindo o bater do relógio de Gênesis.

Para Deus sozinho, um dia é 24 horas. Como sabemos que cada dia é literalmente 24 horas da perspectiva de Deus? Principalmente do testemunho das Escrituras, tais como Êxodo 20:11:

> Pois **em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe,** mas no sétimo dia descansou. Portanto, o SENHOR abençoou o sétimo dia e o santificou. (*Êxodo 20:8-11, "Nova Versão Internacional"*).

Também, a expressão "passaram-se a tarde e a manhã" em Gênesis 1 é ligada a cada dia, indicando que se trata de dia de 24 horas para a perspectiva de Deus. Grandes estudiosos bíblicos, tais como Nahmânides e Rashi (Rabi Solomon ben Isaac, o qual viveu entre 1040 e 1106 e foi conhecido por seu acrônimo Rashi), também creram que cada dia era 24 horas.

Agora apenas precisamos estabelecer algumas coisas sobre o quadro de referência de Deus. Isso vai nos ajudar a escolher um relógio cósmico que relacione o tempo de Gênesis com o tempo terrestre. Não podemos escolher qualquer luz para isso, uma vez que deve ser uma luz que tenha existido desde o início do universo. Falaremos disso em breve.

Outra consideração importante é que Deus, como o transcendente criador de todo o universo, deve ter uma perspectiva que engloba todo o universo, então, precisamos que o relógio cósmico faça o mesmo.

Como já apontamos, o relógio cósmico deve ter começado a bater no início do dia um, ou seja, tem que ter começado a bater quando o universo veio à existência. Podemos ignorá-lo quando Adão aparecer no dia seis, quando Gênesis muda para uma perspectiva terrestre e, assim, passa a contar o tempo da perspectiva terrestre.

Também, o relógio cósmico deve ser capaz de relacionar diferenças na passagem do tempo em diferentes momentos na história do universo. Em outras palavras, o relógio cósmico deve ter três requisitos:

- Deve abranger uniformemente toda a inteireza do universo;
- Deve ter começado a bater no início do dia um da criação;
- Deve relacionar diferenças na passagem do tempo em diferentes momentos na história do universo.

Será que existe uma coisa assim? Sim! Já a encontramos: a radiação residual do *big bang*, a radiação cósmica de fundo. Ela também é chamada de "radiação cósmica de fundo em micro-ondas", ou *Cosmic Microwave Background* (CMB), uma vez que se encontra na parte de micro-ondas no espectro eletromagnético.

A radiação cósmica de fundo em micro-ondas é a única luz que tem existido desde o início do universo. É mensurável, é muito uniforme, e está presente em todo o universo. É o relógio cósmico perfeito.

Lembremos agora do esticamento do espaço no universo em expansão, o qual, à medida que o universo se expande, estica o fluxo do tempo. Quanto mais o universo se expande, mais devagar vai ser o bater do relógio cósmico em relação a um momento no qual o universo era menos expandido. **Lembre-se: é apenas o esticamento do espaço que afeta o relógio cósmico.**

O espaço é esticado à medida que o universo se expande, puxando as coisas para longe umas das outras. **As ondas de luz também esticam à medida que o universo se expande – os comprimentos de onda aumentam (são esticados), a frequência diminui, e o bater do relógio cósmico se torna mais devagar.**

Isso foi observado com estrelas distantes que explodiram: supernovas. Uma supernova explodindo quando o universo tinha metade de sua idade atual pareceu ter levado o dobro do tempo para desaparecer do que uma "supernova contemporânea". Ela pareceu levar o dobro do tempo para desaparecer porque a expansão do universo esticou a luz da supernova por um fator de dois quando sua luz chegou até nós.

Então, o que esse esticamento do espaço e tempo significa para nosso relógio cósmico? No instante em que o *big bang* ocorreu, o universo todo estava agrupado em uma quantidade minúscula de espaço. Isso expandiu em uma tremenda explosão de energia. O esticamento do espaço esticou a energia residual do *big bang* – a radiação de fundo em micro-ondas. Essas ondas de luz cósmicas estão viajando pelo espaço desde o *big bang* e têm sido esticadas pelo mesmo fator que o universo tem sido esticado desde o começo. Isso significa que **o tempo tem sido esticado pelo mesmo fator que o espaço tem sido esticado.**

Considere o que aconteceu cada vez que o universo dobrou de tamanho: a distância entre as cristas das ondas da radiação de fundo em micro-ondas (e a duração entre duas batidas do relógio cósmico) também dobraram. Ou seja, **quando o universo dobrou de tamanho, o fluxo do tempo diminuiu por um fator de dois. Quando o universo quadruplicou de tamanho, o fluxo do tempo diminuiu por um fator de quatro. Quando o universo aumentou em escala pelo fator de um milhão, o fluxo do tempo diminuiu pelo fator de um milhão.** Essa é a ideia.

Durante a semana da criação, Deus já sabia que a rotação da Terra ocorreria em 24 horas no fluxo de tempo terrestre. Esse seria o fluxo do tempo em que o ser humano estaria sujeito, e isso seria a referência para o ser humano contar como o período de um dia. Assim, Deus definiu cada dia da criação como sendo 24 horas, mas apenas de sua perspectiva, conforme o relógio cósmico: o relógio cujo tempo foi esticado conforme o esticamento do espaço e, consequentemente, esse relógio cósmico bateu bem mais devagar do que o relógio que marca o tempo na Terra. Quando Adão passou a existir, o tempo na Bíblia foi contado conforme o fluxo de tempo na Terra. Por isso, qualquer método de datação que utilizemos sempre dará um resultado conforme o fluxo de tempo aqui na Terra. Daí que chegamos a um universo cuja idade é de bilhões de anos terrestres.

6.8.1.6. OS SEIS DIAS DA CRIAÇÃO CONTÉM OS SEGREDOS E ERAS DO UNIVERSO

Agora estamos finalmente prontos para entender como os seis dias da criação contém "todos os segredos e eras do universo". Apenas precisamos saber por quanto o universo – e, portanto, o tempo – tem esticado desde o início até agora. Porém, para sabermos o fator pelo qual o tempo tem sido esticado, precisamos saber quando o tempo começou a contar.

Uma propriedade peculiar do tempo é que ele só pode ser experimentado por coisas que possuem massa. A teoria especial da relatividade de Einstein nos diz que qualquer coisa viajando à velocidade da luz não experimenta a passagem do tempo de forma alguma. Tais coisas existem sempre em um estado eterno de "agora". A luz, portanto, não experimenta o tempo. Qualquer coisa que tenha massa, no entanto, nunca pode viajar à velocidade da luz, e assim sempre experimenta o tempo.

Ao contrário de um entendimento comum e incorreto, **a matéria não foi criada com o *big bang*.** Espaço, tempo e energia (em forma de luz) vieram à existência imediatamente com o *big bang*. **A matéria se formou logo depois, de acordo com a famosa equação de Einstein $E = mc^2$, a qual afirma que matéria e energia são intercambiáveis.**

Porém, logo em seguida ao *big bang*, o universo era tão quente que a matéria poderia facilmente voltar a ser energia. **Apenas após o universo se expandir e resfriar o suficiente para a matéria (massa) poder permanecer – uma condição referida como "confinamento de quarks" – é que o tempo passou a ser significativo ao universo.**

Quarks são partículas fundamentais – os blocos básicos de construção da matéria. Isso significa que, ao contrário de partículas como prótons e nêutrons, não podem ser "quebrados em peças menores". Quarks foram as primeiras partículas a serem feitas com a energia do *big bang*. Eles abrangem, entre outras coisas, os prótons e os nêutrons que fazem toda a matéria comum.

Vamos relacionar isso com o que Gênesis diz. Gênesis 1:1-2 afirma: "No princípio Deus criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia [...]". Nahmânides comentou que Gênesis 1:1-2 significa que o universo era inicialmente preenchido com "a matéria primária que veio dos céus e tudo que ela iria conter e a matéria primária da Terra e tudo o que ela iria conter". Ainda que Nahmânides tenha escrito isso há mais de setecentos anos antes do presente, usando nada além de seu conhecimento da Escritura, o que ele disse poderia ter vindo de um livro didático moderno de física.

Físicos têm identificado os quarks como a primeira forma de matéria e como os blocos fundamentais de toda a matéria comum. Em outras palavras, eles são a "matéria primária".

O relógio cósmico, portanto, começou a bater no momento que a matéria primária foi criada, isto é, o momento do confinamento de quarks no universo.

O universo se expandiu por um fator de cerca de um trilhão desde o confinamento de quarks. A frequência da luz viajando pelo universo desde o confinamento de quarks – a radiação de fundo em micro-ondas – tem sido esticada pelo mesmo fator de um trilhão. **Isso significa que o relógio cósmico bate um trilhão de vezes mais devagar hoje do que no começo do dia um de Gênesis.**

No entanto, o que isso significa para a idade do universo? **A divisão de 14 bilhões de anos (idade do universo em dias terrestres) por um trilhão (o fator de redução do bater do relógio cósmico) vai resultar em aproximadamente seis dias de 24 horas (os seis dias de Gênesis).**

Para ser mais exato, 14 bilhões de anos divididos por um trilhão resultam em cerca de 5,1 dias de 24 horas. **O relógio cósmico não é mais a referência de tempo em Gênesis com a criação de Adão mais ou menos na metade do dia seis,** então o resultado mais exato deveria ser mais ou menos 5,5 dias.

Claro que a matemática envolvida no relacionamento do tempo cósmico com o tempo terrestre é mais complicada do que a simples operação de divisão mencionada acima, pois a taxa de expansão do universo não tem sido estritamente constante.

Quando corrigida pela aceleração na taxa de expansão, o resultado se torna quase exatamente 5,5 dias (há também alguma discrepância resultante de não se saber com extrema exatidão a idade do universo em anos terrestres).

Essa é uma alegação maravilhosa por si mesma. No entanto, nossa meta final é mapear o tempo cósmico no relato da criação de Gênesis. No entanto, para fazer isso, primeiro precisamos revisar alguma matemática.

6.8.1.7. MAPEANDO O TEMPO CÓSMICO NO RELATO DA CRIAÇÃO DE GÊNESIS

À medida que o universo se expandia após o *big bang*, sua escala e o bater do relógio cósmico estavam se tornando cada vez mais próximos aos do tempo presente.

Trabalhando a partir da suposição simples de que o universo tem se expandido a uma taxa aproximadamente constante, cada aumento em dobro da escala do universo levou duas vezes mais tempo do que o próximo aumento em dobro na escala.

Isso é expresso por um relacionamento exponencial $A = A_0e^{-kt}$, uma variação da bem conhecida fórmula de juros compostos. Aplicando essa fórmula a Gênesis e o tempo cósmico, obtemos os seguintes dados:

Tempo aproximado de Gênesis e tempo aproximado da Terra (incluindo a expansão acelerada)

Dia da criação de Gênesis	Há quantos anos terrestres antes do presente ocorreu o início do dia?	Há quantos anos terrestres antes do presente ocorreu o término do dia?	Qual foi a duração em anos terrestres do dia?
Dia um	Cerca de 14,1 bilhões	Cerca de 7,0 bilhões	Cerca de 7,1 bilhões
Segundo dia	Cerca de 7,0 bilhões	Cerca de 3,4 bilhões	Cerca de 3,6 bilhões
Terceiro dia	Cerca de 3,4 bilhões	Cerca de 1,6 bilhões	Cerca de 1,8 bilhões
Quarto dia	Cerca de 1,6 bilhões	Cerca de 680 milhões	Cerca de 920 milhões
Quinto dia	Cerca de 680 milhões	Cerca de 230 milhões	Cerca de 450 milhões
Sexto dia	Cerca de 230 milhões	Cerca de 6-20 mil	Cerca de 230 milhões

Assim, podemos constatar que **cada dia tem a duração (em anos terrestres) de aproximadamente metade do dia anterior** (com exceção do dia um, o qual não tem precedente).

Portanto, **a aparente discrepância entre a cronologia da criação em Gênesis e a cronologia dada pela ciência acontece porque a ciência mediu o tempo em dias terrestres, enquanto Gênesis, antes de Adão, mediu o tempo conforme o relógio cósmico. Depois de Adão, a continuidade do tempo da Bíblia foi amarrada em dias terrestres.**

Isso resolve o aparente problema entre a linha de tempo bíblica e a linha de tempo científica. **O universo e toda a vida na Terra foram criados e desenvolvidos em seis dias, mas unicamente do ponto de vista de Deus. Quando Adão apareceu mais ou menos no meio do dia seis, a Bíblia passou a referenciar a passagem do tempo na Terra. Isso é totalmente compatível com a idade do universo determinada cientificamente em bilhões de anos de nossa perspectiva terrestre.**

6.8.1.8. COMPARANDO OS EVENTOS DE GÊNESIS E DA CIÊNCIA PARA CADA DIA DA CRIAÇÃO

Agora que temos uma linha do tempo, vamos comparar o que Gênesis e a ciência afirmam acontecer em cada um desses dias, bem como seus eventos-chave:

1. **Dia um** (Gênesis 1:1-5): começou há aproximadamente 14,1 bilhões de anos terrestres antes do presente e durou aproximadamente 7,1 bilhões de anos terrestres. A Bíblia afirma que Deus criou o universo e que separou a luz da escuridão. A ciência diz que o *big bang* marca a criação do universo. A teoria da inflação cósmica postula que algo especial aconteceu – o universo de repente se expandiu a uma taxa exponencial – o que, atualmente, não é bem compreendido em termos de física moderna. Foi um evento único, consistente com o que os cristãos chamam de milagre ou intervenção divina. É interessante que tanto a física quanto a Bíblia afirmam que algo único aconteceu nesse ponto do desenvolvimento do nosso mundo. A luz é liberada na forma de átomos livres neutros. Galáxias, inclusive a Via Láctea,

começam a se formar. A Bíblia afirma que se passaram tarde e manhã, marcando o fim do dia um, o qual foi marcado conforme o relógio cósmico e que, da perspectiva de Deus apenas, é 24 horas.

2. **Segundo dia** (Gênesis 1:6-8): começou há aproximadamente 7 bilhões de anos terrestres antes do presente e durou aproximadamente 3,6 bilhões de anos terrestres. A Bíblia afirma que o firmamento se forma. O firmamento é uma divisória das "águas" que foram agrupadas abaixo e acima dessa divisória. Essas "águas" não são apenas as moléculas de H_2O – o universo foi formado pela interação de dois fluidos: uma "sopa de quarks e glúons" que age como um fluido perfeito e o "tecido flexível do espaço-tempo" que se comporta como um fluido material. Como não havia palavra hebraica para "fluido", a palavra "água" foi usada em seu lugar. Assim, o firmamento é a divisória separando tudo o que "está em um chão" ("chão" de um planeta, estrela, satélite, etc.) de tudo o que está acima. Deus chamou o firmamento de "céu", ou seja, tudo o que estiver acima da divisória é considerado como estando no céu (isso inclui atmosferas e o espaço sideral). Para existir essa divisória é necessário existir um "chão", o qual se forma com a criação de galáxias, estrelas, planetas, etc. A ciência afirma que o disco da Via Láctea se forma. O Sol, como um disco circunstelar, se forma. A Terra se forma. A Terra se resfria e a água líquida aparece (cerca de 3,8 bilhões de anos antes do presente). Quase imediatamente após isso, aparecem as primeiras formas de vida. A Bíblia afirma que se passaram tarde e manhã, marcando o fim do segundo dia, o qual foi marcado conforme o relógio cósmico e que, da perspectiva de Deus apenas, é 24 horas.

3. **Terceiro dia** (Gênesis 1:9-13): começou há aproximadamente 3,4 bilhões de anos terrestres antes do presente e durou aproximadamente 1,8 bilhões de anos terrestres. A Bíblia afirma que oceanos e terra seca aparecem. Deus dá a ordem para a vida de plantas aparecer e se desenvolver. A ciência diz que bactérias e algas fotossintéticas aparecem. Um detalhe importante a atentar é que esse é apenas o começo da vida das "primeiras plantas": essa vida recebe a ordem de Deus para se desenvolver na terra e gerar vegetação com sementes, árvores com frutos e várias espécies. Mas esse desenvolvimento continua ocorrendo ao longo dos outros dias, não sendo concluído necessariamente no mesmo dia. Isso porque a ordem de Deus é dada no terceiro dia, mas o produto final do desenvolvimento da vida das plantas não necessariamente aparece nesse mesmo dia. Não devemos nos apegar excessivamente à ideia de que cada evento ordenado a acontecer deva ter sido necessariamente concluído no mesmo dia – lembre que **Gênesis 1 é um relato geral do que aconteceu, e não um relato específico ou científico.** Além disso, Gênesis 1 também foi escrito em um arranjo textual com simetria numérica, o que estudaremos adiante. De qualquer forma, com a existência de fotossíntese, o "grande evento de oxigenação" é iniciado, o qual tornará transparente a atmosfera da Terra no quarto dia e permitirá que o Sol, Lua e as estrelas sejam visíveis pela primeira vez da superfície terrestre. A Bíblia afirma que se passaram tarde e manhã, marcando o fim do terceiro dia, o qual foi marcado conforme o relógio cósmico e que, da perspectiva de Deus apenas, é 24 horas.

4. **Quarto dia** (Gênesis 1:14-19): começou há aproximadamente 1,6 bilhões de anos terrestres e durou aproximadamente 920 milhões de anos terrestres. A Bíblia afirma que Deus criou o Sol, a Lua e as estrelas, mas essa criação é descrita de forma fenomenológica: de uma perspectiva de observação da superfície da Terra, esses luminares celestes antes estavam ocultos, mas então se tornam visíveis pela primeira vez, dando a impressão ao observador de que foram criados nesse dia. A ciência afirma que a atmosfera da Terra se torna transparente quando a fotossíntese ocorrida no final do "grande evento de oxigenação" produz uma atmosfera rica em oxigênio. Uma vez que a atmosfera tenha se tornado transparente, o Sol, a Lua e as estrelas se tornam visíveis da superfície da Terra. A Bíblia afirma que se passaram tarde e manhã, marcando o fim do quarto dia, o qual foi marcado conforme o relógio cósmico e que, da perspectiva de Deus apenas, é 24 horas.

   O quarto dia é frequentemente visto como um problema, uma vez que muitos entendem que as plantas estavam crescendo antes que o Sol tivesse aparecido. A tradição erudita judaica, no entanto, mantém que o Sol foi criado no segundo dia, juntamente com as outras estrelas no firmamento, e forneceu luz para a superfície da Terra assim que se formou. Na verdade, não há nada no texto que obrigatoriamente ligue a formação do Sol, da Lua e das estrelas ao quarto dia. Em termos de ciência, como já apontamos, o Sol finalmente se tornou totalmente visível a partir da superfície terrestre no quarto dia, juntamente

com as demais estrelas e a Lua, depois que o "grande evento de oxigenação" tornou transparente a atmosfera terrestre. Isso fez com que a observação a partir da superfície da Terra tenha percebido o Sol, Lua e estrelas pela primeira vez, parecendo que tinham acabado de ser formados.

5. **Quinto dia** (Gênesis 1:20-23): começou há aproximadamente 680 milhões de anos terrestres antes do presente e durou aproximadamente 450 milhões de anos terrestres. A Bíblia afirma que a primeira vida animal se dissemina abundantemente nas águas, seguida por répteis e animais alados (chamados de "aves" nas traduções bíblicas, embora o termo hebraico englobe criaturas com asas). A ciência afirma que os primeiros animais multicelulares repentinamente aparecem, as águas são povoadas com vida animal tendo os "planos esquemáticos básicos" de todos os futuros animais, e insetos alados aparecem. A Bíblia afirma que se passaram tarde e manhã, marcando o fim do quinto dia, o qual foi marcado conforme o relógio cósmico e que, da perspectiva de Deus apenas, é 24 horas.

6. **Sexto dia** (Gênesis 1:24-31): começou há aproximadamente 230 milhões de anos terrestres antes do presente e durou até aproximadamente 6-20 mil anos terrestres antes do presente. A ciência fala sobre uma extinção massiva de 90% da vida, e a Terra é repopulada por mamíferos. Hominídeos aparecem, seguidos pelos humanos. A Bíblia fala do aparecimento dos animais terrestres, mamíferos, e o primeiro ser humano, Adão. Adão dá nomes aos animais do Jardim do Éden. Eva é formada e dada como esposa a Adão. A Bíblia afirma que se passaram tarde e manhã, marcando o fim do sexto dia, sendo que a cronologia bíblica passa a seguir com a contagem do tempo em dias terrestres apenas.

   O sexto dia é frequentemente confuso para leitores que assumem que "hominídeo" e "humano" são sinônimos. Contudo, ao contrário do equívoco popular, a Bíblia não tem problema com os registros fósseis da antiga humanidade. Os antigos comentadores bíblicos aceitaram a evidência de hominídeos, os quais eram "fisicamente idênticos" a Adão e seus filhos, mas tinham a falta de uma característica crucial: a parte espiritual humana (a alma com espírito). Os hominídeos possuíam uma alma animal (*nefesh* em hebraico), mas não a alma humana (a alma com espírito, em hebraico *neshama*). O grande comentador bíblico Maimônides (Moisés ibne Maimom, o qual viveu entre 1138 e 1204) chamou esses seres de "meros animais em forma humana" ("O Guia para os Perplexos", Parte II: capítulo VII).

7. **Sétimo dia** (Gênesis 2:1-3): começou há aproximadamente 6-20 mil anos terrestres antes do presente e durou um dia terrestre (24 horas). A Bíblia afirma que a obra criadora está concluída e Deus descansou de tê-la realizado. Ele avaliou sua criação como "muito boa" e abençoou o sétimo dia. A ciência afirma que o evento de criação do universo foi único em toda a história cósmica – um ponto de tempo específico para a introdução de espaço e energia/matéria, e nada mais foi adicionado após esse ponto. Da mesma forma, a Bíblia reflete uma cessação da introdução de qualquer coisa no universo com o encerramento do período de criação de Deus.

Interessantemente, as informações em Gênesis 1 não foram simplesmente arranjadas em um relato narrativo. A beleza bíblica vai além, pois essas informações também fizeram parte de um **arranjo literário com simetria numérica**, conforme estudaremos mais adiante.

Um detalhe muito importante é que as expressões "Deus viu que ficou bom" e "tudo havia ficado muito bom", as quais aparecem em Gênesis 1 quando Deus avalia sua criação, não significam que não havia morte ou destruição ao longo da semana da criação. Essas expressões significam que **a criação era boa para o cumprimento dos propósitos de Deus. A ausência de morte ou destruição em um "mundo paradisíaco" ocorreu apenas no Jardim do Éden.**

Questões relacionadas ao motivo de um Deus bom e justo criar um mundo onde há morte e destruição, apesar de tê-lo avaliado como bom, são abordadas no sétimo estágio deste estudo (objeções).

6.8.1.9. O PRIMEIRO SER HUMANO COMO IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

Em Gênesis 2:7, na linguagem hebraica original, o texto é lido como "[...] e Adão se tornou **para** uma alma viva". Nahmânides argumentou que o termo "para", o qual parece ser gramaticalmente supérfluo, é uma pista

importante: Deus pode ter escolhido um hominídeo pré-existente e tê-lo dotado de um *neshama* – um "espírito comunicativo" em hebraico – para o tornar totalmente humano (um ser que possui uma alma com espírito).

Isso não está em desacordo com o relato bíblico que afirma que Deus "formou o homem do pó da terra" (Gênesis 2:7), pois, de qualquer forma, o corpo de um hominídeo possui os mesmos elementos químicos do solo e, quando morto, se decompõe e desaparece, "voltando ao pó". Assim, de qualquer forma, o homem teria passado de matéria inanimada **para** um corpo com alma e espírito. Aliás, não apenas o homem foi "feito do solo", mas também os "seres vivos de acordo com as suas espécies: rebanhos domésticos, animais selvagens e os demais seres vivos da terra, cada um de acordo com a sua espécie" (Gênesis 1:24). Nenhuma surpresa aqui.

Alternativamente, no Jardim do Éden, Deus pode ter moldado Adão diretamente do "pó da terra" e tê-lo tornado humano enquanto os hominídeos (seres fisicamente parecidos ou idênticos a Adão, mas sem um "espírito comunicativo") já viviam fora do jardim. E assim o homem teria passado de matéria inanimada **para** um corpo com alma e espírito.

De qualquer forma, Deus contabilizou Adão como o primeiro ser humano. Segue-se que Eva foi formada por Deus a partir da costela de Adão, sendo ela também um ser com alma e "espírito comunicativo". Mais tarde, depois de saírem do Jardim do Éden, Adão e Eva e/ou seus descendentes vieram a se encontrar com hominídeos e o mundo árido fora do jardim (talvez assim Caim tenha encontrado sua esposa). **A história bíblica se foca nos descendentes de Adão, pois é dele que vieram os seres humanos que se comunicam espiritualmente com seu criador. A história bíblica não se foca nos hominídeos.**

Essas considerações mantêm as verdades das Escrituras e se harmonizam com os vários estudos científicos que afirmam que o ser humano não veio geneticamente de um único casal, mas de uma população maior que viveu na Terra há muito mais tempo do que Adão e Eva. O que ocorre é que **o casal bíblico é o precursor genealógico da humanidade, e não o precursor genético!**

Essa ideia intrigante é discutida de forma brilhante na obra de S. Joshua Swamidass "The Genealogical Adam and Eve: The Surprising Science of Universal Ancestry", a qual foi publicada em 10 de dezembro de 2019. É um livro que recomendamos.

Isso tudo implica que **os humanos são distinguidos dos hominídeos "animais" pela habilidade de poder se comunicar espiritualmente com seu criador.** Em outras palavras, realmente não importa se corpos humanos eram biologicamente parecidos, ou idênticos, ou relacionados aos "homens da caverna". **A parte de nós que é imagem de Deus é a parte espiritual, não a física.**

Não há, portanto, problema com a alegação bíblica de que Adão foi o primeiro ser humano (entenda "ser humano" como um ser capaz de se comunicar espiritualmente com seu criador por possuir um corpo com alma e espírito). Adão, de fato, foi o primeiro ser humano. A Bíblia também não tem problema com os hominídeos que viveram na Terra antes de Adão.

Isso implica **que não importa se tenha acontecido criação instantânea da vida, ou criação progressiva da vida, ou mesmo evolução, ou até mesmo as três... A vida veio de Deus de qualquer forma, e a forma como ela foi desenvolvida ao longo do tempo é biblicamente irrelevante – é obra de Deus de qualquer forma.**

Qual a lição espiritual nisso tudo?

Apesar de a criação do mundo ter sido acompanhada de destruição (explosões cósmicas, colisões de objetos celestes, radiação, etc.) e morte (os seres vivos eventualmente morrem), **a criação é essencialmente boa por cumprir os propósitos de Deus.** Um universo tão imenso e complexo permite ao ser humano sua existência, assim como seu sustento e conforto, a contemplação da beleza, a obtenção de sabedoria, etc., ao mesmo tempo em que o humilha. O ser humano é a criação especial de Deus, mas o universo mostra que ele é menos do que um grão de pó. **O imenso e complexo universo glorifica a Deus porque testemunha da divindade, poder, inteligência, sabedoria, onipotência, onipresença e onisciência de seu criador.**

> Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que ali firmaste, pergunto: "Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes?" Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste dominar as obras das tuas mãos; sob os seus pés tudo puseste: todos os rebanhos e manadas, e até os animais selvagens, as aves do céu, os peixes do mar e tudo o que percorre as veredas dos mares. SENHOR, Senhor nosso, como é majestoso o teu nome em toda a terra! (*Salmo 8:3-9, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis; (*Romanos 1:20, "Nova Versão Internacional"*).

A criação é essencialmente boa, mas se seguirmos apenas o "caminho da natureza", sem Deus, desfrutaremos o bem que este mundo permite, mas eventualmente encontraremos destruição e morte. Com Deus encontramos a verdadeira vida. A história de Adão e Eva e o Jardim do Éden mostra justamente isso: dentro do jardim o ser humano tinha comunhão com Deus e vida paradisíaca – não havia mal algum. Saindo do jardim por causa do **pecado**, o ser humano encontrou um mundo árido com destruição e morte. Veja o primeiro estágio deste estudo (vale a pena estudar a Bíblia?) e o primeiro tópico especial deste estudo (o que é o evangelho?).

6.8.1.10. A SURPREENDENTE VERACIDADE DE GÊNESIS 1

As evidências apresentadas até aqui constroem um caso muito poderoso para a veracidade bíblica. Apesar disso, não provam a existência de Deus da forma como os céticos querem. No entanto, mostram duas coisas muito importantes:

- **A alegação de que a ciência e a Bíblia são irreconciliáveis é falsa;**
- **Gênesis é o registro de história antiga do universo mais tremendo que existe.**

Gênesis 1 faz pelo menos vinte e seis declarações cientificamente testáveis sobre a origem do universo e o surgimento da vida. Todas essas declarações são compatíveis com a ciência moderna e estão na ordem correta. Esse feito surpreendente foi realizado milênios antes do nascimento da ciência moderna.

Interessantemente, aquela fé simples que afirma que Deus criou o mundo e o ser humano à sua imagem e semelhança há cerca de seis a vinte mil anos antes do presente, em seis dias de 24 horas – uma fé que é tão desdenhada por céticos – não está errada!

6.8.1.11. AS VINTE E SEIS DECLARAÇÕES TESTÁVEIS DE GÊNESIS 1 [311]

Gênesis 1 faz pelo menos vinte e seis declarações sobre a criação do universo e o desenvolvimento da vida na Terra que podem ser testadas com a compreensão científica atual. As vinte e seis declarações são listadas a seguir, na ordem em que aparecem. Após cada afirmação há um breve comentário sobre o estado atual da ciência relacionado à respectiva afirmação.

1. **Gênesis 1:1: "No princípio Deus criou os céus e a terra."** A antiga língua hebraica tinha apenas cerca de 9.000 palavras e não tinha uma palavra para "universo". Portanto, usava o par de palavras merismáticas, "céus e terra", para indicar a abrangência de todas as coisas. A cosmologia do *big bang* afirma que o universo teve um começo definido do nada. Em outras palavras, surgiu por meio de um ato de criação (da não existência para existência). A ciência não pode nos dizer o que foi a causa da criação do universo.

2. **Gênesis 1:2: "Era a terra sem forma [...]"**. Logo após a criação do universo, não havia nenhuma das estruturas cósmicas que vemos hoje – não havia Terra logo após o *big bang*.

3. **Gênesis 1:2: "[…] e vazia […]".** O universo estava extremamente vazio logo após o *big bang* – não havia matéria, apenas existia a energia das flutuações quânticas.

4. **Gênesis 1:2: "[…] trevas cobriam a face do abismo [...]"**. O universo estava em um estado que pode ser descrito como extremamente escuro.

5. **Gênesis 1:2: "[…] e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas."** A teoria da inflação cósmica postula que algo especial aconteceu – o universo de repente se expandiu a uma taxa exponencial – o que, atualmente, não é bem compreendido em termos de física moderna. Foi um evento único, consistente com o que os cristãos chamam de milagre ou intervenção divina. É interessante que tanto a física quanto a Bíblia afirmem que algo único aconteceu nesse ponto do desenvolvimento do nosso mundo. Em relação ao Espírito de Deus se movendo sobre a face das "águas", há evidências de que nosso universo foi formado pela interação de dois **fluidos.** O primeiro foi uma "sopa" de partículas fundamentais chamadas quarks e glúons, a qual, em condições de laboratório, age como um fluido perfeito [312]. O segundo é o que pensamos ser o "tecido flexível do espaço-tempo", o qual, de certa forma, pode se comportar como um fluido material [313]. O problema, mais uma vez, é que o hebraico antigo tinha um número relativamente pequeno de palavras. Como não havia palavra para "fluido", a palavra "água" foi usada em seu lugar.

6. **Gênesis 1:3: "Disse Deus: 'Haja luz', e houve luz."** Até esse ponto, os fótons de luz estavam presos em uma névoa cósmica por repetidas colisões com elétrons livres. Uma vez que o universo esfriou o suficiente para permitir que os elétrons se combinassem com os núcleos atômicos para formarem átomos neutros, os fótons se tornaram livres para vagar pelo universo.

7. **Gênesis 1:4: Deus separando entre a luz e trevas:** a Bíblia afirma que as "trevas" são uma coisa em si. A astrofísica moderna agora concorda que a escuridão é mais do que apenas sombras ou ausência de luz. A física moderna está se esforçando para entender isso com conceitos como matéria escura e energia escura.

8. **Gênesis 1:6: "Depois disse Deus: 'Haja entre as águas um firmamento que separe águas de águas.'"** Como apontado acima, o universo foi formado pela interação de dois fluidos: uma "sopa de quarks e glúons" que age como um fluido perfeito e o "tecido flexível do espaço-tempo" que se comporta como um fluido material. Como não havia palavra para "fluido", a palavra "água" foi usada em seu lugar. Isso não impediu que estudiosos antigos e medievais do hebraico antigo obtivessem importantes "noções científicas" quando leram Gênesis cuidadosamente. Em relação a Gênesis 1:6, Maimônides explicou: "Foi declarado por nossos sábios que a porção acima do firmamento é apenas água em nome, não na realidade […] o relato do firmamento, com o que está acima dele e é chamado 'água', é, como você vê, de um caráter muito misterioso." Consulte "O Guia para os Perplexos" de Maimônides, capítulo XXX, para uma explicação verdadeiramente instigante e cientificamente compatível dessa passagem. O firmamento foi a divisória para separar essas "águas".

9. **Gênesis 1:7-8: "Então Deus fez o firmamento e separou as águas que ficaram abaixo do firmamento das que ficaram por cima. E assim foi. Ao firmamento, Deus chamou céu."** O firmamento é uma divisão que separa as "águas" explicadas acima, e não meramente a nossa linha do horizonte. Para existir essa divisória é necessário existir um "chão", o qual se forma com a criação de galáxias, estrelas, planetas, etc. Deus chamou o firmamento de "céu" – o que inclui o espaço sideral. Galáxias compostas de estrelas, incluindo o Sol, foram formadas.

10. **Gênesis 1:9: "E disse Deus: 'Ajuntem-se num só lugar as águas que estão debaixo do céu, e apareça a parte seca'. E assim foi."** A Terra foi formada e os continentes apareceram por meio do processo de placas tectônicas.

11. **Gênesis 1:10: "À parte seca Deus chamou terra, e chamou mares ao conjunto das águas."** Os oceanos se formaram ao redor dos continentes.

12. **Gênesis 1:11: "Então disse Deus: 'Cubra-se a terra de vegetação: [...]'"**. A primeira vida na Terra foi a vegetação, e surgiu logo após a formação dos oceanos.

13. **Gênesis 1:11: "[...] plantas que deem sementes e árvores cujos frutos produzam sementes de acordo com as suas espécies."** As plantas com sementes e frutos vieram depois da primeira vegetação unicelular primitiva.

14. **Gênesis 1:14: "Disse Deus: 'Haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite.'"** As plantas mudaram a atmosfera para que ela se tornasse transparente e, assim, o Sol, a Lua e as estrelas se tornaram visíveis da superfície da Terra.

15. **Gênesis 1:15: "[...] e sirvam de luminares no firmamento do céu para iluminar a terra."** Luz suficiente (não espalhada) foi eventualmente capaz de atingir a superfície da Terra para permitir que o Sol, a Lua e as estrelas se tornassem visíveis.

16. **Gênesis 1:20: "Disse também Deus: 'Encham-se as águas de seres vivos [...]'"**. A vida animal apareceu pela primeira vez nos oceanos em uma abundância incrível durante a "explosão cambriana" (também chamada de "*big bang* biológico").

17. **Gênesis 1:20: "[...] e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento do céu."** Entenda o termo hebraico traduzido como "aves" como "criaturas com asas". Insetos, incluindo insetos alados, apareceram em seguida.

18. **Gênesis 1:21: "Assim Deus criou os grandes animais aquáticos [...]"**. As palavras hebraicas *"gadolim taninim"* traduzidas aqui como "grandes animais aquáticos" também já foram traduzidas como "baleias", "crocodilos", "serpentes" e "dragões". Sem dúvida, a palavra *"gadolim"* significa "grande". No entanto, ao longo dos séculos, as pessoas traduziram a difícil palavra *"taninim"* em termos de sua própria experiência. É por isso que a Bíblia King James, traduzida por uma pessoa de uma nação marítima, a traduziu como "baleias". Em seu livro "The Science of God", o Dr. Gerald Schroeder argumentou que a tradução correta da antiga palavra hebraica *"taninim"* é "répteis". Portanto, essa passagem poderia ser traduzida como: "Assim Deus criou os grandes répteis", os quais seriam os dinossauros.

19. **Gênesis 1:21: "[...] e os demais seres vivos que povoam as águas [...]"**. Surgiram novas formas de animais, as quais desenvolveram a capacidade de rastejar e andar em terra.

20. **Gênesis 1:21: "[...] e todas as aves, de acordo com as suas espécies."** Mais uma vez, entenda o termo "aves" como "criaturas com asas". Dinossauros alados e eventualmente pássaros aparecem.

21. **Gênesis 1:22: "Então Deus os abençoou, dizendo: 'Sejam férteis e multipliquem-se! Encham as águas dos mares!'"** Milhões de espécies de vida animal eventualmente aparecem.

22. **Gênesis 1:22: "E multipliquem-se as aves na terra."** Várias espécies de animais desenvolvem a capacidade de voar de diferentes maneiras, incluindo os morcegos, os quais são mamíferos voadores.

23. **Gênesis 1:24: "E disse Deus: 'Produza a terra seres vivos de acordo com as suas espécies: rebanhos domésticos, animais selvagens e os demais seres vivos da terra, cada um de acordo com a sua espécie'. E assim foi."** Aparecem mamíferos que eventualmente se tornaram de especial interesse e uso para os seres humanos. Aparecem os hominídeos como "animais inteligentes".

24. **Gênesis 1:26: "Então disse Deus: 'Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.'"** Deus decidiu criar os seres humanos – seres físicos com a capacidade de relacionamento espiritual com ele.

25. **Gênesis 1:27: "Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou."** Os seres humanos receberam de Deus a misteriosa qualidade da consciência. Receberam de Deus corpos físicos com alma e espírito.

26. **Gênesis 1:28: "Deus os abençoou e lhes disse: 'Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra.'"** Os seres humanos passaram a dominar a Terra de maneiras que nenhuma outra forma de vida conseguiu.

Primeiramente, é importante notar que nenhuma declaração em Gênesis 1 que pudesse estar relacionada à ciência foi deliberadamente deixada de fora da lista. Apenas as referências aos seis dias em que essas coisas ocorreram foram omitidas, uma vez que isso já foi apresentado anteriormente. Em seguida, é importante entender que cada uma dessas afirmações é, como indicado acima, inteiramente compatível com nossa compreensão atual das origens e desenvolvimento do universo. E, por último, os passos no desenvolvimento do nosso universo, conforme listados em Gênesis, estão na ordem científica correta.

Como alguém poderia saber tudo isso muito antes da ciência moderna descobrir? Vamos considerar os aspectos de probabilidade matemática de que Gênesis 1 liste vinte e seis passos significativos no desenvolvimento do mundo na ordem correta.

Imagine que você tome vinte e seis tiras de papel uniformes, numere-as de 1 a 26, coloque-as viradas para baixo em uma mesa, misture-as e tente virá-las na ordem correta. Sua chance de fazê-lo seria uma dividida pelo fatorial de vinte e seis (26!). O fatorial de 26 significa simplesmente 26 x 25 x 24 x […] x 3 x 2 x 1. Escrita na forma decimal normal, a chance seria 1 em 403.291.461.126.605.700.000.000.000. Lendo em português, a probabilidade de virar todos os papéis na ordem certa por pura sorte seria 1 em 403 septilhões, 291 sextilhões, 461 quintilhões, 126 quatrilhões, 605 trilhões e 700 bilhões. As probabilidades contra isso são verdadeiramente astronômicas.

Podemos entender um pouco melhor o quanto as leis da probabilidade foram acumuladas contra o autor de Gênesis. Imagine uma loteria sendo realizada em seu estado a cada mês, na qual exatamente dois milhões de bilhetes são sempre vendidos. A chance de qualquer bilhete ganhar o grande prêmio seria de 1 em 2.000.000. Essas probabilidades "extremamente baixas" são tais que nenhuma pessoa seria tola o suficiente para depender de conseguir um bilhete premiado para garantir o futuro sustento de sua família. As chances de uma pessoa comprar um bilhete por mês e ganhar na loteria quatro meses seguidos é cerca de 25 vezes melhor do que as chances de Gênesis acertar essas 26 declarações por acaso.

Se uma pessoa ganhasse na loteria em apenas dois meses seguidos, as autoridades, sem dúvida, iniciariam uma investigação, porque teriam certeza de que alguma forma de trapaça havia ocorrido. Não pode haver dúvida de que algum tipo de "trapaça" ocorreu na escrita de Gênesis. Os cristãos chamam isso de **inspiração divina.** Veja o segundo estágio deste estudo (integridade).

Mas agora vamos considerar mais detalhadamente o que Gênesis realizou. Imagine que o autor de Gênesis não deve apenas virar as 26 tiras de papel na ordem correta. Ao fazê-lo, também deve escrever em cada papel o que aconteceu naquele estágio específico. Tudo isso teve que ser realizado milênios antes que a ciência formulasse a história científica de nosso mundo. Por mais inimaginavelmente pequena que seja a probabilidade de apenas listar as etapas na ordem correta, as chances de alguém nos tempos antigos adivinhar quais eram essas etapas é muito menor, sendo efetivamente zero. **Gênesis não pode ter sido um palpite de sorte.**

Se o modelo científico atual está próximo de ser correto, sua correlação com a Bíblia sugere que **Moisés teve acesso a um conhecimento impossível de explicar há 3.400-3.200 anos antes do presente.** Até mesmo há sessenta anos antes da ciência moderna, as melhores mentes científicas não descreviam os primórdios de nosso planeta com a mesma exatidão que agora sabemos que a Bíblia os retrata.

O criador do universo realmente compartilhou essa informação com Moisés, ou todos esses paralelos são apenas coincidência? Se o relato bíblico da origem do planeta é idêntico à ciência em todos os seus aspectos essenciais, então não é errado acreditar que a informação de Moisés veio de uma fonte muito mais conhecedora do que ele – o criador.

6.8.2. O DILÚVIO [314] [315] [316]

O dilúvio de Noé tem sido um dos centros de controvérsia mais aguçados na longa história de "guerra" entre o entendimento bíblico e a ciência [317]. Também tem sido um dos principais "obstáculos" à fé, especialmente para cientistas.

O dilúvio de Noé realmente aconteceu? Se sim, foi global, responsável por todos os fósseis e rochas sedimentares na face da Terra, ou foi um dilúvio local confinado aos limites da Mesopotâmia?

Neste estudo adotamos uma abordagem realista da interpretação da Bíblia. Noé foi uma pessoa real que viveu na Mesopotâmia por volta de 2900 a.C., um período que arqueólogos chamam de Jemdet Nasr [318]. Para tanto, esta abordagem realista considera duas coisas:

1. A Bíblia pode ser tomada pelo seu valor de face, ou valor nominal, isto é, o escritor bíblico estava registrando com exatidão os eventos históricos dos tempos antigos, **vistos dentro da cultura daqueles tempos e dentro de sua percepção.** Ao tomar a Bíblia pelo valor de face, **nada deve ser lido na Bíblia que não esteja explicitamente declarado em seu texto original (autógrafo), o que inclui milagres não declarados no texto.**

2. As disciplinas científicas de geologia, geografia, arqueologia, biologia e física também podem ser aplicadas com exatidão aos eventos dos tempos antigos.

Também buscamos responder questões importantes relacionadas ao dilúvio bíblico. Se o dilúvio de Noé foi global, temos problemas hidrológicos, tais como:

- De onde veio toda a água para o dilúvio, e para onde foi toda essa água?
- Por que o registro geológico não suporta um dilúvio global?

Se o dilúvio foi local, outras perguntas surgem, tais como:

- Como pode ter chovido por quarenta dias e quarenta noites?
- Que fontes de água poderiam ter feito com que as águas das enchentes estivessem represadas por 150 dias na bacia hidrológica da Mesopotâmia?
- Onde está o sedimento de dilúvio deixado pelo dilúvio de Noé?
- A questão mais difícil: como a arca poderia ter ido contra a correnteza e pousado nas montanhas de Ararate em vez de se dirigir ao Golfo Pérsico?

6.8.2.1. O DILÚVIO APRESENTADO COMO GLOBAL

Um dos fundamentos básicos tipicamente ensinados sobre o dilúvio de Noé é que ele foi um fenômeno global – isto é, as águas do dilúvio cobriram todo o planeta Terra até pelo menos a altura do Monte Ararate, o qual tem cerca de 5.137 metros de altitude.

Dessa visão decorre a ideia de que a maioria das rochas sedimentares e fósseis da Terra foi depositada durante o dilúvio de Noé, o que é deduzido de Gênesis 6-8. Para explicar esse dilúvio global, é típico que se invoque a "teoria do dossel", a qual levanta a hipótese de que a água foi mantida em um imenso dossel atmosférico e nas profundezas subterrâneas entre a época da criação e do dilúvio. Então, ambas as fontes de água foram repentinamente liberadas em um dilúvio de proporções gigantescas que cobriu a Terra. Junto com essa atividade hidrológica catastrófica houve uma grande mudança geológica na crosta da Terra: as cadeias de montanhas modernas se ergueram, os fundos dos mares se abriram, os continentes se separaram e os cânions foram cortados com velocidade incrível. Todos os animais e plantas morreram e se tornaram envoltos em sedimentos do dilúvio. Então, esses sedimentos contendo fósseis foram compactados em rochas sedimentares. Existem modificações no esquema do dossel [319], mas essencialmente a teoria afirma que as águas liberadas durante o dilúvio de Noé

causaram todas as feições sedimentares e geomórficas que vemos hoje no planeta Terra, ou, pelo menos, a maioria delas.

De onde vêm as ideias de uma geologia planetária completamente em desacordo com os princípios e descobertas da geologia moderna? Modelos de dilúvio global são baseados principalmente na "linguagem universal" de Gênesis 6-8, em Gênesis 2:5-6, e no suposto desembarque da arca de Noé no cume do Monte Ararate (Gênesis 8:4), uma montanha no nordeste da Turquia. Esses três tópicos serão discutidos neste estudo, bem como outros fatores relacionados a um modelo global versus local para o dilúvio de Noé.

6.8.2.2. A LINGUAGEM UNIVERSAL DE GÊNESIS 6-8

O melhor argumento para um dilúvio global é a "linguagem universal" usada em Gênesis 6-8. Essa linguagem é, sem dúvida, a principal razão pela qual pessoas dos séculos passados acreditavam que Gênesis estava falando sobre o planeta Terra, e essa interpretação tradicional continuou até os dias atuais. Em Gênesis 6-8, as palavras traduzidas como "terra" (*eretz* ou *adâmâh* em hebraico) são usadas quarenta e duas vezes, as palavras traduzidas como "toda"/"todas"/"todos" (*kōl* ou *kowl* em hebraico) são usadas quarenta e três vezes, e a expressão "debaixo do céu" é usada duas vezes.

Terra. O hebraico para "terra" usado em Gênesis 6-8 (e em Gênesis 2:5-6) é *eretz* ou *adâmâh,* sendo que ambos os termos significam "terra" (no sentido de uma extensão limitada de terra seca), "solo", "pó do solo", "poeira do solo", "mundo" ou "país", conforme J. Strong ("Strong's Exhaustive Concordance of the Bible", Nashville: Thomas Nelson, 1980, p. 1425). De forma alguma essa palavra para "terra" pode ser entendida como o planeta Terra, uma vez que, na época e no local de Noé, as pessoas, incluindo o escritor de Gênesis, não tinham o conceito do mundo como o conhecemos hoje (ou seja, um planeta em forma geoide) e, portanto, não tinham uma palavra para isso. Também, nada indica que o Espírito Santo, ao inspirar o registro do evento, estava de alguma forma informando aos antigos que o mundo era bem maior do que a extensão conhecida na época e que se trata de um planeta em forma geoide.

A época mais antiga em que os primeiros capítulos de Gênesis poderiam ter sido escritos pelos escribas da Mesopotâmia foi cerca de 2500 a.C., ou cerca de 400 anos depois que Noé viveu [320]. Não pode ser negado que os primeiros capítulos de Gênesis derivam da Mesopotâmia, uma vez que palavras, nomes e lugares antigos em Gênesis são, sem dúvida, de origem mesopotâmica [321]. Isso talvez passe a impressão de conflito com a visão de que o autor de Gênesis foi Moisés, o qual escreveu o livro entre 1400-1200 a.C. No entanto, não há conflito, pois **Moisés provavelmente foi o autor historiador/compilador do Livro de Gênesis.** Assim, os primeiros capítulos de Gênesis foram escritos pela primeira vez por escribas mesopotâmicos em algum momento após 2500 a.C. e, então, essas histórias foram transmitidas por Abraão (oralmente ou em forma escrita) em Canaã e transmitidas a seus descendentes até o momento em que Moisés os compilou em um único livro.

Sendo assim, **o mundo conhecido da época abrangia principalmente (mas não inteiramente) a terra da Mesopotâmia, uma planície aluvial cercada pelas montanhas e terrenos elevados do Irã, Turquia, Síria e Arábia Saudita, isto é, as terras dos quatro rios do Éden** (Gênesis 2:10-14) [322]. **O relato bíblico deve ser interpretado dentro do estreito limite do que era conhecido sobre o mundo naquele tempo** [323], e não sobre o que se sabe sobre o mundo hoje. Não podemos assumir que o Espírito Santo transmitiu informações científicas sobre o tamanho e formato do planeta às pessoas daquela época – é bem mais provável que o Espírito respeitou os limites do conhecimento daquelas pessoas. O conhecimento da "configuração real do mundo" nunca foi um requisito para o ser humano se aproximar de Deus.

O contexto bíblico também deixa claro que "terra" não significa necessariamente todo o planeta Terra. Por exemplo, a expressão "face da terra" utilizada em Gênesis 7:23 e Gênesis 8:8 no lugar de "terra" não implica no planeta Terra. **Entender "terra" como "porção de terra seca" é melhor para a palavra hebraica *eretz*,** uma vez que esse termo se estende até a face do solo que podemos ver ao nosso redor, ou seja, o "chão" que está dentro do nosso horizonte [324]. O termo hebraico também pode se referir a uma porção específica de terra em um sentido geográfico ou político local. Por exemplo, quando Zacarias 5:6 usou o termo "terra", estava se referindo literalmente à Palestina, isto é, uma porção de terra ou país, e não a todo o planeta Terra. Da mesma forma, na Mesopotâmia, o conceito de "terra" (*kalam* em sumério) parece incluir toda a planície aluvial [325]. **Essa é provavelmente a interpretação correta do termo "terra" usado repetidamente em Gênesis 6-8: toda a planície**

aluvial da Mesopotâmia foi inundada com água. O argumento decisivo para que a palavra "terra" seja entendida como "solo" ou "porção de terra" (e não o planeta Terra) é Gênesis 1:10: **Deus chamou a terra seca de "terra"** (*eretz*). Se Deus definiu "terra" como uma porção de terra seca, então nós também deveríamos fazer o mesmo [326].

"Toda"/"todas"/"todos"/"face da terra"/"debaixo do céu". Embora esses termos e expressões também pareçam conferir uma universalidade ao evento do dilúvio, todos são usados em outras partes da Bíblia para eventos locais e, assim como o termo "terra", não necessariamente têm um significado todo-inclusivo ou global. Por exemplo, Atos 2:5 declara: "Havia em Jerusalém judeus, devotos a Deus, vindos de todas as nações do mundo." Essa passagem significa todas as nações do planeta Terra ou apenas as nações que Lucas, o escritor de Atos, conhecia? Certamente não incluía a América do Norte, a América do Sul ou a Austrália, as quais eram desconhecidas no primeiro século d.C. **Essa "linguagem universal" é simplesmente a maneira como as pessoas se expressavam naqueles dias para enfatizar um nível de inclusão que não deveria ser tomado literalmente, mas no contexto daquilo que o autor bíblico pretendia enfatizar.** Essa passagem em Atos dos Apóstolos significa simplesmente que homens devotos (judeus) de muitas nações de alguma região extensa do **mundo conhecido da época** estavam presentes em Jerusalém. O apóstolo Paulo usou linguagem hiperbólica semelhante em Colossenses 1:6: "Por todo o mundo este evangelho vai frutificando e crescendo".

Um excelente exemplo de como uma linguagem bíblica aparentemente universal é usada em Gênesis para descrever um evento local está em Gênesis 41:56:

> Quando **a fome já se havia espalhado por toda a terra,** José mandou abrir os locais de armazenamento e começou a vender trigo aos egípcios, pois a fome se agravava em todo o Egito. (*Gênesis 41:56, "Nova Versão Internacional"*).

Essa é exatamente a mesma linguagem usada em Gênesis 6:7; 7:3-4; 8:9, e em outros lugares, para descrever o dilúvio de Gênesis. Estava Moisés afirmando que todo o planeta Terra (América do Norte, Austrália, etc.) estava passando fome? Não! A universalidade desse versículo aplicava-se apenas às terras do Oriente Próximo (Egito, Palestina, Mesopotâmia), e talvez até à área do Mediterrâneo, ou seja, todo o mundo conhecido naquela época.

O mesmo princípio de "universalidade limitada" de Gênesis 41:56 também se aplica à história do dilúvio de Noé. **A "terra" era a porção de terra (solo) como Noé a conhecia (a lavrava) e a via "debaixo do céu", isto é, a terra sob o céu no horizonte visível** [327], e **a expressão "toda a carne"/"todos os seres vivos" representa aquelas pessoas e animais que morreram, ou que estavam perecendo, ao redor da arca na terra da Mesopotâmia. A linguagem usada na narrativa das Escrituras é, portanto, simplesmente a linguagem que seria natural para uma testemunha ocular (Noé).** Woolley descreveu a situação da seguinte maneira:

> Não foi um dilúvio global; foi uma grande inundação no vale do Tigre e do Eufrates que afogou toda a terra habitável [...] pois **as pessoas que ali viviam eram todo o mundo** [328].

6.8.2.3. A TEORIA DO DOSSEL (GÊNESIS 2:5-6)

Um modelo de dilúvio global – e especificamente a teoria do dossel – é também baseado em Gênesis 2:5-6:

> ainda não tinha brotado nenhum arbusto no campo, e nenhuma planta havia germinado, porque o SENHOR Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e também não havia homem para cultivar o solo. Todavia brotava água da terra e irrigava toda a superfície do solo. (*Gênesis 2:5-6, "Nova Versão Internacional"*).

Chuva. O uso indevido do termo *eretz* para significar "planeta Terra" ao invés de "um pedaço geográfico específico de terra" também leva a uma interpretação errônea de Gênesis 2:5: "porque o SENHOR Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra". Esse versículo significa que nunca havia chovido em todo o planeta Terra antes do dilúvio de Noé? Não! Significa simplesmente que **não choveu sobre uma parcela específica de terra na Mesopotâmia** – nesse caso, a área conhecida como Éden, localizada na confluência dos quatro rios nas proximidades do Golfo Pérsico [329]. É um dos lugares mais secos da Terra, com uma precipitação média anual de menos de quatro polegadas [330]. Além disso, a criação das plantas não é mencionada em Gênesis 2:5 (isso está escrito em Gênesis 1:11-12). Gênesis 2:5 simplesmente se refere à plantação do Jardim do Éden [331].

Névoa. Uma interpretação local de "terra" (*eretz*) também se aplica a Gênesis 2:6, o qual afirma, em algumas traduções bíblicas, que subia uma "névoa" da "terra" (a porção de terra ou solo ao redor do Éden) e regava "toda a face da terra" (a superfície do solo do Éden). A palavra-chave dessa passagem, e aquela em que se baseia a teoria do dossel, é "névoa" (*'ed*). Essa palavra foi assumida como implicando um dossel de vapor espesso de água. No entanto, outros significados além de "névoa" e "vapor" foram sugeridos com base em textos cuneiformes acadianos e sumérios, os quais não estavam disponíveis para os tradutores da versão King James da Bíblia. O acadiano *edû*, do qual o termo *'ed* é derivado, pode referir-se à inundação anual do sul da Mesopotâmia (assim como à irrigação). Assim, *'ed* pode se referir ao Éden sendo regado por inundações ao invés de uma névoa [332]. Ou, como preferido por Speiser e Cassuto [333], "névoa" na versão King James é melhor traduzida como **"fluxo que vem de uma fonte subterrânea", ou seja, o Jardim do Éden foi regado por uma fonte subterrânea.** Essa interpretação significando uma fonte subterrânea de água também se encaixa com Gênesis 2:10, o qual Speiser afirma que deveria ser traduzido como: **"Um rio (fonte subterrânea) nascia no Éden."**

6.8.2.4. A PROFUNDIDADE DO DILÚVIO (GÊNESIS 7:20)

Outro versículo no relato de Gênesis que é fundamental para saber se o dilúvio de Noé deve ser interpretado como global ou local é Gênesis 7:20: "As águas subiram até quase sete metros [15 côvados] acima das montanhas." Essa passagem frequentemente é interpretada como significando que a água do dilúvio subiu pelo menos quinze côvados acima do Monte Ararate, o suposto local de desembarque da arca. Mas há dificuldades com essa interpretação.

Uma dificuldade envolve a tradução da palavra hebraica *har*, a qual é traduzida como "montanhas" em Gênesis 7:20 da versão King James. Essa palavra também pode ser traduzida como "cadeia de colinas" ou "região montanhosa", implicando, juntamente com Gênesis 7:19, que todos os "altos montes" (o mesmo termo *har*) **visíveis a partir do ponto de vista do observador** foram cobertos pela água. Para tornar as coisas mais complicadas, **os sumérios consideravam seus templos (os zigurates) como "montanhas", chamando-os de "*É. Kur*", termo que, em sumério, significa "casa da montanha" ou "casa-montanha"** [334]. Além disso, **a palavra mesopotâmica específica para montanha (*šadû*) é derivada de "montes" e pode indicar que os mesopotâmios pensavam em seus altos montes de templos (zigurates) na planície aluvial, a qual era bastante plana, como "montanhas"** [335].

Então, a qual dos seguintes cenários o escritor bíblico estava se referindo em Gênesis 7:20?

- As águas do dilúvio cobriram quinze côvados acima das montanhas mais altas do planeta Terra, ou...
- As águas estavam quinze côvados acima da região montanhosa da Mesopotâmia (localizada na parte norte, a parte Assíria), ou...
- As águas estavam quinze côvados acima dos topos dos montes dos templos/zigurates ("montanhas") no sul da Mesopotâmia (condenando assim todas as pessoas que corriam para os templos altos em busca de segurança), ou...
- As águas estavam apenas quinze côvados acima da planície aluvial da Mesopotâmia, ou...
- Como sugerido por Ramm, os quinze côvados se referem ao calado-d'água da arca (a distância vertical entre a parte inferior da quilha e a linha de flutuação de uma embarcação), isto é, o quão profunda a altura de 30 côvados da arca (Gênesis 6:15) foi submersa na água quando ela foi carregada pelas águas [336].

Outra dificuldade com Gênesis 7:20 é saber como Noé mediu a profundidade do dilúvio de quinze côvados. Nos barcos fluviais da época, as pessoas usavam varas para medir a profundidade da água [337]. Em um oceano global tempestuoso, onde as montanhas supostamente estavam subindo e os continentes estavam se afastando rapidamente, como Noé poderia ter feito uma medição por meio de vara no topo de uma montanha como o Ararate? O relato bíblico (Gênesis 7:14) parece sugerir que as águas aumentaram continuamente até que a arca foi suavemente levantada acima da "terra" (o solo) e, nessa situação, pode-se imaginar Noé medindo ou estimando a profundidade da água sobre a planície aluvial ou sobre o topo das "montanhas" (montes/zigurates). De qualquer forma, **a expressão "quinze côvados para cima" não implica, necessariamente, em um dilúvio**

global. Na verdade, favorece uma inundação local onde a profundidade da água pôde ser medida de modo relativamente fácil.

6.8.2.5. EVIDÊNCIA GEOLÓGICA

Nenhuma evidência geológica existe para um dilúvio global, para a "geologia do dilúvio" (teorias que sustentam que a maioria das rochas sedimentares e fósseis da Terra foram depositados durante o dilúvio de Noé), ou para a teoria do dossel. Geólogos, hidrólogos, paleontólogos e geofísicos modernos sabem exatamente como os diferentes tipos de rochas sedimentares se formam, como os fósseis se formam e o que eles representam, e com que rapidez os continentes estão se afastando (a qual pode ser medida por satélite). Eles também sabem como os depósitos de dilúvios se formam e quais são as consequências geomórficas de inundações (inúmeras referências sobre inundações e depósitos de dilúvios existem na literatura hidrológica – para um texto geral sobre esse assunto consulte a obra "Flood Geomorphology" (New York: John Wiley, 1988) de V. R. Baker, R. C. Kochel e P. C. Patton.

"Geologia do dilúvio". Além da ausência de qualquer evidência geológica real para a geologia do dilúvio, também não há versículos bíblicos que apoiem essa hipótese. Toda a construção da geologia do dilúvio é baseada na suposição original de que o dilúvio de Noé foi global e cobriu toda a Terra. A lógica básica da geologia do dilúvio é a seguinte: (1) sendo o dilúvio supostamente mundial, então deveria haver evidências dele no registro geológico; (2) uma vez que os únicos sedimentos maciços na Terra são aqueles presos em rochas sedimentares, e essas rochas geralmente contêm fósseis, esse deveria ser o registro de todos os "seres vivos"/"toda carne" (Gênesis 7:21) deixado pelo dilúvio de Noé; e (3) como rochas sedimentares podem ser encontradas em alguns dos picos mais altos do mundo (incluindo o Everest, o mais alto), essas montanhas deveriam ter se formado durante e após o dilúvio. E assim os "saltos de lógica" vão se acumulando até que, finalmente, como resultado desse evento cataclísmico, todas ou quase todas as feições geomórficas e tectônicas presentes no planeta Terra (tais como cânions, cavernas, montanhas, continentes, etc.) são atribuídas ao dilúvio de Noé.

A Bíblia realmente afirma alguma coisa sobre montanhas se erguendo durante o dilúvio? Não, mas **afirma que montanhas e colinas existiam antes do dilúvio** (Gênesis 7:19; 8:4). A Bíblia afirma alguma coisa sobre rochas sedimentares, fósseis ou deriva continental? Nem uma palavra. Todas essas coisas são lidas na Bíblia a partir de uma interpretação de séculos passados. Mais importantemente, de uma perspectiva literal, pode ser demonstrado pela Bíblia (Gênesis 2:10-14; 6:14) que os quatro rios do Éden fluíram e cortaram camadas de rochas sedimentares, que a paisagem pré-diluviana era como a moderna (semelhante à paisagem atual, ou seja, rocha sedimentar sobrejacente), e que o betume usado por Noé para revestir a arca era derivado de rocha sedimentar rica em hidrocarbonetos. Essas coisas foram explicadas por Carol A. Hill em sua publicação "The Garden of Eden: A Modern Landscape" (ano 2000) em "Perspectives on Science and Christian Faith", volume 52, número 1, páginas 31-46. **Rochas sedimentares existiram antes do dilúvio.** A Bíblia nunca afirma que todas as rochas sedimentares da Terra se formaram na época do dilúvio de Noé.

Dossel de vapor. Por que um dossel de vapor de água é invocado como sendo a interpretação apropriada de Gênesis? Porque algum tipo de fonte de água extra é necessário para permitir que o dilúvio de Noé seja global. Simplesmente não há água suficiente na atmosfera da Terra hoje para fornecer mais do que cerca de 40 pés (cerca de 12 metros) de água sobre o solo em todo o mundo [338], nem há qualquer evidência de vastos reservatórios de água subterrânea (passados ou presentes) que poderiam ter fornecido tanta água. Portanto, um vasto reservatório de água que inundou toda a Terra deve de alguma forma ser fabricado para que o Monte Ararate (com cerca de 5.137 metros de altura) tenha sido coberto pelo dilúvio.

Problemas científicos e bíblicos são abundantes na tentativa de fornecer a água extra exigida pela teoria do dossel. Alguns dos problemas mais importantes são:

1. O dossel de vapor foi concebido como um vasto manto de vapor de água invisível, translúcido à luz das estrelas, mas produzindo um maravilhoso "efeito estufa" que deu a todo o mundo antediluviano um clima relativamente ameno e uniforme [339]. No entanto, se esse dossel atmosférico já tinha água suficiente para cobrir o Monte Ararate, deve ter sido tão espesso que teria sido difícil até mesmo para a luz do Sol (e ainda mais para a luz das estrelas) penetrá-lo para produzir as plantas de Gênesis 1:11 e as árvores no Jardim do Éden (Gênesis 2:9). E, certamente, uma atmosfera contendo toda essa umidade teria experimentado tempestades e precipitação.

2. Se apenas um terço da água nos oceanos modernos fizesse parte da atmosfera da Terra na forma de um dossel de vapor, a pressão atmosférica na superfície da Terra teria sido maior do que a pressão atmosférica de Vênus, cerca de 90 atmosferas [340]. Uma pressão como tal, combinada com temperaturas quentes previstas para o fenômeno do efeito estufa, não teria criado um ambiente benevolente, mas teria produzido um efeito estufa descontrolado, como ocorreu no planeta Vênus. Sob essas condições adversas, como as plantas e animais de Gênesis 1 sobreviveram na Terra?

3. Se havia apenas um dossel de vapor antes do dilúvio, e nenhuma chuva, então como os quatro rios do Éden (Gênesis 2:11-14) obtinham sua água? A chuva e a neve não teriam alimentado esses rios como fazem hoje?

4. Para onde foram todos os mais de 5.000 metros de altura de água global após o dilúvio? Escaparam milagrosamente para o espaço? As "fontes das profundezas" (fontes de água subterrâneas) teriam sido completamente saturadas com água se tivesse ocorrido um dilúvio mundial, então a água não poderia ter escoado de volta para as profundezas. Além disso, como poderia o vento (Gênesis 8:1) evaporar a água de 5-10 quilômetros de profundidade em menos de um ano (Gênesis 8:13)?

6.8.2.6. O LUGAR DE POUSO DA ARCA

O local de pouso da arca tem sido um dos mais controversos de todos os aspectos do dilúvio de Noé, sendo que muitos acreditam que a Bíblia identifica o local como o Monte Ararate – o enorme constructo vulcânico, Agri Dag, no nordeste da Turquia. O que geralmente não é percebido é que a colocação da arca no Monte Ararate é um fenômeno relativamente tardio. Somente nos séculos onze e doze que o foco dos investigadores começou a mudar para o Monte Ararate como o local de descanso final da arca [341], e somente no final do século catorze a tradição foi estabelecida [342]. Antes disso, **tanto a tradição islâmica quanto a tradição cristã sustentavam que o local de desembarque da arca foi a área de Jabel Judi, uma montanha localizada a cerca de 48 km a nordeste do rio Tigre, perto de Cizre, na Turquia.**

A arca foi mencionada em pelo menos oito locais de desembarque diferentes ao longo dos séculos [343] – incluindo Arábia Saudita [344], Índia [345] e até a mítica Atlântida [346]. Uma razão para essa ambiguidade é que **a Bíblia não aponta o local exato onde a arca pousou, apenas alude a uma região ou cadeia de montanhas: as montanhas de Ararate** (Gênesis 8:4).

"Ararate" é o nome bíblico de "Urartu" (Isaías 37:38), o nome pelo qual essa área era conhecida aos antigos assírios [347]. Essa área montanhosa, geograficamente centrada em torno do Lago Van e entre o Lago Van e o Lago Urmia, fazia parte da antiga região da Armênia (a qual não é limitada ao país da Armênia de hoje). A palavra para "montanhas" em Gênesis 8:4 é, de fato, plural. Portanto, **a Bíblia não especifica que a arca pousou no pico mais alto da região (Monte Ararate), mas apenas informa que ela pousou em algum lugar nas montanhas ou terras altas da Armênia – tanto "Ararate" quanto "Urartu" podem ser traduzidos como "terras altas"** [348]. Nos tempos bíblicos, "Ararate" era, na verdade, o nome de uma província (não uma montanha), como pode ser visto em 2 Reis 19:37 ("e fugiram para a terra de Ararate") e Jeremias 51:27 ("convoquem contra ela estes reinos: Ararate, Mini e Asquenaz").

Embora muitos locais tenham sido propostos para o local de pouso da arca, apenas quatro parecem atender ao requisito de estarem localizados dentro dos limites da antiga Armênia: Monte Nisir, Monte Nisibis, Monte Ararate e Jabel Judi. O sumério Épico de Gilgamés afirma que o barco parou no Monte Nisir, o qual está localizado não muito longe do rio Little Zab, na moderna região de As Sulaymaniyah das montanhas Zagros [349]. O Monte Nisibis está localizado perto da atual Nusybyn, perto da fronteira da Turquia e da Síria [350]. Embora esses dois locais tenham sido identificados como possíveis locais de desembarque da arca, os mais citados e mais prováveis candidatos são o Monte Ararate e Jabel Judi.

Monte Ararate. Modelos globais para o dilúvio de Noé frequentemente referenciam o Monte Ararate como o local de pouso da arca, uma vez que, se a arca tivesse pousado nessa montanha, isso implicaria que o nível da água teria que estar a uma altitude de pelo menos 5.137 metros e, assim, o dilúvio de Noé teria coberto todo o planeta. No entanto, como estudamos há pouco, a Bíblia (Gênesis 8:4) não especifica o Monte Ararate como o local de pouso da arca. A Bíblia simplesmente se refere às **"terras altas na província de Urartu"** dentro do antigo reino

da Armênia. A tradição do Monte Ararate ser o local de desembarque da arca é, provavelmente, originária de uma interpretação errônea do texto hebraico [351].

Além disso, não está claro se no tempo de Noé (cerca de 2900 a.C.) a região do Monte Ararate era parte do que mais tarde seria chamado de Urartu [352]. Em seu apogeu (entre o oitavo e o sétimo século a.C.), o reino de Urartu se estendia da margem oriental do alto rio Eufrates até a margem ocidental do Lago Urmia, e das passagens montanhosas do norte do Iraque até as montanhas do Cáucaso (incluindo o Monte Ararate). No entanto, essa seção armênia ao norte foi adicionada no século 8 a.C. durante um período de grande expansão urartiana [353]. Não foi até o reinado de Menua (810-786 a.C.) que a área do Monte Ararate se tornou parte de Urartu [354]. Em contraste, sabe-se que a língua urartiana estava presente nas margens do norte da Mesopotâmia pelo menos por volta do terceiro milênio a.C. Ainda mais tarde (após os séculos 8 e 7 a.C.), o nome "Urartu" desapareceu e foi transformado em "Ararate" por vocalizações posteriores impostas à Bíblia hebraica, a qual exibe apenas as consoantes (RRT). O nome "Urartu" foi preservado no Antigo Testamento na forma "Ararate", a qual, na versão latina, se tornou "Armênia". Quando os escritores massoréticos estavam vocalizando o texto da Bíblia, inseriram a vogal "a" em palavras que eram desconhecidas a eles, de modo que "Urartu" ("RRT") se tornou "Ararate". Somente nos últimos anos que os rolos de Qumran (Mar Morto) forneceram uma forma do nome com a semivogal "w" na primeira sílaba [355].

A busca pela arca de Noé no Monte Ararate. Se o Monte Ararate não é o local de pouso da arca de Noé, então o que dizer de todos os livros, filmes e programas de TV que afirmam que a arca foi realmente encontrada no Monte Ararate (Agri Dag)? Nenhum desses relatos populares da "febre da arca" foi verificado: alguns, na verdade, foram mostrados como sendo fraudes, e todos mostraram ser cientificamente infundados. Desde o início de 1800, foram empreendidas mais de uma dúzia de expedições ao Monte Ararate para encontrar a arca [356], nenhuma das quais teve sucesso.

A primeira busca moderna e popularizada para encontrar a arca de Noé no Monte Ararate foi feita por Fernand Navarra em 1955 e novamente em 1969 [357]. No lado noroeste do Monte Ararate, Navarra coletou seções de madeira trabalhada sob uma geleira a cerca de 4.200 metros de altitude. Esses espécimes foram identificados como quercus (carvalho) e foram datados por radiocarbono por seis diferentes laboratórios de datação em 720-790 d.C. para a madeira coletada por Navarra em 1955 e 620-640 d.C. para a madeira coletada em 1969 [358]. Essas datas sugerem que a madeira pode ter sido parte de um santuário bizantino ou armênio comemorando o que os povos daquela região acreditavam ter sido o local de desembarque da arca [359].

Em 1993, a CBS exibiu um especial de televisão de duas horas intitulado "A Incrível Descoberta da Arca de Noé", o qual foi reportado como tendo sido visto por cerca de vinte milhões de telespectadores [360]. Nesse caso, uma farsa real estava envolvida: um pedaço de madeira de pinho moderno foi produzido para parecer antigo e foi afirmado como sendo um pedaço da arca. Outra farsa ocorreu quando um grupo do Texas afirmou ter visto e fotografado a arca do Monte Ararate, mas a foto da "arca" havia sido retocada [361].

A arca de Noé foi novamente relatada pela imprensa popular nos anos 1990 como tendo sido encontrada perto de Dogubayazit, Turquia, aproximadamente 12 milhas (20 km) a sudoeste do Monte Ararate. Supostamente, um barco com as dimensões da arca havia sido encontrado – um barco feito de madeira petrificada e contendo costelas, rebites de ferro e âncoras de pedra [362]. Na realidade, o "barco" acabou por ser uma formação rochosa natural vulcânica (basalto ofiolítico), de 110 a 120 milhões de anos, a qual imitava a forma de um barco devido à inclinação acentuada da rocha ao longo dos membros de um anticlinal duplamente mergulhado [363]. A suposta "madeira fossilizada" era uma rocha metamorfoseada e enrugada, os "rebites de ferro" eram concentrações naturais de limonita e magnetita, e as "pedras âncoras" eram pedaços de andesito local (outro tipo de rocha vulcânica) que não eram derivados da Mesopotâmia, como se supunha. Em suma, as evidências científicas demonstraram que o "barco" encontrado perto de Dogubayazit é uma formação rochosa completamente natural – uma "arca fantasma". Evidentemente, a imprensa tablóide "cristã" ainda estava divulgando a "descoberta" em Dogubayazit – veja a edição de março de 2002 da International Discovery Times, Victoria, Austrália (nenhum autor ou volume citado).

Geologia da região do Monte Ararate. O Monte Ararate (Agri Dag) é um vulcão de cerca de 5.137 metros de altura que ainda é intermitentemente ativo, sendo que a última erupção foi relatada em 2 de julho de 1840 [364]. A montanha se eleva acima do alto planalto (cerca de 1.800 metros) do leste da Turquia, o qual é atravessado por

um amplo cinturão leste-oeste de montanhas dobradas formadas pelos sistemas armênios Taurus e Zagros que separam o planalto da depressão mesopotâmica [365]. Conforme mostrado no mapa geológico da Turquia [366], o constructo de Ararate (incluindo os dois estratovulcões Grande Ararate e Pequeno Ararate) corta rochas sedimentares do Período Devoniano, Permo-Carbonífero, Cretáceo, Eoceno e Mioceno. Os vulcões entraram em erupção ao longo de um lineamento de tendência sudoeste-nordeste, o qual se estabeleceu no início do Mioceno (há cerca de 20 milhões de anos antes do presente). A lava andesítica é típica da cratera principal de ambos os vulcões, mas as erupções de flanco são basálticas. Vastos fluxos de lava, desde o Mioceno até o presente, cobrem muitas das rochas sedimentares mais antigas da região.

Por que todas essas informações sobre a geologia da região de Ararate são importantes para a discussão de geologia do dilúvio e um modelo de inundação global versus local? A geologia do dilúvio admite que todas (ou quase todas) as rochas sedimentares da Terra se formaram na época do dilúvio de Noé, e isso inclui as rochas sedimentares da região de Ararate. Porém, o próprio Monte Ararate corta rochas sedimentares e, portanto, deve ser mais jovem do que essas rochas (geólogos chamam isso de "Lei das Relações Transversais" – uma rocha é mais jovem do que qualquer rocha que ela corta, e embora esse seja um conceito muito simples, é uma regra que é um dos blocos de construção para determinar o tempo geológico relativo).

O cenário de geologia do dilúvio que teria que estar implícito, de acordo com as relações estratigráficas reais presentes na região do Monte Ararate, é o seguinte: (1) sedimentos (e animais mortos) teriam que ser depositados pelas águas do dilúvio; (2) então, esses sedimentos teriam que ser compactados em rochas sedimentares ricas em fósseis; (3) a seguir, a lava vulcânica teria que ter entrado em erupção, invadindo e fluindo sobre essa rocha sedimentar; (4) então, todo o enorme constructo vulcânico de Ararate teria que ter esfriado; (5) finalmente, a arca de Noé teria que pousar no Monte Ararate. E tudo isso teria que ser feito no espaço de um ano! Esse cenário não só propõe uma série de impossibilidades físicas – a Bíblia não afirma nada disso! Ela simplesmente afirma que a arca pousou nas montanhas de Ararate, isto é, nas montanhas que existiam na terra de Urartu que já era conhecida para os sumérios do tempo de Noé, ou o que é hoje a área do sudeste da Turquia.

Jabel Judi. Localizada a leste de Cizre, na Turquia, perto da fronteira do Iraque e dentro da fronteira norte da Mesopotâmia, Jabel Judi tem sido outro local preferido de pouso da arca, sendo o local mais amplamente aceito entre cristãos, judeus e muçulmanos durante os últimos séculos do primeiro milênio d.C. Essa área tem sido alternativamente chamada de "Cudi Dag" (às vezes escrito "Dagh"), "Monte Judi", "Monte Cardu", "Monte Quardu", "Gordyene" ou "Gordyeneans", "Carducians", "Corcyraean", "montanhas dos curdos", "Monte Nipur" pelos assírios, e "Korduaians da Armênia" por Beroso (cerca de 280 a.C.) [367]. O geógrafo árabe al-Masudi (cerca de 956 d.C.) afirmou que a arca "estava em Al-Judi [...] uma montanha no país de Masur oito *farsangs* [cerca de 48 quilômetros] do rio Tigre" [368]. Em sua principal referência ao dilúvio, o Alcorão (Sura 11:44 – Hud) afirma que a arca finalmente parou no Monte Djudi (Jabel Judi). Mesmo no século vinte ocorreram relatos de dervixes mantendo uma luz acesa em Jabel Judi em honra a Noé e a arca [369].

Jabel Judi (Cudi Dag) é uma cordilheira parcialmente composta pelo calcário Cudi da era Jurássico-Cretácea que se eleva acima da planície de Cizre. Essa planície que se eleva a cerca de 500 metros de altitude é cercada por colinas baixas ao norte, cumes levemente inclinados ao sul, terrenos montanhosos a oeste, as montanhas Jabel Judi a leste, e vales aluviais que se tornam rasos ao sul, longe do sopé [370]. Todos os córregos dentro da planície são afluentes do rio Tigre.

Vinhas, oliveiras, pombas. Jabel Judi não é apenas o local de desembarque da arca mais antigo aceito, mas também corresponde ao local onde se sabe que vinhedos e oliveiras foram cultivados na antiguidade.

> Quando voltou ao entardecer, a pomba trouxe em seu bico uma folha nova de oliveira. Noé então ficou sabendo que as águas tinham diminuído sobre a terra. (*Gênesis 8:11, "Nova Versão Internacional"*).

> Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar uma vinha. (*Gênesis 9:20, "Nova Versão Internacional"*).

Vinhas. A uva para vinho da antiguidade, *Vitis vinifera*, é a referida tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento [371]. A *Vitis vinifera* é cultivada há milhares de anos, provavelmente se originando como uma planta selvagem na área da transcaucásia, sendo depois domesticada na área entre os mares Negro e Cáspio, leste da Turquia e a cordilheira de Zagros, em algum momento antes de 4000 a.C. [372]. É certo que a viticultura era

praticada e o vinho era produzido no norte da Mesopotâmia em algum momento antes de 3000 a.C. e exportado para o Egito [373]. Portanto, é improvável que Noé (cerca de 2900 a.C.) tenha sido a primeira pessoa a beber vinho e se embriagar (Gênesis 9:20-21), como é a opinião de alguns. A improbabilidade disso também é apoiada por Mateus 24:38: "Pois nos dias anteriores ao dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca". O que bebiam? Pelo menos cerveja de cevada (a "bebida nacional" da Mesopotâmia), e, para alguma elite, provavelmente vinho [374]. No entanto, Gênesis 9:21 implica que Noé foi pego de surpresa e foi dominado pela bebida, então, talvez, tenha sido sua primeira experiência com vinho.

A importância da vinha de Noé para o local de desembarque da arca é que a *Vitis vinifera* somente pode ser cultivada onde a temperatura média é de pelo menos 16-17 graus Celsius nos meses mais quentes do verão (para o amadurecimento do fruto), onde os invernos não são muito rigorosos (a geada pode matar as videiras jovens), onde a altitude não é muito alta e onde o clima não é muito quente e seco (as videiras precisam de pelo menos chuvas moderadas) [375]. Assim, em termos de onde Noé poderia ter cultivado sua vinha (Gênesis 9:20), ele não poderia ter desembarcado em nenhum lugar no sul da Mesopotâmia, uma vez que é muito quente e seco para a viticultura florescer, nem poderia ter desembarcado nas altas regiões montanhosas, uma vez que os invernos rigorosos teriam matado sua vinha, impossibilitando-o de cultivar as uvas para fazer seu vinho (Gênesis 9:21).

A região da Mesopotâmia onde as videiras floresceram nos tempos antigos (e ainda hoje) é a Assíria (agora norte do Iraque), a qual tem uma precipitação moderada (500-600 mm por ano) que se estende até abril, e riachos abundantes que irrigam pomares e vinhedos [376]. As áreas ao norte e ao leste de Nínive – no sopé das montanhas Taurus e Zagros, onde as temperaturas são mais frias e as altitudes são mais altas do que no sul da Mesopotâmia – eram especialmente famosas na antiguidade por seu vinho, milho e azeite [377]. Assim, o rei Senaqueribe disse da Assíria em 2 Reis 18:32: "terra de cereais, de vinho, terra de pão e de vinhas, terra de oliveiras e de mel".

Oliveiras. As oliveiras (*Olea europea*) são ainda mais exigentes do que as videiras em relação às suas condições de crescimento, sendo as azeitonas menos resistentes do que as uvas, pois não toleram calor ou frio extremos (plantas ou brotos jovens, especialmente, não toleram geadas). As oliveiras não são mencionadas nos textos cuneiformes sumérios como tendo sido cultivadas no sul da Mesopotâmia na antiguidade. Isso não é apenas porque o clima do sul da Mesopotâmia é muito quente (bom para tâmaras, mas não para azeitonas), mas porque um país tão sujeito a inundações não é nada favorável ao cultivo de azeitonas [378]. A raridade de azeitonas no registro sumério favorece a ideia de importação de madeira de oliveira e azeite para o sul da Mesopotâmia [379]. No entanto, a azeitona é registrada no norte da Mesopotâmia (Assíria), ocorrendo nas listas de ofertas do Templo de Assur no terceiro milênio a.C. Mesmo em tempos recentes, as aldeias ao pé do Jabel Maqlub, a leste de Khorsabad (cerca de 32 quilômetros a nordeste de Mossul), são famosas no Iraque por suas azeitonas (especialmente Fadhiliya e Bashiqa) [380].

O que é mais importante para nossa discussão é que as oliveiras precisam de um solo elevado e bem drenado para sobreviver – se afogam em um solo encharcado [381]. Esse fato faz **a menção de uma folha de oliveira em Gênesis 8:11 apoiar um dilúvio local** em vez de global, uma vez que, se o dilúvio tivesse coberto todo o planeta Terra a mais de 5.000 metros com água por um ano inteiro, como poderia uma oliveira (ou mesmo sua semente) sobreviver a uma inundação tão severa? O retorno da folha de oliveira pela pomba sugere a sobrevivência de árvores relativamente ilesas fora da área do dilúvio [382].

Pombas. As pombas eram bem conhecidas dos mesopotâmios – na verdade, faziam parte de sua dieta [383]. A pomba de Noé era provavelmente um pombo-das-rochas (*Columba livia*), o qual é nativo do Oriente Médio e é o ancestral de todas as várias raças de pombos que temos hoje (incluindo o pombo visto nas cidades do mundo). Não há distinção específica entre "pombo" e "pomba", sendo o primeiro termo usado para as espécies maiores e o último para espécies menores. Os pombos têm uma longa história de domesticação e interação com humanos. Essas aves se alimentam principalmente de sementes de cereais (como cevada, o alimento básico da antiga Mesopotâmia) e geralmente fazem ninhos em estruturas feitas pelo homem. Os acadianos, armênios, árabes e egípcios sentiam uma veneração pelas pombas e as mantiveram por milênios [384]. O pombo já estava pelo menos parcialmente domesticado na Mesopotâmia na época de Noé, conforme evidência que vem de al-Ubaid, onde uma fileira de pombos sentados é retratada no friso de pedra calcária da fachada de um templo que data de cerca de 3000 a.C. [385].

O instinto do pombo de retorno ao ninho, mesmo a distâncias consideráveis, também deve ter sido reconhecido e explorado desde os tempos mais remotos [386]. Noé, evidentemente, tinha conhecimento desse instinto de retorno quando enviou uma pomba fêmea da arca (Gênesis 8:8-12), e a ação de Noé em Gênesis 8:9 afirma que sua pomba era, provavelmente, uma pomba domesticada: "Ele estendeu a mão para fora, apanhou a pomba e a trouxe de volta para dentro da arca."

Exatamente até que ponto uma raça antiga de pombas como a de Noé poderia ter voado da arca para procurar terra seca não é conhecido. Provavelmente, a distância foi menor do que 160 quilômetros no total [387]. Noé soltou sua pomba (presumivelmente pela manhã), e ela voltou para ele à noite (Gênesis 8:2). Assim, em um voo de um dia de ida e volta para a arca (Gênesis 8:11), a pomba encontrou uma oliveira, ou broto crescendo, arrancou uma folha e voltou novamente para a arca. Isso significa que, onde quer que a arca estivesse, deveria estar a menos de 80 quilômetros de uma região adequada para o cultivo de oliveiras. Ou seja, não poderia ter sido nas montanhas Taurus ou Zagros, onde as temperaturas chegam a abaixo de zero, e não poderia ter sido no sul da Mesopotâmia, onde as temperaturas são muito quentes e a terra inunda em uma base anual.

A região de Jabel Judi (Cudi Dag) tem as seguintes vantagens para ser o local de pouso da arca de Noé:

1. Jabel Judi está localizado dentro das fronteiras da antiga Armênia (Urartu) [388].

2. Jabel Judi está localizado no sopé das montanhas Taurus, onde a temperatura média baixa (para Cizre) é de 35 graus Celsius [389], a precipitação média é de 500-600 mm/ano [390] e a altitude é de cerca de 500 metros [391] – todas as condições ideais para o cultivo de videiras e azeitonas. Videiras e árvores frutíferas são típicas dessa região, e mesmo nos últimos tempos numerosos vinhedos são cultivados ao longo do vale do rio Tigre na área de Cizre [392]. Se Noé tivesse desembarcado na área de Jabel Judi, teria encontrado condições perfeitas de crescimento para seu vinhedo.

3. Jabel Judi fica a apenas cerca de 128 quilômetros de Nínive, uma região que era conhecida nos tempos antigos por suas videiras e oliveiras [393]. Como a parte norte dessa região fica a cerca de 80 quilômetros de Jabel Judi, é possível que uma pomba tenha voado para essa área e voltado para a arca com uma folha de oliveira no mesmo dia, conforme exigido pelo relato de Gênesis.

4. A área de Cizre já era conhecida pelos sumérios na época de Jemdet Nasr, uma vez que muitas colônias e rotas comerciais da era de Uruque estavam bem estabelecidas nessa região por volta de 3100 a.C., ou antes [394]. É possível que Noé, talvez como o "rei" de Churupaque [395], soubesse sobre as montanhas de Urartu e, talvez, ele possa ter ido em direção a esse terreno elevado para escapar da inundação das planícies da Mesopotâmia.

5. Se a arca pousou na área de Cizre, isso significa que o dilúvio esteve dentro do limite (norte) da bacia hidrológica da Mesopotâmia. Isso, por sua vez, implica em um dilúvio local, uma vez que, se o dilúvio fosse global, por que a arca não teria flutuado para algum lugar fora dos limites da Mesopotâmia – algum lugar como a Europa ou a Ásia? [396].

6.8.2.7. EVIDÊNCIA GEOGRÁFICA: ANIMAIS DA ARCA

Se o dilúvio de Gênesis for considerado global, surge outro grande problema científico com relação à capacidade da arca de transportar todas as espécies animais da Terra (o que se refere a "todos os seres vivos"/"toda carne" de Gênesis 6:19). Mesmo "pais da igreja" como Agostinho (354-430 d.C.) reconheceram essa dificuldade e tiveram dificuldade com a apologética de tal cenário [397]. Então, com a descoberta do Novo Mundo (as américas) e Novíssimo Mundo (Oceania e suas ilhas), com suas infinidades de novas espécies, o problema se tornou ainda mais agudo. Estima-se agora que o número de espécies animais na Terra cai em algum lugar entre 1,5-6 milhões [398] e, se "todos os seres vivos"/"toda a carne" também incluir animais extintos e insetos, isso é multiplicado em muitos outros milhões. Mesmo um navio do tamanho de um porta-aviões não poderia transportar todos esses animais.

Outros problemas (entre muitos) que surgem com uma interpretação global de todas as espécies animais do planeta Terra para Gênesis 6-8 são:

1. Como os animais migraram para ir à arca que estava na Mesopotâmia a partir do Novo Mundo (américas) e de lugares como a Austrália? Ou, como eles partiram do Monte Ararate a lugares como a Austrália sem cruzar oceanos e sem deixar descendentes no Velho Mundo (Europa, Ásia e África)?

2. Como a arca transportou comida para todos esses animais durante um ano (Gênesis 6:21)?

3. Como apenas oito pessoas – Noé, sua esposa, três filhos e três noras (Gênesis 7:13) – cuidaram de, pelo menos, duas de todas as espécies animais da Terra?

4. Como os grandes animais como dinossauros couberam na arca se "todos os seres vivos"/"toda a carne" incluir animais extintos e não extintos?

5. Como a vida marinha pode ter sobrevivido ao dilúvio? Não teria sido esmagada pela tremenda pressão da água e pela diluição da água salina do oceano em água doce?

6. Como todos os vários tipos de animais desceram a encosta íngreme do Monte Ararate, a qual é difícil até mesmo para a escalada de humanos nos tempos modernos?

Defensores de um modelo de dilúvio global combatem essas preocupações invocando milagres. Deus milagrosamente fez com que os animais migrassem para (e do) Oriente Médio. Ou, os anjos pegaram todos os animais e os levaram para a arca [399]. Deus milagrosamente fez com que os animais na arca hibernassem por um ano inteiro, limitando assim sua necessidade de comida e cuidados [400]. Apenas famílias taxonômicas, e não espécies individuais, foram levadas na arca, e as espécies atuais, de alguma forma, descenderam dessas famílias nos últimos 5.000 anos.

A dificuldade com esses (e outros) milagres invocados não é que Deus não poderia fazer cada um deles se quisesse – a dificuldade é que **a Bíblia não alega um único deles!** A única menção que a Bíblia faz do papel de Deus no dilúvio é que ele milagrosamente interveio para impor um grande dilúvio sobre a terra (Gênesis 6:17), que protegeu Noé nesse dilúvio (Gênesis 7:16; 8:1) e que dois animais (locais) de cada espécie foram a Noé (Gênesis 6:20). Deus ordenou que Noé fizesse todo o restante: (1) construir a arca (Gênesis 6:14); (2) trazer os animais vivos para dentro da arca (Gênesis 6:19-20); e (3) recolher alimentos para si, sua família e os animais (Gênesis 6:21) para que fossem consumidos na arca (uma ordem que não parece favorecer a hibernação). "Noé fez tudo exatamente como Deus lhe tinha ordenado" (Gênesis 6:22). Nenhum milagre sobre o transporte dos animais é mencionado. Aparentemente, Deus escolheu quais **animais locais** iriam para dentro da arca, e eles se dirigiram a Noé. Se a Bíblia deve ser tomada pelo seu valor de face, deve-se presumir que Noé saiu e juntou os **animais locais que vieram a ele.** Esse fator, por si só, limita a região geográfica do dilúvio à Mesopotâmia, pois dificilmente é concebível (e é logisticamente impossível) imaginar animais vindo de lugares como Nova Zelândia, Austrália, América do Norte ou América do Sul e Noé coletando-os [401].

Quais animais a Bíblia especifica que foram reunidos por Noé? Animais selvagens e rebanhos domésticos (Gênesis 7:14), aves (Gênesis 6:20) – especificamente pombas (Gênesis 8:8) e corvos (Gênesis 8:7), "seres vivos que se movem rente ao chão" (descritos pela palavra hebraica *remes*) – significando répteis ou outros animais que rastejam (Gênesis 7:14), e "pequenas criaturas que povoam a terra" (descritos pela palavra hebraica *sherets*) – significando uma massa ativa de animais minúsculos que rastejam, talvez insetos (Gênesis 7:21). Todos esses animais são nativos da Mesopotâmia e poderiam ter sido reunidos por Noé. Duas outras palavras para animais são usadas no relato de Gênesis: *hayyâ* (ou *chay*), significando "animal selvagem" (Gênesis 7:14) [402], e *behemâh*, significando especialmente grandes quadrúpedes, como o gado (Gênesis 7:2).

Em Gênesis 6:19, a Bíblia menciona dois animais de cada tipo (macho e fêmea) para serem colocados na arca. Então, mais explicitamente em Gênesis 7:2, Noé foi ordenado a ajuntar os "animais puros" em "setes", macho e fêmea (catorze ao todo), e "animais impuros" em dois, um macho e uma fêmea. Noé também foi ordenado a fazer o mesmo com os pássaros (Gênesis 6:20; 7:3). Assumindo que animais "puros" e "impuros" eram aproximadamente as mesmas designações dietéticas no tempo de Noé como mais tarde foi no tempo de Moisés (Levítico 11), "animais puros" como ovelhas, gado e cabras eram levados em "setes" para a arca, sendo que alguns deles poderiam ter fornecido comida para Noé e sua família durante o período de um ano do dilúvio [403], enquanto "animais impuros" como porcos, camelos, texugos e gazelas foram levados em "dois" na arca, mas não

foram comidos. Da mesma forma, pássaros como pombas, as quais eram alimento para os mesopotâmios [404], foram levadas na arca em "setes", enquanto pássaros como águias, falcões e corvos foram levados em "dois". Criaturas aquáticas, como peixes nativos, não foram incluídas na lista de animais de Gênesis porque conseguiriam sobreviver a um dilúvio local (mas não necessariamente a um dilúvio tempestuoso e global de água do mar).

Ao todo, os animais levados para a arca podem ter chegado às centenas, mas provavelmente não ultrapassaram alguns milhares [405]. A arca – ou mesmo uma embarcação típica de cerca de 3000 a.C. – teria sido adequada para abrigar esses animais e seu suprimento de alimentos, e oito pessoas poderiam cuidar deles, assim como de si mesmos, por muitos meses. Os animais destruídos pelo dilúvio podem, assim, ser considerados limitados àqueles dentro da região geográfica imediata (a Mesopotâmia), e os animais preservados na arca podem ser considerados também como os representantes dessa região [406].

6.8.2.8. EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA

Não há evidências arqueológicas de um dilúvio global. Nenhum depósito de dilúvio correlato às inundações da Mesopotâmia foi encontrado no Egito, Síria ou Palestina, muito menos em outras partes do mundo mais distantes do Oriente Médio. Montes arqueológicos na Síria e na Palestina (como Jericó), os quais exibem ocupação bastante contínua desde pelo menos 4500 a.C., não mostram sinais de um grande dilúvio [407]. O dilúvio nem mesmo se estendeu à terra de Israel, e isso pode ter sido aludido em Ezequiel 22:24: "uma terra [Israel] que não tem tido chuva nem aguaceiros no dia da ira [o dia do julgamento de Deus pelo dilúvio]" [408].

A Bíblia não é o único lugar onde o dilúvio de Noé foi registrado. A história do grande dilúvio também foi encontrada em tabuetas cuneiformes coletadas em sítios arqueológicos na Babilônia, Assíria e terras ao redor da Mesopotâmia, sendo a mais antiga uma inscrição suméria encontrada em Nipur e pertencente ao final do terceiro milênio a.C. [409]. Embora esses textos não bíblicos tenham um componente mitológico definido para eles, ainda têm uma base histórica que atesta uma catástrofe ambiental incomum que aconteceu na terra da Mesopotâmia por volta do início do terceiro milênio a.C.

A Lista de Reis Sumérios divide o início da história da Mesopotâmia em: (1) o reinado dos reis pré-diluvianos (antediluvianos) começando em Eridu, e (2) o reinado dos reis pós-diluvianos, começando em Quis [410]. Os antigos compiladores da Lista de Reis Sumérios consideraram o dilúvio de Noé como um evento que abriu uma brecha na continuidade da história da Mesopotâmia – certas cidades foram subitamente desoladas, enquanto outras cidades foram reconstruídas sobre as ruínas do dilúvio [411]. **Há fundamentos epigráficos e arqueológicos para acreditar que Ziusudra (o nome sumério de Noé) foi um verdadeiro governante pré-histórico de uma cidade bem conhecida, cujo local (Churupaque, ou o moderno Tel Fara) foi identificado arqueologicamente** [412]. Textos de dilúvio encontrados na Mesopotâmia e nas terras vizinhas se referem a um dilúvio dentro da Mesopotâmia e a um homem mesopotâmico justo que sobreviveu ao dilúvio em um navio. **O registro arqueológico, portanto, aponta definitivamente para um dilúvio dentro dos limites da Mesopotâmia,** mas não para um dilúvio de proporções planetárias. As lendas de inundações de todo o mundo existem simplesmente porque dilúvios ocorreram na maior parte da Terra em um momento ou outro. **Todas essas histórias de dilúvio – exceto aquelas de dentro e ao redor da Mesopotâmia – são essencialmente diferentes da narrativa bíblica e têm apenas alguns elementos em comum com ela** [413].

6.8.2.9. DILÚVIO GLOBAL OU LOCAL? CONCLUSÕES

A partir das informações que estudamos até agora, podemos chegar às seguintes conclusões:

1. A alegada evidência bíblica para o dilúvio de Noé ser considerado como global é a linguagem universal de Gênesis 6-8: palavras e expressões como "toda", "todas", "todos", "face da terra" e "debaixo do céu". No entanto, essas palavras e expressões são usadas em outros lugares da Bíblia para descrever eventos locais ou regionais e, portanto, não podem necessariamente ser tomadas como abrangentes de todo o planeta Terra.

2. Da mesma forma, os termos hebraicos para "chuva" e "névoa" em Gênesis 2:5-6 não podem ser usados para o apoio de uma teoria do dossel ou para um dilúvio global, uma vez que "terra" nesses versículos

não significa o planeta Terra, mas apenas a porção de terra seca ou chão na área próxima ao Jardim do Éden.

3. Absolutamente nenhuma verdadeira evidência geológica existe para a teoria do dossel, para a geologia do dilúvio ou para um dilúvio global.

4. A geologia real da região do Monte Ararate, a qual mostra a própria montanha cortando rochas sedimentares, impede que o dilúvio de Noé seja responsável por todas as rochas sedimentares do mundo.

5. Tudo indica que o local mais provável para o pouso e desembarque da arca foi Jabel Judi na região de Cizre, na Turquia. Esse local atende a todos os requisitos da Bíblia, incluindo "as montanhas de Ararate", a vinha de Noé e a pomba arrancando a folha de oliveira e trazendo-a para a arca. É também o local tradicional mais antigo para o local de pouso e desembarque da arca. Um local de desembarque na região de Cizre é compatível com um modelo de dilúvio local, pois essa região está dentro dos limites da bacia hidrológica da Mesopotâmia.

6. Os problemas relacionados a colocar todas as espécies animais da Terra na arca, de acordo com um modelo de dilúvio global, são insuperáveis, exceto se forem considerados milagres que a Bíblia nunca afirma terem acontecido. A Bíblia indica que Noé recolheu os animais locais que vieram a ele e os trouxe para a arca, e isso implica um dilúvio local, não global.

7. Não há evidências arqueológicas de um dilúvio global. Mesmo as regiões próximas ou ao redor da Mesopotâmia não contêm depósitos de dilúvio correlatos.

8. A imagem que emerge de todas as evidências bíblicas e não bíblicas é que o dilúvio de Noé foi confinado à Mesopotâmia, estendendo-se por uma vasta planície aluvial até onde a vista alcançava, de horizonte a horizonte (o que é descrito pela expressão "debaixo do céu", ou seja, o céu visível do ponto de vista da testemunha ocular). O topo de todas as colinas (talvez zigurates) foi coberto por esse dilúvio, e as pessoas e animais da área afetada foram afogados, exceto Noé, sua família e os animais da arca. **O dilúvio foi um evento real e histórico que cobriu o mundo conhecido de Noé.**

9. A ideia de que o dilúvio de Noé foi um dilúvio global deriva de uma interpretação existente há séculos que não é garantida pela evidência bíblica ou científica. A versão King James, escrita no século dezessete, reflete a visão muito limitada que as pessoas tinham do planeta Terra e sua geologia, e foi essa visão tradicional que tem sido transmitida às gerações de cristãos desde então. **A Bíblia deve sempre ser interpretada dentro da estrutura da cultura em que foi originalmente escrita – no caso, a cultura mesopotâmica do terceiro milênio a.C., e não a cultura europeia do século dezessete. Conseguiremos realmente entender o dilúvio de Noé apenas se considerarmos a cultura e a visão de mundo em que o texto de Gênesis 6-8 foi escrito.**

6.8.2.10. COMO PODERIA TER CHOVIDO POR QUARENTA DIAS E QUARENTA NOITES? [414]

Antes que possamos responder à pergunta de como poderia ter chovido por quarenta dias e quarenta noites, primeiro é necessário entender os padrões climáticos (meteorologia) da região da Mesopotâmia e do terreno montanhoso circundante. Então esses padrões podem ser comparados ao relato de Gênesis sobre o clima associado ao dilúvio.

Tempestades Ciclônicas. A "terra dos cinco mares" refere-se às terras abrangidas pelo Mar Mediterrâneo, Mar Negro, Mar Cáspio, Mar Vermelho e Mar Arábico [415]. Toda essa região é (e tem sido por milhares de anos) controlada pelo sistema de pressão asiático. Durante o inverno, as tempestades originárias do Oceano Atlântico varrem para leste, ao longo de uma calha de baixa pressão que existe sobre o Mar Mediterrâneo e, em seguida, penetram no sudoeste da Ásia durante períodos de enfraquecimento temporário do anticiclone asiático (anticiclones são tempestades no Hemisfério Norte que se movem no sentido horário, enquanto os ciclones são tempestades que se movem no sentido anti-horário). Essas tempestades trazem chuvas de estação fria para a região, exceto para a parte sul da Península Arábica.

Durante um enfraquecimento temporário do sistema anticiclônico, as depressões migratórias (tempestades ciclônicas) viajam ao longo do vale mediterrâneo de baixa pressão até a região do Egeu e, então, ainda viajando para leste, essas trilhas de tempestade se bifurcam ou para o norte, para áreas do Mar Negro, Mar Cáspio e as montanhas da Turquia, Armênia e Irã, ou para o sul, para as áreas da Palestina, Síria, Iraque e Golfo Pérsico. Para cada uma dessas faixas de inverno há cerca de três tempestades por mês que se movem pela região da Mesopotâmia, com o pico da atividade das chuvas ocorrendo em março e abril [416].

Durante o verão, o sistema de baixa pressão sobre o Mediterrâneo é substituído por alta pressão, e os caminhos das tempestades resultantes são para o norte da área dos "cinco mares". Essa situação generalizada fez com que tanto o norte quanto o sul da Mesopotâmia (Iraque) experimentassem condições quase sem chuva nos meses de verão por milênios.

Além desse padrão climático geral, quando existem centros de baixa pressão tanto no Mediterrâneo quanto no Golfo Pérsico e no Mar Arábico, o Iraque (Mesopotâmia) torna-se suscetível à influência da colisão de massas de ar marítimo. As massas de ar marítimas tropicais orientais se originam no Oceano Índico e podem viajar para noroeste através do Mar Arábico e do Golfo Pérsico até a área de Mossul [417]. A parte inferior dessas duas massas de ar marítimas costuma ser quente e úmida, enquanto as camadas superiores são frias – condições que favorecem a instabilidade. Isso resulta em chuvas fortes nas partes montanhosas do país e também em chuvas consideráveis nas terras baixas. As chuvas contínuas que duram dias são características desse tipo de condição marítima, e as chuvas são muitas vezes acompanhadas de vento e trovões.

Aguaceiros de longa duração são causados pelo bloqueio de um sistema frontal mediterrâneo e, dependendo de quanto tempo o sistema para, pode resultar em um evento de precipitação de "100 anos" ou "1.000 anos". O termo "inundação de 100 anos" (ou "inundação de 1.000 anos") é uma designação estatística que significa em que há uma chance de 1 em 100 (ou 1 em 1.000) de que uma inundação desse tamanho ocorra durante qualquer ano. Essas raras ocorrências de precipitação extremamente alta são chamadas de "efeito Noé" por meteorologistas e hidrologistas [418]. Quando os padrões de circulação persistem, grandes quantidades de chuva (e neve nas montanhas) também podem preceder ou seguir um evento ciclônico. Um exemplo disso aconteceu em 1969 sobre a bacia do Jordão, quando os padrões de circulação ciclônica persistiram por 24 dias, e chuva e neve caíram por quase dois meses [419]. A paralisação dessa frente, em um período de 80 horas, trouxe uma média de 75 polegadas (1.905 mm) de chuva para a bacia – a maior quantidade em 150 anos – e causou inundações consideráveis.

Outros sistemas parados de frentes são registrados para a região do rio Mississippi, EUA. Na enchente do rio Mississippi de 1927, o resultado da chuva foi 15 polegadas de água (381 mm) em 18 horas: a água subiu a quase uma polegada por hora, as águas da enchente não começaram a retroceder por dois meses, e alguns dos afluentes do Mississippi realmente fluíram para trás (até seus canais) devido à rápida inundação do rio, conforme o que foi apresentado na PBS ("Fatal Flood", American Experience, que foi ao ar em março de 2002). Na enchente do rio Mississippi de 1973 a duração da enchente em algumas partes da bacia foi de até 97 dias (mais de três meses) [420]. Essa inundação de 1973 foi causada pela duração e persistência de um padrão de circulação atmosférica anômalo em grande escala, onde a calha (baixa) existiu aproximadamente no mesmo local por um período prolongado de tempo em março e abril.

Precipitação. O sul da Mesopotâmia é um dos pontos mais secos da Terra, com uma precipitação média anual de menos de 4 polegadas (102 mm) [421]. Os distúrbios ciclônicos do Mediterrâneo que passam pelo Iraque no inverno e na primavera fornecem praticamente a única chuva do ano para essa área, e mesmo essa chuva escassa pode ser "inconstante" – sendo alguns anos sem chuva e outros com quantidade substancial. Na área de Bagdá, a precipitação anual é de cerca de 30 mm/ano; Mossul, cerca de 85 mm/ano; Cizre, cerca de 100 mm/ano; e Diarbaquir (área de nascente dos rios Tigre e Eufrates) acima de 150 mm/ano [422]. No extremo norte e nordeste, nas áreas montanhosas do Iraque (Curdistão), a precipitação total anual é de 175 mm/ano e, em algumas localidades, pode ultrapassar 250 mm/ano. Em todas essas áreas a precipitação ocorre principalmente no inverno e na primavera, correspondendo à passagem de um distúrbio de baixa pressão.

A planície aluvial da Mesopotâmia é cercada a leste pelas montanhas Zagros, ao norte e nordeste pelas montanhas Taurus e a noroeste pelas montanhas Amanus. Essas montanhas recebem precipitação de chuva e neve que alimenta as bacias dos rios Eufrates e Tigre na primavera. As montanhas da Armênia e do Curdistão no nordeste da cordilheira de Taurus experimentam invernos especialmente severos de até seis a oito meses de

duração [423], e a neve frequentemente atinge profundidades de seis pés (1,8 metro) [424]. As montanhas Zagros do leste da Mesopotâmia correm paralelas ao rio Tigre e, praticamente por toda primavera, a neve derretida alimenta o Tigre até transbordar. Nessas áreas, as neves das montanhas ocorrem principalmente nos meses de inverno (janeiro-fevereiro), enquanto a maior precipitação ocorre na primavera (março-abril). As chuvas da primavera podem derreter rapidamente a neve da montanha, fazendo com que os rios Tigre e Eufrates atinjam seus níveis mais altos de inundação no final da primavera [425].

Vento. O vento predominante no Iraque (Mesopotâmia) é o *shamal* (cujo significado é "do norte") que vem do noroeste. O vento *shamal* é o fluxo de ar mais ou menos constante pelo vale da Mesopotâmia que segue a topografia e o gradiente das montanhas Taurus na Turquia em direção ao sul até o Golfo Pérsico. O *shamal* opera durante todo o ano, mas é especialmente prevalente de junho a outubro, quando a direção do vento não é interrompida pela passagem de tempestades ciclônicas [426]. São ventos secos, quentes e persistentes, significando céu limpo e clima estável. O ar muito seco trazido pelo *shamal* permite intenso aquecimento (e evaporação) da superfície do solo [427]. Estudos de alinhamento e estrutura de dunas na área do Golfo Pérsico sugerem que esse padrão de vento predominante não mudou significativamente durante os últimos 10.000 anos (Holoceno) [428].

No inverno e na primavera, a regularidade do vento *shamal* diminui e o *sharqi* (cujo significado é "do leste") se torna o vento predominante, até uma altura de cerca de 2.133 metros [429]. Esses ventos, vindos do Golfo Pérsico, são relativamente frios e úmidos e podem trazer nuvens e chuva para toda a região do Iraque à medida que se desenvolvem em frente às depressões ciclônicas que avançam. Às vezes, na região do Golfo Pérsico, esses ventos *sharqi* de sudeste são seguidos, após a passagem de um vale, por ventos *suhaili* de sudoeste. O *suhaili* é frequentemente um vento forte que pode representar um perigo para os navios no Golfo Pérsico [430]. Somente com a passagem de uma tempestade ciclônica os gradientes de pressão são acentuados o suficiente para resultar em ventos violentos.

Ventos fortes são conhecidos por ter a capacidade de soprar barcos por muitos quilômetros. No furacão da costa leste dos Estados Unidos de 1938, ventos de quase 300 km/h levaram barcos e pedaços de cais para o interior das ruas da cidade de New Haven [431]. Um barco em uma área quase completamente plana e inundada – livre de árvores, casas ou colinas – teria o potencial de ser movido ainda mais para o interior do país por ventos fortes.

Concordância com o relato bíblico. Se a expressão "dezessete dias do segundo mês" de Gênesis 7:11 for interpretada como denotando a estação do ano em que o dilúvio começou em vez de uma extensão de um mês da idade de Noé [432], então a Bíblia está em notável acordo com os padrões climáticos que realmente existem (e existiram) na área da Mesopotâmia. Se compararmos o calendário tropical de hoje com o calendário sideral dos mesopotâmios para os anos por volta de 2900 a.C. [433], constataremos que o "décimo sétimo dia do segundo mês" estaria em meados de março, ou seja, o período onde condições meteorológicas trazem as chuvas mais abundantes na região da Mesopotâmia. Gênesis 7:12 afirma que uma chuva forte caiu sobre a terra (a região onde Noé viveu) durante quarenta dias e quarenta noites [434], e esse é o tipo de chuva (aguaceiro contínuo) que pode resultar da atividade de massas de ar características dessa estação. **A duração da chuva ("quarenta dias e quarenta noites") pode ter sido causada por Deus por meio da utilização da paralisação de uma frente ciclônica mediterrânea sobre a área da Mesopotâmia em combinação com massas de ar marítimas subindo do Golfo Pérsico e Mar Arábico/Oceano Índico. Essa tempestade paralisada teria sido associada aos ventos do sul (o *sharqi* e/ou *suhaili*), não ao vento *shamal* do noroeste, e esses ventos do sul poderiam ter sido ventos muito intensos, tanto em força quanto em duração.**

A Bíblia (Gênesis 8:1) também registra que, em algum momento antes dos 150 dias de Gênesis 7:24 (cinco meses ou cerca de meados de agosto, assumindo uma data de início do dilúvio em meados de março), um vento passou sobre a terra fazendo com que as águas baixassem. Esse vento pode corresponder ao vento *shamal* noroeste que sopra quase continuamente durante os meses de verão. Na primavera, o derretimento da neve e a chuva constante nas montanhas do norte do Iraque provocam inundações nos vales do sul. Então, no verão, o vento uiva para o sul ao longo da estreita faixa fértil entre os rios Eufrates e Tigre, e o processo de secagem começa [435]. Assim, **o relato de Gênesis registra com exatidão a situação meteorológica real que existe (e existiu) no Iraque (Mesopotâmia).**

6.8.2.11. QUE FONTES DE ÁGUA PODERIAM TER CAUSADO A INUNDAÇÃO PROLONGADA?

Embora inundações que duraram até seis meses não tenham sido incomuns no sul da Mesopotâmia (antes da construção das barragens modernas), o dilúvio de Noé foi único em vários aspectos: (1) a Bíblia afirma que o dilúvio foi alimentado por pelo menos 150 dias e que durou um total de um ano inteiro (365 dias); (2) a Bíblia afirma que o dilúvio não apenas cobriu o sul da Mesopotâmia, mas também partes do norte da Mesopotâmia, pelo menos até "as montanhas de Ararate" onde a arca pousou; e (3) a Bíblia afirma que o dilúvio, a arca de Noé e a jornada de Noé dentro dela foram instigados e dirigidos por Deus como um ato de punição a uma geração má, violenta e corrupta.

Inundações na Mesopotâmia. A planície aluvial da Mesopotâmia é um dos lugares mais planos da Terra. A superfície da planície 240 milhas (400 km) para o interior da cabeça do Golfo é inferior a 60 pés (20 metros) acima do nível do mar [436] e, em An Nasiriyah, o nível da água do Eufrates é de apenas oito pés (menos de 3 metros) acima do nível do mar, embora o rio ainda tenha que cobrir uma distância de mais de 95 milhas (153 km) até Basra. Ao passar de As Samawah e Al 'Amārah, as águas dos rios Eufrates e Tigre se perdem em uma imensa região lago-pantanosa, onde a água flui muito lentamente para o Golfo Pérsico. Durante a primavera, toda essa região – do leste do Eufrates ao Tigre – pode ser severamente inundada [437]. A superfície plana dos leitos rasos e planos dos rios Eufrates e Tigre, a qual oferece as condições adequadas para irrigação [438], também pode causar inundações imediatas e generalizadas. E, apesar de ser difícil levar água para a terra por meio de canais de irrigação, da mesma forma é difícil tirá-la da terra quando ela está inundada [439]. Antes de quaisquer barragens serem construídas (isto é, antes de cerca de 1920), cerca de dois terços de toda a área do sul da Mesopotâmia (Babilônia) podiam se tornar submersos na estação das cheias de março a agosto [440].

Dos dois rios, o Tigre é caracterizado por inundações mais destrutivas e maiores do que o Eufrates. O rio Tigre inunda anualmente devido ao derretimento da neve nas montanhas Taurus e Zagros. Suas águas começam a subir em março, atingem o pico em maio e normalmente recuam em julho [441]. Em Bagdá, o rio tem cerca de um quarto de milha (402 metros) de largura, com uma profundidade na maré alta de vinte e seis pés (8 metros) e na maré baixa de cerca de quatro pés (1,2 metros): a corrente do canal na enchente é de cerca de 3-4 milhas/hora (4,8-6,4 km/h) e na maré baixa é 1,25 milha/hora (2 km/h). Dificilmente há uma estação em que o deserto não inunde pelo menos por alguns dias e, poucos minutos após uma tempestade, uma pessoa pode estar com água até a altura do peito [442]. A inundação tão imediata ocorre devido à falta de vegetação sobre a planície inundada e devido à profundidade muito rasa de lençol freático, a qual é de apenas alguns pés [443].

Há referências históricas a inundações na Mesopotâmia nos séculos dez, dezoito e vinte a.C. e nos séculos sete e oito d.C. [444]. De 762 a 1906 d.C., trinta grandes inundações foram registradas em Bagdá e nos arredores [445]. Dentre essas inundações, uma das maiores foi registrada em 1174 d.C., quando o rio Tigre inundou toda Bagdá e onde a água era tão alta que os barcos entraram no Hospital Bamarestan (localizado em terreno alto a oeste do rio) por meio das entradas vazias. Um desastre recente ocorreu em 1954, quando uma primavera excepcionalmente chuvosa combinada com o derretimento das neves da Armênia e do Curdistão encheu tanto o rio Tigre que ele cobriu a planície por centenas de quilômetros e toda Bagdá estava em perigo iminente de destruição [446]. O dilúvio de Noé deve ter sido de maior magnitude do que qualquer uma dessas inundações para ser preservado de forma enfática na literatura e na história, e o único tão grandioso a ponto de ainda ser lembrado como "o grande dilúvio". Hidrologicamente falando, deve ter sido uma "inundação de 1.000 anos" – ou mesmo uma "inundação de 5.000 anos".

Fatores que podem ter influenciado a inundação prolongada. Os 150 dias de dilúvio registrados em Gênesis 7:24 podem ter sido consequência de uma combinação de **chuva, neve, fontes subterrâneas de água e maré de tempestade.**

Chuva. Não apenas choveu forte e continuamente por quarenta dias e quarenta noites (Gênesis 7:12), mas também poderia ter chovido intermitentemente depois disso, até o dia 150, quando Gênesis 8:2 afirma que a chuva finalmente parou. A duração exata da chuva não é clara, e exatamente onde choveu também não é claro. Provavelmente choveu onde Noé viveu e construiu a arca (provavelmente Churupaque, a tradicional "cidade natal" de Noé), pois foi onde a arca foi levantada acima do solo e começou a flutuar (Gênesis 7:17). No entanto, se a tempestade ciclônica foi regional, poderia ter chovido em toda a Mesopotâmia e nas terras altas circundantes.

Neve. Embora a Bíblia não mencione especificamente o envolvimento da neve no dilúvio de Gênesis, o derretimento das neves das montanhas pelas chuvas de Gênesis 7:17 também pode ter sido um fator importante. Grandes quantidades de água são mantidas no armazenamento de neve, e as maiores inundações em grandes rios (como o Tigre ou Mississippi) tendem a ocorrer na primavera em resposta ao derretimento da neve [447]. A neve derretida por chuvas fortes pode ser liberada como água muito rapidamente (produzindo inundações imediatas), porém, se a neve for profunda e não estiver sujeita a derretimento pela chuva, a água é liberada por um longo período de tempo [448]. Se a neve tivesse sido excepcionalmente profunda durante o inverno do dilúvio, essa neve poderia ter adicionado, como escoamento, uma grande quantidade de água (tanto a curto quanto a longo prazo) à bacia hidrológica da Mesopotâmia. Em particular, neve pode ter sido responsável por inundações prolongadas nas partes superiores da bacia hidrológica da Mesopotâmia na região norte (Urartu). Tal situação é registrada como tendo ocorrido na enchente de 1954 ao longo do alto rio Tigre [449]. Outro fator importante no derretimento da neve são os ventos quentes [450]. Se o "vento" de Gênesis 8:1 foi um vento quente do noroeste, o *shamal*, ele poderia ter ajudado a derreter a neve nas terras altas circundantes, bem como a secar o solo na planície aluvial da Mesopotâmia.

Fontes subterrâneas de água. A Bíblia menciona as "fontes das grandes profundezas" (fontes subterrâneas de água) duas vezes em sua narrativa: uma vez quando as fontes começam a jorrar água (Gênesis 7:11) e uma vez quando param (Gênesis 8:2). Fontes subterrâneas de água são um fator primordial que podem causar inundações prolongadas. Quando chove ou quando a neve derrete, a água não flui apenas sobre o solo como escoamento do córrego – pode também viajar no subsolo como "água subterrânea", saindo finalmente em fontes. Gênesis 7:11 afirma que as fontes das profundezas (águas subterrâneas) foram "rompidas", termo que vem do hebraico *bâqa*, o qual significa "irromper" ou "estar pronto para estourar". Assim, o significado literal de Gênesis 7:11 é que essas fontes começaram a jorrar água [451]. A conotação de Gênesis 7:11 é que uma massa crescente de água irrompeu de fontes subterrâneas e profundas de água.

Fontes subterrâneas de água existem em toda a Mesopotâmia e nas terras altas circundantes, e a maioria delas são calcárias (cársticas). Ras-el-ain (*"ain"* significa "fonte"), perto da fronteira da Síria e da Turquia, é uma das maiores fontes cársticas de calcário do mundo e é a cabeceira efetiva do rio Cabur, um importante afluente do Eufrates [452]. A água dessa fonte (na verdade, um complexo de treze fontes) vem da máxima infiltração de inverno (derretimento da neve e chuva nas montanhas Taurus) em janeiro-fevereiro, mas essa água não descarrega em Ras-el-ain até julho ou agosto. Esse tipo de atraso é típico de muitas fontes cársticas, onde a recarga pode ser distante ou complicada a partir do ponto de descarga da fonte. Algumas fontes fluem água o tempo todo, algumas fluem água apenas quando há inundações, e algumas têm uma reação demorada entre a recarga e descarga. No caso de uma reação demorada, um suprimento contínuo de água pode ser fornecido por muitos meses após uma forte chuva (ou tempestade). A Bíblia parece indicar que pelo menos algumas fontes começaram a jorrar água imediatamente quando o dilúvio começou (Gênesis 7:11), mas outras continuaram por até cinco meses (Gênesis 8:2).

Fontes subterrâneas específicas (entre muitas) que poderiam ter contribuído com água para a bacia hidrológica da Mesopotâmia durante o dilúvio de Noé são: fontes localizadas perto da antiga Sipar, Babilônia e Quis [453]; fontes nas proximidades de Hite [454]; e fontes da região do deserto de Jasira, entre Bagdá e Mossul [455]. Os afluentes do Tigre também emergem de fontes cársticas (grandes cavernas) ao longo do sopé das montanhas Zagros. Quando ocorrem fortes chuvas em Zagros, essas fontes respondem com uma forte vazão, fazendo com que os rios encham e transbordem para as planícies [456]. Na antiguidade, uma das mais importantes dessas nascentes surgiu da Caverna de Salmaneser, a qual se pensava ser a "fonte" do Tigre quando Salmaneser III visitou a caverna em 852 a.C. – um painel de bronze assírio no Museu Britânico comemora essa visita por Salmaneser [457]. Também está registrado que Sargão II aprendeu o segredo de extrair água de estratos subterrâneos durante sua campanha contra Ulhu e Urartu (a terra de Ararate) [458].

Numerosas fontes subterrâneas de água também existem nos cânions profundos de Cudi Dag (Jabel Judi), região de Cizre, no sudeste da Turquia. Várias características cársticas, como fontes, sumidouros e cavernas, se desenvolveram no calcário Cudi Jurássico-Cretáceo dessas montanhas. A mais conhecida dessas nascentes está localizada a oeste de Beytüşşebap; outras menores ocorrem mais ao sul [459]. O escoamento dessas fontes pode prolongar as inundações na área superior do vale do Rio Tigre/planície de Cizre – uma área onde a arca de Noé pode ter pousado.

Maré de tempestade. Existe a possibilidade de que uma maré de tempestade (além da chuva e do derretimento da neve) possa ter ajudado a manter a inundação causada pelo dilúvio na parte sul da Mesopotâmia. As marés de tempestade são um fenômeno meteorológico onde um sistema de baixa pressão causa ventos e marés fortes, os quais podem levar a água do mar para o dentro de terra firme por centenas de quilômetros.

Essa hipótese é apoiada por registros cuneiformes escritos. A palavra técnica para inundação ou dilúvio é *"amaru"* em sumério, ou *"abubu"* em acadiano. Especificamente, *"abubu"* indica água em movimento causada por um temporal ou uma tempestade que leva a água do mar para a terra [460]. No épico sumério de Gilgamés é afirmado que um "furacão se enfureceu" e, após o dilúvio, "o mar se tornou quieto, a tempestade parou e o *abubu* cessou" [461]. O termo *abubu* não apenas descreve um temporal e uma inundação, mas também inclui os ventos e vendavais destrutivos juntos com a tempestade. Nas tabuetas cuneiformes sumérias encontradas em Nipur, o dilúvio de Noé é descrito da seguinte forma: "os ventos fortes sopraram violentamente [...] e o navio se moveu sobre a face das grandes águas, impelido pelo vento" [462]. No épico acadiano Atracasis, o texto fala de trovões e ventos selvagens [463]. Também no Épico de Gilgamés, o dilúvio de Ziusudra (Noé) é registrado como tendo sido uma "tempestade do sul" acompanhada de vento e trovão, onde os ventos da enchente sopraram sobre a terra e o vento sul da tempestade a varreram [464]. Da mesma forma, a palavra hebraica *mabbūl* para "dilúvio" usada no texto de Gênesis é aplicável tanto para uma inundação quanto para uma enchente causada por um temporal varredor guiado pelo vento [465].

6.8.2.12. ONDE ESTÃO OS SEDIMENTOS DILUVIAIS DEIXADOS PELO DILÚVIO DE NOÉ?

Por causa da suposição tradicional de que o dilúvio de Noé foi global, a maioria das pessoas até cerca de 1750 aceitava a "visão oficial da igreja" de que todas as rochas sedimentares do planeta Terra se formaram na época do dilúvio de Noé. Então, começando no final do século dezoito, uma batalha agonizante sobre a história da Terra começou entre a cronologia das Escrituras e a recém-fundada ciência da geologia [466].

Durante os cerca de setenta anos entre 1750 e 1820, o peso cumulativo das evidências de uma Terra antiga influenciou a grande maioria dos cientistas de campo (mas não a maioria da "igreja"). Não apenas se tornou evidente que os sedimentos levam muito tempo para ser depositados, como também se tornou claro que a transformação de sedimentos em rochas sedimentares envolve um período de tempo ainda maior (no total, milhões de anos). Além disso, descobriu-se que nem todas as rochas sedimentares são compostas por sedimentos do tipo proveniente de inundações – na verdade, a maioria não é. Existem sedimentos marinhos intercalados com sedimentos eólicos (ventos), sedimentos lacustres (lagos) e sedimentos evaporativos (tais como halita e gesso). Assim, o registro sedimentar da Terra como um todo não documenta um evento catastrófico de inundação (como se supunha ser o dilúvio de Noé), mas uma série de muitos ambientes sedimentares diferentes que se sobrepõem em espaço e em tempo.

Por volta de 1820, a maioria dos geólogos havia abandonado a ideia de que todas as rochas sedimentares haviam sido formadas na época do dilúvio de Noé, embora muitos ainda acreditavam na existência anterior de um dilúvio extremamente violento que varreu a Terra – inundação que até mesmo submergiu alguns dos cumes mais altos das montanhas e criou grandes vales, desfiladeiros e ravinas [467]. A evidência para essa crença (chamada de "escola de pensamento diluvialista" por causa do dilúvio de Noé) era que muitas partes da Terra (especialmente o norte da Europa e os Alpes) eram conhecidas por serem cobertas por um conjunto caótico de sedimentos que variavam de lama a lodo e areia a cascalho – até mesmo pedregulhos enormes, erráticos e estranhamente estriados de muitas toneladas de peso. Esses depósitos levaram alguns geólogos a propor que depósitos diluviais mais antigos (deixados pelo dilúvio bíblico) são cobertos por depósitos aluviais mais jovens contendo fósseis de um tipo moderno reconhecível. Além disso, fósseis como grandes mamutes presos no gelo glacial e depósitos fósseis "diluviais" em cavernas foram atribuídos a mudanças no clima supostamente provocadas pelo dilúvio de Noé [468].

Esse foi o cenário para o surgimento da teoria glacial, a qual chocou rudemente a comunidade geológica no final da década de 1830 e início da década de 1840, propondo que a ação das geleiras explicava as rochas "erráticas" estranhamente estriadas e os detritos rochosos mal classificados (referidos como *"till"* por geólogos) presentes em muitas partes do mundo. A comprovação dessa teoria glacial de "eras do gelo" não deixou depósitos que pudessem ser atribuídos ao dilúvio de Noé.

Então, onde estão os sedimentos diluviais deixados pelo dilúvio de Noé, uma vez que tal dilúvio histórico existiu? Estão presentes na bacia hidrológica da Mesopotâmia, uma vez que foi a área onde ocorreu o dilúvio. Sendo o dilúvio de Noé um dilúvio local, **não devem ser esperados depósitos de dilúvio em toda a Terra. Em vez disso, apenas alguns dos sedimentos na Mesopotâmia devem ser atribuídos ao dilúvio de Noé.**

Camadas de sedimentos de inundação foram encontradas em toda a Mesopotâmia em lugares como Quis, Churupaque, Ur, Uruque, Lagas e Nínive. Isso ocorre porque as inundações são endêmicas da região, ocorrendo praticamente todos os anos em algum lugar da bacia hidrográfica da Mesopotâmia. Alguns desses depósitos de inundação são de "inundações normais", enquanto outros são de inundações de maior magnitude. O mais famoso desses depósitos de inundação foi encontrado no final da década de 1920 por Leonard Woolley, o qual relatou 8-11 pés (2,4-3,4 metros) de "lama depositada por água limpa" no Cemitério Real de Ur e declarou que isso era o resultado do "dilúvio de Noé" [469]. No entanto, constatou-se que esse depósito de inundação em particular parece muito antigo para ser um registro do dilúvio de Noé, sendo pertencente ao final do período Ubaid (cerca de 3800 a.C.) e não ao período Jemdet Nasr (cerca de 2900 a.C.). Os depósitos de inundação em Nínive também pareceram ser muito antigos (cerca de 4300 a.C.) para se correlacionar com o dilúvio de Noé, enquanto em Quis ocorre o oposto: o depósito de inundação parece ser muito tardio, isto é, do final do Antigo Período Dinástico [470]. Em Churupaque, e também em Uruque, os últimos restos de Jemdet Nasr são separados do subsequente Antigo Período Dinástico I por argila depositada por água limpa consequente de uma inundação. Essa argila tem quase cinco pés (um metro e meio) de espessura em Uruque [471] e quase dois pés (0,6 metro) de espessura em Churupaque [472]. Como a Lista de Reis Sumérios menciona que Noé (Ziusudra) viveu em Churupaque (onde hoje se situa o monte arqueológico de Fara), e como se acredita que Noé tenha vivido durante o Período Jemdet Nasr [473], esses sedimentos datam do tempo e lugares certos e podem ser depósitos deixados pelo dilúvio de Noé.

Depósitos do dilúvio e erosão. Um equívoco popular é que o grande dilúvio de Noé deveria ter deixado uma camada generalizada de sedimentos por toda a Mesopotâmia. Se ocorrem depósitos de dilúvio em Churupaque (Fara), por que não em Quis, nas proximidades? Por que não foram encontrados depósitos de inundação em Ur que correspondam ao dilúvio de Noé, e por que na cidade-monte de Ur alguns poços contêm depósitos espessos de inundação, enquanto outros poços próximos não contêm depósitos de inundação?

Essa situação supostamente problemática é completamente compreensível para os hidrólogos – na verdade, é o que eles esperam. **As inundações causam erosão em sedimentos, bem como depositam sedimentos.** Rios em terrenos com vegetação (como no norte da Mesopotâmia) são capazes de erodir menos sedimentos do que em terrenos argilosos e sem vegetação (como no sul da Mesopotâmia). Ao longo de gradientes acentuados, rios podem causar abrasão em sedimentos e causar sobre eles uma erosão dirigida para baixo. Em gradientes rasos, rios podem depositar sedimentos. Sedimentos deixados das águas de uma enchente podem ser removidos pela erosão causada por uma enchente posterior. A maioria das cidades da Mesopotâmia estava localizada perto de canais, uma vez que o comércio e o transporte dependiam dessas vias navegáveis. Portanto, uma cidade de monte-templo (zigurate) que esteja no caminho de uma inundação furiosa pode sofrer erosão do lado voltado para a torrente de água, enquanto em seu lado sotavento – "remanso" – sedimentos podem ser depositados em áreas baixas. Ou, uma cidade pode nem sequer ser coberta com lodo do rio e, nesses casos, cidades construídas após o dilúvio podem não apresentar qualquer "quebra arqueológica" como as cidades antes do dilúvio. Além disso, durante os períodos de alta inundação, há uma tendência de a deposição de sedimentos no canal causar uma avulsão, ou mudança, no curso de um rio [474], possivelmente assim poupando cidades ao longo das margens desse curso.

Isso ilustra que **a profundidade de depósitos de inundação não indica automaticamente a profundidade de uma inundação passada, e a ausência de depósitos de inundação não significa automaticamente a inexistência de uma inundação (ou seja, a ausência de evidência de dilúvio não é necessariamente a prova da inexistência do dilúvio).** A única maneira absoluta de saber quando ocorreu uma inundação é cavar uma série de trincheiras e datar os restos (cerâmica, etc.) acima e abaixo de um horizonte de sedimento de inundação, ou matéria orgânica de carbono dentro desse sedimento. **Um estudo tão abrangente nunca foi realizado para as antigas cidades da Mesopotâmia e, certamente, nenhum estudo nessas cidades foi realizado com uso das técnicas mais recentes. Portanto, ainda não há dados suficientes para dizer com certeza quais dos depósitos de inundação na Mesopotâmia podem ter sido derivados do dilúvio de Noé.**

É muito importante para nossa discussão entender a magnitude do acúmulo de sedimentos que pode ocorrer em um grande evento de inundação. Como mencionado anteriormente, a enchente do rio Mississippi de 1973 foi além de suas margens por cerca de dois a três meses em alguns locais [475], e a espessura média dos sedimentos deixados por essa enchente foi de 21 polegadas (533 mm) ao longo do dique natural e 12 pés (3,6 metros) na área de pântano reverso. Considerando que o dilúvio de Noé durou cerca de quatro vezes mais (1 ano), pode-se estimar aproximadamente que um máximo de cerca de 50 pés (15,2 metros) de sedimentos pode ter se acumulado em um local ideal de remanso durante esse dilúvio. Isso não é equivalente aos supostos quilômetros de rocha sedimentar formados durante o dilúvio de Noé propostos pela geologia do dilúvio, mas se encaixa com um modelo de dilúvio local de "1.000 anos" ou "5.000 anos".

Sedimentos do dilúvio de Noé. Além de ocorrer em locais frouxos sobre a planície aluvial da Mesopotâmia e sobre alguns montes de cidades antigas existentes em cerca de 2900 a.C., ou ao redor deles, os sedimentos do dilúvio de Noé também deveriam ter se acumulado no ponto mais baixo da bacia hidrológica da Mesopotâmia, ou seja, no delta Eufrates/Tigre do Golfo Pérsico. Os rios Eufrates e Tigre carregam sua carga suspensa para o sul e a depositam nos pântanos e lagos rasos pouco antes de chegar ao Golfo Pérsico, ou no próprio Golfo [476]. Alguns sedimentos recentemente analisados no Golfo Pérsico foram datados em cerca de 3000 a 4000 a.C. [477] e podem representar material derivado do dilúvio de Noé. No entanto, como os sedimentos do Golfo Pérsico estão sendo constantemente retrabalhados pelas correntes de maré [478], é provável que qualquer sedimento do dilúvio de Noé se misture com sedimentos de outras épocas e fontes e não seja distinguível deles.

6.8.2.13. UM MODELO REALISTA DE DILÚVIO LOCAL E ROTA PARA A ARCA DE NOÉ

Tendo em vista tudo o que estudamos até aqui sobre o dilúvio bíblico, propomos agora um cenário possível para o dilúvio da planície mesopotâmica e a rota tomada pela arca em direção ao norte, até as "montanhas de Ararate". A área de Cizre e Jabel Judi é considerada o local de pouso mais provável para a arca [479].

Uma grande tempestade ciclônica que parou na Mesopotâmia forneceu chuvas fortes por "40 dias e 40 noites" para as regiões das terras baixas e neve (ou derretimento da neve pela chuva) para as regiões das terras altas. Essa tempestade foi acompanhada por **um intenso vento sul (*sharqi* e/ou *suhaili*), o qual soprou a arca para o norte em direção às montanhas de Ararate** (o antigo reino Urartu). Toda a bacia hidrológica do rio Tigre foi inundada até a área de Cizre, uma vez que **as fontes subterrâneas de água e o derretimento da neve mantiveram a inundação no alto vale do rio Tigre, assim como no baixo vale do rio Tigre.**

Uma possível rota que a arca pode ter seguido ao longo de sua jornada de sul a norte foi do sul da Mesopotâmia (Churupaque) ao longo da planície inundada entre os rios Eufrates e Tigre, até a área da atual Bagdá (112 pés/34 metros de elevação). Em seguida, poderia ter seguido o vale do rio Tigre, muito plano e inundado, até a área de Mossul (730 pés/222,5 metros de altitude), onde o Tigre ainda é um rio amplo e imponente, como M. A. Beek mostra em "Atlas of Mesopotamia" (London: Nelson, 1962, mapa 11). Ao norte de Mossul, o terreno se torna mais montanhoso, mas ainda há um amplo vale até Cizre (cerca de 1.640 pés/500 metros de altitude) [480]. **A arca poderia ter pousado em algum lugar nessa área (ao sul de Jabel Judi), ou poderia ter chegado à planície de Cizre e pousado no sopé das montanhas Jabel Judi, onde os cumes das montanhas podiam ser vistos (Gênesis 8:5), mas onde os vales ainda estavam inundados (Gênesis 8:9). Esse local se situa nas "montanhas de Ararate" (Gênesis 8:4) e era conhecido na antiguidade tanto por suas oliveiras (Gênesis 8:11) quanto por seus vinhedos (Gênesis 9:20).**

6.8.2.14. A NATUREZA DE "MILAGRES NATURAIS"

É importante ressaltar que não estamos endossando uma explicação completamente naturalista para o dilúvio de Noé. A Bíblia afirma que o dilúvio foi sobrenatural nas seguintes questões:

1. Deus propositalmente enviou o dilúvio para julgar um mundo mau, corrupto e violento (Gênesis 6:7; 6:11-13). No entanto, Noé "andou com Deus" (Gênesis 6:9) e achou graça aos olhos do Senhor (Gênesis 6:8). Noé tinha uma relação pessoal com o verdadeiro Deus e assim foi poupado.

2. Deus exerceu controle absoluto sobre as forças da natureza ao causar o dilúvio ("Eis que vou trazer águas sobre a terra", conforme Gênesis 6:17).

3. Deus ordenou que Noé construísse a arca (Gênesis 6:14) e trouxesse os animais locais que vieram a ele para dentro da arca (Gênesis 6:19-20), e o Senhor Deus encerrou Noé e sua família na arca (Gênesis 7:16).

4. Deus conteve as águas do dilúvio (Gênesis 8:1-3) e trouxe a arca em segurança para as "montanhas de Ararate" (Gênesis 8:4).

5. Deus estabeleceu uma aliança com Noé (Gênesis 6:18) e fez do arco-íris um sinal dessa aliança (Gênesis 9:13).

O dilúvio de Noé foi um milagre porque Deus interveio em suas leis físicas. Não é preciso invocar a noção de suspensão ou violação das leis naturais em "milagres naturais". A ação divina pode simplesmente ser entendida como leis de ordem superior (o propósito final de Deus) trabalhando perfeitamente com leis de ordem inferior (as leis físicas de Deus) [481]. **Por acaso o dilúvio deixa de ser um milagre apenas porque pode ser explicado, até certo ponto, por processos naturais? Claro que não. Essa é a natureza dos "milagres naturais": a intervenção oportuna de Deus em processos naturais** [482].

Um dos melhores exemplos de um "milagre natural" que vem à mente é Jesus repreendendo os ventos e o mar (Mateus 8:23-26). Em Mateus 8:26, a calmaria dos ventos e do mar poderia ser explicada por uma mudança repentina da pressão barométrica – o que provavelmente foi o caso. Mas Deus fez que essa mudança ocorresse exatamente quando Cristo ordenou que as ondas e o vento parassem.

Três pontos adicionais devem ser feitos neste momento sobre milagres:

1. Os "milagres naturais", isto é, milagres que podem ser explicados por processos naturais até certo ponto, não são o único tipo de milagre alegado pela Bíblia. "Milagres não naturais", tais como a ressurreição de Cristo, não podem ser explicados por processos naturais (pelo menos como os conhecemos). Não está implícito que "milagres não naturais" não podem ocorrer, ou que não ocorreram.

2. Apenas porque Deus pode realizar "milagres naturais" não significa que todos os desastres naturais são julgamentos de Deus, como foi o caso com o dilúvio de Noé. A maioria dos desastres naturais são devidos a acontecimentos naturais.

3. Para explicar um "milagre natural" como o dilúvio de Noé, não deve ser presumida a ocorrência de milagres não registrados na Bíblia, ou seja, não se deve "tirar milagres da cartola" a qualquer momento. Qualquer teoria, por mais fraca que seja, poderia ser "provada" ao se apelar ao miraculoso ou à onipotência de Deus [483]. A invenção de milagres sobre os quais o texto nada afirma para compensar problemas logísticos é uma fraqueza de interpretação [484]. Se a Bíblia deve ser tomada pelo seu valor nominal, então os milagres que ela realmente afirma devem ser considerados milagres, e milagres não afirmados nas Escrituras não devem ser fabricados.

6.8.2.15. A NOTÁVEL EXATIDÃO DO RELATO BÍBLICO SOBRE O DILÚVIO

Se as reais condições meteorológicas e geográficas da área do Iraque (Mesopotâmia) forem levadas em conta, **a Bíblia mostra notável exatidão em seu registro do dilúvio.** A proposição de que o dilúvio de Noé foi local, e não global, portanto, faz sentido tanto historicamente quanto hidrologicamente.

Resta apenas responder à pergunta mais difícil de todas: "Como a arca poderia ter ido contra a corrente das águas (subindo o gradiente hidrológico) para pousar nas montanhas de Ararate?"

6.8.2.16. EXPLORANDO A PLAUSIBILIDADE DO DILÚVIO BÍBLICO [485]

A possibilidade de que o dilúvio de Noé tenha sido local em vez de global foi rejeitada por muitas pessoas que argumentam que um dilúvio local teria levado a arca para o Golfo Pérsico. **Passemos a explorar a**

possibilidade de que o vento possa ter soprado a arca para o sopé das montanhas de Ararate, contra o gradiente e a correnteza, fazendo-a pousar a cerca de 650 a 700 milhas (1046 a 1126 km) a norte do Golfo Pérsico.

Primeiramente, Alan E. Hill criou um modelo matemático [486] que determina a taxa de influxo de água necessária para inundar toda a área povoada da Mesopotâmia. Então, as profundidades de inundação, faixa de velocidades de fluxo, etc., foram geradas com base em uma leitura literal de Gênesis 6-8. Finalmente, foi apresentado um conjunto plausível de condições de vento (entre muitos possíveis) capazes de transportar a arca para as montanhas de Ararate. Dependendo do peso da arca, as velocidades médias do vento podem ser tão baixas quanto 50 milhas por hora, mas picos próximos a 70 milhas por hora são adequados para realizar a tarefa. Para todos os casos estudados, **as velocidades de vento necessárias estão dentro do que é razoável para uma grande tempestade ciclônica parada sobre a região da Mesopotâmia.**

Alan E. Hill voltou sua atenção para fornecer evidências matematicamente quantificáveis para demonstrar que **um dilúvio local é plausível em termos de Deus ter realizado um "milagre natural"** (um milagre que até certo ponto pode ser explicado por leis naturais).

Mais especificamente, o modelo matemático de Alan E. Hill incorporou as características topológicas mais críticas da região da Mesopotâmia. Então, a descrição bíblica literal do período de chuvas e período de fluxo de água de fontes subterrâneas foi inserida no cálculo. A Bíblia não fornece informações quantitativas sobre a magnitude das chuvas ou taxas de fluxo das fontes, mas fornece pistas, tais como a duração total das chuvas e fluxo das fontes subterrâneas (150 dias, Gênesis 8:2), a presença de água na posição de pouso da arca (as montanhas de Ararate, Gênesis 8:4), e o momento em que Noé desembarcou da arca, ou seja, quando o solo argiloso secou (exatamente um ano, ou 365 dias, após o início do dilúvio, Gênesis 8:14).

Os detalhes das funções de distribuição de chuva e fluxo das fontes subterrâneas no modelo foram manipulados para que fosse possível descobrir se algum cenário de entrada, ou múltiplos cenários de entrada, poderiam ser fabricados de forma a produzir resultados finais que correspondam a um conjunto completo de previsões estipuladas pelas Escrituras. Além disso, diferentes resultados foram explorados para cobrir casos em que as informações bíblicas são menos claras.

Finalmente, tendo sido desenvolvidas condições de entrada que estão de acordo com as Escrituras, é muito interessante que **os valores requeridos de precipitação e vazão das fontes subterrâneas foram inteiramente consistentes com as condições meteorológicas e hidrológicas reais que podem prevalecer na região da Mesopotâmia** [487].

A arca foi especificada de acordo com as dimensões físicas descritas em Gênesis 6:15, e foi presumido que a ela fosse dotada de outras práticas sólidas de engenharia para minimizar o arrasto e maximizar a estabilidade. A perícia em construção naval existia no tempo de Noé [488]. Além disso, Deus deu a Noé instruções específicas sobre como construir a arca adequada para cumprir seus propósitos (Gênesis 6:14-16). Noé poderia ter usado velas (como era típico dos barcos da época), porém, uma vez que Gênesis não as menciona, seu uso não foi assumido.

A arca foi modelada para estar situada sobre a água de uma maneira em que as forças de arrasto, devido ao fluxo de água, puxem a arca para jusante (o sentido da correnteza), mas ventos intensos que sopram para a direção norte da Mesopotâmia aplicam uma força motriz à porção da arca situada acima da linha de água, a qual tende a conduzir a arca contra o gradiente. A maior parte do "trabalho do vento" é necessária simplesmente para manter a arca no lugar, contra a correnteza. Então, apenas um ligeiro aumento na velocidade do vento é necessário para mover a arca contra a correnteza, para as montanhas de Ararate. Assim, o modelo de computador foi programado para derivar a velocidade do vento versus o tempo necessário para mover a arca de sua posição inicial (assumida) para sua posição final dentro de um período de 40 dias (ou menos).

Usando seu modelo matemático, Alan E. Hill apresentou uma dentre várias formulações de condições possíveis, as quais foram apoiadas por cálculos plausíveis que verificam que **um dilúvio local poderia ter ocorrido dentro da estrutura de parâmetros físicos conhecidos na região da Mesopotâmia. Ou seja, esses eventos podem ser vistos potencialmente como um "milagre natural" à luz de uma leitura literal de Gênesis.**

Alan E. Hill também modelou um de vários cenários possíveis que podem explicar de maneira viável como a arca de Noé poderia ter sido levada ao norte, contra as correntezas, até o sopé das "montanhas de Ararate". **Isso refuta o argumento de que um dilúvio local é inviável porque a arca teria flutuado até o Golfo Pérsico pela corrente do dilúvio, além de explicar como a água pôde permanecer por tanto tempo na bacia hidrográfica da Mesopotâmia sem ter escoado para o Golfo Pérsico.**

Na verdade, se um modelo mais completo incluindo a ação das ondas e os efeitos de cisalhamento do vento tivesse sido incluído na análise, os requisitos de precipitação e velocidade do vento poderiam ter se mostrado ainda menos rigorosos do que os valores mostrados pelo uso do modelo matemático de Alan E. Hill.

6.8.3. A TORRE DE BABEL: CONFUSÃO DE LINGUAGENS E DISPERSÃO DE POVOS

A história sobre a Torre de Babel, a qual relata a confusão das linguagens e a dispersão dos povos, é um dos relatos mais escarnecidos da Bíblia. Céticos afirmam que a linguística moderna tornou desnecessária quaisquer explicações sobrenaturais sobre diversidade de linguagens. No entanto, a elaboração de uma "explicação natural", por mais exata que pareça, não pode provar que uma ocorrência sobrenatural documentada na Bíblia não aconteceu.

As opiniões entre os estudiosos são variadas. Há linguistas e antropólogos que teorizam uma linguagem original comum, enquanto outros sugerem muitas linguagens criadas independentemente. Há céticos que afirmam que não há evidências de uma origem comum da linguagem. Muitos sustentam que a escrita se originou muito mais tarde do que a fala e que as linguagens individuais mudam a uma taxa muito alta para que características comuns sejam preservadas.

Como observado anteriormente, o problema está em compreender o que a Bíblia realmente ensina. O relato bíblico de Babel é muito mal compreendido, tanto da parte de professos cristãos quanto da parte de céticos.

6.8.3.1. UMA EXPLICAÇÃO COMUM E ERRADA SOBRE A TORRE DE BABEL

O relato bíblico de Babel parece ter paralelos com o antigo texto sumério "Enmerkar e o Senhor de Arata", composto por volta do século 21 a.C. Céticos, no entanto, partem de uma premissa de que o relato bíblico pode ser derivado do mito sumério sem ao menos a consideração de uma investigação sincera. Por exemplo, existe a possibilidade que ambos os relatos tenham uma fonte comum (isto é, um evento real ocorrido na antiguidade).

Uma explicação típica é que a verdadeira Torre de Babel era o zigurate do deus Marduque conhecido como "Etemenanki" ("casa da fundação do céu e da terra"), cujas fundações ainda permanecem no local da antiga Babilônia. A construção dele foi iniciada por Hamurabi em aproximadamente 1750 a.C., em homenagem ao patrono da Babilônia, o deus Marduque.

Na época, o império de Hamurabi estava no auge e as escolas na Babilônia ensinavam a primeira língua escrita silábica por meio da escrita cuneiforme. Com o posterior colapso do império, os recursos pararam de fluir para a Babilônia, o trabalho no zigurate parou, e as escolas tiveram que fechar. Após algumas gerações, ninguém mais sabia o que diziam os antigos escritos.

Apenas mais tarde, durante o reinado de Nabucodonosor II, a construção do zigurate foi retomada, mas nunca concluída. O zigurate parcialmente concluído foi demolido em 323 a.C. por ordem de Alexandre, o Grande, o qual pretendia reconstruí-lo. No entanto, sua morte no mesmo ano fez o projeto ser abandonado.

Céticos apontam que nada disso tem nada a ver com o aumento da diversidade linguística ou qualquer divisão de populações em cantos distantes do mundo, mas apenas evidencia a fundação de um grande zigurate abandonado aproximadamente no local mencionado na Bíblia. O Etemenanki é teorizado como tendo sido conhecido pelos judeus durante o cativeiro na Babilônia e, assim, dizem os céticos, os judeus se basearam nesse zigurate para inventar a história da Torre de Babel, sendo ela uma adição pós-exílica à narrativa primordial do Livro de Gênesis.

É triste que, ainda hoje, muitos estudiosos descartam o relato da Torre de Babel, classificando-o apenas como uma "etiologia", isto é, um mito fabricado para explicar a razão de existirem tantas famílias linguísticas em toda a Terra.

No entanto, ao ser compreendido o que realmente a Bíblia ensina, juntamente com uma investigação sincera e aprofundada, constata-se que **o relato não é inventado, mas enraizado em evidências históricas sólidas.**

6.8.3.2. O QUE A BÍBLIA REALMENTE ENSINA SOBRE O OCORRIDO EM BABEL?

> No mundo todo havia apenas uma língua, um só modo de falar. Saindo os homens do Oriente, encontraram uma planície em Sinear e ali se fixaram. Disseram uns aos outros: "Vamos fazer tijolos e queimá-los bem". Usavam tijolos em lugar de pedras, e piche em vez de argamassa. Depois disseram: "Vamos construir uma cidade, com uma torre que alcance os céus. Assim nosso nome será famoso e não seremos espalhados pela face da terra". O SENHOR desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. E disse o SENHOR: "Eles são um só povo e falam uma só língua, e começaram a construir isso. Em breve nada poderá impedir o que planejam fazer. Venham, desçamos e confundamos a língua que falam, para que não entendam mais uns aos outros". Assim o SENHOR os dispersou dali por toda a terra, e pararam de construir a cidade. Por isso foi chamada Babel, porque ali o SENHOR confundiu a língua de todo o mundo. Dali o SENHOR os espalhou por toda a terra. (*Gênesis 11:1-9, "Nova Versão Internacional"*).

A primeira coisa que deve ser entendida nesse relato é que as expressões "mundo todo", "toda a terra" e "todo o mundo" devem ser interpretadas dentro do estreito limite do que era conhecido sobre o mundo naquela época, e não do que se sabe sobre o mundo hoje. **O autor do relato simplesmente não estava falando de todo o planeta Terra, mas do seu mundo conhecido, o qual abrangia principalmente a terra da Mesopotâmia** – uma planície aluvial cercada pelas montanhas e terrenos elevados do Irã, Turquia, Síria e Arábia Saudita.

Quando estudamos sobre o dilúvio, constatamos que a palavra hebraica para "terra" em Gênesis 11:1-9 é *eretz*, um termo que significa "terra" (no sentido de uma extensão limitada de terra seca), "solo", "pó do solo", "poeira do solo", "mundo" ou "país". Também pode se referir a uma porção específica de terra em um sentido geográfico ou político local. Por exemplo, quando Zacarias 5:6 menciona "terra", o texto se refere literalmente à Palestina—uma extensão de terra ou país – e não a todo o planeta Terra. O argumento decisivo para a palavra *eretz* significar "solo" ou "uma extensão de terra" (e não o planeta Terra) é Gênesis 1:10: "À parte seca Deus chamou terra [...]". Deus chamou a "terra seca" de *eretz*. Se Deus definiu "terra" como "terra seca", então nós também deveríamos fazer o mesmo.

Da mesma forma, as palavras hebraicas para "todo" e "toda", embora pareçam conferir uma universalidade ao evento, são usadas em outras partes da Bíblia para eventos locais e, portanto, assim como a palavra hebraica traduzida como "terra", não têm necessariamente um significado todo-inclusivo ou universal.

Um excelente exemplo de como uma linguagem bíblica aparentemente universal é usada em Gênesis para descrever um evento regional está em Gênesis 41:56:

> Quando **a fome já se havia espalhado por toda a terra,** José mandou abrir os locais de armazenamento e começou a vender trigo aos egípcios, pois a fome se agravava em todo o Egito. (*Gênesis 41:56, "Nova Versão Internacional"*).

Essa é a mesma linguagem usada no relato bíblico de Babel. Estava Moisés afirmando que todo o planeta Terra estava experimentando a fome? Claro que não. A "universalidade" desse versículo aplicava-se apenas às terras do Oriente Próximo (Egito, Palestina, Mesopotâmia), e talvez até à área do Mediterrâneo, isto é, **todo o mundo conhecido naquela época.**

Portanto, a "linguagem universal" usada no relato bíblico de Babel é simplesmente a maneira como as pessoas se expressavam naqueles dias para **enfatizar um nível de inclusão** – um tipo de linguagem que não deveria ser tomada literalmente como incluindo o planeta todo, mas no contexto daquilo que o autor bíblico estava enfatizando.

Sendo assim, o que a Bíblia realmente ensina sobre o ocorrido em Babel?

No mundo conhecido da época (o qual abrangia principalmente a terra da Mesopotâmia e talvez alguns arredores) "havia apenas uma língua, um só modo de falar" (Gênesis 11:1). **Não era o planeta todo que tinha uma só linguagem.**

Um grupo de homens, e não o povo do planeta todo, partiu de algum lugar do Oriente e se reuniu em Sinear. Esse povo começou a construir uma cidade e **intentou** também construir uma grande torre cuja altura alcançasse o céu. A intenção desse povo era de "fazer um nome" para si mesmo (um caso de orgulho e exaltação humana). Também, esse povo quis permanecer localizado na mesma área, ao invés de encher a terra, como Deus havia ordenado (Gênesis 1:28; 9:1). Assim, o projeto começou.

O orgulho e a exaltação humana, juntamente com a desobediência da ordem divina, desagradaram a Deus. Aquele era um povo muito unido e dedicado, embora com motivações orgulhosas, que estava agindo em clara desobediência contra Deus. **O potencial desse povo para a perversidade era muito grande.** Portanto, o Senhor declarou: "Venham, desçamos e confundamos a língua que falam, para que não entendam mais uns aos outros" (Gênesis 11:7).

O decreto divino foi executado: **a linguagem daquele povo (e não de todos os povos do planeta) foi confundida.** Uma vez que vários grupos de pessoas não podiam mais entender uns aos outros, **aqueles que falavam a mesma linguagem se agruparam e partiram para outros locais da terra** (Gênesis 11:8), assim cumprindo a vontade divina para ir a outras terras – uma ordem que, antes, negavam obedecer.

Note que o relato bíblico não está afirmando que todas as linguagens e que todos os diferentes povos do planeta Terra tiveram origem em Babel. O ocorrido foi local – aconteceu para um grupo específico de pessoas.

Além do mais, **o relato bíblico não afirma que a Torre de Babel realmente "chegou ao céu",** mas que os construtores tinham a **intenção** de que ela chegasse ao céu – **a torre, na verdade, não foi concluída.**

Eventualmente, os grupos de pessoas que se dispersaram de Babel se encontraram com outras pessoas em outras terras. Esses outros grupos de pessoas podiam, ou não, ter falado a mesma linguagem daqueles que foram dispersos por causa da confusão de suas linguagens. Isso pode ter contribuído para que houvesse uma maior diversidade de linguagens e culturas.

Note, portanto, que o texto não afirma que todas as linguagens e povos do planeta Terra tiveram origem em Babel, nem que toda a humanidade existente se reuniu ali e dali foi dispersa por todo o planeta!

Portanto, a discussão sobre se todas as linguagens vieram ou não de uma linguagem comum é biblicamente irrelevante, assim como a discussão sobre se todos os povos do planeta vieram ou não de Babel é biblicamente irrelevante.

A Bíblia não está contra a ciência no relato sobre Babel.

6.8.3.3. OS TIJOLOS PODERIAM SUPORTAR O PESO DE UMA TORRE TÃO GRANDE?

Apesar de o texto bíblico afirmar que a torre foi abandonada inacabada, não revelando suas dimensões, céticos escarnecem do relato de Babel ao afirmarem que monumentos antigos jamais poderiam ser tão altos a ponto de "atingir o céu".

Em seu livro "Estruturas: ou por que as coisas não caem" (Pelican 1978-1984), o professor J. E. Gordon considera a altura da Torre de Babel. Ele escreveu: "tijolo e pedra pesam cerca de 120 lb por pé cúbico (2.000 kg por metro cúbico) e a resistência ao esmagamento desses materiais é geralmente melhor do que 6.000 lbf por polegada quadrada, ou 40 megapascais. A aritmética elementar mostra que **uma torre com paredes paralelas poderia ter sido construída a uma altura de 7.000 pés ou 2,1 km antes que os tijolos do fundo fossem esmagados. No entanto, fazendo as paredes estreitarem em direção ao topo, eles [...] poderiam muito bem ter sido construídos a uma altura onde os homens de Sinear ficariam sem oxigênio e teriam dificuldade para respirar antes que as paredes de tijolo fossem esmagadas por seu próprio peso morto."**

Portanto, **a velha objeção de que a Torre de Babel não poderia ser muito alta por causa da resistência dos tijolos não tem mérito.** É importante que o relato bíblico dá um detalhe importante sobre os tijolos: eles foram "queimados bem" (Gênesis 11:3). Isso é significativo, pois confere maior resistência aos tijolos.

6.8.3.4. EVIDÊNCIAS DE BABEL NA HISTÓRIA [489]

Existem evidências históricas que dão suporte ao registro de Gênesis sobre o ocorrido em Babel, uma vez que há tradições antigas sobre esse incidente.

Abydenus (um historiador grego de meados do século 4 a.C.), conforme citado por Eusébio, falou de uma grande torre na Babilônia que foi destruída. O registro observa:

> [...] os primeiros homens, confiando em seu tamanho e força, ergueram uma torre que ia para o céu no lugar onde a Babilônia depois estava, mas que os ventos, auxiliando os deuses, derrubaram o edifício sobre as cabeças dos construtores, das ruínas de que a própria Babilônia foi construída. Antes desse evento, os homens falavam a mesma língua, mas depois, pelo ato dos deuses, eles foram levados a diferirem em seus discursos [490].

Em um relato grosseiramente distorcido, embora provavelmente tendo raízes em algum evento antigo, Platão, em uma de suas obras, falou de uma idade de ouro quando os homens falavam a mesma linguagem, mas um ato dos deuses fez com que fossem confundidos em sua fala [491].

Josefo, o historiador judeu, citando uma fonte antiga, registra estas palavras:

> Quando todos os homens eram de uma mesma língua, alguns deles construíram uma torre, como se assim fossem subir ao céu, mas os deuses enviaram tempestades de vento e derrubaram a torre, e deram a cada um sua linguagem peculiar; e, por essa razão, foi que a cidade foi chamada Babilônia (*Antiguidades dos Judeus, 1.4.3*).

Além dessas referências, os detalhes de Gênesis 11 são surpreendentemente exatos a partir de uma perspectiva histórica. Considere os seguintes fatos:

- A identificação de Babilônia com Sinear era aparentemente conhecida nos tempos mais remotos (conforme Gênesis 10:10; Daniel 1:2);
- A alusão a uma torre na Babilônia é certamente consistente com o fato de que tais torres, chamadas **zigurates,** eram comuns naquele local antigo;
- Essas torres consistiam em várias plataformas, construídas uma em cima da outra, progressivamente menores em tamanho, até chegar a um pináculo que acomodava um pequeno templo dedicado a alguma divindade em particular.

Então considere isto: a referência a "tijolo" e "piche" tem um toque genuíno de autenticidade. A região da Babilônia não continha pedras para construção, como era o caso na Palestina. Alguns dos tijolos queimados daquela área foram utilizáveis durante séculos.

Donald J. Wiseman, professor de assiriologia na Universidade de Londres, afirmou com confiança que o registro em Gênesis 11 "tem todas as marcas de um relato histórico confiável" [492]. Speiser afirmou que "o pano de fundo aqui esboçado prova ser autêntico além de todas as expectativas" [493].

6.8.3.5. EVIDÊNCIAS DE BABEL NA ARQUEOLOGIA [494] [495] [496]

Em seu livro "Chaldean Account of Genesis", George Smith do Museu Britânico – o estudioso que traduziu o relato do dilúvio babilônico – publicou um fragmento que lembra o registro mosaico. A inscrição fala de um antigo zigurate:

A construção desse templo ofendeu os deuses. Em uma noite eles derrubaram o que havia sido construído. Eles os espalharam para terras estrangeiras e tornaram estranho o seu discurso. O progresso eles impediram [497].

Uma antiga tabueta de argila, a qual se encontra no Ashmolean Museum em Oxford, Inglaterra, é o texto sumério "Enmerkar e o Senhor de Arata", o qual ajuda a identificar onde o evento pode ter ocorrido. O texto diz: "Naqueles dias [...] (em) a (toda) bússola do céu e da terra as pessoas confiadas (a ele) podiam se dirigir [ao deus] Enlil [senhor do ar], na verdade, apenas em uma única língua. Naqueles dias [...] fez Enki, [...] líder dos deuses, [...] senhor de Eridu, estranhas as línguas em suas bocas, tantos quantos foram colocados lá. As línguas dos homens as quais eram uma".

Talvez a melhor pista para a localização da Torre de Babel tenha sido dada justamente nesse texto. O deus Enki era o senhor da cidade de **Eridu,** 11 km a sudoeste de Ur, no sul da Mesopotâmia. Como Enki era o senhor de Eridu, é fácil deduzir que o evento de confusão de línguas e dispersão de povos ocorreu em Eridu. Há indicações de textos mesopotâmicos que apontam que um nome alternativo para Eridu era Babel.

Evidências arqueológicas apontam que uma migração em massa conhecida como a "expansão de Uruque" ocorreu nessa área, no período pré-histórico tardio de Uruque. A difusão da cultura mesopotâmica do sul dessa região é consistente com a descrição bíblica do que aconteceu após a confusão de línguas: "o Senhor os dispersou dali por toda a terra" (Gênesis 11:8). Além disso, evidências de escavações em Eridu sugerem que um imenso zigurate estava em construção nessa época, mas nunca foi concluído.

Muitos arqueólogos, no entanto, não associam essa evidência com a Torre de Babel, principalmente por erroneamente assumirem que o relato bíblico é uma lenda.

6.8.3.6. A EVIDÊNCIA DE QUE ERIDU FOI A BABEL BÍBLICA [498] [499]

O arqueólogo Dr. Douglas Petrovich explicou cuidadosamente como havia pesquisado todos os dados arqueológicos relevantes para chegar à conclusão específica de que Eridu era o local da Babel original. Talvez o aspecto mais interessante da abordagem do Dr. Douglas seja que ele não começou com a localização de Babel. Em vez disso, ele apontou que Gênesis 11 descreve um povo mais "tecnologicamente avançado" que, de repente, se dispersou por todo o antigo Oriente Próximo, em padrões distintos e novos, os quais poderiam ser facilmente explicados por esse povo ter sido dividido em grupos linguísticos de acordo com suas etnias.

O Dr. Douglas assumiu que essa grande dispersão seria mais fácil de identificar arqueologicamente do que uma torre inacabada. Portanto, ele voltou à fonte da dispersão e, depois, procurou evidências de um grande edifício inacabado. Dessa forma extremamente interessante, ele fez uma engenharia reversa do relato registrado em Gênesis 11 para chegar às suas conclusões.

Uma dessas conclusões foi que, antes dessa dispersão, as pessoas se deslocavam para a vida urbana em apenas um lugar: o sul da Suméria. Curiosamente, Eridu é universalmente reconhecida como a primeira cidade do mundo. O Dr. Douglas também apontou que havia muitos outros locais onde comunidades e aldeias foram estabelecidas, muitas vezes antes de Eridu ser colonizada.

Eridu, ao sul de Ur, parece ser a melhor correspondente da Babel original e do local da torre ao invés da cidade da Babilônia (a qual era mais conhecida e posterior) por várias razões:

- As ruínas do zigurate em Eridu são muito grandes e mais antigas do que quaisquer outras, e parecem combinar melhor com a descrição bíblica da inacabada Torre de Babel;

- Um nome de Eridu em logogramas cuneiformes foi pronunciado "NUN.KI" ("o lugar poderoso" em sumério), porém, muito mais tarde, o mesmo "NUN.KI" foi entendido como significando a cidade de Babilônia;

- A versão grega muito posterior da lista de reis de Beroso (cerca de 200 a.C.) lê "Babilônia" no lugar da "Eridu" mencionada nas versões anteriores, como o nome da cidade mais antiga onde "a realeza foi baixada do céu";

- O Nimrode bíblico, o qual é dito como tendo construído Ereque (Uruque) e Babel, pode ser correspondido com o nome "Enmerkar" ("KAR" significa "caçador", e Nimrode é descrito em Gênesis 10:9 como um poderoso caçador) da lista de reis e de outras lendas, as quais afirmam que ele tinha construído templos na capital Uruque e em Eridu;

- Outras cidades no antigo Oriente Próximo também foram nomeadas como "Babilônia" em algum momento da história, incluindo Nínive, a capital da Assíria.

Eridu era um importante centro de comércio e religião e, no seu auge, era um grande "caldeirão" de culturas e diversidade, como evidenciado nas várias formas de arte encontradas entre as ruínas. Sob os reinados de Ur-Nammu e Shulgi, a cidade prosperou.

Os cidadãos da antiga Eridu estavam orgulhosos de outra estrutura além do templo de Enki: um poderoso zigurate edificado por volta de 2100 a.C. por Ur-Nammu, rei de Ur, e seu filho. Embora sua plataforma erodida tenha apenas cerca de 30 pés (9,1 metros) hoje, sua base de tijolos mede mais de 150 por 200 pés (46 por 61 metros) e, anteriormente, apoiou uma estrutura muito mais imponente. O zigurate de Ur-Nammu foi contruído sobre **outro zigurate ainda mais antigo, o grande zigurate de Amar-Sin, no centro da cidade. Ele tem sido associado com a bíblica Torre de Babel, assim como a cidade tem sido associada com a cidade bíblica de Babel.** Essa associação surge de descobertas arqueológicas que apoiam a afirmação de que **o zigurate de Amar-Sin se assemelha mais à descrição da torre bíblica do que qualquer outra descrição de zigurate na Babilônia.**

Além disso, o historiador babilônico Beroso (cerca de 200 a.C.), o qual foi uma fonte importante para historiadores gregos posteriores, parece estar se referindo claramente a Eridu quando escreveu sobre "Babel" como "Babilônia". Sua "Babilônia" se situa nos pântanos do sul do Eufrates e é patrocinada pelo deus da sabedoria e da água doce Enki. Essa associação sugere fortemente que Eridu é a Babel bíblica original, pois a história do grande zigurate de Amar-Sin provavelmente foi transmitida oralmente antes de Beroso estabelecer a estrutura lendária por escrito.

Eridu foi abandonada intermitentemente ao longo dos anos por motivos que permanecem obscuros e, finalmente, foi deixada para trás completamente por volta do ano 600 a.C.

É importante mencionar que, inicialmente, o nome "Babel" significava "portão de Deus" – em idioma babilônico, o termo era *Bab-ilu,* cuja forma hebraica era "Babel" ou "Bavel" [500]. Com a confusão das linguagens que ocorreu em Sinear, o nome "Babel" se tornou conhecido como "confusão". Babel também foi o nome de uma cidade-estado da planície de Sinear, a famosa Babilônia. A cidade-estado de Ur da Caldeia foi originalmente fundada pelos sumérios e foi de onde saiu o patriarca Abraão (Gênesis 15:7).

A ideia de Eridu ser a Babel bíblica é uma divergência interessante da visão sustentada por muitos estudiosos. Muitos entendem que o texto bíblico ensina que todas as pessoas do mundo viviam em Babel antes de sua dispersão. Como professor de línguas antigas, no entanto, o Dr. Douglas observa que o texto hebraico de Gênesis 11:1-2 não declara que toda a população do planeta Terra se mudou para um único local – o texto declara apenas que as pessoas daquela terra falavam a mesma linguagem.

Vale a pena rever o contexto do relato de Gênesis 11. Após o dilúvio, Gênesis 10 descreve a dispersão de diferentes grupos de pessoas pelo mundo conhecido da época à medida que descendiam dos três filhos de Noé. No final da linhagem de cada filho, Gênesis afirma que os diferentes povos foram divididos em linguagens, clãs e nações. O livro termina essa "tabela de nações" explicando o seguinte:

> São esses os clãs dos filhos de Noé, distribuídos em suas nações, conforme a história da sua descendência. A partir deles, os povos se dispersaram pela terra, depois do Dilúvio. No mundo todo havia apenas uma língua, um só modo de falar. Saindo os homens do Oriente, encontraram uma planície em Sinear e ali se fixaram. (*Gênesis 10:32-11:2, "Nova Versão Internacional"*).

Em suas discussões, o Dr. Douglas observou que a palavra "Sinear" é o cognato hebraico (ou seja, equivalente) da palavra acadiana *Shumer*, a qual os historiadores hoje chamam de "Suméria". Além disso, como é

comum em muitos textos hebraicos, Moisés em Gênesis 11 volta na história para explicar como as linguagens se originaram.

No entanto, quando isso realmente aconteceu? Alguns eruditos acham que Moisés forneceu um indicador cronológico quando escreveu: "A Héber nasceram dois filhos: um deles se chamou Pelegue, porque **em sua época a terra foi dividida**; seu irmão chamou-se Joctã" (Gênesis 10:25). Pelo contexto, faz sentido que essa divisão possa estar se referindo à divisão de povos em Babel, mencionada apenas algumas frases depois. Dependendo da tradição cronológica que se seguir, a massorética ou a Septuaginta (o Dr. Douglas mantém as datas da Septuaginta), Pelegue viveu 5 ou 6 gerações depois de Noé. Se seguirmos as datas massoréticas, são mais de 100 anos, e se seguirmos as datas da Septuaginta, no entanto, são mais de 500 anos. As diferenças das datas na tradição massorética, na Septuaginta e no pentateuco samaritano ocorreram provavelmente porque os eventos foram registrados em um período muito antigo com o uso de números simbólicos preferidos e sagrados da antiguidade (principalmente da Mesopotâmia e do Egito). Os diferentes escribas podem ter tido dificuldade em fazer sentido desses números. Isso, no entanto, não é realmente um problema para a Bíblia – falaremos mais sobre isso adiante.

Novamente, a visão geral de muitos é que todas as pessoas do mundo viviam juntas em Babel. No entanto, o texto bíblico afirma apenas "saindo os homens do Oriente". Se lido no contexto da "tabela de nações" anterior, parece que **isso se refere a uma das muitas migrações de pessoas que se espalharam pelo mundo conhecido da época, muito tempo depois da ocorrência do dilúvio de Noé.**

6.8.3.7. DISPERSÃO E LINGUAGENS [501]

No Livro de Gênesis (Gênesis 10:5,20,31) estão descritos os descendentes de Noé se espalhando, os quais "repartiram entre si as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo as suas famílias, em suas nações". Como isso é possível se, até tal momento, Deus ainda não tinha confundido as linguagens dos descendentes de Noé no evento em Babel de Gênesis 11?

Gênesis 10 lista os descendentes dos três filhos de Noé por várias gerações. As genealogias em Gênesis 10 provavelmente abordam várias centenas de anos. A narrativa de Babel, contada em Gênesis 11:1-9, fornece mais detalhes sobre o momento em que as linguagens foram confundidas. Gênesis 10 fala sobre linguagens diferentes, mas é em Gênesis 11 que se explica como as diferentes linguagens se originaram.

A perspectiva do Dr. Douglas Petrovich é que, após o dilúvio, grupos de pessoas começaram a se espalhar lentamente pela face da terra (não o planeta todo, mas o mundo conhecido da época), conforme documentado em Gênesis 10. Esses grupos viviam em comunidades menores com menos "desenvolvimento tecnológico", algo que o Dr. Douglas diz se encaixar no registro arqueológico.

Em Gênesis 11, no entanto, ele vê um "evento tecnológico" único: um grupo de pessoas sai do Oriente e se muda para as planícies de Sinear. Então, essas pessoas começam a construir a primeira grande cidade. Moisés os descreve como um povo orgulhoso que aplicou habilidades tecnológicas específicas para criar um novo tipo de comunidade urbana onde as pessoas poderiam se exaltar: seu maior edifício (a torre) teria seu topo "nos céus".

A torre não foi construída para adoração e louvor a Deus, mas foi dedicada à glória do homem, para "fazer um nome" para os construtores e para que o povo não fosse espalhado para povoar a terra como Deus queria. Deus, vendo que essas pessoas estavam exaltando a si mesmas e se recusando a cumprir o mandamento de povoar toda a terra, assim se tornando um grande potencial para perversidade, confundiu suas linguagens. Isso fez com que as pessoas de mesma linguagem se agrupassem e partissem para outras terras.

O Dr. Douglas afirma que observa essa dispersão no registro arqueológico. Em alguns lugares, os grupos pós-Babel construíram novas comunidades em regiões subdesenvolvidas. Em outros, massacraram os habitantes locais de uma comunidade existente e tomaram o local. E, em alguns outros, mudaram-se para uma cidade existente, mas viveram em uma área separada – possivelmente as primeiras vizinhanças segregadas do mundo.

Visto dessa perspectiva, o ato de Deus de mudar as línguas em Babel e, então, dispersar os novos grupos linguísticos para outras terras é o que transformou uma única linguagem daquela terra em muitas outras

diferentes. As novas linguagens se espalharam, assim como ondulações em um lago, à medida que os povos interagiam uns com os outros.

No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito para sincronizar o registro arqueológico com o relato bíblico. O problema primário é que poucas pessoas estão trabalhando nessa área. Ainda há de se trabalhar na conciliação dos vários métodos de datação, dados arqueológicos e as diferentes tradições cronológicas. O Dr. Douglas explora isso ainda mais em seu vídeo "Carbon Dating & the Septuagint", também incluído em "Beyond Is Genesis History? Vol. 3 – Bible and Stars".

A explicação mais longa e técnica por trás dos argumentos se encontra nas palestras da "2017 IGH Conference on YouTube: Identifying the Post-Babel Dispersion and Identifying Babel and its Tower".

6.8.4. A LONGEVIDADE E GENEALOGIAS EM GÊNESIS [502]

Entre os maiores obstáculos à fé na Bíblia estão as longevidades incrivelmente longas dos patriarcas e as cronologias de Gênesis 5 e 11 que parecem situar a idade da Terra em cerca de 6.000 anos (dependendo da contabilização das genealogias esse tempo pode ser estendido).

A chave para entender os números em Gênesis é que, na visão de mundo da Mesopotâmia (lembre-se que os hebreus descendem dos mesopotâmios), os números podem ter significado tanto real (numérico) quanto sagrado (numerológico ou simbólico). Os mesopotâmios usavam um sistema de números sexagesimal (base 60), e as eras patriarcais em Gênesis giram em torno dos números sagrados 60 e 7. Além dos números sagrados da Mesopotâmia, os números preferidos 3, 7, 12 e 40 são usados tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento.

Tomar números figurativamente não significa que a Bíblia não deva ser tomada literalmente. Significa apenas que o escritor bíblico estava tentando transmitir uma verdade espiritual ou histórica ao texto – uma verdade que superava o significado de números puramente racionais.

6.8.4.1. O SISTEMA DE NÚMEROS DA MESOPOTÂMIA

Os mesopotâmios foram os primeiros a desenvolver a escrita, a astronomia, a matemática (álgebra e geometria), um calendário e um sistema de pesos e medidas, contabilidade e dinheiro [503]. Mesmo no período Ubaid (~3800-5500 a.C.), os arquitetos da Mesopotâmia estavam familiarizados com vários princípios geométricos, tais como 1:2, 1:4, 3:5, 3:4:5 e 5:12:13 e triângulos para disposição de edifícios [504].

Por volta de 3000 a.C., os escribas estavam trabalhando com números irrealisticamente grandes e pequenos [505]. Os mesopotâmios foram os primeiros a chegar a logaritmos e expoentes de seus cálculos de juros compostos [506]. Eles sabiam como resolver sistemas de equações com duas ou mais incógnitas [507] e calcularam o valor de *pi* com exatidão de 0,6% [508]. O chamado "Teorema de Pitágoras" foi inventado pelos mesopotâmios mais de 1.000 anos antes de Pitágoras viver, e era conhecido não apenas por casos especiais, mas em plena generalidade [509].

6.8.4.2. NÚMEROS SEXAGESIMAIS

Os textos matemáticos dos sumérios ou babilônios (pessoas que viviam no sul da Mesopotâmia) mostram que essas pessoas usavam regularmente um sistema de numeração sexagesimal pelo menos na época de Uruque (cerca de 3100 a.C.). Junto com os números 60 e 10, números em que seu sistema sexagesimal-decimal combinado foi baseado, o número 6 também foi usado em um "sistema bi-sexagesimal" [510]. Exemplos do sistema sexagesimal ainda estão conosco hoje na forma do círculo de 360 graus, na forma de graus de 60 minutos e minutos de 60 segundos e, em relação a tempo, a hora de 60 minutos e o minuto de 60 segundos. A base sexagesimal dos mesopotâmios para o tempo também se reflete em seu ano de 360 dias (60 x 6), onde um "13º mês" (chamado *"iti dirig"*) foi adicionado a cada seis anos para compensar os dias em um período real de 365 dias do ano solar [511]. Um sistema sexagesimal (base 60) possibilitou que os sumérios construíssem uma família de sistemas de medição inter-relacionados, com sequências de unidades padrão de ocorrência natural que eram fáceis de lidar quando eram computados [512].

Uma desvantagem do sistema de numeração sumério era sua **ambiguidade.** Os sumérios escreveram seu sistema de números em escrita cuneiforme – uma série de marcas em cunha impressas em tabuetas de argila. Embora os babilônios tivessem desenvolvido o importante princípio de "posição" (notação de valor de lugar) na escrita de números, o valor absoluto dos dígitos impressos em tabuetas cuneiformes permaneceu uma questão de adivinhação inteligente [513]. Outra incerteza foi introduzida pelo fato de que um espaço em branco em um texto cuneiforme, às vezes, poderia significar zero – os mesopotâmios não tinham símbolo para zero [514]. Na prática, esses tipos de ambiguidades não eram tão sérias para os escribas mesopotâmicos, uma vez que a ordem de magnitude e a posição dos números podiam ser percebidas a partir do contexto da tabueta (por exemplo, se a tabueta denotasse rações de cevada, anéis de prata ou qualquer outra coisa). No entanto, **tais ambiguidades contextuais podem ter criado confusão para os escribas bíblicos hebraicos posteriores que não estavam familiarizados com o sistema sexagesimal e suas peculiaridades.**

Apesar de existirem dificuldades inerentes ao sistema de numeração sexagesimal dos mesopotâmios, elas não são consideradas o maior problema quando se trata de entender as idades dos patriarcas. A consideração mais importante a esse respeito é o conceito de **números sagrados** dos mesopotâmios.

6.8.4.3. NÚMEROS SAGRADOS

Os mesopotâmios incorporaram dois conceitos de números em sua visão de mundo: (1) os números podem ter valores reais e (2) os números podem ser descrições simbólicas do sagrado.

Os números "reais" eram usados nas questões administrativas e econômicas cotidianas de contabilidade e comércio (recibos, empréstimos, distribuição de mercadorias, pesos e medidas, etc.), construção (arquitetura), assuntos militares e tributação. No entanto, alguns números dos sistemas sexagesimais, como *sossos* (60), *neros* (600) e *saros* (3.600) ocupavam um lugar especial na matemática e astronomia babilônicas [515].

Na religião, os principais deuses da Mesopotâmia receberam números de acordo com sua posição na hierarquia divina. Por exemplo, Anu, o chefe do panteão de deuses da Mesopotâmia, recebeu 60, o número mais perfeito na hierarquia. Além disso, os mesopotâmios às vezes usavam números criptograficamente, como no caso de nomes possuindo um valor numérico correspondente. Por exemplo, durante a construção de seu palácio em Khorsubad, Sargão II declarou: "Eu construí a circunferência da muralha da cidade com 16.283 côvados, o número do meu nome" [516].

Pelo menos a partir do final do terceiro milênio a.C., "números sagrados" foram usados em assuntos religiosos para deuses, reis ou pessoas de alta posição. Assim como um nome tinha um significado especial para os antigos (Noé em Gênesis 5:29, por exemplo), um número também poderia ter significado em si mesmo. Ou seja, **o propósito dos números em textos religiosos antigos poderia ser numerológico ao invés de numérico** [517].

Numerologicamente, o valor simbólico de um número era a base e o propósito de seu uso, e não o seu valor comum em um sistema de contagem. **Uma das considerações religiosas dos antigos envolvidos em números era certificar que qualquer esquema de numeração funcionasse numerologicamente, ou seja, que o esquema de numeração tivesse usado e somado os números certos simbolicamente.** Isso é distintamente diferente de um uso comum em que a preocupação primordial é que os números somem o total aritmético correto. Outra maneira de ver isso é que **os números sagrados usados pelos mesopotâmios davam um tipo de "dignidade religiosa" ou respeito a pessoas importantes ou a um texto literário.**

Os números sagrados também se encaixam na visão de mundo de simetria e harmonia dos mesopotâmios, a qual estava no centro de seu significado de vida. Era importante associar a vida de alguém aos números certos e evitar números errados que pudessem trazer desarmonia (algo parecido com o conceito chinês de *yin* e *yang*). Os números simbólicos eram de maior valor nos textos religiosos porque eles eram considerados os portadores da verdade e da realidade.

E qual era a unidade "realmente grande" para os mesopotâmios — o número em torno do qual girava todo o seu sistema matemático? Era o número 60 e, em menor grau, o número 10, ou alguma combinação desses dois números (por exemplo, 60/10 = 6, ou 60 x 10 = 600) [518]. Como 60 era considerado a unidade fundamental do sistema sexagesimal, não é de surpreender que tenha sido considerado sagrado.

6.8.4.4. A CONEXÃO MESOPOTÂMICA-BÍBLICA

Especialistas em estudos bíblicos e mesopotâmicos tentaram ao longo dos anos mostrar as tradições comuns de ambas as culturas, incluindo as histórias da criação, do dilúvio e os números contidos em Gênesis. Histórias dos antigos acadianos (norte da Mesopotâmia) e as culturas sumérias (sul da Mesopotâmia) também falam de vidas extraordinariamente longas de pessoas importantes. Isso não é prova de longa expectativa de vida, mas apenas atesta que as duas culturas estavam conectadas em seu conceito duplo de números sagrados e comuns, e que as pessoas de ambas as culturas foram educadas essencialmente no mesmo currículo matemático [519].

De forma semelhante aos mesopotâmios, os egípcios exageraram "longos reinados" para seus deuses e reis [520], e isso parece ter sido uma tradição religiosa comum para os povos do antigo Oriente Próximo. Vários estudiosos tentaram especificamente determinar matematicamente uma conexão numérica entre os longos períodos de tempo nas listas de reis sumérios e as longas eras dos patriarcas em Gênesis [521]. No entanto, apesar dessas tentativas, ainda não há relação absoluta demonstrável entre os dois além de uma semelhança superficial [522].

O que emergiu desses estudos comparativos, no entanto, é que o conceito de números mudou ao longo do tempo. Enquanto os mesopotâmios usavam um sistema com base sexagesimal, os hebreus séculos depois usavam apenas um sistema com base decimal.

Mudança do conceito dos números ao longo do tempo

Antes de 2000 a.C.	1500 a.C.	1000 a.C.	Primeiro século d.C.	Idade Média	2000 d.C.
Mesopotâmia	Egito	Palestina	Palestina	Europa	Mundo ocidental
Números sexagesimais; números exagerados; números sagrados (60 e 7); Gênesis (até Abrão).	Números decimais (José, Moisés, Josué); números preferidos e figurativos (40, 12, 7 e 3).	Números decimais (Davi, Salomão); números reais, mas uso religioso de números preferidos.	Época de Cristo; uso de números reais, uso de números preferidos caindo em desuso.	Números reais apenas; conceito de números sagrados mesopotâmicos totalmente perdido.	Tabuetas cuneiformes encontradas; conceito de números sagrados redescoberto.

Um cenário possível para essa mudança observada é que, quando Abrão deixou a Mesopotâmia (Ur) para a Palestina, ele e seus descendentes entraram em contato com outros povos semitas e com os egípcios, os quais usavam o sistema decimal [523]. Assim, gradualmente, o sistema decimal substituiu o sistema sexagesimal na visão de mundo numérica dos hebreus à medida que se deslocavam da Mesopotâmia para a Palestina, para o Egito, e de volta à Palestina. Certamente, Moisés, o autor/compilador de Gênesis, teria usado o sistema decimal, tendo sido criado e educado no Egito, mas talvez alguns dos elementos numerológicos da visão de mundo dos mesopotâmios tenham permanecido na cultura hebraica mesmo nessa época. Parece certo que uma cronologia sólida e realmente histórica havia se estabelecido em Israel na época de Davi (cerca de 900 a.C.), pois duzentas datas cronológicas nos livros de Samuel, Reis e 1 e 2 Crônicas são, com poucas exceções, de notável consistência [524]. No entanto, mesmo então, e muito depois, os números preferidos ou figurativos continuaram sendo usados tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Durante a Idade Média, o conceito de "números sagrados" foi perdido, e não foi até a descoberta e publicação dos textos matemáticos babilônicos no século vinte que a natureza numerológica das eras patriarcais foi redescoberta.

Essa mudança na concepção dos números pode ser a razão para a diminuição geral dos períodos de vida (de 930 anos para Adão até 175 anos para Abraão) e de geração de descendentes dos patriarcas ao longo do tempo. A tendência de uso de números sagrados exagerados diminuiu depois que os hebreus deixaram a Mesopotâmia e lentamente adquiriram uma visão de mundo numérica diferente na Palestina e no Egito. No entanto, na tendência geral de diminuição da idade, há um enorme salto na idade de geração dos descendentes de Noé. Isso pode significar uma tentativa do escritor bíblico de favorecer os mais justos, ou aqueles que "se destacam" dos demais devido à sua proeminência no desenrolar da história (ou seja, Noé foi o herói do dilúvio). Naor, uma pessoa relativamente não essencial para a história, no relato bíblico rapidamente gera filhos e rapidamente deixa o mundo. Seu filho Tera, no entanto, uma vez que tem o privilégio de criar um filho tão eminente como Abrão, teve a

concessão de subir da "maré baixa" para a qual a expectativa de vida simbólica havia afundado e "viver" muito mais do que seu pai [525].

6.8.4.5. NÚMEROS PREFERIDOS OU FIGURATIVOS

Além dos números mesopotâmicos "sagrados" nos primeiros capítulos de Gênesis, o restante da Bíblia usa "números preferidos" consistentes com a mudança de visão de mundo numérica dos hebreus. Até mesmo uma leitura superficial da Bíblia revela que certos números são usados repetidamente. Entre esses números preferidos estão 3, 7, 12 e 40.

O número 3 é o número de ênfase na Bíblia. Por exemplo, "santo, santo, santo" significava que Deus estava sendo especialmente santificado. Jesus muitas vezes se repetia três vezes para enfatizar um ponto, ou coisas eram feitas três vezes para ênfase. O número 3 também simbolizava **completude** – por exemplo, quando Jesus ressuscitou dos mortos em 3 dias, sua missão estava completa. Também, Jonas esteve no ventre da grande criatura marinha por "3 dias e 3 noites". Jesus afirmou que "em 3 dias o templo seria erguido".

O número 7 era especialmente sagrado para os judeus por causa do sábado, o sétimo dia de sua semana. Assim como o último dia da semana, o número 7 significava plenitude, contentamento e paz [526]. É um símbolo bíblico recorrente de **plenitude e perfeição:** 7 candelabros de ouro, 7 espíritos, 7 palavras de louvor, 7 igrejas, 70 (7 x 10) nações, 70 (7 x 10) anciãos, perdoar 70 x 7 vezes, a idade de Tera de 70 (7 x 10), a idade de Lameque de 777, etc.

A adição de sete aos números arredondados do sistema sexagesimal é típico de alguns dos períodos de vida patriarcais registrados em Gênesis. No sistema sexagesimal, 120 (60 x 2) significava um número grande ou muito tempo. 127 (120 + 7) significava um número ainda maior, como nos anos da vida de Sara (Gênesis 23:1) ou no número de províncias governadas por Xerxes (Assuero), rei da Pérsia (Ester 1:1). O número setenta (7 x 10) também pode não representar um número exato, mas isso não era importante para o modo de pensar tradicional [527]. **O número setenta simbolizava um ideal numérico, não uma realidade numérica.** Assim, no capítulo 10 de Gênesis, setenta nações são mencionadas – um número simbólico entre os israelitas para qualquer família abençoada com fertilidade (por exemplo, os 70 "filhos" de Jacó que desceram ao Egito em Gênesis 46:27 e Êxodo 1:5).

O número 12 (6 x 2) é outro que é repetido várias vezes na Bíblia. Há menção de 12 colunas, 12 poços, 12 fontes, 12 pedras preciosas, 12 taças de prata, 12 colheres de ouro, 12 novilhos, carneiros, cordeiros e bodes, 12 bolos, 12 frutas, 12 pérolas, 12 tribos de Israel, 12 tribos de Ismael, 12 distritos de Salomão, 12 portões da Nova Jerusalém, 12 discípulos de Jesus, 12.000 cavaleiros (12 x 10 x 10 x 10), 144.000 remanescentes de Israel (12 x 12 x 10 x 10 x 10), etc. **Doze era símbolo de integridade e totalidade** [528].

O número 40 também ocorre muitas vezes na Bíblia em diferentes contextos, e pode ser tomado literal ou figurativamente (como representando um longo período de tempo). O dilúvio durou 40 dias e 40 noites, Moisés jejuou 40 dias e 40 noites, Jesus jejuou 40 dias e 40 noites. Os israelitas estiveram no deserto por 40 anos. Jesus foi visto por seus discípulos após sua ressurreição por 40 dias. Jonas pregou a Nínive por 40 dias. Salomão, Davi e Saul são creditados com um reinado de 40 anos. Golias se apresentou 40 dias.

No caso de todos esses números preferidos, quais devem ser considerados literais e quais figurativos? O significado atribuído a esses números no momento da escrita dos textos é algo que podemos apenas tentar adivinhar hoje. Se há um princípio específico subjacente a esses números figurativos, tal princípio não é mais facilmente aparente [529].

A menos que assumamos que Deus prefere certos números a outros e, de alguma forma, transmitiu essa preferência aos hebreus, **devemos reconhecer que, em muitos casos em que números preferidos são usados na Bíblia, eles devem ser tomados simbolicamente ou figurativamente.** Isso é, por exemplo, uma das chaves para o entendimento correto do Livro de Apocalipse. Além disso, devemos reconhecer que os judeus (incluindo Jesus), **às vezes, usavam propositalmente números preferidos apenas por causa de seu significado histórico e/ou espiritual.**

Como afirmamos anteriormente, tomar um número simbolicamente ou figurativamente não significa que a Bíblia não deva ser tomada literalmente. Significa apenas que o escritor bíblico estava tentando transmitir uma verdade espiritual ou histórica ao texto – uma verdade que superava o significado de números puramente racionais.

6.8.4.6. AS IDADES LONGAS DOS PATRIARCAS

Tendo discutido o conceito de números sagrados e comuns dos mesopotâmios, com seus duplos significados numerológicos e numéricos, podemos agora enfrentar o difícil problema das longas idades dos patriarcas.

Pela palavra "patriarca" entende-se qualquer um dos personagens bíblicos considerados pais da raça humana ou dos israelitas, isto é, de Adão até Abraão, ou "o livro da história de Adão" especificamente delineado nos capítulos 5 e 11 de Gênesis. Em outras palavras, o termo será usado neste estudo em seu sentido geral, não no sentido específico de Abraão, Isaque, Jacó e José.

Uma lista dos patriarcas de Adão a Abraão, contendo suas idades quando seus primeiros filhos nasceram, seus anos restantes de vida e o total de anos, é mostrada na tabela a seguir. Essas idades são então "decifradas" em seus componentes comuns com respeito aos números sexagesimais (sagrados) dos mesopotâmios ou aos números preferidos dos hebreus.

Patriarca	Idade (anos) quando nasce o primeiro filho	Números sexagesimais e preferidos	Restante dos anos de vida	Números sexagesimais e preferidos	Total de anos	Números sexagesimais e preferidos
Adão	130	60x2 anos + 60x2 meses	800	60x10x10 meses + 60x60 meses	930	60x3x5 anos (5 anos são 60 meses) + 60x5 anos (5 anos são 60 meses)
Sete	105	60x10x2 meses + 60 meses	807	60x10x10 meses + 7 anos	912	60x3x5 anos (5 anos são 60 meses) + 5 anos (5 anos são 60 meses) + 7 anos
Enos	90	(6+6+6) x 60 meses	815	60x10x10 meses + 60x60 meses + 60x3 meses	905	60x3x5 anos (5 anos são 60 meses) + 5 anos (5 anos são 60 meses)
Cainã	70	7x2x5 anos (5 anos são 60 meses)	840	60x10x10 meses + 60x60 meses + 60x8 meses	910	60x3x5 anos (60 meses) + 2x5 anos (5 anos são 60 meses)
Maalalel	65	60 anos + 5 anos (5 anos são 60 meses)	830	60x10x10 meses + 60x60 meses + 60x6 meses	895	60x3x5 anos (60 meses) - 5 anos (5 anos são 60 meses)
Jarede	162	60x6x5 meses + 5 anos (5 anos são 60 meses) + 7 anos	800	60x10x10 meses + 60x60 meses	962	(60+60+60+6+6) x 60 meses - 5 anos (5 anos são 60 meses) + 7 anos
Enoque	65	60 anos + 5 anos (5 anos são 60 meses)	300	60x5 anos (5 anos são 60 meses)	365	60x6 anos + 5 anos (5 anos são 60 meses) = 1 ano solar
Metusalém	187	60x3 anos + 7 anos	782	60x10x10 meses + 60x60 meses - 6x3 anos	969	(60+60+60+6+6) x 60 meses -5 anos (60 meses) + 7 anos + 7 anos
Lameque	182	60x7x5 meses + 7 anos	595	60x10 anos - 5 anos (5 anos são 60 meses)	777	7x10x10 + 7x10 +7 anos
Noé	500	60x10x10 anos	450	40x2x5 anos (5 anos são 60 meses) + 10x5 anos (5 anos são 60 meses)	950	60x3x5 anos (5 anos são 60 meses) + 10x5 anos (5 anos são 60 meses)

				Dilúvio		
Sem	100	60x10x2 meses	500	60x10x10 meses	600	60x10 anos
Arfaxade	35	7x5 anos (5 anos são 60 meses)	403	40x2x5 anos (5 anos são 60 meses) + 3 anos (3 anos são 6x6 meses)	438	40x2x5 anos (5 anos são 60 meses) + 60x6 + 60 + 6x6 meses
Salá	30	60x6 meses	403	40x2x5 anos (5 anos são 60 meses) + 3 anos (3 anos são 6x6 meses)	433	40x2x5 anos (5 anos são 60 meses) + 6x(60+6) meses
Héber	34	60x6 meses + 6x8 meses	430	40x2x5 anos (5 anos são 60 meses) + 6x60 meses	464	40x2x5 anos (5 anos são 60 meses) + 60 anos + 6x8 meses
Pelegue	30	60x6 meses	209	40x5 anos (5 anos são 60 meses) + 5 anos (5 anos são 60 meses) + 6x8 meses	239	40x5 anos (5 anos são 60 meses) + 6x6 anos + 6x6 meses
Reú	32	60x6 meses + 6x4 meses	207	40x5 anos (5 anos são 60 meses) + 5 anos (5 anos são 60 meses) + 6x4 meses	239	40x5 anos (5 anos são 60 meses) + 6x6 anos + 6x6 meses
Serugue	30	60x6 meses	200	40x5 anos (5 anos são 60 meses)	230	40x5 anos (5 anos são 60 meses) + 60x6 meses
Naor	29	60x6 meses - 6x2 meses	119	60x2 anos - 6x2 meses	148	60x10x2 meses + 6x8 anos
Tera	70	7x2x5 anos (5 anos são 60 meses)	135	60x2 anos + 60x2 meses + 5 anos (5 anos são 60 meses)	205	40x5 anos (5 anos são 60 meses) + 5 anos (5 anos são 60 meses)
Abraão	100	60x10x2 meses	75	5 anos (5 anos são 60 meses) x 3x5 anos (5 anos são 60 meses)	175	60x10x2 meses + 15x5 anos (5 anos são 60 meses)

Todos os números de idade (30 ao todo) de Adão a Noé são uma combinação dos números sagrados 60 (anos e meses) e 7. Nenhum número termina em 1, 3, 4, 6 ou 8 – uma probabilidade de um em um bilhão. Treze números terminam em 0 (algum múltiplo ou combinação de 60), 8 números terminam em 5 (5 anos = 60 meses), 3 números terminam em 7, 5 números terminam em 2 (5 anos + 7 anos = 12) e 1 número termina em 9 (5 anos + 7 anos + 7 anos = 19). Tudo isso não pode ser coincidência. Os mesopotâmios usavam números sagrados, não números reais. Portanto, a intenção do uso desses números não foi que eles fossem entendidos como números reais e, portanto, não devem ser interpretados como tais.

A primeira coisa imediatamente aparente na tabela acima é que **os números listados nas cronologias de Gênesis são baseados no sistema sexagesimal** (60) e podem ser colocados em um de dois grupos: (1) múltiplos de cinco, ou seja, números exatamente divisíveis por cinco, cujo último dígito é 5 ou 0; e (2) múltiplos de cinco com a adição de sete (ou dois setes) [530]. O significado do número cinco é que 5 anos = 60 meses, e combinações ou múltiplos de 60 anos + 5 anos (60 meses) são básicos para a tabela mostrada acima.

Observe que, para os 30 números listados para os patriarcas antediluvianos até o dilúvio (de Adão a Noé), todos terminam em 0, 5, 7, 2 (5 + 7 = 12), ou 9 (5 + 7 + 7 = 19) — uma probabilidade de um em um bilhão! Para toda a lista de 60 números (a lista antediluviana e pós-diluviana), nenhum termina em 1 ou 6 — uma probabilidade de cerca de um em meio milhão. Certamente, se as idades dos patriarcas em Gênesis fossem números aleatórios, como seria de esperar para idades reais, não seria assim. É inconcebível que tudo isso seja acidental!

Sem dúvida, esses números têm um significado especial. Qual é? Seriam algumas dessas idades (aquelas que terminam em zero) números arredondados? As "idades sagradas" estão de alguma forma matematicamente conectadas às idades reais dos patriarcas? Esses números foram "atribuídos" aos patriarcas com base em seu caráter, realizações ou relacionamento com Deus? Ou as idades poderiam ser números criptográficos (gematria) cujos valores numéricos eram atribuídos a diferentes letras dos nomes dos patriarcas? Qualquer que fosse a

intenção específica do escritor bíblico para cada uma dessas eras patriarcais, parece evidente que **o propósito geral do texto era preservar a harmonia dos números** [531].

Outra evidência de que as eras patriarcais em Gênesis não são números reais é que o tempo de vida dos patriarcas é sobreposto. Se as genealogias em Gênesis 5 e 11 fossem literais e completas, então a morte de Adão deveria ser datada na geração do pai de Noé, Lameque [532]. Sem, Arfaxade, Salá e Héber teriam sobrevivido mais tempo do que todas as gerações seguintes, incluindo Tera. Noé teria sido contemporâneo de Abraão por 58 anos e Sem (filho de Noé) teria sobrevivido mais tempo do que Abraão por 35 anos. Mas onde a Bíblia indica que algum desses homens coexistiu? Eles são mencionados como ancestrais respeitados, não como contemporâneos que interagiram com aqueles que nasceram depois, e nem foram mencionados como ancestrais que deviam receber cuidados na velhice. Toda a impressão da narrativa bíblica nos dias de Abraão é que o dilúvio foi um evento que se passou há muito tempo e que os personagens que o viveram já haviam falecido há muito tempo. **Concluir que as eras para os patriarcas são literais é contrário ao espírito do registro que pressupõe lacunas entre as linhas de Adão e Noé e entre Noé e Abraão** [533].

Há outro problema em assumir idades literais absolutas para os patriarcas em Gênesis: essas idades diferem significativamente no texto massorético, na Septuaginta (LXX) e no pentateuco samaritano [534]. As eras antediluvianas antes do nascimento do primeiro filho de Adão a Noé são 1.656 anos no texto massorético, 1.307 no texto samaritano e 2.262 anos no texto da Septuaginta. As eras pós-diluvianas antes do nascimento do primeiro filho no intervalo entre o dilúvio e Abraão são 292 anos no texto massorético, 942 anos no texto samaritano e 1.072 anos no texto da Septuaginta. Se a Bíblia teve a intenção de ser literalmente correta com respeito às eras patriarcais, qual Bíblia está correta? Cassuto argumentou que o texto massorético era a cópia do autógrafo do Antigo Testamento (a partir do qual os outros textos foram modificados) e, portanto, o mais confiável. Além disso, como o texto massorético é a versão que foi usada como base em nossas bíblias, é a versão que tem sido usada nesta discussão e na tabela de idades apresentada acima [535]. No entanto, a Septuaginta foi a versão frequentemente usada e citada por Jesus e os apóstolos, os quais jamais afirmaram quaisquer problemas com os textos. De qualquer forma, a discrepância pode indicar que as **eras em Gênesis não podem ser consideradas invioláveis de um ponto de vista literal.**

6.8.4.7. OUTRAS ESCRITURAS ALÉM DE GÊNESIS

Gênesis não é o único livro da Bíblia em que são usados números simbólicos ou figurativos. Números figurativos são usados em todo o Antigo Testamento e também (mas com menos frequência) no Novo Testamento (Apocalipse, por exemplo). Um exemplo de Escritura fora de Gênesis onde um número simbólico é usado é a descrição de Moisés quando morreu: "Moisés tinha cento e vinte anos de idade quando morreu; todavia, nem os seus olhos nem o seu vigor tinham se enfraquecido" (Deuteronômio 34:7). O número 120 (60 x 2) é mencionado pela primeira vez em Gênesis 6:3: "só viverá cento e vinte anos". Esse número também foi mencionado em um contexto semelhante em um texto cuneiforme encontrado em Emar: "Cento e vinte anos (são) os anos da humanidade – na verdade são sua *causa mortis*." Esse é o único paralelo extra-bíblico conhecido com Gênesis 6:3. **A figura de "120 anos", compartilhada por Gênesis 6:3 e pelo texto de Emar, deve ser considerada como uma figura máxima e ideal, a qual, na visão de mundo da época, somente poderia ser alcançada por indivíduos extremamente virtuosos** [536]. De fato, na Bíblia, há apenas uma pessoa a quem esse tempo de vida foi atribuído — a saber, Moisés.

Da mesma forma, José e Josué foram registrados como morrendo aos 110 anos – um número considerado "perfeito" pelos egípcios. Na antiga doutrina egípcia, a expressão "morreu aos 110 anos" era, na verdade, um epitáfio comemorando uma vida que havia sido vivida desinteressadamente e que resultou em notável benefício social e moral para os outros [537]. **E assim, tanto para José quanto para Josué, os quais vieram da cultura egípcia, citar essa idade era, na verdade, um tributo ao seu caráter.** A descrição "morreu aos 110 anos" não tinha relação necessária com o tempo real da vida de um indivíduo.

6.8.4.8. SIMETRIA NUMÉRICA DA ESCRITURA

Há uma simetria e regularidade em Gênesis que também não pode ser acidental. Em vez disso, parece ter havido uma tentativa intencional de conferir harmonia religiosa e beleza prosaica ao texto, compatível com o estilo da literatura e os conceitos numerológicos da época.

Por exemplo, cada genealogia apresentada nos capítulos 5 e 11 de Gênesis inclui dez nomes. A lista de Adão a Noé contém dez nomes e a lista de Sem a Abrão contém dez nomes (veja a tabela acima). Dividir um texto em um padrão de dez gerações era comum para muitos povos do Oriente Próximo daquela época [538] e refletia um senso geral de importância numérica e harmonia (dez era a base do sistema de numeração decimal para a maioria desses povos, incluindo os egípcios e hebreus). Além disso, a descrição de cada uma dessas dez gerações termina com um pai tendo três filhos. Por exemplo, em Gênesis 5:32, Noé gerou Sem, Cam e Jafé, e, em Gênesis 11:26, Tera gerou Abrão, Naor e Harã. Esse é também o caso da genealogia cainita com Jabal, Jubal e Zilá (Gênesis 4:20-22). Ao terminar cada uma dessas seções com três filhos, uma simetria geral foi estabelecida em Gênesis usando o número preferido 3 para dar ênfase. Assim, parece que a simetria dessas genealogias primitivas é mais artificial do que natural [539]. **Isso não quer dizer que Noé, Tera ou Caim não tivessem três (ou mais) filhos, ou que esses filhos não fossem pessoas históricas reais. Significa que o escritor bíblico mencionou apenas esses filhos para que o texto fosse numericamente simétrico e harmonioso dentro da estrutura geral da intenção religiosa.**

A simetria numérica está contida em todo o Livro de Gênesis. Um excelente exemplo é o capítulo 1, sobre o qual o estudioso hebreu Cassuto fez uma exposição em detalhes [540]. Primeiramente, além do que estudamos na ciência dos seis dias, todo o capítulo é baseado em um sistema de harmonia numérica. Não somente o número sete é fundamental para seu tema principal (Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo), mas também serve para determinar muitos de seus detalhes. O número sete era o número da perfeição e, portanto, a base do arranjo ordenado. Também, uma importância particular foi atribuída a ele no simbolismo dos números. Considerou-se um período (unidade de tempo) perfeito para desenvolver um trabalho importante, cuja ação durou seis dias, chegando a sua conclusão e desfecho no sétimo dia. Também era costume dividir os seis dias de trabalho em três pares, ou seja, em duas séries de três dias cada. Assim, um relato completamente harmonioso da criação, de acordo com outros exemplos antigos de esquemas semelhantes na literatura da época, e usando as regras de estilo na poesia épica antiga e na prosa do antigo Oriente Próximo, seria a forma paralela de simetria encontrada em Gênesis 1, onde o primeiro conjunto de três dias representa um relato geral da criação, enquanto o segundo conjunto de três dias é um relato mais específico dos primeiros três dias.

Estrutura literária de Gênesis 1

Dia um: luz	**Segundo dia:** águas; mar e céu	**Terceiro dia:** terra; vegetação
Quarto dia: luminares (Sol, Lua, estrelas)	**Quinto dia:** criaturas aquáticas e voadoras	**Sexto dia:** criaturas terrestres que comem a vegetação; homem
	Sétimo dia: descanso	

Muito debate tem girado em torno dos tópicos de Gênesis 1: (1) os dias de Gênesis são longos períodos de tempo ou períodos de 24 horas? (2) Como o Sol pode ter sido criado no quarto dia depois das plantas? (3) "De acordo com suas espécies" refere-se à fixidez das espécies? (4) A ciência moderna está em concordância ou discordância com os "dias" de Gênesis 1? Porém, se tomado no contexto apropriado e pretendido da literatura escrita no antigo Oriente Próximo, não há conflito em nenhum desses tópicos. O escritor de Gênesis estava simplesmente escrevendo no estilo cosmogênico e em prosa estilística daquela época [541], sendo que, ao mesmo tempo, o texto transmite tudo o que estudamos na ciência dos seis dias.

Isso nega a importância ou a verdade da revelação de Deus em Gênesis 1 para a humanidade? De jeito nenhum. Se você recebesse uma revelação de Deus, você a escreveria em um estilo predominante hoje, com sua visão de mundo e sua perspectiva cultural. Foi isso que os antigos escribas fizeram. Eles tentaram mostrar o mais alto respeito por Deus usando a linguagem mais sagrada que sabiam criar – onde cada palavra e frase eram pesadas escrupulosamente e tecidas juntas para apresentar o texto mais harmonioso possível. Se levarmos em conta o estilo literário e as concepções numerológicas dos antigos mesopotâmios, os dilemas que surgem por causa do relato da criação desaparecem.

Um olhar ainda mais atento em Gênesis 1 revela a harmonia cuidadosamente construída e intrincada do texto original hebraico massorético [542]. Após o versículo introdutório (Gênesis 1:1), a seção é dividida em sete parágrafos, cada um dos quais pertence a um dos sete dias. Cada um dos três substantivos que ocorrem no primeiro versículo ("Deus", "céus" e "terra") são repetidos ao longo do capítulo em um múltiplo de sete: "Deus" ocorre 35 vezes (7 x 5), o termo "terra" é encontrado 21 vezes (7 x 3), e o termo "céus" aparece 21 vezes (7 x 3).

Cada versículo após o primeiro contém três pronunciamentos que enfatizam a preocupação de Deus com o bem-estar da humanidade (três sendo o número de ênfase), ou seja, expressões como "façamos o homem", "sejam férteis e multipliquem-se" e "eis que dou a vocês todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes". Assim, há uma série de sete ditados correspondentes de tríades (três). Os termos "luz" e "dia" são encontrados sete vezes no primeiro parágrafo, e há sete referências a "luz" na quarta passagem (paralela). "Água" é mencionada sete vezes nos parágrafos dois e três. "Seres"/"animais"/"bestas" são mencionados sete vezes nos parágrafos paralelos cinco e seis. A expressão "ficou bom" aparece sete vezes – sendo que a sétima vez aparece como "muito bom" para dar ênfase. **Supor que tudo isso é mera coincidência não é possível – o texto foi construído propositalmente dessa forma usando números preferidos e simetria prosaica.**

Encontramos o mesmo tipo de simetria e simbolismo em outros capítulos de Gênesis no texto original hebraico massorético. Alguns exemplos que mostram a "firmeza" numérica e a regularidade do texto são: em Gênesis 2, Adão é mencionado 28 vezes (7 x 4); em Gênesis 4:15, vingança será realizada contra quem matar Caim sete vezes; em Gênesis 4:24, Lameque será vingado setenta e sete vezes; os nomes listados na família de Caim, contando de Adão a Naamá, são 14 (7 x 2); e o nome de Caim é mencionado 14 vezes (7 x 2). Na história de Noé e do dilúvio em Gênesis 6-9 também há simetria numérica e paralelismo no texto [543]. O número sete é usado repetidamente: sete dias (Gênesis 7:4,10; 8:10,12); sete pares de animais e pássaros puros (Gênesis 7:2-3); o número de vezes que Deus falou com Noé foi exatamente sete. Repetições (tais como "as águas prevaleceram e aumentaram" em Gênesis 7:17-20,24) são incluídas para efeito de paralelismo de acordo com a convenção estilística costumeira da época. A idade de Noé de 600 anos (60 x 10) era considerada um número perfeito no sistema sexagesimal, e simbolizava a perfeição de Noé como pessoa (Gênesis 6:9). O tamanho da arca era de 300 côvados (60 x 5) por 50 côvados (10 x 5) por 30 côvados (6 x 5) – números que podem ter significados reais e/ou simbólicos (numerológicos).

6.8.4.9. GENEALOGIAS E CRONOLOGIAS BÍBLICAS

As genealogias bíblicas nos capítulos 5 e 11 de Gênesis podem ser usadas como uma escala de tempo cronológica para determinar a data de Adão e Eva e, portanto, a criação do mundo? Houve uma série de tentativas de fazer exatamente isso.

Uma das primeiras tentativas foi a de Jose Ben Halafta no século 2 d.C., o qual calculou que Adão foi criado em 3761 a.C. [544]. Essa data de aproximadamente 3760 a.C. tornou-se parte da tradição judaica ortodoxa e é a base do calendário judaico. A mais famosa dessas cronologias "literais", e a mais citada, é a data estabelecida em 1654 do bispo Ussher para a criação do mundo em 4004 a.C.

Os resultados dessas (e de outras) datas variam, em parte porque os dados em si não são consistentes, em parte porque os três manuscritos mais antigos do Antigo Testamento (texto massorético, pentateuco samaritano e Septuaginta) contêm números diferentes para as eras patriarcais e, em parte, porque as datas históricas escolhidas como referências para relacionar as datas com a era cristã diferem [545].

6.8.4.10. GENEALOGIAS CONDENSADAS

A questão de obter datas da criação desde as eras patriarcais não é tão simples se olharmos cuidadosamente para todo o registro genealógico da Bíblia. As genealogias na Bíblia são frequentemente abreviadas pela omissão de nomes sem importância [546]. Na verdade, a abreviação era a regra geral para os escritores bíblicos, os quais não queriam sobrecarregar seus textos com mais nomes do que o necessário para o propósito pretendido.

Existem numerosos exemplos de abreviação, sendo o exemplo mais notável a genealogia de Jesus em Mateus 1. Por exemplo, no versículo 8, três nomes são omitidos, pois Uzias não era filho, mas tataraneto de Jorão. Outro exemplo é Êxodo 6:16-24, onde parece que Moisés (e Arão) são netos de Coate, filho de Levi. Coate nasceu antes da descida ao Egito (Gênesis 46:11), e a morada dos filhos de Israel no Egito continuou por 430 anos (Êxodo 12:40-41). Agora, como Moisés tinha 80 anos na época do Êxodo (Êxodo 7:7), ele deve ter nascido mais de 350 anos depois de Coate, o qual, consequentemente, não poderia ter sido seu avô. A tradição de dividir as listas genealógicas em um padrão de dez gerações também sugere que **apenas as pessoas mais importantes em listas mais longas foram mantidas.**

Uma vez que se sabe que vários nomes foram omitidos das genealogias bíblicas, é lógico concluir que elas devem ser usadas em um sentido amplo para indicar **descendência geral** (ou seja, "X foi o ancestral da linha que culmina em Y") em vez de uma relação direta de pai para filho ("X gerou Y"). E o fato de se dizer que cada membro de uma série genealógica "gerou" o próximo sucessor não é evidência, em si, de que algumas ligações genealógicas não tenham sido omitidas.

6.8.4.11. DIFERENTES GRAUS DO TERMO "GEROU" E LACUNAS NO REGISTRO GENEALÓGICO

A descendência indicada pelo termo "gerou" na Bíblia nem sempre é de pai biológico para filho, ou mesmo ao longo da linha do filho. Por exemplo, na linha dos "filhos" de Coate, o terceiro, quarto e quinto nomes representam irmãos, não filhos, conforme mostra a comparação de Êxodo 6:24 com 1 Crônicas 6:36-37. Além disso, uma comparação de 1 Crônicas 1:36 com Gênesis 36:11-12 mostra que os "sete filhos de Elifaz" são realmente seis filhos, e o sexto "filho" era a concubina de Elifaz, a qual era a mãe de seu sétimo filho [547].

Às vezes o termo "gerou" nem se aplica a pessoas! O termo pode se referir à geografia (por exemplo, Elisá e Társis em Gênesis 10:4 e 1 Crônicas 1:2), a cidades (por exemplo, Sidom em Gênesis 10:15), a grupos de pessoas ou tribos (por exemplo, Quitim e Rodanim em Gênesis 10:4 e 1 Crônicas 1:17), e até mesmo a nações (por exemplo, Canaã, o neto de Noé, é dito como tendo gerado os jebuseus, amorreus, etc., em Gênesis 10:16-18).

Essas lacunas nas linhas das pessoas e a flexibilidade da palavra "gerou" devem ser consideradas na interpretação das idades declaradas dos patriarcas. Quando é dito, por exemplo, em Gênesis 5:9: "Aos 90 anos, Enos gerou Cainã", como sabemos que "gerou" significa que Cainã era o filho imediato de Enos ou se Cainã era da linhagem da descendência de Enos? Talvez Enos tivesse noventa anos quando seu neto ou bisneto Cainã nasceu.

6.8.4.12. CORRELAÇÃO DAS GENEALOGIAS DE GÊNESIS COM O TEMPO REAL

Se as eras patriarcais fossem consideradas literais e completas, seria possível aproximar a duração do tempo até Adão. Evidências arqueológicas e geológicas colocam Abraão em aproximadamente 2000 a.C. [548]. Se 2.000 anos forem adicionados ao total de 2.046 anos de Adão a Abraão (conforme o texto massorético), essas datas somam cerca de 4000 a.C., ou aproximadamente 6.000 anos antes do presente. Além disso, se for assumido que os dias de Gênesis 1 são dias literais de 24 horas, isso também coloca a criação da Terra e do universo em cerca de 6.000 anos antes do presente.

No entanto, não apenas essa data de 6000 anos para a criação da Terra e do universo não se encaixa com as evidências astronômicas (as quais determinam a idade do universo em aproximadamente 14 bilhões de anos) e as evidências geológicas (as quais determinam a idade da Terra em aproximadamente 4,6 bilhões de anos), mas também não se encaixa com as evidências arqueológicas do Oriente Próximo. Sabe-se que as civilizações egípcias e babilônicas foram altamente desenvolvidas antes de 4000 a.C. e sabe-se também que a cultura Ubaid (a primeira civilização que foi descoberta na Mesopotâmia) é tão antiga quanto 5500 a.C. No entanto, como há "elos perdidos" ou "lacunas" nas genealogias bíblicas, como temos estudado até aqui, essas datas podem ser adiadas ainda mais no tempo.

Mas até onde as genealogias bíblicas podem ser estendidas, uma vez que existem lacunas nos registros? Algumas pessoas sugeriram que Adão pode ter sido um hominídeo criado há cerca de dois ou mais milhões de anos [549], enquanto outros buscaram uma "Eva mitocondrial" ou "Adão do cromossomo Y" que viveram há cerca de 40.000-200.000 anos na África [550]. Embora existam lacunas no registro bíblico, é razoável adiar a data de Adão e Eva de dezenas de milhares de anos para centenas de milhares de anos, ou mesmo para milhões de anos? O intervalo de Coate até Anrão e Arão e Moisés (Êxodo 6:20) é de "meros" 300 anos, não de 3.000, ou 30.000, ou 300.000, ou 3 milhões de anos. A lacuna de Mateus 1:8 é limitada a apenas três gerações reais, compreendendo um total de "apenas" 70 anos, e não de 700, ou 7.000, ou 70.000 anos. As lacunas conhecidas podem retroceder a cronologia bíblica, pelo menos, para várias centenas de anos, e para até cerca de mil anos, no máximo [551].

A própria Bíblia parece restringir o quanto as genealogias em Gênesis podem ser estendidas. De acordo com Gênesis 4:2, Abel era pastor de ovelhas, mas Caim era lavrador da terra. A arqueologia revelou que tanto a agricultura quanto a pecuária (a domesticação de animais, incluindo ovelhas) se originaram no Oriente Médio há cerca de 10.000 anos antes do presente [552]. Se isso for verdade, então Caim e Abel devem ter vivido há, no

máximo, 10.000 anos. Os arqueólogos também sabem que as pessoas começaram a viver em cidades do Oriente Médio durante o quarto milênio a.C. [553], e isso situa Caim e Abel há cerca de 4000 a.C. (ou mais tarde), uma vez que a Bíblia afirma que Caim saiu do Éden e estabeleceu uma cidade (Gênesis 4:17). Além disso, a "lista de profissões" de Gênesis 4:19-22 coloca os descendentes de Caim (Jabal, Jubal e Tubalcaim) em algum lugar no período de cerca de 3300-3100 a.C. [554]. Portanto, **mesmo existindo lacunas entre Adão e seus descendentes, certamente a Bíblia não implica que as lacunas somem milhares ou milhões de anos!**

Da discussão acima, parece que as cronologias bíblicas baseadas nas eras patriarcais se correlacionam aproximadamente com o registro arqueológico do Oriente Médio. Portanto, a seguinte pergunta pode ser feita: as idades patriarcais têm algum significado para o tempo real?

Parece que os escritores bíblicos tinham uma ideia aproximada de quanto tempo real havia decorrido entre Adão e Noé e entre o dilúvio e sua época e, assim, construíram as cronologias para serem encaixadas nesse quadro geral de tempo real, mantendo, ao mesmo tempo, um estilo literário de números sagrados.

Seguindo essa hipótese muito razoável, vamos especular que os escritores bíblicos permitiram aproximadamente 2.000 anos entre Adão e Abrão, com Noé e o dilúvio sendo a pessoa e o evento mais importantes na história. Também vamos supor que, para uma idade média de "geração" de 40 anos, há um total de cinquenta gerações na linha genealógica de Adão a Abrão. Isso implicaria então que trinta gerações de pessoas menos importantes foram excluídas do registro, enquanto apenas as vinte pessoas mais importantes nos dois esquemas de 10 gerações foram incluídas na linha direta de Adão a Abrão. Eras sagradas foram então atribuídas a essas pessoas, condizendo com sua importância relativa no enredo. Por exemplo, Noé tinha 600 anos (60 x 10, um número perfeito) quando o dilúvio começou. Os filhos de Noé teriam sido seus filhos reais – interagindo com ele na arca – mas a idade de 500 anos de Noé quando seus filhos nasceram apenas indica a relativa proeminência de Noé em uma linha de história contendo muitas "lacunas" genealógicas na linha do tempo da descendência de Adão a Noé.

O que então deve ser feito das cronologias de Gênesis? Green concluiu a partir de seu estudo aprofundado de Gênesis que **as genealogias nos capítulos 5 e 11 não se destinavam a ser utilizadas na construção de uma cronologia em uma escala de tempo absoluta e, portanto, não devem ser usadas dessa maneira** [555]. Fazer isso seria um erro fundamental. Seria colocar as cronologias para cumprir um propósito para o qual não foram projetadas e para o qual os escritores bíblicos não pretendiam. **As genealogias bíblicas pretendiam confirmar uma linha específica de descendência para os judeus no Antigo Testamento e de Adão até Jesus no Novo Testamento.**

6.8.4.13. CONCLUSÃO SOBRE A LONGEVIDADE E GENEALOGIAS EM GÊNESIS

O fato de que os números em Gênesis podem ter sido simbólicos em vez de reais é difícil para muitas pessoas aceitarem. Mas será que isso compromete a integridade da Bíblia e significa que ela não é confiável? Será que significa que a Bíblia não pode ser tomada "literalmente"? Não! Significa apenas que **o texto deve ser abordado a partir do entendimento das pessoas que o escreveram.**

Temos que tentar "entrar na mente" desses povos antigos e entender o que a fez funcionar. No caso de Gênesis, devemos tentar entender o texto a partir da visão de mundo do antigo Oriente Próximo de cerca de 2000 a.C., e não da visão de mundo do início dos anos 1600 (a época da versão King James da Bíblia) na Europa, ou da visão de mundo científica dos séculos vinte e vinte e um! **Os povos do antigo Oriente Próximo simplesmente não pensavam, nem se expressavam, da mesma forma que as raças europeias** [556].

A questão importante a ser feita é: "Gênesis e o registro dos patriarcas de Adão a Abrão devem ser considerados mitológicos ou históricos?" Históricos, é claro. No entanto, ironicamente, ao se interpretar os números de Gênesis "literalmente", foi criado um mundo mitológico que não se encaixa no registro histórico ou científico. Ou, como Hyers bem colocou, "inconscientemente, visões 'literais' ou 'concordistas' são interpretações seculares, e não sagradas, do texto" [557]. A visão "literal" (ou numérica) é secular, enquanto a visão "simbólica" (ou numerológica) é sagrada, pois foi assim que os autores bíblicos originais pretendiam que fosse. **Interpretar fielmente Gênesis é ser fiel ao que realmente significa, como foi escrito, e não ao que as pessoas que vivem em uma época posterior supõem ou desejem que seja.** Também é irônico que o "mundo mitológico" criado por

muitos estudiosos sérios e bem-intencionados, baseado em parte nos números de Gênesis, tenha levado milhões de pessoas a rejeitar a Bíblia e as verdades nela contidas.

Concluindo, as idades dos patriarcas são números simbólicos (compostos de números sagrados e/ou preferidos) que podem, ou não, ter alguma correspondência às idades reais. No caso de uma correspondência existir, a forma de efetuar a "conversão" dos números simbólicos para as idades reais foi perdida no tempo. As genealogias bíblicas contêm lacunas, mas não podem ser estendidas até muitos milhares ou milhões de anos. Cronologias bíblicas baseadas nas eras patriarcais **se correlacionam aproximadamente com o registro arqueológico do Oriente Médio,** mas **não foram projetadas para determinar uma linha do tempo absoluta.** No entanto, os textos bíblicos falam de personagens reais e históricos e relatam acontecimentos reais e históricos, além de transmitir aquilo que estudamos na ciência dos seis dias.

6.9. EXAMINANDO O ÊXODO DO EGITO E A CONQUISTA DE CANAÃ [558]

> Então subiu ao trono do Egito um novo rei, que nada sabia sobre José. Disse ele ao seu povo: "Vejam! O povo israelita é agora numeroso e mais forte que nós. Temos que agir com astúcia, para que não se tornem ainda mais numerosos e, no caso de guerra, aliem-se aos nossos inimigos, lutem contra nós e fujam do país". Estabeleceram, pois, sobre eles chefes de trabalhos forçados, para os oprimir com tarefas pesadas. E assim os israelitas construíram para o faraó as cidades-celeiros de Pitom e Ramessés. (*Êxodo 1:8-11, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Eu sou o SENHOR, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão. (*Êxodo 20:2, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Então perguntaram-lhe: "Que sinal milagroso mostrarás para que o vejamos e creiamos em ti? Que farás? Os nossos antepassados comeram o maná no deserto; como está escrito: 'Ele lhes deu a comer pão dos céus'". Declarou-lhes Jesus: "Digo a verdade: não foi Moisés quem deu a vocês pão do céu, mas é meu Pai quem dá a vocês o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá vida ao mundo". (*João 6:30-33, "Nova Versão Internacional"*).

Um dos eventos mais importantes do Antigo Testamento é o êxodo do Egito. Esse evento é comemorado há quase 3.000 anos pelos judeus e desempenha um papel importante na história da nação. Foi durante o êxodo que Deus realizou grandiosos milagres, Israel foi estabelecido como nação, e a Lei de Moisés foi dada. Muitas das festas judaicas vêm do êxodo, como a páscoa, a festa das semanas e a festa dos tabernáculos.

O êxodo também é um evento significativo para os cristãos. Jesus citou o pentateuco várias vezes em seus ensinamentos afirmando a autoria de Moisés e eventos específicos mencionados na jornada do êxodo do Egito (Mateus 8:4; 19:8; Marcos 7:10; 12:26; Lucas 16:31; João 3:14; 5:46). Jesus celebrou o evento da páscoa, o qual é baseado no êxodo do Egito, e deu um novo significado àquela ceia. A importância do êxodo do Egito para o Antigo Testamento e para o Novo Testamento não pode ser subestimada.

No entanto, esse grande evento realmente aconteceu? Existem céticos e arqueólogos que não acreditam que o Antigo Testamento anterior ao Livro de 1 Reis seja histórico. A maioria dos estudiosos questiona a existência de Moisés e a autenticidade histórica do relato do êxodo do Egito. Na verdade, a maioria dos arqueólogos do Oriente Próximo acredita que o relato do êxodo é uma lenda inventada por sacerdotes israelitas do século 8-7 a.C. durante o reinado de Josias. Acreditam que os israelitas eram, na verdade, uma poderosa tribo cananeia que ganhou destaque por volta de 1000 a.C. Postula-se que, assim que esses israelitas originados dos cananeus estabeleceram um pequeno império, criaram o mito do êxodo para dar uma história e uma identidade à nação recém-formada.

Se o êxodo do Egito não tivesse ocorrido, seria um grande golpe na integridade histórica da Bíblia. É por essas razões que precisamos examinar as evidências e verificar se há um caso para o êxodo e a conquista de Canaã.

6.9.1. O CASO DOS CÉTICOS CONTRA O ÊXODO

Vejamos o que alguns dos principais arqueólogos modernos do Oriente Próximo dizem sobre o êxodo do Egito e o início da história de Israel.

Thomas L. Thompson sobre a história bíblica:

> A história da salvação não é um relato histórico de eventos salvadores abertos ao estudo do historiador. A história da salvação não aconteceu; é uma forma literária que tem seu próprio contexto histórico. Com efeito, podemos dizer que a fé de Israel não é uma fé histórica, no sentido de uma fé baseada em acontecimentos históricos; é antes uma fé dentro da história [559].

Dorothy Irvin sobre a história israelita:

> Dessas narrativas [tradição davídica], bem como de todas as narrativas do Pentateuco, o problema histórico não é tanto que elas sejam historicamente inverificáveis, e especialmente não que sejam falsas historicamente, mas que sejam radicalmente irrelevantes como fontes da história de Israel [560].

Israel Finkelstein e Nadav Na'aman sobre a conquista:

> A combinação de pesquisa arqueológica e histórica demonstra que o relato bíblico da conquista e ocupação de Canaã [pelos israelitas] é totalmente divorciado da realidade histórica [561].

Céticos argumentam que há pouca ou até mesmo nenhuma arqueologia que corrobore um evento como o êxodo ou a conquista de Canaã. Argumentam que não há registros extrabíblicos do êxodo no Egito ou no Oriente Próximo. Também apontam que os dados arqueológicos de Canaã não correspondem à data e aos eventos da conquista de Canaã por Israel.

Uma das primeiras coisas que os céticos apontam sobre o assunto é que não há menção aos hebreus nos registros egípcios. Argumentam que as pragas que mataram um grande segmento da população egípcia, arruinando seu suprimento de alimentos, a perda de seu exército e uma migração em massa de escravos saindo do Egito teriam prejudicado a economia, as forças armadas e o governo do país. Se fosse esse o caso, por que nunca isso foi mencionado em algum registro egípcio?

Outro grande ponto de discórdia é a data do êxodo do Egito e a conquista de Canaã. Estudiosos bíblicos conservadores datam o êxodo do Egito em 1446 a.C. baseados em 1 Reis 6:1. Isso significaria que a conquista de Canaã teria ocorrido em 1406 a.C. A maioria dos estudiosos da Bíblia favorece uma data posterior do Êxodo por volta de 1260 a.C. e a conquista em 1220 a.C. com base em Êxodo 1:11, texto que afirma que os israelitas construíram as cidades de Pitom e Ramessés. Ramessés II governou de 1290 a 1230 a.C. Qualquer uma dessas datas é problemática porque a arqueologia na terra de Canaã não fornece um forte apoio para elas.

Uma consideração importante é a cidade de Jericó, a primeira cidade que Josué conquistou depois de cruzar o rio Jordão. A maioria dos arqueólogos concorda que a cidade foi destruída e abandonada de 1550 a.C a 1200 a.C. Portanto, se o êxodo ocorreu em 1446 a.C. ou em 1260 a.C., quando Josué chegou a Jericó, essa cidade deveria estar abandonada. Os céticos também argumentariam que a cidade de Ai, a qual se acredita ser o local moderno de et-Tel, também foi abandonada nessa época. Portanto, muitos concluem que as histórias bíblicas de Jericó e Ai são míticas. Se as histórias de conquista são relatos lendários, céticos concluem que o êxodo do Egito também deve ser.

Parece que os céticos têm tido um forte argumento contra o êxodo. Por gerações, eles parecem ter ganhado o argumento e muitos professos cristãos começaram a admitir que a história do êxodo do Egito pode ser crida com base apenas na fé. Por que não há menção das pragas ou da perda do exército egípcio no Mar Vermelho? Por que há pouca ou nenhuma menção ao êxodo nos registros egípcios, e por que há pouca arqueologia para o êxodo?

Antes de tudo, não há nenhuma necessidade de encontrar evidência extrabíblica para validar os livros do Antigo Testamento, conforme estudamos no segundo estágio deste estudo (integridade).

Além disso, uma vez que as Escrituras do Novo Testamento são verdadeiras e elas afirmam a divindade de Jesus Cristo, torna-se óbvio que o entendimento que Jesus (Deus) tem sobre o Antigo Testamento é a melhor forma de investigar sua veracidade. Portanto, como Deus, Jesus é a última palavra em todas as questões de fé e prática. E Jesus assumiu o Antigo Testamento como verdadeiro.

Jesus citou o Livro de Êxodo (Lucas 18:20), o qual registra os dez mandamentos. Jesus assumiu que esses mandamentos eram obrigatórios para o povo. Em outra ocasião, uma discussão de Jesus com o povo (João 6:30-33)

pressupõe a veracidade do relato da provisão do maná da parte de Deus, o qual o deu como alimento aos filhos de Israel enquanto estavam no deserto. A história do maná no deserto, conforme registrada no Livro de Êxodo, foi pressuposta como uma ocorrência histórica real.

Além do mais, é improvável que acontecimentos tão enraizados na nação judaica, tais como a entrega da lei no Monte Sinai, a páscoa e o maná no deserto, não tenham ocorrido. Histórias inventadas dificilmente têm um impacto tão forte e duradouro em uma nação. Ao ser lido o Livro de Êxodo, é evidente que se trata de narrativa histórica rica em detalhes, profundamente enraizada na nação de Israel, assim como todo o pentateuco.

Existem alguns argumentos que explicam as objeções dos céticos. Em primeiro lugar, enquanto vagava pelo deserto, Israel permaneceu móvel, não erguendo assentamentos ou estruturas permanentes. Em segundo lugar, o Egito, como é o caso da maioria dos reis do Oriente Médio da época, não manteria registros da derrota de sua nação por Israel. Essa derrota não era apenas um golpe no orgulho de um rei, mas o Egito não gostaria de alertar outras nações de que estava em uma posição vulnerável. Em terceiro lugar, de acordo com muitos arqueólogos, **ainda não foi escavada a grande maioria dos sítios e há muito mais descobertas a serem feitas** [562].

Além disso, entenda que **encontrar prova positiva de eventos tão antigos é extraordinariamente raro.** Evidências óbvias normalmente não sobrevivem por três mil anos, ainda que o evento em si seja significativo. É razoável procurar vestígios, evidências circunstanciais, artefatos colaborativos e talvez alguns documentos aleatórios. Porém, insistir que a evidência deve ser encontrada fora da Bíblia é uma tendência injusta, conforme estudamos no segundo estágio deste estudo (integridade). **As Escrituras fazem parte de registros escritos antigos, quer os céticos as apreciem ou não.**

Examinar as evidências de forma justa significa evitar mitos e suposições ruins. Por exemplo, filmes como "O Príncipe do Egito" e "Os Dez Mandamentos" usam o nome "Ramessés" para o faraó do êxodo. No entanto, as Escrituras nunca identificam o faraó usando esse nome. Procurar evidências explícitas do êxodo em conexão com o reinado de Ramessés II é, na verdade, uma tentativa de verificar um filme, e não a Bíblia. Os céticos que assumem que a Bíblia fala de Ramessés não estão apenas olhando para as fontes erradas, mas muito possivelmente para o período de tempo errado.

Como estudamos no segundo estágio deste estudo (integridade), as culturas usaram diferentes sistemas de datação, nem todos consistentes. Mesmo quando há ampla evidência de uma ocorrência, pode ser difícil para os historiadores saberem exatamente quais datas estavam envolvidas. Isso é particularmente verdadeiro na história egípcia, cujo registro é errático. Por exemplo, os egípcios às vezes registravam governantes que reinavam simultaneamente como se fossem consecutivos. Mesmo especialistas em arqueologia egípcia admitiriam que datar qualquer coisa usando registros egípcios antigos requer um "nível inflado de tolerância".

No segundo estágio deste estudo (integridade), verificamos que datar eventos antigos com exatidão é difícil. No entanto, os estudiosos bíblicos tipicamente colocam o êxodo do Egito em algum lugar entre 1400 e 1200 a.C.

Existem algumas evidências arqueológicas que podem ter relação com o relato do êxodo nas Escrituras. Por exemplo:

- Pirâmides construídas com tijolos de barro e palha (Êxodo 5:7-8);
- Esqueletos de bebês de três meses de idade ou menos, geralmente vários em uma caixa, enterrados sob casas em uma cidade escrava chamada Kahun (Êxodo 1:16), o que pode corresponder ao massacre de crianças hebraicas pelo faraó;
- Muitas casas e lojas em Kahun foram abandonadas tão rapidamente que ferramentas, utensílios domésticos e outros pertences foram deixados para trás. As descobertas sugerem que o abandono foi total, apressado e feito em curto prazo (Êxodo 12:30-34,39), o que é consistente com a saída repentina dos israelitas do Egito após a páscoa;

- Os conselheiros do tribunal egípcio usavam varas que se assemelhavam a cobras (Êxodo 7:10-12). Isso corrobora parcialmente com a oposição contra Moisés realizada pelos conselheiros do faraó.

E quanto ao **número de israelitas no deserto?** Céticos afirmam que seria impraticável um número de 600.000 homens, sem contar mulheres e crianças (o que levaria a uma população de 2,4 a 3 milhões de pessoas), ser guiado pelo deserto como o Livro de Êxodo relata. Porém, lembre-se que os eventos do êxodo do Egito se encontram na categoria do miraculoso, e Deus pode de fato ter guiado e sustentado um número tão grande de pessoas.

Em relação aos números, existe a possibilidade de que números usados na contagem de anos e/ou de pessoas no Livro de Êxodo sejam números simbólicos compostos de "números sagrados" e "números preferidos", como abordamos ao estudar sobre as genealogias de Gênesis e o tempo de vida dos patriarcas. Além disso, existem outras possibilidades em relação à contagem do número de israelitas no deserto do êxodo.

O termo hebraico comum *'elep* é tipicamente traduzido como "mil" (Êxodo 18:21), como no primeiro capítulo do Livro de Números. As contagens dadas nesse capítulo são compostas de palavras, não de numerais. Números 1:21, por exemplo, registra os homens da tribo de Rúben como *"sis'sāh vav arbā'im 'elep vav hamēs mē'owt"*, sendo que a tradução literal é "seis e quarenta mil e quinhentos", geralmente traduzido como "46.500".

No entanto, duas palavras nessa frase estão sujeitas a variações: *'elep* e *vav*. O termo *'elep* (ou *'eleph*) é usado em outras partes das Escrituras como uma **referência a grupos,** não a um número literal, incluindo descrições de Israel durante e após o êxodo do Egito. É aplicado a tribos (Números 10:4), clãs (Josué 22:14; Juízes 6:15; Miqueias 5:1), famílias (Josué 22:21) e divisões (Números 1:16).

Além disso, a palavra de conexão *vav* pode significar "e", mas também pode significar "ou", dependendo do contexto. Êxodo 21:15 e Êxodo 21:17, por exemplo, usam *vav* para dizer que certos pecados são cometidos contra o pai "ou" mãe.

Se *'elep* for uma referência a grupos de algum tipo (e não a milhares em termos numéricos), e o segundo *vav* na frase for entendido como "ou", então Números 1:21 seria traduzido como "seis e quarenta clãs, ou quinhentos". A tribo de Rúben, então, teria 500 guerreiros de 46 grupos familiares.

Números 1:46 dá a contagem final de 603.550. Se assumirmos um erro de escriba na cópia desse versículo, o total seria "598 famílias com 5.550 homens". Esse número estaria de acordo com números mais baixos do censo: a população total de israelitas seria de cerca de 22.200, e a família média teria 8 ou 9 filhos (em vez de 60). Tal erro de escrita ou tipográfico é totalmente plausível. Embora a própria língua hebraica represente números usando palavras, os povos antigos costumavam usar um tipo de taquigrafia, empregando linhas ou pontos semelhantes aos marcadores de contagem modernos. Eles teriam sido relativamente fáceis de ser mal interpretados, e a maioria dos possíveis erros de escriba nos manuscritos do Antigo Testamento envolve exatamente esse nível de discrepância (2 Samuel 10:18; 1 Crônicas 19:18; 1 Reis 4:26; 2 Crônicas 9:25; 36:9; 2 Reis 24:8).

Essa solução resolve de forma limpa alguns problemas principais:

- Ela correlaciona mais facilmente o tamanho de Israel com a descrição das Escrituras de seu relacionamento com outras nações, com uma contagem total de tropas de cerca de 5.500;

- Alinha-se mais facilmente com a compreensão histórica do tamanho das culturas contemporâneas, elevando a população total para cerca de 30.000;

- Resulta em uma proporção mais razoável de primogênitos para não primogênitos conforme registrado no censo, com um tamanho familiar médio de cerca de 8 filhos.

No entanto, existem dificuldades:

- Requer um erro de copista em Números 1:46; caso contrário, os números totais não corresponderiam;

- Alguns estudiosos insistem que a gramática hebraica da passagem exige que *'elep* signifique literalmente "mil".

Os números menores do censo são difíceis de conciliar com o número de mortos em três pragas: em vários momentos, 14.700 (Números 16:49), 24.000 (Números 25:9) e 23.000 (1 Coríntios 10:8) morreram. Se o total do censo for considerado como uma nação de 30.000 habitantes, como contabilizamos mais de 50.000 mortes? Em resposta, é justo assumir que os 3.000 mortos no incidente do bezerro de ouro morreram antes do primeiro censo ser feito. Então, durante o tempo de peregrinação pelo deserto, a população aumentou, apenas para ser reduzida novamente pelas outras pragas – o segundo censo de Números 26, na verdade, ocorreu após a praga que matou 24.000. Além disso, quando deixaram o Egito, os israelitas foram acompanhados por uma "multidão mista" (Êxodo 12:38). Esses estrangeiros não foram incluídos em nenhum censo, mas o número de mortos pelas pragas poderia muito bem incluir aqueles que morreram entre esse grupo.

Essas são respostas razoáveis às objeções dos céticos, mas eles insistem que se ocorreram eventos tão importantes quanto o êxodo e a conquista de Canaã, deveríamos encontrar alguns dados históricos que apoiassem tais eventos. No entanto, as descobertas recentes de arqueólogos, juntamente com um estudo cuidadoso do relato bíblico, estão começando mudar esse paradigma.

Podemos construir um caso para o êxodo do Egito? Acreditamos que a arqueologia examinada corretamente constrói um bom argumento para esse evento. Devemos usar a melhor abordagem para examinar as evidências.

6.9.2. UMA ABORDAGEM EQUILIBRADA

Ao examinarmos a autenticidade do relato do êxodo do Egito, devemos começar com uma abordagem correta. Há duas abordagens extremas para estudar a arqueologia bíblica.

Alguns estudiosos da Bíblia baseiam suas conclusões apenas no texto bíblico. Depois de chegar às suas conclusões, alguns olham para os dados arqueológicos, enquanto outros os ignoram. A autoridade acaba indo para suas interpretações do texto bíblico, e muitos descartam a arqueologia que for inconsistente com suas conclusões.

Essa abordagem busca sustentar uma elevada visão das Escrituras e a doutrina da inerrância bíblica. No entanto, existe o perigo de olhar para os dados arqueológicos através de uma lente tendenciosa e fazer com que os dados se encaixem na interpretação de alguém. Houve vários casos significativos em que estudiosos da Bíblia, na pressa de fazer uma conexão bíblica, interpretaram mal os dados arqueológicos e chegaram a conclusões erradas. Além disso, é imprudência ignorar a arqueologia, até mesmo os dados que não correspondem exatamente à proposta interpretação da Bíblia. A arqueologia pode iluminar ou mesmo corrigir nossa compreensão de textos bíblicos.

Outros estudiosos confiam exclusivamente na arqueologia e dão pouca ou nenhuma atenção ao texto bíblico. Eles acreditam que a arqueologia deve ser vista objetivamente e que os estudiosos da Bíblia são contaminados por sua tendência. Então, da mesma forma como abordam os dados com uma agenda, interpretam mal os dados. No entanto, não é sábio ignorar a Bíblia. Ela muitas vezes ajuda os arqueólogos no entendimento do significado e contexto de suas descobertas.

Acreditamos que a melhor abordagem, e a que iremos aplicar, é uma abordagem equilibrada. O Dr. Steven Collins chama isso de **abordagem dialógica.** Essa abordagem examina tanto a Bíblia quanto a arqueologia. Os eventos da Bíblia ocorrem na terra da Bíblia. Os dois estão no mesmo chão e são da mesma realidade. Portanto, o texto pode iluminar os dados da arqueologia, e a arqueologia pode iluminar a Bíblia. Quando parece haver um conflito, não devemos descartar rapidamente nenhuma das fontes. Precisamos examinar o texto bíblico e ter certeza de que interpretamos o texto corretamente. Há momentos em que a arqueologia corrige a interpretação defeituosa. Há momentos em que precisamos reexaminar os dados arqueológicos. Há momentos em que o relato bíblico ajudou a interpretar os dados com mais exatidão, e há descobertas que são capazes de juntar as peças do quebra-cabeça bíblico. Portanto, **nesta abordagem, estaremos interagindo tanto com o texto bíblico quanto com a arqueologia para chegar à conclusão mais razoável.**

Também estaremos olhando para sincronismos históricos. Isso significa que examinaremos as histórias do Egito, do Oriente Próximo e da Bíblia para ver onde há áreas de correspondência umas com as outras. Onde houver correspondência nos vários registros, podemos razoavelmente concluir o tempo e a autenticidade do evento. Acreditamos que essa abordagem equilibrada de estudar o texto bíblico e examinar as evidências arqueológicas fornece a melhor maneira de estudar sobre o êxodo do Egito.

6.9.3. A MIGRAÇÃO BÍBLICA DE HEBREUS PARA O EGITO É PLAUSÍVEL?

A narrativa do êxodo do Egito começa no Livro do Gênesis. Segundo a Bíblia, José foi vendido como escravo pelos seus irmãos e chegou aos egípcios. Pela providência de Deus, José se levantou de um escravo para se tornar o segundo governante mais poderoso do Egito sob o faraó. Eventualmente, José se reencontrou com sua família e ela migrou de Canaã para o Egito. Com a bênção de Deus, a família de Jacó, pai de José, cresceu para uma população considerável. No entanto, Êxodo 1:8 afirma: "Então subiu ao trono do Egito um novo rei, que nada sabia sobre José." Esse rei viu estrangeiros, como os hebreus, como uma ameaça à nação. Para controlar esses estrangeiros, ele os obrigou à escravidão. Assim, Israel foi escravizado por vários séculos.

Os céticos argumentam que a história de José é fictícia por vários motivos. Em primeiro lugar, uma grande migração de asiáticos para o Egito é improvável, pois os egípcios não permitiriam tal coisa. Em segundo lugar, é ainda mais improvável que os egípcios permitissem que um estrangeiro chegasse a uma posição tão proeminente quanto José.

Há evidências de migrantes para o Egito durante esse período? Poderia um estrangeiro realmente se destacar em um império como o Egito?

Um dos temas recorrentes nas narrativas bíblicas patriarcais é a recorrência da seca na terra de Canaã. Por meio de estudos de climatologia, pedologia (estudo do solo), geologia, geografia, geomorfologia, paleobotânica e outras ciências, os arqueólogos podem determinar os climas de cada período e quando ocorreram as secas. Os patriarcas, de Abraão a José, datam da época da Idade do Bronze Médio II (1900-1550 a.C). Durante os períodos anteriores, a Idade do Bronze Intermediário (2300-2100 a.C.) e a Idade do bronze Médio I (2100-1900 a.C.), houve muita chuva e a população do Levante cresceu consideravelmente. Durante o período da Idade do Bronze Médio II, o sul do Levante sofreu vários períodos de seca após 1900 a.C. que levaram milhares de semitas para o delta do Nilo. Sabemos disso porque no solo desse período são observadas areias carregadas pelo vento, e não sedimentos de água nas amostras do núcleo. Isso indica um período de fome. É assim que sabemos que a fome começou no século 19 a.C.

Registros egípcios revelam numerosos registros de grupos nômades entrando no Egito já no século 20 a.C., o que também indica o mesmo durante o tempo dos patriarcas. O comércio entre o mundo semita e o Egito era comumente praticado. Arqueólogos encontraram numerosos artefatos egípcios em toda Canaã desse período, confirmando que havia um grande comércio entre as terras de Canaã e o Egito [563].

Há uma famosa pintura de parede em uma tumba no Egito em Beni Hasan, datada de 1890 a.C., que retrata um grupo de comerciantes asiáticos, ferreiros e pastores que viajam do Levante para o Egito. A pintura em Beni Hasan retrata esses nômades asiáticos com cabelos fartos, barbas e muitos vestindo *kilts* multicoloridos para homens e longas roupas coloridas para mulheres [564]. Gênesis 37:3 afirma: "Ora, Israel gostava mais de José do que de qualquer outro filho, porque lhe havia nascido em sua velhice; por isso mandou fazer para ele uma túnica longa [ou de diversas cores]". Uma "túnica de diversas cores" combina com o estilo de roupa usado durante esse período pelo povo de Canaã.

Existiram migrantes semitas conhecidos como **hicsos** que migraram do Levante para o Egito em 1730 a.C. Os hicsos cresceram em número e finalmente assumiram o trono para governar a região do delta do Nilo ou o norte do Egito por quase um século. Na verdade, as dinastias 15-17 são conhecidas como o **período dos hicsos.** O nome "hicsos" (*hyksos*) é um termo egípcio que significa "estrangeiros". Os hicsos acabaram sendo expulsos em 1570 a.C. [565].

Os hicsos que vieram do Levante teriam recebido Abraão, Isaque e Jacó no Egito. A ascensão de José ao poder teria ocorrido sob os reis hicsos, os quais eram simpáticos aos migrantes, pois eles próprios migraram para o

Egito. Assim, **é razoável que a história dos hebreus migrando para o Egito, florescendo, e José ascendendo ao poder, tenha ocorrido durante o governo dos hicsos.**

6.9.4. ESCRAVIDÃO DOS HEBREUS

O Livro de Êxodo abre com este cenário:

> Então subiu ao trono do Egito um novo rei, que nada sabia sobre José. Disse ele ao seu povo: "Vejam! O povo israelita é agora numeroso e mais forte que nós. Temos que agir com astúcia, para que não se tornem ainda mais numerosos e, no caso de guerra, aliem-se aos nossos inimigos, lutem contra nós e fujam do país". (*Êxodo 1:8-10, "Nova Versão Internacional"*).

Os reis hicsos eram migrantes asiáticos, provavelmente cananeus, que entraram no Egito no século 18 a.C. e finalmente assumiram o governo do Egito. As dinastias 15 a 17 do Egito são conhecidas como a dinastia dos hicsos, a qual dura de cerca de 1650 a.C. a 1550 a.C. Sob o domínio dos hicsos, José ascendeu ao poder e os hebreus viveram em paz e prosperaram no Egito.

Em 1550 a.C., o faraó do sul do Egito chamado Amósis I veio para o norte, derrotou os governantes hicsos e os expulsou da terra. Ele começou a décima oitava dinastia e reunificou o norte e o sul do Egito.

Foi o faraó Amósis I que odiou os migrantes asiáticos no Egito por causa dos hicsos. Para evitar que outro grupo de estrangeiros como os hicsos assumissem o controle do Egito, ele reforçou a fronteira leste do país colocando postos militares ao longo do Mar Vermelho e na fronteira leste do Nilo para manter os asiáticos fora. Depois de construir sua fronteira oriental, ele voltou sua preocupação para os estrangeiros na terra.

Para controlá-los, ele começou a escravidão de estrangeiros e os colocou para trabalhar em projetos governamentais de construção de cidades-armazéns para o império. É nessa época que os egípcios invadiram regularmente as terras de Canaã e da Síria para capturar escravos e trazê-los para o Egito. Eles fizeram isso não apenas para adquirir escravos, mas para controlar a população de Canaã e da Síria. Foi nessa época que a população de Canaã caiu aproximadamente setenta e cinco por cento [566]. Uma vez que os faraós da décima oitava dinastia estavam preocupados em manter a população de estrangeiros baixa, a ordem em Êxodo 1:16 para jogar meninos hebreus recém-nascidos no rio Nilo é muito plausível.

Nos reinos do Antigo Egito e Médio Egito, o trabalho forçado era principalmente para agricultura e uso doméstico. No Novo Império (1540-1170 a.C.), os reis do Egito trouxeram muitos escravos de suas conquistas da Síria e de Canaã. Uma cena na capela do túmulo do vizir Rekhmire (1450 a.C.) mostra escravos estrangeiros fazendo tijolos para as oficinas-lojas do templo de Amon em Carnaque. O pergaminho de couro de Louvre, um documento do século 13 a.C., registra que uma cota de 2.000 tijolos foi exigida dos escravos. Isso é consistente com Êxodo 5:8, passagem que afirma que os israelitas tinham uma cota de tijolos [567].

Êxodo 1:13-14 afirma que os egípcios "os sujeitaram a cruel escravidão. Tornaram-lhes a vida amarga, impondo-lhes a árdua tarefa de preparar o barro e fazer tijolos, e executar todo tipo de trabalho agrícola; em tudo os egípcios os sujeitavam a cruel escravidão." Em uma pintura na tumba de Menna, um escriba do faraó Tutemés IV retratou um capataz espancando um escravo enquanto outro implora por misericórdia [568].

Tudo indica que as condições descritas em Êxodo 1 correspondem ao estado histórico do Egito no início da **décima oitava dinastia.** Os reis hicsos estrangeiros foram expulsos por Amósis I, o qual se encaixa no perfil do faraó que surgiu no Egito que Êxodo 1:8 afirma que não conheceu o nome de José. Vindo do sul do Egito, ele não saberia sobre José e como ele salvou o Egito durante o tempo de fome. O faraó Amósis I escravizou os estrangeiros e os tratou duramente, o que combina com a condição em que os hebreus se encontravam de acordo com Êxodo 1. Assim, o palco estava montado para o êxodo do Egito ocorrer.

6.9.5. A DATA DO ÊXODO

Estudiosos da Bíblia e arqueólogos propõem três datas possíveis para o Êxodo: a data antiga de 1446 a.C., a data tardia de 1260 a.C. e a data intermediária de 1406 a.C. Para descobrir a data, estaremos olhando para a Bíblia e para a arqueologia para ver qual delas tem o suporte mais forte das evidências.

Aqueles que defendem a data antiga chegam a ela a partir de duas passagens importantes do Antigo Testamento. 1 Reis 6:1 afirma que 480 anos se passaram entre o êxodo do Egito e o quarto ano do reinado de Salomão. Salomão governou de 971-931 a.C. Isso colocaria a data do Êxodo em 1446 a.C. A outra passagem é Juízes 11:26, na qual o juiz israelita Jefté, em uma disputa com os amonitas, os informou de que Israel estava na área há 300 anos. Jefté governou a terra em 1100 a.C. Quando se adiciona 300 anos, resulta em 1400 a.C. Portanto, se o êxodo ocorreu em 1446 a.C. seguido da peregrinação de quarenta anos no deserto, o estágio inicial da conquista seria 1406 a.C. Isso corresponderia à linha do tempo apresentada nessas duas passagens.

A maioria dos estudiosos favorece uma data posterior do Êxodo, por volta de 1260 a.C. A passagem-chave para essa data é Êxodo 1:11, a qual menciona que os israelitas construíram as cidades de Pitom e Ramessés. De acordo com os registros egípcios, a décima nona dinastia é a dinastia de Ramessés. Conclui-se que a cidade de Ramessés nessa passagem provavelmente foi dedicada a Ramessés II, o qual governou de 1290 a 1230 a.C. A maioria dos arqueólogos que favorece a Bíblia acredita que os israelitas entraram em Canaã por volta de 1230-1220 a.C.

6.9.6. PROBLEMAS COM A DATA ANTIGA E A DATA TARDIA

Cada data do êxodo do Egito tem seus desafios. Examinemos primeiro os desafios para a data tardia de 1260 a.C. Em primeiro lugar, essa data não coincide com a cronologia bíblica dada em 1 Reis 6:1 e em Juízes 11:26. Outra descoberta que favorece uma data anterior para o êxodo do Egito é a Estela de Merneptá. O faraó Merneptá invadiu a terra de Canaã em 1220 a.C. A Estela de Merneptá é datada de 1210 a.C. e descreve a vitória do faraó sobre as cidades de Canaã e menciona Israel. Esse é o primeiro artefato extrabíblico que menciona os israelitas na terra de Canaã. Nessa estela, Merneptá mencionou que os israelitas já estavam estabelecidos na terra de Canaã quando ele os confrontou. Israel não foi identificado como uma cidade-estado ou um reino, mas como um grupo de pessoas [569]. Em outras palavras, nessa época Israel era uma confederação frouxa de tribos sem governo central ou capital. Isso se encaixa na descrição de Israel durante o tempo dos juízes.

É importante lembrar que o Egito lançou regularmente campanhas militares em Canaã por centenas de anos. Nos registros egípcios existem os "nove arcos" que são os nove principais inimigos perenes dos egípcios em Canaã. A Estela de Merneptá mostra que Israel esteve na terra por um período significativo de tempo porque Israel é mencionado como um dos "nove arcos", ou inimigos regulares do Egito [570]. Joe Holden afirmou:

> A listagem de Israel junto com outras cidades estabelecidas e terras bíblicas implica que Israel era comparável em importância e não uma insignificante tribo errante de beduínos. A datação da presença de Israel na terra fornecida pela Estela de Merneptá se encaixa bem com o momento do êxodo do Egito e a subsequente conquista de Canaã por volta de 1400 a.C. [571].

Parece altamente improvável que Israel pudesse invadir a terra de Canaã em 1220 a.C., se estabelecer nessa terra e, posteriormente, ser identificado como um dos "nove arcos" ou inimigos perenes do Egito em uma década. A data tardia é possível, mas é problemática.

No entanto, tanto a data antiga de 1446 a.C. quanto a data tardia de 1260 a.C. enfrentam algumas dificuldades sérias.

Com as pragas que devastaram o Egito, a perda de uma grande força de trabalho, os egípcios sendo despojados de seus tesouros e a perda do exército do faraó, esperaríamos um declínio do Império Egípcio. No entanto, a décima oitava dinastia, de 1560 a.C. a 1400 a.C., estava no auge do poder. Durante esse período, o Egito realmente estendeu seu território do Nilo ao Eufrates. Se o êxodo tivesse ocorrido em 1446 a.C., teria ocorrido durante a época de Amenófis II, quando o Egito estava no auge de sua idade de ouro. Similarmente, Ramessés II governou de 1279-1212 a.C. e é considerado o maior faraó da décima nona dinastia, sendo que, durante seu governo, o Egito não sofreu nenhuma perda de poder. Ramessés II construiu grandes monumentos que foram descobertos. Ele lutou em várias batalhas contra os hititas e outras nações, e fez vários tratados internacionais. O faraó Merneptá, o qual sucedeu Ramessés II, não experimentou um sério declínio de poder. Na verdade, ele liderou várias campanhas militares em Canaã e escreveu sobre suas vitórias. Sua inscrição mais famosa na Estela de Merneptá registra sua vitória sobre as nações cananeias, incluindo Israel.

Outro problema significativo é a cidade de Jericó. De acordo com Josué 6, Jericó era uma poderosa cidade-fortaleza murada. No entanto, escavações em Jericó por Kathleen Kenyon na década de 1950 revelaram que a cidade de Jericó estava abandonada de 1550 a 1200 a.C. O estudo de Kenyon sobre a cerâmica revelou que a cidade foi destruída na Idade do Bronze Médio. Portanto, se o êxodo do Egito tivesse ocorrido em 1446 a.C. ou em 1260 a.C., Josué teria chegado a uma ruína deserta.

No entanto, **havia uma cidade murada no local, datada do século 14 a.C. – uma cidade que Kenyon não localizou ou ignorou.** Portanto, **Jericó não foi ocupada de 1550 a 1400 a.C., mas foi ocupada e fortificada durante a Idade do Bronze Recente IIa (1400-1300 a.C.).** Em seguida, foi destruída e abandonada no final da Idade do Bronze IIb (1300-1200 a.C.) [572]. Portanto, a data antiga do êxodo do Egito tem que ser descartada, assim como a data tardia, uma vez que ambas as datas resultariam em datas para a conquista de Canaã em 1406 a.C. e 1220 a.C. e, em ambas, Jericó estava abandonada.

Existe outra data alternativa que corresponda à linha do tempo bíblica e à arqueologia? Sim, existe.

6.9.7. O CASO PARA A DATA INTERMEDIÁRIA

Há uma terceira data para o êxodo do Egito que deve ser considerada: 1406 a.C. Quando essa data é considerada, as evidências bíblicas e arqueológicas parecem se encaixar como as peças de um quebra-cabeça. Examinemos primeiro as evidências bíblicas.

1 Reis 6:1 afirma que o Êxodo ocorreu 480 anos antes de Salomão começar a construir o templo no quarto ano de seu reinado. O reinado de Salomão começou em 970 a.C. e quatro anos depois resulta em 966 a.C. Isso nos leva a uma data para o êxodo do Egito em 1446 a.C., o que parece representar um problema para a data intermediária de 1406 a.C. No entanto, o número 480 vem do texto massorético do Antigo Testamento. O texto massorético é o texto hebraico usado pela maioria das traduções para o português e para o inglês. Esse texto data de cerca do século 10 d.C. [573]. A Septuaginta é a tradução grega do Antigo Testamento e foi escrita no terceiro século a.C., sendo anterior ao texto massorético em mais de mil anos. **1 Reis 6:1 na Septuaginta diz que foram 440 anos** [574], e isso nos leva a uma **data do êxodo do Egito em 1406 a.C.**

No entanto, há uma objeção levantada contra isso: se Jacó entrou no Egito durante o governo dos hicsos (1650-1550 a.C.), há um problema cronológico com a data antiga e intermediária do êxodo. Êxodo 12:40 declara que "o período que os israelitas viveram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos". Se Jacó entrou no Egito durante o domínio dos hicsos, o qual começou em 1650 a.C., 430 anos colocariam o êxodo no mínimo em 1220 a.C. Como esse problema é resolvido?

A resposta é encontrada mais uma vez na Septuaginta, a qual declara que "o período que os **israelitas viveram no Egito e em Canaã** foi de quatrocentos e trinta anos" [575]. Gênesis 15:13 é a passagem em que Deus afirmou que a descendência de Abraão seria estrangeira em terra que não seria dela (a extensão do Egito a Canaã, conforme a Septuaginta) e seria afligida e escravizada por 400 anos. A contagem desses 400 anos, número arredondado que corresponde ao mesmo período descrito como 430 anos em Êxodo 12:40, na verdade não iniciou com a escravidão dos filhos de Israel no Egito, mas bem antes, provavelmente com Isaque. Isaque iniciou a descendência de Abraão e já começou a ser afligido quando era criança por Ismael, o filho de uma egípcia (Hagar). Isaque e Jacó também tiveram aflições em Canaã. A descendência deles acabou sendo escravizada no Egito. A extensão de Canaã ao Egito foi uma terra que não pertenceu à descendência de Abraão antes da conquista da terra prometida. Paulo também afirma em Gálatas 3:16-17 que a lei veio 430 anos depois da promessa a Abraão. Considerando isso tudo, entendemos que **os 430 anos se estenderam dos dias de Abraão (quando teve Isaque) até o fim da permanência dos israelitas no Egito.** Sendo assim, de Abraão a Jacó são cerca de 215 anos. Jacó migrou para o Egito e os hebreus permaneceram lá por mais 215 anos. Se olharmos para a matemática, a cronologia se encaixa. Os hicsos reinaram de aproximadamente de 1650 a.C a 1550 a.C. Se Jacó entrou no Egito no final do século 17 a.C., uma estadia de 215 anos no Egito nos levaria a uma data aproximada de meados ao final do século 15 a.C. para o êxodo do Egito.

Acreditamos que a leitura da Septuaginta em Êxodo 12:40 e em Juízes 6:1 está correta pelos seguintes motivos: (1) a Septuaginta foi escrita no século 3 a.C. e é anterior ao texto massorético, escrito no século 10 d.C. (embora o texto massorético tenha sido copiado de manuscritos muito mais antigos); (2) Jesus e Paulo, ao citarem o

Antigo Testamento, citaram a versão Septuaginta do Antigo Testamento; (3) Paulo escreveu em Gálatas 3:16-17 que a Lei de Moisés veio 430 anos depois de Abraão (a promessa a Abraão), ou, em outras palavras, foram 430 anos de Abraão a Moisés – Paulo estava se referindo à leitura da Septuaginta de Êxodo 12:40; (4) finalmente, Josefo em seu livro "Antiguidades Judaicas" afirma que o tempo desde a migração de Jacó para o Egito até o Êxodo foi de 215 anos (Antiguidades dos Judeus, Livro 2.15.2). Podemos concluir que há forte apoio bíblico para a data do Êxodo de 1406 a.C. Mas será que os dados arqueológicos correspondem a essa data?

A data do êxodo do Egito é crítica porque, com a data correta, veremos que o relato bíblico e a arqueologia se sincronizam. Há um declínio de uma dinastia egípcia, e é o que estamos procurando. Existem documentos, inscrições e descobertas arqueológicas do Oriente Próximo que apoiam o êxodo do Egito.

Agora que temos a data do êxodo do Egito (1406 a.C.), vamos examinar as evidências arqueológicas.

6.9.8. A EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA

Se considerarmos a data do êxodo do Egito como sendo por volta de 1406 a.C. (mais ou menos alguns anos), acreditamos que há uma boa quantidade de evidências arqueológicas que constituem um caso forte para o evento bíblico.

Primeiramente, **não devemos esperar encontrar o êxodo registrado em documentos egípcios porque eles não registrariam uma derrota tão humilhante para uma nação de escravos.** Há várias razões para isso. Os egípcios registraram eventos com a intenção de apresentar uma história idealizada do faraó. Portanto, eles não registraram nada de negativo. Eles também queriam retratar seus faraós como figuras divinas, e uma derrota humanizaria seu rei. Registrar derrotas seria também um convite à divisão e rebelião do reino. Portanto, devemos procurar **pistas** nos registros e na história egípcia que se **relacionem com os eventos** descritos no relato do êxodo do Egito.

Considere os eventos do êxodo:

- Dez pragas devastaram a terra;
- A perda de todos os primogênitos egípcios do sexo masculino na terra;
- A perda do exército do faraó nas águas;
- A morte do faraó com seu exército (Êxodo 14:28; Salmo 136:15);
- O despojamento da riqueza dos egípcios pelos israelitas logo antes de sua partida (Êxodo 12:35-36);
- A perda repentina de um grande grupo de mão de obra escrava.

Que efeito calamidades como essas teriam sobre a nação? Catástrofes como as do êxodo causariam um declínio do Império Egípcio (Êxodo 10:7). Devemos então perguntar: existe uma dinastia do Egito que declinou repentinamente? Também devemos olhar para as potências mundiais circundantes e ver se elas estavam cientes de um súbito enfraquecimento do Egito.

Em resumo, aqui está o que procuramos na arqueologia. Em primeiro lugar, há algum documento histórico nos registros egípcios que possa estar relacionado com o evento do Êxodo? Lembre-se, os egípcios não mencionariam uma derrota para Israel diretamente, mas podem ter registrado atividades relacionadas ou consequências das devastações do êxodo. Em segundo lugar, estamos procurando o súbito declínio de uma dinastia egípcia que teria resultado das catástrofes do êxodo. Em terceiro lugar, estamos procurando registros históricos das nações vizinhas para verificar se elas perceberam ou se aproveitaram do declínio do Egito.

Se considerarmos a data antiga do Êxodo, 1446 a.C., o governante do Egito seria Tutemés III (1497-1443 a.C.) ou Amenófis II (1443-1417 a.C.). O problema é que não há declínio repentino do império sob esses faraós. Na verdade, os dois homens governaram durante o auge do império. Nessa época, o Egito controlava os territórios desde o Nilo e toda Canaã até o rio Eufrates. Na verdade, tanto Tutemés III quanto Amenófis II foram vitoriosos em muitas batalhas reprimindo revoltas em Canaã.

A data tardia do século 13 a.C. aponta que Ramessés II (1279-1212 a.C.) foi o faraó durante o êxodo, mas seu reinado e império nunca sofreram uma perda de poder. Nenhuma outra potência mundial do Oriente Próximo sentiu um declínio de poder no Egito durante o século 13 a.C. durante seu reinado.

Existe uma dinastia que sofreu um colapso repentino? A resposta é "não" para a data antiga e para a data tardia do êxodo. No entanto, quando se considera o período em torno da data intermediária, há uma série de circunstâncias muito interessantes.

A décima oitava dinastia foi estabelecida por Amósis I, o qual expulsou os reis hicsos e reuniu o poder egípcio em 1550 a.C. O império cresceu em poder à medida que os faraós dessa dinastia derrotam as cidades-estado do Levante, expandindo o controle do Egito sobre a área. Tutemés III (1497-1443 a.C.) é considerado o maior e mais poderoso faraó do Egito. Sob seu governo o império atingiu sua maior extensão. Ele conquistou o Levante e estendeu a fronteira do Egito desde o Nilo até o rio Eufrates. Seu filho Amenófis II (1443-1417 a.C.) continuou o controle sobre esse território esmagando rebeliões em Canaã e na Síria.

Tutemés IV ascendeu ao trono do Egito em 1417 a.C. em seu auge. Ele havia se estabelecido como um poderoso guerreiro e comandante aos seus vinte anos de idade. De repente, por volta de 1406 a.C., ele teve uma morte estranha e repentina e a décima oitava dinastia entrou em declínio logo depois [576]. Êxodo 14:28 e Salmo 136:15 indicam que o faraó morreu com seu exército no Mar Vermelho. Tutemés IV morreu muito jovem. Sua múmia revela que ele era um jovem saudável e bonito quando morreu. Também não há indicação de ferimentos ou doenças. A morte por afogamento seria uma explicação viável para sua morte. Os egípcios podem ter recuperado o corpo do faraó que estava na praia junto com os corpos dos membros do seu exército (Êxodo 14:30).

Após a morte de Tutemés IV, o Império Egípcio declinou rapidamente. Uma breve visão geral desse declínio repentino é que Amenófis III sucedeu Tutemés IV e se retirou do Levante, sendo que o Egito perdeu o controle sobre o território que outrora governou. Sabemos disso porque as nações lutaram pelo território e as cidades-estado se rebelaram sem uma resposta do Egito. Pragas ainda estavam devastando a terra do Egito [577].

Amenófis IV sucedeu Amenófis III e o Egito continuou em declínio. Canaã se desintegrou no caos e os reis da terra até pediram ajuda ao Egito, mas ele estava em silêncio. O império dos hati (hititas), sentindo a fraqueza do Egito, atacou a nação de Mitani, a nação a leste do rio Eufrates, a qual tinha uma forte aliança com o Egito, e tomou o território do norte de Canaã. Apesar dos pedidos de ajuda de Mitani, o Egito não tinha como ajudar seu aliado [578]. Curiosamente, Amenófis IV mudou seu nome para Aquenáton. Ele então estranhamente abandonou os deuses do Egito e ordenou que a nação adorasse apenas o deus Aton. Ele adotou uma forma de monoteísmo. Ninguém sabe por que ele fez isso, mas talvez ele tenha visto ou ouvido falar da impotência dos deuses egípcios contra o Deus de Israel. Ele proibiu a adoração dos deuses tradicionais do Egito e até destruiu seus templos. Por isso, foi desprezado pelos egípcios e conhecido como um rei herege.

Seguindo Aquenáton veio Semencaré (1351-1349 a.C.) e depois Tutancâmon ou rei Tut (1349-1340 a.C.). Juntos, os dois reis governaram por apenas uma década. A viúva do rei Tut, Anquesenamom, percebeu a situação desesperadora em que o Egito se encontrava. Em um movimento bizarro, ela implorou ao inimigo do Egito, o rei hitita Supiluliuma, que enviasse um de seus filhos para se casar com ela. Em outras palavras, Anquesenamom estava entregando o Egito aos hititas. Atordoado com a oferta, Supiluliuma mandou um enviado ao Egito para garantir que isso não era um truque. Depois de confirmar a oferta, ele enviou seu filho Zannanza para se casar com a rainha egípcia. No entanto, um dos generais egípcios, Horemebe, assassinou o príncipe hitita e assumiu o trono do Egito. Esse foi o fim da décima oitava dinastia do Egito [579].

O declínio dessa dinastia do Egito foi repentino e devastador. O Egito repentinamente passou de superpotência mundial para uma nação com tantos problemas que a rainha estava disposta a entregá-la a um império inimigo. Qual foi a causa desse colapso repentino? Os eventos do Êxodo são uma causa razoável para a queda do Império Egípcio. Quando se considera o texto bíblico e os dados arqueológicos, as peças do quebra-cabeça começam a se encaixar muito bem.

6.9.8.1. CARTAS DE AMARNA

O Império Egípcio estava no auge sob Tutemés IV, o grande rei guerreiro. No entanto, ele morreu repentinamente no auge de sua vida e o império entrou em declínio. Esse declínio corresponde com a data intermediária para o êxodo. Como sabemos que o Império Egípcio entrou em declínio rapidamente, uma vez que o Egito nunca registraria uma derrota tão humilhante diante de uma nação escrava? Precisamos olhar não apenas para as pistas do Egito, mas também das nações vizinhas.

Durante a décima oitava dinastia, o Egito governou o Levante. Os faraós tinham postos militares em todo o país e regularmente realizaram campanhas militares na área para reprimir qualquer rebelião, capturar escravos e expandir seu território. No entanto, após a morte de Tutemés IV, eles perderam o controle do Levante. Isso coincide com a conquista israelita de Canaã. O que é importante notar é que Josué nunca encontrou os egípcios quando invadiu Canaã. Isso é significativo, pois Canaã era território egípcio. Por que não houve presença egípcia durante a invasão de Josué? Como dissemos anteriormente, o império egípcio estava em declínio e havia saído de Canaã. Esse foi um momento oportuno para os israelitas tomarem a terra.

Um dos documentos históricos mais importantes que nos contam o que aconteceu nesse período são as **Cartas de Amarna.** Essas tabuetas cuneiformes foram descobertas em 1887 d.C. entre as ruínas do palácio de Aquenáton em um local conhecido como el-Amarna, cerca de 200 milhas (321 km) ao sul do Cairo. Mais de 300 tabuetas cuneiformes foram encontradas [580]. Essas tabuetas são as cartas de correspondência entre os reis cananeus e o Egito durante os últimos 10 anos do reinado de Amenófis III e os primeiros 12 anos do reinado de Aquenáton, os dois reis que seguiram a Tutemés IV, o qual propomos como o faraó que se opôs a Moisés na época do êxodo. Algumas das cartas têm o ano de reinado do faraó que nos informa quando o texto foi recebido.

Nessas cartas encontramos os reis de Canaã implorando a Amenófis III e Aquenáton para enviarem ajuda militar à terra e que ela estava entrando em estado de turbulência. Na verdade, os reis afirmam que um grupo de nômades que eles chamaram de **"habiru"** estava vindo contra as cidades-estado. Eles enviaram inúmeras cartas implorando por ajuda e perguntando por que o faraó nem mesmo respondia às suas súplicas. Um exemplo é uma carta de Abdi-Heba, o governante de Jerusalém que estava preocupado com saqueadores nômades conhecidos como habiru. Abdi-Heba afirmou sua lealdade ao faraó e implorou por ajuda:

> Aos pés do rei, meu Senhor, sete vezes e sete vezes me prostro [...]. Todos os territórios do rei se rebelaram [...]. Que o rei cuide desta terra [...]. Se houver arqueiros [aqui] este ano, todos os territórios do rei permanecerão [intactos]; mas se não houver arqueiros, os territórios do rei, meu senhor, serão perdidos [581].

Como afirmado acima, a força invasora em Canaã era um grupo chamado de habiru, um termo que significa "nômades saqueadores". Esse termo geralmente se refere a um grupo de nômades invasores. Nas tabuetas de Amarna, se refere aparentemente a um exército muito grande [582]. Após quarenta anos de peregrinação pelo deserto, esse seria o tempo em que os hebreus estariam invadindo a terra. Muitos estudiosos veem uma conexão entre a designação de habiru e os hebreus.

Outro destaque significativo nas Cartas de Amarna é que várias cartas foram escritas pelos reis da cidade cananeia contra o rei de Siquém chamado Lab'ayu. Os reis cananeus protestaram que Lab'ayu se aliou aos habiru, os quais tinham estabelecido seu quartel-general em torno de Siquém. Os reis alertaram ainda que, se o Egito não viesse, Lab'ayu tomaria mais terras, incluindo Jerusalém. O nome Lab'ayu significa "leão de Yahweh". No Livro de Gênesis, os patriarcas se estabeleceram em Siquém por alguns períodos de tempo. Na verdade, a terra de Jacó era originalmente em Siquém e foi lá que ele comprou o cemitério para sua família (Josué 24:32). Portanto, Lab'ayu pode ter sido um adorador de Yahweh, o Deus de Israel. Sua aliança com Israel se encaixaria nesse contexto [583].

Na Bíblia, Josué tomou Jericó, depois Ai, depois Betel. Josué estabeleceu seu acampamento base entre o Monte Gerizim e o Monte Ebal (Josué 8:33). Siquém se situava entre essas duas montanhas. Josué marchou com seu povo para Siquém e não atacou Siquém. Ele também não atacou Bete-Áven porque era território de Siquém.

As tabuetas de Amarna afirmam o declínio do Império Egípcio, o qual podemos concluir razoavelmente como resultado das catástrofes do êxodo. As Cartas de Amarna apontam para a narrativa da conquista de Josué. Com a data certa, os dados arqueológicos e o texto bíblico se encaixam bem.

6.9.8.2. A QUEDA DE MITANI

Ao estudar o êxodo do Egito, procuramos sincronismos históricos ou eventos históricos que correspondam aos seus eventos. Lembre-se, os egípcios não registrariam sua derrota para a nação de Israel porque era humilhante para a nação, o faraó precisava ser retratado como um deus invencível, e a notícia de uma derrota alertaria as nações vizinhas sobre a vulnerabilidade do Egito. Portanto, precisamos procurar pistas das nações vizinhas.

O auge do poder do Egito ocorreu durante a décima oitava dinastia (1550-1290 a.C.). O império sob Tutemés IV estava no auge de seu poder. O Egito controlava os territórios do Nilo ao rio Eufrates. De repente, Tutemés IV morreu e o império do Egito entrou em declínio. O Egito perdeu o controle do Levante e se retirou de Canaã. Enquanto Canaã caía em desordem, seus reis imploraram por ajuda do Egito como observamos nas Cartas de Amarna, mas o Egito estava incapaz de responder. A morte de Tutemés IV e o declínio do Egito correspondem com a data do êxodo.

A evidência do declínio do império do Egito é ainda confirmada pela queda de seu aliado, a nação de **Mitani.** O reino de Mitani floresceu de 1500 a 1340 a.C. Esse império cobria a área do atual sudeste da Turquia, norte da Síria e norte do Iraque. O outro império que surgiu ao norte foi o império dos hititas. Eles ocuparam o território do leste da Turquia. Tanto o império hitita quanto Mitani queriam acesso ao Mediterrâneo por meio do corredor do Levante, o qual era controlado pelo Egito. Os faraós egípcios frequentemente lutavam com os hititas e com Mitani para manter o controle desse corredor.

Tutemés IV decidiu que a melhor estratégia para manter o controle do território seria construir uma aliança com uma dessas nações. O Egito tinha um relacionamento com ambas as nações, mas Tutemés IV decidiu construir uma aliança com Mitani. Essa aliança selou o controle do Egito sobre os territórios do Nilo ao Eufrates e deu a Mitani acesso ao Mediterrâneo. Como resultado dessa aliança, os hititas se tornaram inimigos do Egito e de Mitani [584].

Com a morte de Tutemés IV e o Império Egípcio declinando, o Egito se retirou do Levante. Amenófis III não conseguiu manter o Levante em seu poder e se retirou do território. Os hititas, vendo o declínio do Egito, perceberam a oportunidade de atacar Mitani e assumir o controle do corredor do Mediterrâneo. O rei guerreiro Supiluliuma I cruzou o Eufrates e destruiu a capital de Mitani, Washukanni, e a nação de Mitani foi esmagada.

A queda de Mitani nos mostra como o Egito declinou de sua posição como superpotência mundial. Obviamente, algo catastrófico ocorreu no Egito para derrubar esse poderoso império tão rapidamente. Um evento como o êxodo é uma explicação razoável. A data do êxodo e seus eventos correspondem com o declínio do Egito e a queda de seu aliado Mitani.

6.9.8.3. O PAPIRO IPUUR

As dez pragas devastaram a terra do Egito. Tão grande foi sua destruição que, após a sétima praga, os servos do faraó exclamaram: "Até quando este homem será uma ameaça para nós? Deixa os homens irem prestar culto ao SENHOR, o Deus deles. Não percebes que o Egito está arruinado?" (Êxodo 10:7). Os céticos argumentaram que tal evento teria sido notado em algum lugar, mas não há registro de tais catástrofes nos registros egípcios.

Existe um documento famoso chamado **Papiro Ipuur** ou **Papiro Leiden I 344 recto.** Esse documento antigo foi obtido por um diplomata sueco chamado Giovani Anastasi, o qual o vendeu para o Museu de Leiden, na Holanda, em 1828 d.C. O significado desse manuscrito não foi descoberto até que foi traduzido pelo egiptólogo britânico Alan Gardiner. O manuscrito data de algum tempo antes do século 13 a.C. O estilo de escrita corresponde à escrita hierática usada no período do êxodo do Egito [585].

Esse texto é uma lamentação escrita por um oficial egípcio chamado Ipuur. Ele lamenta os desastres que atingiram o Egito em algum momento antes do século 13 a.C. Ipuur descreveu uma série de desastres que atingiram o Egito, os quais parecem ser muito semelhantes às pragas que sobrevieram ao país da parte de Deus por meio de Moisés. As semelhanças são impressionantes. Ipuur registrou o seguinte [586]:

- O rio Nilo se transformando em sangue;

- Os homens têm sede enquanto procuram água ao longo do Nilo;
- Fogo do alto incendeia a terra;
- Árvores são destruídas;
- O grão sumiu da terra;
- O gado está em agonia;
- A escuridão cobre a terra;
- Os primogênitos estão mortos e há gemidos na terra;
- As joias das mulheres são dadas aos escravos;
- Escravos fogem para o deserto como nômades que vivem em tendas.

Há um paralelo notável com as pragas do êxodo do Egito. A data desse manuscrito e o paralelo próximo ao relato bíblico tornam razoável concluir que Ipuur escreveu sobre as pragas de Deus sobre o Egito.

Como era de se esperar, o Papiro de Ipuur é contestado pelos céticos como evidência para o êxodo do Egito. Eles alegam que o papiro narra um poema que apenas retrata um caos no Egito em que escravos fogem. A expressão "o Nilo está em sangue" é alegada pelos céticos como tendo sido usada por conta de conflitos entre escravos e seus senhores, ou como sendo uma referência ao sedimento vermelho que cora o Nilo durante inundações desastrosas, ou simplesmente como sendo uma imagem poética de turbulência.

No entanto, tendo em vista o paralelo notável com as pragas do êxodo do Egito, é mais provável que Ipuur tenha feito referência às pragas que sobrevieram à nação na época de Moisés.

6.9.8.4. UM FARAÓ HEREGE

Em 1368 a.C., Amenófis IV se tornou faraó do Egito. Logo após assumir o trono, ele mudou seu nome para Aquenáton ("agrada a Aton"). Ele abandonou o panteão egípcio de deuses e ordenou que todos adorassem apenas um deus, Aton [587]. Ele mudou a capital de Tebas para o centro do Egito, a atual Tel-Amarna. Lá ele construiu templos para Aton e afirmou que apenas ele tinha acesso ao deus. Isso tornou o sacerdócio egípcio desnecessário.

Aquenáton passou a fazer reformas religiosas em todo o país. Ele fechou templos para outros deuses, derrubou imagens e proibiu rituais e literatura para outros deuses. As cidades que eram dedicadas a outros deuses acabaram sendo abandonadas. A adoração de Aton não incluía imagens e era reduzida a uma oferenda em um altar. Apenas Aton deveria ser adorado, com exclusão de todos os outros deuses [588].

Um hino a Aton foi descoberto na tumba de Ay, um dos secretários do rei. Ele fala de Aton sendo o criador e sustentador do mundo. Então proclama que só ele é deus e não há outro: "Quão múltiplas são as tuas obras! Elas estão escondidas da vista dos homens, ó único deus, como quem não há outro! Tu moldaste a terra de acordo com teu desejo quando estavas sozinho [...]" [589]. Aton foi descrito como o único deus criador do mundo e de todas as coisas vivas.

O egiptólogo Cyril Aldred afirmou:

> O monoteísmo que Aquenáton proclamou não é o henoteísmo dos tempos antigos, a crença em um deus supremo sem qualquer afirmação de sua natureza única, mas a adoração de uma divindade onipotente e singular. O pleno desenvolvimento do pensamento do rei é visto na cuidadosa supressão no final do reinado da forma plural de "deus" sempre que aparece nos textos anteriores. Agora há apenas um deus, e o rei era seu profeta [590].

O tipo de monoteísmo que Aquenáton promoveu foi único e incomparável na civilização egípcia. Aquenáton era visto como um herege e suas crenças se opunham fortemente à religião praticada por séculos. Quando ele morreu, o Egito voltou ao seu panteão de deuses.

O que causou a mudança repentina e drástica de Aquenáton em sua religião? Deve ter sido algo significativo a ponto de motivá-lo a abandonar os deuses tradicionais do Egito e instilar uma adoração exclusiva de um deus e proibir a adoração de qualquer outro.

Uma resposta razoável é que ele testemunhou a impotência dos deuses egípcios e ouviu falar do único Deus supremo que libertou um povo do cativeiro com sua mão poderosa cerca de quarenta anos antes. Enquanto isso, as consequências das pragas ainda estavam na terra do Egito, cujo império havia declinado. Pode ser que ele conhecesse o relato do Deus hebreu derrotando os deuses do Egito durante a época de seu avô Tutemés IV. Isso pode ter influenciado sua decisão de abandonar os deuses do Egito que eram impotentes contra o único Deus verdadeiro. Como resultado, ele começou a adorar Aton como o único deus, cujos atributos começaram a espelhar os atributos do Deus de Israel.

6.9.9. QUESTÕES QUE PERMANECEM

Há ainda a questão de como explicar a passagem em Êxodo 1:11 que se refere ao nome da cidade de Ramessés: "os israelitas construíram para o faraó as cidades-celeiros de Pitom e Ramessés". A maioria dos estudiosos acredita que isso se refere a Ramessés II, o qual governou de 1290 a.C. e reinou até 1230 a.C. Portanto, muitos estudiosos datam o êxodo do Egito em meados do século 13 a.C. No entanto, encontramos alguns problemas com essa data.

Se a cidade de Ramessés em Êxodo 1 fosse construída para Ramessés II, então Moisés nasceu depois que os israelitas construíram a cidade. Assim, não seria possível para Moisés crescer no Egito, fugir e viver no exílio em Midiã, retornar para liderar o êxodo e guiar Israel por quarenta anos no deserto, uma vez que a Estela de Merneptá afirma que Israel estava estabelecido na terra por volta de 1220 a.C.

A quem o nome "Ramessés" poderia estar se referindo em Êxodo 1:11? Esse nome existia antes de 1200 a.C. Havia reis hicsos chamados Ramessés antes do século 15 a.C. Além disso, na narrativa de José em Gênesis, um governante chamado Ramessés é mencionado em Gênesis 47:11. Portanto, o autor pode estar se referindo a um Ramessés de um período anterior.

Outra possível explicação é que um editor posterior atualizou o antigo nome da cidade para o nome moderno de Ramessés. Encontramos isso praticado na Bíblia e em muitas obras históricas. Escribas posteriores usaram um nome atualizado de uma cidade, ou mesmo de um país, porque o nome anterior tinha sido alterado ou não era mais usado.

Quanto à ausência de vestígios hebreus no deserto entre o Egito e Israel durante o êxodo do Egito, temos que considerar as práticas funerárias tradicionais de Israel. Isso incluía desenterrar ossos após um período a fim de enterrá-los novamente em um local familiar comum. Patriarcas como Jacó e José notoriamente tiveram seus ossos realocados após a morte (Êxodo 13:19; Josué 24:32).

A natureza também não é propensa a preservar restos mortais por muito tempo, muito menos por três mil anos. Pior ainda, uma das consequências da desobediência sobre a qual Deus advertiu Israel foi o enterro impróprio (Deuteronômio 28:26, conforme 1 Coríntios 10:5). Um enterro apressado ou mal feito permitiria que os necrófagos e/ou as ações do ambiente erradicassem vestígios de um corpo com relativa rapidez. Isso significa que não há "ausência" de sepulturas ou ossos hebreus no deserto – simplesmente não há razão para esperar que tais vestígios sejam encontrados.

6.9.10. CONCLUSÃO SOBRE O ÊXODO DO EGITO E A CONQUISTA DE CANAÃ

Durante séculos, céticos e estudiosos liberais trataram o êxodo do Egito como uma lenda inventada por escribas judeus no século 8-7 a.C. Esses estudiosos acreditam que os israelitas eram cananeus que se destacaram no

século 8-7 a.C. e criaram a história do êxodo para darem a si mesmos uma história e uma identidade. Se isso fosse verdade, a inspiração divina e a inerrância da Bíblia estariam em questão.

O êxodo do Egito e a conquista de Canaã são eventos históricos registrados na Bíblia. Quando se considera o texto bíblico e a arqueologia, pode-se construir um argumento muito bom para a autenticidade dessas narrativas. Se a data de 1406 a.C. for a data correta, como parece mais provável, o mundo da Bíblia e a arqueologia do Oriente Próximo se unem de maneira bem razoável. Portanto, podemos concluir com razoável confiança que o êxodo do Egito e a conquista de Canaã, dois dos maiores eventos do Antigo Testamento, são de fato eventos históricos.

6.10. PROFECIAS BÍBLICAS VERDADEIRAMENTE SE CUMPRIRAM?

> Lembrem-se das coisas passadas, das coisas muito antigas! Eu sou Deus, e não há nenhum outro; eu sou Deus, e não há nenhum como eu. Desde o início faço conhecido o fim, desde tempos remotos, o que ainda virá. Digo: meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada. (*Isaías 46:9-10, "Nova Versão Internacional"*).

> pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo. (*2 Pedro 1:21, "Nova Versão Internacional"*).

Profecia, no que se refere à predição de eventos, é algo que a Bíblia oferece como validação parcial de seu conteúdo. Se as profecias do passado podem ser demonstradas que ocorreram como foram preditas, duas coisas são estabelecidas:

- A credibilidade da Bíblia nesses casos é comprovada, e...
- A crença de que outras profecias bíblicas se tornem realidade no futuro recebe precedente e fundamento, como no caso do retorno de Cristo, o qual é abordado no quarto estágio deste estudo (divindade).

6.10.1. O QUE É PROFECIA?

Profetizar é transmitir informações obtidas a partir de Deus. Profecias encontradas na Bíblia, geralmente, são afirmações definitivas realizadas por pessoas selecionadas com base em informações que Deus havia dado a elas diretamente. Dessa maneira, Deus levantou porta-vozes individuais, ou profetas, a fim de ensinar, informar ou alertar gerações inteiras. As revelações de Deus sobre a vinda de Cristo são formas de profecia. Outra forma é, simplesmente, a revelação de palavras ou pensamentos de Deus – o que ele tinha a dizer na época em que disse.

Uma maneira pela qual Israel poderia saber se um profeta estava verdadeiramente falando com informações que vinham de Deus, ou não, era por mais uma forma de profecia: **a transmissão do conhecimento de eventos futuros.** Se um profeta estivesse realmente falando a mensagem ou promessas de um Deus onipotente e onisciente, esses eventos ou verdades seriam cumpridos.

Profecias cumpridas serviram para autenticar que os particulares ensinamentos do profeta verdadeiramente foram inspirados por Deus. Ao contrário de hoje, onde muitas vezes nos divertimos com os erros bizarros de psíquicos que tentam adivinhar o futuro, **a falsa profecia no antigo Israel era um crime grave punível com a morte** (Deuteronômio 18:20). As Escrituras registram o seguinte teste de um verdadeiro profeta:

> Mas o profeta que ousar falar em meu nome alguma coisa que não lhe ordenei, ou que falar em nome de outros deuses, terá que ser morto. Mas talvez vocês perguntem a si mesmos: "Como saberemos se uma mensagem não vem do SENHOR?" Se o que o profeta proclamar em nome do SENHOR não acontecer nem se cumprir, essa mensagem não vem do SENHOR. Aquele profeta falou com presunção. Não tenham medo dele. (*Deuteronômio 18:20-22, "Nova Versão Internacional"*).

As profecias dadas muito antes que eventos realmente ocorreram vêm de Deus a nós como prova de que ele é o Senhor. Deus desafia que, se essa forma de profecia não nos impressionar, devemos tentar e fazer o mesmo:

> "Exponham a sua causa", diz o SENHOR. "Apresentem as suas provas", diz o rei de Jacó. "Tragam os seus ídolos para nos dizerem o que vai acontecer. Que eles nos contem como eram as coisas anteriores, para que as

> consideremos e saibamos o seu resultado final; ou que nos declarem as coisas vindouras, revelem-nos o futuro, para que saibamos que eles são deuses. Façam alguma coisa, boa ou má, para que nos rendamos, cheios de temor." (*Isaías 41:21-23, "Nova Versão Internacional"*).

O conhecimento de que tanto o profeta quanto a sua audiência não poderiam ter conhecido determinadas informações, a não ser que tivessem sido de Deus, era a prova para eles de que Deus realmente falou, assim como é para nós.

6.10.2. A BÍBLIA É PROFETICAMENTE EXATA? [591]

Segundo a Bíblia, Deus tem conhecimento infinito, incluindo tudo no futuro. Mas como ele pode saber o futuro quando ele ainda não aconteceu?

Uma vez que Deus está fora da nossa dimensão do tempo, C. S. Lewis raciocinou que ele é capaz de ver o passado, presente e futuro, assim como um autor de um livro sabe o fim desde o início. Lewis escreveu em sua obra "Mere Christianity" (San Francisco, CA: Harper, 2001, p. 170): "O que chamamos de amanhã é visível a ele da mesma forma daquilo que chamamos de 'hoje' [...]. Ele já está no amanhã."

Dos 26 tão chamados "livros sagrados" de várias religiões, a Bíblia é o único que contém profecia preditiva [592]. O estudioso bíblico Wilbur Smith comparou as profecias da Bíblia com outros livros históricos:

> A Bíblia é o único volume já produzido pelo homem, ou melhor, grupo de homens, na qual se encontra uma grande quantidade de profecias relacionadas para nações individuais, para Israel, para todos os povos da Terra, para certas cidades, e para a vinda daquele que iria ser o Messias [593].

Cerca de 25% da Bíblia é profecia preditiva. A Bíblia afirma que Deus deu a especialmente escolhidos profetas hebreus os vislumbres de eventos futuros para que eles fossem registrados nas Escrituras. O teste de credenciais de um profeta foi de 100% de exatidão. Se uma profecia provasse ser falsa, o profeta estava sujeito à pena de morte (Deuteronômio 18:20-22).

Os três temas centrais na profecia bíblica no Antigo Testamento são:

- Israel e sua cidade sagrada, Jerusalém;
- A vinda do Messias;
- O retorno do Messias como Rei.

Será que previsões da Bíblia têm se tornado realidade? Vamos abordar a seguir, resumidamente, algumas profecias sobre Israel, Jerusalém, e a vinda do Messias.

6.10.2.1. PROFECIAS RELATIVAS A ISRAEL E JERUSALÉM

O Antigo Testamento conta a história do povo de Deus, Israel, a relação de Deus com esse povo, e as futuras promessas de Deus feitas a Israel. Embora fosse judeu, o apóstolo Paulo deixou claro que todos, independentemente da sua raça, são igualmente importantes para Deus. Afinal de contas, "Deus é o Deus apenas dos judeus? Não é ele também o Deus dos gentios? É claro que ele é" (Romanos 3:29). Então por que a nação de Israel foi especial para Deus?

Israel traça as suas raízes há cerca de 4.000 anos antes do presente até um homem chamado Abraão. Deus chamou Abraão (anteriormente Abrão) para deixar sua terra natal de Ur e começar a viver uma vida de fé e obediência. Por causa da fé obediente de Abraão, Deus lhe disse que ele se tornaria o "pai de uma grande nação" e, por meio de sua descendência, todo o mundo eventualmente seria abençoado.

Os descendentes de Abraão foram a nação de Israel. Como um "emissário escolhido" de Deus, Israel tinha três tarefas básicas:

1. **Fornecer o local de nascimento do Messias.**

2. **Ser o depositário da revelação divina (Escrituras).**

3. **Proclamar a mensagem de Deus a todas as nações.**

Deus prometeu ao povo de Israel grande bênção se obedecesse aos seus mandamentos, mas graves consequências se os desobedecessem. Moisés advertiu ao povo:

> Se vocês obedecerem fielmente ao SENHOR, o seu Deus, e seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos que hoje lhes dou, o SENHOR, o seu Deus, os colocará muito acima de todas as nações da terra. (*Deuteronômio 28:1, "Nova Versão Internacional"*).

> Entretanto, se vocês não obedecerem ao SENHOR, o seu Deus, e não seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos e decretos que hoje lhes dou, todas estas maldições cairão sobre vocês e os atingirão (*Deuteronômio 28:15, "Nova Versão Internacional"*).

> Então o SENHOR os espalhará pelas nações, de um lado ao outro da terra. Ali vocês adorarão outros deuses; deuses de madeira e de pedra, que vocês e os seus antepassados nunca conheceram. (*Deuteronômio 28:64, "Nova Versão Internacional"*).

Deus disse que a desobediência resultaria que Israel seria destruído e espalhado entre as nações. Mas ele também falou de sua futura restauração:

> "Trarei de volta Israel, o meu povo exilado, eles reconstruirão as cidades em ruínas e nelas viverão. Plantarão vinhas e beberão do seu vinho; cultivarão pomares e comerão do seu fruto. Plantarei Israel em sua própria terra, para nunca mais ser desarraigado da terra que lhe dei", diz o SENHOR, o seu Deus. (*Amós 9:14-15, "Nova Versão Internacional"*).

Previsões dos judeus sendo espalhados e, eventualmente, reunidos novamente na terra de Israel foram escritas por vários profetas diferentes que viveram entre 500 e 1.500 anos antes de Cristo. No entanto, embora a maioria deles não tivesse a oportunidade de colaborar um com o outro, suas mensagens foram consistentes:

1. Israel seria destruído (Ezequiel 36:16-23; Lucas 21:24).

2. Judeus sobreviventes seriam espalhados para nações estrangeiras (Jeremias 9:16).

3. Ainda assim Deus iria um dia reunir seu povo dentre as nações (Jeremias 25:11-12; Esdras 1).

E, de fato, após setenta anos de exílio na Babilônia após a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor em 586 a.C., o povo de Israel retornou à Palestina, reedificou Jerusalém e o templo e, durante o período de ocupação romana, deu origem ao Messias, Jesus Cristo, o qual é o descendente de Abraão que abençoa todas as nações da Terra (Mateus 1).

Essas profecias sobre Israel se tornaram realidade. Como alguém poderia ter previsto todos esses acontecimentos históricos com tamanha exatidão, a menos que tivessem sido dados vislumbres do futuro da parte do próprio Deus?

6.10.2.2. PROFECIAS RELATIVAS À VINDA DO MESSIAS

Em todo o Antigo Testamento, torna-se claro que alguém está vindo. O estudioso da Bíblia, Ray Stedman, afirma que esse "alguém" é o prometido Messias de Deus:

> Desde o início do Antigo Testamento, há um sentimento de esperança e expectativa, como o som de passos se aproximando: alguém está chegando! [...] Essa esperança aumentava [...] conforme profeta após profeta declarava ainda outra dica atormentadora: alguém está vindo! [594].

Centenas de profecias do Antigo Testamento falam do Messias (Cristo) que um dia iria trazer a paz para Israel e para o mundo (Isaías 52:13-53:12; Zacarias 12-14). Cerca de 740 anos antes de Cristo, Deus revelou por meio

do profeta Isaías que o Messias nasceria como uma criança. Ainda assim, na mesma passagem, o profeta afirma que ele deve ser chamado de "Deus Poderoso":

> Porque **um menino nos nasceu,** um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, **Deus Poderoso,** Pai Eterno, Príncipe da Paz. (*Isaías 9:6, "Nova Versão Internacional"*).

Os judeus que estavam esperando o Messias devem ter se perguntado o que Isaías quis dizer com as palavras "Deus Poderoso". Como pode uma criança ser chamada de Deus? Aparentemente, o Messias seria humano e divino. Várias outras pistas do Antigo Testamento revelaram outros detalhes sobre quem o Messias seria e como ele poderia ser reconhecido. Vejamos apenas alguns. O Messias seria:

- Nascido de uma virgem (Isaías 7:14);
- Da linhagem de Davi (Jeremias 23:5);
- Nascido em Belém (Miqueias 5:2);
- Rejeitado por seu próprio povo (Isaías 53:3);
- Traído por um amigo (Salmo 41:9);
- Vendido por trinta moedas de prata (Zacarias 11:12);
- Estaria quieto diante de seus acusadores (Isaías 53:7);
- Traspassado em suas mãos/pulsos e pés (Zacarias 12:10);
- Crucificado com ladrões (Isaías 53:12);
- Sepultado em uma tumba de um homem rico (Isaías 53:9);
- Seria erguido dos mortos (Salmo 16:10).

Quando Jesus começou o seu ministério, seus feitos milagrosos levaram muitos a acreditar que ele era o Messias. O seu cumprimento de cerca de 300 profecias e referências do Antigo Testamento também convenceram seus seguidores.

Embora Jesus tenha realizado milagres poderosos e ensinado às pessoas a amar umas às outras, ele disse que sua principal missão era salvar os seres humanos de seus pecados (Lucas 19:10). Seu sofrimento intenso e sua morte dolorosa na cruz por nós foram preditos no capítulo 53 de Isaías. Seguem porções dessa profecia notável escrita há cerca de 740 anos antes de Cristo:

> Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e experimentado no sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e nós não o tínhamos em estima. Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças; contudo nós o consideramos castigado por Deus, por Deus atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica calada, ele não abriu a sua boca. Com julgamento opressivo ele foi levado. E quem pode falar dos seus descendentes? Pois ele foi eliminado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo ele foi golpeado. Foi-lhe dado um túmulo com os ímpios, e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido nenhuma violência nem houvesse nenhuma mentira em sua boca. Contudo, foi da vontade do SENHOR esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o SENHOR tenha feito da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do SENHOR prosperará em sua mão. Depois do sofrimento de sua alma, ele verá a luz e ficará satisfeito; pelo seu conhecimento meu servo justo justificará a muitos, e levará a iniquidade deles. Por isso eu lhe darei uma porção entre os grandes, e ele dividirá os despojos com os fortes,

> porquanto ele derramou sua vida até a morte, e foi contado entre os transgressores. Pois ele levou o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu. (*Isaías 53:3-12, "Nova Versão Internacional"*).

Quando Jesus foi acusado durante o julgamento, permaneceu em silêncio. Embora Jesus tivesse vivido uma vida sem pecado, foi espancado e morto como um cordeiro ao abate. Seu corpo foi enterrado no túmulo de um homem rico (José de Arimateia).

6.10.2.3. DESCOBERTA NO MAR MORTO

Céticos, incomodados pelo cumprimento de Isaías 53 em Jesus, acusaram cristãos de alterar o texto após a sua morte. Seu argumento foi baseado no fato de que o texto de Isaías que lemos na Bíblia – a partir do Aleppo Codex massorético datado de 935 d.C. – é uma cópia datada de novecentos anos depois de Cristo [595].

No entanto, em 1947 d.C., uma cópia de Isaías foi descoberta perto do Mar Morto, datada por carbono-14 de 125 anos antes do nascimento de Cristo. E as palavras de Isaías nos manuscritos do Mar Morto são virtualmente idênticas às palavras de Isaías do códice massorético em nossas Bíblias [596]. Em outras palavras, essa profecia do Messias existia, pelo menos, 150 anos antes de Jesus sofrer na cruz. No entanto, o livro de Isaías é datado de cerca de 740 anos antes de Cristo.

Uma vez que os judeus estavam esperando ansiosamente por seu Messias, é esperado que se poderia pensar que Isaías 53 seria interpretado como messiânico. Embora a maioria dos judeus tivesse rejeitado Jesus, muitos comentaristas acreditaram que Isaías estava escrevendo do Messias:

> Por exemplo, o rabino Jonathan ben Uzziel [...] que viveu no início do segundo século, começa com as palavras simples e dignas: "Eis que o meu servo Messias prosperará; ele será elevado, e aumentará, e será bastante forte: conforme a casa de Israel olhou para ele por muitos dias [...] (*Targum Jonathan em Isaías 53, ad Iocum*) [597].

O Talmude Babilônico, o Midrash Ruth Rabhah e o Zohar também se referem à profecia de Isaías como messiânica. O mesmo aconteceu com o grande rabino, Maimônides. Mas o influente rabino do décimo primeiro século Rashi argumentou que a passagem de Isaías se refere à nação de Israel, não ao Messias. A visão de Rashi é mantida pela maioria dos judeus de hoje [598].

No entanto, a interpretação de Rashi tem falhas graves. Por exemplo, no versículo 12, Isaías afirma que o servo sofredor morre pelos pecados de Israel. Como Israel poderia morrer por Israel? Além disso, o profeta Zacarias deixa claro que o Messias seria reconhecido pelos judeus pelas marcas que sofreu na crucificação:

> E derramarei sobre a família de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de ação de graças e de súplicas. Olharão para mim, aquele a quem traspassaram, e chorarão por ele como quem chora a perda de um filho único, e se lamentarão amargamente por ele como quem lamenta a perda do filho mais velho. (*Zacarias 12:10, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus foi traspassado na cruz e suas cicatrizes foram visíveis para os judeus que testemunharam sua crucificação e aqueles que o viram ressuscitado.

Então por que a maioria dos judeus rejeitou Jesus? Na verdade, seus seguidores judeus o aceitaram como seu Messias. Assim fizeram milhares de outros judeus. No entanto, os líderes religiosos o rejeitaram porque eles estavam esperando que o Messias destruísse os inimigos de Deus (especialmente o Império Romano) como um líder militar, levasse a paz em todo o mundo, e estabelecesse seu reino físico em Jerusalém.

No entanto, a principal razão que condenou Jesus à morte é porque ele fez afirmações sobre si mesmo que apenas Deus poderia fazer [599].

6.10.3. COMO PODEMOS USAR PROFECIAS PARA AVALIAR A CREDIBILIDADE DA BÍBLIA?

Das cerca de duas mil profecias da Bíblia, as únicas ainda a serem cumpridas são as relativas aos acontecimentos em torno do retorno de Jesus Cristo. Elas estão previstas a se cumprir no julgamento final –

veremos mais sobre isso no quarto estágio deste estudo (divindade) e no quinto estágio deste estudo (autoridade). Uma vez que o retorno de Cristo pode ou não ocorrer dentro do período de nossas vidas, não podemos ter um critério de "crer na Bíblia somente se todas as profecias forem cumpridas". Então, como podemos usar as profecias para avaliar a credibilidade da Bíblia?

A credibilidade da Bíblia simplesmente pode ser avaliada independentemente de que suas profecias realmente tenham ocorrido (tratando-se daquelas que eram para ter ocorrido até agora). Claro, o estudo profundo de qualquer profecia da Bíblia não necessariamente vai ser a melhor ou a mais convincente prova para céticos.

Profecias que se cumpriram há apenas alguns anos ou décadas depois de terem sido dadas, por exemplo, são um tanto insuficientes para contrariar o ceticismo mais duro que alguém pode ter. Poderia ser alegado que tais profecias podem ter sido escritas após o fato ocorrer. Portanto, **as profecias pelas quais melhor podemos medir a credibilidade da Bíblia são as profecias que se cumpriram depois de uma quantidade significativa de tempo passado desde o seu registro nas Escrituras.** Sendo assim, quais dessas profecias são os melhores argumentos para constatar a realidade das profecias?

As maiores, mais frequentes, e mais obviamente cumpridas profecias do Antigo Testamento são aquelas relativas à vida e morte do Messias. Já examinamos detalhadamente que era a Jesus que essas profecias messiânicas se referiam.

Das outras profecias bíblicas, muitas lidam com pessoas, governantes específicos e eventos de guerra e destruição. Muitas também lidam com cidades que sofreriam declínio temporário ou que cresceriam em locais e direções específicas. **As profecias não messiânicas que acreditamos oferecer o argumento mais claro para a credibilidade da Bíblia são aquelas que lidam com a destruição de grandes cidades – cidades profetizadas para nunca se reconstruir.**

6.10.4. ESCOLHENDO CASOS DE TESTE

A destruição de uma grande cidade, especialmente quando distante da época na qual a profecia foi registrada, não pode ser facilmente descartada como alguma "ação esperta" dos profetas ou dos seus ouvintes. Além disso, o detalhe de que tal cidade nunca mais será reconstruída é extraordinário, uma vez que a reconstrução é exatamente o curso normal das medidas tomadas por qualquer metrópole significativa – seja antiga ou moderna. Um caso como esse também é significativo porque **simplesmente seria possível refutar a profecia por meio do reestabelecimento permanente de uma daquelas cidades que Deus disse que nunca iria seria "ressuscitada". No entanto, até agora, isso nunca aconteceu.**

Mas em vez de olharmos para cidades profetizadas para serem destruídas, que tal se olharmos para cidades profetizadas para crescer ou para evitar a destruição? Nesse caso, um cético poderia bastante razoavelmente afirmar que não há nada inesperado ou aparentemente milagroso sobre o crescimento de uma cidade, ou na ausência de sua aniquilação. Crescimento e continuidade, mesmo se divinamente inspirados, não são tão miraculosamente improváveis como é o desaparecimento completo de uma antiga superpotência mundial. Também são muito menos prováveis de serem atribuídos a Deus. Portanto, **a opção de escolher um caso de teste como o desaparecimento de uma grande cidade que jamais seria reconstruída ainda é melhor.**

E se nós olharmos apenas para as profecias dos atos de reis ou nações? Nesse caso, pode-se argumentar que profetas em particular eram simplesmente hábeis em ler a política de seus dias. Isso pode ser dito de **Nabucodonosor** no exemplo de Tiro. Nabucodonosor foi mencionado pelo nome pelo profeta Ezequiel, mas ele só foi profetizado como a figura chefe da primeira de muitas nações que viriam contra Tiro.

A profecia de que Tiro seria feita nua como uma rocha, lançada ao mar, e iria se tornar um lugar para redes de pescadores, não pode ser descrita de forma alguma como autorrealizável. Para que isso fosse verdade, a evidência teria ir além, uma vez que seria necessário assumir que **Alexandre, o Grande, Antígono,** e, mil anos mais tarde, um **exército muçulmano,** teriam conspirado contra Tiro com o objetivo de fazer um antigo profeta judeu parecer bom. Ninguém acredita que seja esse o caso.

Assim, as melhores profecias não messiânicas para estabelecer a veracidade da profecia bíblica são:

- Aquelas que foram cumpridas muito tempo depois de terem sido proferidas;
- Aquelas que são de eventos extremamente improváveis;
- Aquelas que foram proferidas com especificações suficientes para serem claras aos leitores de hoje;
- Aquelas que sejam verificáveis;
- Aquelas que não poderiam ser engenhosamente projetadas para se cumprir de uma forma enganosa.

Duas das profecias que correspondem a esses critérios são as **profecias sobre a destruição da Babilônia e sobre a destruição de Tiro.**

6.10.5. A CIDADE-ESTADO DA BABILÔNIA

O antigo historiador grego **Heródoto,** em 460 a.C., considerou a Babilônia como sendo uma das maiores maravilhas do mundo. A Babilônia foi fundada em algum momento antes de 2000 a.C. no rio Eufrates, 50 milhas (80 km) ao sul do que é hoje Bagdá, no Iraque. Foi a sede política do sul da Mesopotâmia e foi muito expandida em riqueza, tamanho e influência sob **Hammurabi** (1792-1750 a.C.).

A estrutura da cidade, na verdade, abrangeu o Eufrates e teve uma fortificação de perímetro de pedras empilhadas e terra de onze a catorze milhas (17,6-22,4 km) de comprimento em cada lado. A altura dessas paredes do perímetro Heródoto registra como, por vezes, superior a 200 pés (61 metros). Diante disso, 250 torres de vigia foram construídas – elas mesmas tendo até 100 pés (30,5 metros) de altura.

A arqueologia moderna sugere que as maiores proezas das construções e da engenharia da Babilônia, incluindo os seus jardins suspensos, foram provavelmente construídas sob **Nabopolassar** (626-605 a.C.) e **Nabucodonosor II** (605-562 a.C.). Esses governantes tornaram as 196 milhas quadradas (315 km²) da Babilônia em um dos melhores defendidos, mais agriculturalmente produtivos e maiores desenvolvimentos comerciais que o mundo tinha visto até aquele ponto. Além das contribuições da Babilônia à lei, ciência, astronomia e matemática, suas forças armadas foram uma ameaça significativa até mesmo contra a superpotência do antigo Egito.

6.10.5.1. O QUE A BÍBLIA PROFETIZOU?

É contra esse pano de fundo da "Babilônia, a Grande" que encontramos os profetas bíblicos anunciando a aniquilação da Babilônia. Eles, é claro, fazem isso alegando estar transmitindo uma revelação dada por Deus. O profeta Isaías registrou no final do século 7 a.C.:

> Babilônia, a joia dos reinos, o esplendor do orgulho dos babilônios, será destruída por Deus, à semelhança de Sodoma e Gomorra. Nunca mais será repovoada nem habitada, de geração em geração; o árabe não armará ali a sua tenda e o pastor não fará descansar ali o seu rebanho. Mas as criaturas do deserto lá estarão, e as suas casas se encherão de chacais; nela habitarão corujas e saltarão bodes selvagens. (*Isaías 13:19-21, "Nova Versão Internacional"*).

> "Farei dela um lugar para corujas e uma terra pantanosa; vou varrê-la com a vassoura da destruição", diz o SENHOR dos Exércitos. (*Isaías 14:23, "Nova Versão Internacional"*).

O profeta Jeremias, no século 6 a.C., escreveu extensivamente sobre a vindoura destruição da Babilônia e adiciona muitos detalhes:

> "Fujam da Babilônia; saiam da terra dos babilônios e sejam como os bodes que lideram o rebanho. Vejam! Eu mobilizarei e trarei contra a Babilônia uma coalizão de grandes nações do norte. Elas tomarão posição de combate contra ela e a conquistarão. Suas flechas serão como guerreiros bem treinados, que não voltam de mãos vazias. Assim a Babilônia será saqueada; todos os que a saquearem se fartarão", declara o SENHOR. (*Jeremias 50:8-10, "Nova Versão Internacional"*).

> Por causa da ira do SENHOR ela não será habitada, mas estará completamente desolada. Todos os que passarem pela Babilônia ficarão chocados e zombarão por causa de todas as suas feridas. "Tomem posição de

combate em volta da Babilônia, todos vocês que empunham o arco. Atirem nela! Não poupem flechas, pois ela pecou contra o SENHOR. Soem contra ela um grito de guerra de todos os lados! Ela se rende, suas torres caem e suas muralhas são derrubadas. Esta é a vingança do SENHOR; vinguem-se dela! Façam a ela o que ela fez aos outros! Eliminem da Babilônia o semeador e o ceifeiro, com a sua foice na colheita. Por causa da espada do opressor, que cada um volte para o seu próprio povo, e cada um fuja para a sua própria terra." (*Jeremias 50:13-16, "Nova Versão Internacional"*).

Há ruído de batalha na terra; grande destruição! Quão quebrado e destroçado está o martelo de toda a terra! Quão arrasada está a Babilônia entre as nações! "Preparei uma armadilha para você, ó Babilônia, e você foi apanhada antes de percebê-lo; você foi achada e capturada porque se opôs ao SENHOR." O SENHOR abriu o seu arsenal e trouxe para fora as armas da sua ira, pois o Soberano, o SENHOR dos Exércitos, tem trabalho para fazer na terra dos babilônios. Venham contra ela dos confins da terra. Arrombem os seus celeiros; empilhem-na como feixes de cereal. Destruam-na totalmente e não lhe deixem nenhum remanescente. Matem todos os seus jovens guerreiros! Que eles desçam para o matadouro! Ai deles! Pois chegou o seu dia, a hora de serem castigados. Escutem os fugitivos e refugiados vindos da Babilônia, declarando em Sião como o SENHOR, o nosso Deus, se vingou, como se vingou de seu templo. "Convoquem flecheiros contra a Babilônia, todos aqueles que empunham o arco. Acampem-se todos ao redor dela; não deixem ninguém escapar. Retribuam a ela conforme os seus feitos; façam com ela tudo o que ela fez. Porque ela desafiou o SENHOR, o Santo de Israel. Por isso, os seus jovens cairão nas ruas e todos os seus guerreiros se calarão naquele dia", declara o SENHOR. "Veja, estou contra você, ó arrogante", declara o Soberano, o SENHOR dos Exércitos, "pois chegou o seu dia, a sua hora de ser castigada. A arrogância tropeçará e cairá, e ninguém a ajudará a se levantar. Incendiarei as suas cidades, e o fogo consumirá tudo ao seu redor." (*Jeremias 50:22-32, "Nova Versão Internacional"*).

"Uma espada contra os babilônios!", declara o SENHOR; "contra os que vivem na Babilônia e contra seus líderes e seus sábios! Uma espada contra os seus falsos profetas! Eles se tornarão tolos. Uma espada contra os seus guerreiros! Eles ficarão apavorados. Uma espada contra os seus cavalos, contra os seus carros de guerra e contra todos os estrangeiros em suas fileiras! Eles serão como mulheres. Uma espada contra os seus tesouros! Eles serão saqueados. Uma espada contra as suas águas! Elas secarão. Porque é uma terra de imagens esculpidas, e eles enlouquecem por causa de seus ídolos horríveis. Por isso, criaturas do deserto e hienas nela morarão, e as corujas nela habitarão. Ela jamais voltará a ser povoada nem haverá quem nela viva no futuro. Como Deus destruiu Sodoma e Gomorra e as cidades vizinhas", diz o SENHOR, "ninguém mais habitará ali, nenhum homem residirá nela. Vejam! Vem vindo um povo do norte; uma grande nação e muitos reis se mobilizam desde os confins da terra. Eles empunham o arco e a lança; são cruéis e não têm misericórdia, e o seu barulho é como o bramido do mar. Vêm montados em seus cavalos, em formação de batalha, para atacá-la, ó cidade de Babilônia." (*Jeremias 50:35-42, "Nova Versão Internacional"*).

"Quando o rei da Babilônia ouviu relatos sobre eles, as suas mãos amoleceram. A angústia tomou conta dele, dores como as de uma mulher que está dando à luz. Como um leão que sobe da mata do Jordão em direção aos pastos verdejantes, subitamente eu caçarei a Babilônia pondo-a fora de sua terra. Quem é o escolhido que designarei para isso? Quem é como eu que possa me desafiar? E que pastor pode me resistir?" Por isso ouçam o que o SENHOR planejou contra a Babilônia, o que ele preparou contra a terra dos babilônios: os menores do rebanho serão arrastados, e as pastagens ficarão devastadas por causa deles. Ao som da tomada da Babilônia a terra tremerá; o grito deles ressoará entre as nações. (*Jeremias 50:43-46, "Nova Versão Internacional"*).

Afiem as flechas, peguem os escudos! O SENHOR incitou o espírito dos reis dos medos, porque seu propósito é destruir a Babilônia. O SENHOR se vingará, se vingará de seu templo. Ergam o sinal para atacar as muralhas da Babilônia! Reforcem a guarda! Posicionem as sentinelas! Preparem uma emboscada! O SENHOR executará o seu plano, o que ameaçou fazer contra os habitantes da Babilônia. Você que vive junto a muitas águas e está rico de tesouros, chegou o seu fim, a hora de você ser eliminado. O SENHOR dos Exércitos jurou por si mesmo: "Com certeza a encherei de homens, como um enxame de gafanhotos, e eles gritarão triunfantes sobre você." (*Jeremias 51:11-14, "Nova Versão Internacional"*).

Por isso, assim diz o SENHOR: "Vejam, defenderei a causa de vocês e os vingarei; secarei o seu mar e esgotarei as suas fontes. A Babilônia se tornará um amontoado de ruínas, uma habitação de chacais, objeto de pavor e de zombaria, um lugar onde ninguém vive. O seu povo todo ruge como leõezinhos, rosnam como filhotes de leão. Mas, enquanto estiverem excitados, prepararei um banquete para eles e os deixarei bêbados, para que fiquem bem alegres e, então, durmam e jamais acordem", declara o SENHOR. "Eu os levarei como cordeiros para o matadouro, como carneiros e bodes." (*Jeremias 51:36-40, "Nova Versão Internacional"*).

> O mar se levantará sobre a Babilônia; suas ondas agitadas a cobrirão. Suas cidades serão arrasadas, uma terra seca e deserta, uma terra onde ninguém mora, pela qual nenhum homem passa. Castigarei Bel na Babilônia e o farei vomitar o que engoliu. As nações não mais acorrerão a ele. E a muralha da Babilônia cairá. (*Jeremias 51:42-44, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Assim diz o SENHOR dos Exércitos: "A larga muralha da Babilônia será desmantelada e suas altas portas serão incendiadas. Os povos se exaurem por nada, o trabalho das nações não passa de combustível para as chamas." (*Jeremias 51:58, "Nova Versão Internacional"*).
>
> Esta é a mensagem que Jeremias deu ao responsável pelo acampamento, Seraías, filho de Nerias, filho de Maaseias, quando ele foi à Babilônia com o rei Zedequias de Judá, no quarto ano do seu reinado. Jeremias escreveu num rolo todas as desgraças que sobreviriam à Babilônia, tudo que fora registrado acerca da Babilônia. Ele disse a Seraías: "Quando você chegar à Babilônia, tenha o cuidado de ler todas estas palavras em alta voz. Então diga: 'ó SENHOR, disseste que destruirás este lugar, para que nem homem nem animal viva nele, pois ficará em ruínas para sempre.' Quando você terminar de ler este rolo, amarre nele uma pedra e atire-o no Eufrates. Então diga: assim Babilônia afundará para não mais se erguer, por causa da desgraça que trarei sobre ela. E seu povo cairá." Aqui terminam as palavras de Jeremias. (*Jeremias 51:59-64, "Nova Versão Internacional"*).

Na época em que essas profecias foram dadas, a Babilônia foi sem dúvida um dos poderes mais influentes do mundo, e continuou a ser por mais 200 anos. A Babilônia marchou sobre Jerusalém pelo menos duas vezes, levando muitos israelitas em cativeiro e finalmente devastando a cidade em 586 a.C. No entanto, como é que, depois, Jerusalém se tornou uma grande cidade e a Babilônia ainda permanece em ruínas?

6.10.5.2. COMO A HISTÓRIA SE DESENROLOU?

Em 539 a.C., **Ciro, o Grande,** da Pérsia, contornou os muros e portões impenetráveis da Babilônia por inteligentemente ter redirecionado o rio Eufrates com valas profundas. Culminando em 13 de outubro, as tropas persas marcharam então para fora do norte ao longo do leito do rio raso embaixo das paredes da Babilônia e se apoderaram da cidade em uma única noite. A noite do ataque pegou os babilônios de surpresa, uma vez que correspondeu com um festival anual que eles estavam comemorando. A partir desse ponto na história a Babilônia apenas diminuiu.

Xerxes, neto de Ciro, saqueou da cidade muitos de seus tesouros durante o seu reinado de 485-465 a.C. **Alexandre, o Grande,** conquistador do Império Persa, decidiu em 323 a.C. que iria reconstruir a cidade a para que ela se tornasse sua capital em todo o mundo. No entanto, ele morreu poucos dias depois do trabalho que havia começado.

Imediatamente, os **generais** de Alexandre lutaram por porções do império e a grande Babilônia se encontrou como sendo um campo de batalha improvável para a competição sangrenta do novo sucessor do Império Persa. Quando os **selêucidas** finalmente tomaram posse de Babilônia, a cidade e as fortificações tinham sido suficientemente devastadas pela destruição e pilhagem, sendo abandonadas por uma nova cidade construída a quarenta milhas (64 km) ao norte. Embora isso tenha acabado com a Babilônia como uma cidade-estado, suas paredes protetoras permaneceram suficientemente intactas para permitir que exércitos habitassem com segurança em seu recinto.

A Babilônia não foi totalmente destruída até cerca de 600 anos mais tarde, durante o reinado de **Juliano, o Apóstata,** o imperador de Roma que tentou livrar o Império Romano do cristianismo. Enquanto lutava contra o exército persa em 363 d.C., ele ordenou que as paredes remanescentes da antiga cidade fossem destruídas de forma a nunca mais permitir o abrigo dos exércitos persas.

Desde o século quatro, as profecias para a destruição da Babilônia já pareciam estar quase completamente cumpridas. Mesmo o paradoxo de que a Babilônia seria tanto coberta por ondas quanto seria uma terra seca e deserta parece ser verdade. Ruínas no sítio original estão em grande parte abaixo de uma superfície estéril e varrida de areia que é ocasionalmente inundada pelo rio Eufrates. Enquanto isso, a Enciclopédia Britânica observa que:

> Uma grande parte da cidade antiga enterrada sob uma profunda camada de sedimentos continua a ser encontrada, e a Babilônia de Hamurabi, da qual foram detectados apenas pequenos traços, agora se encontra abaixo do lençol freático [600].

Literalmente e figurativamente concernente a essa parte da cidade: "[...] assim Babilônia afundará para não mais se erguer, por causa da desgraça que trarei sobre ela [...]" (Jeremias 51:64).

O mais recente desenvolvimento acerca da Babilônia realmente ocorreu nas últimas décadas. U.S. News and World Report citou projetos do Iraque para reconstruir partes da Babilônia, por causa do turismo. No entanto, evidências de genocídio patrocinado pelo estado, terrorismo, tortura rotineira de seus cidadãos e os chamados frequentes para os muçulmanos em todo o mundo para destruir o Ocidente parecem apresentar obstáculos formidáveis para o Iraque sediar com sucesso qualquer tipo de "Disneylândia do Oriente Médio" por meio da Babilônia.

Embora os planos do Iraque pareçam improváveis para o futuro próximo, algum tipo de esforço já tinha sido reportadamente começado. Dado o sucesso aparente com que as forças celestes tiveram em continuamente manter a Babilônia em ruínas, os potenciais visitantes de qualquer Babilônia recriada fariam bem em lembrar a taxa de profecias bíblicas com sucesso até agora.

Os escritores bíblicos haviam predito o destino da Babilônia muito antes do que veio a acontecer. Mesmo no encerramento do Antigo Testamento e, posteriormente, durante a época de Cristo, a Babilônia ainda era uma cidade substancial. Por essa época, muito do que tinha sido predito do declínio de Babilônia tinha se tornado realidade, mas algumas profecias ainda não haviam sido cumpridas. **Sua última destruição foi provocada, não por seguidores zelosos que tentam cumprir as Escrituras, mas por antagonistas mil anos mais tarde que estavam querendo destruir o cristianismo.**

As profecias da Babilônia claramente não foram escritas após o fato, nem simplesmente preveram eventos generalizados e altamente prováveis. Lembre-se que a Babilônia à qual Isaías e Jeremias se referiram foi uma potência mundial. A localização da Babilônia em uma das principais vias navegáveis era, e ainda é, ideal para o comércio. No entanto, continua desolada, enquanto muitas cidades obviamente menores em torno do Oriente Médio têm sido destruídas e reconstruídas muitas vezes. **A queda da Babilônia estava completamente fora das capacidades dos profetas bíblicos para ser estimada ou para ser trazida à realidade.**

Como é que esses profetas sabiam o que aconteceria? Deus revelou essas coisas a eles. O fato de que essas profecias, e outras profecias bíblicas antigas, foram cumpridas, excetuando-se a volta de Cristo, dá grande apoio para essa alegação.

6.10.6. A CIDADE DE TIRO

Assim como o exemplo das profecias da Bíblia contra a Babilônia, as profecias contra Tiro também fazem um excelente estudo de caso para a verificação da veracidade bíblica.

6.10.6.1. O QUE A BÍBLIA PROFETIZOU?

> No décimo primeiro ano, no primeiro dia do mês, veio a mim esta palavra do SENHOR: "Filho do homem, visto que Tiro falou de Jerusalém: 'Ah! Ah! O portal das nações está quebrado, e as suas portas se me abriram; agora que ela jaz em ruínas, eu prosperarei', por essa razão assim diz o Soberano, o SENHOR: estou contra você, ó Tiro, e trarei muitas nações contra você; virão como o mar quando eleva as suas ondas. Elas destruirão os muros de Tiro e derrubarão suas torres; eu espalharei o seu entulho e farei dela uma rocha nua. Fora, no mar, ela se tornará um local propício para estender redes de pesca, pois eu falei. Palavra do Soberano, o SENHOR. Ela se tornará despojo para as nações, e em seus territórios no continente será feita grande destruição pela espada. E saberão que eu sou o SENHOR." (*Ezequiel 26:1-6, "Nova Versão Internacional"*).

> "Pois assim diz o Soberano, o SENHOR: contra você, Tiro, vou trazer do norte o rei da Babilônia, Nabucodonosor, rei de reis, com cavalos e carros, com cavaleiros e um grande exército. Ele desfechará com a espada um violento ataque contra os seus territórios no continente. Construirá obras de cerco e uma rampa de acesso aos seus muros. E armará uma barreira de escudos contra você. Ele dirigirá as investidas dos seus aríetes contra os seus muros e com armas de ferro demolirá as suas torres. Seus cavalos serão tantos que

> cobrirão você de poeira. Seus muros tremerão com o barulho dos cavalos de guerra, das carroças e dos carros, quando ele entrar por suas portas com a facilidade com que se entra numa cidade cujos muros foram derrubados. Os cascos de seus cavalos pisarão todas as suas ruas; ele matará o seu povo à espada, e as suas resistentes colunas ruirão. Despojarão sua riqueza e saquearão seus suprimentos; derrubarão seus muros, demolirão suas lindas casas e lançarão ao mar as suas pedras, o seu madeiramento e todo o entulho. Porei fim a seus cânticos barulhentos, e não se ouvirá mais a música de suas harpas. Farei de você uma rocha nua, e você se tornará um local propício para estender redes de pesca. Você jamais será reconstruída, pois eu, o SENHOR, falei. Palavra do Soberano, o SENHOR." (*Ezequiel 26:7-14, "Nova Versão Internacional"*).

Essa profecia para a cidade de Tiro, a qual veio por meio do profeta Ezequiel em torno de 588 a.C., é um retrato de destruição semelhante ao que foi dado para a Babilônia. Também semelhante é o grande período de tempo durante o qual esses acontecimentos proféticos específicos aconteceram. Ezequiel profetizou sobre um número de cidades, cada uma com diferentes futuros, mas nenhuma dessas profecias foi tão interessante e cumprida de uma forma tão incomum e literal como a destruição de Tiro.

6.10.6.2. COMO A HISTÓRIA SE DESENROLOU?

Tiro era uma significativa cidade costeira localizada a oeste das montanhas do Líbano, no Mediterrâneo. Tinha um porto natural que foi protegido por uma ilha à meia milha da costa. Tiro caiu sob o cerco de Nabucodonosor, como profetizado. O cerco arrastou-se por treze anos. Durante esse tempo, toda a cidade de Tiro foi transferida para a sua muito mais defensável ilha portuária. A Babilônia tomou a cidade continental de Tiro por volta de 573 a.C., porém, sem uma marinha, foi incapaz de prosseguir a guerra para a fortaleza da ilha. Por mais de dois séculos, a cidade permaneceu centralizada em sua fortificação da ilha.

Em 332 a.C., Alexandre, o Grande, marchou sobre Tiro quando ela se recusou a negar o uso de seus portos aos seus inimigos. A Enciclopédia Britânica registra:

> Não possuindo nenhuma frota, ele [Alexandre, o Grande] demoliu a velha cidade de Tiro, no continente, e com os restos construiu uma ponte de 200 pés (60 metros) de largura em todo o estreito que separa a cidades antiga da nova, erigindo torres e máquinas de cerco no final mais distante [601].

Quando o uso de cada rocha e remanescente da antiga cidade de Tiro ficou aquém de alcançar a ilha por cerca de cem jardas (91 metros), Alexandre chamou a ajuda de outras nações. Com mais de duzentos navios que foram fornecidos a ele, finalmente Alexandre se apoderou da cidade-ilha e a devastou. Tiro depois se recuperou, mas foi novamente sitiada e queimada por Antígono em 314 a.C.

O próximo golpe para a cidade foi a mudança gradual do comércio para o sul. Tiro continuou a existir, mas com riqueza e influência em declínio. Tão tarde como 1291 d.C., a cidade-ilha foi intensamente disputada e acabou sendo vencida pelos muçulmanos. Eles massacraram os habitantes e a cidade foi totalmente destruída para evitar seu uso contra os muçulmanos no futuro. Hoje, o porto é a porta apenas para barcos de pesca locais. Uma pequena vila de pescadores existe na ilha, mas em um local em frente de onde a ilha abrigou a cidade extinta de Tiro. Como o historiador Philip Myers escreveu:

> A parte maior do local da que uma vez foi uma grande cidade é agora **nua como o topo de uma rocha** – um lugar onde **os pescadores que ainda frequentam o local espalham suas redes para secar** [602].

Claramente, todos os 2.600 anos de história que se passaram desde a época de Ezequiel parecem favoráveis para sua afirmação de que ele recebeu revelações especiais de eventos futuros.

6.10.7. O QUE PODEMOS CONCLUIR DESSES DOIS ESTUDOS DE CASO?

As predições legítimas da Bíblia sobre grandes eventos antes de sua ocorrência indicam algo além da capacidade humana natural. A alegação da Bíblia de que a profecia cumprida é um ato de um Deus onisciente e todo-poderoso é uma explicação muito plausível.

Se você deseja obter mais exemplos de profecias cumpridas que podem ser justificadas com evidências arqueológicas explícitas, investigue as seguintes cidades: **Petra (a capital de Edom), Nínive, Tebas, Mênfis, Gaza, Asquelom, Samaria e Jerusalém.**

7. REFERÊNCIAS

[1] Adaptado de *Provethebible.net/T1/Veracity.htm; Provethebible.net/T1/Divinity.htm;* acessados em 03/2022. Retornar.

[2] *Montgomery, John Warwick, "Evidence for Faith: The Jury Returns", Word Publ. 1991, p. 324.* Retornar.

[3] *Montgomery, John Warwick, "Evidence for Faith: The Jury Returns", Word Publ. 1991, p. 325.* Retornar.

[4] *Montgomery, John Warwick, "Evidence for Faith: The Jury Returns", Word Publ. 1991, p. 325.* Retornar.

[5] Adaptado de *Y-jesus.com/wwrj/1-jesus-real-person,* acessado em 05/2017. Retornar.

[6] *Ellen Johnson & Larry King, "What Happens After We Die?", Larry King Live, CNN, April 14, 2005.* Retornar.

[7] Citado em *Downing, David C., "The Most Reluctant Convert", Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002, p. 57.* Retornar.

[8] *Lewis, C. S., "The Inspirational Writings of C. S. Lewis: Surprised by Joy", New York: Inspirational Press, 1986, pp. 122-3.* Retornar.

[9] *Livius.org/aj-al/alexander/alexander_z1b.html, "Alexander the Great: The 'Good' Sources",* acessado em 01/2016. Retornar.

[10] *Muggeridge, Malcolm, "Jesus Rediscovered", Bungay, Suffolk, UK: Fontana, 1969, p. 8.* Retornar.

[11] *Walsh, Jennifer, "Ancient bone box might point to biblical home of Caiaphas", MSNBC.com, August 31, 2011.* Retornar.

[12] *Msnbc.msn.com/id/44347890/ns/technology_and_science-science/t/ancient-bone-box-might-point-biblical-home-caiaphas,* acessado em 01/2016. Retornar.

[13] *Salm, Rene, "The Myth of Nazareth: The Invented Town of Jesus", American Atheist.org, December 22, 2009.* Retornar.

[14] *Johnson, Paul, "A Historian Looks at Jesus", speech to Dallas Seminary, 1986.* Retornar.

[15] *Pascal, Blaise, "The Mind on Fire: An Anthology of the Writings of Blaise Pascal", Portland, OR, Multnomah Press, 1989, p. 136.* Retornar.

[16] Citado em *McDowell, Josh & Wilson, Bill, "Evidence for the Historical Jesus", Eugene, OR: Harvest House, 1993, p. 23.* Retornar.

[17] *Bock, Darrell L., "Studying the Historical Jesus", Grand Rapids, MI: Baker, 2002, p. 46.* Retornar.

[18] *Kennedy, D. James, "Skeptics Answered", Sisters, OR: Multnomah, 1997, p. 76.* Retornar.

[19] *McDowell, Josh & Wilson, Bill, "Evidence for the Historical Jesus", Eugene, OR: Harvest House, 1993, p. 44.* Retornar.

[20] *Durant, Will, "Caesar and Christ", vol. 3 de The Story of Civilization, New York: Simon & Schuster, 1972, p. 555.* Retornar.

[21] *Habermas, Gary R., "Was Jesus Real", InterVarsity.org, August 8, 2008.* Retornar.

[22] *Habermas, Gary R., "Was Jesus Real", InterVarsity.org, August 8, 2008.* Retornar.

[23] *Habermas, Gary R. & Licona, Michael R., "The Case for the Resurrection of Jesus", Grand Rapids, MI: Kregel, 2004, p. 127.* Retornar.

[24] *Habermas, Gary R., "Was Jesus Real", InterVarsity.org, August 8, 2008.* Retornar.

[25] Citado em *McDowell, Josh, "Evidence That Demands a Verdict", vol. 1, Nashville: Nelson, 1979, p. 87*. Retornar.

[26] *Habermas, Gary R., "The Verdict of History", Thomas Nelson Publ., Nashville, TN, 1988, p. 90*. Retornar.

[27] *McDowell, Josh, "He Walked Among Us", Here's Life, San Bernardino, CA, 1988, p. 37*. Retornar.

[28] *Josephus, Flavius, "Antiquities of the Jews", Grand Rapids, MI: Kregel, 1966, p. 423 – quoting book 20 from "Antiquities of the Jews"; McDowell, Josh, "He Walked Among Us", Here's Life, San Bernardino, CA, 1988, pp. 38-39.* Retornar.

[29] *Bock, Darrell L., "Studying the Historical Jesus", Grand Rapids, MI: Baker, 2002, p. 57; Josephus, Flavius, "Antiquities of the Jews", Grand Rapids, MI: Kregel, 1966, p. 379; McDowell, Josh, "He Walked Among Us", Here's Life, San Bernardino, CA, 1988, p. 45.* Retornar.

[30] *McDowell, Josh & Wilson, Bill, "Evidence for the Historical Jesus", Eugene, OR: Harvest House, 1993, pp. 49-50.* Retornar.

[31] *McDowell, Josh, "He Walked Among Us", Here's Life, San Bernardino, CA, 1988, p. 47*. Retornar.

[32] Citado em *Durant, Will, "Caesar and Christ", vol. 3 de The Story of Civilization, New York: Simon & Schuster, 1972, p. 281 – quoting Annals 15:44.* Retornar.

[33] *Shelly, Rubel, "Prepare to Answer", Baker Book House, Grand Rapids, MI 1990, pp. 174-175.* Retornar.

[34] *McDowell, Josh & Wilson, Bill, "Evidence for the Historical Jesus", Eugene, OR: Harvest House, 1993, pp. 49-50.* Retornar.

[35] *Habermas, Gary R., "The Verdict of History", Thomas Nelson Publ., Nashville, TN, 1988, p. 90*. Retornar.

[36] *McDowell, Josh, "He Walked Among Us", Here's Life, San Bernardino, CA 1988, p. 53.* Retornar.

[37] *McDowell, Josh, "He Walked Among Us", Here's Life, San Bernardino, CA 1988, p. 53.* Retornar.

[38] *Biblehub.com/library/schaff/the_person_of_christ/julian_the_apostate.htm,* acessado em 04/2017. Retornar.

[39] *Cyrillus, Alex, "Contra Julian.", lib. vi., p. 191*. Retornar.

[40] *Reasonablefaith.org/thallus-on-the-darkness-at-noon,* acessado em 04/2017. Retornar.

[41] *Roberts, Donaldson & Coxe, "Contra Celsum", Volume IV, Book II, chapter 23, p. 441*. Retornar.

[42] *Geisler, Norman & Bocchino, Peter, "Unshakable Foundations", Grand Rapids, MI: Bethany House, 2001, p. 269*. Retornar.

[43] *Habermas, Gary R. & Licona, Michael R., "The Case for the Resurrection of Jesus", Grand Rapids, MI: Kregel, 2004, p. 212.* Retornar.

[44] *McDowell, Josh & Wilson, Bill, "Evidence for the Historical Jesus", Eugene, OR: Harvest House, 1993, pp. 74-79.* Retornar.

[45] *Geisler, Norman L. & Hoffman, Paul K., eds., "Why I Am a Christian", Grand Rapids, MI: Baker, 2001, p. 150*. Retornar.

[46] *Metzger, Bruce M., "The Text of the New Testament", New York: Oxford University Press, 1992, p. 86*. Retornar.

[47] Lista compilada de *McDowell, Josh, "He Walked Among Us", Here's Life, San Bernardino, CA, 1988, pp. 118-122; "Holman Bible Dictionary", Holman Bible Publ., Nashville, TN, 1991; "Foxe's Christian Martyrs of the World", Barbour and Co., Uhrichsville, OH, 1985, pp. 5-9.* Retornar.

[48] *McDowell, Josh, "He Walked Among Us", Here's Life, San Bernardino, CA, 1988, pp. 46-47.* Retornar.

[49] *Habermas, Gary R., "The Verdict of History", Thomas Nelson Publ., Nashville, TN, 1988, p. 90.* Retornar.

[50] *Grant, Michael, "Jesus: An Historian's Review of the Gospels", London: Rigel, 2004, pp. 199-200.* Retornar.

[51] Citado em *McDowell, Josh, "The New Evidence That Demands a Verdict", Nashville: Thomas Nelson, 1999, p. 61.* Retornar.

[52] *Albright, William, "Toward a More Conservative View", Christianity Today, January 18, 1993.* Retornar.

[53] *Robinson, John A. T., "Redating the New Testament", Philadelphia: Westminster Press, 1976, pp. 352-3.* Retornar.

[54] *Lewis, C. S., "God in the Dock", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970, p. 158.* Retornar.

[55] *Bruce, F. F., "The Books and the Parchments", Old Tappan, NJ: Revell, 1984, p. 168.* Retornar.

[56] *Johnson, Paul, "A Historian Looks at Jesus", speech to Dallas Seminary, 1986.* Retornar.

[57] Citado em *Lee, Christopher, "This Sceptred Isle", London: Penguin, 1997, p. 1.* Retornar.

[58] *Durant, Will, "The Story of Philosophy", New York: Pocket, 1961, p. 428.* Retornar.

[59] Citado em *Bright, Bill, "Believing God for the Impossible", San Bernardino, CA: Here's Life, 1979, pp. 177-8.* Retornar.

[60] Citado em *Ramm, Bernard, "Protestant Christian Evidences", Chicago: Moody Press, 1957, p. 163.* Retornar.

[61] *Pelikan, Jaroslav, "Jesus through the Centuries", New York: Harper & Row, 1987, p. 1.* Retornar.

[62] Citado em *"What Life Means to Einstein: An Interview by George Sylvester Viereck", Saturday Evening Post, October 26, 1929, p. 17.* Retornar.

[63] *Benwitherington.blogspot.com.br/2007/12/zeitgeist-of-zeitgeist-movie.html, "The Zeitgeist of the 'Zeitgeist Movie'"*, acessado em 02/2016. Retornar.

[64] *Strobel, Lee, "The Case for the Real Jesus", Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007, pp. 166-71.* Retornar.

[65] *Strobel, Lee, "The Case for the Real Jesus", Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007, p. 163.* Retornar.

[66] *Habermas, Gary R. & Licona, Michael R., "The Case for the Resurrection of Jesus", Grand Rapids, MI: Kregel, 2004, p. 90.* Retornar.

[67] *Butler, Trent C., gen. Editor, "Holman Bible Dictionary", Holman Bible Publishers, Nashville, TN, 1991, pp. 227-228, 1381.* Retornar.

[68] *Allis, Oswald T., "The Old Testament: Its Claims and Its Critics", Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1972, p. 353.* Retornar.

[69] *Habermas, Gary R. & Licona, Michael R., "The Case for the Resurrection of Jesus", Grand Rapids, MI: Kregel, 2004, p. 90.* Retornar.

[70] *Strobel, Lee, "The Case for the Real Jesus", Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007, pp. 160-61.* Retornar.

[71] Citado em *Colson, Chuck, "Jesus Christ and Harry Potter", Breakpoint, July 29, 2011 – Breakpoint.org/bpcommentaries/entry/13/17568*, acessado em 02/2016. Retornar.

[72] *Bruce, F. F., "The New Testament Documents: Are They Reliable?", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997, p. 119.* Retornar.

[73] Adaptado de *Rf.convio.net/site/News2?page=NewsArticle&id=6813*, acessado em 04/2015. Retornar.

[74] *"Research Life-of-Jesus and the Eclipse of Mythology", Theological Studies 54 [1993]: 3-36.* Retornar.

[75] *"The Genre of the Gospels" in France, R. T. & Wenham, David, eds., "Gospel Perspectives II", Sheffield: JSOT Press, 1981, p. 48.* Retornar.

[76] *Mettinger, Tryggve N. D., "The Riddle of Resurrection: 'Dying and Rising Gods' in the Ancient Near East", Stockholm, Sweden: Almquist & Wiksell International, 2001, p. 4, 7.* Retornar.

[77] *Mettinger, Tryggve N. D., "The Riddle of Resurrection: 'Dying and Rising Gods' in the Ancient Near East, Stockholm, Sweden: Almquist & Wiksell International, 2001, p. 221.* Retornar.

[78] *Smith, Jonathan Z., "Drudgery Divine", 1990, p. 101.* Retornar.

[79] *Smith, Jonathan Z., "Drudgery Divine", 1990, pp. 103-104.* Retornar.

[80] *Bruce Metzger* citado em *Nash, Ronald H., "The Gospel and the Greeks", pp. 186-187.* Retornar.

[81] *Habermas, Gary R. & Licona, Michael R., "The Case for the Resurrection of Jesus", Grand Rapids, MI: Kregel, 2004, p. 119.* Retornar.

[82] *Durant, Will, "Caesar and Christ", vol. 3 de The Story of Civilization, New York: Simon & Schuster, 1972, pp. 553-4.* Retornar.

[83] *Johnson, Paul, "A Historian Looks at Jesus", speech to Dallas Seminary, 1986.* Retornar.

[84] *Grant, Michael, "Jesus: An Historian's Review of the Gospels", London: Rigel, 2004, pp. 199-200.* Retornar.

[85] *Wells, H. G., "The Outline of History", New York: Doubleday, 1949, p. 528.* Retornar.

[86] Adaptado de *Y-jesus.com/wwrj/2-da-vinci-conspiracy*, acessado em 01/2016. Retornar.

[87] *Brown, Dan, "The Da Vinci Code", New York: Doubleday, 2003, p. 234.* Retornar.

[88] *Brown, Dan, "The Da Vinci Code", New York: Doubleday, 2003, p. 233.* Retornar.

[89] Citado em *Lutzer, Erwin, "The Da Vinci Deception", Wheaton, IL: Tyndale, 2004, XIX.* Retornar.

[90] *Brown, Dan, "The Da Vinci Code", New York: Doubleday, 2003, p. 233.* Retornar.

[91] *Brown, Dan, "The Da Vinci Code", New York: Doubleday, 2003, p. 231.* Retornar.

[92] *Lutzer, Erwin, "The Da Vinci Deception", Wheaton, IL: Tyndale, 2004, p. 71.* Retornar.

[93] *Brown, Dan, "The Da Vinci Code", New York: Doubleday, 2003, p. 234.* Retornar.

[94] *McManners, John, ed, "The Oxford History of Christianity", New York: Oxford University Press, 2002, p. 28.* Retornar.

[95] *Bock, Darrell L., "Breaking the Da Vinci Code", Nashville: Nelson, 2004, p. 114.* Retornar.

[96] *Bock, Darrell L., "Breaking the Da Vinci Code", Nashville: Nelson, 2004, pp. 110-120.* Retornar.

[97] Citado em *Robinson, James M., ed., "The Nag Hammadi Library: The Definitive Translation of the Gnostic Scriptures", HarperCollins, 1990, p. 138.* Retornar.

[98] *Robinson, James M., ed., "The Nag Hammadi Library: The Definitive Translation of the Gnostic Scriptures", HarperCollins, 1990, p. 13.* Retornar.

[99] *Bock, Darrell L., "Breaking the Da Vinci Code", Nashville: Nelson, 2004, p. 64.* Retornar.

[100] *Geisler, Norman & Brooks, Ron, "When Skeptics Ask", Grand Rapids, MI: Baker, 1998, p. 156.* Retornar.

[101] *Kantrowitz, Barbara & Underwood, Anne, "Decoding 'The Da Vinci Code'", Newsweek, December 8, 2003, p. 54.* Retornar.

[102] *Robinson, James M., ed., "The Nag Hammadi Library: The Definitive Translation of the Gnostic Scriptures", HarperCollins, 1990, p. 126.* Retornar.

[103] Citado em *Strobel, Lee, "The Case for Christ", Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998, p. 68.* Retornar.

[104] Citado em *Lutzer, Erwin, "The Da Vinci Deception", Wheaton, IL: Tyndale, 2004, p. 34.* Retornar.

[105] Citado em *McDowell, Josh, "The New Evidence that Demands a Verdict", San Bernardino, CA: Here's Life, 1999, p. 37.* Retornar.

[106] *Kulman, Linda & Tolson, Jay, "Jesus in America", U. S. News & World Report, December 22, 2003, p. 2.* Retornar.

[107] *Stanley Kutler*, entrevista com Frank Sesno, *"The Guilty Men: An Historical Review", History Channel, April 6, 2004.* Retornar.

[108] Adaptado de *Entreomalhoeabigorna.blogspot.com.br/2014/11/o-cristianismo-foi-fundado-no-concilio.html*, acessado em 04/2017. Retornar.

[109] *Dowley, Tim, "Os Cristãos", Martins Fontes, 2009, p. 16; Hutchinson, Robert J., "Uma História Politicamente Incorreta da Bíblia", Agir, 2012, p. 192.* Retornar.

[110] *Hoornaert, Eduardo, "Cristãos da Terceira Geração", Vozes, 1997, p. 117.* Retornar.

[111] *Pelikan, Jaroslav, "A Tradição Cristã 1, O Surgimento da Tradição Católica", 100-600, Sheed Publicações, 2014, p. 186.* Retornar.

[112] *Cairns, Earle E., "O Cristianismo Através dos Séculos", Vida Nova, 2008, p. 75.* Retornar.

[113] *Cairns, Earle E., "O Cristianismo Através dos Séculos", Vida Nova, 2008, p. 75.* Retornar.

[114] *Cairns, Earle E., "O Cristianismo Através dos Séculos", Vida Nova, 2008, p. 75.* Retornar.

[115] *Cairns, Earle E., "O Cristianismo Através dos Séculos", Vida Nova, 2008, pp. 75-76.* Retornar.

[116] *Cairns, Earle E., "O Cristianismo Através dos Séculos", Vida Nova, 2008, pp. 76-77.* Retornar.

[117] *Pelikan, Jaroslav, "A Tradição Cristã 1, O Surgimento da Tradição Católica", 100-600, Sheed Publicações, 2014, pp. 185-234.* Retornar.

[118] *McGrath, Alister E., "Teologia Sistemática, História e Filosófica", Sheed Publicações, 2005, pp. 56-61.* Retornar.

[119] *McGrath, Alister E., "Teologia Sistemática, História e Filosófica", Sheed Publicações, 2005, pp. 56-61.* Retornar.

[120] *Blainey, Geoffrey. "Uma Breve História do Cristianismo", Fundamento, 2012, pp. 54-58.* Retornar.

[121] *Provethebible.net/T1/Divinity.htm*, acessado em 01/2022; *Y-jesus.com/wwrj/6-jesus-rise-dead*, acessado em 05/2017. Retornar.

[122] *Edwards, Paul, "Great Minds: Bertrand Russell", Free Inquiry, December 2004/January 2005, p. 46.* Retornar.

[123] *Sproul, R. C., "Reason to Believe", Grand Rapids, MI: Lamplighter, 1982, p. 44.* Retornar.

[124] *McDowell, Josh, "The New Evidence That Demands a Verdict", San Bernardino, CA: Here's Life, 1999, p. 203.* Retornar.

[125] *Russell, Bertrand, "Why I Am Not a Christian", New York: Simon & Schuster, 1957, p. 16*. Retornar.

[126] *Joseph Campbell* em entrevista com Bill Moyers – *"Joseph Campbell and the Power of Myth", PBS TV special, 1988.* Retornar.

[127] *Wilkins, Michael J. & Moreland, J. P., eds, "Jesus Under Fire", Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995, p. 2.* Retornar.

[128] *"What Is a Skeptic?"*, editorial em *Skeptic, vol 11, no. 2, p. 5.* Retornar.

[129] *Smith, Wilbur M., "A Great Certainty in This Hour of World Crises", Wheaton, ILL: Van Kampen Press, 1951, pp. 10-11.* Retornar.

[130] *Durant, Will, "Caesar and Christ", vol. 3 de "The Story of Civilization", New York: Simon & Schuster, 1972, p. 555.* Retornar.

[131] *Lord Hailsham, "The Door Wherein I Went", London: Collins, 1975, p. 54.* Retornar.

[132] *Bishop, Jim, "The Day Jesus Died", New York: Harper Collins, 1977, p. 257.* Retornar.

[133] Citado na entrevista com J. P. Moreland em *Strobel, Lee, "The Case for Christ", Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998, p. 246.* Retornar.

[134] *Steinfels, Peter, "Jesus Died – And Then What Happened?", New York Times, April 3, 1988, E9.* Retornar.

[135] *McDowell, Josh, "The Resurrection Factor", Here's Life Publishers, San Bernardino, CA, 1981, p. 69.* Retornar.

[136] *Edwards, William D., M. D., et al., "On the Physical Death of Jesus Christ", Journal of the American Medical Association 255, March 21, 1986, p. 11.* Retornar.

[137] *Lucian, "Peregrinus Proteus"*. Retornar.

[138] *Josephus, Flavius, "Antiquities of the Jews", 18.63,64.* Retornar.

[139] *Tacitus, "Annals", 15,44, in "Great Books of the Western World", edited by Robert Maynard Hutchins, Vol. 15, "The Annals and The Histories by Cornelius Tacitus", Chicago: William Benton, 1952.* Retornar.

[140] *Tabor, James D., "The Jesus Dynasty", New York: Simon & Schuster, 2006, p. 230.* Retornar.

[141] *Habermas, Gary R. & Licona, Michael R., "The Case for the Resurrection of Jesus", Grand Rapids, MI: Kregel, 2004, p. 49.* Retornar.

[142] *Geisler, Norman & Brooks, Ron, "When Skeptics Ask", SP Publications, Wheaton, IL, 1990, p. 121.* Retornar.

[143] *McDowell, Josh, "The Resurrection Factor", Here's Life Publishers, San Bernardino, CA, 1981, p. 45.* Retornar.

[144] *Morison, Frank, "Who Moved the Stone?", Grand Rapids, MI: Lamplighter, 1958, p. 9.* Retornar.

[145] *Maier, Paul L., "Independent Press Telegram", Long Beach, CA: April 21, 1973.* Retornar.

[146] *McDowell, Josh, "The Resurrection Factor Part 3", Josh McDowell Ministries, 2009; Bethinking.org/bible-jesus/intermediate/the-resurrection-factor-part-3.htm,* acessado em 03/2016. Retornar.

[147] Citado em *McDowell, Josh, "The Resurrection Factor", San Bernardino, CA: Here's Life, 1981, p. 66*. Retornar.

[148] *Johnson, Paul, "A History of the Jews", New York: Harper & Row, 1988, p. 130.* Retornar.

[149] *Montgomery, John W., "History and Christianity", Downers Grove, ILL: InterVarsity Press, 1971, p. 78.* Retornar.

[150] *Geisler, Norman L. & Turek, Frank, "I Don't Have Enough Faith to Be an Atheist", Wheaton, IL: Crossway, 2004, p. 243.* Retornar.

[151] *Green, Michael, "The Empty Cross of Jesus", Downers Grove, IL: InterVarsity, 1984, p. 97, quoted in Ankerberg, John & Weldon, John, "Knowing the Truth about the Resurrection", Eugene, OR: Harvest House, p. 22.* Retornar.

[152] *Little, Paul, "Know Why You Believe", Wheaton, IL: Victor, 1967, p. 44.* Retornar.

[153] *Moreland, J. P., "Scaling the Secular City", Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2000, p. 172.* Retornar.

[154] *Colson, Charles, "The Paradox of Power", Power to Change, Powertochange.com,* acessado em 03/2016. Retornar.

[155] *Morison, Frank, "Who Moved the Stone?", Grand Rapids, MI: Lamplighter, 1958, p. 9.* Retornar.

[156] *Collins, Gary, quoted in Strobel, Lee, "The Case for Christ", Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998, p. 238.* Retornar.

[157] *Thorburn, Thomas James, "The Resurrection Narratives and Modern Criticism", London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd., 1910, pp. 158-159.* Retornar.

[158] *Sherwin-White, A. N., "Roman Society", p. 190.* Retornar.

[159] *Habermas, Gary R. & Licona, Michael R. Licona, "The Case for the Resurrection of Jesus", Grand Rapids, MI: Kregel, 2004, p. 85.* Retornar.

[160] *Habermas, Gary R. & Licona, Michael R. Licona, "The Case for the Resurrection of Jesus", Grand Rapids, MI: Kregel, 2004, p. 87.* Retornar.

[161] *Morison, Frank, "Who Moved the Stone?", Grand Rapids, MI: Lamplighter, 1958, p. 115.* Retornar.

[162] *Anderson, J. N. D., "The Resurrection of Jesus Christ", Christianity Today, 12 April, 1968.* Retornar.

[163] *Morison, Frank, "Who Moved the Stone?", Grand Rapids, MI: Lamplighter, 1958, p. 9.* Retornar.

[164] *Lewis, C. S., "God in the Dock", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000, p. 159.* Retornar.

[165] Adaptado de *Y-jesus.com/more/jft-jesus-family-tomb, acessado em 09/2016.* Retornar.

[166] *Dawood, N. J., tradutor: "The Koran", Penguin Books, London, England, 1994.* Retornar.

[167] *Sir Fred Hoyle,* citado por *Meisner, Richard D., "Universe – the Ultimate Artifact?", Analog, April 1987, p. 63.* Retornar.

[168] *Berkhof, Louis, "Principles of Biblical Interpretation", Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1950, p. 23.* Retornar.

[169] *Berkhof, Louis, "Principles of Biblical Interpretation", Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1950, p. 26.* Retornar.

[170] *Berkhof, Louis, "Principles of Biblical Interpretation", Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1950, p. 65.* Retornar.

[171] *Berkhof, Louis, "Principles of Biblical Interpretation", Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1950, pp. 27-28.* Retornar.

[172] Adaptado de *Gospelway.com/god/jesus-story.php,* acessado em 02/2022. Retornar.

[173] *Feinberg, Charles L., "Is the Virgin Birth in the Old Testament?", Whittier, CA, Emeth Pul., 1967, p. 22.* Retornar.

[174] *Gloag, Paton J., "The Messianic Prophecies" de "The Messiahship of Christ", Minneapolis, MN, Klock & Klock, 1983 rpt., p. 114.* Retornar.

[175] *Stenning, J. F., ed., "The Targum of Isaiah", London, Oxford Press, 1949, p. 32.* Retornar.

[176] Citado por *McDowell, Josh, "He Walked Among Us", Here's Life, San Bernardino, CA, 1988, p. 295.* Retornar.

[177] *Gloag, Paton J., "The Messianic Prophecies" de "The Messiahship of Christ", Minneapolis, MN, Klock & Klock, 1983 rpt., pp. 118-119.* Retornar.

[178] *Ankerberg, John, "The Case for Jesus the Messiah", Eugene, OR, Harvest House, 1989, p. 39.* Retornar.

[179] *Patai, Raphael, "The Messiah Texts", New York, Avon, 1979, p. 166.* Retornar.

[180] *Edersheim, Alfred, "The Life and Times of Jesus the Messiah" (one volume edition), Grand Rapids, MI, Eerdmans, 1972, pp. 164-165.* Retornar.

[181] Adaptado de *Provethebible.net/T1/Divinity.htm,* acessado em 02/2022; *Y-jesus.com/wwrj/5-was-jesus-messiah,* acessado em 05/2017. Retornar.

[182] *Hines, Terence, "Pseudoscience and the Paranormal", Buffalo, NY: Prometheus Books, 2003, p. 193.* Retornar.

[183] *McDowell, Josh, "The New Evidence That Demands a Verdict", San Bernardino, CA: Here's Life Publishers, 1999, p. 194.* Retornar.

[184] *McDowell, Josh, "The New Evidence That Demands a Verdict", San Bernardino, CA: Here's Life Publishers, 1999, p. 194.* Retornar.

[185] Citado em *McDowell, Josh, "The New Evidence That Demands a Verdict", San Bernardino, CA: Here's Life Publishers, 1999, pp. 12-13.* Retornar.

[186] *McDowell, Josh, "The New Evidence That Demands a Verdict", San Bernardino, CA: Here's Life Publishers, 1999, pp. 164-193.* Retornar.

[187] *Stoner, Peter W., "Science Speaks", Chicago: Moody Press, 1958, pp. 97-110.* Retornar.

[188] *Stoner, Peter W., "Science Speaks", Chicago: Moody Press, 1958, p. 5.* Retornar.

[189] *Strobel, Lee, "The Case for Faith", Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000.* Retornar.

[190] Adaptado de *Y-jesus.com/more/jcg-jesus-claim-god*, acessado em 05/2017. Retornar.

[191] *Zacharias, Ravi, "Jesus Among Other Gods", Nashville: Word, 2000, p. 39.* Retornar.

[192] *Packer, J. I., "Knowing God", Downers Grove, IL: InterVarsity, 1993, p. 189.* Retornar.

[193] *Scofield, C. I., "The Scofield Reference Bible", New York: Oxford University Press, 1996, p. 6, 983.* Retornar.

[194] *Stedman, Ray C., "Adventuring Through the Bible", Grand Rapids, MI: Discovery House, 1997, p. 479.* Retornar.

[195] *Vintage.aomin.org/EGO.html, acessado em 05/2017.* Retornar.

[196] *Lewis, C. S., "God in the Dock", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000, p. 157.* Retornar.

[197] *Packer, J. I., "Knowing God", Downers Grove, IL: InterVarsity, 1993, p. 198.* Retornar.

[198] *Geisler, Norman L. & Hoffman, Paul K., eds, "Why I am a Christian" – "Why I Believe Jesus is the Son of God", Grand Rapids, MI: Baker Books, 2001, p. 223.* Retornar.

[199] *Packer, J. I., "Knowing God", Downers Grove, IL: InterVarsity, 1993, p. 198*. Retornar.

[200] *Lewis, C. S., "Mere Christianity", San Francisco: HarperCollins, 1972, p. 51*. Retornar.

[201] *Piper, John, "The Pleasures of God", Sisters, OR: Multnomah, 2000, p. 35*. Retornar.

[202] *Lewis, C. S., "God in the Dock", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970, p. 80*. Retornar.

[203] Adaptado de *Y-jesus.com/more/ajg-apostles-jesus-god*, acessado em 05/2017. Retornar.

[204] *Durant, Will, "Caesar and Christ", vol. 3 de "The Story of Civilization", New York: Simon & Schuster, 1972, p. 563*. Retornar.

[205] *McNeile, A. H., "Introduction to the New Testament", Oxford: Clarendon Press, 1955, pp. 463-464*. Retornar.

[206] *McDowell, Josh & Larson, Bart, "Jesus: A Biblical Defense of His Deity", San Bernardino: Here's Life, 1983, p. 33*. Retornar.

[207] *Meier, Paul L., ed., "Eusebius, The Church History", Grand Rapids, MI: Kregel, 1999, p. 149*. Retornar.

[208] *Martin, Walter, "The Kingdom of the Cults", Minneapolis, Minn: Bethany, 1974, p. 75*. Retornar.

[209] *Bruce, F. F., "The Deity of Christ", Manchester, England: Wright's [Sandbach] Ltd., 1964*. Retornar.

[210] *Bruce, F. F., "The 'Christ Hymn' of Colossians 1:15-20", Bibliotheca Sacra, April-June 1984, p. 101*. Retornar.

[211] *Guthrie, D. & Motyer, J. A., "The New Bible Commentary: Revised", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1973, p. 1144*. Retornar.

[212] *Bruce, F. F., "The 'Christ Hymn' of Colossians 1:15-20", Bibliotheca Sacra, April-June 1984, p. 101*. Retornar.

[213] *Wuest, Kenneth S., "Word Studies in the Greek New Testament", Vol. II, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986, p. 41*. Retornar.

[214] *Piper, John, "The Pleasures of God", Sisters, OR: Multnomah, 2000, p. 33*. Retornar.

[215] *Geisler, Norman & Bocchino, Peter, "Unshakable Foundations", Minneapolis, MN: Bethany House, 2001, p. 297*. Retornar.

[216] *Packer, J. I., "Knowing God", Downers Grove, IL: InterVarsity Press, p. 54*. Retornar.

[217] *Kreeft, Peter & Tacelli, Ronald K., "Handbook of Christian Apologetics", Downers Grove IL: InterVarsity Press, 1994, p. 152*. Retornar.

[218] *"The Moody Handbook of Theology", p. 225*. Retornar.

[219] Adaptado de *Y-jesus.com/wwrj/3-is-jesus-god*, acessado em 05/2017. Retornar.

[220] Citado em *Elsberg, Robert, ed., "A Critique of Gandhi on Christianity", New York: Orbis Books, 1991, 26 & 27*. Retornar.

[221] *Klausner, Joseph, "Jesus of Nazareth", New York: The Macmillan Co., 1946, pp. 43-44*. Retornar.

[222] *Durant, Will, "The Story of Philosophy", New York: Washington Square, 1961, p. 428*. Retornar.

[223] *Kulman, Inda & Tolson, Jay, "The Jesus Code", U. S. News & World Report, December 22, 2003, p. 1*. Retornar.

[224] *Zacharias, Ravi, "Jesus among Other Gods", Nashville, TN: Word, 2000, p. 89*. Retornar.

[225] *Kreeft, Peter & Tacelli, Ronald K., "Handbook of Christian Apologetics", Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994, p. 150.* Retornar.

[226] *Piper, John, "The Pleasures of God", Sisters, OR: Multnomah, 2000, p. 35.* Retornar.

[227] Bono citado em *Keller, Timothy, "The Reason for God", New York: Penguin Group Publishers, 2008, p. 229.* Retornar.

[228] *Lewis, C. S., "Mere Christianity", San Francisco: Harper, 2001, p. 51.* Retornar.

[229] *Lewis, C. S., "Mere Christianity", San Francisco: Harper, 2001, p. 51.* Retornar.

[230] *Lewis, C. S., "Mere Christianity", San Francisco: Harper, 2001, p. 52.* Retornar.

[231] *Packer, J. I., "Knowing God", Downers Grove, IL: InterVarsity, 1993, p. 57.* Retornar.

[232] *Schaff, Philip, "The Person of Christ: The Miracle of History", 1913, pp. 94-95.* Retornar.

[233] *Lewis, C. S., "Mere Christianity", San Francisco: Harper, 2001, p. 52.* Retornar.

[234] *Schaff, Philip, "The Person of Christ: The Miracle of History", 1913, pp. 94-95.* Retornar.

[235] Bono citado em *Keller, Timothy, "The Reason for God", New York: Penguin Group Publishers, 2008, p. 229.* Retornar.

[236] *Lewis, C. S., "Mere Christianity", San Francisco: Harper, 2001, p. 52.* Retornar.

[237] Adaptado de *Blueletterbible.org/Comm/stewart_don/faq/bible-authoritative-word/question17-jesus-view-of-the-old-testament.cfm; Rcg.org/realtruth/articles/141125-005.html; Biblearchaeology.org/research/founder-s-corner/2288-the-exodus-controversy?highlight=WyJleG9kdXMiLCJleG9kdXMnIiwiZXZpZGVuY2UiLCJldmlkZW5jZSciLCInZXZpZGVuY2UnIiwiJ2V2aWRlbmNlIl0=;* acessados em 03/2022. Retornar.

[238] Adaptado de *Biologos.org/articles/no-modern-science-is-not-catching-up-to-the-bible,* acessado em 03/2022. Retornar.

[239] *Asa3.org/ASA/PSCF/1963/JASA9-63Bube.html,* acessado em 03/2022. Retornar.

[240] *Enns, Pete, "Inspiration and Incarnation: Evangelicals and the Problem of the Old Testament", p. 18.* Retornar.

[241] *Greenwood, Kyle, "Scripture and Cosmology: Reading the Bible Between the Ancient World and Modern Science", p. 29.* Retornar.

[242] *Sagan, Carl, "Cosmos", Random House, 1980, p. 225.* Retornar.

[243] *Benin, Stephen D., "The Footprints of God: Divine Accommodation in Jewish and Christian Thought", Albany: State University of New York Press, 1993.* Retornar.

[244] *McGrath, Alister, "Historical Theology, An Introduction to the History of Christian Thought", Oxford: Blackwell Publishers, 1998, pp. 208-9.* Retornar.

[245] *Elder, John, "Prophets, Idols and Diggers", Bobbs Merrill, New York, 1960, p. 16.* Retornar.

[246] *Mann, J., "New Finds Cast Fresh Light on the Bible", U.S. News & World Report, 24/08/1981, p. 34.* Retornar.

[247] *Allis, Oswald T., "The Old Testament: Its Claims and Its Critics", Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1972, pp. 172-173.* Retornar.

[248] *Harrison, R. K., "Introduction to the Old Testament", Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids, MI, 1969, pp. 60-61.* Retornar.

[249] *Shelly, Rubel, "Prepare to Answer", Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1990, p. 104.* Retornar.

[250] *Millard, Alan, "Daniel and Belshazzar in History", Biblical Archaeological Review, May/June 1985, p. 75.* Retornar.

[251] *Millard, Alan, "Daniel and Belshazzar in History", Biblical Archaeological Review, May/June 1985, p. 77.* Retornar.

[252] *Archer, Gleason L., "A Survey of the Old Testament Introduction", Chicago: Moody Press, 1973, p. 371.* Retornar.

[253] *Wilson, Joseph D., "Did Daniel Write Daniel?", New York: Charles C. Cook, n.d.* Retornar.

[254] *Frank, Henry T., "Bible, Archaeology and Faith", Nashville: Abingdon Press, 1971 p. 74.* Retornar.

[255] *Archer, Gleason L., "A Survey of the Old Testament Introduction", Chicago: Moody Press, 1973, p. 176.* Retornar.

[256] *Wright, G. Ernest, "The Study of the Bible Today and Tomorrow", University of Chicago Press, 1947, p. 148.* Retornar.

[257] *Habermas, G. R., "The Verdict of History", Thomas Nelson, Inc. 1988, p. 152.* Retornar.

[258] *Elder, John, "Prophets, Idols and Diggers", Bobbs Merrill, New York, 1960, p. 16.* Retornar.

[259] *McDowell, Josh, "He Walked Among Us", Here's Life, 1988, p. 215.* Retornar.

[260] *Geisler, Norman & Brooks, Ron, "When Skeptics Ask", SP Publ., 1990, p. 201.* Retornar.

[261] *Wilkins, Michael J. & Moreland, J. P. – Gen. Ed., "Jesus Under Fire", "Where Do We Start Studying Jesus?" – Craig L. Blomberg, Zondervan Publ. House, Grand Rapids, MI, 1995, pp. 40-41.* Retornar.

[262] *Ramsay, William M., "St. Paul the Traveler and the Roman Citizen", Baker, 1982, p. 8.* Retornar.

[263] Adaptado de *Y-jesus.com/more/jrn-jesus-from-nazareth,* acessado em 09/2016. Retornar.

[264] *Associated Press, "First Jesus-era house discovered in Nazareth", December 22, 2009.* Retornar.

[265] *Cheyne, T., "Encyclopedia Biblica", Nazareth, 1899.* Retornar.

[266] *Salm, Rene, "The Myth of Nazareth: The Invented Town of Jesus. Does it Really Matter?", American Atheist.org, December 22, 2009.* Retornar.

[267] *Salm, Rene, "The Myth of Nazareth: The Invented Town of Jesus. Does it Really Matter?", American Atheist.org, December 22, 2009.* Retornar.

[268] *Allis, Oswald T., "The Old Testament: Its Claims and Its Critics", Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1972, pp. 175-176.* Retornar.

[269] *Crick, Francis, "Life Itself: Its Origin and Nature", Simon and Schuster, New York, NY, 1981, p. 151.* Retornar.

[270] *Kennedy, D. James & Newcomb, Jerry, "What If Jesus Had Never Been Born?", Thomas Nelson, Inc., Nashville, TN, 1994, p. 104.* Retornar.

[271] *Varghese, Roy Abraham – Gen. Ed., "The Intellectuals Speak Out About God", "Science and the Divine Origin of Life: Professor Chandra Wickramasinghe", Regnery Gateway, Inc., Chicago, IL, 1984, p. 32.* Retornar.

[272] *Hawking, Stephen W., "A Brief History of Time", Bantam Books, New York, NY, 1988, p. 174.* Retornar.

[273] *Bankoff, George, "The Boom of the Atom", Faber and Faber, London 1946, p. 25.* Retornar.

[274] *Haeckel, Ernst, "The Riddle of the Universe", Harper & Bros., 1901, p. 225.* Retornar.

[275] *Hawking, Stephen W., "A Brief History of Time", Bantam Books, New York, NY, 1988, p. 122.* Retornar.

[276] *Galileo, "Il Sagiatore",* citado por *Zinner, E., "Enstehung und Ausbreitung der Copernicanischen Lehre", Erlangen, 1943, p. 362.* Retornar.

[277] *Archer, Gleason L., "A Survey of Old Testament Introduction", Chicago: Moody Press, IL, Rev. 1974, p. 28.* Retornar.

[278] *Davies, Paul, "God and the New Physics", Simon & Schuster Inc., New York, NY, 1984, p. 217.* Retornar.

[279] *Clark, Gordon H., "The Philosophy of Science and Belief in God", The Trinity Foundation, Jefferson, MD, 1987, pp. 94-95.* Retornar.

[280] *Blackmore, Vernon & Page, Andrew, "Evolution: The Great Debate", Lion Publ. Corp., Batavia, IL, 1989, pp. 160-161.* Retornar.

[281] *Davies, Paul, "God and the New Physics", Simon & Schuster Inc., New York, NY, 1984, p. 211.* Retornar.

[282] Sir Arthur Eddington citado em *Sullivan, J. W. N., "Limitations of Science", Penguin Books, Harmondsworth, England, 1938.* Retornar.

[283] *Davies, Paul, "God and the New Physics", Simon & Schuster Inc., New York, NY, 1984, p. 217.* Retornar.

[284] *Eddington, Arthur, "The Nature of the Physical World", Cambridge Univ. Press, 1930, pp. 84-85.* Retornar.

[285] Albert Einstein citado em *Davies, Paul, "God and the New Physics", Touchstone Book, Simon and Schuster, New York, NY, 1984, p. 25.* Retornar.

[286] *Gange, Robert, "Origins and Destiny", Word Books, Waco, TX, 1986, p. 23.* Retornar.

[287] *Gange, Robert, "Origins and Destiny", Word Books, Waco, TX, 1986, p. 24.* Retornar.

[288] *Davies, Paul, "God and the New Physics", Simon & Schuster Inc., New York, NY, 1984, pp. 178-9.* Retornar.

[289] *Davies, Paul, "God and the New Physics", Simon & Schuster Inc., New York, NY, 1984, p. 187.* Retornar.

[290] *Davies, Paul, "God and the New Physics", Simon & Schuster Inc., New York, NY, 1984, pp. 187-9.* Retornar.

[291] *Hawking, Stephen W., "A Brief History of Time", Bantam Books, April 1988, p. 126.* Retornar.

[292] *Hawking, Stephen W., "A Brief History of Time", Bantam Books, April 1988, p. 45.* Retornar.

[293] *Custance, Arthur C., "Science and Faith", Academie Books, Grand Rapids, MI, 1978, pp. 38-39.* Retornar.

[294] *Weiner, Jonathan, "Planet Earth", Bantam Books, 1986, p. 327-328.* Retornar.

[295] *Long, Charles E., "Discovering the Universe", Harper & Row, New York, NY, 1980, p. 425.* Retornar.

[296] *Sagan, Carl, "Cosmos", Random House, New York, NY, 1980, p. 247.* Retornar.

[297] *Ponnamperuma, Cyril, "Chemical Evolution and the Origin of Life", Nature, Jan. 25, 1964, p. 340.* Retornar.

[298] *Crick, Francis, "Life Itself: Its Origin and Nature", Simon and Schuster, New York, NY, 1981, p. 340.* Retornar.

[299] *Huse, Scott M., "The Collapse of Evolution", Baker Book House, Grand Rapids, MI, 1983, p. 162.* Retornar.

[300] *Custance, Arthur C., "Science and Faith", Academie Books, Grand Rapids, MI, 1978, p. 73.* Retornar.

[301] *Custance, Arthur C., "Science and Faith", Academie Books, Grand Rapids, MI, 1978, pp. 83-84.* Retornar.

[302] *Dubos, Rene, "So Human an Animal", Scribners, New York, 1968, p. 132.* Retornar.

[303] *Gaffron, Hans, "Evolution After Darwin", ref. 41 vol. III, p. 72.* Retornar.

[304] *Custance, Arthur C., "Science and Faith", Academie Books, Grand Rapids, MI, 1978, p. 66.* Retornar.

[305] *Sir Fred Hoyle & Wickramasinghe, N. C., "Evolution from Space: A Theory of Cosmic Creationism", Simon and Schuster, NY, 1981, pp. 24-31.* Retornar.

[306] *Gaffron, Hans, "Evolution After Darwin", ref. 41 vol. III, p. 72.* Retornar.

[307] *Bertrand Russel* citado em *Sullivan, J. W. N., "Limitations of Science", Pelican Books, London, 1938, p. 175.* Retornar.

[308] *Paul, Leslie, "The Annihilation of Man", Harcourt Brace, New York, 1945, p. 154.* Retornar.

[309] *Davies, Paul, "God and the New Physics", Simon & Schuster Inc., New York, NY, 1984, p. 217.* Retornar.

[310] Adaptado de *Salviander, Sarah, SixDay Science, LLC, 2016 – Sixdayscience.com/six-days-2*, acessado em 07/2022. Retornar.

[311] Adaptado de *Salviander, Sarah, SixDay Science, LLC, 2016 – Sixdayscience.com/genesis-1-modern-science*, acessado em 07/2022. Retornar.

[312] *Scientific American, "The First Few Microseconds" by Michael Riordan and William A. Zajc, May/2006.* Retornar.

[313] *Scientific American, "An Echo of Black Holes" by Theodore A. Jacobson and Renaud Parentani, December/2005.* Retornar.

[314] Adaptado de *Hill, Carol A., "The Noachian Flood: Universal or Local?", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 54, Number 3, September 2002, pp. 170-183.* Retornar.

[315] Adaptado de *Hill, Carol A., "Qualitative Hydrology of Noah's Flood", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 58, Number 2, June 2006, pp. 120-129.* Retornar.

[316] Adaptado de *Collins, Lorence G., "Fountains of the Great Deep and Noah's Flood", August 18, 2020.* Retornar.

[317] *Ramm, B., "The Christian View of Science and Scripture", Grand Rapids: Eerdmans, 1974, p. 158.* Retornar.

[318] *Hill, Carol A., "A Time and a Place for Noah", Perspectives on Science and Christian Faith 53, no. 1, 2001, pp. 24-40.* Retornar.

[319] *Ramm, B., "The Christian View of Science and Scripture", Grand Rapids: Eerdmans, 1974, p. 160; Key, T., "Does the Canopy Theory Hold Water?", Journal of the American Scientific Affiliation 37, no. 4, 1985, pp. 224-5.* Retornar.

[320] *Hill, Carol A., "A Time and a Place for Noah", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 53, Number 1, 2001, p. 35.* Retornar.

[321] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 2, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, p. 252.* Retornar.

[322] *Hill, Carol A., "A Time and a Place for Noah", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 53, Number 1, 2001, p. 28.* Retornar.

[323] *Sailhammer, J. H., "Genesis Unbound – A Provocative New Look at the Creation Account", Sisters, OR: Multnomah, 1996, p. 45.* Retornar.

[324] *Sailhammer, J. H., "Genesis Unbound – A Provocative New Look at the Creation Account", Sisters, OR: Multnomah, 1996, p. 49-50.* Retornar.

[325] *Postgate, J. N., "Early Mesopotamia – Society and Economy at the Dawn of History", London: Routledge, 1992, p. 34.* Retornar.

[326] *Fischer, D., "The Origins Solution", Lima, OH: Fairway Press, 1996, p. 172.* Retornar.

[327] *Young, D., "The Biblical Flood – A Case Study of the Church's Response to Extrabiblical Evidence", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995, p. 163.* Retornar.

[328] *Woolley, L., "Excavations at Ur", London: Ernest Benn, 1955, p. 36.* Retornar.

[329] *Sailhammer, J. H., "Genesis Unbound – A Provocative New Look at the Creation Account", Sisters, OR: Multnomah, 1996, p. 51; Hill, Carol A., "The Garden of Eden: A Modern Landscape", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 52, Number 1, 2000, p. 31-42.* Retornar.

[330] *Takahashi, K. & Arakawa, H., eds., "Climates of Southern and Western Asia", New York: Elsevier, 1981, p. 221.* Retornar.

[331] *Keil, C. F. & Delitzsch, F., "Commentary on the Old Testament: the Pentateuch", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975, p. 77; Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 1, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, p. 104.* Retornar.

[332] *Alden, R. L., "Ed", "Theological Wordbook of the Old Testament", ed. R. L. Harris, Chicago: Moody Press, 1980, p. 17.* Retornar.

[333] *Speiser, E. A. "The Anchor Bible—Genesis", Garden City, NY: Doubleday & Co., 1964, p. 16.* Retornar.

[334] *Beek, M. A., "Atlas of Mesopotamia", London: Nelson, 1962, map 8; Roaf, M., "Palaces and Temples in Ancient Mesopotamia" in "Civilizations of the Ancient Near East", ed. J. M. Sasson, New York: Charles Scribners, 1995, p. 425.* Retornar.

[335] *Frankfort, H., "The Art and Architecture of the Ancient Orient, Part I: Mesopotamia", Harmondsworth: Penguin, 1954, p. 6; Forbes, R. J., "Studies in Ancient Technology", 2, Leiden: Brill, 1965, p. 20.* Retornar.

[336] *Ramm, B., "The Christian View of Science and Scripture", Grand Rapids: Eerdmans, 1974, p. 164.* Retornar.

[337] *Bass, G. F., "The Earliest Seafarers in the Mediterranean and the Near East" in "A History of Seafaring Based on Underwater Archaeology", ed. G. F. Bass, New York: Walker, 1972, p. 12.* Retornar.

[338] *Dietz, R. S., "Ark-Eology: A Frightening Example of Pseudoscience", Geotimes 38, no. 9, 1993, p. 4.* Retornar.

[339] *Morris, H., "Scientific Creationism", El Cajon: Master Books, 1985, pp. 210-1.* Retornar.

[340] *Siemens, D. F., "More Problems with Flood Geology", Perspectives on Science and Christian Faith 44, no. 4, 1992, p. 231.* Retornar.

[341] *Young, D., "The Biblical Flood – A Case Study of the Church's Response to Extrabiblical Evidence", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995, p. 34.* Retornar.

[342] *Crouse, B., "Noah's Ark: Its Final Berth", Archaeology and Biblical Research 5, no. 3, 1992, p. 67.* Retonar.

[343] *Bailey, L. R., "Wood from 'Mount Ararat': Noah's Ark", Biblical Archaeologist 40, no. 4, 1977, p. 137.* Retornar.

[344] *Crouse, B., "Noah's Ark: Its Final Berth", Archaeology and Biblical Research 5, no. 3, 1992, p. 74.* Retornar.

[345] *Hurley, J., "The Tree, the Olive, the Oil in the Old and New World", Albany: John Hurley, 1919, p. 3.* Retornar.

[346] *Johnson, H., "The Story of Wine", London: Mitchell Beazley, 1989, p. 22.* Retornar.

[347] *Stiebling, W. H., "A Futile Quest: the Search for Noah's Ark", Biblical Archaeology Review 2, no. 2, 1976, p. 16.* Retornar.

[348] *Taylor, R. E. & Berger, R., "The Date of 'Noah's Ark'', Antiquity 54, 1980, p. 34.* Retornar.

[349] *Speiser, E. A. "The Anchor Bible—Genesis", Garden City, NY: Doubleday & Co., 1964, p. 42.* Retornar.

[350] *Crouse, B., "Noah's Ark: Its Final Berth", Archaeology and Biblical Research 5, no. 3, 1992, p. 74.* Retornar.

[351] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 2, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, p. 105.* Retornar.

[352] *Yamauchi, E. M., "Urartians and Manneans", chapter 2, in "Foes from the Northern Frontier – Invading Hordes from the Russian Steppes", Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1982, p. 31.* Retornar.

[353] *Zimansky, P. E., "Urartu", The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East, ed. E. M. Meyers, New York: Oxford University Press, 1977, pp. 291-2.* Retornar.

[354] *Yamauchi, E. M., "Urartians and Manneans", chapter 2, in "Foes from the Northern Frontier – Invading Hordes from the Russian Steppes", Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1982, p. 34; Yamauchi, E. M., "Urartu" in "The New International Dictionary of Biblical Archaeology", ed. E. M. Blaiklock & R. K. Harrison, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1983, p. 465.* Retornar.

[355] *Piotrovskiæi, B. B., "The Ancient Civilization of Urartu", tradução James Hogarth, New York: Cowles, 1969, p. 13.* Retornar.

[356] *Montgomery, J. W., "The Quest for Noah's Ark", Minneapolis, MN: Bethany Fellowship, 1972, p. 16.* Retornar.

[357] *Navarra, F., "Noah's Ark: I Touched It", Plainfield, NJ: Logos International, 1974, p. 137.* Retornar.

[358] *Bailey, L. R., "Wood from 'Mount Ararat': Noah's Ark", Biblical Archaeologist 40, no. 4, 1977, p. 138, 142.* Retornar.

[359] *Taylor, R. E. & Berger, R., "The Date of 'Noah's Ark'", Antiquity 54, 1980, p. 36.* Retornar.

[360] *Dietz, R. S., "Ark-Eology: A Frightening Example of Pseudoscience", Geotimes 38, no. 9, 1993, p. 4.* Retornar.

[361] *Vos, H. F., "Flood (Genesis)" in "The International Standard Bible Encyclopedia" 2, ed. G. W. Bromiley, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1982, p. 319.* Retornar.

[362] *Collins, L. G., & Fasold, D. F., "'Noah's Ark' from Turkey Exposed as a Common Geologic Structure", Journal of Geoscience Education 44, 1996, pp. 439-41; Shanks, H., "Ark Enemies", Biblical Archaeology Review 23, no. 4, 1997, p. 22.* Retornar.

[363] *Collins, L. G., & Fasold, D. F., "'Noah's Ark' from Turkey Exposed as a Common Geologic Structure", Journal of Geoscience Education 44, 1996, p. 439.* Retornar.

[364] *Navarra, F., "Noah's Ark: I Touched It", Plainfield, NJ: Logos International, 1974, p. 121.* Retornar.

[365] *Semple, E. C., "The Regional Geography of Turkey: A Review of Banse's Work", Geographical Review 6, 1921, p. 344.* Retornar.

[366] *Altini, E. I., "Geologic Map of Turkey", Van Sheet (com notas de mapa em inglês), 1:500,000, 1961, pp. 50-62; Altini, E. I., "Geology of Eastern and Southeastern Anatolia", Bulletin of the Mineral Research and Exploration Institute of Turkey 66, 1966, pp. 42-64.* Retornar.

[367] *Crouse, B., "Noah's Ark: Its Final Berth", Archaeology and Biblical Research 5, no. 3, 1992, p. 68; Burstein, S. M., "The Babyloniaca of Berossus", Malibu, CA: Undena, 1978, p. 21.* Retornar.

[368] *Young, D., "The Biblical Flood – A Case Study of the Church's Response to Extrabiblical Evidence", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995, p. 32.* Retornar.

[369] *"Travels of Marco Polo the Venetian, with an introduction by J. Masefield", London: Dutton, 1908, p. 35.* Retornar.

[370] *Altini, E. I., "Geology of Eastern and Southeastern Anatolia", Bulletin of the Mineral Research and Exploration Institute of Turkey 66, 1966, p. 55.* Retornar.

[371] *Everett, T. H., "Encyclopedia of Horticulture" 5, New York: Garland, 1981, p. 1528.* Retornar.

[372] *Negrul, A. M., "Evolution of Cultivated Forms of Grapes", Comptes Rendus (Doklady) del' Académie des Sciences del' URSS 18, no. 8, (1938), p. 586; Isaac, E., "Geography of Domestication", Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1970, p. 69; Unwin, T., "Wine and the Vine – A Historical Geography of Viticulture and the Wine Trade", New York: Routledge, 1991, pp. 63-4; Olmo, H. P., "The Origin and Domestication of the Vinifera Grape" in "The Origins and Ancient History of Wine", ed. P. E. McGovern & S. J. Flemings & S. H. Katz, Luxembourg: Gordon and Breach, 1995, p. 36.* Retornar.

[373] *Isaac, E., "Geography of Domestication", Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1970, p. 69.* Retornar.

[374] *Hill, Carol A., "A Time and a Place for Noah", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 53, Number 1, 2001, p. 29.* Retornar.

[375] *Semple, E. C., "The Regional Geography of Turkey: A Review of Banse's Work", Geographical Review 6, 1921, p. 345; Gorney, R. L., "Viticulture and Ancient Anatolia" in "The Origins and Ancient History of Wine", p. 139.* Retornar.

[376] *Semple, E. C., "The Regional Geography of Turkey: A Review of Banse's Work", Geographical Review 6, 1921, p. 344; Beek, M. A., "Atlas of Mesopotamia", London: Nelson, 1962, map 22.* Retornar.

[377] *Lutz, H. F., "Viticulture and Brewing in the Ancient Orient", Leipzig: J. C. Hinrich, 1922, p. 38.* Retornar.

[378] *Hurley, J., "The Tree, the Olive, the Oil in the Old and New World", Albany: John Hurley, 1919, p. 3.* Retornar.

[379] *Waetzoldt, H., "Ölpflanzen und Pflanzenöle Im 3 Jahrtausend", Bulletin of Sumerian Agriculture 2, 1985, p. 77.* Retornar.

[380] *Postgate, J. N., "Notes on Fruit in the Cuneiform Sources" in "Bulletinon Sumerian Agriculture" 3, ed. J. N. Postgate & M. A. Powell, Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1987, p. 130.* Retornar.

[381] *Everett, T. H. "Encyclopedia of Horticulture" 7, New York: Garland, 1981, p. 2380.* Retornar.

[382] *Young, D., "The Biblical Flood – A Case Study of the Church's Response to Extrabiblical Evidence", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995, p. 32.* Retornar.

[383] *Bottéro, J. "The Cuisine of Ancient Mesopotamia", Biblical Archaeologist 48, no. 1, 1985, p. 42.* Retornar.

[384] *Levi, W. M., "The Pigeon", Sumter, SC: Levi Publishing Co., 1969, pp. 1-2.* Retornar.

[385] *Hansell, J., "The Pigeon in History or The Dove's Tail", Bath: Millstream Books, 1998, pp. 15-6.* Retornar.

[386] *Hansell, J., "The Pigeon in History or The Dove's Tail", Bath: Millstream Books, 1998, p. 128.* Retornar.

[387] *Bodie, S. J., "Aloft: A Meditation on Pigeons and Pigeon-Flying", New York: Lyons and Burford, 1990, p. 23.* Retornar.

[388] *Crouse, B., "Noah's Ark: Its Final Berth", Archaeology and Biblical Research 5, no. 3, 1992, p. 69.* Retornar.

[389] *Weatherbase, "Historical Weather for Cizre, Turkey", Webmaster, Canty and Associates LLC, 2001, p. 1.* Retornar.

[390] *United Nations, "Groundwater in Eastern Mediterranean and Western Asia", Natural Resources/Water Series no. 9, New York: Department of Technical Cooperation for Development, 1982, p. 58.* Retornar.

[391] *Renfrew, J. M., "Palaeoethnobotany – The Prehistoric Food Plants of the Near East and Europe", London: Methuen, 1973, p. 133.* Retornar.

[392] *Tanoglu, A. & Erinç, S. & Tümertekin, E., "Türkiye Atlasi" (Atlas of Turkey), Istanbul: University of Istanbul, 1961, no. 903, 1:2.500,000, map 68.* Retornar.

[393] *Wiseman, D. J., "Mesopotamian Gardens", Anatolian Studies 33, 1983, p. 138.* Retornar.

[394] *Astour, M. C., "Overland Trade Routes in Ancient Western Asia", in "Civilizations of the Ancient Near East" 3, ed. J. M. Sasson, New York: Charles Scribner, 1995, p. 1409; Algaze, G., "Fourth Millennium BC Trade in Greater Mesopotamia: Did It Include Wine?" in "The Origins and Ancient History of Wine", pp. 90-1, map 8.1.* Retornar.

[395] *Hill, Carol A., "A Time and a Place for Noah", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 53, Number 1, 2001, p. 36.* Retornar.

[396] *Young, D., "The Biblical Flood – A Case Study of the Church's Response to Extrabiblical Evidence", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995, p. 52.* Retornar.

[397] *Young, D., "The Biblical Flood – A Case Study of the Church's Response to Extrabiblical Evidence", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995, p. 52.* Retornar.

[398] *Ross, H., "Noah's Floating Zoo", Facts and Faith 4, 1990: p. 4.* Retornar.

[399] *Ramm, B., "The Christian View of Science and Scripture", Grand Rapids: Eerdmans, 1974, p. 177.* Retornar.

[400] *Davies, L. M., "Scientific Discoveries and their Bearing on the Biblical Account of the Noachian Deluge", Journal of the Transactions of the Victoria Institute, London: Philosophical Society of Great Britain, 1930, p. 133.* Retornar.

[401] *Ator, J. T., "The Return of Credibility", NewYork: Vantage Press, 1998, p. 37.* Retornar.

[402] *Holladay, W. L., "A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1971, p. 102.* Retornar.

[403] *Vos, H. F., "Flood (Genesis)" in "The International Standard Bible Encyclopedia" 2, ed. G. W. Bromiley, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1982, p. 316.* Retornar.

[404] *Bottéro, J. "The Cuisine of Ancient Mesopotamia", Biblical Archaeologist 48, no. 1, 1985, p. 42.* Retornar.

[405] *Ross, H., "Noah's Floating Zoo", Facts and Faith 4, 1990: p. 4.* Retornar.

[406] *Ator, J. T., "The Return of Credibility", NewYork: Vantage Press, 1998, p. 37.* Retornar.

[407] *Stiebling, W. H., "A Futile Quest: the Search for Noah's Ark", Biblical Archaeology Review 2, no. 2, 1976, p. 16.* Retornar.

[408] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 2, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, p. 26, 42.* Retornar.

[409] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 2, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, pp. 4-5; Issar, A. S., "Water Shall Flow from the Rock: Hydrogeology and Climate in the Lands of the Bible", New York: Springer-Verlag, 1990, p. 37.* Retornar.

[410] *Jacobsen, T., "The Sumerian King List", Chicago: University of Chicago Press, 1939.* Retornar.

[411] *Woolley, L., "Excavations at Ur", London: Ernest Benn, 1955, p. 35.* Retornar.

[412] *Mallowan, M. E., "Noah's Flood Reconsidered", Iraq 26, 1964, p. 69; Martin, H. P., "Fara: a Reconstruction of the Ancient Mesopotamian City of Shuruppak", Birmingham: Martin Associates, 1988, p. 113.* Retornar.

[413] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 2, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, p. 4.* Retornar.

[414] Adaptado de *Hill, Carol A., "Qualitative Hydrology of Noah's Flood", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 58, Number 2, June 2006, pp. 120-129.* Retornar.

[415] *US Weather Bureau, "Climate of Southwestern Asia", Report no. 40, Washington, DC: US Army Air Forces Weather Division, 1944, p. 1.* Retornar.

[416] *US Weather Bureau, "Climate of Southwestern Asia", Report no. 40, Washington, DC: US Army Air Forces Weather Division, 1944, p. 10.* Retornar.

[417] *Shalash, A. H., "The Climate of Iraq", master's thesis, University of Maryland, 1957, pp. 22-3.* Retornar.

[418] *Hirschboech, K. K., "Flood Hydroclimatology" in "Flood Geomorphology", ed. V. R. Baker & K. C. Kochel & P. C. Patton, New York: John Wiley, 1988, p. 41.* Retornar.

[419] *Inbar, M., "Effects of a High Magnitude Flood in a Mediterranean Climate: A Case Study in the Jordan River" in Catastrophic Floods, ed. L. Mayer & D. Nash, Boston: Allen and Unwin, 1987, p. 337.* Retornar.

[420] *Hirschboech, K. K., "Catastrophic Flooding and Atmospheric Circulation Anomolies" em "Catastrophic Floods", ed. V. R. Baker & K. C. Kochel & P. C. Patton, New York: John Wiley, 1988, p. 46.* Retornar.

[421] *Takahashi, K. & Arakawa, H., "Climates of Southern and Western Asia" 9, New York: Elsevier, 1981, p. 221.* Retornar.

[422] *Semple, E. C., "The Regional Geography of Turkey: A Review of Banse's Work", Geographical Review 6, 1921, p. 344; Altini, E. I., "Geologic Map of Turkey" – Cizre Sheet (with map notes in English), 1:500,000, 1961, p. 52; United Nations, "Groundwater in Eastern Mediterranean and Western Asia", Natural Resources/Water Series no. 9, New York: Department of Technical Cooperation for Development, 1982, p. 58.* Retornar.

[423] *Semple, E. C., "The Regional Geography of Turkey: A Review of Banse's Work", Geographical Review 6, 1921, p. 343.* Retornar.

[424] *US Weather Bureau, "Climate of Southwestern Asia", Report no. 40, Washington, DC: US Army Air Forces Weather Division, 1944, p. 122.* Retornar.

[425] *Takahashi, K. & Arakawa, H., "Climates of Southern and Western Asia" 9, New York: Elsevier, 1981, p. 221.* Retornar.

[426] *US Weather Bureau, "Climate of Southwestern Asia", Report no. 40, Washington, DC: US Army Air Forces Weather Division, 1944, p. 122.* Retornar.

[427] *Metz, H. C., "Iraq: A Country Study", Washington, DC: Library of Congress Federal Research Division, 1988, p. 78.* Retornar.

[428] *Potts, D. T., "The Arabian Gulf in Antiquity" 1, Oxford: Clarendon Press, 1990, p. 23.* Retornar.

[429] *Shalash, A. H., "The Climate of Iraq", master's thesis, University of Maryland, 1957, p. 20.* Retornar.

[430] *Takahashi, K. & Arakawa, H., "Climates of Southern and Western Asia" 9, New York: Elsevier, 1981, p. 222.* Retornar.

[431] *Wallechinsky, D. & Wallace, I., "The People's Almanac", Garden City, NY: Doubleday, 1975, p. 550.* Retornar.

[432] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 2, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, pp. 83-4.* Retornar.

[433] *Plunket, E. M., "Ancient Calendars and Constellations", London: John Murray, 1903, p. 2-3.* Retornar.

[434] *Speiser, E. A., "Anchor Bible Commentary: Genesis 1", Garden City, NY: Doubleday, 1981, p. 53.* Retornar.

[435] *Aveni, A. F., "Ancient Astronomers", Washington, DC: Smithsonian Books, 1993, p. 52.* Retornar.

[436] *Postgate, J. N., "Early Mesopotamia—Society and Economy at the Dawn of History", London: Routledge, 1992, p. 180.* Retornar.

[437] *DeGraeve, M. C., "The Ships of the Ancient Near East" (c. 2000–500 a.C.), Lewen: Department Orientalistich, 1981, p. 8.* Retornar.

[438] *Hill, C. A., "A Time and Place for Noah", Perspectives on Science and Christian Faith 53, no. 1, 2001, p. 28.* Retornar.

[439] *Postgate, J. N., "Early Mesopotamia – Society and Economy at the Dawn of History", London: Routledge, 1992, p. 180.* Retornar.

[440] *Semple, E. C., "The Regional Geography of Turkey: A Review of Banse's Work", Geographical Review 6, 1921, p. 346.* Retornar.

[441] *Vos, H. F., "Beginnings in Bible Archaeology", Chicago: Moody Press, 1973, p. 13; DeGraeve, M. C., "The Ships of the Ancient Near East" (c. 2000–500 BC), Lewen: Department Orientalistich, 1981, p. 11.* Retornar.

[442] *Kramer, N, "Reflections on the Mesopotamian Flood: The Cuneiform Data New and Old", Expedition 9, no. 4, 1967, p. 16.* Retornar.

[443] *Smith, K. & Ward, R., "Floods: Physical Processes and Human Impacts", New York: John Wiley, 1998, p. 10.* Retornar.

[444] *Kramer, N, "Reflections on the Mesopotamian Flood: The Cuneiform Data New and Old", Expedition 9, no. 4, 1967, p. 16.* Retornar.

[445] *Harza Engineering, "Hydrological Survey of Iraq", Baghdad: Ministry of Agriculture, Government of Iraq, 1963, pp. 3-2, 3-3.* Retornar.

[446] *Kramer, N, "Reflections on the Mesopotamian Flood: The Cuneiform Data New and Old", Expedition 9, no. 4, 1967, p. 16.* Retornar.

[447] *Knox, J. C., "Climatic Influence on Upper Mississippi Valley Floods" in "Flood Geomorpholgy", p. 288.* Retornar.

[448] *Smith, K. & Ward, R., "Floods: Physical Processes and Human Impacts", New York: John Wiley, 1998, p. 10.* Retornar.

[449] *Kramer, N, "Reflections on the Mesopotamian Flood: The Cuneiform Data New and Old", Expedition 9, no. 4, 1967, p. 16.* Retornar.

[450] *Bolt, B. A. Bolt & Horin, W. L. & Macdonald, G. A. & Scott, R. F., "Geological Hazards", New York: Springer-Verlag, 1975, p. 273.* Retornar.

[451] *Strong, J., "Strong's Exhaustive Concordance of the Bible", Nashville, TN: Thomas Nelson, 1980.* Retornar.

[452] *Burdon, D. J. & Safadi, C., "Ras-el-ain: the Great Karst Spring in Mesopotamia", ed. M. M. Sweeting, Karst Geomorphology, London: Academic Press, 1963, p. 244, 258.* Retornar.

[453] *Zarins, J., "Early Pastoral Nomadism and the Settlement of Lower Mesopotamia", American School of Oriental Research 280, 1990, p. 50, fig. 8; Iraq Ministry of Development, "Groundwater Resources of Iraq" 7, Baghdad: Government of Iraq, 1956, p. 28.* Retornar.

[454] *Al Sinawi S. A. & Mahmood, D. S., "Geothermal Measurements in the Upper Euphrates Valley, Western Iraq", Iraqi Journal of Science 23, no. 1, 1982, p. 94; Hill, C. A., "The Garden of Eden: A Modern Landscape", Perspectives on Science and Christian Faith 52, no. 1, 2000, p. 39, fig. 1; United Nations, "Groundwater in Eastern Mediterranean and Western Asia", Natural Resources/Water Series 9, New York: Department of Technical Cooperation for Development, 1982, p. 65; Iraq Ministry of Development, "Groundwater Resources of Iraq" 7, Baghdad: Government of Iraq, 1956, p. 38.* Retornar.

[455] *Iraq Ministry of Development, "Groundwater Resources of Iraq" 7, Baghdad: Government of Iraq, 1956, p. 28; Übersichtskarte Batum-Baghdad, "Vorläufige Sonderausgabe" 9, 1940, Zusammendruck 1:1,000,000; United Nations, "Groundwater in Eastern Mediterranean and Western Asia", Natural Resources/Water Series 9, New York: Department of Technical Cooperation for Development, 1982, p. 69.* Retornar.

[456] *Issar, A. S., "Water Shall Flow From the Rock: Hydrology and Climate in the Lands of the Bible", New York: Springer-Verlag, 1990, p. 43.* Retornar.

[457] *Shaw, T. R., "Historical Introduction" in "Cave Minerals of the World", 2d ed., ed. C. A. Hill and P. Forti, Huntsville, AL: National Speleological Society, 1997, p. 29.* Retornar.

[458] *Forbes, R. J., "Studies in Ancient Technology", 2, Leiden: Brill, 1965, p. 22.* Retornar.

[459] *Altini, E. I., "Geologic Map of Turkey" – Cizre Sheet (with map notes in English), 1:500,000, 1961, p. 76, 92.* Retornar.

[460] *Simoons-Vermeer, R. E., "The Mesopotamian Floodstories: A Comparison and Interpretation", Numen 21, 1974, pp. 18-9.* Retornar.

[461] *Beck, M. A., "Atlas of Mesopotamia", London: Nelson, 1962, p. 107.* Retornar.

[462] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 2, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, p. 11.* Retornar.

[463] *Walton, J. H., "Flood" em "Dictionary of the Old Testament Pentateuch", ed. T. D Alexander & D. W. Baker, Downer's Grove, IL: Intervarsity Press, 2003, p. 317.* Retornar.

[464] *Rice, M., "The Archaeology of the Arabian Gulf", London: Routledge, 1994, pp. 306-7; Kramer, N, "Reflections on the Mesopotamian Flood: The Cuneiform Data New and Old", Expedition 9, no. 4, 1967, p. 16.* Retornar.

[465] *Yahuda, A. S., "The Accuracy of the Bible", NewYork: Dutton, 1935, p. 191.* Retornar.

[466] *Tomlin, S. & Goodfield, J., "The Discovery of Time", New York: Harper and Row, 1965, pp. 141-2.* Retornar.

[467] *Gillispie, C. C., "Genesis and Geology, New York: Harper-Row, 1959, pp. 98-120; Hallam, A., "Great Geological Controversies", Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 87.* Retornar.

[468] *Davies, L. M., "Scientific Discoveries and Their Bearing on the Biblical Account of the Noachian Deluge", Journal of the Transactions of the Victoria Institute 62, 1930, pp. 64-70; Gillispie, C. C., "Genesis and Geology, New York: Harper-Row, 1959, pp. 107-8; Imbrie, J. & Imbrie, K. P., "Ice Ages: Solving the Mystery", Cambridge: Harvard University Press, 1979, pp. 33-46; Ramm, B., "The Christian View of Science and Scripture", Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1974, p. 161.* Retornar.

[469] *Woolley, L., "Excavations at Ur", London: Ernest Benn, 1955, p. 27.* Retornar.

[470] *Mallowan, M. E., "Noah's Flood Reconsidered", Iraq 26, 1964, pp. 78-9.* Retornar.

[471] *Carleton, P., "Buried Empires: The Earliest Civilizations of the Middle East", London: Edward Arnold, 1939, p. 64.* Retornar.

[472] *Mallowan, M. E., "Noah's Flood Reconsidered", Iraq 26, 1964, p. 80.* Retornar.

[473] *Hill, C. A., "A Time and Place for Noah", Perspectives on Science and Christian Faith 53, no. 1, 2001, p. 26.* Retornar.

[474] *Morozova, G. S., "Avulsions and Ancient Settlement Patterns in Lower Mesopotamia", Geological Society of America Abstracts with Programs 35, 2003, p. 99.* Retornar.

[475] *Kesel, H. & Dunne, K. C. & McDonald, R.C. & Allison, K. R., "Lateral Erosion and Overbank Deposition on the Mississippi River in Louisiana Caused by 1973 Flooding", Geology 2, no. 9, 1974, pp. 461; Hirschboech, K. K., "Catastrophic Flooding and Atmospheric Circulation Anomolies" in "Catastrophic Floods", ed. V. R. Baker & K. C. Kochel & P. C. Patton, New York: John Wiley, 1988, p. 46.* Retornar.

[476] *Baltzer, F. & Purser, B. H., "Modern Alluvial Fan and Deltaic Sedimentation: the Lower Mesopotamian Plain and the Arabian Gulf", Sedimentary Geology 67, 1990, p. 189; Aqrawi, A. A. & Evans, G., "Sedimentation in the Lakes and Marshes (Ahwar) of the Tigris-Euphrates Delta, Southern Mesopotamia", Sedimentology 141, 1994, p. 773.* Retornar.

[477] *Stoffers, P. & Ross, D. A., "Late Pleistocene and Holocene Sedimentation in the Persian Gulf – Gulf of Oman", Sedimentary Geology 23, 1979, p. 181.* Retornar.

[478] *Diester-Haass, L., "Holocene Climate in the Persian Gulf as Deduced From Grain-Size and Pteropod Distribution", Marine Geology 14, 1973, p. 207.* Retornar.

[479] *Hill, C. A., "The Noachian Flood: Universal or Local?", Perspectives on Science and Christian Faith 54, no. 3, 2003, pp. 175-9.* Retornar.

[480] *Central Intelligence Agency, "Iraq: A Map Folio", Washington, DC: Central Intelligence Agency, 1992, CDAS 92-10004, 3D Map of topography of Iraq.* Retornar.

[481] *Choi, H. S., "Knowledge of the Unseen: A New Vision for Science and Religion Dialogue", Perspectives on Science and the Christian Faith 53, no. 2, 2001, p. 100.* Retornar.

[482] *Tanner, W. F., "How Many Trees Did Noah Take on the Ark?", Perspectives on Science and Christian Faith 47, no. 4, 1995, p. 262.* Retornar.

[483] *Ramm, B., "The Christian View of Science and Scripture", Grand Rapids: Eerdmans, 1974, p. 177.* Retornar.

[484] *Walton, J. H., "Flood" in "Dictionary of the Old Testament Pentateuch", ed. T. D Alexander & D. W. Baker, Downer's Grove, IL: Intervarsity Press, 2003, p. 321.* Retornar.

[485] *Adaptado de Hill, Alan E., "Quantitative Hydrology of Noah's Flood", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 58, Number 2, June 2006, pp. 120-129.* Retornar.

[486] *Alan E., "Quantitative Hydrology of Noah's Flood", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 58, Number 2, June 2006, pp. 120-129.* Retornar.

[487] *Hill, C. A., "Quantitative Hydrology of Noah's Flood", Perspectives on Science and Christian Faith 58, no. 2, 2006, pp. 120-9.* Retornar.

[488] *Johnstone, P., "The Sea Craft of Prehistory", Cambridge: Harvard University Press, 1980; DeGraeve, M. C., "The Ships of the Ancient Near East (c. 2000-500 BC)", Lewen: Department Orientalistich, 1981; Casson, L., "Ships and Seafaring in Ancient Times", Austin: University of Texas Press, 1994; Bass, G. F., "Sea and River Craft in the Ancient Near East" in "Civilization of the Ancient Near East" 3, ed. J. M. Sasson, New York: Charles Scribner's, 1995, pp. 1421-31.* Retornar.

[489] Adaptado de *Christiancourier.com/articles/140-the-tower-of-babel-legend-or-history*, acessado em 06/2022. Retornar.

[490] *Abydenus* citado por *Eusébio* em *Rawlinson, George, "Historical Illustrations of the Old Testament", Boston, MA: Henry A. Young & Co., 1873, p. 28.* Retornar.

[491] *M'Clintock, John and James Strong, "Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature", Vol. 1, Grand Rapids, MI: Baker, 1968, p. 590.* Retornar.

[492] *Wiseman, Donald J., "The Illustrated Bible Dictionary" – Babel, Vol. 1, J. D. Douglas, ed. Wheaton, IL: Tyndale House, 1980, p. 157.* Retornar.

[493] *Speiser, E. A. "The Anchor Bible—Genesis", Garden City, NY: Doubleday & Co., 1964, p. 75.* Retornar.

[494] Adaptado de *Christiancourier.com/articles/140-the-tower-of-babel-legend-or-history*, acessado em 06/2022. Retornar.

[495] Adaptado de *Isgenesishistory.com/what-is-the-evidence-for-the-tower-of-babel*, acessado em 06/2022. Retornar.

[496] Adaptado de *Worldhistory.org/eridu*, acessado em 07/2022. Retornar.

[497] *Smith, George, "Chaldean Account of Genesis", 1880, quoted in Caiger, Stephen L., "Bible and Spade—An Introduction to Biblical Archaeology", London, England: Oxford University, 1946, p. 29.* Retornar.

[498] Adaptado de *Isgenesishistory.com/what-is-the-evidence-for-the-tower-of-babel*, acessado em 06/2022. Retornar.

[499] Adaptado de *Worldhistory.org/eridu*, acessado em 07/2022. Retornar.

[500] *Britannica.com/topic/Tower-of-Babel#ref108525*, acessado em 07/2022. Retornar.

[501] Adaptado de *Isgenesishistory.com/what-is-the-evidence-for-the-tower-of-babel*, acessado em 06/2022. Retornar.

[502] Adaptado de *Hill, Carol A., "Making Sense of the Numbers of Genesis", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 55, Number 4, December 2003, pp. 239-251.* Retornar.

[503] *Hill, Carol A., "A Time and a Place for Noah", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 53, Number 1, 2001, pp. 33-4.* Retornar.

[504] *Kubba, S., "The Ubaid Period: Evidence of Architectural Planning and the Use of a Standard Unit of Measurement—The 'Ubaid Cubit' in Mesopotamia", Paléorient 16, no. 1, 1990, p. 46.* Retornar.

[505] *Friberg, J., "Numbers and Measures in the Earliest Written Records", Scientific American 250, no. 2, 1984, p. 114.* Retornar.

[506] *Pringle, H., "The Cradle of Cash", Discover, October 1998, p. 61.* Retornar.

[507] *Waerden, B. L., "Science Awakening", Groningen: Noordfoff, 1954, p. 37.* Retornar.

[508] *Saggs, H. W., "The Greatness That was Babylon: A Survey of the Ancient Civilization of the Tigris-Euphrates River Valley", New York: Hawthorn, 1962, chapter 13: Mathematics and Astronomy, p. 451.* Retornar.

[509] *Struik, D. J., "A Concise History of Mathematics", New York: Dover, 1967, p. 27.* Retornar.

[510] *Friberg, J., "Numbers and Measures in the Earliest Written Records", Scientific American 250, no. 2, 1984, p. 117.* Retornar.

[511] *Plunket, E. M., "Ancient Calendars and Constellations", London: John Murray, 1903, p. 2-3.* Retornar.

[512] *Friberg, "Numbers and Measures in the Earliest Written Records", Scientific American 250, no. 2, 1984, p. 110.* Retornar.

[513] *Scott, J. F., "A History of Mathematics—From Antiquity to the Beginnings of the 19th Century", London: Taylor and Francis, 1969, p. 10.* Retornar.

[514] *Saggs, H. W., "The Greatness That was Babylon: A Survey of the Ancient Civilization of the Tigris-Euphrates River Valley", New York: Hawthorn, 1962, pp. 448-9; Struik, D. J., "A Concise History of Mathematics", New York: Dover, 1967, p. 25.* Retornar.

[515] *Friberg, "Numbers and Measures in the Earliest Written Records", Scientific American 250, no. 2, 1984, p. 110.* Retornar.

[516] *Nemet-Nejal, K. R., "Mathematics in Daily Life in Ancient Mesopotamia", Westport: Greenwood Press, 1998, p. 83.* Retornar.

[517] *Hyers, C., "The Narrative Form of Genesis 1: Cosmogenic, Yes; Scientific, No", Journal of the American Scientific Affiliation 36, no. 4, 1984, p. 212.* Retornar.

[518] *Waerden, B. L., "Science Awakening", Groningen: Noordfoff, 1954, p. 40.* Retornar.

[519] *Young, D. W., "The Influence of Babylonian Algebra on Longevity Among the Antediluvians", Zeitchrift für die Altestamentliche Wissenschaft 102, 1990, pp. 322-3.* Retornar.

[520] *Diodorus Siculus, "Diodorus on Egypt", p. 32.* Retornar.

[521] *Oppert, J., "Chronology" in "The Jewish Encyclopedia", ed. I. Singer, New York: Funk and Wagnales, 1903, pp. 64-75; Walton, J., "The Antediluvian Section of the Sumerian King List and Genesis 5", The Biblical Archaeologist 44, 1981, pp. 207-8; Young, D. W., "On the Application of Numbers from Babylonian Mathematics to Biblical Life Spans and Epochs", Zeitchrift für die Alttestamentliche Wissenschaft 100, 1988, pp. 331-61; Young, D. W., "The Influence of Babylonian Algebra on Longevity Among the Antediluvians", Zeitchrift für die Altestamentliche Wissenschaft 102, 1990, pp. 321-35; Harrison, R. K., "Reinvestigating the Antediluvian Sumerian King List", Journal of the Evangelical Theological Society 36, no. 1, 1993, pp. 3-8; Harrison, R. K., "From Adam to Noah: A Reconsideration of the Antediluvian Patriarch's Ages", Journal of the Evangelical Theological Society 37, 1994, pp. 161-8.* Retornar.

[522] *Hartman, T. C., "Some Thoughts on the Sumerian King List and Genesis 5 and 11B", Journal of Biblical Literature 91, 1972, p. 25-32.* Retornar.

[523] *Shaw, I & Nicholson, P., eds., "The Dictionary of Ancient Egypt", London: British Museum – Harry Abrams, 1995, p. 173.* Retornar.

[524] *Oppert, J., "Chronology" in "The Jewish Encyclopedia", ed. I. Singer, New York: Funk and Wagnales, 1903, p. 68.* Retornar.

[525] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 2, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, p. 265.* Retornar.

[526] *Egan, J. M., "The Fullness of Time", Elmira: Sator Press, 1990, p. 5.* Retornar.

[527] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 2, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, pp. 175-6.* Retornar.

[528] *Hyers, C., "The Narrative Form of Genesis 1: Cosmogenic, Yes; Scientific, No", Journal of the American Scientific Affiliation 36, no. 4, 1984, p. 213.* Retornar.

[529] *Speiser, E. A., "Anchor Bible Commentary – Genesis", v. 1, Garden City: Doubleday, 1981, p. 42.* Retornar.

[530] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 1, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, pp. 258-9.* Retornar.

[531] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Parte 1, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, p. 264.* Retornar.

[532] *Green, W. H., "Primeval Chronology", Capítulo 7, The Bibliotheca Sacra, Andover: Draper, 1890, pp. 302-3.* Retornar.

[533] *Raven, J. H., "Old Testament Introduction—General and Special", New York: Revell, 1910; Pun, P. P., "Evolution—Nature and Scripture in Conflict?", Grand Rapids: Zondervan, 1982, p. 259.* Retornar.

[534] *Borland, J. A., "Did People Live to be Hundreds of Years Old Before the Flood?" in "The Genesis Debate: Pertinent Questions About Creation and the Flood", ed. R. Youngblood, Nashville: Thomas Nelson, 1986, p. 169.* Retornar.

[535] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 1, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, pp. 264-5.* Retornar.

[536] *Klein, J., "The 'Bane' of Humanity: A Lifespan of One Hundred and Twenty Years", Acta Sumerology 12, 1990, p. 62.* Retornar.

[537] *Klein, J., "The 'Bane' of Humanity: A Lifespan of One Hundred and Twenty Years", Acta Sumerology 12, 1990, p. 69; Harrison, R. K., "Reinvestigating the Antediluvian Sumerian King List", Journal of the Evangelical Theological Society 36, no. 1, 1993, p. 4.* Retornar.

[538] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 1, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, p. 254; Hamilton, D. J., "The Book of Genesis, Chapters 1-17", Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 254.* Retornar.

[539] *Green, W. H., "Primeval Chronology", Chapter 7, The Bibliotheca Sacra, Andover: Draper, 1890, p. 302.* Retornar.

[540] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 1, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, pp. 12-7.* Retornar.

[541] *Hyers, C., "The Narrative Form of Genesis 1: Cosmogenic, Yes; Scientific, No", Journal of the American Scientific Affiliation 36, no. 4, 1984, pp. 208-15; Seely, P. H., "The First Four Days of Genesis in Concordist Theory and in Biblical Context", Perspectives on Science and Christian Faith 49, no. 2, 1997, pp. 85-95.* Retornar.

[542] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 1, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, pp. 14-5.* Retornar.

[543] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 2, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, pp. 30-2.* Retornar.

[544] *Richards, E. G., "Mapping Time: The Calendar and History", Oxford: Oxford University Press, 1998, pp. 224-5.* Retornar.

[545] *Richards, E. G., "Mapping Time: The Calendar and History", Oxford: Oxford University Press, 1998, pp. 225-5.* Retornar.

[546] *Green, W. H., "Primeval Chronology", Chapter 7, The Bibliotheca Sacra, Andover: Draper, 1890, p. 286.* Retornar.

[547] *Green, W. H., "Primeval Chronology", Chapter 7, The Bibliotheca Sacra, Andover: Draper, 1890, p. 289.* Retornar.

[548] *Frumkin, A. & Elitzer, Y., "The Rise and Fall of the Dead Sea," Biblical Archaeology Review 27, no. 6, 2001, p. 50.* Retornar.

[549] *Morton, G. R., "The Mediterranean Flood", Perspectives on Science and Christian Faith 49, no. 4, 1997, p. 245; Morton, G. R., "Dating Adam", Perspectives on Science and Christian Faith 51, no. 2, 1999, p. 88.* Retornar.

[550] *Cann, R. L. & Stoneking, M. & Wilson, A. C., "Mitochondrial DNA and Human Evolution", Nature 325, 1987, pp. 31-6; Hammer, M. F., "A Recent Common Ancestry for Human Y Chromosomes", Nature 378, 1995, p. 376; Whitfield, S. I. & Sulston, J. E. & Goodfellow, P. N., "Sequence Variation of the Human Y Chromosome", Nature 378, 1995, pp. 379-80; Ross, H., "The Genesis Question", Colorado Springs: NavPress, 1998, p. 109-10; Sykes, B. "The Seven Daughters of Eve", New York: Norton, 2001, p. 49.* Retornar.

[551] *Borland, J. A., "Did People Live to be Hundreds of Years Old Before the Flood?" in "The Genesis Debate: Pertinent Questions About Creation and the Flood", ed. R. Youngblood, Nashville: Thomas Nelson, 1986, p. 169.* Retornar.

[552] *Cavalli-Sforza, L. L. & Menozzi, P. & Piazza, A., "Demic Expansions and Human Evolution", Science 259, 1993, p. 641.* Retornar.

[553] *Robson, E., "The Uses of Mathematics in Ancient Iraq 6000-600 B.C." in "Mathematics Across Cultures: The History of Non-Western Mathematics", v. 2, Dordrecht: Kluwer, 2000, p. 93; Bower, B., "Civilization and Its Discontents", Science News 137, 1990, p. 136.* Retornar.

[554] *Hill, Carol A., "A Time and a Place for Noah", Perspectives on Science and Christian Faith, Volume 53, Number 1, 2001, pp. 33-4.* Retornar.

[555] *Green, W. H., "Primeval Chronology", Chapter 7, The Bibliotheca Sacra, Andover: Draper, 1890, p. 286, 297.* Retornar.

[556] *Cassuto, U., "A Commentary on the Book of Genesis", Part 1, translation Israel Abrahams, Jerusalem: Magnes Press, 1972, p. 2, 254.* Retornar.

[557] *Hyers, C., "The Narrative Form of Genesis 1: Cosmogenic, Yes; Scientific, No", Journal of the American Scientific Affiliation 36, no. 4, 1984, p. 209, 212.* Retornar.

[558] Adaptado de *Evidenceandanswers.org/article/the-exodus-examined/#_ftn28; Gotquestions.org/evidence-of-the-Exodus.html; Gotquestions.org/Israelites-exodus.html;* acessados em 04/2023. Retornar.

[559] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Harvest House Publishers, Kindle Edition, p. 327.* Retornar.

[560] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Harvest House Publishers, Kindle Edition, p. 327.* Retornar.

[561] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Harvest House Publishers, Kindle Edition, p. 328.* Retornar.

[562] *Yamauchi, Edwin, "The Stones and the Scriptures", Grand Rapids, MI.: Baker Book House, 1972, pp. 146-154.* Retornar.

[563] *Mazar, Amihai, "Archaeology of the Land of the Bible: 10,000-586 BC.", New York: Doubleday Publishing, 1990, p. 187.* Retornar.

[564] *Hoerth, Alfred, "Archaeology and the Old Testament", Grand Rapids, MI.: Baker Books, 1998, p. 94.* Retornar.

[565] *Mazar, Amihai, "Archaeology of the Land of the Bible: 10,000-586 BC.", New York: Doubleday Publishing, 1990, pp. 194-195.* Retornar.

[566] *Kitchen, Kenneth, "On the Reliability of the Old Testament", Grand Rapids, MI.: Eerdmans Publishing, 2003, p. 247.* Retornar.

[567] *Kitchen, Kenneth, "On the Reliability of the Old Testament", Grand Rapids, MI.: Eerdmans Publishing, 2003, p. 247.* Retornar.

[568] *Hoerth, Alfred, "Archaeology and the Old Testament", Grand Rapids, MI.: Baker Books, 1998, p. 160.* Retornar.

[569] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 131.* Retornar.

[570] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 131.* Retornar.

[571] *Holden, Joe & Geisler, Norman, "The Popular Handbook of Archaeology and the Bible", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2013, pp. 230-31.* Retornar.

[572] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 123.* Retornar.

[573] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 90.* Retornar.

[574] *Pietersma, Albert & Wright, Benjamin G., eds., "3 Reigns" in "A New English Translation of the Septuagint (Primary Texts)", trans. Bernard A. Taylor and Paul D. McLean, New York; Oxford: Oxford University Press, 2007, 3 Kgdms 6:1.* Retornar.

[575] *Pietersma, Albert & Wright, Benjamin G., eds., "Exodus" in "A New English Translation of the Septuagint (Primary Texts)", trans. Bernard A. Taylor and Paul D. McLean, New York; Oxford: Oxford University Press, 2007, Ex. 12:40.* Retornar.

[576] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 101.* Retornar.

[577] *Aldred, Cyril, "Akhenaten: King of Egypt", London: Thames and Hudson, 1988, p. 248.* Retornar.

[578] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 102.* Retornar.

[579] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 102.* Retornar.

[580] *Biblical Archaeological Society, "Bible Artifacts Found Outside the Trench: The Amarna Tablets", 15 July, 2011 – Biblicalarchaeology.org/daily/biblical-artifacts/artifacts-and-the-bible/bible-artifacts-found-outside-the-trench-the-amarna-tablets,* acessado em 04/2023. Retornar.

[581] *Fagan, Brian, "Did Akhenaten's Monotheism Influence Moses?", Biblical Archaeological Society, Baslibrary.org/biblical-archaeology-review/41/4/5,* acessado em 04/2023. Retornar.

[582] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 126.* Retornar.

[583] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 126.* Retornar.

[584] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 103.* Retornar.

[585] *Holden, Joe & Geisler, Norman, "The Popular Handbook of Archaeology and the Bible", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2013, p. 223.* Retornar.

[586] *Holden, Joe & Geisler, Norman, "The Popular Handbook of Archaeology and the Bible", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2013, pp. 223-224.* Retornar.

[587] *Collins, Steven, "The Harvest Handbook of Bible Lands: A Panoramic Survey of the History, Geography and Culture of the Scriptures", Eugene, OR.: Harvest House Publishers, 2019, p. 103*. Retornar.

[588] *Biblicalarchaeology.org/daily/ancient-cultures/ancient-near-eastern-world/akhenaten-and-moses*, acessado em 04/2023. Retornar.

[589] *Aldred, Cyril, "Akhenaten: King of Egypt", London: Thames and Hudson, 1988, p. 242*. Retornar.

[590] *Aldred, Cyril, "Akhenaten: King of Egypt", London: Thames and Hudson, 1988, p. 242*. Retornar.

[591] Adaptado de *Y-jesus.com/wwrj/8-is-the-bible-true*, acessado em 09/2016. Retornar.

[592] *Kennedy, James & Newcombe, Jerry, "What If the Bible Had Never Been Written?", Nashville: Thomas Nelson, 1998, p. 213*. Retornar.

[593] *McDowell, Josh, "The New Evidence That Demands a Verdict", Nashville: Thomas Nelson, 1999, p. 12-13*. Retornar.

[594] *Stedman, Ray C., "God's Loving Word", Grand Rapids, MI: Discovery House, 1993, p. 50*. Retornar.

[595] *Price, Randall, "The Stones Cry Out", Eugene, OR: Harvest House, 1997, p. 280*. Retornar.

[596] *McDowell, Josh, "The New Evidence That Demands a Verdict", Nashville: Thomas Nelson, 1999, p. 79*. Retornar.

[597] *Hearnow.org/isa_com.html, "Isaiah 53: How Do the Rabbis Interpret This?", Hear Now!*, acessado em 03/2016. Retornar.

[598] *Jewsforjesus.org/publications/issues/v02-n05/isaiah53; Wisdomintorah.s3.amazonaws.com/medialibrary/Isaiah-53-Rabbis-Commentaries.pdf*, acessados em 03/2016. Retornar.

[599] *Y-jesus.com/more/jcg-jesus-claim-god*, acessado em 02/2016. Retornar.

[600] Citado por *McDowell, Josh, "Evidence That Demands a Verdict", Here's Life, 1979, p. 307*. Retornar.

[601] Citado por *McDowell, Josh, "Evidence That Demands a Verdict", Here's Life, 1979, p. 275*. Retornar.

[602] Citado por *McDowell, Josh, "Evidence That Demands a Verdict", Here's Life, 1979, p. 276*. Retornar.